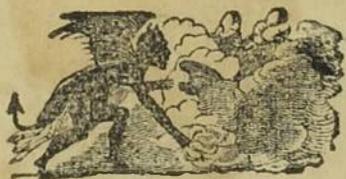


A GUERRA
DAS
MULHERES.

POR
A. DUMAS.

TOMO PRIMEIRO.

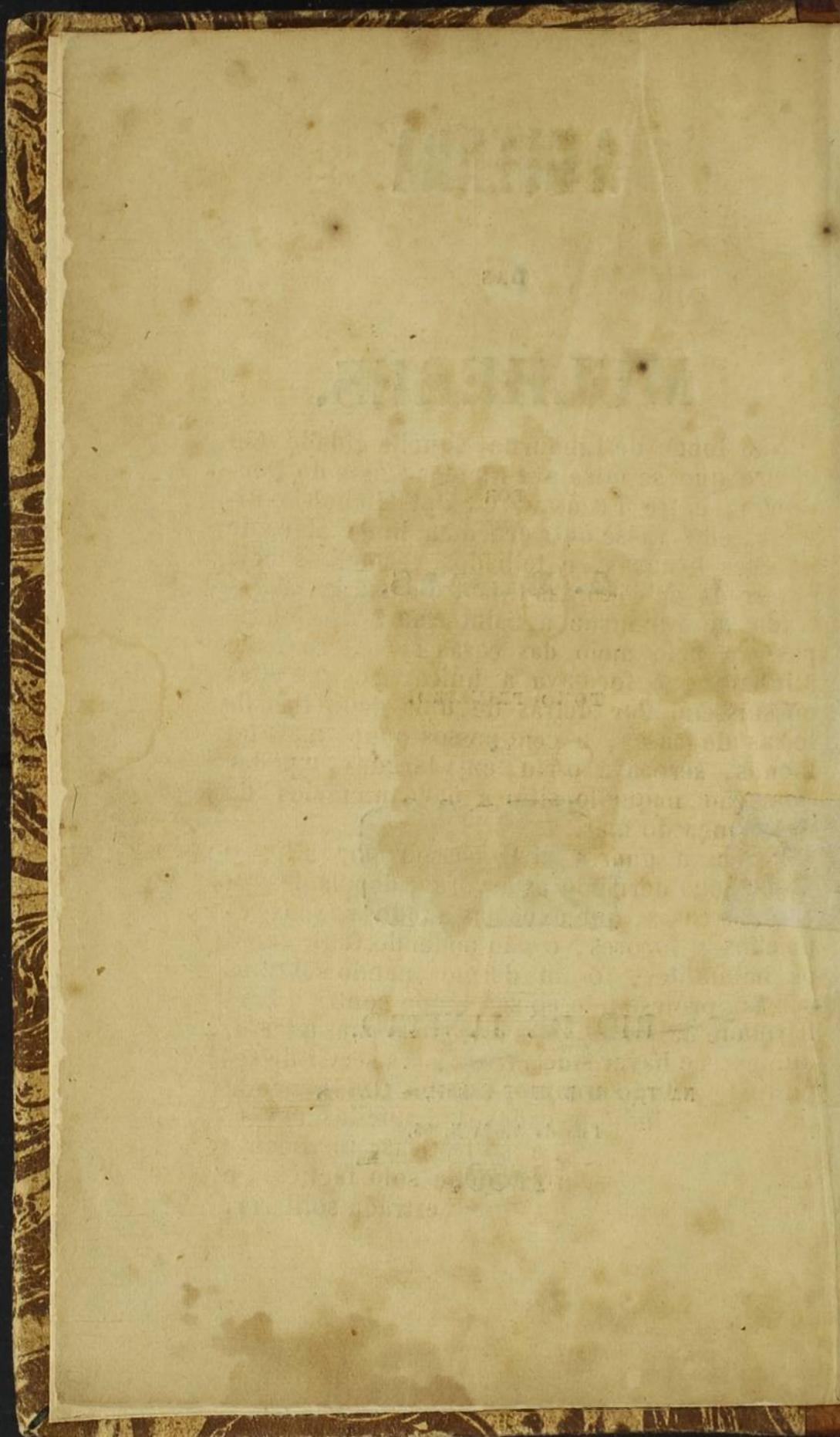


RIO DE JANEIRO.

NA Typ. de BINTOT Editor, e Livreiro.

Rua da Ajuda N. 55.

1850.



Ne
aliquo
dubit
vire
pare
ent
tradi
pass
alibi
pos
leim
men
com
vini
Po
des
vot
prie
os
In
lira
que
pola
prie
sur
a cr
log

Não longe de Libourne, aquella cidade tão alegre que se mira nas rápidas aguas do Dordonha, entre Fronsac, e Saint-Michel-la-Rivière, elevava-se outr'ora uma linda aldêa de paredes brancas, e telhados vermelhos meia enterrada debaixo das tilias, e das faias. A estrada de Libourne a Saint-André-de-Cubzac passava pelo meio das casas symmetricamente alinhadas, e formava a unica vista que ellas possuissem. Por detrás de uma daquellas fileiras de casas, a cem passos pouco mais ou menos, serpeava o rio, cuja largura, e poder começão naquelle sitio a dar annúncios da vizinhança do mar.

Porêm a guerra civil passou por alli: e desde logo derribou as arvores, depois despoovou as casas, que expostas a todos os seus caprichosos furores, e não podendo fugir como os habitantes, fôram desmoronando sobre as relvas, protestando ao seu modo contra a barbaridade das revoluções intestinas; mas a terra, que parece haver sido creada para servir de sepultura a tudo quanto existiu, foi pouco a pouco cobrindo o cadaver daquellas casas, outr'ora tão alegres, e tão festivas; finalmente a erva cresceu sobre aquelle solo facticio, e hoje o viajante que segue a estrada solitaria,

longe está de suspeitar, vendo pastar sobre esses monticulos desiguaes um daquelles grandes rebanhos, que a cada passo se encontram no Meio-dia, que o pastor, e carneiros calcam aos pés o cemiterio onde dorme a aldêa.

Porém no tempo de que fallamos, isto é, no mez de Maio do anno de 1650, a aldêa de que se trata occupava os dous lados da estrada; que a alimentava, como uma grande arteria, com um luxo de vegetação, e de vida dos mais delectaveis; o forasteiro que então a houvesse atravessado teria visto com prazer aquelles camponezes occupados em jungir, e desjungir os cavallos da charrua, aquelles barqueiros arrastando á praia as suas redes, onde saltava o peixe branco, e rosado do Dordonha, e aquelles ferradores, malhando vigorosamente na bigorna, debaixo de cujos braços rebentava um repuxo divergente de centellas, que alumia a forja a cada martellada.

O que todavia o houvera mais encantado, sobre tudo si o caminhar lhe houvera aberto aquella vontade de comer, que se tornou proverbial entre os que frequentam as estradas, seria a quinientos passos daquella aldêa, uma casa baixa, e comprida, composta de lojas, e de um primeiro andar semente, que exhalava pela sua chaminé certos vapôres, e pelas janellas certos perfumes, que indicavam (ainda melhor do que uma figura de bezerro dourado pintada sobre uma chapa de lata encarnada, que rangia suspensa a hum varão de ferro chumbado na cimalha do primeiro andar),

que era chegado finalmente a uma daquellas casas hospitaleiras, cujos moradores, mediante certa retribuição, tomam á sua conta reparar as forças dos viajantes.

Por que razão, perguntar-me-hão, estava a estalagem do Bezerro de ouro situada a quinhentos passos da aldêa, em vez de ter tomado o seu alinhamento natural no meio das risonhas casas apinhadas nos dous lados da estrada?

Em primeiro lugar, é porque ainda que retirado na quelle cantinho de terra, o dono era, em materia de cozinha, um artista da primeira ordem. Ora, collocando-se no meio, ou na extremidade de uma das duas compridas fileiras de casas que formavam a aldêa, arriscava-se a ser confundido com algum daquelles chanfaneiros que se via obrigado a admittir como seus collegas, mas que não podia resolver-se a considerar como seus iguaes: pelo contrario, achando-se retirado, chamava a attenção dos entendedores, os quaes, logo que tivessem provado uma só vez os guisados da sua cozinha, diriam uns aos outros: « Quando fôrdes de Libourne a Santo-André-de-Cubzac, ou de Santo-André-de-Cubzac a Libourne, não vos esqueçais de parar, para almoçar, jantar, ou ceiar, na estalagem do Bezerro de ouro, a quinhentos passos da aldêasinha de Matifou. »

E os entendedores que alli paravam, saham contentes, mandavam tambem outros entendedores, de sorte que o intelligente estalajadeiro ia fazendo insensivelmente a sua fortuna, o que o não impedia, cousa rara, de conservar

a sua casa na mesma altura gastronomicã, e que prova, como já dissemos, que o senhor Biscarros era hum verdadeiro artista.

Ora, n'uma das lindas tardes do mez de Maio, em que a natureza ja despertada nos paizes do Meio-dia começa a despertar no Norte, fumos mais densos, e perfumes mais suaves do que os do costume, sahiam das chaminés, e das janellas da estalagem do Bezerro de ouro, ao mesmo passo que á entrada da porta, o senhor Biscarros em pessoa, vestido de branco, segundo o uso dos sacrificadores de todos os tempos, e de todos os paizes, depennava com as suas augustas mãos, perdizes, e cordonizes, destinadas para algum daquelles delicados banquetes, que tão habilmente sabia preparar, e a que costumava dar, e isto sempre pelo amor que tinha á sua arte, todos os seus cuidados.

O dia pois começava a declinar, as aguas do Dordonha, que n'um dos tortuosos rodeios da sua corrente se afastavam da estrada obra de um quarto de legoa, para irem passar junto do pequeno forte de Vayre, principiavam a branquejar debaixo da folhagem escura das arvores; alguma cousa de sereno, e melancólico se derramava pelo campo com a viração da tarde; os lavradores deixavam-se ficar parados com os seus cavallo desjulgidos; os pescadores com as suas redes gottejantes; os ruidos da aldêa iam findando; e tendo retumbado a ultima marte lada pondo termo ao laborioso dia, principiou a ouvir-se o primeiro canto do rouxinol n'um bosque vizinho.

Logo que as primeiras notas sahiram da garganta do musico emplumado, o senhor Biscarros pôz se a cantar tambem, para acompanhá-lo sem dũvida; o resultado desta rivalidade harmonica, e da attenção que o estalajadeiro dava ao seu trabalho, foi não vêr um pequeno grupo composto de seis cavalleiros, que apparecia na extremidade da aldêa de Matifou, e caminhava para a sua estalagem.

Uma interjeição porém que partiu de uma janella do primeiro andar, o movimento rapido, e estrondoso com que se fechou aquella janella, fizeram levantar o nariz ao digno estalajadeiro; deu então com os olhos no cavalleiro que marchava á frente da tropa, o qual se vinha adiantando directamente para elle. Directamente não é a palayra propria, e apressamo-nos a emendar o nosso erro; per quanto aquelle homem parava de vinte em vinte passos, lançando á direita, e á esquerda olhos investigadores, examinando rapidamente atalhos, arvores, montes, segurando com uma das mãos um mosquete sobre o joelho, a fim de estar prompto para o ataque, e para a defesa, e de vez em quando fazendo signal aos seus companheiros, que imitavam em tudo os seus movimentos, para que se puzessem em marcha. Então arriscava-se a dar mais alguns passos, e a mesma manobra principiava de novo.

Biscarros seguiu com os olhos o cavalleiro, cuja singular marcha tão furiosamente o preoccupava, que perante todo esse tempo se es-

queceu de arrancar do corpo da ave as pennas que tinha entre o de lo pollegar, e o index.

« E' um filalg » que procura a minha casa, disse Biscarros; aquelle digno gentilhomen é sem dũvida myope; com tudo o meu Bezerro de ouro está pintado de novo, e a taboleta dá bastante nos olhos. Vamos, ponhamo-nos bem as claras. «

E o senhor Biscarros foi plantar-se no meio da estrada, onde continuou a depenar a ave com gèsto grave, e magestoso.

Este movimento produziu o resultado que esperava o estalajadeiro: apenas o cavalleiro o avistou logo se encaminhou para elle, e saudando-o cortezmente:

« Senhor Biscarros, lhe disse elle, não vistes deste lado um rancho de militares, que sam meus amigos, e que devem andar em minha procura? Militares, não digo bem, homens de espada sim, n'uma palavra, homens armados?... Sim, homens armados, isto exprime melhor a minha idéa! Dar-me-heis pois noticia de uma pequena tropa de homens armados? »

Biscarros, extremamente lisonjeado de ouvir-se chamar pelo seu nome, tambem o saudou affavelmente; não observára que de uma só vista d'olhos que o forasteiro lançara á sua estalagem lèra o seu nome, e a sua qualidade na taboleta, do mesmo modo que acabava de lèr a identidade da pessoa no rosto do proprietario.

« Quanto a homens armados, senhor, respondeu elle depois de ter reflectido um instante, só vi um gentilhomen, e o seu escudei-

ro, que haverá uma hora vieram pousar em minha casa.

— Ah! ah! disse o forasteiro, passando a mão pela barba do seu rosto imberbe, onde com tudo já se via impressa a virilidade: ah! ah! tendes aqui na vossa estalagem um gentilhomem, e o seu escudeiro! e ambos armados, dizeis vós?

— Não ha dúvida, senhor, que aqui se acham; quereis que eu mande dizer áquelle gentilhomem que quereis fallar-lhe

— Mas, replicou o forasteiro, não seria isso algum tanto indecoroso? Incommodar deste modo um desconhecido, seria talvez tratá-lo com demasiada familiaridade, e muito principalmente si este desconhecido é pessoa de qualidade. Não, não, senhor Biscarros, basta que me deis relação d'elle, ou o que ainda melhor seria, que mo mostrasseis sem que elle me veja.

— Mostrar-vô-lo não será cousa facil, senhor, visto que elle mesmo dá mostras de querer occultar-se, pois fechou a sua janella no momento em que vós, e os vossos companheiros apparestes na estrada, dar-vos relação d'elle será por tanto mais facil; é um pequeno mancebo louro, e delicado, que poderá ter quando muito dezasseis annos, e que parece ter justamente a força precisa para cingir a pequena espada de salão pendente do seu boldrié. »

A fronte do forasteiro enrugou-se como si se recordasse de alguma cousa.

« Muito bem, disse elle, sei o que quereis dizer: um rapaz louro, e effeminado, montado n'um cavallo barbo, e seguido de um escu-

deiro velho, tão direito como o valete de espadas; não é esse a quem procuro.

— Ah! não é quem o senhor procura, disse Biscarros.

— Não.

— Ora pois, em quanto não chegi aquelle que o senhor procura, e que não pôde deixar de passar por aqui, visto que não ha outra estrada, o senhor poderia recolher-se em minha casa, para tomar algum refresco com os seus companheiros.

— O que me cumpre é dar-vos os meus agradecimentos, e rogar-vos que me digaes que horas sam?

— Estam dando seis horas no relogio da aldêa; não ouvis, senhor, as badaladas do sino grande?

— Muito bem. Agora ainda tenho de pedir-vos um obsequio, senhor Biscarros?

— Muito gosto terei em servir-vos.

— Fazei o favor de dizer-me como poderei alcançar um barco, e um barqueiro.

— Para atravessar o rio?

— Não, para dar por elle um passeio.

— Nada ha mais facil; o pescador que me abastece de peixe. . . Gostais vós de peixe, senhor? « perguntou Biscarros em modo de parenthesis, e tornando á sua idéa de fazer ceiar o forasteiro em sua casa.

« E' uma medioere comiã, respondeu o forasteiro; entre tanto, quando está bem temperado, não o rejeito.

— Eu tenho sempre excellente peixe.

— Disso vos dou os parabens, senhor Biscarros; fallemos porêm daquelle que vo-lo fornece.

— E' muito justo; deve a esta hora ter acabado o seu trabalho, e provavelmente está jantando. Daqui podeis vêr o seu barco amarrado áquelles salgueiros lá em baixo, perto daquelle olmeiro. Quanto á casa, está encoberta com aquellas vimes. Sem duvida alguma achá-lo-heis á mesa.

— Obrigado, senhor Biscarros, obrigado, « disse o forasteiro; e fazendo signal aos seus companheiros para que o seguissem, deu de esporas á sua cavalgadura, encaminhou-se rapidamente para as arvores, e foi bater á porta da cabana designada. A mulher do pescador é que o veio receber.

Como o tinha dito o senhor Biscarros, o pescador estava á mesa.

« Pega nos teus remos, disse o cavalleiro, e segue me, se queres ganhar um escudo. »

O pescador levantou-se com uma precipitação, que bem dava a conhecer quão pouco liberal era o estalajadeiro do Bezerro de ouro.

« E' para ir desembarcar em Vayres? perguntou elle.

— E' para unicamente me levares até ao meio do rio, e allí te demorares comigo alguns minutos. »

O pescador arregalou os olhos ao ouvir uma tão disparatada fantasia; mas como se lhe offercia o lucro de um escudo, e a uns vinte passos atraz do cavalleiro que batêra á sua porta, vio desenharem-se os perfis dos seus companheiros, não fez difficuldade alguma, pensando com muito acerto que a ausencia da sua boa vanta-

que

de daria lugar ao emprego da força, e que não se afflieto perderia a recompensa offerecida.

Apressou se por tanto a dizer ao forasteiro que estava ás suas ordens, tanto elle, como o seu barco, e os seus remos.

O pequeno rancho encaminhou-se logo para o rio, e em quanto o forasteiro se ia adiantando até á borda da agua, paráram no alto da ribanceira, collocando-se, com receio sem duvida de alguma surpresa, de modo que pudessem descobrir campo para todos os lados. Do ponto onde se achavam collocados, podiam dominar ao mesmo tempo a planicie que se estendia atraz de les, e proteger o embarque que se effectuava aos seus pés.

Então o forasteiro, que era um grande manco louro, pallido, e nervoso, posto que magro, e que tinha uma fisionomia intelligente, apezar das olheiras que circundavão os seus olhos azues, e da expressão de cynismo vulgar que vagueava em seus beiços; o forasteiro, dizemos nós, visitou as suas pistolas com cuidado, metteu o seu mosquete na bandoleira, fez mover uma comprida farrusca na sua bainha, e fixou os seus olhos attentos na riba opposta, que era um vasto prado cortado por uma vereda que partia da praia, e ia ter em linha recta á villa de Ison, cujo campanario denegrido, e branco fumo se divisavam em meio do vapor dourado da tarde.

Do outro lado tambem, e á obra de um quarto de legua, se elevava á direita o pequeno forte de Vayres.

« Ora pois, disse o forasteiro, que principiava

a impacientar-se, dirigindo-se aos seus compa-
sheiros que estavam de sentinella, vem elle, ou
vêdes-lo vós apontar por fim á direita, ou a es-
querda, adiante, ou atraz?

— Creio, disse um dos homens, que descu-
bro um grupo negro lá no caminho de Ison,
mas ainda não estou mui certo disso, porque o
sol me deslumbra a vista. Esperai, sim, sim, não
ha duvida alguma, sam elles; um, dois, tres,
quatro, cinco, homens, um de chapéu agalado
na cabeça, e capote azul. E' o mensageiro, que
nós esperamos, que se terá feito escoltar para
maior segurança.

— Tem direito para assim o fazer, respondeu
flegmaticamente o forasteiro. Viude pegar-me
no cavallo, Ferguzon. »

O homem a quem se dava esta ordem em tom
meio amigavel, e meio imperativo, apressou-se
a obedecer, e desceu da ribanceira; durante este
tempo, o forasteiro apeava-se, e no momento
em que o outro chegava ao pé d'elle, lançou-lhe
a rédea no braço, e dispôz-se a entrar no barco.

« Escutai, lhe disse Ferguzon pondo-lhe a mão
no braço, nada de afouteza inutil. Cauvignac!
si virdes o mais pequeno movimento suspeito
da parte do vosso homem, principi-i por alojar-
lhe uma bala na cabeça; muito bem vêdes que
não vem mal acompanhado o tal sujeito.

— Sim, mas a sua gente é menos numerosa
que a nossa. Por tanto, além da nossa superio-
ridade, quanto á coragem, tambem a temos
quanto ao numero: á vista disto nada ha que
temer Ah! ah! eis as suas cabeças que vão prin-
cipiando a apparecer.

— Ora que irão elles fazer? disse Ferguzon, não poderão achar barco algum. Mas, ah! que avisto um que alli se acha como por encant.

— E' o de meu primo, o arrais da barca Ison, « disse o pescador, que parecia tomar muito interesse nestes preparativos, e que todavia muito receava tivesse lugar um combate naval a bordo do seu barco, e do de seu primo.

« Bem, eis alli o capote azul que embarca, disse Ferguzon: só, na realidade, segundo as estriclas condições do ajute.

— Não o façamos pois esperar, continuou o forasteiro. »

E saltando por seu turno no barco, fez signal ao pescador para que fosse occupar o seu posto.

« Tende todo o cuidado, Rolando, disse Ferguzon, renovando as suas prudentes recommendações: o rio tem muita largura, não vos approximeis tanto da outra margem, que vos exponhais a receber uma descarga de mosquetaria, a que não pudessemos responder; conservai-vos, si fór possível, aquem da linha de demarcação. »

Aquelle a quem Ferguzon ora chamava Rolando, ora Cauvignac, e que respondia a estes dous nomes, sem duvida porque um era o seu nome de baptismo, e o outro o seu nome de familia, ou o seu nome de guerra, fez um signal com a cabeça.

« Nada receies, disse elle, eu nisso pensava agora mesmo: os que nada têm que arriscar, esses sim pó lem fazer imprudencias; o negocio porêm é demasiado vantajoso, e por isso não devo expôr-me a perder o fructo que d'elle deve

resultar-me. Por tanto, si alguma imprudencia se commetter nesta occasião, não será da minha parte. Põe-te em caminho barqueiro. »

O pescador desamarrou o seu barco, mergulhou o seu comprido croque nas ervas, e principiou a afastar-se da praia, ao mesmo tempo que da margem opposta partia o barco do barqueiro de Ison.

Havia no meio da agua uma pequena estacada de tres postes, que tinha por cima uma bandeira branca, que servia para indicar aos compridos barcos de transporte que descem pelo Dordonha, um banco de rochedos de perigoso accesso. Nas marés baixas até se podia divisar negra e lisa, acima da corrente do rio, a ponta destes rochedos, mas neste momento, que era o do preamar, a pequena bandeira, e uma ligeira ebullição da agua è que unicamente indicavam a presença do cachopo.

Os dous barqueiros sem duvida alguma comprehendêram que alli podia ter lugar a junção dos parlamentarios; em consequencia do que dirigiram para esse lado os seus barcos. O barqueiro de Ison foi o que primeiro alli chegou; e em consequencia da ordem que lhe deu o seu passageiro, amarrou o seu barco a uma das argolas da estacada.

Neste momento, o pescador que tinha partido da margem opposta, voltou-se para o seu viajante a fim de receber as suas ordens, e não foi pequeno o seu espanto quando não achou já no seu barco siuão um homem mascarado, e embuçado no seu capote.

O susto que delle se apossára, e o não deixá-

ra um só momento, redobrou então, e só a babuciar é que se atreveo a pedir as suas ordens áquella estranha personagem.

« Amarra o barco áquella argola, disse Cauvignac estendendo a mão para um dos postes, o mais perto que seja possível do barco daquelle senhor. »

E a sua mão indicativa passou do poste designado para o gentleman conduzido pelo barqueiro de Ison.

O barqueiro obedeceo, e os dous barcos, que a corrente reunira bordo com bordo, permitiram aos dous plenipotenciarios que dessem principio á conferencia seguinte.

« Que quer isto dizer, senhor, estais mascarado? » disse com certo sobresalto acompanhando de despeito o recém-chegado, homem corpulento, que mostrava ter cincoenta e cinco a cincoenta e oito annos de idade, cujos olhos eram sevéros, e fixos como os de uma ave de rapina, com bigodes e suissas encanecidas, e que, si não havia posto mascara, tinha pelo menos occultado, o mais possível, os seus cabellos, e rosto debaixo de um grande chapéu agalado, e o seu corpo, e vestidos debaixo de um amplo capote azul.

Cauvignac, considerando de mais perto a personagem que acabava de fallar-lhe, não pôde deixar de dar mostras do seu sobresalto, fazendo um movimento involuntario.

« Então, senhor, perguntou o gentleman, que é o que tendes? »

— Nada, senhor; por pouco não perdi o equilibrio. Vós porém, segundo creio, fazeis-me a

honra de dirigir-me a palavra; o que era pois que me dizieis?

— Perguntava-vos porque estaveis mascarado.

— A vossa pergunta é franca, disse o mancebo, e eu a ella responderei com a mesma franqueza: mascarei-me para occultar-vos o meu rosto.

— Então conheço-o eu!

— Não o creio; mas tendo-o visto uma vez, poderieis mais tarde reconhecê-lo, o que no meu entender pelo menos, é absolutamente inutil.

— Vejo que sois franco, senhor!

— Não ha duvida que o sou, quando da minha franqueza me não pôde resultar mal algum.

— E esta franqueza chegará a ponto de revelar os segredos dos outros?

— Sim, senhor, quando uma tal revelação pôde render-me alguma cousa.

— E' muito singular o officio que fazeis.

— Ora essa não é má, senhor! a gente faz o que pôde. Tenho sido alternativamente letrado, medico, soldado, e partidario; muito bem vêdes que por falta de profissão não serei mal succedido.

— E agora que sois vós?

— Sou vosso criado, disse o mancebo inclinando-se com affectado respeito.

— Tendes na vossa mão a carta de que se trata?

— Tendes vós a assignatura em branco que se pede?

— Ei-la aqui.

— Quereis que façamos a troca?

— Não vos apresseis tanto, senhor; a vossa

conversação agrada-me, e não quizera vêr-me tão cedo privado do gosto que me ella dá.

— Não o vêdes pois, senhor! ella e eu somos inteiramente vossos; conversemos pois, si nisse achais prazer.

— Quereis vós que eu passe para o vosso barco, ou preferis passar para o meu, a fim de que no barco, que ficar livre, tenhamos os nossos barqueiros afastados de nós?

— Isso é inutil, senhor: vós sem duvida fallais alguma lingua estrangeira?

— Eu fallo Hespanhol.

— E eu tambem; conversemos pois em Hespanhol, si o podeis fazer nesta lingua.

— A's mil maravilhas! Que razão, continuou o gentilhomem, adoptando desde este momento o idioma convencionado, vos decidiu a descobrir ao duque d'Epernon a infidelidade da senhora de que se trata?

— Quiz fazer um serviço áquelle digno fidalgo, e insinuar-mena sua graça.

— Então quereis mal a mademoiselle de Lartiges?

— Quem? eu! muito pelo contrario, antes lhe devo, cumpre-me confessá-lo, algumas obrigações, e muito pezar teria de que lhe acontecesse alguma desgraça.

— Então é o senhor barão de Canolles, a quem tendes por inimigo?

— Eu nunca o vi, e não o conheço sinão pela reputação de que goza; e devo dizé-lo, tem-na de ser um honrado cavalleiro, e um brayo gentilhomem.

— Pelo que vejo, não sois instigado de motivo algum de odio?

— Nada disso! si eu quizesse mal ao senhor barão de Canolles, eu lhe rogaria que se dignasse de combater comigo á pistola, ou á espada, e elle é demasiado brioso para recusar-se a um convite deste genero.

— Tenho por tanto de referir-me ao que me tendes dito?

— E' no meu entender o que podeis fazer de mais acertado.

— Muito bem! Tendes pois aquella carta, que prova a infidelidade de mademoiselle de Lartigues?

— Ei-la aqui! não pretendo queixar-me disso, mas esta é a segunda vez que vo-la mostro. »

O velho gentilhomem lançou tristemente de longe os olhos ao papel fino, através do qual appareciam algumas letras.

O mancebo foi abrindo vagarosamente a carta.
« Reconheceis sem duvida a sua letra? »

— Sim.

— Então dai-me o papel assignado em branco, e recebereis a carta.

— Assim o farei. Mas permitti-me que vos faça uma pergunta?

— Fallai, senhor. »

E o mancebo tornou a dobrar mui socegadamente o papel, que metteu na sua algibeira.

« Como pudestes alcançar este bilhete? »

— De boa vontade vo-lo direi.

— Eu vos presto attenção.

— Não ignorais que o governo algum tanto

dilapidador do duque d'Epéron tem-lhe suscitado grandes embaraços na Guienna?

— Muito bem, passemos adiante.

— Não ignorais que o governo espantosamente aváro do senhor Mazarin lhe suscitou grandíssimos embaraços na capital?

— E a que proposito vem aqui o senhor Mazarin, e Mr. d'Epéron?

— Esperai, senhor: destes dous governos oppositos sahio um estado de cousas, que muito se assimilha a uma guerra geral, em que não ha ninguem que não tome partido. O Sr. Mazarino combate neste momento pela rainha; vós combateis pelo rei; o Sr. Coadjutor por madama de Montbazon; Mr. de Larochefoucault por madama de Longueville; o Sr. duque de Orleans por Mademoiselle Soyon; o parlamento pelo povo; e por fim encarceráram Mr. de Condé que combatia pela França. Ora eu que não ganhava grande cousa em combater pela rainha, pelo rei, pelo Sr. Coadjutor, por Mr. de Beaufort, por madama de Montbazon, por madama de Longueville, por Mademoiselle Soyon, pelo povo, ou pela França, occorreu-me a idéa de não adoptar partido algum, mas sim de seguir aquelle, para o qual me sentisse momentaneamente impellido. Tudo por tanto em mim é negocio de conveniencia. Que vos parece esta idéa?

— E' engenhosa.

— Em consequencia disso reuni um exercito. Vós o vêdes postado nas margens do Dordonha.

— Cinco homens, que fartura!

— E' mais do que vós mesmo tendes, obra.

rieis pois mui desacertadamente si os desprezasseis.

— Muito mal vestidos, continuou o velho gentleman, que estava de mau humor; e por consequencia disposto a tudo tratar com desprezo.

— Verdade é continuou o seu interlocutor, que muito se assimilham aos companheiros de Falstaff. Não vos dê isso que entender, Falstaff é um gentleman inglez do meu conhecimento; mas esta tarde receberam vestidos novos, e si amanhã os encontrardes, vereis que sam na realidade lindos rapazes.

— Tratemos de vós, nada tenho que fazer com os vossos homens.

— Ora pois, fazendo a guerra por minha conta, encontrámos o cobrador do districto que andava de aldêa em aldêa, enchendo o bolsinho de Sua Magestade; em quanto não recebeu todos os tributos, sem que lhe ficasse um unico por cobrar. escoltámo-lo com toda a fidelidade; e, não posso deixar de confessá-lo, vendo que a tal escola se ia enchendo, tive desejos de tomar partido a favor do rei. Mas os acontecimentos cada vez nos vau deixando mais perplexos: um movimento de mau humor contra o Sr. Mazarin, os queixumes que de todos os lados ouviamos contra Mr. d'Épernon, fizeram-nos cahir na razão. Pensamos que havia alguma cousa de bom, e até muito, na casa dos principes, e pela minha fé, juro-vos que a abraçámos com ardor; o cobrador terminou o seu gyro naquella casinha solitaria que vêdes lá em baixo em meio daquelles olmos, e sycomoros.

— A de Nanon! disse entre dentes o gentil-homem; sim, muito bem a vejo.

— Nós o espreitámos á sahida, fômol-o seguindo, como já o faziamos havia cinco dias, passámos com elle o Dordonha, um pouco acima de Saint-Michel, e quando chegámos ao meio do rio, dei-lhe parte da nossa conversação politica, convidando-o, com toda a cortezia de que somos capazes, a que nos entregasse o dinheiro, de que era portador. Crieris vós, senhor, que elle a isso se recusasse? Os meus companheiros apalpáram-no então, e como gritava de modo que podia dar escandalo, o meu tenente, rapaz a quem nunca faltam recursos, aquelle que vêdes lá em baixo de capote encarnado, e segurando o meu cavallo pela rêdea, reflectiu que a agua, interceptando as correntes do ar, interrompia pela mesma razão a continuidade do som; è este um axioma de physica, que eu na minha qualidade de medico comprehendí, e a que applaudi. Aquelle pois que emittira esta proposição, curvou a cabeça do recalcitrante fazendo-a entrar no rio, e conservou-a nada mais do que palmo e meio debaixo da agua: com effeito, o cobrador não gritou mais, ou para melhor dizer, não o ouviram gritar mais! pudemos por tanto apoderar-mos, em nome dos principes, de todo o dinheiro que levava, e da correspondencia de que estava encarregado. Dei o dinheiro aos meus soldados, que como mui judiciosamente o observastes, tinham muita precisão de fardarse de novo, e eu guardei os papeis, entre outros este; parece que o bravo cobrador

servia de corretor a mademoiselle de Lartigues nos seus amores.

— Era com effeito, disse o velho gentilhomem, si me não engano, uma creatura de Nanon. E que foi feito desse miseravel ?

— Ah ! vós ides vêr si fizemos pôr de molho aquelle miseravel, como vós lhe chamais ; elle teria sem dúvida alguma amotinado a terra toda : figurai-vos que quando o tirámos do rio, a pezar de que alli não tivesse ficado mais de um quarto de hora, tinha morrido de raiva.

— E nelle de certo o mergulhastes de novo ?

— Como vós o dizeis.

— Mas si o mensageiro foi afogado....

— Eu não disse que fosse afogado.

— Não alterquemos ácerca de palavras, si o mensageiro morreu....

— Oh ! quanto a isto, sim, muito bem.

— Mr. de Canolles não terá recebido aviso algum, e por tanto não virá ao ponto aprazado.

— Ponderai bem o que vos digo ; eu faço a guerra ás potencias, e não aos particulares.

Mr. de Canolles recebeu uma cópia da carta, que lhe aprazava o lugar onde deveria achar-se ; não fiz mais do que guardar o manuscrito autographo, pensando que era de alguma importancia.

— O que pensará elle quando não reconhecer a escrita ?

— Que a pessoa que o convida a ir vê-la, para maior precaução se servio de mão estranha. «

O forasteiro olhou para Cauvignac com uma

certo espanto, causado por tanta impudencia combinada com tamanha firmeza de animo.

Quiz vêr si não acharia meio de intimidar aquelle atrevido velhaco.

« Mas o governo, mas as devassas, disse-lhe elle, não vos dá isso algumas vezes cuidado? »

— As devassas? replicou o mancebo rindo, pensais que Mr. d'Epernon não tem mais que fazer do que occupar-se com devassas; e de mais disso, não vos disse eu, que tudo quanto fizera era para ganhar as suas graças? Muito ingrato havia elle de ser para não mas conceder.

— Não posso comprehender-vos inteiramente, disse o velho gentilhomem com ironia. Como é possível que tendo vós, como o confessastes, abraçado o partido dos principes, vos occorresse a estranha idea de querer fazer serviços a Mr. d'Epernon!

— Com tudo é a cousa mais simples do mundo: a inspecção dos papéis tomados ao cobrador convenceu-me da pureza das intenções do Rei: Sua Magestade está completa e inteiramente justificado aos meus olhos, e o Sr. duque d'Epernon tem milhares de razões contra os seus administrados. Deste lado pois é que está a boa causa, é este o motivo por que tomei partido a favor da boa causa.

— Eis-aqui um salteador que mandarei enforcar si jámais me cahir nas mãos, .. disse comsigo o velho gentilhomem puxando pelos seus enrijados bigodes

« Que é o que dizeis? perguntou Cauvignac piscando os olhos debaixo da sua máscara.

— Nada. Agora mais uma pergunta: Que

fareis vós da assignatura em branco que exigis ?

— Os diabos me levem si já tomei alguma resolução a tal respeito ; pedi uma assignatura em branco porque é a cousa mais commoda , mais portatil , e mais elastica , é provavel que a eu guarde para della me valer em alguma circumstancia extrema , e tambem é muito possivel que eu della me desfaça por capricho , si me der na veneta fazel-o assim ; talvez que eu mesmo vol-a apresente antes que se passe a semana , talvez que não vos torne ás mãos sinão da qui a tres ou quatro mezes , com uma duzia de endossantes , como si fosse alguma letra commercial ; mas seja o que fôr , podeis ficar descansado , não abusarei della para fazer cousas , de que vós e eu tenhamos de envergonhar-nos. Em todo o caso , sou gentilhomem ,

— Sois gentilhomem.

— Sim , senhor , e dos melhores.

— Então mandá-lo-bei rodar , disse comsigo o desconhecido ; para isso é que lhe servirá esta assignatura em branco.

— Estais vós resolvido a dar-me essa assignatura em branco ? perguntou Cauvignac.

— Que remedio terei sinão dar vo-la , disse o velho gentilhomem.

— Eu a isso vos não obrigo , he mister entendermo-nos , é uma troca que eu vos proponho ; guardai o vosso papel , e eu guardarei o meu.

— A carta ?

— A assignatura em branco ? «

E com uma das mãos offereceu a carta , em quanto na outra segurava uma pistola.

« Deixai a vossa pistola em descanso, disse o forasteiro desembuçando-se, pois eu tambem tenho pistolas, estamos igualmente armados. Jogo franco de parte a parte: eis o vosso papel assignado em branco.

— Eis a vossa carta. «

A troca dos papeis effeituou-se então com toda a lealdade, e cada uma das partes examinou em silencio, com vagar, e attenção, o que lhe acabavam de entregar.

« Agora, senhor, disse Cauvignac, que caminho tomais vós?

— E' -me preciso passar para a margem direita do rio.

— E eu para a margem esquerda, respondeu Cauvignac.

— Como nos haveremos agora? Os meus homens estam do lado para onde ides, e os vossos do lado para onde vou.

— Ora pois, nada ha mais facil: mandei-me os meus homens no vosso barco, e eu vos mandarei os vossos no meu.

— Tendes um espirito rapido, e inventivo.

— Eu tinha nascido para general de um exercito.

— Vós o sois.

— Ah! é verdade, disse o mancebo, eu disse-me havia esquecido. «

O forasteiro fez signal ao barqueiro para que desamarrasse o seu barco, e o conduzisse para a margem opposta áquella d'onde elle partira, e na direcção de um bosquesinho que se prolongava até á estrada.

O mancebo, que talvez se receasse de alguma

traição, levantou então a cabeça para segui-lo com os olhos, tendo o dedo sempre no gatilho da sua pistola, prestes a fazer fogo si o forasteiro fizesse o mais pequeno movimento suspeito; mas este nem sequer se dignou de fazer reparo na desconfiança de que era o objecto, e voltando as costas ao mancebo com uma indifference real, ou affectada, principiou a lêr a carta, e em breve ficou inteiramente absorto nesta leitura.

« Não vos esqueçais do momento aprazado, disse Cauvignac, é esta noite ás oito horas. »
O forasteiro nada respondeu, e até não deu mostras de o ter ouvido.

« Ah! disse Cauvignac em voz baixa, e falando comsigo, ao mesmo tempo que afagava a crouha da sua pistola, quando me lembro que só de mim depende deixar franca a successão do governador da Guienna, e pôr termo á guerra civil! Mas uma vez morto o duque d'Epernon, de que me serviria o seu papel assignado em branco, e terminada a guerra civil, de que viveria eu? Na verdade, momentos ha em que me parece que enlouqueço! Viva o duque d'Epernon, e a guerra civil! Vamos, barqueiro, mãos aos remos, e apressemo-nos em chegar á outra margem, é preciso que este digno senhor não tenha de esperar muito tempo pela sua escolta, »

Passado um momento, Cauvignac chegava á margem esquerda do Dordonha, justamente no momento em que o velho gentilhomem lhe mandava Ferguson, e os seus cinco bandidos, no barco de passagem de Ison; não quiz mos-

trar-se menos pontual do que elle, e renovou ainda no rio a ordem ao seu barqueiro de receber no seu barco, e conduzir para a margem direita os quatro homens do desconhecido; as duas tropas cruzaram-se, e saudaram-se cortezmente, depois do que cada uma chegou ao ponto onde era esperada; então o velho gentil-homem embrenhou-se com a sua escolta na mata que se estendia das praias do rio até á estrada real; e Canvignac, á frente do seu exercito, tomou a vereda que ia ter a Ison.

Meia hora depois da scena que acabamos de referir, a mesma janella da estalagem do senhor Biscarros, que tão arrebatadamente se tornára a fechar, se abriu de novo com precaução, e no encosto desta janella, depois de haver lançado os olhos para a direita, e para a esquerda, apoiou os cotovellos um mancebo de deza-seis a dezoito annos, vestido de preto, com seus punhos na camisa como então se usavam; os folhos bordados da mesma, que era de cambraia fina, sahiam orgulhosamente do seu casacão, e cahiam ondulando sobre as suas calças adornadas de fitas; a sua mãosinha, elegante, e polpuda, verdadeira mão de raça nobre, amarrotava com impaciencia umas luvas de camurça bordadas nas costuras; um chapéu pardo com uma magnifica pluma azul, lhe assombrava o cumprido cabello, chammejante de reflexos dourados, que maravilhosamente emmoldurava um rosto oval, de tez branca, beiços rosados, e sobrancelhas pretas. Cumpre porê-m dizê-lo, todo este gracioso conjuncto, que devia fazer daquelle mancebo um dos ma-

is encantadores e cavalleiros que pudessem vêr-se, achava-se naquelle momento empanado por um certo ar de mau humor, que sem dúvida provinha de uma expectação baldada, visto que o mancebo interrogava com os seus attentos olhos a estrada já mergulhada ao longe na cerração da noite,

Na impaciencia em que estava, batia com as suas luvas na mão esquerda. Com a bulha que fazia, o estalajadeiro que acabava de depennar as suas perdizes, levantou a cabeça, e tirando o seu barrete:

« A que horas quereis cear, meu cavalleiro? disse elle, pois já se não esperão mais que as vossas ordens para servir-vos.

— Vós bem sabeis que não ceio só, e que espero um companheiro, disse o mancebo; quando o virdes chegar, podereis servir a cêa.

— Ah! senhor, respondeu Biscarros, eu não pretendo censurar o vosso amigo, pois que sem dúvida pôde vir, ou deixar de vir, como bem lhe aprouver, mas é um muito mau habito fazer-se esperar tanto tempo.

— Elle com tudo não costuma fazer-se esperar, e muito me espanta uma tal tardança.

— E a mim não só me causa espanto, senhor, mas muito me afflige; queimar-se-ha o assado.

— Tirai-o do espeto.

— Então arrefecerá.

— Ponde outro assado ao lume

— Não haverá tempo para o apromptar.

— Em tal caso, meu amigo, fazei o que muito bem quizerdes, disse o mancebo, não podendo, apesar do seu mau humor, deixar de sur-

rir-se da desesperação em que via o estalajadeiro. Entrego o negocio á vossa suprema sabedoria.

— Não ha sabedoria , ainda que fosse a do Rei Salomão , respondeu o estalajadeiro , que possa tornar comivel um jantar requentado. »

E sobre este axioma , que vinte annos mais tarde Boileau devia pôr em verso , o sr. Biscarros tornou a entrar na sua estalagem abanando dolorosamente a cabeça.

O mancebo então , como si quizesse distrahir-se da sua impaciencia , recolheu-se ao seu quarto , fez ranger por um momento as suas botas no sobrado retumbante , depois , parecendo-lhe que ouvia ao longe passos de cavallo , voltou apressadamente para a janella.

« Por fim , exclamou elle , eis-o que chega. Seja Deus louvado ! »

Com effeito , além da mata onde cautava o rouxinol , a cujos accentos melodosos o mancebo , por motivo sem dúvida da sua preocupação , não dera a minima attenção , viu apparecer a cabeça de um cavalleiro ; mas , o que muito espanto lhe causou , em vao esperou que o cavalleiro desemboca-se pela estrada ; o recém-chegado tomou á direita , entrou na mata , e em breve o seu chapéu sumiu-se , prova certa de que o cavalleiro se apeara. Passado um momento , o observador avistou , atravez dos ramos desviados com cautela , uma casaca alvadia , e o fulgor de um dos ultimos raios do sol no seu occaso , refletindo no cano de um mosquete.

O mancebo deixou-se ficar pensativo na sua janella ; era evidente que o cavalleiro occulto na

mata não era o companheiro que esperava, e a expressão de impaciencia que enrugava o seu rosto movel, deu lugar a uma expressão de curiosidade.

Em breve um segundo chapéu se apresentou no cotovello da estrada: o mancebo recuou de maneira que o não vissem.

A mesma casaca alvadia, o mesmo manejo do cavallo, o mesmo mosquete brilhante. O recém-chegado dirigiu ao primeiro algumas palavras, que o nosso observador não pôde ouvir por causa da distancia, e em consequencia das informações que sem dúvida lhe deu o seu companheiro, embrenhou-se no bosque paralelo à mata, apeou-se por seu turno, foi alapardar-se atraz de um rochedo, e pôz-se á espera.

Do ponto elevado em que estava o mancebo, via este o chapéu por cima do rochedo. Ao lado do chapéu scintillava um ponto luminoso; era a extremidade do cano do mosquete.

Um sentimento de vago terror se apossou do espirito do gentilhomem, que olhava para esta scena occultando-se cada vez mais.

« Oh! oh! perguntou elle a si proprio, será de mim, e dos mil luizes que levo comigo que querẽo lançar mão? Mas, não, por quanto, na supposiçãõ de que Richon chegue, e de que eu possa pôr-me a caminho esta noite, eu vou a Libourne, e não a Saint André de Cubzac, por conseguinte não passo do lado onde aquelles tratantes estão emboscados. Si o meu velho Pompeo aqui se achasse, consultá-lo-hia. Mas, si me não engano, sim, pela minha fé, sãõ dous homens mais; vêm juntar-se com os outros do-

us. Olá, isto tem toda a apparencia de uma es-
pera.

E o mancebo ainda deu outro passo para
traz

Com effeito, neste momento iam apparecen-
do outros dous cavalleiros no mesmo ponto cul-
minante da estrada; mas desta vez, só um del-
les é que trazia casaca alvadia. O outro mon-
tado em um possante cavallo preto, e embaça-
do em um amplo capote, trazia o chapéu aga-
loado, adornado com uma pluma branca, e de-
baixo deste capote, que a aragem da tarde levan-
tava, via-se refulgir um rico bordado serpejan-
do em uma sobrecasaca de côr nacarada.

Dir-se-ia que o dia se prolongava para alu-
miar esta scena, porque os ultimos raios do sol,
rompendo por entre um daquelles denso ne-
voeiros que ás vezes se estendem de um modo
tão pittoresco no horizonte, accendôram repen-
tamente milhares de rubis nas vidraças de uma
linda casa situada a uns cem passos do rio,
e na qual o mancebo não teria feito reparo, si
não fôra esta circumstancia, porque se achava
occulta entre os ramos de uma densa mata. Es-
te reforço de luz desde logo deu a conhecer que
os olhos dos espias se dirigiam alternativamente
para a entrada da aldêa, e para a pequena casa
dos vidros refulgentes, e que os das casacas par-
das pareciam ter o maior respeito ao da pluma
branca, a quem não fallavam sinão com o cha-
péu na mão: por fim, tendo-se aberto uma das
janelas illuminadas, uma mulher se apresen-
tou no balcão, inclinou-se por um momento,

como si esperasse alguém, e logo se recolheu com receio sem dúvida de ser vista.

Ao mesmo tempo que se recolhia, o sol baixava por detraz da montanha, e á medida que ia baixando, o andar terreo da casa parece a sumir-se na escuridão, e a luz abandonando pouco a pouco as janellas, subia ao telhado de ardósias, e desaparecia por fim. depois de haver reflexido por um momento em um feixe de flechas de ouro que servia de grampo.

Para todo o espirito dotado de alguma intelligencia, havia alli um numero sufficiente de indicios, e sobre esses indicios podiam estabelecer-se, sinão certezas, pelo menos probabilidades.

Era provavel que aquelles homens vigiavam a pequena casa isolada, a cujo balcao uma mulher se apresentára um momento. Era por tanto provavel que aquella mulher, e aquelles homens esperavam a mesma pessoa, mas com intenções mui differentes; era tambem provavel que aquella pessoa por quem se esperava houvesse de vir pela aldêa, e por consequencia passasse por diante da estalagem situada em meio caminho da aldêa á mata, do mesmo modo que a propria mata estava situada em meio caminho da estalagem á casa. Era finalmente provavel ser o cavalleiro de pluma branca o chefe dos cavalleiros de casacas alvadias, e que visto o ardor de que dava mostras erguendo-se sobre os seus estribos para vêr de mais longe, este chefe tinha ciúme, e sem duvida alguma andava á espreita por sua propria conta.

No momento em que o mancebo acabava de

seu pensamento esta serie de raciocinios, que mutuamente se encadeavam uns nos outros, a porta do seu quarto se abriu, e entrou o sr. Bis-carros.

« Meu querido patrão, disse o mancebo, sem dar tempo áquelle que tanto a proposito entrava no seu quarto para que lhe expuzesse o motivo da sua visita, motivo que elle não deixava de advinhar, vinde cá, e dizei-me, si todavia não é indiscreta a minha pergunta, a quem pertence aquella pequena casa que se descobre lá em baixo como um ponto branco no meio dos olmos, e dos sycomoros? »

O estalajadeiro seguiu com os olhos a direcção do dedo indicador, e coçando a cabeça:

« Pela minha fé, que ora a um, ora a outro, respondeu elle com um sorriso a que tentava dar certo ar malicioso. A vós, si tendes algum motivo para buscar a solidão, quer desejeis occultar-vos vós mesmo, quer alli queirais simplesmente esconder alguém. »

O mancebo cõrou.

« Mas hoje, perguntou elle, quem habita essa casa? »

— Uma joven senhora que se dá por viuva, e a quem a sombra do seu primeiro marido, e talvez que tambem a do segundo, vem visitar de vez em quando. Uma só cousa se fez digna de reparo, e é que as duas sombras devem provavelmente estar de intelligencia, visto que nunca se apresentam ao mesmo tempo.

— E desde que epoca, perguntou o mancebo sorrindo-se, habita a formosa viuva essa casa solitaria, e tão commoda para as aparições?

— Haverá uns dous mezes. Quanto ao mais, vive summamente retirada, e creio que de dous mezes a esta parte ninguem pôde'gabar-se de havê-la visto, porque são mui raras vezes, e sempre cuberta como hum véo: Uma pequena camareira, muito linda na realidade: vem todas as manhãs dar-me a saber as iguarias que pretende para aquelle dia: lá se lhe levam, recebe os pratos no vestibulo, paga generosamente o rol, e bate no mesmo instante com a porta nas ventas do moço. Esta noite, por exemplo, ha lá banquete, e para ella é que eu preparava as condorizes, e as perdizes que me vistes deppen r.

— E a quem dá ella de ceiar?

— Sem dúvida a uma das duas sombras de que vos fallei.

— Vistes alguma vez aquellas duas sombras?

— Sim, senhor, mas sómente passarem á noite depois de sol posto, ou de madrugada, antes que seja dia.

— Não deixo de ficar mui certo de que as te-reis observado, meu querido Biscarros, pois assim que abris boca logo se vê que sois um bom observador. Vejamos, que observastes vós de particular no porte daquellas duas sombras?

— Uma representa um homem de sessenta a sessenta e cinco annos, e esta parece-me ser a do primeiro marido, porque se apresenta como uma sombra que tem toda a certeza da autoridade dos seus direitos. A outra é a de um mancebo de vinte e seis a vinte e oito annos, e esta, sempre-me dizê-lo, é mais tímida, e tem absolutamente os ares de uma alma que anda pe-

nando. E por isso juraria que é a do segundo marido.

— E para que hora vos ordenaram que a promptasseis hoje a cêa?

— Para as oito horas.

— São sete e meia, disse o mancebo puxando por um bello relógio que já por differente vezes tinha consultado: não podeis por tanto perder tempo.

— Oh! estará prompta, socegai a este respeito; eu só tinha subido para fallar-vos da vossa cêa, e para dizer-vos que acabava de a tornar a principiar completamente. Agora o que vos peço, já que o vo-so companheiro tanto tem tardado, é que deis traça para que não chegue aqui antes que se tenha passado uma hora.

— Presta-me attenção, meu amigo, disse o joven cavalleiro no tom de um homem para quem este grave negocio de uma cêa servida a hora certa é cousa de pouca monta, não vos atormenteis por causa da nossa cêa, pois ainda que a pessoa por quem espero chegasse, como temos de conversar, si a cêa não estiver prompta, conversaremos antes; si pelo contrario, estiver prompta, conversaremos depois.

— Na verdade, senhor, disse o estalajadeiro, sois um gentilhomem muito condescendente e já que vos confiais em mim, tende a certeza de que ficareis satisfeito. »

Dito isto o sr. Biscarros fez lhe uma profunda cortezia, a que o mancebo correspondeu com um ligeiro aceno da cabeça, e sahiu.

« E agora, disse consigo o mancebo indo de novo occupar com toda a curiosidade o seu pos-

to na janella, tudo comprehendio. A senhora espera alguem que deve vir de Libourne, e os homens do bosque propõem-se chegar ao visítador antes que este tenha tempo de bater á porta. »

Ao mesmo tempo, e como si fosse para justificar as previsões do nosso sagaz observador, ouviram-se á sua esquerda os passos de um cavallo. Prompto como um raio os olhos do mancebo sondaram no mesmo instante o bosque para examinar a attitude dos homens emboscados. Apesar de que a noite começasse a confundir os objectos em uma meia-escuridade, pareceu-lhe que uns desviavam os ramos, e os outros levantavam as cabeças para olhar por cima do rochedo, preparando-se tanto estes como aquelles para um movimento que tinha todas as apparencias de uma aggressão. Ao mesmo tempo, um ruido como de musquete que estavam carregando, veio por tres vezes ferir-lhe os ouvidos, e estremecer-lhe o coração. Voltou-se então rapidamente para o lado de Libourne affim de vê si descobria o homem, a quem este ruido mortifero ameaçava, e viu, montado em um formoso cavallo caminhando a trote, apparecer bzarro, e ufano, com ar vencedor, um bello mancebo, cujo capote curto, forrado de setim branco, deixava descoberto engraçadamente o hombro direito. De longe esta figura parecia cheia de elegancia, de terna poesia, e de lédo orgulho. Vista de mais perto, foi um rosto regular, e mimoso, de côr animada, olhos ardentes, bocca alguma tanto aberta pelo habito do sorriso, bigodes negros e delicados, dentes finos e brancos.

Um triunfante chicotinho, um ligeiro assobiar semelhante ao dos pintalegrêtes daquelle época, e a que dêra voga, e puzera á moda Mr. Gaston d'Orleans, acabavam de fazer do que vinha chegando um cavalleiro perfeito, segundo as leis da elegancia que então estavam em vigor na côrte de França, que já então começava a dar o tom as outras côrtes da Europa.

Obra de cincoenta passos atraz d'elle, e montado em um cavallo, cuja andadura regulava pela do cavallo de seu amo, vinha um laçao muito affectado, e muito emproado, que parecia occupar entre os criados uma graduacão não menos distincta que a de seu amo entre os gentishomens.

O formoso adolescente, que se conservava á janella da estalagem, ainda demasiado joven sem dũvida para assistir friamente a uma scena do genero daquelle de que ia ser testemunha, não pôde deixar de estremecer ao pensar que os dous incomparaveis que se adiantavam tão descuidados, e com tamanha segurança, seriam mortos a tiro, com toda a probabilidade, logo que chegassem á emboscada, onde os esperavam.

Um combate rapido pareceu ter então lugar em seu animo entre a timidez da sua idade, e o amor do seu proximo. Por fim, o sentimento generoso e que venceu, e como o cavalleiro ia passar per diante da porta da estalagem sem nem si quer olhar para o lado onde elle se achava, cedendo a um súbito impulso, a uma resoluçãõ irresistivel, o mancebo debruçõ-se da jauella, e dirigindo-se ao formoso viajante:

« Olá! senbor, brad u elle, peço-vos que pa-

reis, pois tenho de communicar-vos cousa de bastante importancia. »

Ouvindo esta voz, e estas palavras, o cavalleiro levantou a cabeça, e vendo o mancebo á janella, fez parar o seu cavallo com um movimento de mão, que houvera feito honra ao melhor escudeiro.

« Não façais parar o vosso cavallo, senhor, continuou o joven; antes pelo contrario aproxima-vos de mim sem affectação, e como si me conhecesseis. »

O viajante hesitou um momento; mas vendo pelo gesto daquelle que lhe fallava, que tinha de tratar com um gentilhomen de bello porte, e boa cara, tirou o chapéu, e adiantou-se surrindo.

« Eis-me aqui ás vossas ordens, senhor, lhe disse elle; em que posso servir-vos? »

— Aproximai-vos ainda mais, senhor, continuou o desconhecido fallando-lhe da janella, pois o que tenho que dizer-vos, não pôde proferir-se em alta voz. Tornai a pôr o vosso chapéu, porque faz-se preciso que julguem sermos conhecidos de ha muito, e que a mim é que vindes procurar nesta estalagem.

-- Mas, senhor, disse o viajante, não posso comprender....

— Não tardareis a comprender; entretanto, cubri vos; muito bem! chegai vos para mais perto, mais perto ainda; estendei-me a mão, isso mesmo; estou encantado de vêr-vos. Agora não passeis desta estalagem, pois si tal fizerdes estais perdido.

— Então que ha de novo? Na verdade que me assustais, disse sorrindo o viajante.

— O que ha de novo, é que vos encaminhais áquella pequena casa, onde se vê brilhar aquella luz, não é assim? »

O cavalleiro fez um movimento.

« Mas no caminho desta casa, lá onde faz um cotovello, naquelle bosque sombrio, quatro homens estam emboscados á vossa espera.

— Ah! disse o cavalleiro cravando os olhos no pequeno mancebo pallido; estais bem certo d'isso?

— Vi-os chegar uns depois dos outros, apearem-se, occultarem-se, uns atraz das arvores, outros per detraz dos rochedos. Em fim, quando ainda agora desembocastes da aldêa, eu os ouvi carregarem os seus mosquetes.

— E que tal! disse o cavalleiro, que por seu turno começava a assustar-se.

— Sim, senhor, é como vol-o digo, continuou o mancebo de chapéu pardo; e si não estivesse e fã o eseuero, talvez que os pudesseis vêr, e reconhecer.

— Oh! disse o viajante, não hei mister reconhecer-los, e muito bem sei quem sam esses homens. Mas vós, senhor, quem vos disse que eu me dirigia áquella casa, e que a mim é que assim espreitavam?

— Advinhei-o.

— Sois um Elipo muito encantador; eu vo-lo agradeço. Ah! querem-me arcabuzar; e quantos sam elles para levarem a effeito esta bella operação?

— Quatro, um dos quaes parece ser o chefe.

— Esse chefe não parece mais idoso que os outros?

— Sim, senhor, tanto quanto o pude julgar daqui.

— Aleatrulado?

— De espaduas largas, e arqueadas, pluma branca no chapéu, sobretudo bordado, capote pardo, gesto não commum, mas severo e imperioso.

— Não ha que duvidar; é o duque d'Epernon.

— O duque d'Epernon! exclamou o gentil-homem.

— Ora pois, não posso deixar de dar-vos conta dos meus negocios, disse rindo o viajante. Sempre a sorte mos depara taes, mas não importa, o serviço que me rendeis é de summa importancia, e por tanto nenhum motivo posso ter de de-confiança a vosso respeito. E os que o acompanhavam, qual era o seu traço?

— Casacas pardas.

— E' isso justamente; sam os seus portacacetes.

— Que hoje se tornaram em porta-mosquetes.

— Jure-vos pela minha honra, que vos fico muito obrigado. Agora, sabeis vós meu gentil-homem, o que deverieis fazer?

— Não, senhor, mas dizei-me o vosso parecer; e si o que tenho de fazer pôde ser-vos util, eu de antemão me acho a isso absolutamente disposto.

— Tendes vós armas?

— Mas. . . . sim, tenho a minha espada.

— Tendes o vosso laçao?

— Sem duvida; mas não se acha agora aqui; mandei-o ao encontro de uma pessoa, por quem espero.

— Ora pois, deverieis ajudar-me a dar um ataque repentino.

— Para que fim?

— Para cairmos sobre aquelles miseraveis, e fazer-lhes pedir misericordia, tanto a elles, como ao seu chefe.

— Estais louco, senhor! exclamou o mancebo com um accento, que assaz provava não estar de modo algum disposto para uma tal expedição.

— Com effeito, peço-vos desculpa, disse o viajante, esquecia-me de que este negocio não vos diz respeito »

Depois voltando-se para o seu lacaio, que vendo parar seu amo, fizera alto da sua parte, conservando-se em certa distancia:

« Castorin! disse elle, vinde cá. »

E ao mesmo tempo levou a mão aos coldres, como si quizesse certificar-se de que as suas pistolas estavam em bom estado.

« Ah! senhor, exclamou o joven gentilhomem estendendo o braço como para detê-lo, senhor, em nome do Céu! não vades arriscar a vossa vida em uma tal aventura. Entrai antes na estalagem afin de não dar suspeita alguma áquelle que vos espera; lembrai-vos que se trata da honra de uma mulher.

— Tendes razão, disse o cavalleiro, apesar de que nesta circumstancia se não trate precisamente da honra, mas sim da riqueza. Castorin, meu amigo, continuou elle dirigindo-se ao seu

lacaio que se lhe tinha reunido, não iremos mais longe por ora.

— Como! exclameu Castorin, quasi tão espantado como seu amo, que diz pois o senhor?

— Digo que mademoiselle Francineta tem de vêr-se privada esta noite da honra de vêr-vos, visto que ficamos na estalagem do Bezerra de ouro; entrai pois, mandai-me apromptar a cêa, e preparar uma cama para mim. »

E como o cavalleiro sem duvida percebeu que Mr. Castorin se dispunha a replicar, acompanhou estas ultimas palavras de um movimento de cabeça, que não admittia mais longa discussão. E por tanto Castorin desapareceu debaixo do portal, de oreilha baixa, e sem se atraver a dizer palavra.

O viajante seguiu um instante a Castorin com os olhos; e em seguida, depois de haver reflectido, pareceu tomar uma resolução, apeou-se, entrou pelo portal atraz do seu lacaio, a cujo braço lançou a rédea do seu cavallo. e dando dous pulos chegou ao quarto do joven gentil-homem, que vendo abrir-se repentinamente a sua porta, deu mostras de sobresalto, e susto. que o recém-chegado não pôde vêr per causa da escuridão.

« Assim, disse o viajante aproximando-se alegremente do mancebo, tomando-lhe, e sacudindo-lhe cordialmente a mão sem que este lha estendesse, não ha a minima duvida, a vós é que devo a vida.

— Ah! senhor, vós exaggerais o serviço que vos rendi, disse o mancebo recuando um passo.

— Não, senhor, nada de modestia, é como

vo-lo digo; eu conheço o duque: é um homem summamente brutal. Quanto a vós, sois um modelo de perspicacia, um phenix de caridade christã. Mas, dizei-me, já que sois tão amavel, tão compassivo, chegaria a vossa bondade ao ponto de mandardes aviso á casa?

— A qual casa?

— A qual casa havia de ser! A' casa onde me dirigia, á casa onde me esperam.

— Não, senhor, disse o mancebo, de tal me não lembrei, eu o confesso; além de que, quando disso me tivesse lembrado, não tinha meio de fazê-lo. Ainda não ha bem duas horas que aqui me acho, e a ninguém conheço nesta casa.

— Ai de mim! disse o viajante fazendo um movimento de inquietação. Pobre Nanon! com tanto que lhe não aconteça mal algum!

— Nanon! Nanon de Lartigues! exclamou o mancebo estupefacto.

— Pelo que vejo, sois um feiticcio! disse o viajante. Vêdes emboscarem-se uns homens em uma estrada, e advinhais a quem querem matar. Digo-vos um nome de baptismo, e vós advinhaes o nome de familia. Vamos, explicai-vos sem a minima demora, sinão vou denunciar-vos, e fazer-vos condemnar a serdes queimado pelo parlamento de Bordeos.

— Ah! desta vez haveis de convir replico o mancebo, em que não era preciso ser muito esperto para vir no conhecimento da pessoa que querieis occultar; uma vez que nomeastes o duque d'Epemon como sendo vosso rival, era evidente que si nomeasseis uma Nanon, não podia deixar de ser aquella Nanon de Lartigues,

tam formosa, tam rica, tam espirituosa, segundo dizem, que enfeitou o duque, e que governa no seu governo, o que é parte para que em toda a Guienna tão exceda a seja como elle. . . E para casa daquella mulher é que vós ieis? continuou o mancebo em tom de reprehensão.

— Pela minha fé! que para lá ia, eu o confesso, e já que a nomeei, não me desdigo. Nanon é uma mulher encantadora, muito fiel ás suas promessas em quanto acha prazer em guardá-las, e capaz do mais extremo affecto para com aquelle a quem ama. Eu devia cear com ella esta noite, mas o duque veio entornar o caldo. Quereis vós que eu amanhã a ella vos apresente? Que remedio terá o duque, ou mais tarde, ou mais cedo, sinão voltar para Agen.

— Obrigado, disse em tom secco o joven gentilhomem. Não conheço mademoiselle de Lartigues sinão de nome, nem desejo conhece-la de outro modo.

— Não tendes por certo razão! Nanon é uma senhora digna de ser conhecida de todos os modos. »

As sobrancelhas do mancebo franziram-se.

« Ah! peço-vos desculpa, continuou o viajante espantado. Mas eu cria que na vossa idade. . . »

— Sem duvida que na minha idade é que ordinariamente se recebem semelhantes proposições, replicou o mancebo reparando no mau effeito que produzia o seu rigorismo, e eu de boa vontade acceptaria o vosso offerecimento, si não estivesse aqui de passagem, e me não vi-se obrigado a pôr-me a caminho esta noite.

— Oh! daqui não sahireis sem que eu pelo menos saiba quem é o gentil cavalleiro que teve a bondade de salvar-me a vida. »

O mancebo pareceu hesitar; passado porê m um instante:

« Sou o visconde de Cambes.

— Ah! ah! disse o seu interlocutor, tenho ouvido fallar de uma linda viscondessa de Cambes, que tem grandes propriedades nas visinhanças de Bordeos, e que é amiga da Princeza.

— E' minha parenta, disse com vivacidade o mancebo.

— Eu disse vos felicito, senhor visconde, pois dizem ser uma senhora imcomparavel. Espero que, si a occasião me favorecer neste ponto, vós a ella me apresenteis: eu sou o barão de Canolles, capitão do regimento de Navailles, e actualmente acho-me com licença, a qual o senhor duque d'Epernon foi servido conceder-me em virtude de uma recommendação de mademoiselle de Lartigues.

— O barão de Canolles! » exclamou por seu turno o visconde, olhando para o seu interlocutor com toda a curiosidade, que nelle despertava este nome famoso nas aventuras amorosas do tempo.

— Vós conheceis-me? disse Canolles.

— De reputação sómente, respondeu o visconde.

— E de má reputação, não é assim? Que quereis vós! cada um segue o seu fadario; a mim agrada me a vida agitada.

— Vós tendes toda a liberdade, senhor, para viverdes como bem vos apraz, respondeu o vis-

onde. Permittir-me-eis todavia que vos faça uma reflexão.

— Qual ?

— E' que eis uma senhora horrivelmente compromettida por vossa causa, e na qual o duque se vingará do desgosto que lhe ella dá por vosso respeito.

— E vós assim o crêdes ?

— Sem duvida que assim o creio. Apesar de ser uma mulher. . . . levianna. . . . mademoiselle de Lartigues não deixa de ser mulher, nem de haver sido compromettida por vós : e por tanto cumpre-vos tratar da sua segurança.

— Pela minha fé, que tendes razão, meu joven Nestor, e esque-cia-me, enlevado no encanto da vossa conversação, dos meus deveres de gentilhomem ; fomos sem duvida atraçoados, e com toda a probabilidade o duque tudo sabe. Verdade é que si Nanon pudesse ser informada a tempo do que se passa, seria assaz habil, e astuta para fazer com que o duque pedisse perdão. Vejamos, vejamos pois, sabeis vós a arte da guerra, mancebo ?

— Ainda não, respondeu o visconde rindo ; mas creio que vou aprende-la comvosco.

— Ora pois, eis a primeira lição. Sabeis que na guerra, quando a força é inutil, ha mister empregar a astucia. Ajudai-me pois a astuciar.

— De muito boa vontade a isso me prestarei. Mas de que maneira ? explicai-vos.

— A estalagem tem duas portas.

— Quanto a isso nada sei.

— Pois eu muito bem o sei ; uma dá para a estrada real, e a outra para o campo. Eu saio

pela do campo, descrevo um meio circulo, e vou ter á casa de Nanon, que tambem tem uma porta trazeira.

— Sir, para que vos surprendam naquella casa! exclamou o visconde; vejo na verdade que de tactica sabeis como ninguem!

— Para que me surprendão? replicou Canolles.

— Sem duvida. O duque, cansado de esperar e não vos vendo sair daqui, voltará para a casa.

— Sim, mas eu não farei mais do que entrar, e sair.

— Uma vez que entreis. . . não tornareis a sair.

— Não o posso já duvidar, mancebo, disse Canolles, vós so's um feiticeiro.

— Surprender-vos ão, sereis talvez morto debaixo dos seus olhos, eis como tudo se terminará.

— Nada disso, disse Canolles, alli ha armarios.

— Oh! » disse o visconde.

Este *oh!* foi pronunciado de tal sorte, com uma entoação tam eloquente, continha tantas reprehensões encobertas, tanta vergonha pudica, tam suave delicadeza, que Canolles ficou subitamente atalhado, e cravou, apesar da escuridão, os seus olhos penetrantes no mancebo, que tinha o cotovello encostado no peitoril da janela.

O visconde sentiu todo o peso deste olhar, e continuou com ar alegre:

« Na realidade, senhor barão, tendes razão,

ãde lá; mas occultai-vos com todo o cuidado a fim de não serdes surpreendido.

— Ora pois, não irei, disse Canolles, não tenho razão, e vós é que a tendes; mas como lhe darei a saber o que se passa?

— Parece-me que uma carta....

— Quem a levará?

— Si me não engano, um laçaiio vos acompanhava, e n'uma tal circumstancia, o unico risco que um laçaiio corre é de levar a'gumas pauladas, quando um gentilhomen arrisca a sua vida.

— Na verdade que não sei onde tenho a cabeça, disse Canolles; Castorin poderá desempenhar ás mil maravilhas a commissão, tanto mais que tenho miúbas suspeitas de que aquelle tratante tem suas intelligencias na casa.

— Muito bem vêdes que tudo pôde arranjar-se aqui, disse o visconde.

— Sim; tendes vós tinta, papel, e pennas?

— Não, disse o visconde; mas lá em baixo ha tudo isso.

— Dai-me licença, disse Canolles, mas na verdade não sei o que tenho esta noite, que não faço sinão asneiras sobre asneiras. Não importa. Agradeço-vos os vossos bons conselhos, senhor visconde, e vou segui-los desde já. »

E Canolles, sem tirar os olhos do mancebo, aquem desde alguns momentos examinava com uma singular tenacidade, saiu do quarto e desceu a escada, em quanto o visconde, inquieto, e quasi turbado, dizia consigo:

« Como olha para mim: ter-me-ia elle reconhecido? »

Canolles tinha comtudo descido, e depois de haver olhado durante um momento, como homem profundamente magoado, para as codornizes, perdizes, e outras iguarias que o senhor Biscarros ia arrumando em um cesto collocado na cabeça do seu ajudante da cosinha, e que outrem que não era elle, ia talvez comer, apesar de que sem a minima duvida ellas lhe fossem destinadas, pediu que o encaminhassem ao quarto que devia ter-lhe preparado Castorin, para alli mandou levar tinta, pennas, e papel, e escreveu a Nanon a carta que se segue:

Querida Senhora,

« A cem passos da vossa porta, si a natureza
« dotou os vossos bellos olhos com a faculdade
« de enxergar durante a noite, podeis distin-
« guir em um arvoredó o senhor duque d'E-
« pernon que está á minha espera para fazer-
« me arcabuzar, e comprometter-vos depois
« horrivelmente. Mas eu não sinto em mim o
« minimo desejo de perder a vida, nem de fa-
« zer-vos perder o vosso descanso. Ficai pois
« socegada a este respeito. Quanto a mim, vou
« fazer uso da licença que lhe fizestes assignar
« ha dias, a fim de que me aproveitasse da mi-
« nha liberdade para vir vêr vos. Para onde vou,
« nem siquer o sei, e até ignoro si vou para al-
« guma parte. Aconteça porém o que aconte-
« cer, tornai a chamar o vosso fugitivo, quan-
« do a tormenta tiver passado. No *Bezerro de*
« *ouro*, vos dirão que estrada segui. Lisonjeio-
« me de que levareis a bem o sacrificio que me
« imponho; mas os vossos interesses me são
« mais caros do que o meu prazer, porque não

« teria deixado de achar algum em desanear
« Mr. d'Epernon, e os seus esbirros debaixo do
« seu disfarce. Por tanto, minha querida, crê-
« de que sou todo vosso, e que sobre tudo vos
« sou muito fiel. »

Canolles assignou este bilhete, onde reinava toda a jactancia de um Gascão, sabendo muito bem o effeito que produziria na Gascoa Nanon; depois, chamando o seu laçao:

« Vinde cá, Castorin, lhe disse elle, e confessai-me ingenuamente em que estado estais relativamente aos vossos amores com Francineta.

— Mas, senhor, respondeu Castorin muito espantado com semelhante pergunta, eu não sei si devo...

— Não vos dê isto cuidado, nenhuma intenção tenho a seu respeito, e não tendes a honra de ser meu rival. O que vos eu peço não passa de uma simples informação.

— Ah! neste caso, senhor, a cousa é muito differente, e mademoiselle Francineta teve bastante intelligencia para apreciar as minhas boas qualidades.

— Estais por tanto como quereis, senhor villão-ruim? Muito bem. Pegai neste bilhete, e depois dai volta pelo prado.

— Eu muito bem sei o caminho, senhor, disse Castorin com certo ar de importancia.

— Ide bater á porta que dá para o campo. Esta porta tambem não vos deve ser desconhecida.

— Não, senhor.

— Cada vez melhor. Tomai pois este cami-

nho, ide bater a essa porta, e entregai esta carta a mademoiselle Fraucineta.

— Em tal caso, senhor, disse Castorin mui satisfeito, posso. . . .

— Podeis partir no mesmo instante, dou-vos dez minutos para irdes, e voltardes. E' preciso que esta carta seja entregue logo logo a mademoiselle Nanon de Lartigues.

— Mas senhor, disse Castorin, que vislumbra algum contratempo, si me não abrirem a porta?

— Passareis por um tolo, por quanto deveis ter alguma modo particular de bater, em virtude do qual não se deixe no campo um homem sem dar entrada; si assim não acontece, sou um gentilhomem muito digno de lastima por ter ao meu serviço um biltre como vós.

— Um tenho eu, senhor, disse Castorin com ar triunfante. Bato logo duas pancadas com intervallos iguaes, e por fim uma terceira.

— Não vos pergunto o modo como bateis, isso é cousa que pouco me importa, com tanto que vos dêem entrada. Ide pois, e si fôrdes surpreendido, mastigai o papel, e engali-o, e si assim o não fizerdes mandarei cortar-vos as orelhas quando voltardes. »

Castorin partiu como um raio. Mas chegando ao fundo da escada parou, e em menoscabo de todas as regras, metten o bilhete no alto da sua bota; depois saindo pela porta do pátio, e dando um largo rodeio, atravessando as montas como uma raposa, franqueando os fossos como um galgo, foi bater á porta escusa daquelle modo particular, que tentara explicar a seu amo,

e o qual tanta efficacia tinha, que a porta lhe foi aberta no mesmo instante.

Passados dez minutos, Castorin es'tava de volta sem que houvesse experimentado contrariedade alguma, e dava parte a seu amo que o bilhete fôra entregue nas bellas mãos de mademoiselle Nanon.

Canolles empregára estes dez minutos em abrir a sua mala, em preparar o seu roupão, e em mandar pôr a mesa. Ouvia com visivel satisfação o relatorio do senhor Castorin, foi dar uma volta pela cozinha, intimando em voz alta as suas ordens para a noite, e bocejando desmesuradamente como um homem que espera com impaciencia o momento de deitar-se. Esta manobra tinha por objecto, case que d'Épernon o mandasse espreitar, dar-lhe a saber que o barão nunca tivera intenção de passar além da estalagem, aonde viera, como simples e inoffensivo vi jante, pedir cêa, e pousada; e com effeito este plano alcançou o resultado que o barão esperava: uma especie de camponez, que estava bebendo no canto mais escuro da sala, chamou o servente, pagou a despeza que fizera, levantou-se, sahiu sem affectação, e cantarolando uma redouilha. Canolles seguiu-o até a porta, e viu-o encaminhar-se para a mata, e dez minutos depois ouviu os passos de alguns cavallos que se iam afastando. Tinha-se levantado a emboscada.

O barão recolheu-se então ao seu quarto, e com o espirito absolutamente socegado relativamente a Nanon, não tratou já sinão de passar a noite do modo mais divertido que fôsse pos-

sivel: em consequencia ordenou a Castorin que preparasse as cartas, e os dados, e que feito isto fôsse perguntar ao visconde de Cambes si queria fazer-lhe a honra de receber a sua visita.

Castorin obedeceu, e achou no lumiar do quarto um escudeiro velho de cabellos brancos, o qual segurando a porta quasi fechada, respondeu ao seu cumprimento em tom desabrido:

« Isso por ora é impossivel; o senhor visconde está occupado.

— Muito bem, disse Canolles, eu esperarei. »

E como ouvia grande ruido lá do lado da cozinha, foi, para matar o tempo, vêr o que se passava naquella importante parte da casa.

Era o pobre moço da cozinha que voltava mais morto que vivo. Lá onde o caminho faz um cotovello, fôra delido por quatro homens que o haviam interrogado ácerca do objecto do seu passeio nocturno; e que, sabendo que ia levar a cêa á senhora da casa isolada, lhe haviam tirado o seu barrete, a sua vèstia branca e o seu avental: o mais moço destes quatro homens se revestira então das insignias da sua profissão, pousára o cesto em equilibrio na sua cabeça, e tomou em lugar do moço da cozinha, o caminho da pequena casa. Passados dez minutos achava-se de volta, e fallou em voz baixa com o homem que parecia ser o chefe da quadrilha. Então restituiram ao moço da cozinha a sua vèstia, o seu barrete, e o seu avental; tornaram a pôr-lhe o cesto na cabeça, e deram-lhe um pontapé no trazeiro para indicar-lhe o caminho que devia seguir. O pobre diabo não quiz esperar por mais, partiu ás carreiras, e vem cair

meio morto de susto no lumiar da porta, aonde acabavam de o ir levantar.

Esta aventura era muito inintelligivel para toda a gente, á excepção de Canolles; mas como este não tinha motivo algum para dar a explicação della, deixou ao estalajadeiro, criados, criadas, cosinheiro, e moço da cosinha, fazerem as conjecturas que bem lhes parecessem relativamente a este acontecimento, e em quanto todos disparatavam, a qual delles mais, subiu ao quarto do visconde, e entendendo que a primeira pergunta que lhe dirigira por meio de Castorin o dispensava de dar um segundo passo do mesmo genero, abriu sem cerimonia a porta e entrou.

Uma mesa com luzes, e dous talheres estava posta no meio do quarto, não esperando, para ser completa, sinão os pratos que a deviam ornar.

Canolles fez reparo nestes dous talheres, e tirou disso um festival agouro.

Com tudo, dando com os olhos nelle, o visconde levantou-se com um movimento tam arrebatado, que facil era de vêr que a sua visita sorprendêra o mancebo, e que não era para elle, como ao entrar suppuzera, que fôra destinado ao segundo talher.

Esta desconfiança foi confirmada pelas primeiras palavras que lhe dirigiu o visconde.

« Poderei saber, senhor barão, lhe perguntou adiantando-se para elle em tom de cerimonia, a que nova circumstancia devo a honra da vossa visita?

— A uma circumstancia muito natural, res-

pondeu Canolles algum tanto confuso ao vêr esta desagradavel recepção. Apertou-me a fome; julguei que tambem della vos verieis apertado. Vós estais só, eu tambem, e quiz ter a honra de convidar-vos a ceiar comigo. »

O visconde olhou para Canolles com uma desconfiança visivel, e pareceu experimentar algum embarço em responder lhe.

« Pela minha honra! disse Canolles a rir, dir-se-ia que tendes medo. Seréis vós cavalleiro de Malta? Ter-vos-ão destinado para o estado ecclesiastico, ou ter-vos-ha a vossa familia educado inspirando-vos horror aos Canolles? . . . Vejamos, não quero perder a vossa companhia durante uma hora que podemos passar juntos, cada um ao seu lado da mesa.

— E'-me impossivel descer ao vosso quarto, senhor barão.

— Ora pois, não desçais ao meu quarto. Porém já que subi ao vosso. . . .

— Ainda mais impossivel, senhor. Espero alguém. »

Desta vez Canolles ficou atalhado sem saber o que lhe respondesse.

« Ah! esperais alguém? disse elle.

— Sim, senhor.

— Juro-vos, disse Canolles passado um momento de silencio, sim, juro-vos, que quasi tanto estimaria que me houvesseis deixado continuar o meu caminho, expondo-me a todo e qualquer perigo que disso me pudesse resultar, como vêr-vos deitar a perder com esta repulsa o serviço que me fizestes, e de que en ainda vos não havia dado os devidos agradecimentos. »

O mancebo còrou, e aproximou-se de Canolles.

« Peco-vos desculpa, senhor, disse elle com voz tremula, muito bem vejo qual seja a minha descortezia; e por isso, si não fossem negocios sérios, negocios de familia, que temes de tratar com a pessoa que espero, eu teria muita honra, e gosto ao mesmo tempo em admitir-vos, apesar de que. . . .

— Oh! acabai, disse Canolles; seja o que fór que me digais, assentei de me não dar por escandalizado.

— Apesar de que o nosso conhecimento, continuou o mancebo, seja um desses effeitos imprevisos do acaso, um desses encontros fortuitos, uma dessas relações ephemeras. . . .

— E por que razão ha de assim ser? perguntou Canolles. Deste modo, pelo contrario, é que se contrahem duradouras, e sinceras amizades; para isso nada mais é preciso do que considerar como um favor da Providencia o que vós attribuis ao acaso.

— A Providencia, senhor, replicou o visconde rindo, quer que eu parta dentro de duas horas, e que, segundo todas as probabilidades, siga uma estrada absolutamente opposta á vossa; ficai por tanto certo do grande de gosto que me dá o não poder aceitar, como eu desejaria, aquella amizade que tão cordialmente me offerceis, e cujo valor eu muito aprecio.

— Sois na realidade, disse Canolles, um moço muito singular, e o vosso impulso de generosidade tinha-me ao principio dado uma idéa muito differente do vosso caracter. Mas em fim, faça-

se o que desejais ; eu de certo não tenho o direito de ser exigente, pois que eu é que vos estou obrigado . e que vós a meu favor fizestes muito mais do que eu tinha o direito de esperar da parte de um desconhecido. Retiro-me pois para ir ceiar só ; mas na realidade, senhor visconde, não deixa isto de custar-me muito ; o monólogo não faz parte dos meus hábitos. »

É com effeito, sem embargo de tudo quanto Canolles dissera, e da resolução de retirar-se que as suas palavras annunciavam, ia-se deixando ficar ; parecia que alguma cousa o tinha pregado no lugar onde estava, sem que disso pudesse dar a si proprio uma razão ; sentia-se attrahido de um modo invencivel para o visconde ; mas este, pegando n'um castiçal, se aproximou de Canolles, e com um sorriso amavel :

« Senhor, disse elle estendendo lhe a mão, seja o que fôr, e por mui curta que tenha sido a nossa entrevista, crêde que estou encantado de haver podido ser-vos util em alguma cousa. »

Canolles não viu nisso sinão o cumprimento ; pegou na mão que o visconde lhe apresentava, e que, em vez de corresponder á sua varonil, e amigavel pressão, se retirou frouxa, e tremula ; depois comprehendendo que apezar de disfarçada com uma frase lisongeira, a despedida que lhe fazia o mancebo não deixava por isso de ser uma despedida, retirou se bastante desgostoso, e sobre tudo muito pensativo.

A' porta encontrou o sorriso desdentado do criado velho, que pegou no castiçal que o visconde tinha na mão, acompanhou com toda a cerimonia a Canolles até ao seu quarto, e tornou

a subir no mesmo instante, indo ter com seu amo, que o esperava no alto da escada.

« Que faz elle? perguntou o visconde em voz baixa.

— Creio que se resolve a cear só, respondeu Pompeu.

— Então não tornará a subir.

— Pelo menos assim o espero.

— Mandai apromptar os cavallos, Pompeu; sempre com isto se ganhará algum tempo. Mas; ajuntou o visconde applicando o ouvido, que bulha é essa que ouço? Dir-se-hia que é a voz de Mr. Richon

— E a de Mr. de Canolles.

— Estam altercando, segundo me parece.

— Pelo contrario, elles se reconhecem; escutai.

— Com tanto que Richon não vá fallar!

— Oh! nada ha que recear, é um homem muito circunspecto.

— Callúda. . . . »

Os dous escutadores calaram-se, e ouviu se a voz de Canolles.

« Dous talheres, senhor Biscarros! gritava o barão. dous talheres! Mr. Richon cêa comigo.

— Não, senhor, respondeu Richon, isso não é possível.

— Então quereis cear só como aquelle gentilhomem?

— Que gentilhomem?

— Aquelle que está lá em cima.

— Como se chama elle?

— O visconde de Cambes.

— Pelo que vejo conheceis o visconde.

- Si o conheço! salvou-me a vida.
- Quem? elle?
- Sim, elle.
- E então como?
- Ceai comigo, e contar-vo-lo-si em quanto cearmos.
- Não posso tal fazer; ceio com elle.
- Com effeito, elle está á espera de alguém.
- Por mim é que espera, e como me tenho demorado, permittir-me-eis que me retire, senhor barão?
- Não, com todos os diabos! tal não permittirei! exclamou Canolles. Metteu-se-me na cabeça que cearia de companhia com alguém, e por tanto ou vós ceareis comigo, ou eu convosco; senhor Biscarros, doust talheres.»

Mas em quanto Canolles se voltava para vêr si esta ordem era executada, Richon enfiára a escada, e subia-lhe rapidamente os degraus. Chegando ao ultimo, a sua mão encontrou uma pequena mão que o encaminhou para o quarto do visconde de Cambes, cuja porta se fechou depois de dar-lhe entrada, e cujos dous ferrolhos fôrão corridos para maior segurança.

« Na realidade, rosnou Canolles buscando de balde com os olhos o desaparecido Richon, e assentando-se á sua meza solitaria; na realidade, não sei que má sorte me persegue nesta maldita terra; uns correm atraz de mim para matar-me, outros fogem de mim como se estivera empestado. Não sei como me sinto; perco a vontade de comer; a tristeza de mim se apossa; sou capaz de embebedar-me esta noite como um soldado allemão. Olá, Castorin, vinde cá, quero

dar-vos uma tunda. Mas que é isso! fecham-se
lá em cima como quem conspira. Ah! quão s-
tupido sou com effeito; isto agora é que me dá
a explicação de tudo. Actualmente por quem
conspiram elles? Será a favor daquelle coadjutor?
dos principes? do parlamento? do rei? da re-
iua? de Mazarin? Ora conspirem lá contra
quem quizerem, isso para mim é igual; já não
tenho fastio. Castorin, mandai servir a cêa, dei-
tí-me vinho no copo, eu vos perdôo. »

E Canolles encetou filosoficamente a primeira
cêa, que fôra preparada para o vi-conde de Cam-
bes, e que, por falta de novas provisões, o se-
nhor Biscarros se via obrigado a servir requen-
tida.

Em quanto o barão de Canolles buscava de-
balde quem com elle ceasse, e cansado das suas
infructuosas diligencias, se decidia por fim a cear
só, vejamos o que se passa em casa de Nanon.

Apezar de quanto tenho dito, e escripto os
seus inimigos, e no numero destes inimigos haja
mister contar a maior parte dos historiadores
que della se occuparam, era nesta época uma en-
cantadora creatura de vinte e cinco a vinte e seis
annos, de pequena estatura, trigueira, porte agil
e airoso, vivas e frescas as côres, e olhos sum-
mamente negros, cuja córnea limpida raiava,
como a dos gatos, todos os fôgos, e todos os re-
flexos. Festival na superficie, risonha na appa-
rencia. Nanon estava todavia bem longe de sub-
meter o seu espirito a todos es-es caprichos, e
a todas essas futilidades que bordam de loucos
arabescos a trama macia e dourada, de que or-
dinariamente se compõe a vida de uma mulher

garrida; muito pelo contrario, as mais graves deliberações, madura, e largamente ponderadas na sua cabeça inquieta, tomavam um aspecto cheio ao mesmo tempo de seducção, e de lucidez, sendo transmittidas por aquella voz vibrante, em que estava profundamente impresso o accento gascão. Ninguem teria advinhado, ao ver aquella mascara rosada de feições finas, e risonhas, que por detraz daquelle olhar cheio de promessas voluptuosas, e todo sciattillante de vivos ardores, se achasse a perseverança infatigavel, a tenacidade invencivel, e a profundidade dos intuitos do homem de estado. E com tudo t es erão as qualidades ou os defeitos de Nanon, conforme os quizerem examinar, ou pela face ou pelo reverso da medalha, tal era o espirito calculador, tal era o coração ambicioso, aos quaes servia de envoltorio um corpo cheio de elegancia.

Nanon era natural de Agen. O senhor duque d'Epemon, filho daquelle inseparavel amigo de Henrique IV, que se achava na sua sege no momento em que a faca de Ravillac o feriu, e a cujo respeito não deixaram de conceber se suspeitas, que sôram retumbar nos ouvidos de Catherine de Medicis; o senhor duque d'Epemon, nomeado governador da Guienna, onde a sua arrogancia, as suas insolencias, e as suas exações o tinham feito execrar, olhára com distincção para esta pequena burguezia, filha de um simples advogado. Tinha-a namorado, e della triunfára a muito custo, depois de uma defeza sustentada com toda a habilidade de um grande tactico, que quer fazer sentir ao seu vencedor

todo o preço da sua victoria. Mas em compensação da sua reputação já agora perdida, Nanon arrebatára ao duque o seu poder, e a sua liberdade. Passados seis mezes da sua amizade com o governador da Guienna, era ella quem na realidade governava esta bella provincia, fazendo pagar com usura aos que outr'ora a haviam offendido, ou humilhado, os agravos e offensas que delles recebêra. Raiuha por casualidade, fêz-se tyranna por calculo, presentindo com a sua subtil intelligencia que era preciso supprir por meio do abuso á brevidade provavel do reinado.

Em consequencia, de tudo lançou mão, de tudo se apoderou, thesouros, influencia, honras. Foi rica, deu empregos, recebeu as visitas de Mazarin, e dos primeiros senhores da côrte; combinando com admiravel destreza os diversos elementos de que dispunha, fez delles uma amalgamação util ao seu credito, e proveitosa á sua fortuna. Cada serviço que Nanon fazia tinha a sua taxa. Um posto no exercito, um emprego na magistratura, tudo tinha o seu preço: Nanon mandava conceder este posto, ou este emprego; mas pagavam-lhos em bella, e boa moeda, ou com algum rico, e real presente: de maneira que desapossando-se de um fragmento de poder em beneficio de alguem, ella recuperava este fragmento em outra especie, dando a autoridade, mas guardando para si o dinheiro, que é o nervo della.

Isto dá a explicação da duração do seu reinado; por quanto os homens, no seu odio, hesitam em derrubar um inimigo a quem possa restar uma consolação. O que a vingança quer é uma

ferisse para mais tarde, quer o ruído que fazia o amor que Mr. d'Épernon lhe tinha, houvesse absorvido o ruído que podiam fazer outros amores secundarios, os seus mesmos inimigos não haviam sido pródigos de escandalo para com ella; e Canolles podia com alguma razão erer, dominado pelo seu amor proprio pessoal, e nacional, que Nanon fôra invencivel antes da sua chegada. Quer tivesse Canolles effectivamente sido o objecto do primeiro impulso amoroso daquelle coração só accessivel á ambição, quer houvesse a prudencia aconselhado aos seus predecessores uma discrição absoluta, Nanon, sua amante, devia ser uma encantadora mulher; mas Nanon ofendida devia ser uma inimiga terrivel.

O conhecimento de Nanon, e de Canolles fizera-se do modo mais natural. Sendo Canolles tenente no regimento de Navailles, quizera ser capitão; para isso teve de escrever a Mr. d'Épernon, coronel geral da infantaria. Foi Nanon quem leu a carta: respondeu como costumava, crendo ser um negocio de que houvesse de tratar, e para isso convidou Canolles a ir fallar-lhe em sitio aprazado. Canolles escolheu entre as joias da sua familia um anel magnifico, e que valeria cinco mil francos, o que sempre era mais barato do que comprar uma com anhia, e foi ter ao lugar determinado; mas desta vez o vencedor Canolles, precedido do seu acompanhamento pomposo de conquistas amorosas, pôz em derrota os calculos, e a fiscalisação de mademoiselle de Lartigues. E a a primeira vez que via a Nanon; era a primeira vez que Nanon o via; eram ambos jovens, formosos, e e pirituo-

ruína total, é uma prostração completa. Os povos expulsam com pezar um tiranno que lhes levasse o seu ouro, e que se iria rindo. Nanon de Lartigues tinha dous milhões de francos de seu.

Este era o motivo porque ella vivia com uma especie de segurança em cima daquelle volcão, que sem cessar tudo abalava em roda della; vira o odio popular ir subindo como a maré, engrandecer, e alluir com as suas vagas o poder de Mr. d'Épernon, que expulso de Bordeos em um dia de cólera, arrastára comsigo a Nanon, do mesmo modo que a lancha segue o navio. Nanon cedo á tormenta, decidida a de novo se levantar, quando ella tivesse passado; tomára a Mazarin por modelo, e humilde discipula, praticava de longe a politica do astuto, e flexivel Italiano. O cardeal observou esta mulher, que ia engrandecendo, e enriquecendo por aquelles mesmos meios que o haviam feito primeiro ministro possuidor de uma fortuna de cincoenta milhões, admirou a pequena Gascoa; ainda fez mais, não se lhe oppôz; talvez que mais tarde se venha a saber o motivo porque assim o fez.

Sem embargo de tudo isso, e apezar de que alguns que diziam estar mais bem informados, pretendessem que ella se correspondia directamente com Mazarin, pouco se fallava das intrigas politicas da bella Nanon. O mesmo Canolles, que quanto ao mais era bello, moço, e rico, não podia comprehender que fôsse preciso ser intrigante, nem sabia formar juizo a tal respeito. Quanto ás intrigas amorosas de Nanon, que r esta, occupada de mais graves cuidados, as dif-

305. A conferencia passou-se em cumprimentos reciprocos; do negocio que tinham de tratar não se disse palavra, mas nem por isso deixou de ficar coucluido. No dia seguinte Canolles recebeu a sua patente de capitão, e quando o anel precioso passou do seu dedo para o de Nanon, não foi já como preço da ambição satisfeita, mas como prenda do amor feliz.

Quanto á explicação da residencia de Nanon perto da aldêa de Matifou, a historia no-la dá. O duque d'Epéron, como já o dissemos, fizera-se aborrecer na Guienna. Nanon, a quem tinham feito a honra de transformá-la em um mau genio, alli se tornára execranda. O tumulto do povo expulsou-os de Bordeos, eos impelliu para Agen. Mas em Agen o tumulto tornou a principiar. Um dia derribaram, em uma ponte, a carruagem dourada em que Nanon ia ter com o duque. Nanon, sem que se soubesse como tal acontecêra, achou-se no rio, e foi Canolles quem delle a tirou. Uma noite pegou fogo na casa que ella occupava na cidade, e foi tambem Canolles que tam a proposito penetrou até ao seu quarto, e que a salvou do fogo. Nanon julgou que em uma terceira tentativa os Agenezes poderiam ser mais bem succedidos, pois sem embargo de que Canolles se apartasse della o menos que lhe fôsse possível, seria um milagre que se achasse sempre em circumstancias de a poder salvar do perigo. Aproveitou-se pois da partida do duque que ia dar uma volta pelo seu governo, e de uma esolta de mil e duzentos homens, de que o regimento de Navailles tinha fornecido a parte que lhe competia, para sahir da cidade ao mesmo

tempo que Canolles, olhando com desprezo da portinhola da sua sege para a gentilha, que bem quizera fazer em pedaços a sege, mas que a isso se não atrevia.

Então o duque, e Nanon escolheram, ou para melhor dizer, Canolles escolhêra secretamente para elles a pequena casa de campo, onde se assentou que Nanon ficaria em quanto se lhe não apromptasse uma casa em Libourne. Canolles alcançou uma licença para ir, segundo parecia, terminar em sua casa alguns negocios de familia, mas na realidade para ter o direito de apartar-se do seu regimento que voltára para Agen, e não se affastar demasiado de Matifou, onde a sua presença tutelar era mais urgente que nunca. Com effeito, os acontecimentos principiavam a tomar uma gravidade assustadora: os principes de Condé, de Conti, e de Longueville, presos a 17 de Janeiro precedente, e encerrados em Vincennes, offereciam aos quatro ou cinco partidos em que então estava dividida a França, um excellente pretexto de guerra civil. A impopularidade do duque d'Epéron, que todos sabiam seguir o partido da côrte, era cada vez maior, apesar de que razoavelmente se pudesse esperar que não fôsse possível ir a mais. Uma catastrophe desejada por todos os partidos, que na estranha situação em que a França se achava não sabiam ás quantas andavam, tornava-se imminente. Nanon, como os passaros que de longe vêem aproximar-se a tempestade, desapareceu do horizonte, e tornou a entrar no seu ninho de folhagem, para alli esperar, obscura, e ignorada, os acontecimentos.

Deu-se por uma viuva que procura o retiro: desta maneira, do que bem nos devemos lembrar, é que a tinha designado o estalajadeiro Biscarros.

Mr. d'Epéron tinha por tanto vindo visitar, na vespera, a linda reclusa, dando-lhe a saber que partia para ir dar uma volta pela provincia, no que empregaria uns oito dias. E tanto que elle se pôz a caminho, Nanon mandára pelo recebedor, que era seu protegido, duas palavrinhas a Canolles, que, graças á sua licença, se conservava naquelles arredores. O bilhete original que continha aquellas duas palavrinhas, tinha desaparecido nas mãos do mensageiro, e se convertêra em uma copia de convite escripta pela mão de Cauvignac. A este convite é que o manco se apressava a acudir, quando o visconde de Cambes o detivera a quatrocentos passos do ponto a que se dirigia.

O resto nós o sabemos

Nanon esperava por tanto a Canolles, como espera uma mulher que ama, isto é, puxando dez vezes n'um minuto pelo seu relógio, chegando a cada momento á janella, escutando o menor ruído, interrogando com os olhos o sol vermelho, e esplendido que se occultava por detraz da montanha para dar lugar ás primeiras sombras da noite. Em primeiro lugar, batêram á porta da frente, e ella mandou Francineta, porém nada mais era do que o moço da cosinha, que trazia a cêa, a que faltava o convidado. Nanon lançou os olhos á antecamara, e viu o falso mensageiro de Biscarros, que do seu lado, fixava os seus olhos no quarto de dormir, onde es-

tava posta uma pequena meza com dous talheres. Nanon recommendou a Francineta que conservasse as viandas quentes, fechou de novo tristemente a porta, e voltou para a sua janella, que lhe mostrava, tanto quanto o podia vêr no meio das trévas, a estrada vazia.

Uma segunda pancada, uma pancada dada de um modo particular retumbou na porta de traz, e Nanon exclamou: « Ei-lo ahí! » Mas, com o receio de que ainda não fôsse elle, deixou-se ficar de pé, e immovel no meio do caminho. Passado um instante abre-se a porta, e Francineta apparece no lumiar della com ar consternado, muda, tendo na mão o bilhete. A joven senhora vendo o papel, dá um pulo para a criada, arranca-lho da mão, abre-o rapidamente, e lê com angustia.

Nanon ficou meia morta com a leitura delle: verdade é que muito amava a Canolles; mas nella a ambição era um sentimento quasi igual ao amor, e perdendo o duque d'Epéron, perdia não só toda a sua fortuna futura, mas talvez que tambem a sua fortuna passada. Com tudo, como era mulher sagaz, começou por apagar a vela, que deixaria ver a sua sombra, e correu á janella: era mais que tempo, quatro homens se aproximavam da casa, d'onde já não distavam mais de uns vinte passos. O homem de capote era o que vinha adiante, e Nanon, sem que nisso pudesse ter a minima duvida, reconheceu o duque: neste momento Francineta entrava com uma vela na mão. Nanon lançou um olhar de desesperação á meza, aos dous talheres, ás duas cadeiras, ás duas almofadas bordadas, cuja alvu-

ra insolente tanto sobresahia em meio do crame-
si das cortinas de damasco, e por fim ao seu en-
cantador desalinho, que em tamanha harmonia
estava com todos estes preparativos.

« Estou perdida, » disse ella lá comsigo.

Mas quasi no mesmo instante cahiu em si, e
um sorriso lhe deslizou pelos beiços. Mais promp-
ta que o relampago, lançou mão do simples copo
de cristal destinado para Canolles, e atirou com
elle para o jardim, tirou de um estojo o copo de
ouro com as armas do duque, collocou ao pé do
seu prato o talher de prata dourada do duque,
e depois fria de terror, mas com um sorriso
composto á pressa, desceu apressadamente os
degraus da escada, e chegou a porta no momen-
to em que alli acabava de retumbar uma pau-
cada grave, e solemne.

Fraucineta quiz abri-la; mas Nanon lhe se-
gurou o braço, empurrou-a para o lado, e com
aquelle rapido olhar que tão bem completa o
pensamento das mulheres que assim se acham
surpresas:

« O senhor duque é que eu espero, disse ella,
e não Mr. de Canolles. Servi a cêa. »

Depois correu ella mesma os ferrolhos, e lan-
çando-se ao pescoço do homem de pluma bran-
ca, que se dispunha a fazer-lhe uma carranca
das mais ferozes:

« Ah! exclamou Nanon, o meu sonho não me
enganou. Vinde, meu querido duque, estais ser-
vido, e vamos ceiar. »

D'Epernon ficou estupefacto; mas como as
caricias de uma linda mulher sempre sam mui
agradaveis, deixou-se abraçar. Lembrando-se

porém no mesmo instante das terríveis provas que tinha na sua mão :

« Devagar, mademoiselle, será bom que nos expliquemos. »

E fazendo com a mão um signal aos seus acólitos que se afastaram respeitosa-mente, sem todavia se retirarem de todo, entrou só, e com passo grave e compassado na casa.

« Que é o que tendes, meu querido duque? lhe disse Nanou com uma alegria tão bem fingida, que poderia julgar-se natural. Dar-se-ha caso que esquecesses alguma cousa a ultima vez que aqui viestes, pois olhais para todos os lados com tanto cuidado ?

— Sim, disse o duque, esqueceu-me dizer-vos que não era um patéta, um Geronte, como o que Mr. Cyrano de Bergerac faz entrar nas suas comedias, e tendo-me esquecido de vo-lo dizer, volto em pessoa para vo-lo provar.

— Não vos comprehendo, senhor, disse Nanon no tom mais sereno, e mais franco. Peço-vos que vos expliqueis. »

Os olhos do duque fixaram-se nas duas cadeiras, das duas cadeiras passaram aos dous talheres, dos dous talheres aos dous travesseiros. Nestes se demoraram mais tempo, e a vermelhidão da cólera subiu ao rosto do duque.

Nanon antevira tudo isto, e esperava o resultado do exame com um sorriso, que deixava vêr os seus dentes tam brancos como perolas, com a unica differença, que este sorriso muito se as- similhava a uma crispatura, e aquelles dentes tam brancos teriam batido uns nos outros, si a angustia os não houvera apertado.

O duque tornou a olhar para ella colérico.

« Eu sempre espero as ordens de vossa senhoria, disse Nanon com uma graciosa reverencia.

— As ordens de minha senhoria, disse elle, é que me expliqueis qual é o motivo desta cêa.

— O motivo, como já vo-lo disse, é porque tive um sonho que me annunciava que apesar de vos terdes apartado de mim hontem, voltaríeis hoje. Ora os meus sonhos não me enganam nunca. Mandei por tanto preparar esta cêa para vós. »

O duque fez uma careta com tenção de fazela passar por um sorriso ironico.

« E essas duas almofadas? disse elle,

— Dar-se-ha caso que vossa senhoria tenha intencão de ir pernoitar em Libourne? Em tal caso, o meu sonho ter-me-ia enganado, porque me annunciava que ficaríeis aqui. »

O duque fez segunda careta ainda mais significativa do que a primeira.

« Esse elegante desalinho, senhora? e esses exquesitos perfumes?

— E' traço de que costume fazer uso quando espero por vossa senhoria. Estes perfumes procedem das almofadinhas de cheiro que meto nos meus armarios, e que vós me dizíeis que preferíeis a todas as mais, visto que este era tambem o gosto da rainha.

— Então vós me esperaveis? continuou o duque com uma risota ironica.

— Ora, senhor, disse Nanon franzindo as sobancelhas por seu turno, parece-me que tendes

« desejos de passar revista aos armarios. Dar-se-
ha caso que sejais cioso? »

O duque revestiu-se de um ar magestoso:

« Eu cioso! oh! não, graças a Deos, não sou
capaz de tornar-me ridiculo até tal ponto. Ve-
lho, e rico, sei naturalmente que tenho de ser
enganado; mas áquelles que me enganam, que-
ro pelo menos provar-lhes que não deixo de co-
nhecer o engano.

— E como lhes provareis isso? disse Nanon,
tenho muita curiosidade de sabê-lo.

— Oh! isso não será difficil; bastar-me-ha
mostrar-lhes este papel, »

O duque tirou um papel da algibeira.

« Eu não sonho, disse elle: na minha idade
já se não sonha, nem ainda estando acordado;
mas eu recebo cartas. Lêde esta que não deixa
de ser interessante. »

Nanon pegou a tremer no bilhete que lhe a-
presentava o duque. e estremeceu vendo a es-
crita; mas este estremecimento foi impercepti-
vel, e pôz-se a lêr:

« O senhor duque d'Epernon saberá que um
« homem, que de seis mezes a esta parte tem
« grande familiaridade com madama Nanon de
« Lartigues, deve ir á sua casa esta tarde, e nella
« ficará para cear, e passar a noite.

« Como se não quer que o senhor duque d'E-
« pernon tenha a menor incerteza a este res-
« peito, participe-lhe que este rival feliz cha-
« ma se o senhor barão de Canolles. »

Nanon enfiou; o golpe era terrivel.

« Ah! Roland! Rolando! disse ella em voz —

baixa, eu com tudo julgava-me desembaraçada de ti.

— Estou eu bem informado? disse o duque com ar triunfante.

— Muito mal informado, respondeu Nanon, e si a vossa policia politica não é mais bem feita do que a vossa policia amorosa, eu vos lastimo:

— Vós me lastimais?

— Sim, senhor; porque em fim, esse Mr. de Canolles, a quem fazeis a honra gratuita de crer que é vosso rival, não está aqui, e de mais disso vós podeis esperar, e ver si elle vem.

— Elle já veio!

— Elle! exclamou Nanon; isso não é verdade. » Desta vez havia um accento de profunda verdade na exclamação da accusada.

« Quero dizer que veio, e chegou até uns quatrocentos passos daqui, e que parou, o que foi uma felicidade para elle, na estalagem do *Bezerro de ouro*. »

Nanon comprehendeu que o duque não estava tam adiantado como o ella crêra ao principio; encolheu os hombros, por quanto outra idéa, que sem duvida lhe suscitára esta carta, que ella voltava, e tornava a voltar na sua mão, principiava a brotar no seu espirito.

« Será possível, disse ella, que um homem de genio, um dos mais habéis politicos do seculo, tenha a indiscrição de dar credito a cartas anonimas?

— Mas em fim, por mais anonima que seja, que explicação dais desta carta?

— Oh! a explicação não é difficil: é uma consequencia dos obsequios que nos fazem os nos-

308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

Nanon percebeu que a fisionomia do duque, longe de se desenrugar, cada vez se tornava mais trombuda

« A explicação seria boa, disse elle, si a famosa carta que attribuis aos vossos amigos, não tivesse um certo postscripto, que na turbação em que estaveis vos esquecestes de lér. »

O corpo todo da joven senhora se arripou de susto; muito bem via ella, que si o acaso não acudisse em seu soccorro, não poderia sustentar muito tempo a lufa.

— Um postscripto! repetiu ella.

— Sim; lêde, disse o duque; tendes a carta nas vossas mãos. »

Nanon esforçou-se em sorrir-se; mas ella mesma muito bem sentia que as suas feições contrahidas já se não prestavam a esta demonstração de serenidade; contentou-se por tanto de lér com o accento mais firme que lhe foi possível:

« Tenho nas minhas mãos a carta de made-
« moiselle de Lartigues a Mr. de Canolles, na
« qual o encontro de que vos fallo, está apra-
« zado para hoje á noite. Eu darei esta carta em
« troca de uma assignatura em branco, que o
« senhor duque mandará entregar por um ho-
« mem só em um batel no rio Dordonha, de-
« fronte da aldêa de Saint-Michel-la Rivière, ás
« seis horas da tarde. »

— E tivestes a imprudencia! disse Nanon.

— As vossas letras sam para mim tam preciosas, querida senhora, que entendi não poder pagar demasiado cara uma carta vossa.

— Expôr um tal segredo á indiscreição de um confidente! Ah! senhor duque!

— Estas especies de confidencias, senhora, recebem-se pessoalmente, e deste modo é que recebi esta. O homem que se dirigiu ao rio Dordonha fui eu mesmo.

— Então tendes a minha carta?

— Ei-la aqui. »

Nanon, por um esforço rapido da memoria, tentou lembrar-se do que se continha naquella carta. Mas não lhe foi possível; o seu cêrebro principiava a turbar-se.

Não teve por tanto outro remedio sinão pegar na sua propria carta, e tornal-a a lèr; apenas continha tres regras: Nanon lançou-lhe os olhos com avidéz, e reconheceu com indizivel alegria, que esta carta não a compromettia completamente.

« Lêde em voz alta, disse o duque; succedeme o mesmo que a vós; esqueci-me do que continha esta carta. »

Nanon tornou a achar o sorriso que debalde buscava alguns segundos antes, e cedendo ao convite do duque, lêu:

« Eu cearei ás oito horas. Estais desembarcado? Eu o estou. Em tal caso, sêde pontual
« meu querido Canolles, e nada receeis relativamente ao nosso segredo. »

— Parece-me que isto é bastante claro! disse o duque, pallido de furor.

— Eis o que me absolve, disse Nanon lá consigo.

— Ah! ah! continuou o duque, tendes um segredo com Mr. de Canolles? »

Nanon compreendeu que a minima hesitação, ainda que só fosse de um segundo, a deitava a perder. De mais disso, tivera tempo para amadurecer no seu cérebro o plano, que lhe inspirára a carta anonima.

« Ora pois, sabereis, disse ella cravando os olhos no duque, que tenho um segredo com este gentleman.

— Vós o confessais! exclamou o duque d'Épernon.

— Não posso deixar de assim o fazer, visto que não se vos pôde occultar cousa nenhuma.

— Oh! bradou o duque.

— Sim, eu esperava Mr. de Canolles, continuou Nanon com tranquillidade.

— Vós o esperaveis?

— Eu o esperava.

— E atreveis vos a nisso convir?

— Com toda a franqueza. Agora, sabeis vós quem é Mr. de Canolles?

— E' um presumpçoso, cuja imprudencia castigarei cruelmente.

— E' um nobre, e bravo gentleman, a quem continuareis as vossas bondades.

— Oh! juro-vos que tal não acontecerá!

— Nada de juramentos, senhor duque, pelo menos antes de eu ter fallado, respondeu Nanon sorrindo-se.

— Fallai pois, e isto sem mais demora.....

— Não tendes observado, vós que profundais o que ha de mais recondito no coração, continuou Nanon, todas as minhas preferencias para com Mr. de Canolles, as instancias que vos tenho feito a seu respeito, aquella patente de capitão que lhe alcancei, o dinheiro que lhe dei para uma viagem á Bretanha com Mr. de la Milleraye, aquella licença recente, e meu constante desvelo em servi-lo?

— Senhora, senhora, disse o duque, isto já passa dos limites!

— Pelo Santo Nome de Deos! senhor duque, esperai que vos tenha dito tudo.

— Que precisão tenho de esperar mais tempo, e que vos resta para dizer-me?

— Que tomo por Mr. de Canolles o mais ter-no interesse.

— Muito bem o sei, ah, muitobem!

— Que lhe tenho o mais extremoso affecto.

— Senhora, vós abusais....

— Que o servirei até á morte, e isto porque....

— Porque é vosso amante; isso não é difficil de advinhar.

— Porque, continuou Nanon lançando mão com um movimento dramático ao braço do duque, que tremia de raiva, porque é meu irmão!»

O duque d'Epernon deixou cair o braço.

— Vosso irmão! disse elle. »

Nanon fez um aceno affirmativo com a cabeça acompanhado de um sorriso de triumpho.

Depois passado um momento:

« Isto exige uma explicação! exclamou então o duque.

— E eu vou dar-vol-a, disse Nanon. Em que época morreu meu pai?

— Haverá, disse o duque fazendo o seu calculo, uns oito mezes.

— Em que época assignastes aquella patente de capitão para Mr. de Canolles?

— Parece-me que foi pouco mais ou menos por aquelle mesmo tempo, continuou o duque.

— Quinze dias depois, disse Nanon.

— Quinze dias depois. . . é possível.

— Muito triste é para mim, continuou Nanon, ter de revelar a vergonha de outra mulher, de divulgar um tal segredo. Mas o vosso estranho ciume a isso me impelle, as vossas maneiras crueis a isso me obrigam. Eu vos imito, senhor duque; deixarei de ser generosa.

— Continuai, continuai, exclamou o duque, que já principiava a sentir-se impressionado das fantasias, e contos que forjava a formosa Gascoa.

— Ora pois, meu pai era um advogado que não deixava de ter alguma celebridade; ha vinte e oito annos meu pai ainda era moço; meu pai sempre fôra formoso. Amava, ainda antes do seu casamento, a mãe de Mr. de Canolles, a qual lhe haviam recusado porque ella era nobre, e elle mecanico. O amor tomou á sua conta emendar, como muitas vezes acontece, o erro da natureza, e durante uma viagem de Mr. de Canolles. . . Comprendeis vós agora?

— Sim, mas como acontece que esta amizade da vossa parte para com Mr. de Canolles principiasse tam tarde?

— Porque só pela morte de meu pai é que vim no conhecimento do vinculo que nos unia;

porque este segredo estava depositado em uma carta que o mesmo barão me entregou chamando-me sua irmã.

— E onde está aquella carta? perguntou o duque.

— Não vos lembrais do incendio que tudo devorou em minha casa, as minhas joias, e alfaias mais preciosas, e os meus papeis mais secretos?

— Não ha dũvida, disse o duque

— Eu muitas vezes vos tenho querido contar esta historia, tendo toda a certeza de que tudo farieis a favor daquelle a quem chamo em voz baixa meu irmão; mas elle sempre me deteve, e sempre me rogou, e supplicou que poupasse a reputação de sua mã, que ainda vive. Respeitei os seus escrupulos, porque muito bem os comprehendia.

— Ah! e fazieis bem, disse o duque enternecido. Pobre Canailles!

— E com tudo, continuou Nanon, era a sua fortuna que elle recusava

— Isso é proprio de uma alma delicada, continuou o duque, e este escrupulo faz-lhe honra.

— Ainda mais tinha eu feito. Dera juramento de que nunca jámais este mysterio seria revelado a pessoa alguma neste mundo. As vossas suspeitas porẽm obrigaram-me a fallar. Desgraçada de mim! Faltei ao meu juramento; desgraçada de mim! atraícoei o segredo de meu irmão. . . . »

E Nanon debulhou-se em lagrimas.

O duque lançou-se aos seus joelhos, e beijou as suas lindas mãos, que ella, no estado de desalento em que se achava, lhe deixava tomar, em

quanto os seus olhos elevados ao Céu pareciam pedir a Deos perdão do seu perjúrio.

« Vós dizeis: desgraçada de mim! exclamou o duque. Dizei antes: quão felizes somos todos! Quero que aquelle querido Canolles seja indemnizado do tempo perdido. Não o conheço, mas quero conhecê-lo. Vós mo apresentareis, e ama-lo-ei como si fôra meu filho.

— Dizei como se fôra vosso irmão. » replicou Nanon sorrindo-se.

Passando depois a outra idéa:

« Malditos delatores! que monstros! » exclamou ella amarrotando a carta que fingiu deitar no lume, mas que guardou com todo o cuidado na sua algibeira, para mais tarde pedir contas ao autor della.

« Mas porque se não apresentará aquelle mancebo? Porque o não verei agora mesmo? Vou desde já mandal-o chamar no Bezerra de ouro.

— Ah! sim, disse Nanon, para que elle saiba que nada vos posso occultar, e que em menosprezo do meu juramento eu tudo vos disse.

— Eu serei discreto.

— Ora, senhor duque, sabereis que tenho de ter arengas comvosco, continuou Nanon com aquelle sorriso angelico que os demonios tão bem sabem arremedar.

— E porque, minha querida?

— Porque outr'ora gostaveis mais de achar-vos só comigo. Ceêmos, e amanhã pela manhã mandaremos chamar Canolles. (Daqui até amanhã, dizia comsigo Nanon, terei occasião de prevenil-o.)

— Seja embora, disse o duque, assentemo-nos á mesa. »

E, como quem ainda conservava alguma dúvida, ajuntou em voz baixa :

« Daqui até amanhã não a deixarei um só instante, e não achará meio de informal-o de cousa alguma, a não ser que seja feiticeira.

— Per tanto, disse Nanon pousando o seu braço no hombro do duque, ser-me-ha permitido interesar-me por meu irmão para com o meu amigo ?

— Sem a minima dúvida, continuou á'Epernon, tudo quanto quizerdes, dinheiro. . . .

— Oh ! dinheiro, disse Nanon, não o precisa; foi elle quem me deu este magnifico anel, em que vós fizestes reparo, e que foi de sua mãe.

— Então adiantamento ! disse o duque.

— Oh ! sim, adiantamento, Fal-o-emos coronel, não é assim ?

— Logo coronel ? Isso não é cousa tam facil, minha amiguinha, disse o duque ; para isso seria preciso que tivesse feito algum serviço á causa de Sua Magestade.

— Está prompto a fazer todos os serviços que se lhe indicarem.

— Oh ! disse o duque olhando de esguelha para Nanon. Ah ! eu bem poderia encarregal-o de uma commissão para a côrte. . . .

— Uma commissão para a côrte ! exclamou Nanon.

— Sim, replicou o velho cortezão ; mas isto separar-vos-ia um do outro. »

Nanon viu que lhe era indispensavel aniquilar este resto de desconfiança.

« Oh! quanto a isto, nada receeis. Que importa a separação, uma vez que della lhe resulte proveito! De perto eu servil-o-ia mal, visto que tendes ciumes delle; mas de longe vós o protegereis estendendo sobre elle a vossa poderosa mão. Desterrai-o, expatriai-o, si isso fôr para seu bem, e não vos inquieteis a meu respeito. Com tanto que eu conserve o amor do meu querido duque, que mais posso precisar para ser feliz?

— Ora pois, está dito, replicou o duque, amanhã pela manhã mandal o-ei chamar, e dar-lhe-ei as minhas instrucções. E agora com vós distes, continuou o duque lançando os olhos já com mais serenidade ás duas cadeiras, aos dous talheres, e ás duas almofadas, e agora, minha querida menina, vamos ceiar. »

E fôram ambos sentar-se á mesa de rostos rissonhos, de modo que a mesma Francineta, por muito habituada que estivesse, na sua qualidade de camareira de confiança, ás maneiras do duque, e ao character de sua ama, acreditou que esta se achava perfeitamente socegada e o duque completamente desenganado.

O cavalleiro que Canolles saudára com o nome de Richon, tinha subido ao primeiro andar da estalagem do Bezerro de ouro, e ceava em companhia do visconde.

Era elle a quem o visconde esperava com impaciencia, quando o acaso o fizera testemunha dos preparativos hostis de Mr. d'Epernon, e lhe dera occasião de fazer ao barão de Canolles o serviço assignalado que deixamos dito.

Havia oito dias que tiuha sahido de Paris, e

naquelle mesmo dia de Bordeos ; trazia por tanto noticias recentes ácerca dos negocios algum tanto embrulhados, que de Paris até Bordeos, se ordiam naquelle momento em tramas que davam cuidado. A' medida que ia fallando ora da prisão dos príncipes, que era o negocio do dia, ora do parlamento de Bordeos, que era a potencia daquelle sitio, ora do Sr. Mazarin, que era o rei daquelle momento, o mancebo observava em silencio o seu rosto varonil, e queimado, os seus olhos perspicazes que davam mostras da sua intrepidez, os seus dentes brancos, e agudos que appareciam debaixo dos seus compridos bigodes, signaes estes que faziam de Richon o typo do verdadeiro official de fortuna.

« Por tanto, disse o visconde passado um instante, a senhora princeza acha-se agora em Chantilly ? »

E' cousa sabida que deste modo é que se designavam as duas duquezas de Condé, com a unica differença de que a mãe ajuntavam o titulo de viuva.

« Sim, respondeu Richon; alli é que ella vos espera o mais cedo que seja possivel.

— E em que situação se acha ella alli ?

— E' um verdadeiro desterro ; alli é vigiada assim como a sua sogra com o maior cuidado, visto que na côrte suspeitam que ellas se não contentam com fazer requerimentos ao parlamento, e que maquinam alguma cousa de mais efficaz a favor dos príncipes. Desgraçadamente, como sempre acontece, o diaheiro... A proposito de dinheiro, recebestes vós o que vos era

devido? E' uma pergunta que muito me recom-
mendáram que vos fizesse.

— A muito custo disse o visconde, pude co-
brar umas vinte mil libras, que alli tenho em
ouro; e nada mais.

— E nada mais! E tratais isso de bagatella,
senhor visconde! bem se vê que sois um mil-
lionario: fallais com tamanho desprezo de uma
tal quantia, e em um momento como este!
Vinte mil libras! não seremos tam ricos como
o Mazarin mas seremos mais ricos do que o
rei.

— Crêdes pois, Richon, que este humilde
offerecimento será bem recebido da senhora
princeza?

— E com reconhecimento: dar-lhe-eis
com que pagar um exercito.

— Crêdes por tanto que precisaremos delle?

— De que? de um exercito? Sem a minima
dúvida; e occupamo-nos em reunil-o. Mr. de
Larochefoucauld alistou quatro centos gentis
homens, debaixo do pretexto de os fazer assistir
às exequias de seu pai. O duque de Bouillon
vai partir com um igual numero, si não fôr
maior, para a Guienna. Turenne promette fazer
uma incursão até Paris, com o fim de surpre-
nder Vincennes, e apoderar-se dos principes com
este súbito accommetimento; terá uns trinta
mil homens, todo o seu exercito do norte, ao
qual fará abandonar o serviço real. Oh! as
cozas vam tomando boa apparencia, continuou
Richon, não estejais inquieto; não sei si da
nossa obra recolheremos muito fructo, mas de
certo faremos muita bulha...

— E não encontrastes o duque d'Epéron ? interrompeu o maçoço, cujos olhos chammejavam de contentamento ao ouvir a enumeração das forças, que lhe promettiam o triunfo do partido a que se vinculára.

— O duque d'Epéron ? perguntou o official de fortuna arregalando os olhos, e onde quereis que o tenha encontrado ? Não venho de Agen, mas sim de Bordeos.

— Poderieis tel-o encontrado a poucos passos daqui, replicou o visconde sorrindo-se.

— Ah ! tendes razão; não é nestes contornos que vive a formosa Nanon de Lartigues ?

— A deus tiros de mosquete desta estalagem.

— Muito bem ! eis o que me dá a explicação da presença do barão de Canolles na estalagem do Bezerro de ouro.

— Conheceisl-o ?

— Quem ? o barão ? Sim. Até poderia dizer que sou seu amigo, si Mr. de Canolles não fosse de alta linhagem, em quanto eu não sou mais do que um pobre mecanico.

— Os mecanicos como vós, Richon, valem tanto como principes, na situação em que nos achamos. Creio que não deixareis de saber que livreis de ser espancado, ou talvez de alguma cousa ainda peor, o vosso amigo o senhor barão de Canolles ?

— Sim, senhor, elle disse-me duas palavras a este respeito, eu porém não lhe dei grande attenção ; tinha muita pressa de vir ter comvoseo. Estais certo de que elle vos não reconheceu ?

— Não e cousa facil reconhecer as pessoas que nunca se viram.

— Tendes razão, de que vos não advinhou, é que eu deveria ter dito.

— Com effeito, replicou o visconde, não tirava os olhos de mim. »

Richon surriu-se.

« Eu bem o creio, disse elle; não se encontram todos os dias gentishomens da vossa estofa

— E' um cavalleiro que me parece folgazão, disse o visconde passado um momento de silencio.

— Folgazão, e bom; um espirito encantador e um grande coração. Vós muito bem o sabeis, o Gascão nunca é mediocre: ou é excellente, ou nada vale. Aquelle é de bom toque. Em amor, como na guerra, é ao mesmo tempo um galanteador, e um bravo capitão; muito sinto que siga o partido contrario. Vós deverieis na realidade, já que o acaso vos pôz em communição com elle, aproveitar-vos da circumstancia para chamal-o ao nosso partido.»

Uma vermelhidão fugitiva deslizou como um meteóro pelas faces pallidas do visconde

— Pareceu-me muito futil o vosso amigo, disse o visconde.

— Oh! meu Deos! respondeu Richon com aquella filosofia melancólica que de vez em quando se encontra nos homens de vigorosa tempera, acaso somos nós tam serios, e tam razoaveis, nós que manejamos com as nossas imprudentes mãos o facho da guerra civil, como o fariamos com um cirio? Será um homem mui serio aquelle senhor coadjutor, que socega e amotina Paris com uma palavra? Será um homem mui serio aquelle Mr. de Beaufort, que exerce

uma tal influencia na capital, que lhe deram o nome do rei nas praças, e mercados? Será uma mulher mui seria aquella madama de Chevreuse que faz e desfaz os ministros a seu bel prazer? Será uma mulher mui seria aquella madama de Longueville, que todavia reinou tres mezes na casa da camara? Será uma mulher mui séria aquella senhora princeza de Condé, que ainda hontem se não occupava mais que de vestidos, joias, e diamantes? Emfim, será um chefe de partido mui sério aquelle senhor duque d'Eng-hien, que se occupa em manejar os titeres, que está em mãos das mulheres, e que a primeira vez que vestir calções será talvez para alvoroçar a França toda? E afinal eu mesmo, si levardes a bem que o meu nome se siga a tantos nomes illustres, serei uma personagem mui grave, eu que sou filho de um moleiro de Angouleme; eu, antigo criado de Mr. de Laroche-foucault; eu, a quem mez amo um dia, em vez de uma escova e um capote, deu uma espada que puz bravamente á cinta, improvisando-me homem de guerra? E com tudo eis o filho do moleiro de Angouleme, o antigo criado de Mr. de Laroche-foucault, feito capitão; eis o que levanta uma companhia, que reune quatro centos ou quinhentos homens, cuja vida vai por seu turno arriscar, fazendo della jogo, como si Deos lhe houvera dado o direito de assim o fazer. Eis o que vai marchando pela estrada das grandezas; eis-o que vai ser coronel, governador de praça; quem o pôde saber? Eis-o que chegará talvez a ponto de ter durante dez minutos, uma hora, e até um dia inteiro, o destino de um reino nas

suas mãos, Vós bem o vêdes, isto muito se as-
similha a um sonho, e com tudo eu o tomarei
por uma realidade, até ao dia em que alguma
grande catastrophe tenha de despertar-me..

— E naquelle dia, ajuntou o visconde, des-
graçados daquelles que vos despertarem, Ri-
chon; por quanto sereis um heróe...

— Um heróe, ou um traidor, conforme formos
ou mais fortes, ou mais fracos. No tempo do
outro cardeal, talvez me não houvera afoutado
a tanto, porque teria posto em jogo a minha ca-
beça.

— Deixai-vos disso, Richon, para que haveis
de querer persuadir-me que semelhantes con-
siderações sam capazes de deter um homem
como vós; vós que por todos sois designado
como um dos mais bravos soldados do exercito?

— Sim, não ha dúvida, disse Richon com um
intraduzivel movimento de hombros, fui bravo
quando o rei Luiz XIII, como seu rosto pallido
com o seu cordão azul da ordem do Espirito
Santo, e com os seus olhos brilhantes como
dous carbunculos, bradava com a sua voz estri-
dente, e mascando o seu bigode: « O rei vos vê;
adiante, senhores! » Mas quando tiver de achar
não já atraz, mas defronte de mim, no peito do
filho, aquelle mesmo cordão azul que ainda
estou vendo no peito do pai, e haja de gritar aos
meus soldados: « Fogo contra o rei de França! »
naquelle dia, continuou Richon abanando a ca-
beça, naquelle dia, senhor visconde, tenho medo
de ter medo, e de fazer fogo em sentido contra-
rio. ...

— Por onde andastes hoje, meu querido Ri-

Richon, que tudo encarais pelo lado mais desfavoravel? Ihe perguntou o mancebo. A guerra civil é cousa triste, muito bem o sei, porêm ás vezes torna-se necessaria.

— Sim, como a peste, como a febre amarella, como a febre negra, como a febre de todas as côres. Credes vós, por exemplo, que seja necessario, senhor visconde, que eu, que esta noite apertei com tamanho gosto a mão daquelle bravo Canolles, vá amanhã enterrar-lhe a minha espada na barriga, porque eu sirvo a senhora princeza de Condé, que de mim zomba, e elle ao senhor Mazarin, que d'elle zomba igualmente? E isso todavia é o que acontecerá. »

O visconde fez um movimento de horror.

« A não ser com tudo, continuou Richon, que eu me engane, e que seja elle quem me fure a barriga de qualquer modo que seja. Ah! vós outros não comprehendéis o que seja a guerra; não vêdes sinão um mar de intrigas, e nelle vos mergulhais como no vosso elemento natural; eu o disse outro dia a Sua Alteza, e ella nisso conveiu; vós viveistodos em uma esfêra, d'onde os fogos de artilharia, que nos matam, vos parecem simples fogos de artificio.

— Na verdade, Richon, disse o visconde, que me assustais, e si não tivesse a certeza de ter-vos ao meu lado para me proteger, não ousaria pôr-me a caminho; mas protegido pela vossa escolta, ajuntou o mancebo estendendo a sua delicada mão ao partidario, nada tenho que recear.

— A minha escolta, disse Richon, ah! nisso me fazeis pensar. Tereis de passar sem ella, se-

senhor visconde, pois que não posso acompanhar-vos.

— Mas não deveis vós voltar comigo para Chantilly ?

— Só dado caso que eu aqui não fôsse necessario, é que para lá devia voltar ; mas, como eu vol-o dizia, a minha importancia tanto tem subido de ponto, que recebi ordem positiva da senhora princeza de me não afastar dos arredores do forte, ácerca do qual parece que ha algum projecto. »

O visconde fez uma exclamação de susto.

— Partir deste modo, sem vós ! disse elle ; partir com aquelle digno Pompeu, que é cem vezes mais poltrão do que eu ! atravessar assim metade da França sò, ou quasi só ! Oh ! não, não partirei, eu vol-o juro ; eu morreria de susto antes que chegasse.

— Oh ! senhor visconde, replicou Richon dando uma gargalhada, então não vos lembrais já da espada que tendes pendente ao lado ?

— Ride, tanto melhor, mas eu não partirei. A senhora princeza prometeu-me que vós me acompanhariéis, e só debaixo desta condição é que dei a minha palavra.

— Fareis o que bem vos parecer, senhor visconde. disse Richon com affectada gravidade. Com tudo, em Chantilly contam com vosco, e ponderai-o bem, olhai que os principes sam mui promptos em perder a paciencia, sobre tudo quando esperam dinheiro.

— E para cúmulo de desgraça, disse o visconde. tenho de partir durante a noite. . .

— Tanto melhor, disse Richon a rir, não ve-

ram que tendes medo, e vós encontrareis algum mais poltrão de que vós, a quem fareis fugir.

— Vós assim o crêdes? disse o visconde, a quem esta promessa pouco alento dava.

— De mais disso, disse Richon, ha um meio de tudo conciliar. Não é por causa do dinheiro que tendes medo? Ora pois, deixai-me o dinheiro, mandal o-ei por tres ou quatro homens de confiança. Mas tudo bem ponderado. o meio mais seguro, aconteça o que acontecer, é serdes vós o portador delle.

— Tendes razão, vou partir, Richon, e, como cumpre ser completamente bravo, guardo o dinheiro. Creio que Sua Alteza, pelo que me dizeis, ainda mais necessidade tem de dinheiro que de mim; quem sabe si não seria mal recebido si lá chegasse sem elle?

— Eu bem vol-o disse quando entrei, que daveis ares de um heróe; além de que, por toda a parte ha soldados do rei, e nós ainda não estamos em guerra; com tudo não vos fieis muito nisso, e recommendai a Pompeu que carregue as suas pistolas.

— E' para me alentardes que me dizeis isto?

— Sem dũvida, quem conhece o perigo não se deixa surprender. Partí pois, continuou Richon levantando-se, a noite ha de estar boa, e antes que amanheça podereis chegar a Montlieu.

— E o nosso barão não se porá á espreita da nossa partida?

— Oh! neste momento faz o que nós acabamos de fazer, quero dizer que está ceando, e ainda que a sua cêa não valha tanto como a nossa, não é homeu que se levante da mesa sem

algum poderoso motivo. De mais disso vou ter com elle, e tratarei de o demorar.

— Então dai-lhe as minhas desculpas ácerca da minha incivilidade para com elle. Não quero caso o eucontre algum dia em menos generosa disposição do que hoje estava, que tenha pendencias comigo. Cá para mim entendo que o vosso barão não é para graças.

— Com razão o dizeis, seria muito capaz de seguir-vos até ao fim do mundo, ainda que mais não fôsse sinão para medir a sua espada com a vossa. Mas ficai socegado, que eu o cumprimentarei da vossa parte.

— Sim ; mas o que sómente vos peço, é que espereis me tenha posto a caminho.

— Não deixarei de assim o fazer.

— E para Sua Alteza não tendes commissão alguma ?

— Olá si tenho ; vós me recordais o mais importante.

— Vós escreveste-lhe ?

— Não, senhor, o que ha mister transmittir-lhe não passa de duas palavras.

— Quaes ?

— *Bordeos.* — *Sim.*

— Ella saberá o que isto quer dizer ?

— Muito bem o sabe ; e ouvidas estas duas palavras, pôde partir com toda a segurança ; dir-lhe-eis que eu respondo por tudo.

— Vamos, Pompeu, disse o visconde ao erialdo velho, que neste momento mettia a cabeça pela abertura da porta que acabava de abrir algum tanto, vamos meu amigo, é preciso partir.

— Oh ! oh ! partir, disse Pompeu. O senhor

de certo não repará em que estamos ameaçados de uma tempestade horrorosa.

— Que é o que dizeis, Pompeu? respondeu Richon; não vejo uma só nuvem no céu.

— Mas durante a noite podemos enganar-nos no caminho.

— Isso não seria facil; basta que tenhais o cuidado de seguir a estrada real; além de que faz um luar magnifico.

— Luar! luar! rosnou Pompeu; vós bem comprehendes, Mr. Richon, que não é por amor de mim que assim fallo?

— Sem dúvida; um soldado velho!....

— Quando um homem combateu contra os Hespanhoes, e foi ferido na batalha de Corbie... continuou Pompeu empantufando-se.

— Já se não tem medo de cousa nenhuma, não é assim? Ora pois, isso vem muito a proposito, por quanto o senhor visconde não deixa de ter alguns receios, eu disse vos previno.

— Oh! oh! disse Pompeu enfiando; vós tendes medo?

— Indo comtigo, meu bravo Pompeu. não o tenho, disse o mancebo. Eu bem te conheço, e sei que te farias matar primeiro que a mim chegassem.

— Sem dúvida, sem dúvida, replicou Pompeu; mas si com tudo tendes demasiado receio, seria bom esperar até amanhã.

— Não é possivel, meu bom Pompeu. Vai collocar este ouro na garupa do teu cavallo, e já vou ter comtigo no mesmo instante.

— E' uma quantia muito avultada para ex-

pôl-a deste modo, disse Pompeu, tomando o pezo aos alforges.

— Não ha perigo algum; pelo menos assim o diz Richon. Vejamos, está tudo prompto, pistolas, espada, mosquetes. . . .

— Sem dúvida vos esqueceis, respondeu o escudeiro velho, de que nunca deixa de ter tudo prestes o homem que foi soldado toda a sua vida. Sim, senhor visconde, tudo se acha no seu lugar.

— Vêde, disse Richon, si se pôde ter medo com similhante companheiro! Boa viagem pois, senhor visconde.

— Agradeço-vos o vosso bom desejo; mas o caminho é cumprido, respondeu o visconde com um resto de angustia, que o armarcial de Pompeu não podia dissipar.

— Qual! disse Richon, todo o caminho tem principio e fim. Apresentai os meus humildes obsequios á senhora princeza; dizei-lhe que sou todo della, e de Mr. de Laroche foucault até á morte; e não esqueçais as duas palavras que vos disse: *Bordeos* — *Sim*. Eu vou ter com Mr. de Canolles.

— Dizei-me pois, Richon, replicou o visconde segurando-o pelo braço no momento em que pnnha o pé no primeiro degrau da escada, si esse Canolles é tam bravo capitão, e tam bom gentilhomem como vós dizeis, porque não farieis alguma tentativa para chamal-o ao nosso partido? Poderia ir reunir-se comnosco ou em Chantilly, ou durante a viagem; tendo já algum conhecimento delle, eu o apresentaria. »

Richon olhou para o visconde com um tam singular sorriso, que este, lendo sem dúvida nos

gestos do partidario o que se passava no seu espirito, apressou-se a dizer-lhe :

« Quanto ao mais, Richon, dai por não dito o que vos eu disse, e fazei a este respeito o que entenderdes deve fazer-se. Adeus ! »

Estendendo-lhe a mão, recolheu-se ao seu quarto, ou porque receasse que Richon visse a subita vermelhidão que lhe assomára ao rosto, ou porque receasse ser ouvido por Canolles, cujas estrondosas gargalhadas se ouviam no primeiro andar.

Deixou por tanto descer a escada ao partidario, seguido de Pompeu, que levava a mala com uma negligencia apparente, para não dar lugar a que se suspeitasse o que nella se continha ; e havendo deixado passar alguns minutos apressou-se a ir vêr si não esquecêra coisa alguma, apagou as velas, desceu por seu turno com precaução, atreveu-se a lançar uma vista de olhos tímida a travéz da fenda luminosa de uma porta do andar terreo ; depois, embuçando-se n'um capote que Pompeu lhe puzera nos hombros, meteu o seu pésinho na mão do escudeiro, saltou com ligeireza em cima do seu cavallo, queixou-se surrindo do vagar do soldado velho, e desapareceu na escuridão.

No momento em que Richon entrára no quarto de Canolles, a quem havia de entreter em quanto o viscondesinho fizesse os seus preparativos de partida, um grito de alegria dado pelo barão, meio tombado na sua cadeira, provou que este não era homem que conservasse rancor.

Sobre a meza, no meio de dous corpos diafanos que haviam sido garrafas cheias, elevava-se

rochonchudo, e orgulhoso da sua rotundidade, um garrafão envolto em uma rede de caniços, por entre cujos interstícios a viva luz de quatro velas lhe fazia despedir centelhas de topázios, e de rubis: era um garrafão daquelle vinho de Collioure, cujo suave gosto tam grato é velho a um paladar já esquentado; formosas passas e figos, amendoas, biscoitos, queijos picantes, revelavam o calculo interesseiro do estalajadeiro, calculo cuja sábia exactidão denotavam duas garrafas despejadas, e outra em meio. Com effeito, nenhuma dúvida havia que todo aquelle que tocasse nesta sobremeza provocadora, de necessidade faria, por muito sóbrio que fôsse, um avultado consumo de liquido.

Ora Canolles uão fazia timbre de passar por anacoreta. Talvez que tambem, na sua qualidade de hugonote (Canolles era de familia protestante, e professava bem ou mal a religião de seus pais) talvez, dizemos nós, que na sua qualidade de hugonote, Canolles não acreditasse na canonição daquelles piedosos solitarios que tinham ganho o Céu bebendo agua, e comendo raizes. Por tanto, por muito triste, ou por muito namorado que estivesse, Canolles nunca era insensível á fragrancia de um bom jantar, ao aspecto daquellas garrafas de fórma particular, nem daquellas rolhas encarnadas, amarellas ou verdes que agrilhoam o mais puro sangue da Gascunha, da Champanha, ou da Borgonha. Nesta circumstancia Canolles cedêra, como costumava, aos encantos da vista; da vista passára ao olfato, e do olfato ao gosto; e como dos cinco sentidos com que o dotára aquella boa mãe commun, a

que damos o nome de senhora natureza, tres estavam completamente satisfeitos, os outros dous tomavam paciencia, e esperavam que chegasse a sua vez com summa resignação.

Neste momento é que Richon entrou, e foi dar com Çanolles bambaleando na sua cadeira.

« Ah! exclamou este, chegais muito a proposito, meu querido Richon, muita precisão tinha de encontrar-me com alguem, a quem fizesse o elogio do senhor Biscarros, e estava a ponto de vêr-me reduzido a gabal-o áquelle biltre de Castorin, que não sabe o que seja beber, e a quem nunca pude ensinar a comer. Olhai para esta prateleira, e lançai os olhos a esta meza, a que vos convido a assentar-vos. Não é este estalajadeiro do Bezerro de ouro um verdadeiro artista, um homem digno de que o eu recomende ao meu amigo o duque d'Epernon? Observai a delicadeza dos pratos, pois ninguém é mais capaz que vós de avaliar o seu merecimento. Além de tudo isto, uma boa sobremeza, e aquella garrafa de vinho de Collioure, que parece querer resistir, mas que terá de ser vencida como as mais sobre tudo si acommetter-mos ambos. Viva a alegria! estou de muito bom humor, e não posso deixar de confessar que Biscarros é um eminente professor. Assentai-vos alli Richon; vós ceastes, mas isso que importa! eu tambem já ceêi; mas isto nada faz ao acaso, principiaremos de novo.

— Muito obrigado, senhor barão, disse Richon a rir, não tenho já fome.

— Comvenho em que assim seja, pôde não ha-

ver fome, mas sêde sempre a deve haver; prova-me este vinho de Collioure. »

Richon chegou o seu copo.

« Pelo que vejo, continuou Canolles, ceastes com o vosso biltresinho de visconde. Ah! Richon, perdoai-me. Não, eu me engano, um lindo moço pelo contrario, a quem devo o prazer de saborear-me na vida pelo seu bom lado, em vez de dar a alma por tres ou quatro buracos que fazia tenção de fazer na minha pelle aquelle bravo duque d'Epernon. Devo pois estar muito agradecido áquelle lindo visconde, áquelle encantador Ganymedes. Ah! Richon, vós dais-me muitos ares de serdes o que todos dizem, isto é, um verdadeiro servidor de Mr. de Condé.

— Ora deixai-vos disso senhor barão, exclamou Richon soltando uma gargalhada; não tenhais semelhantes idéas, far-me-íeis morrer de riso.

— Morrer de riso! em tal não penseis, meu querido. O que porêm vos posso assegurar, meu caro Richon, é que me causa horror o vosso pequeno gentilhomem; interessar-se desse modo pelo primeiro bello cavalleiro que vê passar! »

E Canolles deixou-se cair na sua cadeira rebentando de riso, e retorcendo o bigode com um paroxismo de hilaridade, em que Richon não pôde deixar de tomar parte.

« Então, disse Canolles, não ha dúvida, meu querido Richon, com seriedade vol-o digo, que vós conspirais? »

Richon continuou a rir, mas com um riso menos franco.

« Talvez não saibais que eu tinha muito boa

vontade de mandar-vos prender, tanto a vós, como ao vosso gentilhomem? Ora isso não deixaria de ter a sua graça, e sobre tudo seria mui facil. Eu tinha á minha disposição os porta cacetes do meu compadre d'Epernon. Ah! Richon para o corpo de guarda, e o pequeno gentilhomem tambem! » E pôz-se a cantarolar.

Neste momento ouviu-se o galope de dous cavallos que se iam afastando.

« Olá! disse Canolles applicando o ouvido. O que é isto, Richon! sabeis-o vós? »

— Creio que suspeito o que seja.

— Fallai pois.

— E' o pequeno gentilhomem que parte.

— Sem dizer-me adeus! exclamou Canolles, não ha dúvida que é um sevandija.

— Nada disso, meu querido barão, é um homem que tem muita pressa, e nada mais. »

Canolles franziu as sobrancelhas.

« Que singulares maneiras! disse elle. E onde seria criado esse rapaz? Richon, meu amigo, podeis ficar certo de que a sua amizade não vos dá honra. Não é este o procedimento de um gentilhomem para com outros gentishomens. Com todos os demonios! parece-me que se lhe pudesse chegar, lhe esfregaria mui bem as orelhas. O diabo leve o pobre homem de seu pai, que sem duvida por mesquinheza, nem um mestre lhe deu! »

— Não vos enfadeis, senhor barão disse Richon a rir; o visconde não é tam mal criado como suppondes, visto que no momento de partir encarregou-me de vos exprimir o quanto lhe prezava de não ter tempo para fazer-vos as suas

despedidas, e recommendou me que vos fizesse mil cumprimentos da sua parte.

— Bom ! bom ! disse Canolles, agua benta da côrte, que de uma grande insolencia faz uma pequena descortezia; eis-ahi tudo. Estou levado dos diabos ; entrai em altereação comigo. Richon ! não quereis fazel-o ? Ora esperai. Sabeis, Richon , meu amigo , que vos acho mui feio ! »

Richon desatou a rir.

« Com o mau humor de que estais dominado senhor barão, disse-lhe elle, serieis capaz, si nos puzessemos a jogar, de ganhar-me esta noite mais de mil libras. »

Richon conhecia bem o genio de Canolles, e sabia o que fazia quando offerencia uma desem- bocadura ao mau humor do barão.

« Ah ! sim, o jogo ! exclamou elle. Sim, o jogo ! tendes razão. Meu amigo, eis uma palavra que me reconcilia comvosco. Richon, muito me agradais ; Richon, sois tam formoso como um Adonis, e dou o meu perdão a Mr. de Cambes. Castorin, traze-nos cartas ! »

Castorin logo se apresentou seguido de Biscarros : chegaram a banca de jogo, e os dous companheiros puzeram-se a jogar. Castorin, e Biscarros deixaram-se ficar de pé, um de cada lado da mesa para vêl-os jogar. Em menos de uma hora, apezar do predicção que fizera a Canolles, Richon ganhou ao seu contrario uns oitocentos francos. Então Canolles, que não tinha já dinheiro sobre si, ordenou a Castorin que o fosse buscar a sua mala.

« E' escusado, disse Richon, que lhe ouvira

dar a ordem ; não tenho tempo para dar-vos a vossa desforra.

— Como assim ! pois não tendes tempo ? disse Canolles.

— Não, senhor. São onze horas, disse Richon e á meia noite tenho de achar-me no meu posto.

— Deixai-vos de contos ! estais gracejando ? disse Canolles.

— Senhor barão, disse Richon com gravidade, sois militar, e por tanto muito bem sabeis qual é o rigor do serviço.

— Então porque não partistes antes de ganhar-me o meu diuheiro ? replicou Canolles, meio risonho e meio zangado.

— Acaso me reprehendericis de haver-vos feito uma visita ? perguntou Richon.

— Deus tal não permitta ! Com tudo, vejamos: não tenho a menor vontade de dormir, e não poderei deixar de aqui me aborrecer. Si vós me propuzesseis que vos acompanhasse, Richon ?

— Eu recusaria esta honra, senhor barão. Os negocios do genero daquelles de que estou encarregado, tratam-se sem testemunhas.

— Muito bem ! vós ides... para que lado ?

— Estava para rogar-vos que me não fizesseis esta pergunta.

— E para que lado foi o visconde ?

— E' dever meu responder-vos que nada sei a tal respeito. »

Canolles fixou os olhos em Richon para ficar certo de que a zombaria não entrava por cousa alguma nestas respostas algum tanto incivis : mas os olhos de bondade, e o sorriso tam franco do governador de Vayres desarmaram, si não a

sua impaciencia, pelo menos a sua curiosidade.

« Vamos, disse Canolles, esta noite estais todo recheado de misterios, meu querido Richon; haja porém liberdade completa; eu mesmo muito me teria zangado de que me houvessem seguido, ainda que a final de contas, o que me tivesse seguido ver-se-hia tam enganado como eu. Por tanto, vá lá mais um cópo deste vinho de Collioure, e boa viagem! »

E dizendo isto, Canolles encheu os cópos, e Richon depois de haver tocado o seu cópo com o do barão, e bebido á sua saude, saiu sem que este nem si quer se lembrasse de examinar qual fosse o caminho pelo qual se afastava; mas achando-se só no meio das velas meias consumidas, das garrafas vazias, das cartas espalhadas, o barão sentiu uma daquellas tristezas que só pódem ser bem comprehendidas quando se sentem; por quanto a sua alegria durante toda a noite fôra acompanhada do pezar de vêr mallogradas todas as suas esperanças, e por mais que quizesse aturdir-se, e esquecer este desgosto, não o pudéra alcançar completamente.

Arrastou-se pois para o seu quarto, lançando através das vidraças do corredor um olhar pezaroso, e colérico para a pequena casa isolada, uma janella da qual, illuminada por um reflexo avermelhado, e de vez em quando atravessada por algumas sombras, assaz indicava que mademoiselle de Lartigues passava uma noite menos solitaria que a sua.

No primeiro degrau da escada Canolles deu com a ponta do pé em alguma cousa; abaixou-se e apanhou uma das luvasinhas do visconde, que

este deixára cair ao sair precipitadamente da estalagem de Biscarros, e que sem dúvida não julgara assaz preciosa para que perdesse o seu tempo a procural-a.

Qualquer que fosse o conceito que disso fizesse Canolles em um momento de mysanthropia mai perdoavel a um amante, que se vê, como elle tam contrariado, o certo é que na pequena casa solitaria não reinava mais viva satisfação do que na estalagem do Bezerro de ouro.

Nanon, inquieta, e agitada toda a noite, revolvendo no seu pensamento milhares de planos para prevenir a Canolles, nuzera em pratica todo o espirito, e velhacaria de que é capaz uma cabeça de mulher bem orguisada, para sair-se da situação precaria em que se achava. Para isso não era preciso mais do que um momento surripiado ao duque para fallar com Franciæta e dous minutos para escrever uma regra a Canolles em um pedaço de papel.

Ter-se-ia porém dito que o duque, tendo suspeitas do que nella se passava, e penetrando a inquietação do seu espirito a travéz da mascara alegre de que ella cobrira o seu rosto, fizera proposito firme de lhe não deixar aquella liberdade de um momento, que todavia lhe era muito necessaria.

Nanon queixou-se de uma dôr de enxaqueca, mas Mr. d'Épernon não quiz consentir que se levantasse para ir buscar o seu vidro de espirito, e foi-lho buscar elle proprio.

Nanon picou-se com um alfinete, de que logo rebentou um rubi na ponta do seu dedo naca-rado, e quiz ir buscar á sua papeleira uma par-

cella daquelle famoso tafetá encerado de que principiavam a fazer apreço i a quella época. Mr. d'Épernon, infatigavel na sua complacencia, levantou-se, foi cortar a parcelasinha do tal tafetá encerado com uma destreza que muito a desesperava, e tornou a fechar a papeleira á chave.

Nanon fingia que dormia profundamente: quasi no mesmo instante o duque pôz-se a ressonar; então Nanon tornou a abrir os olhos, e ao clarão da lamparina, que estava sobre uma meza, tentou tirar o livrinho de lembranças da algibeira do sobretudo do duque, que estava ao pé da cama, e ao alcance da sua mão; mas no momento em que já tinha o lápis na mão, e acabava de rasgar uma folha de papel, o duque abriu um dos olhos.

« Que é o que fazeis, minha querida? lhe disse elle.

— Estava vendo si não haveria alguma folhinha no livrinho de lembranças, respondeu Nanon.

— E para que? perguntou o duque.

— Para vêr em que dia cai a festa do Santo do vosso nome.

— Eu chamo-me Luiz, e a minha festa cai a 24 de Agosto, como vós sabeis: tendes por tanto bastante tempo para fazer os preparativos della, minha querida. »

E tornou a pegar no livrinho de lembranças que ella tinha nas mãos, e o metteu de novo na algibeira do seu sobretudo.

Nanon, nesta ultima manobra, ganhára pelo menos um lápis, e papel. Metteu uma e outra cousa debaixo da sua almofada, e apagou com

toda a destreza a lamparina, esperando que poderia escrever nas trévas; mas o duque tocou no mesmo instante a campainha, e acudindo Francineta, pediu-lhe em altos brados luz, asseverando que sem ella não poderia adormecer. Francineta chegou antes que Nanon houvesse tido tempo de escrever metade da sua frase, e o duque, com receio de que se repetisse um accidente semelhante ao que acabava de acontecer, ordenou a Francineta que puzesse duas velas accesas na chaminé. Então é que Nanon declarou que não podia dormir com luz, e toda abraçada em uma febre de impaciencia, voltou o nariz para a parede, esperando o dia com uma ansiedade facil de comprehender.

Aquelle dia tam temido começou por fim a raiar por cima dos olmeiros, e fez empallidecer a luz das duas velas. O duque d'Epernon, que se prezava de seguir os habitos da vida militar, levantou-se ao primeiro raio que filtrou pelas janelas, vestiu-se sem ajuda de ninguem, para se não apartar um só momento da sua pequena. Nanon, pôz um chambre, e tocou a campainha para saber si não haveria alguma cousa de novo.

A resposta que Francineta deu a esta pergunta, foi trazer-lhe um masso de despachos, que Courtauvaux, o seu picador favorito, trouxera durante a noite.

O duque pôz-se a abril-os, e a lel-os com um dos olhos; o outro, a que o duque se esforçava em dar a expressão mais amorosa que lhe era possível, não o tirava de Nanon.

Nanon, si isso estivera na sua mão, teria feito em pedaços o duque.

« Sabeis vós, disse-lhe o duque depois de haver lido uma parte dos seus despachos, o que deverieis fazer, minha cara amiga ?

— Não, senhor, respondeu Nanon; mas si quizerdes dar as vossas ordens, serão pontualmente executadas.

— Seria mandar chamar vosso irmão, disse o duque. Recebo justamente de Bordeos uma carta que contém as informações que desejava. e poderia partir neste mesmo instante, e deste modo eu teria, quando voltasse, um pretexto para dar-lhe o commando que vós desejais. »

O rosto do duque exprimia a benevolencia mais franca.

« Vamos, disse consigo Nanon, animo ! quem sabe si Canolles não lerá nos meus olhos, ou não me compreenderá á primeira palavra que lhe eu dê ? »

Depois em alta voz.

« Mandai-o chamar vós mesmo, meu querido duque, » respondeu ella, porque desconfiava, que si ella se quizesse encarregar da commissão, o duque a isso se opporia.

D'Epernon chamou Francineta, e despachou-a para a estalagem do Bezerto de ouro, sem dar-lhe nenhuma outra instrução mais do que estas palavras :

« Dizei ao senhor barão de Canolles que mademoiselle Lartigues o espera para almoçar. »

Nanon lançou uma vista de olhos a Francineta, mas por muito eloquente que fosse esta vista de olhos, Francineta não podia nella lêr : « Dizei ao senhor barão de Canolles que eu sou sua irmã. »

Francineta partiu, comprehendendo que alguma enguia estaria occulta debaixo da rocha, e que esta enguia seria talvez alguma grande, e boa serpente.

Durante este tempo Nanon levantou-se, e foi collocar-se atraz do duque, de modo que puzesse logo que puzesse os olhos em Canolles, convidal-o a que se houvesse com cautela, e occupou se em preparar uma frase artificiosa, por meio da qual, logo ás primeiras palavras, o barão houvesse de ficar inteirado de tudo o que devia saber, para não ir tocar em notas discordes no terceto de familia que se ia executar.

Olhando de esguelha podia abranger toda a estrada, até aquelle cotovello onde na vespera Mr. d'Epernon se occultara com os seus esbirros.

« Ah ! disse de súbito o duque, eis Francineta que está de volta »

E cravou os seus olhos nos de Nanon, que então se viu obrigada a desviar os seus da estrada, para corresponder ao olhar do duque.

O coração de Nanon palpitava-lhe com força no peito; não pudera vêr mais que a Francineta, quando a Canolles é que quizera vêr, para procurar na sua fisionomia algum gesto que lhe desse alento.

Subiram os degraus : o duque preparou um sorriso ao mesmo tempo nobre, e amigavel. Nanon repelliu o rubor que lhe assomava ás faces, e alentou se para o combate.

Francineta bateu ligeiramente á porta

« Entrai ! » disse o duque.

Nanon affiou a famosa frase com que devia saudar a Canolles.

A porta abriu-se ; Francineta estava só. Nanon olhou para a antecâmara, e não via nella pessoa alguma.

« Senhora, disse Francineta com a imperturbavel serenidade de uma lacaia de comedia, o senhor barão de Canolles não está já na estalagem do Bezerra de ouro.»

O duque arregalou os olhos, e tornou-se sombrio.

Nanon levantou a cabeça, e respirou.

« Co no, disse o duque, o senhor barão de Canolles já não está na estalagem do Bezerra de ouro !

— Enganais-vos de certo, Francineta, ajantou Nanon.

— Senhora, disse Francineta, eu repito o que o senhor Biscarros em pessoa me disse.

— O meu querido Canolles terá sem dúvida adivinhado tudo, disse consigo Nanon. Tam espirituoso, e destro é, como bravo, e formoso.

— Ide no mesmo instante dizer ao senhor Biscarros que venha aqui, disse o duque com a sua má catadura dos dias aziagos.

— Oh ! presumo, disse Nanon precipitadamente, que terá sabido que vos achais aqui, e terá receado incommodar-vos. Aquelle pobre Canolles é tam timido !

— Elle timido ! disse o duque ; não é essa a reputação de que goza, segundo me parece.

— Não, senhora, disse Francineta, o senhor barão de Canolles partiu na realidade.

— Mas, senhora, disse d'Epéron, como póde dar-se que o barão tenha medo de mim, visto que Francineta só estava encarregada de cha-

mal-o da vossa parte? Então disseste-lhe que eu aqui me achava, Francineta? respondei.

— Não podia dizer-lho, senhor duque, visto que elle já lá não estava. »

Apezar desta prompta resposta de Francineta que se apresentava com toda a rapidez da franqueza, e da verdade, o duque pareceu novamente dominado de toda a sua desconfiança. Nanou, contente, não tinha já vontade de dizer palavra.

— Tenho sempre de voltar para chamar o senhor Biscarros? perguntou Francineta.

— Mais do que nunca, disse o duque com a sua voz grossa; mas talvez seja melhor que aqui fiqueis, pois vossa ama poderia precisar de vós, e eu lá mando Courtauvaux »

Francineta desapareceu. Passados cinco minutos, Courtauvaux estava esgaravatando na porta.

« Ide dizer ao estalajadeiro do Bezerro de ouro, disse o duque, que venha fallar-me; e quando vier que traga o que fôr preciso para um bom almoço. Dai-lhe estes dez luizes de ouro para que a comida seja boa. Ide sem mais demora. »

Courtauvaux recebeu o dinheiro na aba do seu jubão, e logo saiu para ir executar as ordens de seu amo.

Era um moço esperto, que sabia o seu officio, e que podia dar lições a todos os criados do seu tempo. Foi ter com Biscarros, e disse-lhe:

« Eu persuadi ao senhor que vos encommendasse um almoço fino; deu-me oito luizes, dous deyo guardal-os, pois me pertencem pela minha

commissão, eis-aqui por tanto seis para vós :
viude sem perder tempo. »

Biscarros, não cabendo em si de contentamento, atou em torno dos seus rins um avental branco, metteu na algibeira os seis luizes, e apertando a mão a Courtauvaux, pôz-se em caminho após o picador, que o conduziu ás carreiras até á pequena casa.

Desta vez Nanon não tremia : a certeza que lhe déra Francineta a socegára absolutamente : até sentia o mais vivo desejo de fallar com Biscarros. Foi por tanto introduzido logo que chegou.

Biscarros entrou com o seu avental elegantemente arregaçado, e com o seu barrete na mão.

« Não é verdade, disse Nanon ; que tinheis hontem em vossa casa um joven gentilhomem, o senhor barão de Canolles ?

— Que foi feito delle ? » perguntou o duque.

Biscarros, assaz inquieto, porque o picador, e os seis luizes de ouro lhe faziam presentir alguma grande personagem debaixo daquelle chambre, deu logo uma resposta evasiva :

— Sabereis, senhor, que elle partiu.

— Partiu, disse o duque, partiu na realidade ?

— Na realidade.

— Para onde foi ? perguntou Nanon por seu turno.

— Isso não vol-o posso dizer, pois que na verdade o ignoro, minha seuhora.

— Sabereis pelo menos a estrada que tomou ?

— A estrada de Paris.

— E a que horas se pôz em caminho ? perguntou o duque.

— Seria meia noite.

— E sem nada deixar dito ? perguntou Nannon com timidez.

— Sem nada dizer, deixou somente uma carta recommendando que fosse entregue a mademoiselle Francineta.

— E porque não entregastes esta carta ? disse o duque ; é esse o respeito que tendes á recommendação de um gentilhomem ?

— Eu entreguei lha, senhor.

— Francineta ! » bradou o duque.

Francineta, que estava escutando, não fez mais do que dar um salto da antecamara para o quarto.

« Porque não entregastes á vossa ama a carta que Mr. de Canolles deixára para ella ? perguntou o duque.

— Excellentissimo senhor . . . disse rosando a criada summamente espantada.

— Excellentissimo senhor ! disse consigo Biscarros consternado, e indo apalardar-se no angulo mais retirado do quarto ; excellentissimo senhor ! . . . é sem dúvida algum principe disfarcado.

— Eu não lha pedi, apressou-se a dizer Nannon toda enfiada.

— Dai-a. » disse o duque estendendo a mão.

A pobre Francineta apresentou vagarosamente a carta, pondo em sua ama uns olhos que querião dizer :

« Vós bem vêdes que a culpa não é minha : é aquelle estúpido de Biscarros que tudo deitou a perder. »

Um duplicado relampago saiu dos olhos de

Nanon, e foi apunhalar Biscarros lá no seu angulo.

O desgraçado alagava-se em suor, e de boa vontade dera os seis luizes que tinha na algibeira para achar-se nos seus fornos, com o cabo de uma caçarola na mão.

Durante este tempo o duque pegara na carta, abrira-a, e estava a lendo. Durante a leitura, Nanon em pé mais pallida, e mais fria do que uma estatua, não sentia já em si vida sinão no coração.

« Que quer dizer tudo isto? » disse o duque.

Nanon comprehendeu ao ouvir estas palavras, que a carta não a compromettia.

« Lêde em voz alta, e eu talvez que vol-o possa explicar, lhe disse ella.

« Querida Nanon, » lêu o duque.

E depois destas palavras voltou-se para a joven senhora, que serenando-se cada vez mais, supportou o seu olhar com uma admiravel audacia.

« Querida Nanon, continuou o duque, appro-
« veito-me da licença que vos devo, e vou para
« distrair-me, passar algum tempo a galopar na
« estrada de Paris. Até à vista; eu vos recom-
« mendo a minha fortuna. »

— Ora aquelle Canolles não pôde deixar de estar doudo!

— Doudo! então porque? perguntou Nanon.

— Pois é possível que se parta assim á meia noite sem motivo algum? perguntou o duque.

— Com effeito! disse Nanon fallando consigo mesma.

— Vejamos! dai-me a explicação desta partida.

— Ah! meu Deus! disse Nanon com um sorriso encantador, nada é mais facil, excellentissimo senhor.

— Ella tambem o trata por excellentissimo senhor, rosnou Biscarros. Não ha dúvida que é algum principe.

— Vejamos pois, fallai!

— Será possivel que não advinheis do que se trata!

— De certo que nada advinho.

— Ora pois, Canolles tem vinte e sete annos; é joven, formoso, leviano. A que loucura julgais vós que elle dá a preferencia? ao amor. Terá por tanto visto passar pela estalagem de Biscarros alguma formosa forasteira, e Canolles tê-la ha seguido.

— Amoroso! Crêdesl-o vós? exclamou o duque sorrindo-se com esta idéa mui natural, que si Canolles era amoroso de uma forasteira, qualquer que ella fôsse, não estava namorado de Nanon.

— Ah! amoroso sem dúvida; não é assim, senhor Biscarros? disse Nanon encantada de vêr que o duque adoptava esta idéa. Vejamos, respondei com franqueza; não vos parece que advinhei? »

Biscarros entendeu que era chegado o momento de congraçar-se com a joven senhora fallando no sentido della, e em quanto lhe assomava aos labios um sorriso de quatro polegadas de largo:

« Com effeito, disse elle, parece-me que a senhora não deixa de ter razão. »

Nanon deu um passo para o estalajadeiro, e disse estremecendo a seu pezar :

« Não é assim ?

— Eu pelo menos assim o julgo, senhora, respondeu Biscarros com certo ar de sagacidade.

— Vós assim o julgais ?

— Sim, senhora, esperai um instante ; com effeito, vós me fazeis pensar no caso.

— Ah ! contai-nos isso, senhor Biscarros, replicou Nanon, começando a deixar-se dominar das primeiras suspeitas do ciume ; vejamos, dizai quaes sam as forasteiras que pernoitaram em vossa casa esta noite ?

— Sim, dizei-o, disse d'Epernon estirando as pernas, e encostando os cotovellos n'uma poltrona.

— Não dei pousada a nenhuma forasteiras, » disse Biscarros.

Nanon respirou.

« A unica pessoa que lá passou a noite, continuou o estalajadeiro, sem reparar que cada uma das suas palavras fazia palpitar o coração de Nanon, foi um pequeno gentilhomem louro, delicado, gordinho, que não comia, nem bebia, e que tinha medo de pôr-se a caminho durante a noite. Um gentilhomem que tinha medo, continuou Biscarros fazendo um leve movimento de cabeça cheio de sagacidade ; vós bem me comprehendes, não é verdade ?

— Ah ! ah ! ah ! » disse com soberba alegria o duque caindo francamente na esparrella.

Nanon respondeu a este riso com um certo ranger de dentes.

« Continuai, disse ella, isso não deixa de ter sua graça ! E sem dúvida o pequeno gentilhomem esperava por Mr. de Canolles ?

— Isso não, senhora ; esperava para ceiar um corpolento senhor de bigodes, e até tratou com alguma dureza a Mr. de Canolles, quando este quiz ceiar com elle ; mas este bravo gentilhomem não se agastou por tam pouca cousa. E' um camarada atrevido, e empreendedor, segundo parece ; e com verdade o digo ! depois da partida do grande, que tomára á direita, correu apóz o pequeno, que tomára á esquerda. »

E apóz esta conclusão, que nenhum esclarecimento dava, Biscarros, vendo pintada a satisfação no rosto do duque, entendeu que lhe era permittido dar gargalhadas tam estrondosas que fizeram tremer as vidraças.

O duque, absolutamente socegado, teria abraçado a Biscarros, si este tivesse a mais pequena dôse de fidalguia. Quanto a Nanon, pallida, e com um sorriso convulsivo, e gelado nos seus beiços, escutava cada palavra que saia da boca do estalajadeiro com aquella fé devoradora, que impelle os ciosos a beberem a largos tragos, e até ás fezes o veneno que os mata.

— Mas que é que vos dá lugar a pensar, disse ella, que aquelle pequeno gentilhomem seja uma mulher ; que Mr. de Canolles esteja namorado daquella mulher, e que não siga a estrada real por capricho, e para matar o tempo ?

— O que me dá lugar a pensal-o ? respondeu Biscarros, que se empenhava em fazer penetrar

a convicção no espirito dos seus ouvintes ; ten-
de paciencia um momento, eu vol-o vou dizer.

— Sim, dizei-nol-o, meu querido amigo, re-
plicou o duque: vós na realidade nos dais mui-
to gosto.

— Vossa excellencia tem demasiada bonda-
de! disse Biscarros. Eu vol-o digo já. »

O duque applicou o ouvido. Nanon ouvia a-
pertando os punhos.

« Eu de nada desconfiava, e até tomára desde
logo o pequeno cavalleiro louro por um homem
quando encontrei Mr. de Canolles no meio da es-
cada, tendo na mão esquerda o seu castiçal, e na
direita uma luvasinha, que elle examinava, e
cheirava apaixonadamente.

— Oh! oh! oh! disse o duque, cuja vontade
de rir, cada vez era maior, á proporção que se
iam desvanecendo os seus receios relativamente
á sua pessoa.

— Uma luva! repetia Nanon fazendo diligen-
cia por lembrar se si não seria ella que tivesse
deixado um tal penhor nas mãos do cavalleiro ;
uma luva do genero desta? »

E apresentou ao estalajadeiro uma das suas
luvas.

« Não, senhora, disse Biscarros, uma luva de
homem.

— Uma luva de homem! Mr. de Canolles olhar
para uma luva de homem, e cheiral-a com pai-
xão! Vós estais louco!

— Não o estou, pois era uma luva do peque-
no gentilhomem, do lindo cavalleiro louro, que
não bebia, que não comia, e que tinha medo de
pôr-se a caminho de noite ; uma luvasinha tam

pequena, que a custo nella entraria a mão da senhora, apezar de que sem dúvida alguma tenha uma delicada mão. »

Nanon deu um pequeno grito surdo, como si houvera sido ferida de um dardo invisivel.

« Eu me lisonjeio, disse ella fazendo um violento esforço, de que estais bastante inteirado, senhor, e de que sabeis tudo quanto desejaveis saber. »

E com beiços tremulos, dentes apertados, e olhos fixos, mostrava com o dedo a porta a Biscarros, que observando no rosto da joven senhora estes signaes de cólera, nada podia comprehender em tudo isso, e estava de boca aberta, e olhos arregalados.

« Se a ausencia deste gentilhomem, disse elle lá consigo, é um tam supremo infortunio, a sua volta seria uma grande ventura. Lisonjeçmos este nobre senhor, com uma doce esperanza, a fim de que tenha boa vontade de comer. »

Em virtude deste raciocinio, Biscarros revestiu-se do ar mais gracioso que lhe foi possivel, e lançando com um movimento cheio de graça a sua perna direita para diante :

« O certo é, disse elle, que o cavalleiro por fim partiu, mas tambem pôde voltar a todo o momento. »

O duque surriu-se quando tal ouviu.

« E' verdade, disse elle, e porque não voltaria elle? Quem sabe si não estará já de volta. Ide vêr isso, senhor Biscarros, e trazei-me a resposta. »

— Mas o almoço ! disse Nanon com viveza. Eu cá da minha parte estou morrendo de fome.

— E' muito justo, disse o duque; e Courtauvauz lá irá. Vinde cá, Courtauvauz, ide á estalagem do senhor Biscarros, e vêde si Mr. Canolles não terá voltado. Si alli o não achardes, perguntai por elle, informai vos, procurai o naquelles contornos. Tenho todo o empenho em almoçar com aquelle gentilhomem, parti sem mais detença. »

Courtauvauz partiu; e Biscarros, que observava o silencio, e enleio das duas personagens, deu mostras de querer emittir um novo expediente:

« Não vêdes vós, disse-lhe Francineta, que a senhora vos faz signal para que vos retireis? »

— Mais um momento! exclamou o duque; que indiscrição! dir-se-ia que não sabeis o que fazeis, minha cara Nanon; e então, os assados! Succede-me o mesmo que a vós! estou morrendo de fome. Vinde, senhor Biscarros, ajuntai estes seis luizes aos outros, é para pagar-vos a historia que nos acabais de contar. »

Depois do que deu ordem ao historiador para que cedesse o seu lugar ao cosinheiro: e, apressemo-nos a dizel-o, o senhor Biscarros não brilha no seguudo emprego menos que no primeiro.

Nanon com tudo tinha feito as suas reflexões, e abrangido com uma vista de olhostoda a situação em que a collocava a supposição de Biscarros: em primeiro lugar, seria mui exacta essa supposição? e por fim de contas, quando o fosse, Canolles não era desculpavel? Com effeito, que cruel logração não era para um bravo gentilhomem como elle, vêr que não tinha lugar aquel-

Je encontro ajustado de antemão? que vexame para elle vêr-se assim espiado, e perseguido pelo duque d'Epemon, e reduzido á necessidade, que lhe impunham, a elle Canolles, de assistir, para assim dizer, ao triumpho do seu rival! Era tal a paixão de Nanon, que attribuindo esta fuga a um paroxismo de ciúme, não só desculpou, mas até lamentou a Canolles, chegando a ponto de quasi se applaudir de ser assáz amada para provocar da sua parte esta pequena vingança. Mas tambem, primeiro que tudo, era preciso cortar o mal pela raiz, era preciso deter os progressos deste amor apenas nascente.

Aqui, uma reflexão terrivel deslizon pelo espirito de Nanon, produzindo nella o effeito de um raio que lhe caisse aos pés.

« Si aquelle encontro de Canolles, e do pequeno gentilhomem, houvesse sido premeditado! »

Mas isso era uma loucura da parte della, visto que o pequeno gentilhomem esperava um cavalleiro de bigodes, visto que tratára com dureza a Canolles, visto que o mesmo Canolles não reconheceu talvez o sexo do desconhecido sinão quando por acaso fôra achada uma das suas luvas.

Não importa, era preciso contrariar a Canolles.

Então, armando-se de toda a sua energia, voltou para o duque, que acabava de despedir Biscarros carregado de cumprimentos, e de recommendações.

« Que desgraça, senhor, disse ella, vêr-se aquelle louco de Canolles privado, pelo seu es-

touvamento, de uma honra, como a que vos dignaveis fazer-lhe! Si estivesse presente, a sua sorte futura estava segura; com a sua ausencia, talvez que perca quanto podia esperar.

— Mas, disse o duque, si o tornarmos a achar. . . .

— Oh! tal não acontecerá, disse Nanon; si o negocio é de mulher, de certo que não terá voltado.

— A isso não posso dar remedio, minha querida, respondeu o duque; a juventude é a idade dos prazeres; é joven, e diverte-se.

— Mas eu, disse Nanon, eu que sou mais razoavel que elle, seria de parecer que se lhe fôsse turbar algum tanto aquella alegria intempestiva.

— Ah! irmã ralhadora! exclamou o duque.

— Elle não o levaria a bem no primeiro momento, continuou Nanon, mas de certo me ficaria mais tarde agradecido.

— Ora pois, vejamos, concebestes algum plano? Eu nada desejo tanto, caso tendes algum, como adoptá-lo eu mesmo.

— A isso estais pois decidido?

— Sim, senhora, explicai-vos.

— Não quereis mandal-o á rainha para levar-lhe a toda a pressa uma noticia?

— Sem dúvida, mas si elle não tiver voltado?

— Ordenai que corram apóz elle, e visto que segue a estrada de Paris, em todo o caso será outro tanto caminho ganhado.

— Pela minha fé, que tendes razão.

— Deixai isso por minha conta, e Canolles receberá esta ordem hoje á noite, ou amanhã ao mais tardar. Eu vol-o affianço.

- Mas quem mandareis vós?
— Precisois de Courtauvaux?
— Nenhuma precisão tenho delle.
— Ponde-o á minha disposição, e eu o enviarei com as minhas instrucções.
— Oh! que boa cabeça de diplomatico! muitos progressos haveis de fazer, Nanon.
— Fique eu eternamente na escola de um tam bom mestre, disse Nanon, é tudo quanto desejo. »
- E lançou o seu braço ao pescoço do velho duque, que estremeceu de alegria.
« Que deliciosa peça pregaremos ao nosso namorado! disse ella.
— Hade ser cousa digna de contar-se, minha querida.
— Na verdade, eu bem quizera correr apóz elle para vêr a cara que fará ao mensageiro.
— Desgraçadamente, ou antes felizmente, não é cousa possível, e tendes de ficar ao meu lado.
— Sim, mas não percamos tempo. Vamos, senhor duque, escrevei a vossa ordem, e ponde Courtauvaux á minha disposição. »
- O duque pegou n'uma penna, e escreveu n'um pedaço de papel:
« Bordeos, não. »
- E assignou-o. Depois na capa deste despacho laconico, escreveu o seguinte sobrescripto:
« A Sua Magestade a rainha Anna d'Austria,
« regente da França. »
- Nanon, da sua parte, escreveu duas regras, que juntou ao papel, depois de as haver mostrado ao duque:
« Meu querido barão, como muito bem o

« vêdes, o despacho incluso é para Sua Mage-
« tade a rainha. Ficais responsavel pela sua en-
« trega, levai-o sem a minima demora ; trata-se
« da salvação do reino !

Vossa boa irmã

NANON.

Ainda bem não tinha acabado este bilhete, quando se ouviu no fundo da escada um ruido de passos, e Courtauvoux, subindo apressadamente, abriu a porta com o semblante risonho de um homem que traz uma noticia, que sabe ser esperada com impaciencia.

« Eis-aqui Mr. de Canolles que encontrei a cem passos daqui, » disse o picador.

O duque arrancou uma exclamação de benevolencia, e surpresa ; Nanon enfiou, e correu para a porta dizendo em voz baixa :

« Está pois escrito que o não evitarei ! »

Neste momento uma nova personagem se apresentou á porta, vestido com magnificencia, de chapéu na mão, e sorrindo-se com o modo mais gracioso.

Um raio que tivesse caído aos pés de Nanon não lhe houvera de certo causado maior sobresalto do que esta inesperada apparição. nem lhe houvera provavelmente arrancado uma exclamação mais dolorosa do que aquella que a seu pesar escapou da sua bocca.

« Elle ! exclamou Nanon.

— Sem dúvida, minha boa irmãsinha, respondeu uma voz muito meiga. Mas perdoai, continuou o proprietario desta voz dando com os olhos no duque d'Epéron ; perdoai ! talvez que vos venha causar incommodo ? »

E fez a mais profunda cortezia ao governador da Guienna, que o recebeu com um gesto benévolo.

« Cauvignac ! » disse Nanon, mas em voz tam baixa, que este nome antes foi pronunciado pelo coração, do que pelos beiços.

« Sêde muito bem vindo, Mr. de Canolles, disse o duque dando mostras de grande satisfação ; vossa irmã, e eu não fizemos mais que fallar de vós desde hontem á noite, e desde hontem á noite muito vos desejamos.

— Ah ! vós me desejaveis ! na verdade ? disse Cauvignac fixando em Nanon uns olhos, onde transluzia uma indefinivel expressão de ironia, e d'ávida.

— Sim, disse Nanon ; o senhor duque teve a bondade de desejar que lhe fosseis apresentado.

— O receio de ser importuno, senhor, disse Cauvignac inclinando-se diante do duque, é que unicamente me impediu de reclamar mais cedo esta honra.

— Com effeito, senhor barão, disse o duque, tenho admirado a vossa delicadeza ; mas não posso deixar de vol-a estranhar.

— A mim, senhor ! estranhar-me a minha delicadeza ! Ah ! ah !

— Sim, porque si a vossa boa irmã não tivesse tomado a peito os vossos negocios. . .

— Ah ! disse Cauvignac lançando um olhar de eloquente reprehensão a Nanon ; ah ! minha boa irmã tomou a peito os negocios. . . do senhor ?

— Seu irmão ! disse com viveza Nanon ; que cousa pôde haver mais natural ?

— E ainda hoje mesmo , a que devo eu o prazer de vêr vos ?

— Sim, disse Cauvignac, a que deveis vós senhor, o prazer de vêr-me ?

— Ao acaso ! ao simples acaso, que foi parte para que volta-seis.

— Ah ! disse consigo Cauvignac, parece que eu tinha partido.

— Sim, vós tinheis partido, mau irmão ! e sem disso me prevenirdes sinão com duas palavras, que nada mais fizeram do que aggravar a minha inquietação.

— Que quereis vós , minha querida Nanon, é muito preciso perdoar alguma cousa aos namorados, disse o duque sorrindo se.

— Oh ! oh ! isto vai-se complicando muito, disse Cauvignac consigo. Estou namorado, segundo parece.

— Vamos, disse Nanon , confessai que o estais.

— Eu não o negarei, replicou Cauvignac com um sorriso triunfante, lidando por arrancar de todos os olhos algum átomo de verdade, com o socorro do qual pudesse forjar uma alentada mentira.

— Sim, sim, disse o duque, mas almocemos, si fôr do vosso agrado. Contar-nos-eis, senhor barão, os vossos amores em quanto almoçarmos. Francineta, um talher para Mr. de Canolles, Creio, capitão, que não tereis almoçado.

— Não, senhor, e até confessarei que o fresco da manhã deu me boa vontade de comer.

— Dizei que o da noite, travesso mancebo, disse o duque, visto que desde hontem andais correndo pelas estradas.

— Pela minha fé! que desta vez, disse em voz baixa Cauvignac, o cunhado advinhou. Seja assim embora; eu o confesso, o ar da noite...

— Pois então, disse o duque dando o braço a Nanon, e passando para a sala de jantar, seguido de Cauvignac, ahi tendes, pelo menos assim o espero, com que satisfazer a vossa boa vontade de comer, por muito violenta que seja.»

Com effeito, Biscarros tinha-se esmerado; as iguarias não eram numerosas, mas deliciosas, e succulentas. O vinho branco da Guienna, e o vinho tinto de Borgonha caíam da garrafa como perolas de ouro, e cascatas de rubis.

Cauvignac não comia, devorava.

« Este rapaz não o faz mal, disse o duque; mas vós, Nanon, porque não comeis?

— Porque não tenho já fome.

— Querida irmã! exclamou Cauvignac. E quando penso que o prazer de vêr-me é que lhe tirou a vontade de comer, não posso na realidade deixar de arguil-a por tanto me amar.

— Nanon, esta aza de franga? disse o duque.

— E' para meu irmão, senhor, para meu irmão, » disse a joven senhora, que via despejar se com medonha rapidez o prato de Cauvignac, e que muito receava vê-lo renovar os seus chascos depois da desappareição dos viveres.

Cauvignac adiantou o seu prato com um sorriso de summo agradecimento. O duque pôz a aza no seu prato, e Cauvignac o collocou diante de si.

« Vamos lá, quem os conta de novo, Canolles? disse o duque com uma familiaridade que Cauvignac tomou por muito bom agouro. Está entendido, que não vos fallo de amores.

— Antes pelo contrario fallai delles, excellentissimo senhor; nada de constrangimento, disse o manco, a quem os vinhos de Bordeos, e Borgonha, combinados em doses successivas, e iguaes, principiavam a desferrolhar a lingua e que, tomando um nome emprestado, não receava ser desmascarado por quem conhecia a fraude.

— Oh! senhor, elle é muito galhofeiro, disse Nanon.

— Então podemos convidal-o a dizer alguma cousa acerca do pequeno gentilhomem? perguntou o duque.

— Sim, disse Nanon, do pequeno gentilhomem que encontraste hontem de tarde.

— Ah! sim, no caminho que eu seguia, disse Cauvignac.

— E depois na estalagem de Biscarros, ajuntou o duque.

— E depois na estalagem de Biscarros! replicou Cauvignac, não ha dũvida que assim foi.

— Então encontraste-o na realidade? perguntou Nanon.

— Aquelle pequeno gentilhomem?

— Sim.

— Que figura era a delle? Vejamos! dizei-mo com franqueza.

— Pela minha fé, continuou Cauvignac, que era um mocinho encantador: louro, delicado, elegante. Viajando com uma especie de eseuideiro.

— E' isso mesmo, disse Nanon mordendo os beiços.

— E estais namorado delle ?

— De quem ?

— Do pequeno gentilhomem louro, delicado, e elegante

— Ora essa não é má ! disse Cauvignac. Que é o que quereis dizer ?

— Conservais sempre a luvasiola sobre o vosso coração ? continuou o duque rindo surrateiramente.

— A luvasiola ?

— Sim, aquella que hontem á noite cheiraveis, e beijaveis tão apaixonadamente.

Cauvignac não sabia já ás quantas andava.

« Aquella enfim, que vos deu suspeitas do ardil, da me-ta-mor-fose, continuou o duque carregando em cada syllaba.

Cauvignac tudo comprehendeu quando ouviu esta unica palavra.

« Ah ! exclamou elle, o gentilhomem era por tanto uma mulher ? ora pois dou-vos a minha palavra de honra, que eu disse tive algumas desconfianças.

— Já não resta a minima dũvida, rosnou Nanon.

— Dai-me pois de beber, minha mana, disse Cauvignac. Não sei quem despejou a garrafa que está do meu lado, mas dentro della já nada ha.

— Vamos ! vamos ! disse o duque, a cousa ainda é remediavel, visto que o seu amor não o impede de beber, nem de comer ; e disse não resultará damno algum aos negocios do rei.

— Damno algum aos negocios do rei! exclamou Cauvignac, isso nunca. Os negocios do rei, estam primeiro que tudo. Os negocios do rei, isso é cousa sagrada! A' saude de Sua Magestade, excellentissimo senhor.

— Então, senhor barão, podemos confiar-nos no vosso zelo?

— No meu zelo em servir ao rei?

— Sim.

— Muito bem creio que em mim se podem confiar. Eu me deixaria fazer em postas por amor delle, e até...

— E' assim é de esperar, disse Nanou, recebendo que no entusiasmo que lhe davam os vinhos de Bordeos, e de Borgonha, Cauvignac se não esquecesse da personagem, cujo papel representava, para tornar a entrar na sua propria individualidade; e assim é de esperar, não sois vós capitão ao serviço de Sua Magestade, graças ás bondades do senhor duque?

— Nunca jámais disso me esquecerei, disse Cauvignac com uma commoção lagrimosa, e pondo uma das mãos sobre o seu coração.

— Ainda mais faremos, barão, sim, ainda mais faremos para o futuro, disse o duque.

— Obrigado, senhor, muito obrigado!

— E nós já temos começado.

— Na realidade?

— Sim. Vós sois demasiado tímido, meu joven amigo, continuou o duque d'Epemon. Quando precisardes de proteções, deveis recorrer a mim; agora que é inutil usar de rodeios, agora que nenhuma necessidade já tendes de oc-

caltar-vos, agora que estou sciente de que sois irmão de Nanon. . . .

— Senhor, exclamou Cauvignac, d'ora em diante dirigir me-ei a vós directamente!

— Vós mo prometteis?

— A isso me obrigo.

— Fareis muito bem. Entre tanto, vossa irmã dar-vos-ha a saber qual é o negocio de que se trata: ella vos entregará uma carta da minha parte. Talvez que a vossa fortuna dependa da mensagem que vos confio em virtude da sua recommendação. Abraçai os conselhos de vossa irmã, mancebo; abraçai os seus conselhos; é uma boa cabeça, um espirito distincto, um coração generoso. Amaí vossa irmã, barão, e ficai certo do meu affecto.

— Senhor, exclamou Cauvignac com vehemencia, minha irmã sabe até que ponto a amo, e que nada tanto desejo como vê-la feliz, poderosa, e rica.

— Este ardor me agrada, disse o duque; deixai-vos pois ficar na companhia de Nanon, em quanto eu mesmo me vou occupar de um certo tratante. Mas a proposito, barão, continuou o duque, talvez me poderieis dar algumas informações ácerca daquelle bandido?

— De boa vontade o farei, disse Cauvignac. Basta que eu saiba quem é o bandido de que vossa excellencia quer fallar; ha-os em grande numero, e de toda a especie, neste desgraçado tempo.

— Tendes razão, mas aquelle é um dos mais impudentes que eu tenho encontrado.

— Na realidade! disse Cauvignac.

— Aquelle miseravel, em troca da carta que vossa irmã vos escrevêra hontem, e de que se apossou por uma violencia infame, extorqui-me um papel assignado em branco.

— Uma assignatura em branco, é negocio muito serio! Mas que interesse tinheis vós, perguntou Cauvignac com ar de ingenuidade, em possuir aquella carta de uma irmã a seu irmão?

— Esqueceis-vos de que eu ignorava um tal parentesco?

— Ah! é verdade.

— E de que tinha a loucura, vós me perdoais, não é assim, Nanon? continuou o duque estendendo a mão á joven senhora, e de que tinha a loucura de ter ciumes de vós?

— Na realidade! ciumes por mim! Ah! senhor, nenhuma razão tinheis para isso.

— Eu queria pois perguntar-vos si tinheis alguma suspeita de quem fôra o sujeito que representára para comigo o papel de delator?

— Nenhuma tenho com effeito. . . Mas vós bem comprehendes, senhor, que taes acções não ficam impunes, e algum dia sabereis quem a commetteu.

— Sim, por certo, algum dia o saberei, disse o duque, e para isso tenho tomado as minhas precauções; mas antes houvera querido sabê-lo logo.

— Ah! replicou Cauvignac applicando o ouvido. Ah! vós para i-so tomastes as vossas precauções, excellentissimo senhor?

— Sim, sim; e o tal tratante mui feliz será si a sua assignatura em branco o não fizer enforcar.

— Oh! disse Cauvignac, e como podereis vós

distinguir aquella assignatura em branco das outras ordens que dais?

— A'quella eu puz-lhe um signal.

— Um signal?

— Sim, invisivel para todos, mas que eu poderei reconhecer mediante um processo chimico.

— Ora essa! disse Cauvignac, o que vós fizestes, excellentissimo senhor, é uma prova de grande engenho; mas ha mister tomar cuidado de que não tenha alguma suspeita do laço.

— Oh! isso não é de recer; quem quer is vós que lho vá dizer?

— Ah! verdade é, replicou Cauvignac; não será Nanon, não serei eu. . . .

— Nem eu, disse o duque.

— Nem vós! Por tanto tendes razão, excellentissimo senhor, não podeis deixar de saber algum dia quem é aquelle homem, e então. . . .

— E então, como estarei desobrigado da palavra que lhe dei, visto que em troca da assignatura em branco lhe terão dado o que desejava, então mandal-o ei enforcar.

— Amen! disse Cauvignac.

— E agora, continuou o duque, visto que me não podeis dar informação alguma relativamente áquelle patife. . . .

— Não, senhor. na realidade nada vos posso dizer a seu respeito.

— Ora pois, como vol-o ia dizendo, eu vos deixo com vossa irmã. Nanon, continuou o duque, dai a este mancebo as informações precisas, e sobre tudo que não perca tempo!

— Podeis ficar descansado, senhor.

— Assim, cá vos deixo a ambos. »

E o duque fez com a mão uma saudação benévola a Nanon, e um gesto amigavel a seu irmão, e desceu a escada promettendo que provavelmente voltaria antes que anoitecesse.

Nanon acompanhou o duque até ao patamar.

« Em boa e estava eu mettido ! disse Cauvignac, fez muito bem aquelle digno senhor em prevenir-me. Vamos, vamos, não é tam tolo como parece ! Mas que farei eu da assignatura em branco ? com todos os diabos ! farei o que se faz com uma letra de cambio : descontal-a-ei.

— Agora, senhor, disse Nanon tornando a entrar, e fechando a porta, agora, como acaba de o dizer o senhor duque d'Epéron, eis-nos aqui sós.

— Sim, minha querida irmãsinha, respondeu Cauvignac, eis-nos aqui sós ; eu vim unicamente para fallar com voseo ; mas, a fim de bem conversar é preciso estar sentado. Assentai-vos pois, eu vol-o rogo. »

E Cauvignac chegou uma cadeira para junto de si, e fez com a mão signal a Nanon de que esta cadeira era destinada para ella.

Nanon sentou-se com um franzimento de sobrancelhas que nada annunciava de bom.

« Em primeiro lugar, disse Nanon, porque vos não achais onde devíeis estar.

— Ah ! minha querida irmãsinha, essa pergunta da vossa parte não me lisonjêa muito. Si me achasse onde deveria estar, não estaria aqui, e por consequencia não teríeis o gosto de vêr-me.

— Não tinheis vós desejado receber as Ordens Sacras ?

— Eu não, senhora, dissei que algumas pessoas que por mim se interessam, vós mesma em particular, tivestes vontade de que as eu recebesse; mas quanto á minha pessoa, não tive uma vocação assaz intensa para a Igreja.

— Com tudo a vossa educação foi toda religiosa.

— Sim, minha querida, e julgo ter-me aproveitado della santamente.

— Nada de sacrilegio, senhor, nada de zombaria quando se trata das cousas santas.

— Eu não estou zombando, minha querida manasinha. Não faço mais do que narrar. Escutai: vós mandaste-me para o convento dos Minimios de Angouleme, a fim de alli fazer os meus estudos.

— E então?

— E então, eu os fiz. Sei grego como Homero, latim como Cicero, e theologia como João Hus. Por tanto, não tendo já nada que aprender no convento daquelles dignos Minimios, passei dalli, sempre em execução das vossas ordens, para o dos Carmelitas de Ruão, a fim de alli professar.

— Esqueceis-vos de dizer que eu tinha promettido estabelecer-vos uma renda de mil francos, e que cumpri a minha promessa. Mil francos para um Carmelita, era no meu entender mais que sufficiente.

— Não o nego, querida irmã; mas, debaixo do pretexto de que eu não era ainda Carmelita, o convento é que recebeu constantemente esta renda.

— Quando assim fôsse, não fizestes vós, consagrando-vos á Igreja, voto de pobreza ?

— Minha irmã, si eu fiz voto de pobreza, juro-vos que cumpri exactamente este voto : ninguém tem sido mais pobre do que eu.

— Mas como saistes vós do seu convento ?

— Ah ! eu vol-o digo ! como Adão saiu do Paraiso : a sciencia é que me deitou a perder , minha irmã, eu era demasiado sábio.

— Como é que podicis ser demasiado sábio ?

— Sim, figurai-vos que entre esses Carmelitas que bem longe estam de serem uns Erasmos, e uns Descartes, eu passava por um prodigio, de sciencia, bem entendido; d'onde resultou, quando o senhor duque de Longueville foi a Ruão sollicitar que esta cidade se declarasse a favor do parlamento, d'onde resultou, digo, enviarem-me áquelle mesmo Mr. de Longueville, a fim de cumprimental-o, o que fiz em termos tam elegantes, e tam selectos, que não só deu mostras de ficar mui satisfeito com a minha facundia, mas até me perguntou si eu queria ser seu secretario. Isto aconteceu justamente no instante em que ia pronunciar os meus votos.

— Sim, disso estou bem lembrada, e até, sob pretexto de fazerdes as vossas despedidas ao mundo, pediste-me mil francos, que eu vos mandei por mão propria.

— E dou-vos a minha palavra de honra, que fôram os unicos que recebi.

— Mas vós devieis renunciar ao mundo.

— Sim. senhora, essa era a minha intenção; mas tal não foi a da Providencia. que sem a minima dúvida lá tem os seus designios a meu res-

peito ; ella dispôz de mim de outro modo pelo orgão de Mr. de Longueville; ella não quiz que eu fosse frade. Conforme-me pois á vontade daquella boa Providencia, e cumpre-me confessal-o, não me arrependo de assim o ter feito.

— Então já não estais na religião ?

— Não, querida irmã, ao menos por ora. Dizer vos que nella não tornarei algum dia a entrar, é o que me não atreveria a fazer, por quanto qual é o homem que pôde na vespera dizer o que fará no dia seguinte ? Mr. de Rancé não acaba de fundar a ordem da Cartuxa ? Quem sabe si não farei como como Mr. de Rancé, e si não inventarei alguma ordem nova. Mas neste momento estou applicado á guerra, como bem vêdes, e por algum tempo, o que me tornou profano, e impuro ; na primeira occasião que se me offereça purificar me-ei.

— Vós, homem de guerra ! disse Nanon recolhendo os hombros.

— E porque não ? não vos direi que sou um Dunois, um Duguesclin, um Bayard, um cavalleiro sem medo, e sem mancha. Não, não chega o meu orgulho a ponto de dizer que nada tenho de que possa arguir-me, e não perguntarei, como o illustre cabo de partidarios Sforza, que cousa seja medo. Eu sou homem, e como diz Plauto : *Homosum, et nihil humanum à me alienum puto* o que quer dizer : Eu sou homem, e nada do que é humano me é estranho. Tenho pois tanto medo, como a todo homem é permittido que o tenha ; o que não obsta a que eu seja bravo quando a occasião se offerece. Sei manejar assaz agradavelmente, quando a isso me vejo obri-

gado, a espada, e a pistola ; mas a minha verdadeira inclinação, a minha vocação decidida, é para a diplomacia, como bem vêdes. Se não estou muito enganado, minha querida Nanou, chegarei a ser um grande politico, e a politica é uma bella carreira ; para isso basta olhar para o Sr. Mazarin, que si não fôr enforcado, irá longe. Ora pois, eu sou como o Sr. Mazarin ; e por isso um dos meus medos, o maior de todos é que me enforcem. É uma felicidade para mim que aqui estejais, querida Nanou, o que me dá muita confiança, e alento.

— Por tanto, sois um homem de guerra ?

— E homem de côrte, em caso de precisão. Ah ! a minha estada junto de Mr. de Lougueville foi-me muito util.

— E que aprendestes ao seu lado ?

— O que se aprende ao lado dos principes : a guerrear, a intrigar, a atraçoar.

— E aonde vos levou isso ?

— A' mais alta posição.

— Que vós tendes perdido ?

— Então isso que tem ! Mr. de Condé tambem perdeu a sua. Ninguem tem os acontecimentos na sua mão. Querida irmã ! tal como me vêdes, governei Paris eu mesmo !

— Vós !

— Sim, eu.

— Quanto tempo ?

— Uma hora e tres quartos, contados pelo relógio.

— Vós governastes Paris ?

— Como se fôra um Imperador.

— E como pôde tal succeder ?

— De uma maneira mui simples. Vós não ignorais que o Sr. coadjutor, Mr. de Gondy, o abbade de Gondy?...

— Muito bem!

— Era senhor absoluto da cidade. Ora pois naquelle momento, eu estava com o senhor duque d'Elbœuf. E' um principe Lorenez, e nem uma vergonha pôde haver em estar com Mr. d'Elbœuf. Ora, naquelle momento, Mr. d'Elbœuf era inimigo do coadjutor. Suscitei pois um motim a favor de Mr. d'Elbœuf, no qual lancei mão...

— De quem? do coadjutor?

— Nada disso. eu não saberia que fazer delle, e muito embaraçado me veria. Lancei mão da sua amiga, de mademoiselle de Chevreuse.

— Mas isso é cousa horrorosa! exclamou Nanon-

— Não é cousa horrorosa que um padre tenha uma amiga? Isso é justamente o que eu disse comigo. Por tanto o meu intento era apoderar-me della, e leval-a para tão longe que nunca jámais a tornasse a vêr. Mandeilhe pois dizer a elle qual era a minha intenção; mas aquelle diabo de homem tem umas razões a que não é possível resistir; mandou-me offerecer dez mil francos.

-- Pobre mulher! vêr-se assim posta em leilão!

— Como assim! devia pelo contrario dar-se por muito satisfeita; isso provou-lhe o quanto a amava Mr. de Gondy! Outro qualquer talvez não mostrasse tanto zelo em alcançar-lhe a liberdade.

— Então deveis estar rico?

— Eu ? disse Cauvignac.

— Sem dúvida, por meio dessas surripiaduras.

— Não me falleis mais em tal ; sabeí, Nanon que sou desgraçado ! A criada grave de mademoiselle de Chevreuse, que ninguem tratára de re-gatar, e que por consequencia ficára comigo, roubou-me aquelle dinheiro.

— Quando mais não seja, resta-vos, eu assim o espero, a amizade daquelles a quem servieis offendendo o coadjutor ?

— Ah ! Nanon. facil é de vêr que não conheceis os principes ! Mr. d'Elbœuf congratou-se com o coadjutor. No tratado que fizeram entre si, eu fui sacrificado. Vejo-me por tanto obrigado a pôr-me ao soldo do Sr. Mazarin ; mas este é um bigorriha, e como não proporcionava a recompensa ao serviço, acceitei o offerecimento que se me fez de tentar um novo motim em honra do conselheiro Broussel, e que tinha por objecto dar cabo do Sr. chanceller Séguier. Mas a minha gente, pouco déstra, não o matou completamente. No meio deste alvoroço é que eu corri o maior perigo que jámais me tenha ameaçado. Mr. de la Milleraye desfechou contra mim um tiro de pistola quasi á queimaroupa. Quiz a fortuna que eu me abaixasse; a bala passou por cima da minha cabeça, e o illustre marechal não matou sinão uma velha.

— Que enfiada de horrores! exclamou Nanon.

— Mas não, querida irmã; sam as consequencias necessarias da guerra civil.

— Agora comprehendo eu que um homem capaz de cousas semelhantes se tenha atrevido a fazer o que hontem fizestes.

— Então que fiz eu? perguntou Cauvignac com o ar mais innocente do mundo, e a que me at evi eu?

— Atreveste-vosa zombar na sua propria presença com uma personagem tam consideravel como Mr. d'Epéron ! Mas o que não comprehendo, o que nunca teria imaginado, eu o confesso, é que um irmão cumulado dos meus beneficos, tenha friamente concebido o projecto de deitar a perder sua irmã.

— Deitar a perder minha irmã ! . . . eu? disse Cauvignac.

— Sim, vós ! replicou Nanon. Não me foi preciso esperar pela narração que acabais de fazer-me, e que me prova serdes capaz de tudo, para reconhecer a letra deste bilhete. Vêde ! negareis vós que esta carta anonima seja escripta por vós ? . . . »

E Nanon pôz debaixo dos olhos de seu irmão a carta de delação, que o duque lhe entregára na vespera á noite.

Cauvignac lêu-a sem dar mostras de turbação.

« Ora pois, disse elle, que tendes contra esta carta ? Achal-a-icéis mal concebida por acaso ? Far-me-ia isso pena por amor de vós ; isso provaria que não tendes litteratura.

— Não se trata da sua redacção, senhor: o seu conteúdo é que se trata. Fostes ou não fostes vós quem escreveu esta carta ?

— Nen'uma dúvida ha que fui eu. Se houvera querido negar o facto, teria disfarçado a minha

letra ; mas isso era inutil ; nunca tive intenção de occultar-me aos vossos olhos ; eu até desejava que soubesseis que a carta era obra minha.

— Oh ! disse Nanon fazendo um gesto de horror ; vós o confessais ?

— E' um resto de humildade, querida irmã ; não posso deixar de vol-o dizer, eu era impellido por uma especie de vingança.

— De vingança ?

— Sim, muito natural.

— Vingança para comigo, desgraçado ! Mas ponderais vós o que dizeis ! Que mal vos fiz eu para que a idéa de vos vingardes de mim se apresente ao vosso espirito ?

— O que vós me fizestes ? Ah ! Nanon, ponde-vos no meu lugar. Sáiu de Paris, porque alli tinha muitos inimigos; desgraça esta que acompanha todos os homens politicos. Volto para vós, imploro-vos. Lembrai-vos disso ? recebestes tres cartas Não direis que não reconhecestes a minha letra; era absolutamente a mesma do bilhete anonymo, e de mais disso as cartas estavam assignadas. Eu vos escrevi tres cartas para pedir-vos uns miseraveis mil francos. Mil francos a vós, que possuis milhões. Era uma miseria. Ora pois, minha irmã repelle-me. Apresento-me em casa de minha irmã, e minha irmã não me quer receber. Era muito natural que me informasse, como o eu fiz Talvez que ella se ache em penuria, disse eu comigo; é chegado o momento de provar-lhe que os seus beneficios não caíram em terra ingrata; talvez que ella já não seja senhora de si; neste caso é digna de desculpa. Muito bem o vêdes. o meu coração lidava

por desculpar-vos, e então é que soube que minha irmã estava livre, feliz, rica, riquíssima, e que um barão de Canolles, um estranho, usurpa os meus privilegios, e se faz proteger em meu lugar. Então os ciumes fizeram-me dar volta ao miolo.

— Dizei a cubiça. Vós vendeste-me a Mr. d'Epernon, do mesmo modo que vendestes mademoiselle de Chevreuse ao coadjutor. Que vos importava, eu vol-o pergunto, que eu tivesse relações com o Sr. barão de Canolles ?

— A mim ! nada; nem pela idéa me passaria o inquietar-me com isso, si tivesseis continuado a ter relações comigo.

— Não sabeis vós que si eu dissesse uma unica palavra ao senhor duque d'Epernon, si lhe fizesse uma confissão franca, ficariéis perdido ?

— Com toda a certeza.

— Vós mesmo bem ouvistes ainda agora, e da sua propria boca, qual é a sorte que destina áquelle que lhe arrancou a sua assignatura em branco.

— Não me falleis disso ; eu estremecei até á medulla dos ossos; e foi-me preciso todo o poder que tenho sobre mim mesmo para me não dar a conhecer.

— E vós não tremeis, vós que todavia confessais que sabeis o que é medo ?

— Não, senhora, porque a tal confissão feita com franqueza provaria que Mr. de Canolles não é vosso irmão; porque as palavras da vossa epistola, sendo dirigidas a um estranho, offerecem uma significação mui desagradavel. Vale mais, crede-me, ter feito uma confissão capciosa, como

a que acabais de fazer, ingrata, não me atrevo a chamar-vos cega, pois demasiado vos conheço para dar-vos tal nome; mas ponderai pois quantas vantagens, por mim antevistas, resultam desta pequena alteração preparada pelos meus cuidados. Em primeiro lugar estaveis summamente embaraçada, e muito receaveis vêr chegar Mr. de Canolles. que, não estando prevenido, viria patinhar de um modo horrível no meio do vosso romancesinho de família. A minha presença, pelo contrario, tudo salvou. Vosso irmão não é já um misterio. Mr. d'Epernon adoptou-o, e até com muita bizzarria, cumpre-me dizel-o. Agora o irmão não tem já precisão de occultar-se, pois é da casa; dahi resulta a facilidade da correspondencia, e o poderdesvos encontrar tanto exterior, como interiormente; teado todavia cuidado que o irmão de cabello, e olhos pretos não tenha a indiscrição de vir olhar cara a cara para o senhor duque d'Epernon. Um capote assimilha-se enormemente a outro capote; e então, quando Mr. d'Epernon vir sair de vossa casa um capote, quem lhe irá dizer si é ou não um capote de irmão? A unica cousa que fiz, para render-vos serviço, foi desbaptizar-me: chamo-me agora Canolles, o que não deixa de ser molesto. Vós deverieis dar-me os agradecimentos por este sacrificio que vos faço. »

A este fluxo redundante, resultado de uma inerivel impudencia, Nanon estupefacta não sabia que razões oppuzesse; e por isso Cauvignac, aproveitando se desta victoria alcançada por assalto, continuou:

« E de mais disso, querida irmã, já que, de

pois de uma larga ausencia, nos vemos reunidos: já que, depois de tantos contratempos, tornastes a achar um verdadeiro irmão. confessai que d'ora ávante podereis dormir descansadamente, graças ao escudo com que o amor vos cobrirá; vivereis tão socegradamente como si toda a Guiena vos adorasse, o que não acontece, como muito bem o sabeis; mas que remedio terá ella sinão passar por onde nós quizermos. Com effeito, eu não me arredarei do lumiar da vossa porta; Mr. d'Epernon far-me-ha nomear coronel; em vez de seis homens, terei dous mil ás minhas ordens. Com estes dous mil homens renovo os doze trabalhos de Hercules; nomeam-me duque, e par; madama d'Epernon morre; Mr. d'Epernon casa comvosco. . . .

— Antes de tudo isso, duas cousas, disse Nannon em tom algum tanto desabrido.

— Quaes, querida irmã? fallai, estou prompto a ouvir-vos!

— Em primeiro lugar, restituireis a assignatura em branco ao duque, pois si o não fizerdes estáis perdido. Vós bem ouvistes a sentença da sua propria boca. Depois, saireis daqui no mesmo instante, pois de outro modo eu ficaria perdida, o que para vós nada vale; mas perder-vos-íeis comigo, razão que no meu entender vos fará tomar a minha perda em consideração.

— Duas respostas, querida senhora: aquella assignatura em branco é propriedade minha, e vós não podeis impedir-me de fazer-me enforçar si tal é o meu gosto.

— Nem eu a isso me opponho!

— Muito obrigado! Mas nada disso acontece-

rá, estai socegada. Ainda agora vos exprimi a minha repugnancia áquelle genero de morte. Guardarei a minha assignatura em branco. a não ser que tenhais alguma vontadesinha de comprar-ma, e em tal caso poderíamos entrar em ajuste.

— Nenhuma precisão tenho della. As assignaturas em branco! sou eu que as dou.

— Feliz Nanon!

— Por tanto vós a conservais?

— Sim.

— Correndo o risco que disse vos póde resultar.

— Nada receeis, sei o emprego que lhe devo dar. Quanto a retirar-me, não commetterei uma tal falta, estando aqui com autorisação do duque. Ainda ha outra cousa; no vosso desejo de vos desembaraçardes de mim, esqueceis uma cousa.

— Qual?

— Aquella commissão importante de que o duque me fallou, e que tem de fazer a minha fortuna. »

Nanon enfiou.

« Mas, desgraçado homem, disse ella, muito bem sabeis que aquella commissão não vos está destinada. Muito bem sabeis que abuzar desta posição seria um crime, e um crime que mais cedo, ou mais tarde, não deixaria de ser castigado.

— E por isso não quero abusar. Só queria usar; eis ahí tudo.

— De mais disse Mr. de Canolles está designado na commissão.

— E então, não me chamo eu o barão de Canolles?

— Sim, mas lá muito bem conhecem não só

o seu nome, mas tambem a sua figura. Mr. de Canolles já por differentes vezes foi á côrte.

— Seja embora, eis uma boa razão; é a primeira que vós me dais, e por tanto, bem o vêdes, a ella cedo.

— Além de que, vós alli vos tornarieis a encontrar com os vossos inimigos políticos, disse Nanon, e talvez que a vossa figura, posto que debaixo de outro aspecto, não seja menos conhecida que a de Mr. de Canolles.

— Oh! isso nada faria á cousa, si, como o disse o duque, a commissão tem por objecto fazer um grande serviço á França. A mensagem servirá de salvaguarda ao mensageiro. Um serviço desta importancia torna um homem digno de ser agraciado, e a amnistia do passado é sempre a primeira condição das conversões politicas. Por tanto, acreditai-me, querida irmã, não vos toca a vós impôr me condições, mas sim a mim propôr -vos as minhas.

— Vejamos quaes ellas sam?

— Desde logo, como ainda agora vol-o dizia, a primeira de todo, e qualquer tratado, isto é amnistia geral,

— Nada mais?

— Depois o saldo das nossas contas.

— Então, segundo parece, eu vos sou devedora de alguma cousa?

— Deveis-me os mil francos que eu vos tinha pedido, e que tão deshumanamente me recusastes.

— Eis aqui dous mil.

— Seja embora; eis no que eu reconheço a vossa generosidade, Nanon.

- Mas é debaixo de uma condição.
- Qual?
- A de reparardes o mal que fizestes.
- E' muito justo. Que ha mister fazer para isso?
- Ides montar a cavallo, e correr pela estrada de Paris até que tenhais encontrado Mr. de Canolles.
- Em tal caso perco o seu nome?
- Vós lho restituís.
- E que devo dizer-lhe?
- Deveis entregar-lhe esta ordem, e ficar certo de que partiu no mesmo instante para executal-a.
- Eis tudo quanto determinais?
- Tudo absolutamente.
- Será necessario que elle saiba quem sou?
- Pelo contrario, é de summa importancia que o ignore.
- Ah! Nanon! envergonhar-vos-íeis de me terdes por irmão? »
- Nanon nada respondeu, reflectia.
- « Mas, disse ella passado um momento, como poderei ter a certeza de que desempenha-tes fielmente a minha commissão? Si para vós houvesse alguma cousa de sagrado, exigiria de vós um juramento.
- Fazei ainda melhor.
- O que?
- Promettei-me outros mil francos depois que tiver cumprido a commissão. »
- Nanon encolheu os hombros.
- « Convenho nisso, disse ella.
- Ora pois, olhai. Eu não vos peço juramen-

to algum, e a vossa palavra me basta. Por tanto dareis mil francos á pessoa que vos entregar da minha parte o recibo de Mr. de Canolles.

— Sim; mas vós fallais de uma terceira pessoa: acaso farieis vós conta de não voltar?

— Quem sabe? Certo negocio chama-me a mim mesmo aos arredores de Paris. »

Nanon não pôde reprimir um movimento de alegria involuntaria.

« Ah! isso não vos está bem, disse Cauvignac a rir; mas não importa; cara irmã; nada de rancor.

— Nada de rancor; mas a cavallo.

— A cavallo no mesmo instante: não peço mais tempo do que o preciso para beber um góle. »

Cauvignac deitou no seu copo o resto da garrafa de vinho de Borgonha, saudou a sua irmã com um gesto mui respeitoso, e montando a cavallo de um pulo, desapareceu passado um instante em uma nuvem de poeira.

Principiava a lua a levantar-se quando o visconde, seguido do fiel Pompeu, saiu da estalagem de Biscarros, e deitou a correr pela estrada de Paris.

Passado um quarto de hora, que o visconde deu todo ás suas reflexões, e durante o qual caminhou mais de uma legua, voltou-se para o escudeiro, que montado com toda a gravidade, o ia seguindo na distancia de uns tres passos.

« Pompeu, perguntou o mancebo, terieis vós por acaso a minha luva da mão direita?

— Não, senhor, que eu saiba, respondeu Pompeu.

— Então que buscais na vossa mala?

— Estou vendo si está bem segura, e aperte-lhe as corrêas para que não sôe. O som do ouro é fatal, senhor, e attrai os maus encontros, sobre tudo de noite.

— Fazeis muito bem, Pompeu, replicou o visconde, e muito estimo vêr que sois tam cuidadoso, e prudente.

— Sam estas umas qualidades muito naturaes em um soldado velho, senhor visconde, e que admiravelmente se conciliam com a coragem; com tudo, como a coragem não é temeridade, confesso que tenho pezar de que Mr. Richon não tenha podido acompanhar-nos, porque vinte mil libras sam difficeis de guardar, muito principalmente em tempos tam tempestuosos como os nossos.

— O que dizeis é muito assísado, Pompeu, respondeu o visconde, e eu em todo o ponto sou do vosso parecer.

— Eu até me atreveria a dizer, continuou Pompeu, alentado no seu medo pela approvação do visconde, que não é prudente aventurarmo-nos como nós o fazemos. Paremos pois, si fôr do vosso agrado, para que eu visite o meu mosquete.

— E então, Pompeu?

— Tudo está em bom estado, e aquelle que quizesse obstar-nos o passo passaria um mau quarto de hora. Oh! oh! que é pois o que vejo lá em baixo?

— Onde?

— Diante de nós a uns cem passos para a nossa direita, nesta direcção.

— Eu vejo alguma cousa de branco.

— Oh! oh! disse Pompeu, mochilas talvez.

Cumpra acautelar-nos. Pela minha honra, que tenho boa vontade de entrar neste vallado á esquerda; em termos de guerra chama-se a isto entrincheirar-se; entrincheiremo-nos, senhor visconde.

— Se sam mochilas, Pompeu, sam levadas por soldados do rei, e os soldados do rei não roubam os passageiros.

— Desenganai-vos, senhor visconde, desenganai-vos; muito pelo contrario, não se ouve falar sinão de partidarios, que tomam por égide a farda de Sua Magestade para commetter milhares de infamias, a qual dellas mais escandalosa, e ultimamente em Bordeos arcabuzaram dous soldados de cavallaria ligeira que. . . Parece-me, senhor, que estou reconhecendo a farda dos taes soldados.

— A farda dos soldados de cavallaria ligeira é azul, Pompeu, e o que nós vêmos é branco.

— Sim; mas muitas vezes yestem uma camisola por cima do seu uniforme, e é o que tinham feito aquelles miseraveis que ultimamente fôram castigados em Bordeos. Estes, segundo me parece, fazem gestos ameaçadores; esta é a sua tactica, como estais vendo, senhor visconde; emboscam-se assim ao lado da estrada, e de longe, com a carabina nas mãos, obrigam o viajante a dar-lhes a sua bolsa.

— Mas, meu bom Pompeu, disse o visconde, que apezar de muito assustado conservava a sua presença de espirito, si elles ameaçam de longe com as suas carabinas, fazei outro tanto com a vossa.

— Sim, mas elles a mim não me vêm, disse

Pompeu; a minha demonstração seria por tanto inutil.

— Si elles vos não vêm, em tal caso não podem ameaçar-vos, disse o visconde.

— Vós de guerra nada entendeis absolutamente, replicou o escudeiro de mau humor. Vai acontecer-me aqui o mesmo que me aconteceu em Corbie.

— E' preciso esperar que assim não succeda, Pompeu, porque si bem lembrado estou, em Corbie é que fostes ferido?

— Sim, e recebi uma terrivel ferida. Eu estava com Mr. de Cambes, que era um temerario. Andavamos patrulhando de noite para reconhecer o lugar onde se havia de dar a batalha. Descemos umas mochilas. Convido-o a não fazer alguma valentia inutil, elle obstina-se, e caminha direito para as mochilas. Eu volto costas de cego. Neste momento uma maldita bala. . . Senhor visconde, sejamos prudentes!

— Sejamos prudentes, Pompeu, eu não pretendo outra cousa. Com tudo parecem-me tam immoveis!

— Estam farejando a sua presa. Esperemos. » Os viajantes, o que foi uma felicidade para elles, não tiveram de esperar muito tempo. Passado um instante rompeu o luar a travéz de uma nuvem negra cujas franjas prateava, e alumiou esplendidamente, a uns cincoenta passos dos dous companheiros, duas ou tres camizas que estavam a enxugar por detraz de um vallado, com as mangas estendidas.

Eram estas as mochilas que haviam recordado a Pompeu a sua fatal patrulha de Corbie.

O visconde soltou uma gargalhada, e espora o seu cavallo, Pompeu seguiu-o exclamando:

« Que felicidade não ter eu seguido a minha primeira inspiração! estava para dar um tiro de bala para esse lado, e daria ares de um D. Quixote. Vêde, senhor visconde, de que servem a prudencia, e a experiencia da guerra! »

Depois das grandes commoções sempre ha algum tempo de repouso; passando além das camizas, os viajantes caminharam umas duas leguas assaz tranquillamente; o tempo era magnifico; a sombra caia larga, e negra como o ébano da summitade de um bosque que guarnecia um dos lados do caminho.

« E' cousa decidida, que nada me apraz o luar, disse Pompeu. Quando nos avistam de longe, corremos risco de sermos collidos de súbito. Sempre ouvi dizer aos militares que de dous homens que mutuamente se buscam, o luar nunca é favoravel sinão a um delles. Nós achamo-nos em plena luz, senhor visconde, o que é uma imprudencia.

— Ora pois, passemos para a sombra, Pompeu.

— Sim; mas si houvesse alguns homens emboscados na extremidade deste bosque, iriamos litteralmente lancar-nos na guêla.... Em campanha, ninguem jámais se aproxima de um bosque sem que primeiro o tenha mandado reconhecer.

— Desgraçadamente, replicou o visconde, estamos faltos de exploradores. Não é este o neme que se dá aos que vam bater o mato, meu bravo Pompeu?

— E' verdade, é verdade, rosnou o escudeiro; aquelle maldito Richon porque não havia de vir comnosco? têt-o-iamos mandado adiante como vanguarda, em quanto nós houveramos formado o corpo de exercito.

— Então, Pompeu, a que nos dicidimos nós? deixamo-nos ficar ao luar, ou passamos para a sombra?

— Passemos para a sombra, senhor visconde; no meu entender, é o que me parece mais prudente.

— Passemos para a sombra.

— Não é verdade que tendes medo, senhor visconde?

— Não, de certo, meu querido Pompeu, eu vol-o juro

— E muito bem fazeis em não o ter, pois que eu aqui estou, e não durmo: si eu estivesse só, vós bem o compredeis, isso pouco cuidado me daria. Um soldado não teme nem os Santos, nem os diabos. Vós porêm sois um companheiro tam difficil de guardar como o thesouro que tento na garupa, e esta duplicada responsabilidade assusta-me. Ah! ah! que sombra negra é aquella que descubro lá em baixo? Desta vez não ha d'vida que ella marcha.

— E' mais que certo, disse o visconde.

— Eis aqui a vantagem que ha na escuridão: vêmos o inimigo sem que elle nos veja. Não vos parece quea quelle desgraçado tem um mosquete?

— Sim. Mas aquelle homem, Pompeu, está só, e nós somos dous.

— Senhor visconde, os homens que marcham sós sam mais de temer, porque a solidão é um

indício dos caracteres resolutos. O famoso barão des Adrets marchava sempre só. Eil-o, si me não engano, que nos faz pontaria. Está a ponto de descarregar, abaixai-vos.

— Mas não, Pompeu, nada mais faz do que mudar o seu mosquete de um hombro para o outro.

— Não importa, abaixemo-nos sempre; esta é a pratica constante; recebamos o tiro com o nariz sobre o arcão.

— Mas muito bem vêdes, Pompeu, que elle não atira.

— Não atira, disse o escudeiro impertigando-se; bom! teve sem dâvida medo, e o nosso aspecto resolutos o terá intimidado. Ah! tem medo; então deixai-me fallar lhe; e vós fallareis depois de mim engrossando a vossa voz. »

A sombra vinha-se sempre adiantando.

« Olá, amigo! quem sois, » gritou Pompeu.

A sombra parou fazendo um movimento de terror muito visivel.

« Gritai pois por vosso turno, disse Pompeu.

— E' tempo perdido, disse o visconde, o pobre diabo já está meio morto de medo.

— Ah! tem medo, disse Pompeu arremessando-se a elle com a carabina no punho.

— Tende compaixão de mim, senhor! disse o homem pondo-se de joelhos. Sou um pobre mercador ambulante, que de oito dias a esta parte não tenho vendido um só lenço, e que nem um só lito si quer trago comigo. »

O que Pompeu tomára por um mosquete era a vara com que o pobre diabo media a sua fazenda.

— Sabei, meu amigo, disse magestosamente Pompeu, que não somos ladroses, mas sim mili-

tares, que viajamos de noite porque nada receamos; segui pois o vosso caminho, vós estais livre.

— Tomai, amigo, ajuntou a voz mais meiga do visconde, eis cinco libras pelo medo que vos mettêmos, e Deus vos acompanhe! »

É o visconde com a sua branca mãosinha deu cinco libras ao pobre diabo, que se afastou dando graças ao Céu do feliz encontro que tivera.

« Não fizestes bem, senhor visconde, antes muito mal. ... disse Pompeu depois de haver andado uns vinte passos... »

— Então porque! em que fiz mal?

— Em dar cinco libras áquelle homem. De noite nunca devemos confessar que temos dinheiro; não vêdes vós que o primeiro grito deste poltrão foi que não tinha um soldo na sua algibeira?

— É verdade, disse o visconde sorrindo-se, mas era um poltrão, como vós o dizeis, em quanto nós, como o dissestes, somos militares que nada tememos.

— Entre ter medo, e ter desconfiança, senhor visconde, ha tanta distancia como do medo á prudencia. Ora não é prudente, eu o repito, deixar vêr a um desconhecido que por acaso encontramos na estrada, que possuímos ouro.

— Mas quando esse desconhecido está só, e desarmado?

— Póde pertencer a uma quadrilha armada, póde não ser mais do que um espia mandado adiante para reconhecer o terreno; póde voltar com gente armada; e que quereis vós que façam deus homens sós, por muito bravos que sejam, contra tantos? »

O visconde souheceu desta vez a verdade da

reprehensão que Pompeu lhe dava, ou antes, para pôr termo ao batibarba, deu-se por convencido, e chegaram ás margens do riacho de Saye, proximo a S. Genés.

Não havia ponte, e era preciso passar a vau.

Pompeu impingiu então ao visconde uma sábia theoria da passagem dos rios; mas como uma theoria não é uma ponte, nem por isso, depois de ouvida a theoria, lhes foi menos preciso passar a vau.

Por felicidade o riacho não era profundo, e o novo incidente deu uma nova prova ao visconde de que as cousas vistas de longe, e sobretudo de noite, são muito mais medouhas do que vistas de perto.

Ja pois o visconde principiando a socegar-se realmente, e de mais disso dentro de uma hora com pouca differença, raiaria o dia, quando chegados ao meio do bosque que rodêa Marsas, os dous viajantes pararam repentinamente; com effeito, acabavam de ouvir ao longe atraz de si mas distinctamente, o galope de varios cavallos.

Ao mesmo tempo os seus proprios cavallos erguêram a cabeça, e um delles rinchou.

« Desta vez, disse Pompeu com uma voz sufocada lançando mão á rédea do cavallo do seu companheiro, desta vez, senhor visconde, espero que vos mostrareis docil, e que deixareis o acontecimento á experiencia de um soldado velho. Eu ouço um bando de gente a cavallo: perseguem-nos. Eu apostaria que é a quadrilha do vosso falso mercador; eu bem vol-o havia dito, e a vossa imprudencia é que nos põe em risco! Vamos, nada de falsas bravuras, salvemos

a nossa vida, e o nosso dinheiro; a fuga é muitas vezes um meio de vencer; Horacio fugiu que fugia. . .

— Ora pois fujamos, Pompeu, » disse o visconde todo tremulo.

Pompeu metteu as esporas ao cavallo; a sua cavalgadura, que era um excellente cavallo ruão, deu um pulo sentindo-se picado, e com tal zelo o fez que inflammou o ardôr do cavallo barbo do visconde, e ambos elles a porfia fizeram retumbar com os golpes compassados das ferraduras a calçada, d'onde saiam milhares de centelhas.

Esta carreira durou obra de uma hora: mas longe de ganharem terreno, parecia aos dous fugitivos que os seus inimigos se lhes vinham aproximando.

De súbito rebentou uma voz do meio das trévas, voz que misturada com o sibilo produzido pelo vento que os dous cavalleiros iam fendendo parecia a lugubre ameaça dos espiritos da noite.

Esta voz fez erriçar os cabellos brancos na cabeça de Pompeu.

« Elles gritam: Parai! disse este em voz baixa elles gritam: Parai!

— Então será preciso parar? perguntou o visconde.

— Muito pelo contrario! exclamou Pompeu; apressemos o passo quanto fôr possível. Adiante! adiante! »

— Sim, sim, adiante! adiante! exclamava o visconde, tam assustado agora como o seu defensor.

— E'les se adiantam ! elles gañham terreno !
dizia Pompeu ; não os ouvis ?

— Ai ! sim.

— São mais de trinta. Escutai, elles ainda
nos chamam. Estamos perdidos !

— Arrebentemos os cavallos si fôr possível,
disse o visconde mais morto que vivo

— Visconde ! visconde ! prada va a voz, parai !
Para, velho patife !

— E' alguém que nos conhece, é alguém que
sabe que levamos o dinheiro da senhora princeza
é alguém que sabe que nós conspiramos ; vam-
nos rodar vivos !

— Parai ! parai ! continuava a voz.

— Gritam que nos façam parar, disse Pompeu
elles tem gente adiante de nós ; estamos cerca-
dos !

— Si tomassemos para este lado, neste campo,
e deixassemos passar os que nos perseguem ?

— E' uma boa lembrança, disse Pompeu, va-
mos já sem mais demora »

Os dous cavalleiros fizeram ao mesmo tempo
voltar as suas cavalgaduras para a esquerda ; o
cavallo do visconde, habilmente conduzido, sal-
tou o vallado; mas o cavallo mais pesado de
Pompeu chegando muito á borda, a terra esbo-
roou-se debaixo dos seus pés, e caiu levando
consigo a seu amona sua quéda. O pobre escu-
deiro deu um grito de profunda desesperação.

O visconde, que já tinha andado uns cinco-
enta passos pelas terras, ouviu este grito de an-
gustia, e apezar do summamente assustado, fez
voltar o seu cavallo, e veiu ter com o seu com-
pandheiro.

« Quem me acode ? misericórdia ! gritava Pompeu. Eu vagarei o meu resgate ! eu me rendo ; eu pertenceo á casa de Cambes ! »

Uma enorme gargalhada foi a unica resposta a estas lamentações ; e o visconde, chegando neste momento, deu com os olhos em Pompeu que abraçava o estribo do vencedor, que fallando-lhe com uma voz suffocada pelo riso, fazia deligencia por socegal o.

« Senhor barão de Canolles ! exclamou o visconde.

— Ora isso não sam cousas que se façam, senhor visconde ; obrigar as pessoas que vos buscam a correrem deste modo !

— O senhor barão de Canolles ! disse Pompeu, que ainda duvidava da sua fortuna. O senhor barão de Canolles, e Mr. Castorin !

— Sim, somos nós, Sr. Pompeu, disse Castorin, impertigando-se nos seus estribos para vêr por cima do hombro de seu amo, que não podendo deixar de rir-se debruçava sobre o arção da sella. Então que é o que fazeis neste vallado ?

— Vós bem o vêdes, disse Pompeu. O meu cavallo caiu no momento, em que tomando vos por inimigos, eu tratava de entrincheirar-me para fazer uma vigorosa defeza. Senhor visconde, continuou Pompeu levantando-se, e sacudindo-se, é Mr. de Canolles.

— Que ! senhor, vós por aqui ! rosnou o visconde com uma certa alegria, que a pezar seu transluzia na entoação da sua voz.

— Por certo que sou eu ! sim, eu mesmo, respondeu Canolles cravando os olhos no visconde com uma tenacidade, a que o achado da luva

servia de explicação. Eu morria de aborrecimento naquella estalagem, Richon havia-se apartado de mim depois de haver-me ganhado o meu dinheiro. Soube que tinbeis partido, e que seguieis a estrada de Paris. Quiz a fortuna que eu tambem tivesse que fazer para este lado. Puz-me então a caminho para vir juntar-me com vosco, pois não suspeitava que para alcançar-vos me fò:se preciso correr á desfilada. Sois na realidade, meu gentilhomem, um guapo cavalleiro ! »

O visconde surriu se balbuciando algumas palavras.

« Castorin, continuou Canolles, ajudai pois o senhor Pompeu a montar de novo ; muito bem xêdes que apezar de toda a sua destreza, não o pôde fazer. »

Castorin apeou-se, e foi ajudar a Pompeu, que por fim alcançou assentar se na sella.

« E agora, disse o visconde, tornemos, si vos aprover, a seguir o nosso caminho.

— Mais um instante, disse Pompeu assaz perturbado, mais um instante, senhor visconde, parece-me que alguma cousa me falta.

— Bem o creio, disse o visconde, falta-vos a mala.

— Ai ! meu Deus, disse Pompeu, fingindo um profundo espanto,

— De-graçado ! exclamou o visconde, terieis vós perdido . . . ?

— Ella não pôde estar longe, senhor, respondeu Pompeu.

— Não será isto ? perguntou Castorin levantando a custo do chão o objecto que buscavam.

— Justamente, disse o visconde.

— Justamente, exclamou Pompeu.

— Não foi culpa delle, disse Canolles, que desejava grangear a amizade, e affecto do velho escudeiro; com a quéda rebentaram as corrêas, e desprender-se ia a mala.

— As corrêas não estão arrebetadas, senhor, mas cortadas, disse Castorin; olhai!

— Oh! oh! senhor Pompeu, disse Canolles, que quer isto dizer?

— Isto quer dizer, replicou com severidade o visconde, que receando ser perseguido por ladrões. o senhor Pompeu terá tido a discrição de cortar as corrêas da mala, para livrar-se da responsabilidade de ser o thesoureiro della. Em termos de guerra, que nome se dá a este artil, senhor Pompeu? »

Pompeu quiz desculpar-se com a sua faca de mato que imprudentemente desembainhara; como porém não pudesse dar uma explicação cabal, sempre ficou manchado, aos olhos do visconde, da suspeita de haver querido sacrificar a mala á sua segurança.

Canolles foi mais benigno para com elle.

« Bom! bom! bom! disse elle, não é esta a primeira vez que tal acontece. Vamos, Castorin, ajudai ao senhor Pompeu; tinheis razão, amigo Pompeu, de vos recardes dos ladrões; a sacola tem seu pezo, e seria de boa preza.

— Não gracieis, senhor, disse Pompeu estremeccendo; todo o gracejo nocturno é equivoco.

— Tendes razão, Pompeu, e mais que razão; e por isso, continuou Canolles, quero servir-vos de escolta a vós, e ao visconde: este reforço de dous homens não deixará de ser-vos util.

— Sem dúvida que o será, exclamou Pompeu ! o numero sempre da segurança.

— E vós, senhor visconde, que pensais do meu offerecimento ? disse Canolles vendo que o visconde accitava o offerecimento gracioso, que lhe elle fazia, com menos enthusiasmo do que o seu escudeiro.

— Eu, senhor, disse o visconde, reconheço nelle a vossa urbanidade habitual, e vos agradeço mui sinceramente ; nós porém não seguimos o mesmo caminho, e eu recearia incommodar-vos.

— Como ! disse Canolles desgostoso de vêr que a luta da estalagem ia começar de novo na estrada real ; como ! pois não seguimos nós o mesmo caminho ? Não ides vós a . . . ?

— A Chantilly, » apressou-se Pompeu a dizer, todo tremulo com a idéa de continuar a sua viagem sem mais companhia que a do visconde.

Quanto a este, fez um gesto de impaciencia mui a-signalado, e si fôsse dia, facil seria de vêr o rubor da cólera assomar-lhe ás faces.

« Ah ! exclamou Canolles sem dar mostras de ter feito reparo no olhar furibundo com que o visconde fulminava o pobre Pompeu, ah ! Chantilly fica-me justamente no caminho que sigo. Eu vou a Paris, sim, ou para melhor dizer, ajuntou elle a rir, olhai, visconde, eu nada tenho que fazer, e não sei aonde vou. Si ides para Paris, eu vou para Paris ; si ides para Lyão, eu vou para Lyão ; si ides para Marselha, ha já muito tempo que tenho grande desejo de vêr a Provença, e vou para Marselha. Si vós ides para Ste-nay, onde estam os exercitos de Sua Magestade,

vamos para Stenay. Sem embargo de haver nascido no Meiodia, não deixo de ter uma certa predilecção pelo Norte.

— Senhor, replicou o visconde com uma certa firmeza, que sem dúvida era devida á irritação em que o puzera Pompeu, será preciso dizer-vol-o? eu viajo sem companhia, por negocios pessoas da mais alta importancia, por motivos muito serios, e de antemão vos peço perdão; si insistirdes, obrigar-me-eis, com muito pezar meu, a dizer-vos que vós me incommodais nos passos que tenho de dar. »

Nada menos era preciso do que a lembrança da luvasinha que Canolles conservava occulta sobre seu peito, entre o vestido, e a camisa, para que o barão, vivo, e impetuoso como um Gascão, lhe não dissesse alguma graça. Com tudo pôde conter-se.

« Senhor, replicou elle mais seriamente, nunca ouvi dizer que a estrada real pertencesse mais particularmente a uma pessoa do que a outra. Por isso é que lhe dam o nome de real, para prova de que todos os subditos de Sua Magestade tem igu o direito a dellas se servirem. Eu me acho pois na estrada real sem a minima intenção de incommodar-vos: até nella me acho para render-vos serviço, por quanto so's moço, fraco, e sem grande defeza. Eu julgava não ter ares de um salteador de estrada. Mas já que vós assim vos declarais, convirei em que não tenho boa cara. Perdoai-me pois, senhor, a minha importunidade. Tenho a honra de fazer-vos os meus cumprimentos. Boa viagem. »

E Canolles fazendo dar um ligeiro salto ao seu

cavallo, passou, depois de haver saudado ao visconde, para o outro lado da estrada, aonde Castorin o seguiu de facto, e Pompeu de intenção.

Canolles representou esta scena com tanta cortezia graciosa, com um gesto tam seductor, cobrindo com o seu largo chapéu uma testa tam pura, obumbrada de cabellos tam macios, e tam negros, que o visconde não se sentiu tam commovido pelo modo com que o tratou, como pelo seu porte nobre, e alta estatura; tinha-se elle afastado, como deixamos dito; Castorin seguia-o direito, e firme nos seus estribos. Pompeu, que ficára do outro lado do caminho, dava suspiros capazes de arrancar lagrimas ás pedras; então o visconde; que havia feito numerosas reflexões, apressou o passo do seu cavallo, e indo juntar-se a Canolles, que não dava mostras de vê-lo, nem de ouvil-o, dirigiu-lhe estas duas palavras com uma voz apenas intelligivel:

« Mr. de Canolles! »

Canolles voltou-se sobresaltado; não cabendo em si de contentamento, parecia-lhe que todas as musicas das esféras celestes se reuniam para dar-lhe um divino concerto.

« Senhor visconde! disse elle por seu turno.

— Ouvi, senhor, respondeu este com uma voz doce, e avelludada, muito receio na verdade ser descortez para com um gentilhomen do vosso merecimento; perdoai-me por tanto a minha timidez. Fui criado por parentes cheios de sustos, que eram devidos ao affecto que me tinham: eu vol-q repito, perdoai-me pois, eu nunca tive a minima intenção de escandalisar-vos, e em pro-

va da nossa sincera reconciliação, permitti-me que caminhe ao vosso lado.

— Então porque não . . . exclamou Canolles, não uma só, mas com vezes vol-o concederia! Eu não conservo rancor algum, senhor visconde, e para vol-o provar. . . . »

E dizendo isto estendeu-lhe a mão, na qual caiu, ou antes escorregou uma fina, ligeira, e furtiva mão.

O resto da noite passou-se em praticas galhofeiras da parte do barão. O visconde escutava sempre, e ria-se algumas vezes.

Os dous criados iam atraz delles; Pompeu explicava a Castoriu como se perdêra a batalha de Corbie, quando se houvera podido ganhar completamente, si se não tivessem esquecido de chamal-o ao conselho que tivera lugar pela manhã.

« Mas, disse o visconde a Canolles quando principiou a raiar o dia, como terminastes o vosso negocio com o senhor duque d'Epernon ?

— A cousa não foi mui difficil, respondeu Canolles. A' vista do que me dissestes, senhor visconde, elle é que tinha de deslindar alguma cousa comigo, e não eu com elle; ou se terá cansado de esperar-me, e se haverá retirado; ou terá teimado, e ainda está á minha espera.

— Mas mademoiselle de Lartigues? . . . ajuntou o visconde com uma ligeira hesitação.

— Mademoiselle de Lartigues, senhor visconde não pôde estar ao mesmo tempo em sua casa com Mr. d'Epernon, e no Bezerro de ouro comigo. Das mulheres nunca se deve exigir o que não é possível.

Isto não é responder-me, senhor barão. O que vos eu pergunto é como, estando tam namorado de mademoiselle de Lartigues, pudestes separar-vos della?»

Canolles cravou no visconde os seus olhos perspicazes, porque já era dia claro, e no rosto do mancebo não havia outra alguma sombra além da do seu chapéu.

Sentiu-se então dominado de um louco desejo de responder o que lhe vinha á cabeça; mas Pompeu, mas Ca-torin, mas o ar grave do visconde o contiveram; e além de tudo isto fazia-lhe força uma dúvida em que estava.

« Si eu me enganasse, si a pezar desta luvasinha, e desta mãosinha fosse homem; na verdade, disse elle consigo, nada mais seria preciso para vêr-me esmagado pela minha simplicidade!»

Levou pois tudo com paciencia, e respondeu á pergunta do visconde com um daquelles sorrisos que a tudo dam resposta.

Pararam em Barbezieux para almoçar, e dar descanso aos cavallo. Canolles desta vez almoçou com o visconde, e teve então occasião de admirar aquella mão, cujo envoltorio almiscarado lhe causára uma tam viva commoção. Além de que o visconde, no momento de sentar-se á meza, teve de tirar o seu chapéu, e deixar vêr uns cabellos tam lisos, tam bellos, e tam soberbamente plantados em uma pelle tam fina que outro qualquer que fosse um homem namorado, e por conseguinte já cego, não houvera já conservado a menor incerteza; mas Canolles tinha demasiado receio de despertar, e ficar

desenganado, e por isso nada tanto desejava como prolongar a duração do seu sonho. Achava alguma cousa de encantador naquelle disfarce do visconde, que lhe permittia um tropel de familiaridadesinhas, que um reconhecimento, ou uma confissão franca lhe houvera vedado. Não disse por tanto uma só palavra que pudesse dar suspeita ao visconde de que havia penetrado o seu disfarce.

Depois do almoço puzeram-se de novo em caminho; e não pararam sinão ao jantar. De vez em quando um cansaço, que principiava a não poder já dissimular, derramava no rosto do visconde uma côr de nacar, ou em todo o seu corpo uns leves estremecimentos, de que Canolles lhe perguntava amigavelmente qual era a causa. Então Mr. de Cambes surria se, e parecia não sentir-se já incommodado, e até propunha de apressar o passo, o que Canolles recusava, dizendo que ainda tinham de andar largo espaço, e que por conseguinte havia mister poupar os cavallos.

Depois do jantar, o visconde experimentou alguma difficuldade em levantar-se. Canolles acudiu logo em seu soccorro.

« Vós precisais de descanso, meu joven amigo? lhe disse elle; si assim continuasseis a caminhar morrerieis á terceira etapa. Esta noite não montaremos a cavallo; antes pelo contrario deitar-nos-emos. Quero que durmais bem, e S. Pedro me leve, si o melhor quarto da estalagem não fôr para vós!»

O visconde olhou para Pompeu com um ar tam espantado, que Canolles não pôde reprimir a sua vontade de rir.

« Quando se emprende, como nós fazemos, uma larga viagem, disse Pompeu, deveria cada um ter a sua tenda.

— Ou uma tenda para dous, disse Canolles muito naturalmente, isso seria bastante.»

O visconde sentiu arrepiar-se-lhe todo o corpo — O golpe estava dado, e Canolles não deixou de o observar: viu que o visconde fazia um signal a Pompeu, olhando para elle surrateiramente. Este aproximou-se então de seu amo, que lhe disse algumas palavras em voz baixa, e em breve o criado, debaixo de um supposto pretexto, tomando a dianteira desapareceu.

Hora e meia depois desta partida, de que Canolles não pediu a explicação, os viajantes entrando n'uma grande villa, deram com os olhos no escudeiro no limiar da porta de uma estalagem de boa apparencia.

« Ah! ah! disse elle, parece que aqui é onde passaremos a noite, senhor visconde? »

— Sem dúvida alguma, senhor barão, si fôr do vosso agrado.

— E porque o não ha de ser! eu quero tudo quanto quizerdes. Eu já vol-o disse, ando viajando por passatempo, em quanto vós, como mo dissestes, viajais por motivo dos vossos negocios. A unica cousa que receio é que fiqueis mal alojado neste cochicholo!

— Oh! disse o visconde, uma noite depressa se passa.»

Pararam então, e mais prompto do que Canolles, Pompeu veio as carreiras pegar no estribo de seu amo: demais disso Canolles reflectiu que um tal apressuramento seria ridiculo

da parte de um homem para com outro homem.

« Vamos sem mais demora para o meu quarto disse o visconde. Na realidade tendes muita razão, Mr. de Canolles, continuou elle voltando-se para o seu companheiro, pois sinto-me summamente fatigado.

— Eil-o aqui, senhor, disse a estalajadeira mostrando um grande quarto terreo, que tinha vista para o pateo, mas todas as janellas tinham grades, e por cima estavam os celleiros da casa.

— E o meu exclamou Canolles, ondé está ?»

E lançava ancioso os olhos a uma porta contigua á do visconde, cujo delgado repartimento de tabique era um mui fragil anteparo contra uma curiosidade tam aguçada como a sua.

« O vosso ? disse a estalajadeira, vinde por aqui, senhor, eu a elle vos vou conduzir.»

E com effeito, sem dar mostras de reparar no desgosto de Canolles, conduziu-o até á extremidade de um corredor exterior todo cheio de portas, e separado do quarto do visconde pela largura toda do páteo.

O visconde tinha observado esta manobra do fiminar da sua porta.

« Agora, disse Canolles, não tenho já dũvida alguma, estou absolutamente desenganado ; eu me houve como um tolo : vamos, vamos, si lhe eu fizesse má cara seria mallograr para sempre o negocio ; affectemos pelo contrario muita affabilidade »

E voltando para aquella especie de varanda que formava, como já o dissemos, o corredor exterior :

« Boas noites, senhor visconde, lhe gritou

elle, dormi bem, pois na realidade muito o precisais ; quereis que vos eu venha acordar amanhã? Não Ora pois, vós é que me acordareis á hora que quizerdes. Boas noites !

— Boas noites, barão, disse o visconde.

— A proposito. continuou Canolles, não vos falta nada, e quereis que deixe ficar comvosco Castorin para ajudar-vos a despir ?

— Muito obrigado , eu tenho Pompeu ; fica no quarto contiguo ao meu.

— Boa precaução; vou fazer outro tanto com Castorin. Não é verdade, Pompeu, que é uma medida de prudencia? não se podem tomar demasiadas precauções em uma estalagem. . . Boas noites, visconde.»

O visconde correspondeu-lhe desejando-lhe outro tanto, e a porta fechou-se de novo.

« Muito bem, muito bem, visconde, disse Canolles lá consigo, amanhã toca-me a mim preparar os alojamentos, e terei a minha desforra. Vede, continuou elle, como corre as duas ordens de cortinas; estende um lençol dobrado por diante para até interceptar a sua sombra. Com todos os diabos! que rapaz tam pudibundo é aquelle gentilhomem-sinho ; mas não importa, ah amanhã nos veremos »

E Canolles recolheu-se resmungando, despiu-se de mau humor, mettu-se na cama zangado, e sonhou que Nauon achava na sua algibeira a luva almiscarada do visconde.

Ao outro dia Canolles estava de humor ainda mais risonho do que na vespera : o visconde de Cambes, do seu lado, entregava-se tambem a uma alegria mais franca. O mesmo Pompeu galho-

feava fazendo a narração das suas campanhas a Castoria. A manhã toda passou-se em gracejos de uma e outra parte.

Ao almoço Canolles pediu ao visconde que não levasse a mal que delle se apartasse, visto que tinha, segundo dizia, de escrever uma extensa carta a um dos seus amigos que residia naquelles contornos, e de mais disso preveniu-o de que teria de fazer uma visita a outro amigo seu, cuja casa devia estar situada a tres ou quatro leguas de Poitiers, quasi á borda da estrada real. Canolles pediu informações deste amigo, cujo nome disse ao estalajadeiro, o qual lhe respondeu, que antes de chegar á aldêa de Jaulnay encontraria a casa daquelle amigo, e reconhece-la-ia pelas suas duas torresinhas. Então, como Castoria tinha de apartar-se do pequeno rancho para ir levar a carta, e como Canolles em pessoa tinha tambem de fazer uma pequena digressão, pediu de antemão ao visconde que houvesse por bem designar o sitio onde pernoitariam; o visconde lançou os olhos a um mappasinho que Pompeu levava em um estojo, e propôz a aldêa de Jaulnay. Canolles não lhe fez a minima objecção, e levou a perfilia até ao ponto de dizer em voz alta: « Pompeu, si vose enviarem, como hontem, na qualidade de aposentador, designai para mim, si fôr possível, um quarto que fique contiguo ao de vosso amo, afin de nos acharmos ao alcance de podermos conversar.»

O sonso do escudeiro lançou uma vista de olhos ao visconde, que a ella correspondeu, e surriu-se firmemente decidido a nada fazer do que Canolles lhe dizia. Quanto a Castoria, que

anticipadamente recebera as suas instrucções, foi buscar a carta, e recebeu ordem de se lhes ir reunir em Jaulnay.

Quanto a enganar-se de estalagem, não havia perigo algum, por quanto em Jaulnay havia sómente uma estalagem, a do *Grande Carlos Martel*.

Metteram-se á estrada. A quinhentos passos de Poitiers, onde tinham jantado, Castorin tomou um caminhão de travessa á direita; foram caminhando ainda umas duas horas; finalmente Canolles por seu turno, reconheceu pelos indícios que lhe tinham dado a casa do seu amigo; mostrou-a ao visconde, despediu-se d'elle, renovou a Pompeu o convite que lhe fizera de occupar-se do seu alojamento, e tomou um caminhão de travessa á esquerda.

O visconde estava completamente socegado: a scena da vespera passára sem contestação, e vira passar se o dia sem a mais ligeira allusão: não receava pois já da parte de Canolles o menor obstaculo ás suas vontades; e desde o momento em que o barão não era para elle mais que um simples companheiro de viagem, bom, festival, e espirituoso, por muito satisfeito se dava de acabar a viagem em sua companhia. Por tanto, ou porque o visconde julgasse que era uma precaução inutil, ou porque não quizesse separar-se do seu escudeiro, e ficar só na estrada, Pompeu não foi mandado adiante.

Chegaram á aldêa ao anoitecer; a chuva caia em torrentes. Quiz a fortuna que se achasse um quarto com bom lume. O visconde, que tinha pressa de mudar de vestidos, tomou-o, e

recomendou a Pompeu que fosse tratar do alojamento de Canolles.

« Isso já está feito, disse o egoista Pompeu, que ardia em desejos de ir deitar-se; a estalajadeira prometeu que isso ficava a seu cargo.

— Muito bem. O meu cofre de viagem?

— Eil-o aqui.

— Os meus frasquinhos?

— Eil-os.

— Obrigado Onde dormis vós, Pompeu?

— Lá no fundo do corredor.

— E si precisar de chamar por alguém?

— Eis-aqui uma campainha, a estalajadeira virá ter com vosco.

— Basta. Não é verdade que esta porta fecha bem?

— O senhor pôde vê-lo.

— Não tem ferrolho?

— Não, mas tem uma fechadura.

— Bom. Fechar-me-ei por dentro. Não ha aqui outra entrada?

— Nen'uma outra, que eu saiba.»

E Pompeu pegou no castiçal, e deu volta pelo quarto.

« Vêde si os contra-ventos sam solidos.

— Tudo está em boa ordem.

— Muito bem. Podeis retirar-vos, Pompeu »

Pompeu sahiu, e o visconde deu uma volta á chave da fechadura.

Passada uma hora, Castorin que fôra o primeiro que chegára á estalagem, e que estava alojado ao pé de Pompeu, sem que este dissesse a minima suspeita, saiu do seu quarto pé ante pé, e foi abrir a porta a Canolles.

Canolles, com o coração palpitante, introduziu-se na estalagem, deixando a Castorin o cuidado de tornar a fechar a porta. perguntou onde estava o quarto do visconde, e subiu.

O visconde estava para metter-se na cama, quando ouviu passos no corredor. Este, como já tivemos occasião de observá-lo, era summamente medroso. E por isso estes passos o fizeram estremecer, e applicou o ouvido muito attentamente.

Estes passos pararam diante da sua porta, e passado um segundo a ella batêram.

« Quem está ahí? » perguntou uma voz tam assustada, que Canolles não houvera reconhecido o metal della si por diferentes vezes se lhe não tivesse já offerecido occasião de estudar-lhe as variações.

« Sou eu! disse Canolles.

— Como assim, vós! replicou o visconde passando do susto ao espanto.

— Sim, figurai vos, visconde, que já não ha lugar vago na nossa estalagem, nem sequer um quarto disponível. O vosso n.º al. avisado Pompeu não se lembrou de mim. Não ha outra nenhuma estalagem na aldêa; e como o vosso quarto tem duas camas. . . . »

O visconde lançou com terror os olhos para as duas camas gêmeas collocadas ao lado uma da outra em uma alcova, e sem outra alguma separação mais que uma mesa.

« Por tanto, facil vos será de comprehender, continuou Canolles, que venho reclamar uma dellas; abri-me pois depressa a porta, eu vo-lo rogo, por quanto estou morrendo de frio. »

Ouviu-se um grande desarranjo de móveis, uma roçadura de vestidos, e passos precipitados.

— Sim. sim, barão, disse a voz cada vez mais assustada do visconde; sim, eu já lá vou, não tardo nada.

— Eu fico esperando; mas por especial favor, caro amigo, apressai-vos, si não quereis vir achar-me gelado

— Desculpai-me; não vêdes vós que eu estava dormindo?

— Ora essa! e a mim parecia-me que tinheis luz.

— Não, vós vos enganais. »

E a luz se apagou no mesmo instante, do que Canolles se não queixou.

« Eis me aqui. . . Não dou com a porta, continuou o visconde.

— Bem o creio, disse Canolles. Estou ouvindo a vossa voz lá na outra extremidade do quarto. . . Vinde pois para este lado. . .

— Ah! ando em busca da campainha para chamar Pompeu.

— Pompeu está lá no fundo do corredor, e não vos ouvirá. Quiz acordá-lo para dellesaber alguma cousa, mas nada de novo. Dorme como um surdo que é

— Então vou chamar a estalajadeira.

— Seria tempo perdido! a estalajadeira deu a sua cama a um viajante, e foi dormir no celeiro. De mais disso, para que é preciso chamar gente? eu não preciso de pessoa alguma.

— Mas eu!

— Vós abris-me a porta: eu vos dou os agra-

decimentos, procuro a minha cama ás apalpa-
dellas, deito-me nella, e eis ahí tudo.

— Mas em fim, disse o visconde desesperado,
deve haver outros quartos. embora não haja nel-
les camas. E' impossivel não haver outros quar-
tos. chamemos, busquemos....

— Mas, querido visconde, acabam de dar dez
horas e meia. Ides acordar a estalagem toda;
cuidarão que pégou fogo na casa. Isto dará lugar
a que se não durma toda a noite, o que muito
me pezaria, porque estou morrendo de somno. »

Estas palavras pareceram dar alguma segu-
rança ao visconde. Uns passosinhos se aproxi-
maram da porta, que por fim se abriu.

Canolles entrou, e fechou a porta sobre si. O
visconde, depois que lhe abrira, tinha-se afas-
tado apressadamente.

O barão achou-se então em um quarto quasi
às escuras, porque as ultimas brazas do lar, que
si iam apagando, apenas davam um clarão in-
sufficiente. A atmospherá estava tépida, e per-
fumada de todos aquelles cheiros, que dam an-
nuncios do maior requinte em objectos de atavio.

« Ah! muito obrigado, visconde, disse Canol-
les, pois na realidade aqui se está melhor que no
corredor.

— Tendes vontade de dormir, barão? disse o
visconde.

— Glá se tenho! Dizei-me onde está a minha
cama, visto que conheceis os cantos do quarto,
ou sinão deixai-me accender de novo a vela.

— Não! não! isso é inutil! disse com viveza
o visconde. A vossa cama está aqui á esquerda. »
Como a esquerda do visconde era a direita do

barão, este encaminhou-se para a direita, encontrou uma janella, ao pé desta janella uma banquinha, e nesta banquinha uma campainha que o viscondesfóra de si tanto procurára. Acontecesse porém o que acontecesse, foi mettendo a campainha na sua algibeira.

« Mas então que me dizeis de novo ? exclamou elle. Parece, visconde, que andamos jogando a cabra cega. Cuidado que não escorregueis ! Mas o que é que andais assim procurando na escuridão ?

— Procuo a campainha para chamar por Pompeu.

— Mas que diabo quereis a Pompeu ?

— Quero. . . . quero que faça uma cama ao pé da minha.

— Para quem !

— Para elle.

— Para elle. . . . de que vos lembrais, visconde ? . . . lacaios no nosso quarto ! Ora deixai-vos disso ! vós tendes uns costumes, uns habitos só proprios de uma rapariguinha medrosa. Fóra com isso ! . . . somos rapazes assaz crescidos para nos defendermos nós mesmos. Não ; dai-me sómente a mão, e encamiuhai-me para a cama com que não posso acertar. . . . ou tambem. . . . tornemos a accender a véla.

— Não, não, não ! exclamou o visconde.

— Visto que me não quereis dar a mão, disse Canolles, deverieis pelo menos dar-me um fio, porque me vejo em um verdadeiro labyrintho. »

E adiantou-se com os braços entendidos para o lado d'onde vinha a voz ; mas junto de si como que viu deslizar uma sombra, e sentiu passar uma

perfume; tornou a apertar os braços, mas, semelhante ao Orpheu de Virgilio, nada mais abraçára do que ar.

« Alli! alli! disse o visconde da outra extremidade do quarto, estais chegado á vossa cama, barão.

— Qual das duas é a minha?

— Isso é cousa que pouco importa! pois que eu me não deitarei.

— Como assim! não vos haveis de deitar? disse Canolles voltando-se ao ouvir esta palavra indiscreta; então que fareis vós?

— Passarei a noite sentado n'uma cadeira.

— Deixai-vos disso, disse Canolles, não consentirei de certo n'uma tal criancice; vinde, visconde, vinde! »

E Canolles, guiado por um ultimo raio de luz que saiu do lar, e logo morreu, deu com os olhos ao visconde alapardado a um canto entre a janella, e a commoda, embuçado no seu capote.

Este raio não foi mais do que um relampago; mas bastou isso para servir de guia ao barão, e fazer comprehender ao visconde que estava perdido. Canolles adiantou-se para elle em direitura com os braços estendidos, e apezar da escuridão reinar de novo no quarto, o pobre gentilhomem comprehendeu que desta vez não poderia escapar áquelle que o perseguia.

« Barão, barão, balbuciou o visconde, não vos aproximéis, eu vol-o rogo; barão, não saiais do lugar em que vos achais; nao deis um só passo mais, si sois gentilhomem. »

Canolles parou; o visconde estava tam chegado a elle, que lhe ouvia palpar o coração, e

sentia o vapor tépido da sua respira o anhelante; ao mesmo tempo um perfume delicioso, embriagador, composto de todas as emana es que procedem da mocidade, e da formosura, perfume mil vezes mais delicioso que o das flôres, pareceu envolvê-lo para tirar-lhe toda a possibilidade de obedecer ao visconde, ainda quando tivesse desejo de assim o fazer.

Deteve-se com tudo um momento no lugar onde estava, com as mãos estendidas para aquellas mãos que anticipadamente o repelliam, e vendo que o mais pequeno movimento que fizesse seria bastante para tocar naquelle corpo, cuja delicadeza, e flexibilidade havia dous dias que tantas vezes admirara. . . .

« Misericordia! misericordia! disse o visconde com uma voz, na qual um principio de voluptuosidade se misturava com o terror. Misericordia! »

A voz lhe expirou nos labios, e Canolles sentiu aquelle mimoso corpo deslizar-se ao longo da parede, e cair de joelhos.

O seu peito dilatou-se; havia na voz que o implorava um accento, que lhe fez comprender que o seu adversario já estava meio vencido.

Deu por tanto um passo mais, estendeu as mãos, e encontrou as duas mãos juntas, e supplicantes do mancebo, que desta vez não tendo já nem sequer a força de dar um grito, arrancou do peito um suspiro quasi doloroso.

Repentinamente ouve-se o galope de um cavallo debaixo da janella, e precipitadas aldrabadas retumb ram na porta da estalagem, as quaes f ram seguidas de gritos, e rumores. Chamavam, e batiam alternativamente.

« Senhor barão de Canolles? gritava uma voz?

— Oh! seja Deus louvado! estou salvo, balbuciou o visconde.

— Os diabos levem semelhante basbaque! disse Canolles, não podia vir amanhã de manhã?

— Senhor barão de Canolles! bradava a voz, senhor barão de Canolles! é preciso que lhe eu falle no mesmo instante.

— Vejamos, que ha de novo? perguntou o barão recuando um passo

— Senhor, senhor, disse Castorin da porta, perguntam por vós. . . . procuram-vos.

— Mas quem? ó biltre?

— Um correio.

— Da parte de quem?

— Da parte do senhor duque d'Epéron.

— Que me quer elle?

— Serviço do rei. »

Ao ouvir esta palavra magica, a que tinha de obedecer, Canolles foi praguejando abrir a porta, e desceu a escada.

Quanto a Pompeu, ouviam-no roncar.

O correio tinha entrado, e estava á espera em uma sala terrea; Canolles foi ter com elle, e lêu enfiando a carta de Nanon; por quanto, como o leitor já o terá advinhado, o correio era Courtauvaux em pessoa, que tendo partido umas dez horas depois de Canolles, não pudera, por mais diligencia que fizesse, alcançal-o sinão na segunda etapa.

Algumas perguntas que fez a Courtauvaux não deixaram a Canolles a minima dúvida acerca da necessidade da diligencia que tinha de fazer. Lêu segunda vez a carta, e a assignatura: *vossa boy*

irmã Nanon, fez-lhe comprender o que acontecera; isto é, que mademoiselle de Lartigues se salvára do perigo fazendo-o passar por seu irmão.

Canolles por diferentes vezes ouvira a própria Nanon fallar em termos pouco lisonjeiros daquelle irmão, cujo lugar tomára, o que não concorreu pouco para a má vontade com que ia obedecer a esta mensagem do duque.

« Muito bem, disse elle a Courtauvaux, sem lhe abrir credito na estalagem, e sem lhe despejar a sua bolsa nas mãos, o que não houvera deixado de fazer em outra qualquer occasião; muito bem; dizei a vosso amo que me alcauçastes, e que obedeci no mesmo instante.

— Ea mademoiselle de Lartigues não lhe direi cousa nenhuma?

— Sim, dir lhe-eis que seu irmão sabe apreciar o sentimento por que foi impellida, e que lhe fica sumnamente agradecido. Castorin ide sellar os cavallos! »

E sem nada mais dizer ao mensageiro, que estava pasmado á vista de uma tal recepção, Canolles tornou a subir, e foi ter com o visconde, que encontrou pallido, tremulo, e já vestido. Duas velas estavam accesas na chaminé.

Canolles lançou um olhar de profunda mágoa para aquella alcova, e para as duas camas gemeadas, em uma das quaes se divisava uma ligeira, e curta presão. O visconde observou este olhar com um sentimento de pudor que lhe fez subir o rubor ao rosto.

« Alegrai-vos, visconde, disse Canolles, eis-vos desembaraçado de mim por todo o resto da viagem. Parto pela posta em serviço do rei.

— E quando ? perguntou o visconde com voz ainda mal segura.

— Neste mesmo instante ; dirijo-me a Mantas, onde, segundo parece, se acha a côrte.

— Adeus ! senhor, » pôde apenas responder o mancebo, que atirou comsigo para cima de uma cadeira, sem se atrever a levantar os olhos para o seu companheiro.

Canolles deu um passo para elle.

« Não vos tornarei sem dũvida a vêr mais, disse elle com uma voz mui commovida.

— Quem sabe ? disse o visconde fazendo diligencia por sorrir-se.

— Promettei uma cousa a um homem que se lembrará eternamente de vós, disse Canolles pondo a mão sobre o seu coração, e isto com uma harmonia de voz e de gesto, que não deixava a minima dũvida ácerca da sua sinceridade.

— Qual cousa ?

— Que delle vos lembrareis algumas vezes.

— Eu vol-o prometto.

— Sem. . . . cólera ? . . .

— Sim.

— Dai-me uma prova em apoio desta promessa ? » disse Canolles.

« O visconde estendeu-lhe a mão.

Canolles pegou naquella mão toda tremula sem outra alguma intenção mais que a de apertal-a entre as suas ; mas por um movimento mais forte que a sua vontade, apertou-a com ardo aos seus labios, e arremessou-se fóra do quarto dizendo comsigo :

« Ah ! Nanon ! Nanon ! podereis vós jámais indemnisar-me do que me fazeis perder ? »

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

A GUERRA
DAS
MULHERES.

POR

A. DUMAS.

TOMO SEGUNDO.

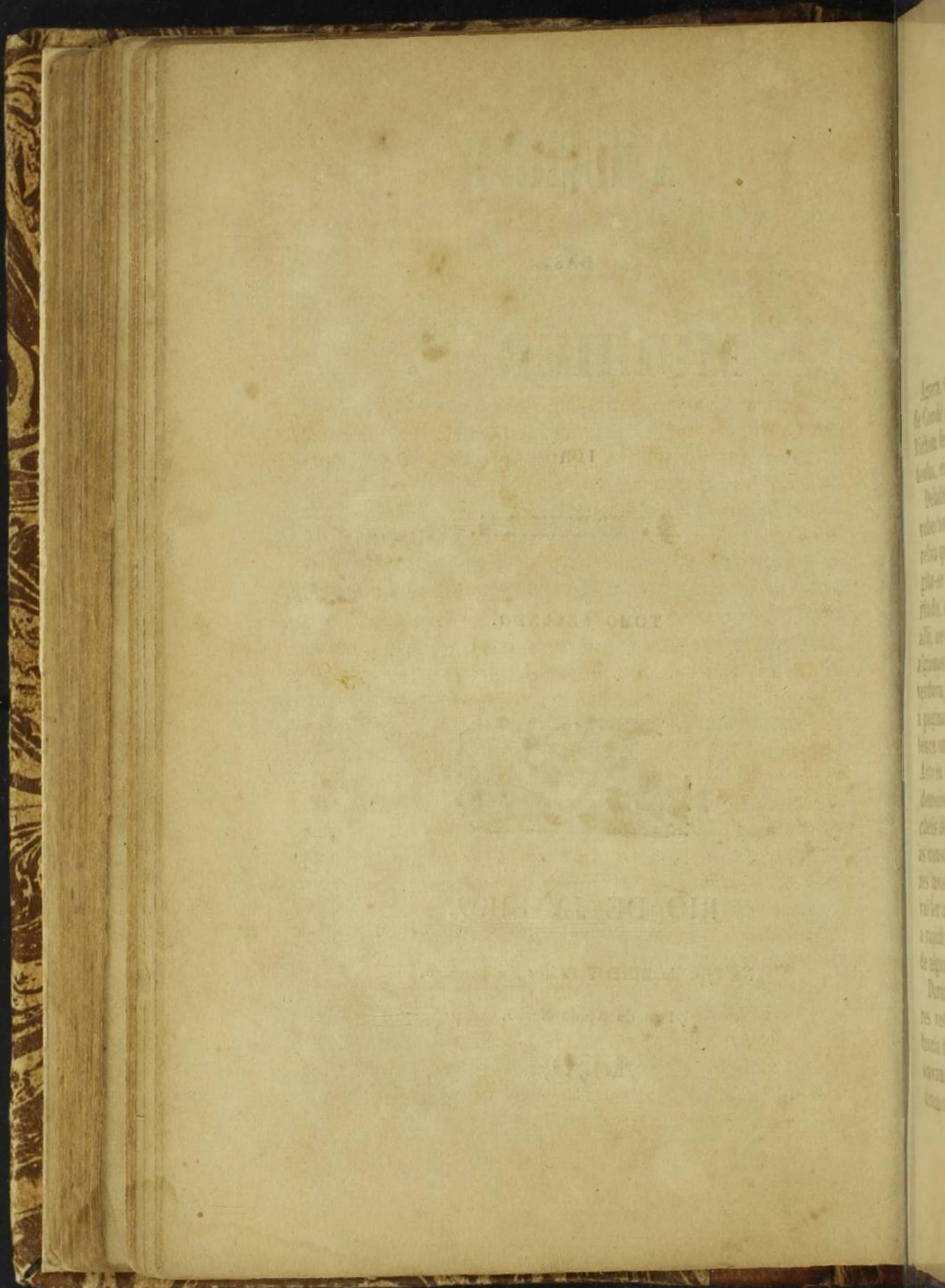


RIO DE JANEIRO.

Na Typ. de BINTOT Editor, e Livreiro.

Rua da Ajuda N. 55.

1850.



Agora, si acompanharmos as princezas da casa de Condé áquelle desterro de Chantilly, e de que Richon fez ao visconde uma pintura assaz medonha, eis o que alli ides vêr:

Debaixo daquellas bellas ruas de castanheiros cobertos de flores, sobre aquelles tableiros de relva que se estendem até aos lagos azulados, agita-se de continuo um enxame de pescadores, rindo, conversando, e cantando. Ora aqui, ora alli, no meio das plantas mais altas, apparecem algumas figuras de leitores perdidas nas vagas de verdura, onde não se vê distinctamente mais que a pagina branca que elles devoram, e que pertence ou á *Cleopatra* de Mr. de Calprenède, ou á *Astréa* de Mr. d'Urfé, ou ao *Grande Cyro* de mademoiselle de Scudéry; no fundo dos caramanchéis de madre-silvas, e de clamatites ouviam-se as consonancias dos alaúdes, e os cantos de vozes invisiveis. Finalmente, na rua principal que vai ter ao castello, passa de vez em quando, com a rapidez do relampago, um cavalleiro portador de alguma ordem.

Durante este tempo, no terrado, tres mulheres vestidas de setim, e seguidas em certa distancia de escudeiros mudos, e respeitosos, passeavam gravemente com uns gestos cheios de cêremonia, e magestade; no meio dellas uma

dama de porte nobre, sem embargo dos seus cincoenta e sete annos, discorria magistralmente ácerca dos negocios do estado; á sua direita, uma joven senhora muito direita, trajada sombriamente, escuta franzindo as sobrancelhas, a douta theoria da sua visinha; á sua esquerda em fim, outra senhora velha, a mais impertigada, e a mais compassada das tres, porque é de qualidade menos illustre, falla, escuta, e medita, tudo ao mesmo tempo.

A dama do meio é a senhora prínceza viuva, mãe do vencedor de Rocroy, de Nordlingen, e de Lens, ao qual, depois que é perseguido, e por effeito desta perseguição foi encarcerado em Vincennes, começam a dar o nome de grande Condé, nome que a posteridade lhe conservará: esta dama, em cujas feições se pôdem ainda reconhecer os restos daquella formosura, a que se dirigiram os ultimos, e talvez os mais loucos amores de Henrique IV, acaba de ser ferida ao mesmo tempo no seu amor de mãe, e no seu orgulho de princeza por um *facchino italiano* a quem chamavam Mazarin quando era criado do Cardeal Bentivoglio; e a quem agora chamam Sua Eminencia o Cardeal Mazarin depois que é o amante de Anna d'Austria, e primeiro ministro do reino de França.

Foi elle que se atreveu a encarcerar Condé, e a desterrar para Chantilly a mãe, e a esposa do nobre preso.

A senhora da direita é Clara-Clemencia de Maille, princeza de Condé, a quem por um habito aristocratico daquelle tempo, chamam simplesmente *madama*, para dar a entender que a mu-

Her do chefe da familia dos Condés é a primeira princeza de sangue, a princeza por excellencia: nunca deixou de ser altiva; mas depois que é perseguida, a sua altivez ainda mais avultou com a perseguição, de modo que se tornou orgulhosa. Com effeito, condemnada a representar um papel secundario em quanto o principe gozava da sua liberdade, a prisão de seu marido elevou-a ao estado de heroína: chegou a ser mais lamentavel que uma viuva; e seu filho, o duque de Enghien, que está para fazer sete annos, é mais interessante que um orfão. Os olhos todos nella estão cravados, e si não fôra o receio de tornar-se ridicula, ter-se-ia vestido de luto. Desde o desterro imposto por Anna d'Austria a estas duas lagrimosas senhoras, os seus gritos agudos se convertêram em surdas ameaças: de opprimidas que eram, iam tornar-se rebeldes. A senhora princeza, Themistocles de touca, tem o seu Mileiades de saia, e os louros de madama de Longueville, momentaneamente rainha de Paris, não lhe deixam pegar no sono.

A dona da esquerda é a marquez de Tourville, que se não atreve a escrever romances, mas que forja planos em assumptos politicos; não faz a guerra em pessoa como aquelle bravo Poupeu, e como elle não recebeu uma bala na batalha de Corbie; mas seu marido, que era um capitão assaz estimado, foi ferido na Rochella, e morto em Friburgo; d'onde resulta que sendo herdeira da sua fortuna patrimonial, entendeu que o devia tambem ser do seu genio militar. Depois que veio reunir-se ás senhoras princezas em Chantilly, já fez tres planos de campanha que

successivamente excitaram a admiração das mulheres do seu acompanhamento, e que fôram, não abandonados, mas aprazados para o momento, em que se desembainhar a espada. Não se atreve a vestir o uniforme de seu marido, apesar de que ás vezes tenha boa vontade de assim o fazer; possui porém a sua espada que está pendente no seu quarto, por cima da cabeceira do seu leito, e de tempos a tempos, quando se acha só, desembainha-a com um ar muito marcial.

Chantilly, apesar da sua apparencia festival, poderia muito bem não ser na realidade mais que um vasto abarracamento, e si se lhe desse busca, alli se acharia polvora nos subterraneos, e baionetas nas ramadas.

As tres senhoras no seu lúgubre passeio, dirigem-se a cada volta que dam para a porta principal do castello, e parecem espreitar a chegada de algum mensageiro de importancia. Já por diferentes vezes a princeza viuva dissera, abanando a cabeça, e suspirando:

« Nós seremos mal succedidas, minha filha; vêr-nos-emos humilhadas.

— Não se póde alcançar muita gloria sem que isso custe alguma coisa, disse madama de Tourville sem dar mostras de timidez, e não ha victoria sem combate!

— Si ficarmos mal, si formos vencidos, disse a joven princeza, nós nos vingaremos.

— Senhoras, dis-e a princeza viuva, si nos sairmos mal, será Deus quem terá vencido o senhor principe. Quererieis vós pois vingar-vos de Deus? »

A joven princeza inclinou-se ante a soberba.

humildade de sua sogra, e estas tres personagens, saudando-se deste modo, e dando-se um mutuo incenso, muito se assimilavam a um bispo assistido de dous Diaconos, que tomam a Deus por pretexto das homenagens que prestam uns aos outros.

— Nem Mr. de Turenna, nem Mr. de Larochevoucauld, nem Mr. de Bouillon ! resmungou a princeza viuva : tudo falta ao mesmo tempo.

— Nem dinheiro ! respondeu madama de Tourville.

— E em quem poderemos confiar-nos, replicou a princeza, si a mesma Clara de nós se esquece ?

— Quem vos diz, minha filha, que madama de Cambes de vós se esquece ?

— Ella não volta !

— Talvez que o não tenha podido fazer ; as estradas estão guardadas pelo exercito de Mr. de Saint-Aignan ; vós bem o sabeis.

— Poderia pelo menos escrever-nos.

— Quererieis vós que ella confiasse do papel uma resposta tão importante ? a adhesão de uma cidade inteira como Berdeos ao partido dos senhores principes !... Não, os negocios deste lado não são os que mais me inquietam.

— De mais disso, replicou madama de Tourville, um dos tres planos que tive a honra de entregar a V. Alteza, tinha por objecto uma sublevação infallivel da Guienna.

— Sim, sim, tornar-nos-emos a occupar disso si fôr necessario, respondeu a senhora princeza ; mas eu declaro-me a favor do parecer da senhora minha mãe, e vou principiando a acre-

ditar que terá acontecido alguma desgraça a Clara, pois si assim não fóra, ella já aqui estaria. Talvez que os seus rendeiros lhe não cumprissem a palavra; um miseravel aproveita sempre a occasião de não pagar, quando disso pôde dispensar-se. Além de que, sabemos nós o que a gente da Guienna terá feito, ou não terá feito, apezar das suas promessas? sam Gascoes!

Sam uns paroleiros! disse madama de Tourville; verdade é que sam bravos individualmente. mas reunidos em corpo sam maus soldados, e só bons para bradar; «Viva o Senhor Principe! quando tem medo dos Hespanhoes, e nada mais.

— Elles com tudo muito aborreciam a Mr. d'Epernon, disse a Princeza viuva, por quanto em Agen enforcaram-no em estatua, e prometteram enforcá-lo em pessoa em Bordeos, si lá tornasse jámais a entrar

— Elle ahi terá tornado a entrar, e tê-los-ha mandado enforcar a elles, disse a senhora Princeza com despeito.

— E tudo isto, replicou madama de Tourville, é culpa do senhor Lenet, do senhor Pedro Lenet, repetiu ella com affectação, daquelle conselheiro teimoso, que vos obstinais em conservar e que outro prestimo não tem que o de transtornar todos os nossos planos. Si elle não houvera rejeitado o meu segundo plano, que tinha por objecto, como bem lembrada estareis, tomar por surpresa o castello de Vayres, a ilha de São Jorge, e o forte de Blaye, teriamos agora posto sitio a Bordeos, e esta cidade não poderia deixar de capitular.

— Eu antes quero, salvo o parecer de Suas

Altezas, que Bordeos se declare por nós voluntariamente, disse por detraz de madama de Tourville uma voz, em cujo accento respeitoso não deixava de transluzir alguma cousa de ironico. Cidade que capitula cede á força, e a nada se obriga; a cidade que se declara voluntariamente compromette-se, e vê-se obrigada a seguir até ao ultimo extremo a fortuna daquelles por quem se declarou.

As tres senhoras voltáram-se, e deram com os olhos em Pedro Lenet, que em quanto ellas davam uma das suas voltas em direcção áquelle grande portão do castello d'onde não tiravam os olhos, saíra por uma portasinha rente do terrado, e dellas se aproximára pela parte detraz.

O que madama de Tourville dissera não deixava em parte de ser verdade. Pedro Lenet, conselheiro do Principe, homem frio, assisado e grave, estava encarregado pelo preso de observar tanto os amigos, como os inimigos, e ha mister dizê-lo, muito maior difficuldade encontrava em obstar a que os amigos do Principe compromettessem a sua causa, do que em combater as más intenções dos seus inimigos. Habil porêm, e artiloso como um letrado, habituado ás rabulices, e tretas dos demandistas, ordinariamente triunfava, ou por alguma feliz contra-mina, ou por uma inabalavel inercia. Além de que, em Chantilly mesmo é que dava as suas mais sábias batalhas. O amor proprio de madama de Tourville, a impaciencia da senhora Princeza, a inflexibilidade aristocratica da Princeza viuva não deixavam de valer tanto como a

astúcia de Mazarin, o orgulho de Anna de Austria e as indecisões do Parlamento.

Lenet, encarregado da correspondencia pelos principes, impuzera-se a si proprio a lei de não dar as noticias ás princezas sinão em occasião opportuna, e era elle quem se constituia juiz desta opportuidade; por quanto, não procedendo sempre a diplomacia feminina pelo mysterio, que é o primeiro principio da diplomacia masculina, um não pequeno numero dos planos de Lenet haviam deste modo sido entregues pelos seus amigos aos seus inimigos.

As duas princezas, que nem por isso deixavam de reconhecer, sem embargo da opposição que nelle encontravam, o zelo ardente, e sobretudo a utilidade de Pedro Lenet, fizeram bom agasalho ao conselheiro, e até um ligeiro sorriso deslizou pelos beiços da viuva.

« Entãc, meu caro Lenet, vós bem a ouvjeis, disse ella, madama de Tourville se lastimava, ou para melhor dizer nos lastimava; tudo vai de mal para peor. Ai! os nossos negocios, meu caro Lenet, os nossos negocios!

— Senhora, disse Lenet, estou bem longe de vêr as cousas tam negras como Vossa Alteza as vê. Espero muito do tempo, e das variações da fortuna. Vós bem sabeis o que diz o proverbio: « Tudo chega a proposito para quem sabe esperar. »

— O tempo, as variações da fortuna, isto, senhor Lenet, é filosofia, e não politica! » exclamou a senhora princeza.

Lenet surriu-se por seu turno.

« A filosofia é util, senhora, em todas as cou-

sas, e sobre tudo em politica. Ensina-nos a não nos ensoberbecermos com o feliz successo, e a não perder a paciencia nos revezes.

— Não importa, disse madama de Tourville, eu antes quizera um bom correio do que todas as vossas maximas. Não é isto verdade, senhora Príncipeza ?

— Sim, eu o confesso, respondeu madama de Condé.

— Vossa Alteza ficará por tanto muito satisfeita, porque receberá hoje tres, replicou Lenet com o mesmo sangue frio.

— Como assim, tres !

— Sim, senhora. O primeiro foi visto na estrada de Bordeos, o segundo vem de Stenay, e o terceiro chega de Larochefoucault. »

As duas princezas soltaram uma exclamação de alegre sobresalto. Madama de Tourville mordeu os beiços.

« Parece-me, meu querido senhor Pedro, disse ella requebrando-se toda, para dissimular o seu despeito, e envolver em uma folha dourada a amargura da palavra que ia proferir, parece-me que um habil nigromante como vós não deveria parar em tam bom caminho, e que depois de haver-nos annuciado os correios, deveria tambem dizer-nos o conteúdo dos despachos.

— A minha sciencia, senhora, não chega ao ponto que vós julgais, disse elle modestamente, limita-se a ser um fiel servidor. Eu annuncio, mas não advinho. »

No mesmo instante, como si com effeito Lenet fôsse servido por algum demonio familiar, avistaram-se dous cavalleiros que franqueavam

a cancella do castello, e que se adiantavam á desfilada. Immediatamente um bando de curiosos, desertando dos jardins, e dos taboleiros de relva, acudiram para saber a sua parte das noticias.

Os dous cavalleiros apearam-se, e um delles, largando ao outro, que parecia ser o seu laçao, a rêdea do seu cavallo alagado em suor, dirigiu-se antes correndo, do que andando, para as princezas que lhe saíam ao encontro, e que descobrira na extremidade da galeria, em quanto elle entrava pela outra.

« Clara! exclamou a senhora princeza.

— Sim, senhora; dignese Vossa Alteza de receber os meus humildes respeitos. »

E pondo um joelho no chão, o mancebo quiz tomar a mão da senhora princeza para beijal-a respeitosamente.

« Vinde a meus braços! querida viscondessa, » exclamou madama de Condé levantando-a.

E depois de haver-se deixado abraçar, com todas as mostras de respeito possíveis, pela senhora princeza, o cavalleiro voltou-se para a princeza viuva, a quem saudou profundamente.

« Depressa, fallai, querida Clara, disse esta.

— Sim, fallai, repetiu madama de Condé. Viste tu a Richon ?

— Sim, senhora, e encarregou-me de uma commissão para Vossa Alteza.

— Boa, ou má?

— Eu mesmo a ignoro, compõe-se de duas palavras.

— Quaes sam ellas? Depressa, que eu morro de impaciencia. »

E a mais viva anciedade se pintou no rosto

das duas princezas.

« *Bordeos, sim.* » disse Clara, inquieta ella mesma quanto ao effeito que tinham de produzir estas duas palavras.

Mas em breve ficou socegada, porque as princezas responderam a estas duas palavras com um grito de triumpho, que foi parte para que Lenet acudisse correndo da extremidade da galeria.

« Lenet! Lenet! vinde! vinde! exclamou a princeza; não sabeis de certo que noticia nos traz a nossa boa Clara?

— Olá si o sei, senhora! disse Lenet surrindo-se, e por isso é que me não apressava.

— Como! vós o sabeis?

— *Bordeos, sim!* Não é isto? disse Lenet.

— Na realidade, meu querido Pedro, vós sois feiticeiro! disse a princeza viuva.

— Mas si vós o sabeis, Lenet, disse em tom de reprehensão a princeza, por que razão, vindo a inquietação em que estavamos, não nos havieis de socegar com estas duas palavras?

— Porque eu queria deixar á senhora viscondessa de Combes a recompensa das suas fadigas, respondeu Lenet inclinando-se diante de Clara sumamente commovida, e de mais disse porque tambem receava, no terrado, e á vista de toda a gente, a explosão de alegria de Vossas Altezas.

— Tendes razão, sempre razão! Pedro! meu bom Pedro! disse a princeza. O melhor é calarmos-nos!

— E com tudo, áquelle honrado Richon é que devemos isso, disse a princeza viuva. Não é verdade que estais contente delle, e do bem que manobrou, dizei, compadre Lenet?

Compadre era a palavra carinhosa da princeza viuva, tendo-se habituado a empregar-a no sentido do rei Henrique IV, que della se servia com frequencia.

— Richon, senhora, é homem de juizo, e de execução, disse Lenet, e creia Vossa Alteza que si eu não estivesse tam certo delle, como o estou de mim mesmo, não lho houvera recommendado.

— Que faremos nós a favor delle? disse a princeza.

— Será preciso dar-lhe algum posto importante, disse a princeza viuva.

— Algum posto importante! Vossa Alteza não pondéra isso devidamente, disse com azedume madama de Tourville, e esquece-se de que Mr. Richon não e gentilhomem!

— Nem eu tambem o sou, senhora, respondeu Lenet, o que não obsta que o senhor principe tenha, como supponho, alguma confiança em mim. Eu de certo admiro, e respeito a nobreza de França, mas circumstancias ha em que me atreverei a dizer que vale mais um grande coração do que um velho brasão.

— E porque não veiu aquelle bom Richon annunciar elle mesmo em pessoa esta rica noticia? disse a princeza.

— Ficou na Guienna para reunir um certo numero de homens. Disse-me que podia já contar com uns trezentos soldados; e accrescenta sómente que por falta de tempo não estarão bem exercitados para combater em campo raso, e antes quereria que se obtivesse para elle o commando de uma praça, como Vayres, ou a ilha

de S. Jorge. Alli, disse elle, teria toda a certeza de ser summamente util a Suas Altezas.

— Mas como se poderia alcançar isso? perguntou a princeza. Não somos actualmente muito bem vistas na côrte para podermos recomendar alguém, e aquelle que recommendassemos tornar-se-ia desde logo suspeito.

— Talvez, senhora, disse a viscondessa, que houvesse um meio que o mesmo Mr. Richon me suggeriu.

— Qual é elle?

— Mr. d'Epernon está, segundo parece, continuou a viscondessa tornando-se vermelha, perdido de amores por uma certa menina.

— Ah! sim, a formosa Nanon, disse com desdem a princeza; muito bem o sabemos.

— Ora pois, parece que o duque d'Epernon nada pôde recusar áquella mulher, e que aquella mulher concede tudo quanto lhe compram. Não se lhe poderia comprar uma patente para Mr. Richon?

— Seria dinheiro bem empregado, disse Lenet.

— Sim, mas o cofre está em seco; vós muito bem o sabeis, senhor conselheiro, disse madama de Tourville.»

Lenet voltou-se sorrindo-se para o lado de madama de Cambes.

« Eis o momento madama, lhe disse elle, de provar a Suas Altezas que de nada vos esquecistes.

— Que quereis vós dizer, Mr. Lenet?

— Elle quer dizer, senhora, que eu sou assaz feliz em poder offercer-vos uma fraca quantia,

que a muito custo pude arrancar aos meus rendeiros; o offerecimento é mui modesto, mas não pude alcançar mais. Vinte mil libras! continuou a viscondessa abaixando os olhos, e hesitando muito envergonhada de não poder offerecer uma maior quantia ás duas primeiras senhoras do reino depois da rainha.

« Vinte mil libras! exclamaram as duas princezas.

— Mas em tempos tam desgraçados como estes em que vivemos, é uma fortuna, continuou a princeza viuva.

— Como poderemos desempenhar-nos para com a nossa querida Clara? exclamou a princeza.

— Vossa Alteza mais tarde disso se occupará.

— E onde está esta somma? perguntou madama de Tourville.

— No quarto de Sua Alteza, para onde o meu escudeiro Pompeu recebeu ordem de a levar.

— Lenet, disse a princeza, lembrar-vos-eis de que devemos esta quantia a madama de Cambes.

— Já está lançada em conta, disse Lenet tirando da algibeira o seu canhenho de lembranças, e mostrando na data daquelle dia, as vinte mil libras da viscondessa assentadas em uma columna, cujo total algum tanto teria assustado as princezas si se tivessem dado ao trabalho de a sommar.

— Mas como fizestes vós para passar sã e salva, minha querida? disse a princeza, pois nos asseguraram que Mr. de Saint-Aignan guarda a estrada, e passa revista a tudo, nem mais nem menos como si fôsse algum guarda da alfandega.

— Graças á prudencia de Pompeu, disse a

viscondessa. evitamos, senhora, este perigo fazendo um enorme rodeio, o qual nos retardou obra de dia e meio, mas a elle devemos a segurança com que viajámos. Si não fóra este incidente eu houvera chegado ante-hontem junto de Vossa Alteza.

— Socegai, senhora, disse Lenet, ainda não houve tempo perdido; do que agora se trata é de bem empregar o dia de hoje, e o de amanhã. Hoje, disto devem lembrar-se Vossas Altezas, esperamos tres correios; um já chegou, faltam os outros dous.

— E podem saber-se, senhor, os nomes daquelles outros dous correios? perguntou madama de Tourville, esperando sempre colher em falta o conselheiro, a quem fazia uma guerra que por não ser declarada, nem por isso era menos real.

— O primeiro, si as minhas previsões me não enganam, respondeu Lenet, será Gourville; vem da parte do duque de Larochefoucault.

— Da parte do principe de Marsillac, quereis sem dũvida dizer, replicou madama de Tourville.

— O senhor principe de Marsillac, senhora, é agora duque de Larochefoucault.

— Então seu pai morreu?

— Ha oito dias.

— E onde?

— Em Verteuil.

— E o segundo? perguntou a princeza.

— O segundo é Blanchefort, o capitão das guardas do senhor principe. Chega de Stenay, e vem da parte de Mr. de Turenna.

— Em tal caso, creio, disse madama de Tourville, que para evitar toda a perda de tempo, poder-se-ia recorrer ao primeiro plano que eu tinha feito, no caso provavel da adhesão de Bordéos, e da alliança de Mrs. de Turenna, e de Marsillac.»

Lenet surriu-se como era seu costume.

« Perdoai-me, senhora. disse em tom summamente cortez; mas os planos formados pelo senhor principe em pessoa, acham-se a estas horas em via de execução, e promettem um resultado feliz.

— Os planos formados pelo senhor principe, disse com rapidez madama de Tourville, pelo senhor principe que está na prisão de Vincennes e que não tem communicação com pessoa alguma!...

— Eis as ordens de Sua Alteza, escriptas pelo seu proprio punho, e datadas de hontem, disse Lenet, tirando de sua algibeira uma carta do principe de Condé; recebi-a esta manhã. Nós estamos em correspondencia »

O papel quasi que foi arrancado das mãos do conselheiro pelas duas princezas, que devoraram derramando lagrimas de alegria, tudo quanto nelle se continha.

« Ora pelo que vejo, não se dirá que as algibeiras de Lenet contêm todo o reino de França? disse a princeza viuva.

— Ainda não, senhora, ainda não, respondeu o conselheiro; mas com a ajuda de Deos, farei diligencias por alargal-as bastante para isso. Agora, continuou elle fitando os olhos na vis-

condessa, esta senhora deve precisar de descanso, porque esse longo caminho. . . »

A viscondessa compreendeu qual era o desejo que tinha Lenet de ficar só com as princezas, e à vista de um sorriso da princeza viuva, que a confirmou nesta idéa, fez uma respeitosa saudação, e afastou-se.

Madama de Tourville ia-se deixando ficar, e lisonjeava-se de fazer uma ampla colheita de informações misteriosas; mas em consequencia de um aceno imperceptivel da princeza viuva á sua nora, as duas princezas espontaneamente, com uma mesura augusta, e feita conforme todas as regras da etiqueta, annunciaram a madama de Tourville, que era chegado o termo da sessão politica a que fôra convidada a assistir. A dama das theorias compreendeu perfeitamente o que della se pretendia, fez ás duas senhoras uma mesura ainda mais grave, e mais ceremoniosa do que a que lhe haviam feito, e retirou-se tomando a Deos por testemunha da ingratidão das princezas.

As duas princezas recolheram-se ao seu gabinete, e Pedro Lenet nelle entrou após ellas.

— « Agora, disse Lenet, depois de haver-se certificado de que a porta estava bem fechada, si Vossas Altezas quèrem receber a Gourville, que acaba de chegar, está mudando de fato, e não ousa apresentar-se-vos com o seu trajo de viagem?

— E que noticia traz elle?

— A noticia de que Mr. de Laroche foucault aqui deve chegar esta noite ou amanhã, com quinientos gentishomens.

— Quinhentos gentishomens ! exclamou a princeza ; isso na realidade é um exercito !

— Que mais difficil tornará a nossa passagem. Eu antes houvera querido cinco ou seis servidores sómente do que todo esse apparatus ; termos-iamos mais facilmente subtraido a Mr. de Saint-Aignan, e evitado o seu encontro. Actualmente será quasi impossivel chegar ao meio dia sem sermos inquietados.

— Tanto melhor si nos inquietarem , exclamou a princeza ; porque si nos inquietarem , combateremos, e sairemos vencedores : o espirito de Mr. de Condé marchará com nosco,»

Lenet olhou para a princeza viuva, como para tambem ouvir o seu parecer ; mas Carlota de Montmorency, creada em meio das guerras civis do reinado de Luiz XIII, que vira curvarem-se tantas altas cabeças para entrarem na prisão, ou rolarem nos cadafalsos por haverem querido conservar-se direitas , passou com tristeza a mão pela sua frente, carregada de penosas lembranças.

« Sim, disse ella, eis o triste estado a que nos vemos reduzidos ! Occultarmo-nos, ou combatermos ! Nós viviamos mui soçegados, á sombra de uma pouca de gloria, e que Deos se dignara conceder á nossa casa ; nós não procuravamos, pelo menos lisonjeio-me de que nen'um de nós jámais tivera outra inteneção, que não fósse a de nos conservarmos na graduacão em que haviamos nascido ; e eis que as contingencias destes desgraçados tempos nos impellem a combater o nosso amo...

— Senhora ! disse com impetuosidade a joven princeza, vejo com meus desgosto do que

Vossa Alteza a necessidade a que nos vemos reduzidos. Meu esposo, e meu irmão estão soffrendo um indigno captivo; aquelle esposo, e aquelle irmão são vossos filhos; de mais disso, a vossa filha está proscripta. Eis mais do que é preciso sem d'úvida alguma para servir de desculpa a todas quantas emprezas pudermos tentar.

— Sim, disse a princeza viuva com uma tristeza mui resignada; sim, seghora, eu tudo isso supporto com mais paciencia do que vós; mas tambem não posso deixar de lamentar o triste destino que parece ameaçar-nos de sermos proscriptos ou presos. Assim que fui esposa do pai de vosso marido, logo tive de sair de França, perseguida pelo amor de Henrique IV. Ainda bem não haviamos para ella voltado, quando tivemos de entrar na prisão de Vincennes, perseguidos pelo odio do cardeal de Richelieu. Meu filho, que hoje se acha preso, nasceu na prisão, e pôde, no fim de 32 annos, tornar a vêr o quarto onde nasceu. Ah! vosso sogro, o senhor principe, sobrada razão tinha pois nas suas sombrias profecias quando lhe annunciaram o ganho da batalha de Rocroy, quando o conduziram á sala tapizada com as bandeiras tomadas aos hespanhoes: « Deos sabe a alegria que esta acção de meu filho me causa, disse elle voltando-se para mim; mas lembrai-vos, seghora, que quanta maior gloria a nossa casa adquirir, tanto maiores desgraças terá de soffrer. Si as minhas armas não fossem as da França, brasão demasiado bello para que haja de abandonar-se, eu quizera tomar por armas um falcão, a quem as suas can-

painhas denunciam , e ajudam a ser de novo apanhado, com esta divisa : *Fama nocet !* » Temos feito muito ruido, minha filha, e alcançado demasiado renome, eis o que nos damna. Não sois do meu parecer, Lenet ?

— Senhora, replicou Lenet, afflicto com as recordações que acabava de evocar a princeza, Vossa Alteza tem razão; mas nós adiantamo-nos demasiado, e por isso não podemos já recuar ; ainda mais : em circumstancias semelhantes a estas em que nos achamos, trata-se de tomar uma resolução prompta : cumpre vêr qual seja na realidade a nossa situação, e não nol-a dissimularmos. Nós não estamos livres sinão na apparencia, a rainha tem os olhos fitos em nós, e Mr. de Saint-Aignan nos bloquea. Ora pois, trata-se de sair de Chantilly apezar da vigilancia da rainha. e do bloqueio de Mr. de Saint-Aignan.

— Embora saíamos de Chantilly, mas seja de cabeça levantada ! exclamou a princeza.

— Eu sou deste parecer, disse a princeza viuva, os Condés não sam hespanhoes, e não atração ; não sam italianos, e não tratam de enganar ; o que fazem, fazem-no ás claras, e de frente erguida.

— Senhora, disse Lenet com o accento da convicção, Deus me é testemunha de que serei o primeiro que execute a ordem de Vossa Alteza, seja ella qual fôr ; mas para sair de Chantilly , como vós o quereis fazer, é preciso dar batalha. Vós de certo não tendes intenção de serdes mulheres no dia do combate, depois de haverdes sido homens no conselho ; vós marchareis á frente dos vossos partidarios, e vós é que dareis aos

vossos soldados o grito de guerra ; vós porê-
esqueceis-vos de que ao lado das vossas precio-
sas existencias começa a apontar uma existencia
não menos preciosa; é a do senhor duque d'Eng-
hien, vosso filho, e neto ; ireis vós arriscar-vos
a sepultar no mesmo tumulo o presente, e o fu-
turo da vossa casa ? Crêdes vós que o pai não
servirá de refens do Mazarin, quando se tentarem
empresas temerarias em nome do filho ? Não co-
nheceis vós já os segredos da torre de Vincennes
onde estiveram encerrados o Grão-Prior de
Vendome, o marechal d'Ornano, e Puy Laurens ?
Esqueceste-vos daquelle quarto fatal que, se-
gundo diz madama de Rambouillet, é a habitação
mais insupportavel do mundo ? Não, senhoras,
continuou Lenet juntando as mãos, não, vós da-
reis ouvidos ao parecer do vosso antigo servi-
dor, e saireis de Chantilly como convêm que o
façam umas senhoras, que soffrem perseguição ;
lembrai-vos que a vossa arma mais segura é a
fraqueza; um menino a quem privam de seu pai
uma mulher a quem privam de seu marido, uma
mãe a quem privam de seu filho, soltam-se do
melhor modo que pôdem do laço que as prendia.
Esperai, para obrar, e fallar alto e bom som, que
não sirvais já de refens ao mais forte; estando
presas, os vossos partidistas ficarão mudos;
achando-vos livres declarar-se-ão, visto que já
não recearão que lhes dictem as condições do
vosso resgate. O nosso plano está concertado
com Gourville. Temos toda a certeza de ter uma
boa escolta, com a qual evitaremos os insultos
do caminho ; por quanto hoje vinte partidos dif-
ferentes se acham em campo, e todos vivem in-

distinctamente á custa do amigo, e do inimigo. Consenti no que vos digo; tudo está prestes.

— Partirmos ás escondidas, partirmos como uns malfeteiros! exclamou a joven princeza. Oh! que dirá o principe, quando souber que sua mãe, sua mulher, e seu filho se sujeitaram a uma tal vergonha?

— Eu não sei o que dirá; mas si fôrdes bem succedida, dever-vos-ha a sua liberdade; si vos não sairdes bem, não comprometteis os vossos recursos, e sobre tudo a vossa posição, como o farieis arriscando-vos a uma batalha. »

— A princeza viuva reflectiu um momento, e com o rosto cheio de affectuosa melancolia:

« Meu querido Mr. Lenet, tratai de convencer minha filha, pois quanto a mim vejo-me obrigada a ficar aqui. Até agora tenho lutado, mas não me sinto já com forças para mais: a dôr que me consome, e que em vão me esforço por occultar, a fim de não desanimar as pessoas que me rodeam, vai agrilhoar-me em um leito de dôr, que talvez será o meu leito de morte. Ha mister, primeiro que tudo, salvar a fortuna dos Condés. Minha filha, e meu neto sairão de Chantilly, e lisongeio-me de que terão bastante prudencia para conformar-se aos vossos conselhos, ou para melhor dizer, ás vossas ordens. Ordenai, Lenet, e executar-se ha o que ordenardes!

— Vós perdeis a côr, Senhora! exclamou Lenet sustendo a princeza viuva, a quem já a joven princeza, assustada da sua pallidez, tomára em seus braços.

— Sim, disse a viuva, que cada vez se ia sentindo mais fraca; sim, as boas noticias de hoje

fizeram-me mais mal do que as angustias destes ultimos dias. Sinto me devorada pela febre; não o dêmos porêm a conhecer, pois que isto em tal momento poderia ser-nos muito nocivo.

— Senhora, disse Lenet em voz baixa, a indisposição de Vossa Alteza seria um beneficio do Céu, si a vossa pessoa não padecesse. Deixai-vos ficar na cama, e fazei correr a noticia de vossa doença. Vós senhora, continuou elle dirigindo-se á joven princeza, mandai chamar o vosso medico Bourdelot, e como em breve teremos de pôr em requisição as estrebarias, e as equipagens, espalhai voz por toda a parte de que a vossa intenção é mandar correr um gamo no parque. Deste modo ninguem se admirará de vêr homens, armas, e cavalloos em actividade.

— Fazei o que entenderdes, Lenet. Mas como é possível que um homem tam previsto como vós, não veja que poderão admirar-se desta estranha partida de caça, no mesmo momento em que minha mãe cai doente?

— E por isso tudo se anteviu, senhora. Não é depois de amanhã que o senhor duque d'Eng-hien completa sete annos, e deve sair das mãos das mulheres?

— Assim é.

— Ora bem, nós diremos que esta partida de caça tem lugar por motivo das primeiras calças que veste o joven principe, que Sua Alteza não quiz de modo algum que a sua molestia puzesse estorvo a esta solemnidade, e tanto insistiu que tivestes de ceder ás suas instancias.

— Excellente idéa! exclamou com um alegre sorriso a princeza viuva, muito ufana com esta

primeira proclamação da virilidade de seu neto; sim, o pretexto é bom, e na realidade Lenet, sois um digão, e bom conselheiro.

— Mas para correr apóz a caça, o senhor duque d'Enghien não terá de ir n'uma sege? perguntou a princeza.

— Não, senhora, a cavallo. Não tenha o minimo susto o vosso coração maternal. Tenho ideado uma sellasinha que Vialas, seu escudeiro, assentará adiante do arção da sua; deste modo todos poderão vêr o senhor duque d'Enghien, e á noite poderemos pôr-nos a caminho com toda a segurança: pois na supposição que tenhamos de fugir, indo a cavallo o senhor duque poderá passar por toda a parte, quando indo de sege, o primeiro obstaculo que encontrassemos nos faria parar.

— Então sempre sois de parecer que devemos partir?

— Depois de amanhã á noite, senhora, si Vossa Alteza não tem algum motivo para demorar a sua partida.

— Oh! não, muito pelo contrario, afastemo-nos quanto antes, Lenet, da nossa prisão.

— E uma vez que tendes saído de Chantilly, que fareis vós? perguntou a princeza viuva.

— Passaremos a travez do exercito de Mr. de Saint-Aignan, a quem não deixaremos de achar meio de lançar poeira aos olhos. Iremos reunir-nos a Mr. de Larocheoucault, e á sua escolta, e chegaremos a Bordeos onde estão á nossa espera. Assim que chegármos á segunda cidade do reino, á capital do Meio-dia, poderemos negociar ou combater, como melhor cou-

vier a Vossas Altezas ; com tudo, terci a honra de lembrar-vos, senhora, que mesmo em Bordeos não teremos probabilidade de sustentar-nos muito tempo, si não tivermos em roda de nós algumas praças, que obriguem as tropas reaes a fazer diversão. Duas destas praças sobre tudo sam de summa importancia : Vayres que domina o Dordonha, e facilita a chegada de viveres á cidade, e a ilha de São Jorge, que é considerada pelos proprios Bordelezes como a chave da sua cidade. Disto porêm nos occuparemos mais tarde ; por agora, tratemos unicamente do modo como daqui sairemos.

— Não vejo cousa que mais facil seja, segundo o que eu penso, disse a princeza. Estamos sós, e senhores de nós aqui, apesar de quanto possais dizer, Lenet.

— Não conteis com cousa nenhuma, senhora, antes de estarmos em Bordeos ; não ha cousa que seja facil com o espirito diabolico do Sr. Mazarin, e si esperei que nos achassemos sós para expôr o meu plano a Vossas Altezas, foi para descargo da minha consciencia, eu vol-o juro ; por quanto eu neste mesmo momento grandes receios tenho relativamente á segurança do projecto que a minha cabeça só por si concebeu, e que os vos-os ouvidos unicamente acabam de ouvir. O senhor Mazarin não só sabe as noticias, mas até as advinha.

— Oh ! eu o desafio a que faça mallograr este, disse a princeza ; mas ajudemos minha mãe a recolher se ao seu quarto ; desde hoje mesmo vou propagar o boato da nossa partida de caça

para depois de amanhã. Tomai a vosso cargo os convites, Lenet.

— Fica descansada a este respeito, senhora. »

A princeza viuva recolheu-se, e metteu-se na cama. Bourdelot, medico da casa de Condé, e mestre do senhor duque d'Enghien, foi mandado chamar: a noticia desta inesperada indisposição se derramou no mesmo instante em Chantilly, e meia hora depois, os bosquetes, as galerias, os jardins ficaram desertos, apinhando-se todos os hospedes das princezas na antecamara da princeza viuva.

Lenet passou o dia todo a escrever, e naquella mesma noite mais de cincoenta convites foram levados em differentes direcções pelos numerosos servidores desta casa real.

O dia designado para levar a effeito os graves projectos de Pedro Lenet, foi um dos mais sombrios daquella primavera, a que ehamam por tradição a mais bella estação do anno, e que quasi sempre, sobre tudo em França, é a mais desagradavel. O céu estava nublado, a mais profunda cerração reinava em toda a parte, e a chuva caía fria, e densa nos jardins de Chantilly. Nos vastos patios, presos ás argolas, cincoenta cavallos sellados, e enfreados estavam á espera, de orelha baixa, olhos tristes, e raspando impacientes a terra com os pés; matilhas de cães ajojados, e inquietos, tentavam, por um esforço commum, arrastar consigo o moço que enxugava as orelhas ensopadas em chuva dos seus favoritos.

Por uma e outra parte vagavam os picadores com as suas cornetas, e de mãos atraz das cos-

tas. Alguns officiaes, que se haviam costumado a resistir ás inclemencias da atmosphera nos bivagues de Rocroy, e de Lens, arrostavam a agua do céo, e mitigavam os enojos da demora conversando nos terrados, e escadas exteriores.

Todos haviam sido avisados de que era dia de cerimonia, e se haviam revestido de um ar solenne para ir vêr o senhor duque d'Enghien, vestido de calças pela primeira vez, correr um gamo. Todos os officiaes que estavam no serviço do principe, todos os clientes desta illustre casa, convidados pela circular de Lenet, haviam desempenhado, acudindo a Chantilly, o que entendiam ser um dever. As inquietações que desde logo déra a saude da princeza viuva haviam-se de mais disso dissipado em consequencia do juizo favoravel de Bourdelot; a princeza, depois de sangrada tomára pela manhã um emetico, panacêa universal daquella época.

A's dez horas todos os convidados pessoas de madama de Condé, tinham chegado, e cada qual delles fôra introduzido apresentando a sua carta de convite, e os que por acaso a tinham esquecido, uma vez que fossem reconhecidos por Lenet, eram introduzidos em consequencia de um signal que este fazia ao porteiro. Estes convidados, reunidos aos servidores da casa, podiam formar um corpo de oitenta ou noventa pessoas, cujo maior numero estava reunido à roda do magnifico cavallo branco, que com uma especie de orgulho levava, adiante da sua grande sella á franceza, um pequeno assento de velludo com espaldar, destinado para o senhor duque d'Enghien, e onde devia ir tomar o seu lugar

quando Vialas, seu escudeiro, tivesse elle proprio tomado lugar na sella principal.

Com tudo ainda se não fallava de dar principio á caçada, e parecia que se esperavam outros convidados.

Pelas dez horas e meia, tres gentishomens seguidos de seis criados todos armados de ponto em branco, e portadores de malas tam abarrotadas, que se diria que iam dar volta á Europa, entraram no castello, e vendo no pátio uns póstes que pareciam fincados alli para este effeito, quizeram prender a elles os seus cavallo. No mesmo instante um homem vestido de azul com um talabarte de prata, se aproximou, com a sua alabarda na mão, aos recém-chegados, que á vista da sua equipagem ensopada em agua, das suas botas enlameadas, facil era de vêr que eram viajantes que vinham de longe.

« D'onde vindes vós, senhores ? disse aquella especie de porteiro atravessando a sua alabarda.

— Do norte, respondeu um dos cavalleiros.

— E para onde ides ?

— Vamos ao enterro.

— E que prova daís disso ?

— Véde os nossos fumos.»

Com effeito, os tres amos tinham cada um o seu fumo na espada.

« Rogo-vos que me desculpeis, senhores, disse o porteiro, o castello está á vossa disposição ; alli achareis a mesa posta, um quarto com lume, e criados que vos sirvam ; quanto ás pessoas que vos acompanham, tambem se lhes acudirá com o que sôr preciso »

Os gentishomeas, bons provincianos, que ti-

nham fome, e curiosidade, apeáram-se, entregáram as rédeas dos cavallos aos seus lacaios, e tendo-se informado do caminho para a sala de jantar, encaminharam-se para esse lado. Um camarista esperava-os á porta, e lhes serviu de guia.

Durante este tempo os cavallos fôram tirados das mãos dos lacaios forasteiros pelas mãos dos lacaios caseiros, e levados para as estrebarias, onde lhes deram agasalho, e ração.

Ainda bem se não tinham os tres gentishomens sentado á mesa, quando outros seis cavalleiros seguidos de outros seis lacaios armados como os outros que já descrevemos, entraram como elles e como elles vendo os postes, quizeram prender ás argolas delles as suas cavalgaduras. Mas o homem da alabarda, que tinha recebido ordens estrictas, aproximou-se delles, e renovando as suas perguntas :

« D'onde vindes vós ? disse-lhes elle.

— Da Picardia. Somos officiaes do exercito de Turenna.

— Para onde ides ?

— Vamos ao enterro

— E que provas dais disso ?

— Vêde os nossos fumos.»

E como os primeiros mostraram os fumos que pendiam dos punhos das suas espadas.

Sendo tratados com a mesma cortezia estes ultimos, fôram tomados o seu lugar na mesa; e os mesmos cuidados se deram aos seus cavallos, que fôram recolhidos na estrebaria.

Depois destes apresentaram-se outros quatro e ainda se renovou a mesma scena.

Das dez horas até ao meio dia, dous a dous, quatro a quatro, cinco a cinco, sós, ou em corpo, sumptuosos ou mesquialhes, mas todos bem armados, chegaram uns com cavalleiros, a quem o alabardeiro interrogou do mesmo modo, e que responderam dizendo d'onde vinham, ajuntando que iam ao enterro, e mostrando os seus fumos.

Depois que todos jantaram, e fizeram conhecimento, em quanto os seus criados tomavam algum refresco, e os seus cavallos descansavam, Lenct entrou na sala onde se achavam reunidos, e disse-lhes :

« Senhores, Sua Alteza agradece vos pela minha bocca a honra que lhe fizestes de passar por sua casa indo ter com o senhor duque de Larochevoucruit, que vos espera para celebrar as exequias do senhor seu pai. Considerai esta habitação como si fôra vossa, e dignai-vos tomar a vossa parte no divertimento de uma caçada que deve ter lugar esta tarde, em execução das ordens dadas pelo senhor duque d'Enghien, que hoje pela primeira vez veste calças.»

Um murmurio de approvação, e de agradecimentos lisonjeiros correspondeu a esta primeira parte do discurso de Lenct, que, como habil orador, interrompêra a sua pratica á vista de um effeito certo.

« Concluida a caçada, continuou elle, vireis achar sentada a ceiar a senhora princeza, que deseja dar-vos ella mesma os agradecimento, depois do que tereis toda a liberdade para continuar o vosso caminho »

Alguns dos gentishomens prestaram uma attenção particular á exposição deste programma,

que parecia de algum modo coarctar-lhes o seu livre alvedrio; mas prevenidos sem dúvida pelo senhor duque de Laroche-foucault, esperavam alguma cousa semelhante, visto que ninguem fez reclamação alguma: uns fôram visitar os seus cavallos, outros recorrêram ás suas malas para se pôrem em estado de apresentar-se dignamente diante das príncezas; outros enfim foram-se deixando ficar á mesa, praticando ácerca dos negocios do tempo, que pareciam ter uma certa conexão com os acontecimentos daquelle dia.

Muitos andavam passeando por baixo da grande varanda, na qual, depois de terminado o seu atavio, devia apparecer o senhor duque d'Eng-hien, confiado pela ultima vez ao cuidado das mulheres. O joven principe, no fundo do seu quarto com as suas amas, e as suas embaladeiras, ignorava qual fôsse a sua importancia. Mas cheio já de orgulho aristocratico, contemplava com olhos impacientes o trajo rico, e todavia sévero, de que ia achar-se revestido pela primeira vez; era um vestido de velludo preto bordado de prata, que dava ao seu enfeite o ar sombrio do luto; sua mãe queria a todo o preço ser considerada como viuva, e fizera tenção de inserir em certo discurso estas palavras: *Pobre principe orfão.*

Não era porém o principe quem olhava com mais avidez para estes vestidos esplendidos, e insignes da sua virilidade tanto tempo esperada; a dous passos d'elle outro menino, que apenas tinha mais alguns mezes de idade, de faces rosadas, cabello louro, todo resplandecente de saúde, força, e arrogancia, devorava com os olhos

o fausto de que se via rodeado o seu companheiro; até já por diferentes vezes, não podendo resistir à sua curiosidade, se atrevêra a aproximar-se da cadeira onde se achavam promptos os bellos vestidos, e tinha surratemente manuseado o estofado, e acariciado os bordados, em quanto o pequeno príncipe olhava para outro lado. Mas aconteceu que uma vez o duque d'Enghien lançasse os olhos a tempo, e que Pierrot retirasse a sua mão muito tarde.

» Toma sentido, exclamou o príncipe com enfado, toma pois sentido, Pierrot. tu vais deitar-me a perder as minhas calças; olha que sam de velludo bordado, e bem vês que si lhe tocares perderá o seu brilho. Prohibo-te pois que ponhas as mãos nas minhas calças. »

Pierrot occultou a mão criminosa atraz das costas, encolhendo, e tornandó a encolher os hombros com aquelle movimento de mau humor, que é familiar aos meninos de todas as condições.

« Não vos agasteis, Luiz, disse a princeza a seu filho, a quem desfigurava uma feia caran-tonha; si Pedro tornara pôr mão no vosso vestido mandal o-emos açoutar. »

Pedro mudou a sua catadura amuada em uma catadura ameaçadora, e disse:

« Sua Alteza é príncipe, mas eu sou jardineiro, e si sua Alteza quer-me impedir de por mão nos seus vestidos, eu da minha parte não o deixarei brincar com as minhas pintadas. Eu tenho mais força do que sua Alteza, sim, eu! e elle, muito bem o sabe! »

Ainda bem não tinha proferido estas impru-

dentess palavras, quando a ama do principe, mãe de Pierrot, lançou mão ao braço do independente fedelho, e lhe disse:

« Pierrot, esqueceis-vos de que sua Alteza é vosso amo, senhor de tudo o que ha, tanto no castello, como em torno d'elle, e por conseguinte as vossas pintadas sam d'elle.

— Como eu estava enganado! disse Pierrot, julgava que era meu irmão...

— Chamam-vos irmãos, porque fostes criados com o mesmo leite.

— Então, si somos irmãos, é dever nosso repartirmos; e si as minhas pintadas sam suas, os seus vestidos sam meus”

A ama já replicar por meio de uma demonstração ácerca da differença que ha entre um irmão uterino, e um colhaço; mas o joven principe, querendo que Pierrot assistisse ao seu triumpho todo, porque de Pierrot sobre tudo é que desejava excitar a admiração, e a inveja, não lhe deu tempo para isso.

» Não tenhas receio, Pierrot, disse elle, não estou enfadado contra ti, e logo me verás em cima do meu grande cavallo branco, assentado na minha linda sellasinha; hoje vou á caça, e eu é que matarei o gamo.

— Ah! sim, respondeu o irreverente Pierrot com o mais insolente gesto de ironia; não vos conservareis muito tempo a cavallo; quizestes outro dia montar no meu burro, e o meu burro deitou-vos por terra.

— Verdade é o que dizes; mas hoje, replicou o joven principe com toda a magestade que pôde chamar em seu soccorro, e que pôde encontrar

nas suas recordações, hoje represento o meu papá, e não cairei; além de que Vialas me amparará com os seus braços.

— Vamos, vamos, disse a princeza, para atalhar a discussão entre Pierrrot, e o duque de Enghien, vamos, vistam já o príncipe! Está dando uma hora, e todos os nossos gentishomens se impacientam com tamanha dilação. Lenet, mandai dar o signal da partida. »

No mesmo instante o som da corneta retumbou nos pátéos, e penetrou até ao fundo dos quartos. Então cada qual correu em busca do seu cavallo fozoso, e descansado, graças ao cuidado que delles haviam tomado, e nelle montou; o monteiro com os seus cães de caça, e os picadores com as suas matilhas foram os primeiros que partiram. Depois os gentishomens puzeram-se em alas, e o duque d'Enghien montado no seu cavallo branco, amparado por Vialas, seu escudeiro, appareceu rodeado das damas de honor, escudeiros, gentishomens, e seguido de sua mãe primorosamente ataviada, e montada em um cavallo negro como azeviche; junto della, em um cavallo que manejava com encantadora graça vinha a viscondessa de Cambes, adoravel debaixo do seu traço mulheril, de que afinal, com summa satisfação sua, se revestia.

Quanto a madama de Tourville, debalde a buscavam com os olhos; desde a antevespera havia desaparecido: como Achilles, ella se havia retirado para debaixo da sua barraca.

Esta brilhante cavalgada foi recebida com acclamações unanimes. Todos erguendo-se nos es-

tribos, tinham os olhos fitos na princeza, e no duque d'Enghien, que não eram conhecidos da maior parte destes gentishomens, que nunca tinham ido á côrte, e para quem eram estranhas todas estas pompas reaes. O menino saudava-os com um lindo sorriso, e a princeza com uma meiga magestade; era a mulher e o filho daquelle, a quem os seus mesmos inimigos reconheciam como o primeiro capitão da Europa. Este primeiro capitão da Europa era perseguido, e agrilhoadado pelos mesmos a quem salvára do inimigo em Lens, e defendêra contra os rebeldes em Saint-Germain. Não houvera sido preciso tanto para excitar o enthusiasmo: e por isso o enthusiasmo chegou ao seu maior auge.

A princeza sobore va a largos tragos todas estas provas da sua popularidade; depois, em consequência de algumas palavras que Lenet lhe disse ao ouvido, deu o signal da partida, e em breve passaram dos jardins para o parque, cujas portas todas estavam guardadas por soldados do regimento de Condé. Depois de haverem passado os caçadores fecharam se as cancellas; e como si esta precaução ainda não fosse sufficiente para que nenhum falso irmão tomasse parte na festa, os soldados ficaram de sentinella por detraz das cancellas, e a cada uma dellas se achava de pé um porteiro trajado como o da côrte, e como elle armado de uma alabarda, tendo recebido ordem de não dar entrada sinão aos que pudessem responder ás tres perguntas do santo.

Um momento depois de se haverem fechado as cancellas, o som da corneta, e os latidos furios

os cães deram annuncio de que corriam a pôz o gamo.

Comtudo, do outro lado do parque, em frente do muro do recinto construido pelo condestavel Anna de Montmorency, e além da estrada, seis cavalleiros applicando o ouvido aos sons das cornetas, e aos latidos dos cães, tinham parado afagando os seus cavallos esbaforidos, e pareciam estar em consulta.

A' vista do seu traje absolutamente novo, dos brilhantes arreios dos seus corseis, dos lustrosos capotes que dos hombros lhes caíam airoosamente sobre a garupa dos seus cavallos, do luxo das armas que algumas aberturas dispostas com arte deixavam perceber, podia muito bem causar espanto a especie de solidão em que se achavam aquelles gentishomens, tam bellos, e tam guapos, na hora em que toda a nobreza daquelles contornos se achava reunida em Chantilly.

Estes gentishomens tam brilhantes eram todavia eclipsados pelo luxo do seu chefe, ou daquelle que o parecia ser: plumas no chapêu, boldrié dourado, botas finas com esporas de ouro, espada comprida de punhos lavrados, e tal era, com o acompanhamento de um esplendido capote azul celeste á hespanhola, a equipagem deste cavalleiro.

« Então, disse elle passado um momento de reflexões profundas, durante o qual os seis cavalleiros estiveram olhando uns para os outros com certa turbacão; por onde é que se entra em um parque? pela porta, ou pela cancella? Apresentemo-nos pois á primeira cancella, ou á primeira porta, e nós entraremos. Cavalleiros do

nosso porte não se deixam na rua, quando se dá entrada a homens trajados como os que temos encontrado desde pela manhã.

— Eu vol-o repito, Cauvignac, respondeu um dos cinco cavalleiros, a quem se dirigia o discurso do seu chefe, esses homens mal vestidos, e que, apesar do seu trajo, e seus ares de farrou-pilhas, se acham a esta hora no parque, tinham sobre nós uma vantagem, a de saberem qual é o santo. Nós não o sabemos, e por tanto não nos deixarão entrar.

— Crêdesl-o vós, Ferguzon? disse em tom de quem tinha certo respeito á opinião do seu tenente, aquelle que primeiro fallára, e que os nossos leitores reconhecem pelo aventureiro que encontraram logo nas primeiras paginas desta historia.

— Si o creio? disse estou certo. Crêdes vós pois que essa gente vai á caça pelo amor que tem ás caçadas? A mim não me enganam! elles conspiram, e isto é muito positivo.

— Ferguzon tem razão, disse um terceiro; elles conspiram, e nós não entraremos.

— Na caça do gamo facil é todavia de tomar parte, quando na estrada que seguimos nos encontramos com os caçadores.

— Sobre tudo quando estamos cansados de dar caça aos homens, não é assim, Barrabás? replicou Cauvignac. Ora pois, não se dirá que esta nos passou por baixo das ventas. Temos quanto nos é preciso para figurar dignamente nesta festa; estamos tam brilhantes como escudos novos. Si o senhor duque d'Enghien precisa de soldados, onde poderia achal-os que mais bellos

fôsem? Si precisa de conspiradores, onde poderia achal-os mais elegantes? O menos sump-
tuofo de nós tem a catadura de um capitão.

— E vós, Cauvignac, replicou Barrabás, em caso de necessidade passarieis por um duque, e par. »

Ferguzon não dizia palavra.

« Quer a desgraça, continuou Cauvignac sur-
rindo-se, que Ferguzon não seja de parecer que se vá hoje á caça.

— Nada disso! disse Ferguzon, não sou ho-
mem de tam pouco gosto; a caça é divertimento proprio de gentishomens, que muito me convêm. E por isso, não digo que não me apraz, nem del-
la dissuado os outros: digo simplesmente que a entrada deste parque onde andam á caça nos é vedada pelas portas, e pelas cancellas.

— Ouvi! exclamou Cauvignac, lá dam signal de se descobrir a caça.

— Mas, continuou Ferguzon, isto não quer dizer que não caçaremos.

— E como queres tu que caçemos, cabeça de burro, si não podemos entrar? »

— Eu não digo que não podemos entrar, replicou Ferguzon.

— E como queres tu que entremos, si as por-
tas e cancellas, que para os outros se acham a-
bertas, estan, no teu entender, fechadas para nós?

— Porque não fariamos nós neste muro, e só para nosso uso, um rombo por onde pudesse-
mos passar, nós, e os nossos cavallos, e por de-
traz do qual de certo não encontraríamos pes-
sua alguma que disso nos tomasse satisfação?

— Bravo ! exclamou Cauvignac atirando o chapéu ao ar. Dou-te uma satisfação completa. Ferguzon ; tu és o nosso homem de recursos ! E quando eu tiver derrubado o rei de França do seu throno, para nelle collocar o senhor príncipe, pedirei para ti o lugar do senhor Mazarin Mazarini. Mãos á obra ! camaradas, mãos á obra ! »

Dizendo estas palavras, Cauvignac apeou-se da sua cavalgadura, e ajudado dos seus companheiros, um só dos quaes foi bastante para segurar os cavallos de todos, pôz-se a derribar as pedras já abaladas do muro.

N'um abrir e fechar d'olhos os cinco trabalhadores abriram uma brêcha de tres ou quatro pés de largo. Tornaram então a montar nos seus cavallos, e guiados por Cauvignac, arremessaram-se dentro da praça.

« Agora, lhes disse este, dirigindo-se para o lado d'onde vinha o som das cornetas ; agora sede cortezes, e dai provas de bom gosto, que eu vos convido a ceardes em casa do senhor duque d'Enghien. »

Nós já dissemos que os nossos seis gentishomens de fabrica nova estavam bem montados ; os seus cavallos tinham de mais disso, sobre os dos cavalleiros que haviam chegado pela manhã, o merecimento de estarem folgados. Fôram em breve juntar-se, e tomar lugar entre os caçadores sem a minima contestação. A maior parte dos convidados vinham de diferentes provincias e pouco ou nen'um conhecimento tinham entre si ; os intrusos, uma vez que se acharam no parque, nen'uma difficuldade encontravam em passar por convidados.

Tudo teria pois ido ás mil maravilhas si se tivessem conservado no seu posto, ou tambem se contentassem de adiantar-se aos outros, e aggregar-se aos picadores, e monteiros. Mas não succedeu assim. Passado um instante, Cauvignac pareceu convencido de que a caçada tinha lugar em obsequio da sua pessoa: arrancou a corneta das mãos de um dos moços que cuidavam dos cães, o qual se não atreveu a recusar-lha, arremessou-se á frente dos monteiros, atravessou por diante do capitão das caçadas em todas as direcções, rompeu a travéz dos bosques, toando desesperadamente a corneta, fazendo perder de vista o gamo quando saia dos bosques, ou nelles se tornava a embrenhar, esmagando os cães, derribando os moços, saudando garridamente as senhoras quando passava por diante dellas, praguejando, berrando, animando-se a si proprio quando as perdia de vista, e cahindo sobre o gamo no momento em que o animal, depois de haver atravessado o grande lago, estava reduzido ás ultimas. não podendo já comsigo.

« O gamo é nosso ! gritou Cauvignac, temol o seguro ! não póde já escapar-nos.

— Cauvignac, dizia Ferguzon, que o seguia de perto, Cauvignac, vós tanto fareis que por fim seremos todos expulsos. Moderai-vos, pelo santo nome de Deus vol-o peço.»

Cauvignac a nada attendia, e vendo que o animal fazia frente aos cães, apeou-se e desembainhou a sua espada gritando com toda a força dos seus pulmões :

« E' nosso ! é nosso ! »

E os seus companheiros, menos o prudente

Ferguzon, alentados pelo seu exemplo aprestavam-se a cair sobre a sua presa, quando o capitão das caçadas, afastando Cauvignac com a sua faca de mato :

« Que ides fazer, senhor? disse elle. a senhora princeza é quem dirige a caça. A ella pois pertence matar o gamo, ou conceder este favor a quem bem lhe aprouver.»

Cauvignac caiu em si ao ouvir esta áspera reprehensão ; e quando já recuando com muito pouca graça, viu-se rodeado subitamente do tropel dos caçadores, a quem os cinco minutos da alta que fizera, tinham dado tempo para chegar junto d'elle, e que formavam um grande circulo em torno do animal arrimado ao tronco de um carvalho, e cercado por todos os cães reunidos e encarniçados nelle.

No mesmo momento, viu se vir correndo por uma comprida alêa a princeza precedendo o duque d'Enghien, os gentishomens, e as damas que faziam timbre de se não apartarem della. A princeza parecia muito animada, e muito bem se comprehendia que este simulacro de guerra era o preludio de uma guerra verdadeira.

Chegando ao meio do circulo, a princeza parou, volveu os olhos com soberania em torno de si, e cravou-os em Cauvignac, e nos seus companheiros, devorados pelo olhar inquieto, e desconfiado dos picadores, e dos officiaes das caçadas.

O capitão chegou junto della com a sua faca de mato na mão ; era uma faca de que ordinariamente se servia o principe, e cuja folha era do mais fino aço, e o punho de prata dourada.

— Conhece Vossa Alteza este gentleman ? disse elle em voz baixa, olhando de esguelha para Cauvignac.

— Não, disse ella ; mas visto que entrou , deve sem dúvida ser conhecido de alguém,

— Saberá Vossa Alteza que ninguém o conhece, e é a primeira vez que o vêm todas as pessoas a quem interroguei.

— Mas elle não podia franquear as cancellas sem saber o santo ?

— Por certo que não, replicou o capitão: eu com tudo tomarei a liberdade de dar a Vossa Alteza o conselho de desconfiar d'elle.

— Cumpre em primeiro lugar saber quem seja, disse a princeza.

— Não tardaremos a sabel-o, senhora, respondeu com o seu sorriso habitual Lenet, que acompanhára a princeza. Ordenei a um Normando, um Picardo, e um Bretão, que fôsem ter com elle ; será interrogado com toda a seriedade ; mas por agora não dê Vossa Alteza mostras de fazer reparo nelle, pois si visse que o observavam escapar-nos-ia.

— Tendes razão, Lenet ; continuemos a nossa caçada.

— Cauvignac, disse Ferguzon, creio que de nós se occupa aquella gente de alta graduação. Não fariamos mal si nos eclipsassemos.

— Tu assim o crês ? disse Cauvignac ; ah ! pela minha fé, tanto peor. Eu quero vêr cair o veado, aconteça o que acontecer.

— E' um bello espectáculo, bem o sei, disse Ferguzon ; mas póde muito bem acontecer bue

pagnemos os nossos lugares mais caros do que na hospedaria de Borgonha.

— Senhora, disse o capitão das caçadas apresentando a faca à princeza, a quem quer Vossa Alteza conceder a honra de dar a morte ao animal?

— Reservo-a para mim, senhor, disse a princeza; uma mulher da minha graduação deve costumar-se a manear o ferro, e vêr correr o sangue.

— Namur, disse o capitão das caçadas ao arcabuzeiro, aprestai-vos.»

O arcabuzeiro saiu das filas, e veiu com o seu arcabuz na mão collocar-se a vinte passos do animal. Esta manobra tinha por objecto matar o gamo com uma bala, si este, impellido pela desesperação, como ás vezes acontece, em vez de esperar pela princeza, se arremessasse a ella.

A senhora princeza apeou-se, pegou na faca e de olhos fixos, faces ardentes, e beiços meio levantados, adiantou se para o animal, que quasi occulto debaixo dos cães, parecia coberto de um tapete mosqueado de mil côres. O animal não crêu sem dúvida que a morte se lhe apresentasse debaixo das feições daquella formosa princeza, a cuja mão talvez tivesse ido comer dez vezes; e por isso, caído como estava sobre os joelhos, tentou fazer um movimento acompanhado daquella grossa lagrima que acompanhava a agunia do gamo, e doveado. Mas não teve tempo para isso; a folha da faca em que reflectia um raio do sol, desapareceu enterrada toda na sua garganta, d'onde rebentou o sangue, que foi cair no rosto da princeza; o gamo levantou

então a cabeça, bramiu dolorosamente, e lançando um ultimo olhar de reprehensão á sua bella senhora, caiu, e morreu.

No mesmo instante soaram todas as cornetas, e se ouviram retumbar milhares de gritos de: " viva a senhora princeza! " em quanto o jovem principe, agitando-se na sua sella, batia palmas de alegria.

A princeza tirou a faca da garganta do animal, volveu com ares de amazona os olhos em torno de si, restituiu a arma ensanguentada ao capitão das caçadas, e montou de novo a cavallo.

Lenet aproximou-se della então.

« Quer a senhora princeza que eu lhe diga; disse elle com o seu sorriso habitual, em quem pensava Vossa Alteza quando enterrava a sua faca na garganta daquelle pobre animal ?

— Sim, Lenet, dissei-mo; nisso me dareis gosto.

— Pensava no senhor Mazarin, e bem quizera que elle se achasse alli em lugar do gamo.

— Sim, exclamou a princeza, não ha duvida que assim é, te-lo-ia degollado despiedadamente, eu vo lo juro; mas cumpre confessar, Lenet, que sois um feiticeiro. »

Depois voltando-se para o resto da companhia:

« Agora, senhores, que está concluida a caçada, disse ella, convido-vos a que me sigais. He já muito tarde para correr outro gamo, e de mais disso a cêa está a nossa espera, »

Cauvignac respondeu a este convite com um gesto summamente gracioso.

« Então que fazeis, capitão? perguntou Ferguson.

— Aceito o convite que se me faz. Não vês tu que a senhora princeza acaba de convidar-nos a ceiar, como eu vo-lo tinha prometido a todos?

— Cauvignac, acreditar-me-eis si quizerdes, mas no vosso lugar eu me retiraria pela mesma brêcha por onde entrámos.

— Ferguzon, meu amigo, a vossa perspicacia natural vos abandona neste momento. Não reparastes nas ordens que deu aquelle senhor vestido de preto, e que dá ares de raposa, quando ri, e de texugo, quando não ri? Ferguzon, a brêcha está guardada, e encaminharmo-nos para o lado della, é indicar que queremos sair por onde entramos.

— Mas então o que será de nós?

— Socega, que eu de tudo respondo. »

E confiados nesta segurança, os seis aventureiros tomaram lugar em meio dos gentishomens, e com elles se dirigiram ao castello.

Cauvignac não se havia enganado; não os perdiam de vista. Lenet ia caminhando, tendo á sua direita o capitão das caçadas, e á sua esquerda o mordomo da casa de Condé.

« Estais certos, dizia elle, de que ninguem conhece estes cavalleiros? »

— Ninguem absolutamente, temos interrogado mais de cincoenta gentishomens, e sempre a mesma resposta; sam absolutamente estranhos a toda a gente. »

O Normando, o Picardo, e o Bretão voltaram, e vieram reunir-se a Lenet, sem nada mais poderem dizer; o Normando é que unicamente des-

cobriria uma brécha no muro do parque, e como homem intelligente lhe puzera guardas.

« Em tal caso, disse Lenet, temos de recorrer ao meio mais efficaz: não se diga que um pu-uhado de espias nos obrigue a despedir cem bravos genti-homens. Tende cuidado, senhor mordomo, que ninguem possa sair do pátio, nem da arcadea em que a cavalgada vai entrar; vós senhor capitão, logo que se haja tornado a fechar a porta da galeria, tende prompto um paquete de doze homens com as armas carregadas em todo o caso para o que der e vier. Agora podeis ir, que eu não os perco de vista. »

De mais disso Lenet não tinha muito trabalho em desempenhar o encargo que a si proprio impuzera. Cauvignac, e os seus compromeiros, não manifestavam o minimo desejo de fugir. Cauvignac andava sempre na frente, afagindo os seus bigodes; Ferguzon seguia-o, confiado na sua promessa, pois demasiado conhecia o seu chefe, e estava mui certo de que se não teria vindo metter em uma tóca, si esta tóca não tivesse outra saída; quanto a Barrabás, e aos outros seus tres companheiros, iam seguindo o tenente, e o capitão sem pensar em outra alguma cousa que não fôsse a excellente cêa que os esperava: eram em summa homens muito materiaes, que abandonavam com um perfeito desleixo a parte intellectual das relações sociaes aos seus dous chefes, em quem tinham plena, e inteira confiança.

Tudo se passou conforme o antevira o conselheiro, e tudo se executou como o elle ordenara. A senhora princeza tomou assento na gran-

de sala de recepção, em um docel que lhe servia de throno; tinha junto de si seu filho, trajado como já dissemos.

Todas as pessoas olharam umas para as outras: tinha-se prometido uma cêa, e era evidente que se ia pronunciar um discurso.

Com effeito a princeza levantou se, e pronunciou um discurso que muito commoveu os ouvintes. Desta vez Clemencia de Maille Brézé não teve já o minimo resguardo, e rompeu abertamente com o Mazarin; os circumstantes do seu lado, electrisados pela recordação da affronta feita a toda a nobreza de França nas pessoas dos principes, e talvez ainda mais pela esperança das boas condições que aviam de impôr á côrte caso fôsse bem succedidos, interromperam duas ou tres vezes o discurso da princeza, jurando alto e bom som de servir fielmente a causa da illustre casa de Condé, e ajudal-a a sair do abátimento a que Mazarin a queria reduzir.

« Por tanto, senhores, exclamou a princeza terminando o seu discurso, o que o orfão que aqui vêdes pede aos vossos corações generosos, é o concurso da vossa bravura, é o offerecimento do vosso fervoroso zelo. Vós sois nossos amigos, vós aqui vos apresentastes pelo menos como taes; que é o que podeis fazer a nosso favor? »

Então, passado um momento de silencio, silencio cheio de solemnidade, começou uma scena, que era ao mesmo tempo a mais grave, e a mais tocante que pudesse vôr-se.

Um dos gentishomens inclinou-se, saudando respeitosa e a princeza.

« Eu chamo-me Geraldo de Montalent, disse

elle; trago comigo quatro gentishomens, meus amigos. Temos entre nós todos cinco boas espadas, e vinte mil francos, que offerecemos ao serviço do principe. Eis-aqui a nossa credencial assignada pelo senhor duque de Larochefoucault. »

A princeza saudou-o por seu turno, pegou na carta de creença que lhe apresentava, entregou-a a Lenet, e fez signal aos gentishomens de passarem para a sua direita.

Assim que tomaram o lugar indicado, logo outro gentilhomen se levantou:

« Eu chamo-me Claudio Raoul de Lessae, conde de Clermont, disse elle. Venho acompanhado de seis gentishomens meus amigos. Temos cada um de nós dez mil francos, e pedimos o favor de entrarmos com esta quantia no thesouro de Vossa Alteza; estamos armados, e equipados, e um simples soldo diario é quanto nos bastará. Eis-aqui a nossa credencial assignada pelo senhor duque de Bouillon,

— Passai para a minha direita, senhores, disse a princeza pegando na carta de Mr. de Bouillon, de que tomou conhecimento como fizera com a primeira, e que do mesmo modo entregou a Lenet; e ficai certos de todo o meu reconhecimento. »

Os gentishomens obedeceram.

« Eu chamo-me Luiz Fernando de Lorges, conde de Durás, disse então um terceiro gentilhomen. Chego aqui sem amigos, e sem dinheiro, rico e forte só com a minha espada, com a qual abri caminho a través do inimigo, pois me achava sitiado em Bellegarde. Eis-aqui a minha

carta de crença, que recebi do senhor visconde de Turenne.

— Vinde, vinde, senhor, disse a princeza tomando em uma das mãos a carta, e dando-lhe a outra a beijar. Vinde, e deixai-vos ficar junto de mim, eu vos nomeio um dos meus brigadeiros. »

Este exemplo foi seguido por todos os gentishomens: cada qual vinha com sua credencial, ou de Mr. de Larochehoucalt, ou de Mr. de Bouillon, ou de Mr. de Turenna; entregava a carta, e passava para a direita da princeza. Quando o lado da direita se encheu, a princeza fez-os passar para a esquerda.

Deste modo ia-se desguarnecendo o fundo da sala, e em breve não ficou alli sinão Cauvignac com os seus esbirros, formando um grupo solitario, sobre o qual todos, resmungando com desconfiança, lançavam um olhar colérico, ou ameaçador.

Lenet voltou os olhos para a porta, que se achava bem fechada. Muito bem sabia que por detraz desta porta se achava o capitão com dez soldados bem armados. Então, fitando os olhos nos desconhecidos:

« E vós, senhores, disse-lhes elle, quem sois? Quereis fazer nos a honra de dar nos os vossos nomes, e mostrar-nos as vossas cartas de crença? »

O começo desta scena, cujo resultado, vista a intelligencia de que era dotado Ferguzon, muito cuidado lhe dava, derramára uma sombra de inquietação em seu rosto, e esta inquietação se fôra logo communicando aos seus compauhei-

ros, que, como Lenet, não tiravam os olhos da porta; mas o seu chefe, cujo capote lhe pendia magestosamente dos hombros, conservára-se impassivel, e á vista do convite de Lenet, dando dous passos para diante, e saudando a princeza com uma graça muito affectada:

« Senhora, eu chamo-me Rolando de Cauvignac, e trago comigo para o serviço de Vossa Alteza estes cinco gentishomens, que pertencem ás primeiras familias da Guienna, mas que desejam conservar-se incognitos.

— Mas vós, senhores, de certo vos não apresentastes em Chantilly sem serdes recommendados por alguém? disse a princeza turbada com a consideração do tumulto medonho que produzira a prisão destes seis homens suspeitos. Onde está a vossa credencial? »

Cauvignac inclinou-se como homem que reconhece ser muito acertada a pergunta que se lhe faz, levou a mão á algibeira, e della tirou um papel dobrado em quatro, que entregou a Lenet fazendo-lhe uma profunda saudação.

Lenet abriu-o, lêu, e a mais grata expressão lhe descurugou as feições contraídas por uma apprehensão que era mui natural.

Em quanto Lenet lia, Cauvignac corria os olhos pelos circunstantes com gesto triunfante

« Senhora, disse Lenet em voz baixa ao ouvido da princeza, vêde que fortuna: uma assinatura em branco de Mr. d'Épernon.

— Senhor, disse a princeza com o mais gracioso sorriso, muito obrigada! tres vezes obrigada, por meu esposo, por mim, e por meu filho. »

O sobresalto tornára mudos todos os espectadores.

« Senhor, disse Lenet, esta peça é demasiado preciosa para que tenhais intenção de no-la dar sem alguma condição. Esta noite, depois da cêa, conversaremos; si o levardes a bem, e dir-me-eis em que poderemos dar-vos gosto! »

E Lenet metteu na sua algibeira a assignatura em branco, cuja restituição Cauvignae teve a delicadeza de não lhe pedir.

« Ora pois, disse Cauvignac aos seus companheiros, não vos tinha eu dito que vos convidava a cear com o senhor duque d'Enghien? »

— E agora, senhores, sentai-vos á mesa, » disse a princeza.

Os dous batentes da porta lateral abriram-se ao pronunciar estas palavras, e viu-se uma cêa magnifica servida na principal galeria do castello.

A cêa foi uma das mais estrepitosas: o brinde ao senhor principe, proposto mais de dez vezes, foi sempre correspondido por todos os convidados de joelhos, de espada na mão, e acompanhado de imprecações estrondosas contra Mazarin.

Não houve ninguem que não fizesse honra ás delicadas iguarias de Chantilly. O mesmo Ferguzon, o prudente Ferguzon, deixou-se ir atraz do attractivo dos vinhos de Borgonha, com os quaes fazia conhecimento pela primeira vez. Ferguzon era Gascão, e por isso não se achára até então em posição de apreciar outros vinhos que não fossem os da sua patria, que achava excellentes, mas que naquella época, si der-

mos credito ao duque de Saint-Simon, ainda não tinham grande reputação.

Não acontecia porém o mesmo com Cauvignac. Este, sem embargo do justo apreço que fazia dos vinhos de Moulin-à-Vent, de Nuits e de Chambertin, delles bebeu com moderação. Não se havia esquecido do surriso surrateiro de Lenet, e entendia que precisava de toda a sua razão para fazer com o astuto conselheiro algum contracto de que não tivesse de arrepende-se; e por este motivo excitou a admiração de Ferguzon, de Barrabás, e dos seus tres companheiros, que ignorando a causa desta temperança, fôram assaz simples para julgar que o seu chefe se tornára sobrio.

No fim do banquete, como os brindes se fossem amudando, a princeza retirou-se levando consigo o duquesinho d'Enghien, e deixando livres os seus convidados para prolongarem o banquete tanto quanto lhes aprouvesse pela noite adiante. De mais disso tudo se havia passado como o ella desejára, e fez uma narração circunstanciada da scena do salão, e do banquete da galeria, omittindo unicamente uma circumstancia, que era a palavra que Lenet lhe dissera ao ouvido no momento em que se ella levantava da mesa.

« Não se esqueça vossa Alteza de que partimos ás dez horas. »

Estavam para dar nove, e a princeza deu principio aos seus preparativos.

Durante este tempo, Lenet e Cauvignac olharam um para o outro. Lenet saiu por uma

portinha situada no angulo da galeria; Cauvignac comprehendeu a manobra, e seguiu-o.

Lenet conduziu Cauvignac ao seu gabinete o aventureiro ia andando atraz delle com indifferença, e confiança. Mas com tudo, a sua mão, em quanto a caminhando, afagava de-leixadamente o punho de um comprido punhal que tinha á cinta, e os seus olhos iam examinando com ardor, e rapidez as portas meias abertas e as tapeçarias fluctuantes.

Não receava precisamente que o atraçoassem, mas tinha por principio achar-se sempre prompto para repellir a traição.

Assim que entrou no gabinete meio alumiado por uma lanterna, mas de cuja solidão ficou certo com uma só vista de olhos, Lenet designou com a mão uma cadeira a Cauvignac, que se assentou de um lado da mesa onde ardia a lanterna, e Lenet do outro.

« Senhor, disse Lenet para desde logo captar a confiança do gentilhomem, eis-aqui em primeiro lugar, e antes de tudo, a vossa assignatura em branco que vos eu restituo. Creio que nen'uma dúvida pôde nisso haver, e que vos pertence ?

— Pertence, senhor, a quem a possui, respondeu Cauvignac, pois, como podeis vê-lo, não ha nella outro nome mais que o do senhor duque d'Épernon.

— Quando eu pergunto si vos pertence, o que pretendo perguntar é si a possuís com o consentimento do senhor duque d'Épernon ?

— Recebi-a da sua propria mão, senhor.

— Por tanto não é subtraída, nem extorquida

por violencia : não digo por vós, mais por outra alguma pessoa de quem a tendes recebido ; talvez que vos não chegasse á mão siuão por via de uma terceira pessoa ?

— Foi-me dada, como vel-o digo, pelo duque, muito voluntariamente, e a titulo de troca por um papel que lhe entreguei

— Contraistes vós para com o senhor duque d'Epemon a obrigação de fazer com esta assignatura em branco alguma cousa de preferencia a outra ?

— Não contraí obrigação alguma para com o duque.

— A pessoa que a possuir poderá por tanto usar della com toda a segurança ?

— Na realidade que assim o pôde fazer.

— Em tal caso porque razão não fazeis vós mesmo uso della ?

— Porque guardando eu esta assignatura em branco, não poderei ganhar sinão uma só cousa, ao mesmo tempo que si vol-a cedo, posso ganhar duas.

— E que duas cousas sam essas, ?

— Dinheiro em primeiro lugar.

— E' cousa que não temos.

— Eu serei razoavel.

— E a segunda ?

— Um posto no exercito dos senhores principes.

— Os senhores principes não tem exercito.

— Estam para tê-lo.

— Não preferiríeis uma patente para levantar alguma companhia ?

— Eu ia propôr-vos este ajuste.

— O dinheiro é que só viria a faltar ?

— Sim, só o dinheiro.

— Que somma desejarieis vós ?

— Dez mil libras. Eu disse-vos que seria razoavel.

— Dez mil libras !

— Sim, sam-me indispensaveis alguns avances para armar, e prover do necessario os meus homens.

— Com effeito, não é demasiado.

— Consentis pois nisso ?

— E' negocio concluido.»

Lenet tirou da algibeira uma patente já assignada, encheu-a com os nomes que lhe indicou o mancebo, pôz-lhe o sello da princeza, e entregou-lha ; depois abrindo uma especie de cofre de segredo, onde estava encerrado o thesouro do exercito rebelde, delle tirou dez mil libras em ouro, que aliñhou em montinhos de vinte luizes cada um.

Cauvignac contou os escrupulosamente uns depois dos outros ; e quando chegou ao ultimo fez signal a Lenet de que a assignatura em branco era sua.

Lenet pegou nella, e fechou-a no cofre de segredo, entendendo sem d'úvida que um papel tam precioso não podia ser arrecadado com demasiada cautela.

No momento em que Lenet tornava a metter na algibeira a chave do cofre, um criado todo esbaforido veio dizer-lhe que o chamavam para negocio de summa importancia.

Em consequencia disto, sairam do gabinete Lenet, e Cauvignac, o primeiro para seguir o

criado, e o segundo afim de voltar á sala do banquete.

Durante este tempo a princeza fazia todos os preparativos da partida, que consistiam em trocar o seu vestido de cerimonia por um de amazona, proprio tanto para andar de sege, como para montar a cavallo, em examinar os seus papéis, afim de queimar os inuteis, e levar com sigo os de importancia; em reunir em fim os seus diamantes, que mandára desengatar, afim de que occupassem menos lugar, e pudesse, em caso de urgencia, mais facilmente tirar delles partido.

Quanto ao senhor duque d'Enghien, devia partir no trajo com que fôra á caça, vsto que ainda não houvera tempo de fazer-lhe o outro vestido. O seu escudeiro Vialas devia conservar-se constantemente á portinhola da sua carruagem, montado no seu cavallo branco, que era bom corredor, afim de recebê-lo na sua sellasinha, e levá-lo a galope si assim fôsse preciso. Ao principio tinham receado que adormecesse, e haviam mandado chamar a Pierrot para divertir-o brincando com elle; mas esta precaução tornou-se inutil; o orgulho de vêr-se com trajos de homem conservava-o acordado.

As carruagens, que se haviam apromptado ás escondidas, e como si tivessem de conduzir para Paris a viscondessa de Cambes, tinham-nas levado para uma sombria rua de castanheiros, onde era impossivel que as vissem, e alli se conservavam, de portinholas abertas, e cocheiros nos assentos, auns vinte passos sómente da cancellia principal. Não se esperava já sinão pelo

signal, que deviam dar as cornetas. A princeza com os olhos cravados na pendula, cujo ponteiro designava dez horas menos cinco minutos, levantava-se já, e adiantava se para o senhor duque d'Enghien, a fim de tomal-o pela mão, quando de súbito se abriu a porta precipitadamente, e Lenet antes se precipitou do que entrou no quarto.

A princeza, vendo o seu rosto pallido, e o seu olhar turbado, enfiou, e turbou-se por seu turno.

« Oh! meu Deus, disse ella encaminhando-se para elle, que é o que tendes, que temos de novo ?

— O que ha, disse Lenet com uma voz sufocada pela commoção, é ter chegado um gentil-homem neste momento, e pretende fallar-vos da parte do rei.

— O' meu Deus ! exclamou a princeza, estamos perdidos ! Meu caro Lenet, que faremos ?

— Uma unica cousa.

— Qual ?

— Mandar despir o senhor duque d'Enghien sem a minima demora, e ataviar com os seus vestidos a Pierrot.

— Mas eu não quero que me tirem os meus vestidos para dal-os a Pierrot ! exclamou o joven principe, prestes a debulhar-se em lagrimas com esta unica idéa, em quanto Pierrot, não cabendo em si de contentamento, muito receava não ter ouvido bem.

— Assim se faz preciso, senhor, disse Lenet com aquelle accento poderoso de que nas occasiões graves fazemos uso, e que até é capaz de

fazer impressão em um menino si não quereis, que vós, e vossa mãe sejais encarcerados na mesma prisão onde jaz vosso pai. »

O duque d'Enghien calou-se, em quanto Pierrot, que não era capaz de dominar os seus sentimentos, se entregava a uma indizível explosão de alegria, e orgulho : fôram levados ambos para uma sala terrea, proxima á capella , onde tinha de operar-se a metamorfose.

« Quer a nossa fortuna, disse Lenet, que a senhora princeza viuva se ache aqui, pois se assim não fôsse seríamos derrotados pelo Mazarin.

— Porque razão ?

— Porque o mensageiro teve de principiar a sua visita pela senhora princeza viuva, e neste momento acha-se na sua ante-camara.

— Mas este mensageiro do rei não é sem dúvida sinão um olheiro, um espia que a côrte nos envia ?

— Vossa Alteza não se engana no que diz.

— Hão deter-lhe dado ordem de guardar-nos á vista.

— Sim, mas que vos importa isso, si não sois vós a quem elle guarda ?

— Eu não vos comprehendo, Lenet.»

Lenet surriu-se.

« Eu, senhora, comprehendo-me a mim , e por tudo respondo. Mandai vestir Pierrot como principe, e o principe como jardineiro, e fica a minha conta dizer a Pierrot o que deve fazer.

— Oh ! meu Deus ! deixar partir meu filho só !

— Vosso filho, senhora, partirá com sua mãe.

— Isso é impossível.

— Porque? Si se achou um falso duque d'Eng-hien, porque se não achará uma falsa princeza de Condé?

— Oh! agora vos comprehendo muito bem, meu querido Lenet, mas quem fará as miúdas vezes, quem me representará? ajuntou a princeza com uma certa inquietação.

— Não vos dê isso cuidado, senhora, respondeu o imperturbavel conselheiro; a princeza de Condé, de quem quero servir-me, e que tenho destinado para ser guardada á vista pelo espia do senhor Mazarin, acaba de despir-se á pressa e neste momento mette-se na vossa cama.»

Eis o modo como se passára a scena, de que Lenet acabava de dar conta á princeza.

Em quanto os gentishomens iam continuando na sala do banquete, a beber, fazendo brindes aos senhores principes, e amaldiçoando o Mazarin, em quanto Lenet ajustava no seu gabinete com Cauvignac a troca da assignatura em branco, em quanto finalmente a princeza fazia os seus ultimos preparativos de partida, um cavalleiro se apresentára á cancella principal do castello, seguido do seu lacaio, e tocára a sineta.

O porteiro abriu a porta, mas por detraz do porteiro o recém-chegado vira o homem da alabarda, de que já temos fallado.

« D'onde viudes vós? perguntou este.

— De Mantes, respondeu o cavalleiro. »

Até aqui tudo ia bem.

« Para onde ides? continuou o alabardeiro.

— Para casa da senhora princeza viuva de

Condé, em primeiro lugar; depois para casa da senhora princeza, e por fim, para casa do senhor duque d'Enghien.

— Aqui não se entra! disse o alabardeiro atravessando a sua alabarda.

— Venho por ordem do rei! » respondeu o cavalleiro tirando um papel da sua algibeira.

Ao ouvir estas temiveis palavras, a alabarda se abaixára, a sentinella chamára, um official da casa acudira, e o mensageiro de Sua Magestade, tendo entregue a sua carta de creença, fôra no mesmo instante introduzido nos quartos.

Por felicidade que Chantilly era mui grande, e que os quartos da senhora duqueza viuva estavam longe da galeria, onde tinham lugar as ultimas scenas do estrondoso banquete, cuja primeira parte temos esboçado.

Si o mensageiro tivesse dito que queria vêr em primeiro lugar a princeza, e seu filho, tudo se perderia irremediavelmente. A etiqueta porêm queria que desde logo cumprimentasse a princeza viuva. O guarda roupa fê-lo entrar em um grande gabinete contiguo ao quarto de dormir de Sua Alteza.

« Rogo-vos que esperéis um momento, senhor lhe disse elle, Sua Alteza sentiu-se de súbito incommodada ante-hontem, e acaba de ser sangrada, ainda não ha duas horas, pela terceira vez. Vou annunciar-lhe a vossa chegada, e dentro de um minuto terei a honra de introduzir-vos. »

O gentilhomen fez um aceno com a cabeça como quem assentia ao que se lhe propunha, e ficou só sem roparar que, pelos buracos das fe-

pheduras, tres cabeças curiosas o estavam es-
creitando, e faziam diligencias pelo reconhecer.

O primeiro era Pedro Lenet ; depois Vialas,
o escudeiro do principe ; e o terceiro la Rous-
sière, o capitão das caçadas Si algum delles
tivesse reconhecido o gentilhomen , entraria
logo , e sob pretexto de fazer lhe companhia,
trataria de divertil-o, e ganhar tempo.

Nen'um delles porém tinha podido reconhe-
cer aquelle, que tanto interesse tinham em cha-
mar ao seu partido Era um formoso mancebo
com a farda da infantaria; olhava com uma in-
diferença, que facilmente se houvera tomado
por desgosto da commissão de que vinha encar-
regado, para os retratos de familia, e para os
móveis do gabinete, cravando os olhos com afin-
co no retrato da princeza viuva, em cuja presen-
ça ia ser introduzido, e que fôra tirado no mais
bello momento da sua mocidade

Fiel com tudo á sua pro nessa, o guarda-rou-
pa, passados apenas alguns minutos, veio ter com
o cavalleiro para conduzi-lo á presença da prin-
ceza viuva.

Carlota de Montmoreney havia-se sentado na
cama : o seu medico Bourdelot acabava de a-
partar se da sna cabeceira, e enconrando o of-
ficial no lumiar da porta, fez-lhe uma cortezia
muito ceremoniosa, a quem o oficial correspon-
den do mesmo modo.

Quando a princeza ouviu os passos do visita-
dor, e as palavras que dizia ao medico, fez um
signal rapido para o lado da parede, e então a
tapeçaria de pesadas franjas que envolvia o leito,
á excepção do lado que a princeza viuva queria

deixar aberto para receber a visita, se agitou imperceptivelmente durante dous ou tres segundos

Entre a parede, e a cama da princeza viuva achava-se com effeito a joven princeza de Condé que entrára por uma porta secreta que havia no entaboamento do quarto, e Lenet, que estava impaciente de saber, logo no principio da conversação, o que podia dar lugar a que viesse um mensageiro do rei procurar as princezas em Chantilly.

O official deu tres passos no quarto, e inclinou-se com um respeito, que bem se via não ser sómente dictado pela etiqueta.

A princeza viuva fitára nelle os seus grandes olhos pretos com o ar soberbo de nma rainha que está a ponto de envolerisar-se: o seu silencio estava pejado de tempestades. A sua mão alva, que mais alva se tornára com a triplicada sangria, fez signal ao mensageiro para que entregasse o despacho de que era portador.

O capitão estendeu a sua mão para a da princeza, e nella depositou respeitosaente a carta de Anna d'Austria. Depois do que esperou que a princeza viuva tivesse lido as quatro linhas que nella se continham.

« Muito bem! disse entre dentes a princeza, dobrando o papel com um sangue frio mui grande para não ser affectado: comprehendo qual seja a intenção da rainha, apezar de vir envolvida em palavras polidas: acho-me presa, vós sois o meu carcereiro.

— Senhora! disse o official turbado.

— Presa facil de guardar, senhor, replicou a

princeza, visto que me não acho em estado de fugir para muito longe; e tenho, como pudestes vê-lo quando aqui entrastes, um guarda severo que é o meu médico Mr. Bourdelot. »

Dizendo estas palavras, a princeza viuva cravou fixamente os olhos no mensageiro, cuja fisionomia lhe pareceu assaz agradavel, e por tanto entendeu que lhe cumpria mitigar algum tanto o amargo acolhimento devido ao portador de uma tal ordem.

« Eu bem sabia, continuou ella, que o senhor Mazarin era capaz de muitas violencias indignas, mas não julgava que fôsse assaz medroso para ter receios de uma mulher velha e doente, de uma pobre viuva, e de um menino, pois presumo que a ordem de que sois portador, tambem diz respeito a minha filha, e ao duque meu neto.

— Senhora, disse-lhe o mancebo, eu me veria reduzido á desesperação si Vossa Alteza me julgasse pela commissão que me vejo obrigado a desempenhar. Eu cheguei a Mantes sendo portador de uma mensagem para a rainha. O postscripto da mensagem recommendava o mensageiro á Sua Magestade: a rainha teve então a bondade de dizer-me que ficasse junto della, visto que, segundo toda a probabilidade, teria precisão dos meus serviços. Passados dous dias a rainha mandou-me para aqui; mas, aceitando, como era dever meu, a commissão, qualquer que ella fôsse, de que Sua Magestade se dignava encarregar-me, atrever-me-ei a dizer que não a solicitei, e que até a houvera recusado, si os reis fôsem pessoas que pudessem soffrer uma recusa. »

E proferindo estas palavras, o official inclinou-se segunda vez, tão respeitosa-mente como o fizera da primeira.

« Eu tiro bom agouro da vossa explicação, e lisonjeio-me, depois que ma dèstes, de que poderei ficar doente em repouso. Com tudo, nada, nada de falsa vergonha, senhor, dissei-me sem mais demora a verdade. Serei vigiada no meu quarto, como o fazem ao meu pobre filho em Vincennes? Terei o direito de escrever, e serão abertas ou não as minhas cartas? Si, contra toda a probabilidade, esta doença permittir que me levante, limitar-se me-ão os meus passeios?

— Senhora, respondeu o official, eis as instrucções que a mesma rainha em pessoa se dignou dar-me:

« Ide assegurar a minha prima de Condé, disse-me Sua Magestade, que eu farei a favor dos principes tudo quanto a segurança do estado me permittir que faça. Rogo-lhe, por esta carta, que receba um dos meus officiaes, que possa servir de intermediario entre ella, e mim, para as mensagens que tenha de enviar-me. Este official, ajuntou a rainha, sereis vós »

— Eis, senhora, continuou o mancebo, sempre com as mesmas demonstrações respeitosas, quaes fõram as proprias palavras de Sua Magestade. »

A princeza tinha ouvido esta narração com o solícito cuidado que se emprega em surprender n'uma nota diplomatica os sentidos que muitas vezes resultam de uma palavra collocada nesta ou naquella condição, ou de uma virgula posta neste, ou naquelle lugar.

Depois, passado um momento de reflexão, a princeza, vendo sem dúvida nesta mensagem tudo quanto nella desde logo receára encontrar, isto é, uma espionagem á queima roupa, mordeu os beiços, e disse:

« Alojard-vos-eis em Chantilly, senhor, conforme os desejos da rainha, e de mais disso direis qual é o quarto que mais vos agrada, e mais commodo vos pareça para desempenhardes o vosso encargo, e esse quarto será o vosso.

— Senhora, respondeu o gentilhomem franzindo algum tanto as sobranceiras, eu tive a honra de expôr a Vossa Alteza algumas cousas de que se não fazia menção nas instrucções que me deram. Entre a cólera de Vossa Alteza, e a vontade da rainha, acho-me perigosamente collocado, eu, que sou um pobre official, e sobre tudo um mau cortezão; parece-me com tudo que Vossa Alteza poderia dar prova de generosidade abstendo-se de mortificar um homem, que não é mais do que um instrumento passivo. Para mim, senhora, é muito penoso ter de fazer o que faço. Tendo-o porém a rainha assim ordenado, é do meu dever obedecer religiosamente ás suas ordens. Eu não teria pedido um tal emprego, e dar-me-ia por muito feliz si o houvessem dado a outrem: entendo que tenho dito bastante.

E o official ergueu a cabeça com uma vermelhidão que fez subir ao rosto altivo da princeza um igual rubor.

— Senhor, replicou ella, seja qual fôr a graduação em que estejamos collocados, como bem o dissestes, devemos obediencia á Sua Magestade. Eu seguirei o exemplo que vós me dais, e

obedecerei como vós; mas deveis todavia compreender quanto é cruel não poder uma pessoa receber em sua casa um digno gentilhomem como vós, e não ter a faculdade de fazer á sua vontade as honras della. A contar desde este momento, vós é que sois aqui o senhor. Dai as vossas ordens. »

O official saudou profundamente a princeza, e replicou:

« Senhora, não permitta Deus que me esqueça da distancia que me separa de Vossa Alteza, e do respeito que devo á sua casa. Vossa Alteza continuará a dar as suas ordens como dantes, e eu serei o primeiro dos seus servidores. »

E proferindo estas palavras o gentilhomem retirou-se sem acanhamento, sem servilidade, sem altivez, deixando a princeza viuva agitada de uma cólera tanto mais intensa, por isso que não podia queixar-se de um mensageiro tam discreto, e tam respeitoso.

Este foi o motivo porque durante aquella tarde sò de Mazarin se tratou na conversação que teve lugar com as pessoas que se achavam entre a cama, e a parede, conversação que houvera fulminado o ministro, si as maldições tivessem a faculdade de matar como os projectis.

O gentilhomem encontrou na antecamara o laçoi que o tinha introduzido.

« Agora, senhor, disse este aproximando-se do mensageiro, a senhora princeza de Condé, a quem pedistes audiencia da parte da Rainha, consente em receber-vos; tende a bondade de seguir-me. »

O official compreendeu este subterfugio, que

pinha a salvo o orgulho das princezas, e mostrou-se tam agradecido ao favor que se lhe fazia, como si este favor não fosse imposto por ordem superior. Atravessando pois os quartos guiado pelo criado, chegou á porta da camara da princeza

Tendo chegado alli, o criado voltou se

« A senhora princeza, disse elle metteu-se na cama ao voltar da caça, e como se acha fatigada, receber-vos-ha deitada como está. Quem direi a sua Alteza que a procura ?

— Dizei-lhe que é o barão de Canolles, da parte de Sua Magestade a Rainha regente, ” respondeu o mancebo.

Ao proferir este nome, que a supposta princeza ouviu da sua cama, fez esta um movimento de sobresalto, que si fosse visto, teria excessivamente compromettido a sua identidade, e abaixando precipitadamente com a mão direita a sua touca sobre os olhos, em quanto com a esquerda aproximava da barba a rica cortina do seu leito :

» Mandai-o entrar, ” disse ella com voz alterada.

O official entrou.

Canolles foi introduzido em um vasto quarto guarnecido de uma tapeçaria sombria, e só alumiado por uma lamparina collocada em cima de um bofete entre as duas janellas: com o soccorro da pouca luz que derramava, podia-se com tudo distinguir, por cima da lamparina, um grande retrato representando uma mulher pintada em pé, e dando a mão a um menino. Nas cornijas dos quatro angulos scintillavam as tres fle-

res de lis de ouro, a que bastava tirar a banda para dellas fazer as tres flores de lis de Franca, Em fim, no fundo de uma grande alcova, onde apenas penetrava a fraca, e trémula luz, distinguia-se, debaixo das pesadas cortinas de um leito, a mulher em quem o nome do barão de Canolles produzira um tam singular effeito.

O gentilhomem tornou a começar as formalidades do uso, isto é, deu aproximando-se da cama os tres passos de rigor, saudou, deu ainda outros tres passos; depois do que, duas camareiras, que sem dũvida tinham ajudado a Princeza a metter-se na cama, havendo-se retirado, o camareiro tornou a fechar a porta, e Canolles achou-se sò com a princeza.

Não era a Canolles que pertencia encetar a pratica; esperou por tanto que lhe fallassem; como porêm a princeza do seu lado parecesse querer guardar um obstinado silencio, o joven official entendeu que seria melhor por de parte as formalidades, do que conservar se mais tempo em uma posição tão incommoda; não deixava com tudo de reconhecer que a tempestade, que se continha neste desdenhoso silencio, rebentaria às primeiras palavras que o rompessem, e que tinha de expôr-se a uma segunda còlera da parte de uma princeza ainda mais temivel do que a primeira, pois que era mais moça, e mais interessante.

Mas o mesmo excesso da affronta que se fazia, deu alento ao joven gentilhomem, segundo a circunstancia, isto é pouco profunda, presagio do máu humor que escandecia o seu cerebro de Gascão.

« Senhora, disse elle, eu tive a honra de pedir, da parte de Sua Magestade a rainha regente, uma audiencia a Vossa Alteza, favor que si dignou conceder-me. Agora, quererá Vossa Alteza pôr o cúmulo ás suas bondades, dando-me a conhecer, por uma palavra, por um aceno, que se dignou de fazer reparo na minha presença, e que está prompta a ouvir-me? »

Um movimento nas cortinas, e debaixo das cobertas, advertiu, a Canolles de que si lhe ia responder.

Com effeito, uma voz se deixou ouvir quasi suffocada, tamanha era a sua commoção.

« Fallai, senhor, disse esta voz, eu vos presto attenção. »

Canolles tomou o tom oratorio, e principiou:

« Sua Magestade a rainha, disse elle, enviame para junto de vós, senhora, a fim de assegurar a Vossa Alteza o desejo que tem de continuar com vosco as suas boas relações de amizade »

Um movimento visivel teve lugar entre a parede, e o leito, ea princeza interrompendo o orador:

« Senhor, disse ella com voz commovida, e palavras cortadas, não me falleis já da amizade que reina entre Sua Magestade a rainha, e a casa de Condé; existem provas do contrario nas masmorras da torre de Vincennes.

— Pelo que vejo, disse Canolles consigo, parece que se derão palavra, e que me repetirão todos a mesma cousa. »

Durante este tempo, um novo movimento em que o mensageiro não fez reparo, graças ao embiraço em que o punha a sua situação, tinha

lugar entre o leito, e a parede. A princeza continuou:

« Explicai-vos, senhor, que quereis vós?

— Eu, quanto a mim, nada quero. senhora, disse Canolles endireitando-se, Sua Magestade a Rainha é quem me ordena que entre neste castello, que faça, por indigno que eu seja desta honra, e companhia a Vossa Alteza, e que contribua quanto me seja possível para o restabelecimento da boa harmonia entre os principes do sangue Real, desunidos sem motivo em um tempo tam doloroso.

— Sem motivo! exclamou a princeza; entendeis que o nosso rompimento seja sem motivo?

— Perdoai-me, senhora, replicou Canolles. Eu nada pretendo, não sou juiz, nem sou mais do que interprete.

— E em quanto essa boa harmonia se não restabelece, a Rainha manda-me expiar, debaixo do pretexto. . . .

— Por tanto, disse Canolles exasperado, sou um espião! Eis enfim a palavra que preferistes! Agradeço a Vossa Alteza a sua franqueza.»

E com a desesperação que principia a apoderar-se delle, Canolles fez um daquelles bellos movimentos, que os pintores buscam com tanta avidéz para os seus retratos inanimados, e os seus retratos vivos.

« Por tanto está dito, está decidido: sou um espião, continuou Canolles. Ora pois, senhora, tratai-me como sam tratados taes miseraveis! esquecei-vos de que sou o enviado de uma Rainha, de que esta Rainha responde por todas as minhas acções, de que não sou mais do que um alomo

que obedeço ao seu sópro. Mandai-me expulsar pelos vossos lacaios, mandai-me matar pelos vossos gentishomens, ponde em frente de mim homens a quem eu possa responder com o bastão ou com a espada; mais dignai-vos de não insultar tão cruelmente um official que desempenha ao mesmo tempo o seu dever de soldado, e de subdito, vós, senhora, que estais collocada em tam alta gradação pelo nascimento, pelo merecimento, e pela desgraça!»

Estas palavras escapadas do coração, dolorosas como um gemido, estridente como um reprehensão, deviam produzir, e produziram o seu effeito. Ouvindo-as, a princeza se levantou um pouco, apoiada no seu cotovello, com os olhos scintillantes, mão tremula, e fazendo um gesto angustioso ao mensageiro:

« Não permitta Deus, disse ella, que seja intenção minha insultar um tam bravo gentilhomen, como vós sois. Não, Mr. de Canolles, não, eu não desconfio da vossa lealdade; dai por não ditas as palavras que proferi, são offensivas, nisso convenho, e eu não queria offender-vos. Não, não, sois um muito nobre cavalleiro, senhor Barão, e eu vos faço justiça plena, e completa. »

E como, para pronunciar estas palavras, arrastada sem dúvida pelo movimento generoso que lhe arrancava do coração, a princeza se adiantara, apezar seu, além da sombra do sobre-cão formados pelas densas cortinas; como se tinha podido vêr a sua fronte branca debaixo da sua touca, os seus louros cabellos divididos em tranças, os seus beiços muito vermelhos, os seus

olhos humidos, e meigos, Canolles estremecen, porque acabava de passar-lhe por diante dos olhos uma especie de visão, e porque julgou respirar de novo um perfume cuja sô lembrança o embriagava. Pareceu-lhe que uma daquellas portas de ouro, pelas quaes passam os bellos sonhos, se abria para dar passagem ao enxame dos rissonhos pensamentos, e das alegrias do amor, que d'elle fugira, e que de novo o vinha procurar. Os seus olhos fixáram-se mais segura, e claramente no leito da princeza, e no curto espaço de um segundo, durante o rapido clarão de um relampago que alumiaava todo o passado, reconheceo na princeza, que via deitada diante de si, o visconde de Cambes.

Além de que, havia alguns momentos que a sua agitação era tal, que a falsa princeza pôde attribuil-la áquella penosa reprehensão que tanto a fizera soffrer, e como o movimento que tinha feito não tivera como deixamos dito, sinão a duração de um instante; como tivera o cuidado de buscar no mesmo momento a sombra das cortinas, de encobrir de novo os seus olhos, de occultar sem a minima demora a sua mão tam branca, e tam delicada que teria podido dila a conhecer, tentou, não sem abalo, mas pelo menos sem inquietação, continuar a conversação no ponto em que a deixára.

« Dizeis pois, senhor?... » disse a joven senhora.

Canolles porém estava deslumbrado, fascinado; as visões passavam, e repassavam por diante dos seus olhos, as idéas lhe remoinhavam na cabeça; perdia a memoria, não sabia o que

dizia ; estava a ponto de faltar ao respeito, e de interrogar. Um unico instincto, aquelle talvez que Deus pôz no coração das pessoas que amam, a que as mulheres dam o nome de timidez, e que não é mais do que avareza, a aconselhou a Canolles que ainda dissimulasse, que esperasse, que não perdesse o seu sonho, que não compromettesse, por uma palavra imprudente, e proferida com demasiada precipitação, a ventura de toda a sua vida.

Não ajuntou um unico gesto, nem uma palavra mais, ao que queria estrictamente dizer ou fazer. O que seria d'elle. ó grande Deus ! si esta magnanima princeza o reconhecesse repentinamente ; si para elle olhasse com horror, no seu castello de Chantilly, como d'elle desconfiára na estalagem de Biscarros ; si renovasse a accusação já esquecida, e acreditasse que, graças a um titulo official, graças a um titulo real, quèreria continuar umas sollicitações, desculpaveis talvez para com o visconde ou viscondessa de Cambes, mas insolentes, e quasi eriminosas, quando se tratava de uma princeza de sangue.

« Mas, disse consigo subitamente, será possível que uma princeza deste nome, e desta graduação tenha andado a viajar só, sem mais companhia que a de um criado ? »

E como sempre acontece em semelhantes occasiões, em que o espirito vacillante, e turbado busca alguma cousa que lhe sirva de apoio, Canolles attonito olhou á roda de si, e os seus olhos fixaram-se no retrato daquella mulher segurando seu filho pela mão.

Quando tal viu, uma illuminação súbita lhe

passou pelo espirito, e apesar seu deu um passo para aproximar-se do retrato.

A falsa princeza não pôde, do seu lado, deixar de dar um ligeiro grito, e quando ao ouvir este grito Canolles se voltou, viu que o seu rosto já velado, estava agora absolutamente mascarado.

« Oh ! oh ! perguntou Canolles a si mesmo, que quer isto dizer ? Ou foi a princeza que encontrei na estrada de Bordeos, ou sou o ludibrio de alguma logração, e não é ella quem está nesta cama. Em todo o caso, cumpre-me deslindar este negocio.

— Senhora, disse elle de súbito, agora sei o que devo pensar do vosso silencio, e reconheci...

— Que é o que reconhecestes ? exclamou com vivacidade a senhora do leito.

— Reconheci, replicou Canolles, que tive a desgraça de inspirar-vos a mesma opinião, que já tinha inspirado á senhora princeza viuva.

— Ah ! » não pôde deixar de dizer a voz da supposta princeza dando um suspiro de allivio.

A frase de Canolles talvez que não fôsse muito logica, e até não viesse muito á proposito; mas o golpe estava dado. Canolles observára o movimento de agustia que o interrompêra, e o movimento de jubilo com que fôram recebidas as suas ultimas palavras.

« O que não posso, continuou o official, deixar de dizer a Vossa Alteza, a pexar do desgosto que isto lhe pos-a dar, é que tenho de ficar no castello, e de acompanhar Vossa Alteza a toda a parte para onde queira ir.

— Deste modo, exclamou a princeza, nem no

meu quarto poderei estar só? Oh! senhor, isso é mais que indignidade!

— Eu disse a Vossa Alteza quaes eram as minhas instrucções, fique porém Vos a Alteza socegada, ajuntou Canolles cravando um olhar penetrante na senhora da cama, e carregando em cada palavra, pois deve saber, melhor do que ni guem, que eu sei obedecer á súplica de uma mulher.

— Eu? exclamou a princeza com um accento em que havia mais turbacão do que espanto: na realidade, senhor, que não sei o que quereis dizer; ignoro a que circumstancia fazeis allusão.

— Senhora, continuou o official inclinando-se eu julgava que o criado da camara que me introduzira tinha dito o meu nome a Vossa Alteza. Eu sou o barão de Canolles.

— Ora pois! disse a princeza com vez assaz firme, que me importa isso, senhor?

— Eu acreditava que havendo já tido a ventura de ser agradavel a Vossa Alteza...

— A mim! e como assim, rogo-vos que me digais? » replicou a voz com uma alteracão que recordava a Canolles certa entoaçãõ muito irritada, mas muito receiosa ao mesmo tempo, que se lhe não apagára da lembrança.

Canolles pensou que se havia adiantado bastante; de mais disso, quasi que estava inteirado do que pretendia averiguar.

« Não executando estriectamente as instrucções que se me deram, » replicou elle com ares do mais profundo respeito.

A princeza pareceu socegada.

« Senhor, disse ella. eu não quero que incorrais em falta : executai as vossas instrucções á risca, sejam ellas quaes fôrem.

— Senhora, replicou Canolles, eu por felicidade minha ignoro como se persegue uma mulher ; e com maior razão ainda como se offende uma princeza. Tenho pois a honra de repetir a Vossa Alteza o que disse á senhora princeza viuva : que sou um seu muito humilde servidor... Dignai-vos dar-me a vossa palavra de que não saireis do castello sem que vos eu acompanhe, e ficareis livre da minha presença, que, muito bem o comprehendo, deve ser odiosa a Vossa Alteza.

— Mas em tal caso, senhor, disse a princeza com vivacidade, não executareis as ordens que recebestes ? ...

— Eu farei o que a minha consciencia me disser que devo fazer.

— Mr. de Canolles, disse a voz, juro-vos que não sairei de Chantilly sem que vol o participe.

— Em tal caso, senhora, disse Canolles, perdoai-me de haver sido a causa involuntaria da vossa cólera momentanea. Vossa Alteza não me tornará a vêr sinão quando me mandar chamar.

— Eu vos dou os meus agradecimentos, bairão, disse a voz com uma expressão de alegria, que pareceu ter o seu eco no espaço entre a cama, e a parede. Ide, ide, eu vol-o agradeço ; amanhã terei o gosto de vos tornar a vêr.»

Desta vez o barão reconheceu, sem ja poder enganar-se, a voz, os olhos, e o sorriso indizivelmente voluptuoso do ente encantador, que para assim dizer, lhe escapára das mãos, aquella noite.

em que o cavalleiro desconhecido lhe viera entregar a ordem ao duque d'Epemon. Eram aquellas subtilissimas emanações que perfumam o ar respirado pela mulher amada, era aquelle tépido vapor que é um corpo, cujos contornos julga abraçar uma alma apaixonada; esforço supremo da imaginação, daquella fada caprichosa que se alimenta com a idealidade, como a materia com o positivo.

Uma vista de olhos que a final lançou ao retrato, por muito mal alinhado que estivesse, mostrou ao barão, cujos olhos de mais disso se iam habituando áquella meia escuridão, o nariz aquilino dos Maillés, o cabello negro, e os olhos encovados da princeza; ao mesmo tempo que diante d'elle, a mulher que acabava de representar o primeiro acto do papel tam difficil que tomára á sua conta, tinha os olhos á flôr do rosto, o nariz direito, a bocca algum tanto aberta pelo habito do sorriso, e aquellas faces arredondadas que afastam toda a idéa das laboriosas meditações.

Canolles sabia tudo quanto queria saber; saudou-a pois com o mesmo respeito como si tivesse crido achar-se sempre na presença da princeza, e recolheu-se ao seu quarto.

Canolles não tinha tomado nen'uma resolução definitiva; e por isso, entrando no seu quarto, pôz-se a andar para um e outro lado ac acaso, como o costumam praticar as pessoas indecisas, sem reparar que Casterin, que estava a espera de que voltasse, se levantára quando o viu, e o seguia segurando nas mãos um chambre todo desdobrado, que lhe encobria o corpo.

Castorin esbarrou n'um traste, e Canolles voltou-se.

« Então, lhe disse elle, que fazeis vós ahi com esse chambre ?

— Espero que o senhor dispa o seu vestido,

— Não sei quando largarei o meu vestido. Pende este chambre em uma cadeira, e esperai.

— Então o senhor não quer despir o seu vestido ? perguntou Castorin, que sendo um criado caprichoso por sua natureza, estava naquella noite mais rabugento do que era seu costume. O senhor não faz conta de deitar-se logo ?

— Não.

— Então quando faz o senhor conta de deitar-se ?

— Que vos importa isso ?

— Importa-me muito, porque estou bastante cansado.

— Ah ! na realidade, disse Canolles parando e encarando em Castorin, estais muito cansado ?..

E o gentilhomen lheu visivelmente no semblante do seu laçao aquella expressão insolente dos criados, que tem boa vontade de que os despeçam.

« Muito cansado ! » disse Castorin.

Canolles encolheu os hombros.

« S'hi daqui, lhe disse elle, e deixai-vos ficar na antecamara ; quando precisar de vós, tocarei a campainha.

— Previno o senhor de que, si tardar muito tempo, não me achará já na antecamara.

— Fazei-me o favor de dizer-me onde vos acharei ?

— Na minha cama: parece-me que depois de

haver caminhado duzentas leguas, é muito razoavel o deitar-se.

— Senhor Castorin, disse Canolles, sois um patife.

— Si o senhor entende que um patife não é digno de ser seu lacaió, basta que o senhor diga uma unica palavra, e eu o de-embarçarei do meu serviço. » respondeu Castorin revestindo-se de ar mais magestoso.

Canolles não se achava em um momento de paciencia: e si Castorin houvera podido sómente vislumbrar a sombra da tempestade que ia engrossando no espirito de seu amo, de certo que por muita pressa que tivesse de achar-se em liberdade, teria esperado outro momento para fazer-lhe a proposição que acabava de proferir. Motivo este porque o gentilhomem arremessando-se ao seu lacaió, e tomando um dos botões do seu sobretudo entre o pollegar e o index, movimento que depois se tornou familiar a um homem mais celebre do que jámais o foi Canolles:

— Repeti o que dissestes, lhe disse elle.

— En vos repito, respondeu Castorin com a mesma impudencia, que si o senhor não está contente comigo, eu livrarei o senhor dos meus serviços. »

Canolles largou Castorin, e foi com toda a gravidade pegar no seu bastão. Castorin comprehendu qual era sua intenção.

« Senhor, exclamou elle, tomai cuidado no que fides fazer. Eu não sou já um simples lacaió. Estou ao serviço da senhora priocenza.

— Ah! ah! disse Canolles abaixando o bastão

já levantado; ah! vós estais ao serviço da senhora princeza ?

— Sim, senhor, á um quarto de hora, disse Castorin indreitando-se.

— E quem vos ajustou para este serviço?

— O senhor Pompeu, seu mórdomo.

— O senhor Pompeu!

— Sim, senhor.

— Então porque me não haviis de dizer isso logo? excellentes Camolles. Sim, sim, fazes muito bem em deixar o meu serviço; e eis aqui vinte libras para indemnisar-te das bastonadas que estive a ponto de dar-te.

— Oh! disse Castorin sem se atrever a pegar no dinheiro; que quer isto dizer? O senhor quer zombar comigo?

— Longe de mim tal pensamento. Antes pelo contrario, levo muito a bem que sejas lacaio da senhora princeza, meu amigo. Dize-me somente, quando é que deve começar o teu serviço?

— No momento em que o senhor me tenha dado a minha liberdade.

— Pois bem! eu te dou a tua liberdade a contar de amanhã pela manhã.

— E daqui até amanhã pela manhã!

— E Daqui até amanhã pela manhã tu és sempre meu lacaio, e deves obedecer me.

— De muito bom grado! Que ordena o senhor disse Castorin, resolvendo-se a pegar nas vinte libras.

— Ordeno, visto que tens vontade de dormir, que te dispas, e te deites na minha cama.

— Comol! que quer dizer com isso o senhor? Não posso comprehendê-lo,

— Nem'uma precisão tens de comprehender, mas sim de obedecer, eis ahí tudo, Despc-te, que eu vou ajudar-te.

— Como! o senhor quer ajudar-me?

— Sem d'úvida, pois que vás fazer o papel de cavalleiro de Canolles. cumpre-me fazer o de Castorin.»

E sem esperar pela permissão do seu laçoio, o barão lhe despiu o sobretudo, que logo vestiu. Tirou-lhe o chapéu, que pôz na sua cabeça, e dando duas voltas á chave deixou-o fechado no quarto antes que tornasse a si do seu sobresalto, e desceu rapidamente a escada.

Canolles começava por fim a penetrar todo este mysterio. apesar de que uma parte dos acontecimentos ainda se achassem por elle envolvidos em uma densa nuvem. Tudo quanto vira, tudo quanto ouvira, de duas horas a esta parte, não o julgava perfeitamente natural. A attitude de toda a gente em Chantilly era compassal: parecia-lhe que quantas pessoas encontrava todas representavam um papel, e os incidentes todos tinham por base uma harmonia geral, que dava a conhecer ao vigia enviado pela Rainha, que si não quizesse cair em algum grande engano, cumpria-lhe ser cada vez mais vigilante.

A reunião de Pompeu com o visconde de Cambrés aclarava muitas d'úvidas. Si algumas ainda restavam a Canolles, acabaram de dissipar se, quando, assim que entrou no pátio, viu, sem embargo da profunda escuridão da noite, adiantarem-se quatro homens, e dispõem-se a entrar pela mesma porta que acabava de franquear; estes quatro homens eram conduzidos pelo mes-

no criado da camara, que o introduzira nos aposentos das princezas. Outro homem embuçado n'um capote, ia atraz delles.

No lumiar da porta parou o pequeno rancho, esperando pelas ordens do homem encapotado.

« Vós sabeis onde o alojáram, disse este com voz imperiosa dirigindo-se ao criado da camara; vós bem o conheceis, visto que fôdes vós que o introduzistes. Vigiai-o pois de maneira que não possa sair; postai os vossos homens na escada, no corredor, onde bem quizerdes, isso pouco importa, com tanto que elle, sem que disso tenha a mínima suspeita, esteja guardado, em vez de ser elle quem guarde a Suas Altezas. »

Canolles fêz-se mais impalpavel do que uma visão. no angulo em que a noite lançava a sua sombra mais densa; dalli, sem que o enxergassem, viu desapparecer debaixo da abobada os cinco guardas que lhe davam, em quanto o homem encapotado, depois de haver-se certificado que executavam a ordem que lhes dera, voltou pelo mesmo caminho por onde viera.

« Isto ainda nada indica de muito preciso, disse Canolles consigo, seguindo-o com os olhos, pois que o despeito talvez os obrigue a pagarme na mesma moeda. Agora, com tanto que aquelle diabo de Castorn não se ponha a gritar, a chamar, não faça alguma asneira! Fiz mal em não lhe pôr uma mordaca. Agora, desgraçadamente, é demasiado tarde. Vamos, demos principio á nossa ronda. »

No mesmo instante Canolles, depois de lançar um olhar investigador á roda de si, atravess-

son o pátio, e chegou á ala do edificio por detrás da qual estavam situadas as estrebarias

Toda a vida do castello parecia ter-se refugiado nesta parte do edificio. Ouvia-se o estrepito dos cavallos, e os passos apressados da gente. A casa dos arceios retumbava com o tinido dos freios, e jaezes. Tiravam as carruagens das cocheiras; e algumas vozes, suffocadas pelo susto, mas cujo sentido se podia colher prestando o attento ouvido, mutuamente se chamavam, e respondiam.

Canolles pôz-se um momento á escuta. Não podia ter a minima dúvida. tudo se aprestava para uma partida.

Atravessou todo o espaço comprehendido entre uma e outra ala, metteu-se por baixo de uma abobada, e chegou á fachada do castello, onde parou.

Com effeito, as janellas terreas brilhavam com uma luz mui viva, e por tanto facil era de advinhar que grande quantidade de tochas estavam accensas no interior dellas, e como essas tochas se moviam de um para outro lado, derramando grandes sombras, e vastas listras luminosas pela relva do jardim, Canolles comprehendeu que alli estava o centro da actividade, e alli era o foco da empreza.

Canolles ao principio hesitou em surprender o segredo que queriam occultar-lhe. Mas em breve reflectiu que o seu titulo de enviado da rainha, e a responsabilidade que lhe impunha esta commissão, muitas cousas desculpavam, ainda para com as consciencias mais escrupulosas.

Adiantando-se por tanto com precaução, e

costeando a parede, cuja base tanto mais escura era, quanto mais resplandecentes estavam as janellas na altura de seis ou sete pés do chão, subiu a um pilar, pousou os pés n'um resalto da parede, agarrou-se com uma das mãos a uma argola, e com a outra á borda da janella, e por um canto da vidraça lançou um olhar penetrante, e o mais attento que jámais tenha penetrado no sanctuario de uma conspiração.

Eis o que viu:

Junto de uma mulher em pé, e que pregava o ultimo alfinete destinado a segurar na cabeça o seu chapéu de viagem, algumas criadas acabavam de vestir um menino em trajos de caça: o menino tinha as costas voltadas para Canolles, que nada mais viu do que o seu cabello louro. A senhora porém, cujo rosto era alumiado pelo clarão de dous candelabros de seis braços, seguros aos dous lados do toucador por uns criados em pé, semelhantes a cariatides, offereceu aos olhos de Canolles o original exacto daquelle retrato que ha pouco vira na penumbra do quarto da princeza: era na realidade o rosto comprido, a boca severa, o nariz aquilino e imperioso da mulher, cuja viva imagem Canolles agora reconhecia: o seu gesto atrevido, o seu olhar sciutillante, os movimentos arrebatados da sua cabeça, tudo nella dava annuncios de soberania. Nos que a rodeavam, pelo contrario, as suas saudações, a sua precipitação em trazer-lhe o objecto pedido, a sua promptidão em responder a voz da sua soberana, tudo dava mostras de obediencia.

Alguns officiaes da casa, entre os quaes Ca-

molles reconheceu o criado da camara, mettiam em malas, em bahus, em caixotes, estas joias, aquelle dinheiro, e outros aquelle arsenal das mulheres, a que se dá o nome de toucador. O principesinho durante este tempo andava brincando, e correndo por entre os criados aforcados; mas, por uma fatal singularidade, Canolles não pôde vêr-lhe o rosto.

« Eu disse tivera suspeitas, disse elle entre dentes, zombam comigo: esta gente faz preparativos de partida. Sim, mas eu com um aceno posso converter esta scena de logração em scena de luto, para isto não me é preciso mais do que subir ao terrado, tocar tres vezes este apito de prata, e dentro de cinco minutos, ao aspero som que elle der, duzentos homens penetraram neste castelle, prenderam as princezas, e daram garrote a todos estes officiaes que riem surrateiramente. Sim, continuou Canolles, e agora fallava com o coração, e não com os beiços; sim, mas ella que dorme la em baixo, ou que finge dormir! eu a perderia para sempre; olhar-me-ia com odio, e desta vez com um odio bem merecido. Ainda aqui não está tudo, desprezar-me-ia dizendo que fiz até ao fim o meu officio de espia e com tudo, visto que ella obedece á princeza, porque razão não havia eu de obedecer á rainha? »

Neste momento, como si o acaso tivesse querido combater este impulso de resolução, abriu-se uma porta do quarto do toucador da princeza, e duas personagens, um homem de cincoenta annos, e uma mulher de vinte, entraram muito alegres, e apressurados. Quando tal viu,

o coração de Canolles se lhe arremessou todo aos olhos. Acabava de reconhecer o bello cabello, os beiços frescos, e os olhos intelligentes do visconde de Cambes, que sorrindo-se ainda, foi beijar respeitosaente a mão de Clemencia de Maille, princeza de Condé. A unica differença consistia em que o visconde tinha o trajo proprio do seu verdadeiro sexo, e era agora a mais encantadora viscondessa da terra.

Canolles teria dado dez annos de vida para ouvir a sua conversação ; mas em vão applicava o ouvido á vidraça, nada mais ouvia do que um susurro intelligivel. Viu que a princeza fazia um gesto de despedida á jovem senhora, e a beijava na testa recommendando lhe alguma cousa que fazia rir a todas as pessoas que as rodeavam e que depois esta ultima voltava para os quartos de cerimonia com alguns officiaes subalternos, que vestiram os uniformes de officiaes superiores ; até viu o digno Pompeu, iachado de orgulho, com uma farda de côr de laranja agalorada de prata, inclinando-se airosamente com uma enorme farrusea á cinta, acompanhar sua ama, que levantava com summa graça o seu roçagante ve fido de setim ; depois á esquerda, por uma porta opposta, principiou a desfilar sem ruido a escolta da princeza, e esta tambem começou a sua marcha, não dando pres de uma mulher fugitiva, mas sim de uma rainha ; apóz ella ia o eserdeiro Vialas levando ao collo o duquesinho de Enguien, envolvido em um capote ; Lenet tendo nas mãos um cofre lavrado, e alguns massos de papeis ; e a final o capitão do estello fechando a marcha, que era aberta por

dous officiaes com as espadas desembainhadas.

Toda esta gente sahio por um corredor secreto : Canolles saltou logo abaixo do seu observatorio, e correu para a abobada, cujas luzes todas se haviam entre tanto apagado ; viu então passar todo o acompanhamento encaminhando-se em silencio para as estrebarias : iam pôr-se a caminho.

Neste momento a idéa dos deveres que lhe erão impostos pela commissão de que a rainha o encarregára, se apresentou ao espirito de Canolles. Esta mulher que estava a ponto de sair, era a guerra civil armada, que elle deixava escapar, e que de novo ia dilacerar as entranhas da França. Nenhuma dúvida havia que, para elle homem, não fôsse vergonhoso ser o espia, e o carcereiro de uma mulher ; mas tambem era uma mulher aquella madama de Longueville que largára fogo aos quatro cantos de Paris.

Canolles vòu para o terrado que dominava o parque, e chegou aos beiços o apito de prata.

Baldados ficavam todos estes preparativos. Madama de Condé não houvera saído de Chantilly, ou si o fizesse não teria caminhado com passos, sem que ella, e a sua escolta se achassem envolvidas por uma força tres vezes maior que a sua ; deste modo Canolles desempenhava a sua commissão sem correr o menor risco ; deste modo, de um só golpe, destruiu a fortuna, e a sorte futura da casa do Condé ; e com este mesmo golpe, sobre as ruinas desta casa, estabelecia a sua fortuna particular, e fundava a sua sorte futura, como outrora o haviam feito os Vitrys, e os Luynes, e recentemente os Guitauts

e os Miossens em circumstancias talvez menos importantes para a salvação da realza.

Canolles porêm levantou os olhos para o quarto, onde, debaixo de cortinas de vellado vermelho, brilhava, doce, e melancolico, o clarão da lampada nocturna que estava accesa na camara da falsa princeza, e julgou que via desenharse aquella sombra querida ao forro branco do cortinado.

Então todas as resoluções do raciocinio, todos os calculos do egoismo desappareceram ante este raio de dôce luz, como a primeira claridade do dia desapparecem todos os sonhos, e todos os fantasmas da noite.

« O senhor Mazarin, disse elle com um impulso apaixonado, é assaz rico para perdêr todos estes principes, e todas estas princezas que lhe escapam : mas eu não sou assaz rico para perdêr o thesouro que desde já me pertence, e que guardarei, zeloso como um dragão. Agora ella se acha só, em meu poder, e dependendo de mim ; todas as horas do dia e da noite posso entrar no seu quarto ; não fugirá sem que me diga, porque assim me prometeu dando-me a sua palavra sagrada. Que me importa a mim que a rainha seja enganada, e que o senhor Mazarin se enfureça ! Disseram-me que guardasse a senhora princeza de Condé ; eu a guardo. Por que razão me não haviam de dar os seus signaes ou encarregar disso algum espia mais habil do que eu ? »

E Canolles tornou a metter o apito na algibeira, ouviu ranger os ferrolhos, rodar as carnuagens ao longe na ponte do parque, e ir dimi-

nuínde o estrépido de uma cavalgada; depois quando tudo tinha desaparecido, visão, e rumores, sem se lembrar de que acabava de pôr em jogo a sua vida contra o amor de uma mulher, isto é, contra a sombra da ventura, introduziu-se no pátio deserto, e subiu com cautela a sua escada, onde reinava, como na abobada, a mais profunda escuridão.

Apezar porém de todas as suas precauções Canolles não pôde evitar, chegando ao corredor, o encontro de uma personagem, em quem esbarrou, a qual parecia estar escutando á sua porta, e que deu um grito de terror.

« Quem sois? quem sois? perguntou a personagem com voz assustada.

— E vós mesmo quem sois, disse Canolles, que vos introduzís como um espia nesta escada?

— Eu sou Pompeu.

— O mordomo da senhora princeza?

— Sim! sim! o mordomo da senhora princeza.

— Ah! que feliz casualidade! disse o gentil homem; eu sou Castorin.

— Castorin, o criado do senhor barão de Canolles?

— Elle mesmo em pessoa.

— Ah! meu caro Castorin, disse Pompeu, aposto que vos metti muito suso.

— A mim?

— Sim, e não é de admira, visto que nunca fostes soldado! Posso eu ser-vos util em alguma cousa, meu querido amigo? continuou Pompeu tomando um certo ar de importancia.

— Sim.

- Fallai pois?
- Podeis ir annunciar agora mesmo á senhora princeza que meu amo deseja fallar lhe.
- A esta hora?
- Assim se faz preciso.
- E' cousa impossivel!
- Assim o julgais?
- Estou certo di-s-o.
- Então não quererá receber meu amo?
- Nao. de certo
- Da parte do rei senhor Pompeu; ide dizer-lhe isto.

— Da parte do rei! exclamou Pompeu. . . .
Eu lá vou já. »

E Pompeu desceu impetuosamente a escada, estimulado ao mesmo tempo pelo respeito, e pelo medo, dous galgos que sam capazes de fazer correr uma tartaruga.

Canolles foi continuando o seu caminho, recolheu-se ao seu quarto, onde foi dar com Castorin que roncava estendido magistralmente em uma grande poltrona. tornou a vestir o seu uniforme de official, e pôz-se á espera do resultado do passo que elle proprio acabava de dar.

« Pela minha fé! disse elle consigo. se não dou boa conta dos negocios do senhor Mazarin, dos meus parece-me que a não dou má. »

Canolles espiou debalde a volta de Pompeu; mas passados dez minutos, vendo que não chegava, nem pessoa alguma em lugar d'elle, tomou a resolução de ir apresentar-se só.

Acordou portantoo senhor Castorin, cuja bileria hora de somno havia serenado, ordenou-lhe que estivesse prestis, succedesse o que suc-

cedesse, em tom que não admittia réplica, e encaminhou-se aos aposentos da princeza.

O barão encontrou á porta um criado de muito mau humor, porque acabava de ouvir tocar a campainha no momento em que terminava o seu serviço, e em que julgava por fim, como Castorin, que ia principiar um somno restaurador depois de um dia de tamanha fadiga.

— Que quereis vós, senhor? perguntou o criado dando com os olhos em Cinolles.

— Quero fazer os meus cumprimentos á senhora princeza de Condé.

— A esta hora, senhor!

— Então que horas são?

— A mim parece-me que é mui tarde.

— Que e o que dizeis, insolente?

— Com tudo, senhor... disse entre dentes o laeio.

— Eu não peço já, eu quero, disse Cinolles em tom de suprema altiveza.

— Vós quereis... Aqui só a senhora princeza é que governa.

— O rei governa em toda a parte... Da parte do rei!

O laeio estremeceu, e abaixou a cabeça.

« Perdoai-me, senhor, disse elle todo tremulo; mas eu não sou si não um pobre criado; não posso por tanto tocar sobre mim o abrir-vos a porta da senhora princeza; permiti-me que vá acordar um camarista.

— Os camaristas costumam deitar-se ás onze horas no castello de Quantilly?

— Andaram á caça todo o dia, balbuciou o laeio.

— E' muito justo, disse em voz baixa Canolles ; é preciso dar-lhes tempo para que vistam a farda de camarista a alguém. »

Depois, em voz alta :

« Muito bem, disse elle ; ide, que eu aqui esperarei. »

O laçao partio ás carreiras, e foi dar rebate no castello, onde já Pompeu, assustado com o mau encontro que tivera, acabava de derramar um indizível espanto.

Canolles, ficando só, prestou ouvidos, e abriu os olhos.

Ouvio então correr pelas salas, e pelos corredores ; viu, ao clarão das luzes quasi apagadas, homens armados de mosquetes collocarem-se nos angulos das escadas ; em fim, sentiu em toda a parte um murmúrio ameaçador substituir o silencio de estupefacção, que um momento antes reinava no castello.

Canolles levou a mão ao seu peito, e chegou-se a uma janella, atravez de cujos vidros descobria, destacando-se como uma sonora, e nebulosa massa, o cimo das corpulentas arvores, junto das quaes mandara emboscar os duzentos homens que trouxera consigo.

« Não, disse elle, disto havia de infallivelmente resultar um combate, o que de modo nenhum me convem ; vale mais esperar ; o peor que possa acontecer-me esperando, é ser assassinado, ao mesmo tempo que, se me apresso, posso deita-la a perder. . . »

Ainda bem Canolles não tinha acabado de fazer lá consigo esta reflexão, quando viu abrir-se uma porta, e apparecer uma nova personagem.

« A senhora princeza não é visível, disse este com uma precipitação, que nem se quer lhe deu tempo para saudar o gentilhomem, está na cama e deu ordem para que si não deixasse entrar na sua camara quem quer que fosse.

— Quem sois vós? disse Canolles medindo dos pés á cabeça esta estranha personagem, e quem vos deu o atrevimento de fallar a um gentilhomem com o chapéu na cabeça? »

E com a ponta do seu bastão Canolles fez-lhe saltar o chapéu da cabeça.

« Senhor! exclamou elle recuando altivamente um passo.

— Perguntei-vos quem ereis, replicou Canolles.

— Sou, respondeu o outro, sou, como podeis vê-lo pelo meu uniforme, o capitão das guardas de Sua Alteza. »

Canolles sorriu-se.

Com effeito, elle tivera tempo de apreciar com a vista o homem que assim lhe fallava, e reconheçêra que não podia deixar de ser algum despenseiro ou copeiro de barriga grande, algum robusto criado envolvido em um sobretudo de official, a quem a falta de tempo, ou a sua pansa avantajada não permittira que se abrochasse devidamente.

« Muito bem, senhor capitão das guardas, disse Canolles, levantai o vosso chapéu do chão e respondei. »

O capitão executou a primeira parte do mandado de Canolles, como homem que tinha estudado aquella bella maxima da discip'ina militar: para saber commandar, é mistér saber obedecer.

« Capitão das guardas, continuou Canolles. Caspité! é um bello posto.

— Sim, senhor, não ha dũvida que é assaz bello; e que mais? disse o individuo empertigando-se.

— Não vos enfuneis tanto, senhor capitão, disse Canolles, se não quereis arrebeitar o ultimo dos vossos atacadores, e ver cairem-vos aos pès os vossos calções, o que seria cousa mui desairosa.

— Mas, em fim, senhor, quem sois vós? perguntou o supposto capitão, interrogando por seu turno.

— Senhor, eu seguirei o exemplo de urbanidade que vós me destes, e responderei á vossa pergunta como respondestes á minha. Sou capitão no regimento de Navaille, e venho como embaixador em nome do Rei, revestido de um caracter pacifico ou violento, e segundo obedecerem ou desobedecerem ás ordens de Sua Magestade, revesti-me-hei de um destes dous caracteres.

— Violento! senhor? ... exclamou o falso capitão. Um caracter violento?...

— Muito violento! eu vo-lo declaro.

— Até em casa de Sua Alteza?...

— E porquẽ não? Sua Alteza nao é a primeira subdita de Sua Magestade?

— Senhor; aconselho-vos que não vos queirais valer da força; eu tenho cincoenta homens todos prestes a vingar a honra de Sua Alteza. »

Canolles não lhe quiz dizer que os seus cincoenta homens não erãõ mais do que outros tantos lacaios, e bichos da coziha, dignos de ser-

virem sob as ordens de um tal capitão, e que, relativamente á honra da sua princeza, aquella honra ia correndo com ella naquele momento pela estrada de Burdeos. Contentou-se de responder-lhe com aquelle sangue frio mais temivel do que uma ameaça, e que tão habitual é nos homens bravos, e acostumados aos perigos :

« Se vós tendes cincoenta homens d'armas, senhor capitão, eu tenho dazentos, que sam a vanguarda de um exercito real. Estais decidido a pôr-vos em rebelião aberta contra Sua Magestade ?

— Não, senhor, não, respondeu com viveza o homem rechonchudo muito humilhado. Deos tal não permitta ! Mas peço-vos que me sirvais de testemunha em como eu só á força cedo.

— E' na realidade o menos que vos eu dava na qualidade de camarada.

— Ora pois, conduzir-vos-ei ao quarto da senhora princeza viuva, que ainda não pegou no somno. »

Canolles não teve necessidade de reflectir para avaliar o medonho perigo que lhe offerecia esta cilada; mas dellase livrou arrebatadamente com o socorro da sua omnipotencia.

« Não tenho ordem de procurar a senhora princeza viuva, mas sim a senhora princeza moça. »

O capitão das guardas abaixou outra vez a cabeça, imprimio um movimento retrogrado ás suas grossas pernas, arrastou a sua comprida espada pelo sobrado, e tornou a passar magestosamente o liminar da porta por entre duas sentinellas que tremião durante esta scena, e a quem

o annuncio da chegada de duzentos homens estava a ponto de fazer lhes abandonar o seu posto, tão pouco dispostos estavam a ser martyres da fidelidade no castello de Chantilly.

Passados dez minutos, o capitão, seguido de dous guardas, voltava com innumeraveis ceremonias para acompanhar Canolles ao quarto da princeza, em cuja camara foi introduzido sem ter de soffrer novas delongas.

Canolles reconheceu o quarto, os moveis, o leito, e até o perfume daquella camara, que muito bem havia observado. Mas em vão buscou duas cousas; o retrato da verdadeira princeza, que vira na sua primeira visita, e que derramára no seu pensamento a primeira luz daquella logração em que queriam faze-lo cair, e o rosto da falsa princeza, pela qual acabava de fazer um tamanho sacrificio. O retrato tinham-no tirado dalli; e por uma precaução algum tanto tardia, e sem duvida em consequencia desta mesma precaução, o rosto da pessoa deitada na cama estava voltado para a parede como se tivesse em pouca conta quem a procurava.

Duas mulheres estavam empé no espaço entre o leito e parede.

O gentilhomem teria de boa vontade desculpado esta falta de attenção; mas, como receasse que alguma nova substituição não dêsse occasião a madama de Cambes para fugir, como tinha fugido a princeza, os cabellos se lhe arripiarão na cabeça, e quiz no mesmo instante certificar se da identidade da pessoa que occupava o leito, chamando em seu socorro o poder supremo de que o revestia a sua commissão.

« Senhora, disse elle inclinando-se profundamente, peço perdão a Vos-a Alteza de vir deste modo á sua presença, e sobre tudo depois de haver-lhe dado a minha palavra de que esperaria pelas suas ordens; mas acabo de ouvir um ruido no castello, e....»

A pessoa deitada estremeceu, mas nada respondeu. Canolles buscou algum signal pelo qual pudesse reconhecer se na realidade a pessoa que buscava, era a que tinha diante dos olhos; mas no meio das ondulações das rendas, e na macia espessura dos colchões, e das cortinas foi-lhe impossivel reconhecer outra alguma cousa que não fosse a fôrma de uma pessoa deitada.

« E, continuou Canolles, é dever meu, de que me não posso dispensar, certificar-me de que neste leito se acha a mesma pessoa, com quem tive a honra de conversar meia hora. »

Desta vez não foi já um simples estremeccimento, mas sim um verdadeiro movimento não escapou a Canolles, que com elle se assustou.

« Se ella me enganou, disse consigo, se a pesar da palavra solemne que me deu, fugio, eu saio do castello, monto a cavallo, ponho-me á frente dos meus duzentos homens, e alcanço de certo os fugitivos, ainda que tivesse de lançar fogo a trinta aldeas para alumiar o meu caminho. »

Canolles ainda esperou um momento, mas a pessoa deitada nem respondeu, nem se voltou; era evidente que se queria ganhar tempo.

« Senhora, disse por fim Canolles com uma impaciencia que não tinha já a coragem de dissimular, rogo a Vossa Alteza queira lembrar-se que

sou o enviado do Rei, e que em nome do Rei re-
clamo a honra de ver o seu rosto.

— Oh! que insuportavel inquirição! disse en-
tão uma voz tremula, e que fez estremecer de
alegria o joven official, porque acabava de reco-
nhecer o metal de uma voz, que nen'uma outra
voz podia imitar. Se, como dizeis, senhor, o Rei
é que vos obriga a assim vos haverdes, o Rei que
não é mais do que uma criança, ainda não sabe
quaes sam os deveres de um gentilhomen; obri-
gar uma mulher a que mostre o seu rosto, é fa-
zer-lhe o mesmo insulto como se, estando mas-
carada, se lhe arrancasse a sua mascara.

— Senhora, ha. uma palavra, ante a qual se
curvam os homens, quando esta palavra vem do
destino : é preciso.

— Ora pois, já que é preciso, disse a joven se-
nhora, já que me acho só, e sem defeza contra
a ordem do Rei, e a exigencia do seu mensageiro,
obedeço, senhor ; olhai-me. »

Então um movimento arrebatado desviou o
baluarte de travesseiros, de coberta, e de rendas
que defendia a bella sitiada, e atravez da bre-
cha improvisada, com a vermelhidão, antes do
puder que da indignação, appareceu a cabeça
loura, e o rosto encantador que d'antemão ha-
viam sido denunciados pela voz. Com o rapido
olhar do homem habituado a avaliar situações,
se não semelhantes, pelo menos equivalentes,
Canolles ficou certo que não era a cólera que
conservava baixos aquelles olhos velados por
pestanas de veludo, e que fazia tremer aquella
alva mão, que sustinha, sobre um pescoco de na-

car, as ondas de um cabello fugitivo, e a cambraia dos lenções perfumados.

A falsa princeza ficou um instante nesta posição, que houvera querido tornar ameaçadora, mas que só era irritada. enquanto Canolles nella tinha fitos os olhos, respirando deliciosamente, e comprimindo com ambas as suas mãos as pulsações do seu coração que pulava de alegria.

Ora pois, senhor, disse passados alguns segundos a formosa perseguida, não será assaz grande a minha humilhação? Examinaste me á vossa vontade? Que mais quereis? Não é completo o vosso triumpho? Sêde pois um vencedor generoso, peço-vos que vos retireis.

— Eu bem o quizera, senhora, mas cumpre-me desempenhar as minhas instrucções até o fim. Não preenchi até agora senão a parte da commissão que diz respeito a Vossa Alteza; mas não é bastante ter-vos visto, é preciso que veja agora o senhor duque d'Enghien. »

A estas palavras pronunciadas no tom de um homem que tem o direito de mandar, e quer ser obedecido, succedeu um silencio terrivel. A falsa princeza levantou-se algum tanto, apoiando-se na sua mão, e fixou em Canolles uma daquellas vistas estranhas que pareciam ser somente proprias della, tantas eram as cousas que nellas ao mesmo tempo se continham. Esta queria dizer: « Reconheceste-me vós? sabeis vós quem eu sou na realidade? Se o sabeis, poupai-me, perdoai-me; vós sois o mais forte, compadecei-vos de mim! »

Canolles comprehendeu tudo quanto esta vista queria dizer, mas en-dureceu-se contra a sua se-

ductora eloquencia, e respondeu a esta vista com a voz :

« E' impossivel, senhora, disse elle, a ordem é precisa.

— Faça-se pois em tudo a vossa vontade, como o desejais, senhor, visto que não tendes a minima condescendencia, nem para com a posição nem para com a graduacão ; ide, estas senhoras vos encaminharão ao príncipe meu filho,

— Estas senhoras, disse Canolles, não poderiam, em vez de encaminhar-me a vosso filho, trazê-lo para junto de Vossa Alteza ? Isto no meu entender, seria infinitamente melhor.

— E porque, senhor ? perguntou a falsa princeza, mais inquieta evidentemente com esta nova exigencia do que o fôra com nen'uma das outras.

— Porque, durante este tempo eu darei a Vossa Alteza uma parte da minha commissão, que só a vós pôde ser communicada.

— A mim só ?

— A vós só, respondeu Canolles, com uma cortezia mais profunda do que nen'uma das que já fizera. »

Desta vez os olhos da princeza, que haviam successivamente passado da dignidade á supplica, e da supplica á inquietação, craváram-se em Canolles com a fixidade do terror.

« Que pôde haver nesta conferencia entre nós em particular, que tanto vos assuste, senhora ? disse Canolles. Não sois vós princeza, e não sou eu gentilhomem ?

— Sim, tendes razão, senhor, e eu não a tenho em ter receios. Sim, a pezar de que seja esta

a primeira vez que tenho o gosto de ver-vos, a fama da vossa cortezia, e da vossa lealdade tem chegado aos meus ouvidos. Ide buscar; senhoras o duque d'Enghien e voltai aqui com elle.

As duas senhoras afastáram-se do pé da cama adiantaram se para a porta, voltaram ainda uma vez para saber si esta ordem era bem positiva, e a um aceno que confirmava as palavras de sua ama, ou pelo menos da que fazia as suas vezes, saíram do quarto.

Canolles seguiu as com os olhos até que tivessem fechado a porta. Depois fixou na supposta princeza os seus olhos scintillantes de alegria.

« Vejamos, disse esta sentando-se na cama, e cruzando os braços, vejamos, Mr de Canolles, porque me perseguis vós deste modo ? »

E dizendo isto encarava no joven official, não com aquelle olhar altivo de princeza que ensaiára, e que lhe não fôra de vantagem alguma mas pelo contrario com uma expressão tam tocante, e tam significativa, que todos os encantadores incidentes do seu primeiro encontro, todos os embriagantes episodios do caminho, todas as recordações daquelle amor nascente, tudo emfim surgiu de tropel, envolvendo como embalsamados vapôres o coração do barão.

« Senhora, disse elle dando um passo para o leito, eu a quem persigo em nome do rei, é a senhora princeza de Condé, e não a vós, que não sois a senhora princeza. »

Aquella a quem estas palavras eram dirigidas deu um leve grito, tornou-se mui pallida, e levou uma das suas mãos ao coração.

— Então, senhor, que quereis vós dizer, e quem pensais que eu sou? exclamou ella

— Oh! quanto a isto, respondeu Canolles, muito embaraçado me veria si tivesse de vol-o explicar, pois seria talvez capaz de jurar que sois o mais bello visconde, se não fosseis a mais adoravel viscondessa.

— Senhor, disse a falsa princeza, com a esperanza de impôr respeito a Canolles recordando-lhe a sua dignidade; senhor, não comprehendo de quanto me dizeis senão uma só cousa, e é que me desacatais, que me insultais!

— Senhora, disse Canolles, não faltamos ao respeito que a Deos devemos quando o adoramos; não insultamos os anjos quando ante elles nos ajoelhamos. »

E dizendo estas palavras Canolles inclinou se como se quizesse ajoelhar.

« Senhor, disse com viveza a viscondessa detendo a Canolles, senhor, a princeza de Condé não pôde consentir. . .

— A princeza de Condé, senhora, respondeu este, vai a estas horas correndo em um bom cavallo com o seu escudeiro Vialas ao lado, e acompanhada de Mr. Lenet, seu conselheiro, dos seus gentishomens, dos seus capitães. de toda a sua casa enfim, vai correndo. digo, pela estrada de Bordeos, e nada tem com o que agora se passa entre o barão de Canolles, e o visconde ou viscondessa de Cambes.

— Mas que é o que dizeis, senhor? Dar-se-á caso que tenhais perdido o juizo?

— Não, senhora; eu só digo o que vi, nem faço mais do que contar o que ouvi.

— Então si tendes visto, se tendes ouvido, o que dizeis, a vossa commissão deve estar terminada.

— Como podeis tal crêr, senhora? Será pois preciso que eu volte para Pariz, e que vá confessar á Rainha, que para não desagradar a uma mulher a quem amava (eu não nomearei ninguém, senhora, não me olheis por tanto com olhos coléricos), não cumpri as suas ordens, consenti que fugisse a sua inimiga, fechei os olhos ao que via, atraíçoei enfim, sim, atraíçoei a causa do meu Rei. »

A viscondessa deu mostras de commoção, e olhou o barão com uma compaixão quasi terna.

« Não tendes vós a melhor desculpa de todas disse ella, que é a impossibilidade? Podéis vós só deter a escolta respeitável da senhora princeza? Tiham-vos ordenado que combatesseis só contra cincoenta gentishomens? »

— Eu não estava só, senhora, disse Canolles abanando a cabeça; tinha, e ainda tenho alli no bosque, a quinhentos passos de nós, duzentos soldados que posso reunir com um só apito; nen'uma difficuldade tinha por tanto em deter a senhora princeza, que, pelo contrario, nen'uma resistencia me podia oppôr. E demais disso, ainda que a minha escolta fôsse mais fraca que a sua, em vez de ser quatro vezes mais forte, eu sempre podia combater, eu sempre podia fazer-me matar combatendo; isso me houvera sido tam facil, contiouo o mancobo inclinandose cada vez mais, quanto me seria doce tocar esta mão, se a isso me atrovesse. »

Com effeito, aquella mão em que o barão crâ-

vava olhos ardentes, aquella mão fina, polpuda e branca, aquella mão intelligente caíra fóra da enxada, e palpitava a cada palavra que saia da bocca do mancebo. A viscondessa cêga ella mesma por aquella electricidade do amor, cujos effeitos já ella ressentira na pequena estalagem de Jaulnay, não pôde lembrar-se de que devia recolher aquella mão, que subministrára a Canolles um ponto tam feiz de comparação; esqueceu-se por tanto della, e o joven official, deixando-se cair de joelhos, imprimiu a sua bocca com voluptuosa timidez na mão, que ao sentir o contacto dos seus beijos, se retirou como si um ferro em brazalhe houvesse tocado.

« Eu vos agradeço, Mr. de Canolles, disse a joven senhora; sim, do intimo do coração vos agradeço quanto a meu favor fizestes; crêde que nunca jámais o esquecerei. Duplicai por ém o preço do serviço que me rendestes, apreciando a minha melindrosa situação, e retirando vos. Não temos nós de separar-nos, visto que a vossa commissão está terminada? »

Este *nós*, prounciado com uma entonação tam meiga, que parecia conter alguma sombra de pezar, fez vibrar dolorosamente as fibras mais secretas do coração de Canolles. Com effeito, o sentimento da dôr quasi sempre existe no fundo das grandes alegrias.

« Eu vos obedecerei, senhora disse elle. Farcos-ei sómente observar, não para deixar de obedecer-vos, mais sim para talvez evitar-vos um remorso, que si vos obedecer fico perdido. No momento em que eu confessar a minha falta e ficarem certos de que não fui enganado, serei

victima da minha condescendencia . . . Declaram-me traidor; encerram-me na bastilha. . . e quem sabe senão serei arcabuzado; e tudo isto é cousa muito natural, porque fui traidor.»

Clara deu um grito, e pegou ella mesma na mão de Canolles, que logo tornou a deixar cair com uma graça encantadora.

« O que faremos nós pois ? » disse ella.

O coração do mancebo dilatou-se : aquelle benaventurado nós vinha a ser decididamente a formula favorita de madama de Cambes.

« Perder-vos ! a vós que tam generoso sois, continuou ella. Perder-vos ! eu, oh ! nunca, nunca. A que preço posso eu salvar vos ? fallai, fallai !

— Seria preciso, senhora, que me permittissem de representar o meu papel até ao fim. Seria preciso, como vol-o disse, que eu parecesse haver sido enganado por vós, e que dê-se conta ao senhor Mazarin do que vejo, e não do que sei.

— Sim, mas si de cobrissem que por amor de mim é que fazeis tudo isto, se chegassem a saber que nós já nos tinhamos encontrado em outra parte, que já me tinheis visto, eu é que por meu turno ficaria perdido; ponderai-o bem !

— Senhora ! disse Canolles com uma melancolia perfeitamente representada, a vista do vosso ar tam frio, da vossa dignidade que tam pouco vos eu ta a guardar na minha presença, não creio que deixasseis escapar um segredo, que de mais disso, no vosso coração pelo menos não existe.»

Clara guardou silencio, mas um olhar fugitivo, um imperceptivel sorriso que a seu pezar

escapára á bella presa, respondêram a Canolles de modo que se convenceu de que era o mais feliz dos homens.

« Terei pois de aqui ficar ? disse elle com um indizivel sorriso.

— Já que assim é preciso ! respondeu a viscondessa.

— E neste caso vou escrever ao senhor Mazarin.

— Sim, não percais tempo, ide já.

— Como assim ?

— Digo vos que vades escrever-lhe.

— Tal não posso fazer, é preciso que lhe eu escreva daqui, da vossa camara ; é preciso que eu date a minha carta de junto a vossa cama.

— Mas isso não é decente.

— Eis as minhas instrucções, senhor, lêde-as vós mesma. . . »

E Canolles apresentou um papel á viscondessa que lêu :

« O senhor barão de Canolles guardará á vista a senhora princeza, e o senhor duque d'Eughien seu filho. »

— A' vista, disse Canolles.

— A' vista ; não ha dúvida que estas palavras aqui se acham »

Clara comprehendeu entam todo o partido que um homem namorado, como o estava Canolles, podia tirar de similhantes instrucções ; mas comprehendeu tambem que serviço rendia á princeza prolongando a seu respeito o engano da cõrte.

« Escrevei pois, » disse ella em tom de mulher resignada.

Canolles interrogou-a com os olhos, e ella

tambem com os olhos lhe mostrou um cofresinho, onde se continha quanto era preciso para escrever; o mancebo abriu-o, tirou delle papel, penna, e tinta, pôz tudo em cima de uma meza, e chegou a para o pé de si o mais que lhe foi possível; pediu, como si Clara fôsse sempre a senhora princeza, licença de sentar-se, a qual lhe foi concedida, e escreveu ao senhor Mazarin o despacho seguinte:

Senhor.

« Cheguei ao castello de Chantilly ás nove
« horas da noite, por tanto claramente vêdes que
« fiz toda a diligencia, pois tive a honra de des-
« pedir-me de vossa eminencia ás seis horas e
« meia.

« Achei as duas princezas na cama; a se-
« nhora princeza viuva a-saz gravemente enfer-
« ma, a senhora princeza cansada de haver du-
« rante o dia assistido a uma grande caçada

« Segundo as instrucções de Vossa Eminencia
« apresentei-me a Sua Altezas, que no mesmo
« instante despediram todos os convidados, e
« neste momento guardo á vista a senhora prin-
« ceza, e seu filho »

— E seu filho, repetiu Canolles voltando-se para a viscondessa. Ora parece-me que mintu, e com tudo bem quizera não mentir.

— Sozegai, respondeu Clara a rir; si ainda não vistes meu filho, vós o ides vêr.

— E seu filho, continuou Canolles a rir. »

E continuando a sua carta no ponto em que parára:

« Da propria camara da senhora princeza, e

« assentado á cabeceira do seu leito, é que te-
« nho a honra de escrever esta carta a Vossa E-
« minencia. »

Elle assignou-a; e depois de haver pedido com
todo o respeito licença a Clara, puxou pelo cor-
dão da campainha: um criado da camara logo
entrou.

« Ide chamar o meu laçao, disse Canolles, o
quando chegar á antecâmara vinde avisar-me. »

Passados cinco minutos viera n dar aviso ao
barão de que Castorin era chegado.

« Aqui tendes, disse-lhe Canolles, ide levar
este bilhete ao official que commanda os meus
duzentos homens; dizei-lhe que o envie a Pa-
ris por um expresso.

— Mas, senhor barão, respondeu Castorin, a
quem a execuçã) de uma tal commissã) dada
no meio da noite parecia cousa muito desagra-
davel, eu julgava ter vos dito que o senhor Pom-
peu me ajustára para entrar no serviço da se-
nhora princeza.

— E tambem em nome da senhora princeza
é que vos transmitto esta ordem. Vossa Alteza,
disse Canolles voltando-se, dignar-se ha de con-
firmar as minhas palavras? Muito bem sabe de
quanta importancia é que esta carta seja entre-
gue no mesmo instante.

— Ide, disse a falsa princeza em tom, e ges-
to cheios de magestade. »

Castorin inclinou-se até ao chão, e partiu.

« Agora, disse Clara estendendo para Canol-
les duas mãos juntas e supplicantes, reti-
rar-vos-eis, não é assim? »

— Perdoai. . . respondeu Canolles, mas vosso filho, senhora ?

— Tendes razão, respondeu Clara sorrindo-se, vós ides vê-lo. »

Com effeito, apenas acabou madama de Cambes de proferir estas palavras, quando se ouviu esgaravatar á porta, segundo o costume daquelles tempos. O Cardeal de Richelieu é que, sem dúvida por causa do amor que tinha aos gatos, puzera em voga este modo de bater á porta. Durante o seu dilatado valimento, tinham por tanto esgaravato á porta de Mr. de Richelieu, depois á de Mr. de Chavigny, que sem dúvida tinha direito a esta successão, ainda que só fôsse a titulo de herdeiro natural; e finalmente á do senhor Mazarin. Podia pois muito bem esgaravatar-se á porta da senhora princeza.

« Eil-o ahí vem, disse madame de Cambes.

— Muito bem, e então revisto-mo do meu character official. »

E Canolles arredou a mesa, tirou a cadeira, tornou a pegar no seu chapéu, e deixou-se ficar respeitosa e a quatro passos do leito da princeza.

« Entrai, » disse a viscondessa.

No mesmo instante o mais ceremonioso acompanhamento que pudesse vêr-se, entrou no quarto.

Eram as mulheres, os officiaes, os camaristas, todos os que estavam empregados no serviço ordinario da princeza.

« Senhora, disse o primeiro criado da camera, foi-se acordar o senhor duque d'Enghien;

póde por tanto receber agora o mensageiro de Sua Magestade »

Um olhar de Canolles a madama de Cambes, disse lhe mais claramente do que o houvera podido fazer a voz :

« Era pois nisto que tínhamos convindo ?

Este olhar em que se encerravam todas as supplicas de um coração angustiado, foi comprehendido maravilhosamente, e sem d'úvida em agradecimento de tudo quanto Canolles fizera; e talvez que tambem para de algum modo exercer aquella malicia eternamente occulta no mais profundo ainda dos melhores corações femininos :

« Trazei aqui o senhor duque d'Enghien, disse ella; o senhor verá meu filho na minha presença. »

Apressaram-se em obedecer, e passado um momento, o joven principe foi introduzido no quarto.

Nós dissemos que o barão, observando com todo o cuidado os ultimos preparativos da partida da princeza, puzera os olhos no joven principe que andava brincandò, e correndo, mas sem que lhe visse o rosto. A unica cousa em que fizera reparo era no seu traço, que consistia em um simples vestido de caça; pensou pois que não era em attenção a elle que lhe tinham vestido o traço esplendido em que o apresentavam aos seus olhos. A idéa que já tivera de que o principe partira com sua mãe, tornou-se portanto quasi em certeza: examinou durante algum tempo em silencio o herdeiro do illustre principe de Condè, e sem que o respeito de que estava impres-

ção toda a sua pessoa, soffresse a menor quebra, um imperceptivel sorriso de ironia lhe deslizou pelos beiços.

« Dou-me por muito feliz, disse elle inclinándose, de ser admittido á honra de apresentar as minhas homenagens ao senhor duque d'Enghien. »

Madama de Cambes, em quem o menino tinha cravados os olhos, fez-lhe signal com a cabeça para que saudasse, e como lhe pareceu que Canolles observava todos os incidentes desta scena com summa attenção :

« Meu filho, disse ella com um calculo de maldade que fez estremecer Canolles, que já advinhava, pelo movimento dos beiços da viscondessa, que ia ser victima de alguma traição feminina : meu filho, o official que vêdes diante de vós, é Mr. de Canolles enviado por Sua Magestade ; dai a vossa mão a boijar a Mr. de Canolles. »

Ao ouvir esta ordem, Pierrot, que sôra convenientemente doutrinado por Lenet, que, assim como o promettera á senhora princeza, si encarregára da sua educação, estendeu a mão, que não tivera tempo, nem modo para converter em mão de gentilhomen ; e Canolles viu-se obrigado a imprimir, no meio do riso suffocado dos circunstantes, um beijo naquella mão, que um homem, ainda quando fôsse menos experto nesta materia do que o era Canolles, teria facilmente reconhecido que não pertencia á aristocracia.

« Ah! madama de Cambes, disse Canolles consigo, vós me pagareis este beijo. »

E inclinou-se respeitosamente ante Pierrot, para agradecer-lhe a honra que lhe fizera.

Entendendo então, que depois de haver passado por uma tal prova, a ultima do programma, lhe era impossivel ficar mais tempo na camara de uma mulher :

« Senhora, disse elle voltando-se para a cama, a minha commissão está terminada por esta noite, tenho pois de pedir-vos licença para retirar-me.

— Ide, senhor, disse Clara ; vós vêdes que estamos muito socegados aqui. Podeis por tanto dormir descansado.

— Tenho de pedir-vos antes disso, senhora, um grande favor.

— Que favor ? perguntou madama de Cambes, com inquietação, porque muito bem comprehendia pela entoação da voz do barão, que si dispunha a tomar a sua desforra.

— Que me concedais a mesma graça que acabo de receber do principe vosso filho. »

Desta vez a viscondessa não podia escapar-lhe ; não havia modo de recusar a um official do rei o ceremonioso favor que desta maneira pedia á vista de todos. Madama de Cambes estendeu pois a sua tremula mão a Mr. de Cauolles

Este adiantou-se para a cama como se teria adiantado para o throno de uma Rainha, pegou com a ponta dos dedos na mão que se lhe offerencia, pôz um joelho no chão, e imprimiu naquella pelle fina, branca, e estremecida, um comprido beijo, que todos attribuirão ao respeito, e

que, para a viscondessa sómente, foi um ardente penhor de amor.

« Vós me promettestes, vós até me jurastes, disse Canolles em voz submissa levantando-se, que não sairíeis do castello sem que disso me prevenísseis. Eu tenho toda a confiança na vossa promessa, e no vosso juramento.

— E podeis tê-la, senhor, » disse madama de Cambes tornando a cair sobre o seu travesseiro quasi desmaiada.

Canolles, a quem a expressão da voz fizera estremecer, tentou descobrir nos olhos da formosa presa a confirmação da esperança que lhe dera o accento da sua voz. Mas os olhos da viscondessa estavam ermeticamente fechados.

Canolles pensou que os cofres fechados são os que encerrão os mais preciosos thesouros, e retirou-se com o paraíso no coração.

Dizer como esta noite se passou para o nosso gentilhomem, dizer como a sua vigilia, e o seu somno outra coisa não fôram que um aturado sonho, durante o qual ponderou, e tornou a ponderar todas as circumstancias da quimérica aventura, que lhe dava a posse do mais precioso thesouro, que avarento algum tenha jámais abrigado debaixo das azas do seu coração, dizer os projectos que fez para sujeitar o futuro aos calculos do seu amor, e ao capricho da sua fantasia; dizer as razões que a si proprio deu para convencer se de que obrava acertadamente, seria coisa impossivel; pois a loucura é uma fadiga para outro qualquer espirito que não seja o de um louco.

Era tarde quando Canolles adormeceu, si é

que póde chamar se somno o febril delirio que succedeu á sua vigilia ; e com tudo apenas o dia alumiaua a summidade dos alamos, sem que ainda tivesse baixado até á superficie das bellas aguas, onde dormem as nymphas de largas folhas, cujas flores só ao sol se abrem, quando já Canolles saltava da sua cama, vestindo-se á pressa, e descoia para o jardim. A sua primeira visita foi áquelle lado do edificio occupado pela princeza, o seu primeiro olhar foi para a janella do seu quarto ; a presa, quer não tivesse ainda adormecido, quer tivesse já despertado, o certo é que uma luz demasiado viva para que fôsse a de uma lamparinha, avermelhava as cortinas de damasco corridas ermeticamente. Canolles deteve-se nesta vista, que sem dâvida penetrou o seu espirito de um bom numero de conjecturas insensatas, e sem levar mais longe o seu passeio, buscando o abrigo do pedestal de uma estatua que o occultava de um modo conveniente, encetou só por só com a sua quimera, aquelle eterno dialogo dos corações amorosos, que encontram o objecto amado em todas as poeticas emanacões da natureza.

Havia obra de meia hora que o barão estava no seu observatorio, olhando com indizivel ventura para aquellas cortinas, por diante das quaes outro qualquer que não fosse elle houvera passado com indifferença, quando viu abrir-se uma janella da galeria, e esta janella servir de moldura quasi no mesmo instante ao honrado rosto do senhor Pompeu. Tudo quanto t ha relação com a viscondessa inspirava um poderoso interesse a Canolles ; desviou pois os seus olhos da-

quellas cortinas tam attractivas, e crêu observar que Pompeu tentava estabelecer com elle uma correspondencia do signaes. Canolles ao principio duvidou que estes signaes se lhe dirigissem, e pôz-se a olhar a roda de si; mas Pompeu, que observou a dúvida em que o barão estava, acompanhou estes signaes, para chamar a sua attenção, de um sibilo, que algum tanto indecente houvera parecido da parte de um escudeiro para com um embaixador de Sua Magestade o Rei de França, si este sibilo não tivesse por desculpa uma especie de ponto branco quasi imperceptivel para todos e quaesquer olhos que não fossem os de um namorado, que desde logo reconhece neste ponto branco um papel enrolado.

« Umbilhete! disse Canolles consigo, elle escreve-me, o que quer isto dizer? »

E aproximou-se todo tremulo, apezar de que o seu primeiro movimento fosse uma grande alegria; mas nas grandes alegrias dos namorados nunca deixa de haver uma certa apprehensão, no que talvez consista o maior encanto della; estar convencido da sua felicidade, é não ser já feliz.

A' medida que Canolles se aproximava, Pompeu mais se ia arriscando a mostrar o papel; por fim Pompeu estendeu o braço, e Canolles o seu chapéu. Estes dois homens entendiam se pois as mil maravilhas, como bem se vê; o primeiro deixou cair bilhete, e o segundo recebeu-o com muita destreza, buscando logo o abrigo de um caramanchel para o lêr á sua vontade; e Pompeu, que sem duvida receava constipar-se, tornou a fechar logo a janella.

Não pôde porém um homem lêr sem algum re-

ceio o primeiro bilhete da mulher a quem ama, sobre tudo quando este bilhete inesperado não tem motivo algum para o vir turbar, que não seja algum ataque á sua felicidade. Com effeito, que poderia querer dizer-lhe a viscondessa, si não tivesse soffrido alguma alteração o programma entre elles concertado na vespera? Não podia portanto este bilhete deixar de conter alguma fatal noticia.

Canolles tão convencido estava disso, que nem se quer chegou o papel aos seus beiços, como costuma fazer um amante em tal circumstancia. Muito pelo contrario, deu-lhe mil voltas, com um susto que cada vez ia a mais. Com tudo, como sempre tinha de vêr, ou mais tarde ou mais cedo, o que nelle se lhe escrevia, chamou em seu soccorro toda a sua coragem, abriu-o, e leu :

« Senhor, ficarmos mais tempo na situação em
« que nos achamos, e entendo que assim o pen-
« sareis como eu, é cousa absolutamente impos-
« sivel; ha de magoar-vos muito o passar aos
« olhos de toda a gente da casa por um desagra-
« davel vigia; de outro lado, tenho de recear,
« se vos faço melhor agasalho do que o faria a
« senhora princeza, si se achasse no meu lugar,
« que não advinhem que representamos uma du-
« plicada comedia, cujo desenredo seria a perda
« certa da minha reputação. »

Canolles enxugou a testa: os seus presentimentos não o tinham enganado. Com o dia, esse grande caçador de fantasmas, todos os seus sonhos dourados desappareciam. Abanou a cabeça, arrancou um suspiro do peito, e continuou :

« Fingi que descobristes o ardil de que nos ser-

« vimos ; para chegar a este descobrimento ha
« um meio muito simples, e que eu mesma vos
« offerecerei, si me prometterdes de annuir á
« minha súplica. Vós bem o vêdes, eu não vos
« dissimulo a vós mesmo o muito que dependo
« de vós. Si assentirdes aos meus rogos, enviar-
« vos-hei um retrato meu, que tem debaixo do
« desenho da figura o meu nome, e as minhas
« armas. Direis que este retrato vos caiu nas
« mãos em uma das vossas rondas nocturnas que
« eu não era a senhora princeza.

« Ser-me-ha preciso dizer-vos, que em me-
« moria do agradecimento em que vos ficarei no
« intimo do meu coração, si partirdes esta mes-
« ma manhã, eu vos autoriso, na supposição to-
« davia que della façais algum apreço, a guar-
« dar esta miniatura.

« Separai-vos pois de nós, sem me tornardes
« a vêr, si assim fôr possível, e o meu reconhe-
« cimento vos acompanhará á toda a parte, em
« quanto do meu lado me acompanhará a vossa
« lembrança, como a de um dos mais nobres, e
« mais leaes gentishomens que tenho conhecido
« na minha vida. »

Canolles leu de novo o bilhete ; e ficou attonito. Qualquer que seja o favor que se contenha em uma carta de despedida, por muito assuecada que seja uma recusação, ou um adeus, a leus, recusação, e despedida nã deixam por isso de ser uma das mais crueis lograções que se possam pregar no coração. Não havia a minima dũvida que esse retrato não fosse cousa mui grata: mas o motivo pelo qual era offerecido arrebatava-lhe grande parte do seu valor. De mais

diss, o que vale o retrato quando o original affi se acia, quando o temos á mão, e quando podemos não largá-lo ?

Sim, mas Canolles que não tinha recuado ante a cólera da Rainha, e de Mazarin, tremia ante um franzimento de sobrauecilhas de madama de Cambes.

Com tudo, esta mulher delle zombára em primeiro lugar na estrada, depois de Chantilly fazendo as vezes da princeza, e por fim dan lo-lhe na vespera uma esperanca que lhe roubava no dia seguinte ! Mas de todas estas lograções esta era a mais cruel. Na estrada ella não o conhecia, e desembaraçava-se de um companheiro incommodo, eis ahí tudo. Tomando o lugar da princeza de Condé, ella obedecia a uma ordem que lhe davam, desempenhava um papel prescripto pela sua senhora, e ama ; não podia ella haver-se de outra maneira : mas desta vez que o conhecia, depois de haver dado mostras de apreciar o seu fervoroso zelo, depois de li ver pronanciado duas vezes aquelle nós, cujo vibração se fizera sentir no intimo do coração do mancebo, voltar para traz, não reconhecer a sua bondade, negar o seu agradecimento, escrever emfim uma tal carta, ta lo isto era aos olhos de Canolles mais que crueldade, quasi que uma zombaria.

Esta rasão porque se agastou, porque se encolerizou, repassado de um doloroso despeito, sem observar que por detraz daquellas cortinas onde toda a luz se apagára, como si o dia a houvera torna lo inutil, uma espectadora occulta pelo diuiseo, observava a pantomima da sua desesperaçã, e nesta talvez se saboreasse.

« Sim, sim, pensava elle acompanhando o seu pensamento de gestos analogos ao sentimento que o preocupava, sim, é uma despedida mui regular, mui formal, um grande acontecimento coroado de um de-fecho vulgar, uma poetica esperança convertida em brutal engano. Eu porém não me prestarei a fazer o papel ridiculo que me destinam. Antes quere o seu odio do que este supposto reconhecimento que me promette. Ah! sim, fiar-me agora na sua promessa!.. Tanto valeria fiar-me na constancia do vento, e na calmaria do mar. Ah! senhora, senhora continuou Canolles voltando-se par a janella, eis duas vezes que me escapastes; mas, eu vo lo juro, si outra occasião similhante se me offerecer, não me escapareis terceira vez »

E Canolles tornou a subir ao seu quarto com intenção de vestir-se, e de entrar, por força ou por vontade, na camara da vi-condessa. Mas pondo os pés no seu quarto, e lançando os olhos á peadula, Canolles viu que apenas eram sete horas.

Ninguem ainda estava levantado no castello. Canolles atirou consigo acima de uma poltrona, fechando os olhos, para refrescar as suas idéas, e expulsar si fôsse possível, os fantasmas que dansavam em torno delle, e não os abriado senão para consulta, de cinco em cinco minutos o seu relógio.

Deram oito horas, e todos começaram a acordar no castello, onde em breve tempo tudo foi movimento, e ruído. Canolles ainda a muito custo esperou coisa de meia hora; por fim não pôde já conter-se, deixou e aproximando-se de

Pompeu, que estava respirando muito ufano o ar fresco da manhã no grande patio, rodeado de lacaios, a quem dava conta das suas campanhas da Picardia sob o rei defunto :

« Vós é que sois o mordomo de Sua Alteza ? lhe disse elle, como si fôsse a primeira vez que visse a Pompeu.

— Sim, senhor, replicou Pompeu attonito.

— Ide dar parte a Sua Alteza de que desejo ter a honra de apresentar-lhe os meus respeitos.

— Mas, senhor, Sua Alteza...

— Está levantada.

— Com tudo...

— Ide...

— Eu julgava que a partida do senhor...

— A minha partida dependerá da conferencia que vou ter com Sua Alteza.

— Eu digo isto porque não tenho ordem de minha ama.

— E eu digo isto porque tenho uma ordem do rei.»

E Canolles, dizendo estas palavras, bateu magestosamente no bolso do seu sobretudo, gesto, que adoptou como o mais satisfactorio de quantos pudera empregar desde a vespera. Mas, ao mesmo tempo que tentava esta atrevida empreza o nosso negociador via que lhe ia faltando o alento. Com effeito, desde a vespera, a sua importancia, tinha soffrido grande quebra : havia perto de doze horas que a senhora princeza tinha partido: devia sem d'úvida de ter caminhado toda a noite, e achar-se por tanto a vinte ou vinte e cinco leguas de Chantilly. Por maior que fôsse a diligencia com que Canolles fizesse marchar

à sua gente, não podia de modo algum alcançá-la; e caso a alcançasse, tendo partido com um cento de gentishomens, quem lhe assegurava que a escolta da fugitiva não subi-se naquella hora a trezentos ou quatrocentos partidarios? Restava sempre a Canolles, como na vespera o dissêra, o recurso de fazer-se matar; mas tinha elle o direito de fazer matar consigo os homens que o acompanhavam, e fazer-lhes deste modo soffrer a sanguinolenta pena dos seus caprichos amorosos? Se na vespera si tivesse engana'lo relativamente aos sentimentos de madama de Cambes para com elle, se a turbação dessa não fôsse mais do que uma comedia, quem lhe dava a certeza de que madama de Cambes não zombaria abertamente d'elle; então havia apupada dos lacaios, apupada dos soldados occultos na floresta, desvalimento para com Mazarin, cólera da Rainha, e muito peor que tudo isso, ruina do seu amor nascente, por quanto, nunca mulher alguma amou aquelle, a quem por um só momento teve intenção de tornar ridiculo.

Em quanto volvia, e revolvia todos estes pensamentos no seu espirito, Pompeu veiu de orella baixa dizer-lhe que a senhora princeza estava á sua espera.

Destá vez todo o ceremonial fôra desterrado; a viscondessa esperava-o em uma salasinha contigua á camara, vestida, e em pé. Vestigios de insomnolencia, que em vão lidára por apagar, estavam impressos no seu lindo rosto; as suas olheiras sobre tudo é que davam indicio de que os seus olhos si não haviam fechado, ou se haviam apenas fechado.

« Bem o vêdes, senhor, disse-lhe ella, sem dar-lhe tempo de ser quem primeiro fallasse, cedo ao vosso desejo, mas com a esperança. eu o confesso, de que esta entrevista seja a ultima, e de que vós por vosso turno tambem cedereis ao meu desejo.

— Perdoai-me, senhora, disse Canolles; mas em consequencia da nossa pratica de hontem á noite, eu esperava menos rigor nas vossas exigencias, e confiava que em remuneração do que fizera por amor de vós, de vós sómente, pois que não conheço a senhora princeza de Condé, creio que me compredeis? dignar-vos-íeis de consentir que ficasse mais tempo em Chantilly.

— Sim, senhor, eu o confesso, disse a viscondessa, no primeiro momento. . . . a turbação inseparavel da posição em que me eu achava. . . . a grandeza do sacrificio que me fazíeis. . . . o interesse da senhora princeza, a quem muito importava que eu ganhasse tempo, puderão arrancar da minha boca algumas palavras que não estavam de acordo com o meu pensamento; mas durante esta larga noite tenho reflectido: uma demora mais dilatada de vós ou de mim neste castello é cousa que si torna impossivel.

— Impossivel, senhora! disse Canolles. Esqueceis-vos pois de que tudo é possivel a quem falla em nome do rei?

— Mr. de Canolles, lisonjeio-me de que antes de tudo sois gentilhomem, e não abusareis da posição em que me collocou o meu extremoso affecto a Sua Alteza.

— Senhora, respondeu Canolles, antes de tudo sou um louco; vós muito bem o vistes, ai

de mim! só um louco podia fazer o que fiz. Ora pois, compadecei-vos da minha loucura; não me desterreis da vossa presença, eu vol-o supplico!

— Em tal caso, senhor, eu é que daqui me ausentarei. Será pois eu, senhor, quem apesar vosso, vos restitua ao desempenho dos vossos deveres. Veremos se me quereis deter por força, e expôr-nos a ambos a um estrondoso escândalo. Não, não, senhor! continuou a viscondessa com um acento que Canolles ouvia vibrar pela primeira vez; não, vós não deixareis de ponderar que não podeis ficar eternamente em Chautilly; lembrar-vos-eis de que em outra parte vos esperam. »

Esta palavra que brilhou como um relampago aos olhos de Canolles, recordou-lhe a scena da estalagem de Biscarros, a descoberta de madama de Cambes fizera da amizade de Nanon com o mancebo, e então achou a explicação de tudo.

Aquella insomnolencia, não eram as anxiedades do presente, mas sim as recordações do passado que a ella tinham dado causa. Aquella resolução matutina, que fazia evitar Canolles, não era o resultado da reflexão, mas sim a expressão do ciúme.

Houve então entre estas duas pessoas, de pé em frente uma da outra, um silencio momentaneo; mas durante este silencio, cada uma dellas escutiva a palavra do seu proprio pensamento, que fallava em seu peito com as palpitações do seu coração.

« Ciosa! dizia Canolles, ciosa! Oh! desde este momento tudo comprehendo. Sim, sim! quer cer-

tificar-se de que a amo bastante para sacrificar-lhe todo outro amor ! Quer-me experimentar ! »

Do seu lado, madama de Cambes dizia consigo :

« Eu sou para Mr. de Canolles uma distração de espirito; encontrou-se comigo no momento, sem dúvida, em que se via obrigado a sair da Guienna, e seguiu-me como o viajante segue um fogo fátuo; mas o seu coração ficou naquella pequena casa rodeada de arvores, para onde se encaminhava aquella tarde em que nos encontrámos. E' por tanto impossivel que eu deixe ficar junto de mim um homem que ama outra mulher, e a quem eu, si com elle convivesses mais tempo, talvez tivesse a fraqueza de amar. Oh! eu não só atraçoaria a minha honra, mas atraçoaria tambem os interesses da senhora princeza, si tivesse a baixeza de amar o agente dos seus perseguidores ! »

E por isso exclamou ella subitamente, respondendo ao seu proprio pensamento :

« Oh ! não, não, é preciso que vos ausenteis, senhor; se não vos ausentais, ausento me eu.

— Esqueceis-vos, senhora, disse Canolles, de que me destes palayra de não vos ausentardes sem primeiro avisar me da vossa partida ?

— Ora pois, senhor, eu vos dou parte de que vou sair de Chantilly neste mesmo instante.

— E crêdes vós que eu tal consinta ? disse Canolles.

— Como ! exclamou a viscondessa, vós me deterieis por força !

— Senhora, eu não sei o que farei, mas o que sei, é que me não é possivel apartar-me de vós.

— Então estou presa, e sois o meu carcereiro?

— Vós sois uma mulher que já por duas vezes perdi, e não quero perder-vos tereira vez.

— Em tal caso, temos violencia?

— Sim, senhora, violencia, respondeu Canolles, si não tiver outro meio algum de guardar-vos.

— Oh! exclamou madama de Cambes, que felicidade com effeito a de guardardes uma mulher que geme, que chama pela liberdade, que não vos ama, que vos detesta!

Canolles estremeceu, e forcejou por distinguir rapidamente o que havia na palavra, e o que havia no pensamento. Compreendeu que era chegado o momento de aventurar-se a tudo ganhar, ou tudo perder.

« Senhora, disse elle, as palavras que acabais de pronunciar com um accento tam verdadeiro, que não é possível enganar-se quanto á sua significação, puzeram termo a todas as minhas incertezas. Vós gemendo, vós escrava! eu ser o guarda de uma mulher que me não ama, que me detesta! Não, senhora, ficai socegada, tal não acontecerá. Eu tinha acreditado, tamanha era a felicidade que experimentava quando vos via, que vos não era desagradavel a minha presença; tinha-me lisonjeado de que vós, depois de eu haver perdido a consideração, o repouso da consciencia, o futuro, a honra talvez, me indemnisarieis deste sacrificio, concedendo-me o favor de algumas horas, que sem dúbida nunca mais si me offerecerão. Tudo isso era possível, si me tivesséis amado... e até si me olhasseis com indifferença; por quanto sois boa, e terieis

feito por compaixão o que outra houve a feito por amor. Mas agora não é já com a indifferença que tenho de lutar, mas com o odio; e desde logo tudo muda de face; vós tendes razão. Perdoai-me sómente, senhora, de não ter comprehendido que pudesse ser aborrecido um homem que amava com tanto ardor. A vós cumpre ficardes rainha, senhora, e livre neste castello como em outra qualquer parte; eu é que tenho de retirar-me, e por tanto retiro-me. Dentro de dez minutos tereis reconquistado toda a liberdade. Adeus, senhora; adeus para sempre. »

E Canolles, com uma turbacão que, de fingida que era no principio, se tornára real, e dolorosa por fim, saudou a madama de Cambes, voltou para traz, procurando a porta com que não acertava, e repetindo a palavra adeus! adeus! com um accento tão profundamente pezaroso, que partindo do coração, penetrava o coração. As verdadeiras afflicções tem, como as tempestades, uma voz que lhes é propria.

Madama de Cambes não esperava uma tal obediencia da parte de Canolles; chamára em seu soccorro todas as suas forças para uma luta, e não para uma victoria, e por seu turno ficou confusa, e attonita vendo tanta resignação acompanhada de tanto amor; e quando o mancebo já tinha dado dous passos para a porta, estendendo os braços ao acaso, e arrancando uma especie de soluço, sentiu pousar-se-lhe no hombro uma firme mão com a pressão mais significativa; não lhe tocavam só, detinam-no. Voltou-se então. Madama de Cambes estava sempre em pé diante d'elle. O seu braço, estendido com

graça, ainda lhe tocava no hombro, e a expressão de dignidade que um momento antes se achava impressa no seu rosto, se tornára em delicioso sorriso.

« Então, senhor, disse ella, assim é que obedecis á Rainha? Serieis capaz de atraçoal-la a ponto de partirdes quando tendes ordem de aqui ficar? . . . »

Canolles deu um grito, caiu de joelhos, e encostou a sua fronte ardente ás duas mãos que lhe ella estendia.

« Oh! não sei como não morro de alegria! exclamou elle.

— Ah! não vos regozijeis ainda, disse a viscondessa; pois si eu vos detenho, é para que nos não separemos de-te modo, é para que vos não vades com a idéa de que sou uma ingrata, é para que vós me desobrigueis voluntariamente da palavra que vos dei, é para que ao menos vejais em mim uma amiga, visto que os partidos oppostos que seguimos, obstem a que eu jamais possa ser para vós outra cousa.

— Oh! meu Deus! disse Canolles, será possível que ainda me tenha enganado outra vez! não me amais!

— Não f llemos dos nossos sentimentos, senhor barão, mas sim dos perigos que ambos corremos si aqui ficarmos; vejamos, ou parti vós, ou deixai-me partir; assim se faz preciso.

— Que me dizeis, senhora!

— A verdade. Deixai-me aqui; voltai para Paris; dizei a Mazarin, dizei á Rainha o que vos aconteceu. Ajudar-vos-ei em tudo quanto de mim depender; parti porém, sim, parti!

— Mas será preciso repetir-vos-lo? exclamou Canolles, apartar-me de vós é morrer!

— Não, não, vós não morrereis, pois conservareis a esperança de que nos tornaremos a encontrar em tempos mais felizes.

— O acaso arremessou-me á estrada que seguiis, senhora, ou para melhor dizer, collocou-vos já por duas vezes na que eu seguia; o acaso cansar-se-ha, e si eu de vós me apartar, não tornarei já mais a encontrar-vos.

— Ora pois, em tal caso eu é que vos procurarei.

— Oh! senhora, pedi-me que morra por vós; a morte é um instante de dôr, e nada mais. Mas não me peçais que de novo me aparte de vós. Com esta unica idéa sinto-me despedaçar-me o coração. Mas peço-vos que vos lembreis de que apenas vos tenho visto, apenas vos tenho fallado.

— Ora si eu vos permittir que fiqueis hoje aqui, si todo o dia puder les vêr-me, e fallar-me, dar-vos-eis por contente, dizei?

— Nada prometto.

— Mas em tal caso, nem eu tão pouco. E o unico empenho que com vosco tinha contrahido, era o de avisar-vos do momento em que houvesse de partir. Sabei pois que parto dentro de uma hora.

— Terei pois de fazer tudo o que vós quizerdes? Terei de obedecer-vos em tudo, e por tudo? Terei de fazer abnegação de mim mesmo para seguir cegamente a vossa vontade? Ora pois, já que tanto é preciso, ficareis satisfeita. Não tendes já diante de vós senão um escravo prompto

a obedecer-vos. Dai-me as vossas ordens, se-
nhora, sim, dai-mas. »

Clara e; t; idou a mão ao ba ão, e com a voz
mais doce, e mais meiga :

« Um novo tratado, em troca da minha pala-
vra, disse ella : si eu me não apartar de vós des-
de este momento até ás nove hora : da noite, par-
tireis vós as nove horas ?

— Eu vo-lo juro.

— Então vinde comigo ; o ceu azul e sem nu-
vens, promette-nos um dia delicio-o : ho rva-
lho nas relvas, perfumes no ar, balsamo nos bos-
ques. Olá, Pompeu ! »

O digno mordomo, que sem dúvida tiuha re-
cibido ordem de não se arredar da porta, entrou
no mesmo instante.

« Os meus cavallos para ir dar um passeio,
disse madama de Cambes com o seu ar de prin-
ceza ; vou esta manhã aos lagos, e volto pela her-
dade, onde almoçarei.... Vós me acompanhareis,
senhor barão, continuou ella ; isto faz parte das
atribuições do vosso cargo, visto que recebestes
de Sua Magestade a Rainha de me não perder de
vista. »

Uma nuvem de jubilo suffocador cegava o man-
cebo, e o envolvia como aquelles vapores que ou-
trora arrebatavam os deoses ao ceu ; deixou-se
conduzir sem opposição, e quasi sem vontade ;
estava arquejante, estava embriagado, estava lou-
co. Em breve, no meio de um bosque encanta-
dor, á sombra de ruas mysteriosas, cujos ramos
caiam fluctuantes na sua fronte descoberta, abriu
de novo os olhos ás cousas materiaes : estava a
pé, mudo, com o coração apertado de uma ale-

gría quasi tam pungente como a dôr, caminhando de mãos dadas com madama de Cambes, que estava tam pallida, tam muda, e sem dávida era tam feliz como elle.

Pompeu ia caminhando apoz elles, assaz perto para tudo vêr, e assaz distante para nada ouvir.

O fim deste dia embriagante chegou do mesmo modo que sempre chega o fim de um sonho: as horas haviam passado como si fôram segundos para o afortunado gentilhomem, e com tudo parecia-lhe que adquiria neste só dia recordações para tres existencias ordinarias. Cada uma das ruas deste parque fôra enriquecida com uma palavra, com uma lembrança da viscondessa; um olhar, um gesto, um dedo posto na bocca, tudo tinha a sua significação... Entrando no barco, ella lhe apertára a mão; quando voltára para terra, encostára-se ao seu braço; costeando o muro do parque, sentira-se cansada, e sentára-se; e a cada um destes deslumbramentos que tinham passado como relampagos por diante dos olhos do mancebo, a paizagem, alumada por um clarão fantastico, conservára-se presente á sua lembrança, não só no seu todo, mas tambem nas suas mais ligeiras circumstancias.

Canolles não devia separar-se da viscondessa em todo o dia; ao almoço convidára-o a jantar, e ao jantar convidára-o a ceiar.

Em meio de todo o esplendor com que a falsa princeza devia receber o enviado do Rei, Canolles distinguio as meigas attentões da mulher nómorada. O mancebo esqueceu-se dos creados, da etiqueta, do mundo; até se esqueceu da promessa que fizera de retirar-se, e julgou-se esta-

belecido por toda a ditosa eternidade neste paraíso terreal, de que elle seria o Adão, e ella a Eva.

Mas quando chegou a noite, quando o cêa tambem por seu turno acabou do mesmo modo que tinham passado todos os outros actos deste dia, isto é em uma inefavel alegria, quando à sobre-mesa uma dama de honor trouxe Mr. Pierrot, se apre disfarçado em duque d'Enghien, e que se havia aproveitado da circumstancia para comer tanto, como o teriam feito quatro principes de sangue juntos, quando o som da pedula começou a retumbar, e levantando os olhos madama de Cambes, ficou certa de que iam dar dez horas:

« Agora, disse ella suspirando, são horas.

— Horas de que? perguntou Canolles fazendo diligencia por sorrir-se, e tentando rebater com um gracejo uma grande desgraça.

— Horas de cumprirdes a palavra que me destes.

— Ai! senhora, replicou Canolles com tristeza, então de nada vos esqueceis?

— Talvez que como vós me houvera esquecido, disse madama de Cambes, mas eis aqui o que me restitue a memoria. »

E tirou da sua algibeira uma carta que recebera no momento de sentar se á mesa.

« De quem é esta carta? perguntou Canolles.

— Da senhora Princeza, que me chama para junto da sua pessoa.

— Quando mais não seja, sempre é um pretexto, e tenho de agradecer-vos o melindre com que me tratais.

— Não vos illudais, Mr. de Canolles, respondem a viscondessa com uma tristeza, que não tentava occultar. Ainda que não tivessees recebido esta carta, eu vos teria lembrado á hora aprazada, como acabo de faze-lo, a vossa partida. Crêdes vós que as pessoas de que estamos rodeados pudessem deixar de em breve observar a nossa mutua intelligencia? As nossas relações, e nisto não podeis deixar de convir, não sam as de uma princeza perseguida com o seu perseguidor. Mas agora, si esta separação é para vós tão cruel como o dais a entender, permiti-me que vos diga, senhor barão, que só de vós depende que não nos separemos.

— Fallai! oh! fallai! exclamou Canolles.

— Pois não advinhais...

— Ch! sim. senhora! eu pelo contrario muito bem o advinho! Quereis fallar-me de que vos eu acompanhe, e vá com vosco reunir-me á princeza?

— Ella mesma é que disso me falla nesta carta, disse com viveza madama de Cambes.

— Dou-vos os agradecimentos de que esta lembrança vos não occorresse a vós, o tambem vo-los dou da turbação com que me fazeis uma tal proposição; não que a minha consciencia se indigne com a idéa de servir este, ou aquelle partido; não, eu da minha parte não me sinto dominado de convicção alguma; quem é que nesta guerra, pondo de parte os interessados, a pôde ter? Quando a espada estiver desembainhada, que me importa a mim que o golpe venha daqui ou dalli? eu não conheço a côrte, en não conheço os principes: independente pela minha for-

tuna, sem ambição, nada espero nem de uns, nem de outros. Sou official, eis ai tudo.

— Em tal caso consentiríeis em acompanhar-me?

— Não, senhora.

— Mas porque não, si as cousas são como vós mo dizeis?

— Porque vós me estimaríeis menos.

— E' este o unico obstaculo que vos detem?

— Eu vo-lo juro.

— Oh! então nada receeis.

— Vós mesma não acreditais no que dizeis neste momento, replicou Canolles levantando o dedo, e sorrindo-se: um transfuga é sempre um traidor; a primeira palavra é menos malsoante, porém ambas ellas tem o mesmo valor.

— Nisso convenho, tendes razão, disse madama de Cambes, e por tanto não insistirei mais. Se vos achasseis em uma posição ordinaria, eu teria tentado fazer-vos abraçar a causa dos principes, mas sendo um enviado do Rei, encarregado de uma commissão de confiança por Sua Magestade a Rainha regente, e pelo primeiro ministro, honrado com a benevolencia do senhor duque d'Eperon, que, a pezar das desconfianças que eu logo concebêra, vos protege, segundo me asseguram de um modo muito particular.... »

Canolles còrou.

« Eu nisso me haverei com toda a discreção. Mas, prestai-me attenção, senhor barão: nós não nos separamos para sempre, ficai certo disso; tornar-nos-emos a encontrar, os meus presentimentos assim mo dizem.

— E onde? perguntou Canolles.

— Não o posso saber ; mas de certo nos faremos a vêr »

— Canolles abanou tristemente a cabeça.

« Não o creio, senhora, disse elle ; entre nós ha guerra : isto é demasiado, quando ao mesmo tempo não ha amor

— E o dia de hoje ? perguntou com uma êntoação arrebatadora a viscondessa, vós o contaes por cousa nen'uma ?

— E' o unico em que eu tenha toda a certeza de haver vivido desde que existo no mundo.

— Então muito bem vêdes que sois um ingrato.

— Concedei-me um segundo dia semelhante a este.

— Não posso fazel-o , tenho de partir esta noite.

— Eu não vol-o peço para amanhã, para depois de amanhã ; peço-vol-o para o futuro, seja quando fôr. Aprazai o tempo que quizerdes , com tanto que eu viva com uma certeza ; muito teria eu de soffrer si não tivesse mais que uma esperança.

— Para onde ides vós agora ?

— Para Paris, a dar conta da minha commissão.

— E depois ?

— Talvez que para a Bastilha.

— Mas suppondo que para alli não fosseis ?

— Volto para Libourne , onde deve estar o meu regimento.

— E eu para Bordeos, onde estará a senhora Priuceza. Conheceis vós alguma aldêa pouco

frequentada no caminho de Bordeos , e de Li-
bourne ?

— Conheço uma, cuja lembrança quasi que
me é tão cara como Chantilly.

— Jaulnay ? disse sorrindo-se a viscondessa.

— Jaulnay, repetiu Canolles.

— Ora pois, são precisos quatro dias para
chegar a Jaulnay ; hoje é terça feira : alli no
domingo me demorarei todo o dia.

— Oh ! muito obrigado voos fico ! » exclamou
Canolles apertando aos seus beijos a mão de ma-
dama de Cambes , que esta não tivera o animo
de retirar.

Depois, passado um momento :

« E agora, disse ella, ainda temos de repre-
sentar a nossa comedia sinha.

— Ah ! sim, a comedia que deve tornar-me
ridiculo aos olhos de toda a Franca. Mas não
tenho de que me queixar : eu é que assim o
quize, eu é que, si não escolhi o papel que nella
represento, pelo menos preparei o desfecho que
a corôa. »

Madama de Cambes baixou os olhos.

« Agora, dizei-me o que tenho de fazer, disse
Canolles impassivelmente ; espero as vossas or-
dens, e para tudo estou prestes. »

Clara estava tam commovida, que Canolles
podi perceber debaixo do seu vestido de vellu-
do as palpitações desiguaes, e preeipitadas do
seu peito.

« Vós fazeis-me um enorme sacrificio, muito
bem o sei ; mas , pelo Santo Nome de Deus,
podeis acreditar-me ! ficar-vos-ei eternamente
agradecida. Sim, vós ides por amor de mim cair

ão desagrado da côrte ; sim, vós ides ser julgado com toda a severidade. O que vos peço, senhor, é que tudo isso desprezeis si vos dá algum prazer o pensamento de haver-me tornado feliz.

— Farei, senhora , tudo o que de mim depender.

— Crêde-me, senhor barão , continuou madama de Cambes, essa fria dôr a que vos vejo entregue, causa-me um horrivel remorso. Talvez que outros vos recompensassem mais amplamente do que o eu faço, mas, senhor, uma recompensa que se concedesse com tanta facilidade, não seria uma paga digna do vosso sacrificio.»

E dizendo estas polaeiras, Clara baixava os olhos dando um suspiro de publico soffrimento.

« E' tudo quanto tinheis que dizer-me ? perguntou Canolles.

— Aqui tendes, disse a viscondessa tirando do seu peito um retrato que apresentou a Canolles, aqui tendes este retrato, pegai nelle, e a cada mágoa que vos causar este desgraçado negocio, olhai para elle, dizei que quanto soffreis é por amor daquella, cuja imagem tendes nas mãos, e que cada um dos vossos soffrimentos é pago com pezares.

— E nada mais ?

— Com estimação.

— Eis ahi tudo ?

— Com simpathia.

— Ah ! senhora, uma palavra mais , exclamou Canolles, que difficuldade podeis ter em fazer-me completamente feliz ?»

Clara fez um movimento rapido para o manco, estendeu-lhe a mão, e abriu a bocca para ajuntar:

« Com amor. »

Mas ao mesmo tempo que abria a bocca, abriram-se as portas, e o supposto capitão das guardas se apresentou a uma dellas, acompanhado de Pompeu.

« Em Jaulnay direi o resto, disse a viscondessa.

— Da vossa frase. ou de vosso pensamento ?

— De ambos : a frase é sempre a expressão do pensamento.

— Senhora, disse o capitão das guardas, a carruagem de Vossa Alteza está prestes a partir.

— Dai mostras de espanto, » disse em voz baixa Clara a Canolles.

O gentilhomem deu um sorriso de lastima que a si proprio se dirigia.

« Para onde vai Vossa Alteza ? perguntou elle.

— Vou partir.

— Mas Vossa Alteza não se lembra que recebi de Sua Magestade a commissão de me não apartar de vós um só memento ?

— Senhor a vossa commissão terminou.

— Que quereis vós dizer com isso ?

— Que eu não sou Sua Alteza a senhora Princeza de Condé, mas tão sómente a senhora viscondessa de Cambes, sua primeira dama de honor. A senhora Princeza partiu hontem á noite, e eu vou ter com ella.»

Canolles ficou immovel ; era visivel a sua

repugnancia a continuar a representação desta comedia diante de uma platéa de lacaios.

Madama de Cambes, para dar alento a Canolles, envolveu e então em um tenno olhar : olhar que lhe deu alguma coragem.

« Então o Rei foi enganado, disse elle ; e o senhor duque d'Enghien onde está ?

— Ordenei a Pierrot que tornasse ás suas mantilhas, » disse um voz grave á entrada do quarto.

Esta voz era a da princeza viuva, que estava em pé á porta, encostada a duas damas.

« Voltai para Paris, para Montes, para Saint-Germais, voltai para a côrte, enfim, a vossa comissão terminou aqui. Direis ao Rei que as pessoas perseguidas recorrem á astucia, o que mallogra o emprego da força, Tendes com tudo toda a liberdade para ficar em Chantilly, para vigiar-me a mim, que não sahi, nem sahirei deste castello, porque tal é o meu designio. Sendo quanto se me offerece dizer-vos, senhor barão, recebei a minha saudação de despedida.»

Canolles, vermelho de vergonha, teve apenas forças para inclinar-se olhando para a viscondessa, e resmungando em tom de reprehensão :

« Oh ! senhora ! senhora ! »

A viscondessa comprehendeu este olhar, e ouviu estas palavras.

« Permitta-me Vossa Alteza, disse ella dirigindo-se á princeza viuva, que represente ainda pelo espaço de um segundo o papel da senhora Princeza. Quero agradecer ao senhor barão de Canolles, em nome das illustres personagens que saíram desta casa, o respeito, e a delicada-

deza com que se houve no desempenho de uma commissão tam difficil : tenho o atrevimento , senhora , de crêr que Vossa Alteza é deste parecer , e de esperar por conseguinte que se dignará de ajuntar os seus agradecimentos aos meus. »

A Princeza viuva, abalada ao ouvir estas palavras tam firmes, e a quem a sua profunda sagacidade talvez revelasse uma das faces deste novo segredo enxertado no antigo, pronunciou então com uma voz não isenta de certa commoção as palavras seguintes :

« De tudo o que fizestes contra nós, senhor, esquecimento ; por tudo o que fizestes a favor da minha casa, reconhecimento. »

Canolles pôz um joelho no chão, diante da Princeza, onde lhe deu a beijar aquella mão de Henrique IV tantas vezes beijára.

Era este o complemento da scena, era esta a despedida irremissivel, nada mais por tanto restava já a Canolles senão partir, como o ia fazer madama de Cambes ; recolheu-se pois ao seu quarto, e foi á pressa escrever a Mazarin, dando-lhe parte de quanto se passára nos termos mais furibundos que lhe occorreram : com este relatorio esperava evitar os primeiros repentinos do seu sobresalto ao receber tal noticia ; depois atravessando, não sem algum receio de ser por elles insultado, as fileiras dos criados do castello, chegou ao patio, onde lhe tinham um cavallo prompto.

No momento de pôr o pé no estribo, uma vez imperiosa proferiu estas palavras :

« Fazei honra ao enviado de Sua Magestade
o Rei nosso amo e senhor. »

Estas palavras fizeram curvar todas as fronte
diante de Canolles, que depois de se haver in-
clinado defronte da janella onde se achava a
Princeza viuva, deu de esporas ao seu cavallo,
e desapareceu de cabeça levantada.

Castorin, desencantado do bello sonho, com
que Pompeu o embalára no seu falso papel de
mórdomo, seguiu seu amo de cabeça baixa.

E' tempo agera de tornarmos a fallar de uma
das personagens mais importantes desta histo-
ria, que, montado em um bom cavallo, vai se-
guindo a estrada real de Paris a Bordeus, rodea-
do de cinco companheiros, cujos olhos se arre-
galam ao menor tinido de um sacco cheio de es-
cudos de ouro, que o tenente Ferguzon leva pen-
dente do arção da sua sella. Esta harmonia re-
gosija, e recrêa o rancho, como o som dos tam-
bores, e dos instrumentos alenta o soldado nas
marchas.

« Não importa, não importa, dizia um dos
seis homens, dez mil libras, é uma boa somma.

— Não ha duvida, respondeu Ferguzon, que
seria uma boa somma, si esta somma nada de-
vesse a ninguem ; mas esta somma deve uma
companhia á senhora Princeza ; *nimum satis*
est, como diz a antiguidade, o que pôde tradu-
zir-se por estas palavras : Não ha senão o dema-
siado que seja bastante. Ora, meu querido Bar-
rabás, nós não temos aquelle famoso *bastantie* ,
que corresponde a demasiado.

— Quão caro custa o parecer homem de bem !
disse Cauvignac ; toda a receita do recebedor

régio converteu-se em arreios, sobretudo, e bordados: estamos tam brilhantes como uns fidalgos, e chega o nosso luxo a ponto de termos bolsas; verdade é que nada tem dentro. O apparencia!

— Assim será, capitão, quanto a nós, mas não quanto a vós. replicou Barrabás; vós tendes a bolsa, e dez mil libras nella.

— Amigo, disse Cauvignac, não ouviste, ou comprehende-te mal o que acaba de dizer Ferguson ácerca das nossas obrigações para com a senhora princeza? Eu não sou daquelles que se obrigam a uma cousa, e fazem outra. Mr. Lenet deu me dez mil libras para levantar uma companhia: hei de levantal a, ou o diabo me ha de levar. E no dia em que ella se achar organisada, tem de dar-me outras quarenta mil. Então, se não pagar estas quarenta mil libras, veremos...

— Com dez mil libras exclamaram em côro quatro vozes ironicas; por quanto Ferguson, que tinha toda a confiança nos recursos do chefe era o unico de toda a companhia que parecia convencido de que Cauvignac alcançaria o resultado promettido. Esperais levantar uma companhia com dez mil libras!

— Sim, disse Cauvignac, ainda que a essa quantia se houvesse de ajuntar alguma cousa.

— E quem é que lhe ajuntará alguma cousa perguntou uma voz.

— Não hei de ser eu, disse Ferguson.

— E então quem? perguntou Barrabás.

— Ora essa não é má! o primeiro que apparecer. Ah! chega um muito a proposito, não o

avistais lá em baixo na estrada? Não tardareis a vêr. . .

— Eu comprehendo, disse Ferguzon.

— E nada mais? perguntou Cauvignac.

— E admiro.

— Sim, disse um dos cavalleiros aproximando-se a Cauvignac, sim, muito bem comprehendo que fazeis timbre de preencher os vossos empenhos, capitão; com tudo, quem sabe si não perderíamos alguma cousa em sermos demasiado honrados. Hoje somos necessarios; mas si a companhia amanhã se achasse organizada, mandar-lhe iam officiaes de confiança, e a nós que tivemos o trabalho de levantar a. d. despedir-nos-am.

— Sois um valente pedaço d'asno, meu amigo Carrotel, e não é esta a primeira vez que vol-o digo, replicou Cauvignac; o miseravel raciocinio que acabais de fazer priva vos do posto que vos eu destinava nesta campanha, pois é evidente que nós seremos os seis officiaes deste nucleo de exercito. Eu, Carrotel, desde logo vos nomearia alferes; e agora não serieis mais do que sargento. Graças á pobreza que acabais de ouvir, Barrabás, vós que nada dissestes, é que occupareis aquelle posto até que, sendo enforcado Ferguzon, sejais promovido a tenente por direito de antiguidade. Mas não percamos de vista o meu primeiro soldado, que eu descubro lá em baixo.

— Tendes alguma idéa, capitão, de quem seja aquelle homem perguntou Ferguzon.

— Nenhuma.

— Deve ser algum burguez, traz um capote preto.

— Estais certo disso ?

— Pois não o vêdes ? o vento levanta-lhe a falda delle.

— Se traz capote preto, é algum rico burguez: em tal caso tanto melhor: nós recrutamos para o serviço dos senhores principes, e é de summa importancia que a companhia se componha de boa gente, Si fosse para aquelle bigorriha de Mazarin, tudo seria bom; mas para os principes, isso lá é outra cousa! Ferguzon, não se me tira da cabeça que a minha companhia me fará honra, como diz Falstaff. »

O rancho todo deu de esporas para alcançar o burguez, que ia mui pacificamente seguindo o seu caminho pelo meio da estrada

Quando aquelle digno homem, que ia montado em uma boa mula, deu pelos bellos cavalleiros a galope, parou respeitosamente, chegando-se para o lado da estrada, e saudou a Cauvignac.

« O homem é cortez, disse este, isto já é bom annuncio; mas não sabe fazer a continencia militar, ensina-lha-emos. »

Cauvignac correspondeu á sua saudação, depois collocando-se ao seu lado hombro com hombro:

« Dignai-vos dizer-nos, senhor, se amais o Rei ?

— Que dâvida pôde haver nisso ! respondeu o burguez.

— A's mil maravilhas ! disse Cauvignac, voltando os olhos arrebaçados de jubilo. E a Rainha ?

— A Rainha! venero-a de todo o meu coração.

— Cada vez melhor! E o senhor Mazarin?

— O senhor Mazarin é um grande homem, senhor, e admiro-o!

— Tudo vai o melhor que pôde ser. Então, continuou Cauvignac, tivemos a dita de encontrar um homem bom servidor de Sua Magestade.

— Disse, meu senhor, faço timbre!

— E prompto testemouhar-lhe o seu zelo!

— Em toda e qualquer occasião.

— E como isto vem tanto a proposito! o certo é que só as estradas reais é que podem offerecer tão felizes encontros.

— Que quereis dizer com isso? perguntou o burguez, principiando a olhar para Cauvignac com uma certa desconfiança.

— Quero dizer, senhor, que tendes de acompanhar-nos. »

O burguez deu um salto na sua sella, de surpresa, e susto.

« Acompanhar-vos, e aonde, senhor?

— A dizer-vos a verdade, ainda não sei muito bem para onde vamos!

— Eu, senhor, não costumo viajar senão em companhia de pessoas a quem conheço!

— E' muito justo, e assim faz todo o homem prudente; vou por conseguinte dizer-vos quem nós somos. »

O burguez fez um movimento que dava indício de já o haver adivinhado. Cauvignac continuou sem dar mostras de haver feito reparo neste movimento:

« Eu sou, disse elle, Rolando de Cauvignac,

capitão de uma companhia ausente, verdade é, mas dignamente representada por Luiz Gabriel Ferguzon, meu tenente; por Jorge Guilherme Barrabás, meu alferes; por Zeferino Carrotel, meu sargento; e por estes dous senhores, um dos quaes é meu furriel, e o outro meu quartel-mestre. Agora, senhor, nos ficais conhecendo, continuou Cauvignac com ar muito risoubo, e li-soujeio-me de que nen'uma antipathia tereis para comnosco.

— Mas, senhor, eu já servi a Sua Magestade na guarda urbana, e pago pontualmente os meus tributos, taxas, imposições, etc., respondeu o burguez.

— E por isso senhor, continuou Cauvignac, não é para o serviço de Sua Magestade que pretendo alistar-vos; mas sim para os dous senhores principes, cujo indigno representante tendes á vista.

— Para o serviço dos principes inimigos do Rei! exclamou o burguez cada vez mais attonito; qual é pois o motivo porque me perguntaeis si amava a Sua Magestade?

— Porque eu, senhor, si não amasseis o Rei, si accusasseis a Rainha, si blasfemasseis do senhor Mazarin, de nen'um modo vos houvera desviado das vossas occupaões; serieis então para mim tam sagrado como si fosseis meu irmão.

— Mas em fim, senhor, eu não sou um escravo, eu não sou um servo.

— Não senhor, vós sois soldado; isto é tendes inteira liberdade para chegar a ser capitão como eu, ou marechal de França como Mr. de Turenna.

— Senhor, eu tenho advogado muitas causas na minha vida.

— Ah! tanto peor, senhor, tanto peor, o habito das demandas é um mau habito. Eu nunca as tive, senhor, e o motivo disso talvez seja porque estudei para ser letrado.

— Eu porém advogando aprendi as leis do reino.

— Para isso é preciso muito tempo. Vós sabeis, senhor, que desde as Pandectas de Justiniano até ao assento do parlamento, que declara, por motivo da morte do marechal de Ancre, que nunca poderá um estrangeiro ser ministro de estado em França, ha dezoito mil setecentas e setenta e duas leis, sem contar as ordenanças; mas em fim ha organições privilegiadas que tem uma memoria espantosa. Pico de Mirandola fallava doze linguas aos dezoito annos. E que fructo colhestes do conhecimento dessas leis, senhor?

— O fructo, sim, o fructo de saber que sem authorisação não se anda obrigando pelas estradas a assentar praça.

— Eu estou munido de uma authorisação, senhor, e ei-la aqui.

— Da senhora princeza?

— De sua Alteza em pessoa. »

E Cauvignac tirou o chapéu com todo o respeito.

« Pelo que vejo ha dous Reis em França? » exclamou o burguez.

— Sim, senhor, e eis a razão porque tenho a honra de pedir-vos a preferencia para o meu, e porque considero como um dever alistar-vos para o seu serviço.

— Senhor, eu disse appellarei par o parlamento.

— Não ha dúvida que é um terceiro Rei, e tambem tereis provavelmente occasião de servi-lo. A nossa politica é larga, ponde-vos a caminho, senhor!...

— Mas isso é impossivel senhor, esperam-me para certos negocios.

— Onde?

— Em Orleans,

— E quem vos espera?

— O meu procurador.

— E para que negocios?

— Para negocios de dinheiro.

— O primeiro negocio é o serviço do estado, senhor!

— Acaso não podem passar sem mim?

— Nós contavamos comvosco! E far-nos-eis muita falta, na verdade! Com tudo, si como dizeis, vos encaminhaveis a Orleans para negocios de dinheiro!...

— Sim, senhor, para negocios de dinheiro.

— De que somma de dinheiro?

— De quatro mil libras.

— Que icis receber?

— Não, que ia pagar.

— As vosso procurador?

— Precisamente, senhor.

— Por alguma demanda que ganhastes?

— Por uma demanda perdida.

— Com effeito, isso é cousa digna de consideração... Quatro mil libras!

— Quatro mil libras.

— E' justamente a quantia que desembolsa-

rieis, acaso os senhores principes consentissem que os vossos serviços fossem substituidos pelos de um mercenario.

— Por exemplo : poderei achar um homem que me substitua por trezentas libras, eu...

— Quem substitua um homem da vossa cadadura, quem monte em mula com os pés para fóra como vós, quem saiba dezoito mil setecentas e setenta e duas leis ! Ora deixemo-nos disso senhor, se fosseis algum homem ordinario, sim, trezentas libras seria sem dúvida sufficientes ; mas si nos contentassemos com substitutos ordinarios, não valeria a pena de fazer concorrência ao Rei. Sam-nos precisos homens do vosso merecimento, da vossa graduacão, e da vossa estatura. Que diabo ! não vos desaprecieis ; parece-me que bem valeis quatro mil libras !

— Muito bem vejo qual é o vosso fito, exclamou o barguez, é um roubo de mão armada.

— Senhor, vós nos insultais, disse Cauvignac, e nós vos esfolariamos em vida para reparação deste insulto, si não nos gloriássemos de que os exercitos dos nossos principes conservem a boa reputação de que gozão ; não senhor, dai nos as vossas quatro mil libras ; mas não creais pelo menos que isto seja uma extorsão, nada mais é do que uma necessidade.

— E quem ha de então pagar o meu procurador ?

— Nós,

— Vós ! Mas entregar-me-eis um recibodelle ?

— Sim, senhor, um recibo em forma.

— Assignado por elle ?

— Assignado por elle.

— Então isso é outra cousa.

— Vós bem o vêdes. Por tante accedais ?

— Que remedio tenho eu , visto , que o não posso evitar.

— Agora, dizei-nos onde assiste o procurador, e dai-nos algumas informações mais, que sam indispensaveis.

— Já vos disse que era uma condemnação em resultas de uma demanda perdida.

— Contra quem ?

— Contra um certo Biscarros, que é autor nesta demanda como herdeiro de sua mulher, que era Orleaneza.

— O caso é digno de attenção ! » disse Ferguson.

Cauvignac fez um aceno sorrateiro com os olhos, que queria dizer : « Nada receies, eu estou áleria »

— Biscarros, continuou Cauvignac, não é um estalajadeiro dos arredores de Libourne ?

E' esse mesmo, que tem a sua habitação entre essa cidade, e Saint-Martin de Cubzac.

— Na estalagem do Bezerro de ouro ?

— Alli mesmo. Conheceis-lo vós ?

— Algam conhecimento tenho delle.

— Que miseravel ! fazer-me condemnar ao reembolso de uma somma. . .

— Que lhe não devieis ?

— Não tanto assim., mas que tinha toda a esperanza de nunca lhe pagar.

— Muito bem comprendo que isso é cousa dura.

— E por isso dou-vos a minha palavra, que mais estimo vêr este dinheiro nas vossas mãos do que nas delle.

— Em tal caso julgo que ficareis satisfeito.

— Mas o meu recibo ?

— Vinde comoseo, e recebel-o eis em boa forma.

— Que traça dareis para o alcançar ?

— Isso fica por minha conta »

Foram continuando a caminhar para Orleans aonde chegaram passadas duas horas. O burguez conduziu os angariadores de recrutas para a estalagem mais vizinha do seu procurador. Era um verdadeiro covil de bandoleiros, em cuja taboleta se via pintada uma pomba com este leitreiro: *A Pomba da Arca.*

« Agora, disse o burguez, como nos haveremos ? Eu bem quizera não desapossar-me das rainhas quatro mil libras, a não ser em troca do meu recibo.

— Nisso não haverá a minima dũvida. Conheceis vós a letra do vosso procurador ?

— Perfeitamente.

— Quando vos apresentarmos o seu recibo, não tereis pois difficuldade alguma em nos entregar o vosso dinheiro ?

— Nen'uma ! mas, sem dinheiro, o meu procurador não quererá passar recibo : eu muito bem o conheço.

— Eu adiantarei esta quantia, disse Cauvi-guac.»

E no mesmo instante, tirando dos seus alfor-ges quatro mil libras, parte em ouro, e parte em prata, enfileirou as pilhas debaixo dos olhos espantados do burguez

« Agora, disse elle, como se chama o vosso procurador ?

— Chama-se Rabodin.

— Ora pois, pegai n'uma penna, e escrevei »
O burguez obedeceu.

« Senhor Rabodin, envio-vos as quatro mil
« libras de despezas, e juro que fui con-
« demnado a pagar ao senhor Biscirros, que
« muito desconfio queira fazer dellas um mau
« uso. Tende a bondade de entregar ao porta-
« dor um recibo em fórma... »

— E que mais? perguntou o burguez.

— E que mais? ponde-lhe a data, e a firma.»
O burguez assim o executou.

« Agora, disse Cauvignac a Ferguzon, pega
« nesta carta, e neste dinheiro, disfarça-te em
« moleiro, e vai a casa do procurador.

— E que farei em casa do procurador?

— Entregar-lhe-has esta quantia, e arrecar-
« darás o seu recibo.

— Eis ahí tudo?

— Eis ahí tudo.

— Não posso comprender.

— Tanto melhor, por isso mesmo será mais
« bem desempenhada a commissão »

Ferguzon tinha grande confiança no seu ca-
« pitão, e por isso, sem mais replica, se encami-
« nhou para a porta.

Manda-nos vir vinho, e do melhor, disse Cau-
« vignac, o senhor ha de ter sede. »

Ferguzon fez uma cortezia em signal de obe-
« diencia, e saiu. Meia hora depois voltou, e achou
« Cauvignac sentado á meza com o burguez, fa-
« zendo ambos honra aquelle famoso vinho de
« Orleans, que tam grato era ao paladar gascão
« de Henrique IV.

« E então ? perguntou Cauvignac.

— E então, eis o recibo.

— Virá na fórmula que pretendíamos ? »

E Cauvignac entregou ao burguez o pedaço de papel sellado.

« Vem, sim

— O recibo está pois em fórmula.

— Sem dúvida alguma que o está.

— Não tendes portanto dificuldade alguma em dar-me o vosso diubeiro em troca deste recibo ?

— Nem'uma.

— Dai-mo pois. »

O burguez contou as quatro mil libras; Cauvignac arrecadou-as nos seus alforges, onde foram occupar o lugar das quatro mil libras ausentes.

« E deste modo acho-me resgatado ? disse o burguez.

— Oh ! meu Deos, sim, a não ser que estejais absolutamente decidido a assentar praça.

— Eu pessoalmente não ; mas . .

— Mas o que ? Vejamos, disse Cauvignac, tenho cá um certo presentimento de que nos não separaremos sem ter concluido outro negocio.

— E' possível, disse o burguez completamente secegado com a posse do seu recibo ; tenho porém um sobrinho...

— Ah ! ah !

— Rapaz indocil, e bulhento.

— E de quem quererieis desembaraçar-vos ?

— Tanto não quero dizer, mas de quem, no meu entender, se poderia fazer um excellente soldado.

— Dizei-lhe que venha ter comigo, que eu delle farei um heróe.

— Assim vós o alistareis?

— Com todo o gosto.

— Tenho tambem um afillhado, um rapaz de merecimento, que quer tomar Ordens sacras, e pelo qual me vejo obrigado a pagar uma avultada pensão.

— De maneira que antes quererieis que tomasse o mosquete, não é assim? Enviai-me o afillhado com o sobrinho, isso não vos custará mais de quinhentas libras por ambos elles, e nada mais.

— Quinhentas libras! não posso comprehender.

— Sem dúvida, e ha mister pagar logo que entrarem no serviço.

— Então porque quereis que eu pague para não entrar nelle?

São razões particulares; vosso sobrinho, e vosso afillhado pagaram cada um delles duzentas e cincoenta libras, e nunca mais vos importunaram.

Na realidade que é muito lisonjeiro o que me dizeis, e estarão elles bem?

Quero dizer que uma vez que tenham tomado gosto ao serviço debaixo das minhas ordens, não trocariam a sua posição pela do Imperador da China. Perguntai a estes senhores como os eu alimento. Respondei, Barrabás; respondei, Carrotel!

Não ha dúvida, disse Barrabás, que vivemos como uns fidalgos.

E como andam bem vestidos? Olhai.

Carrotel fez uma piroeta sobre si mesmo, a

fim de mostrar, por todos os lados o seu esplendor do traje.

« O certo é, disse o burguez, que não se pôde deixar de admirar o seu accio.

— Então enviar-me-eis os vossos dous rapazes ?

— Boa vontade tenho disso. Demorar-vos-eis vós muito tempo aqui ?

— Não ; pôr nos-emos a caminho amanhã de manhã ; mas para dar lhes tempo de alcançarmos iremos caminhando a passo. Dai-nos as quinhentas libras, e é negocio concluido.

— Não tenho aqui mais de duzentas e cincoenta.

— Dar-lhe-eis a elles as outras duzentas e cincoenta libras, e isso vos servirá de pretexto para mos enviardes ; pois si assim não fôsse, se não tivesses algum pretexto para fazel-o, vós bem me compredeis, elles desconfiariam de alguma cousa.

— Mas, disse o burguez, talvez que me respondam que basta um só para desempenhar esta commissão.

Dir-lhe-eis que os caminhos não estão seguros, e dar-lhe-eis a cada um vinte e cinco libras, de que depois sereis embolsado pelo seu soldo.»

O burguez arregalou os olhos de maravilhado.

« Na verdade, disse elle, não ha senão os militares para vencer quantas difficuldades possam apresentar-se.»

E depois de ter contado as duzentas e cincoenta libras a Cauvignac, retirou-se encautado

de haver achado occasião de accomodar, pela diminuta somma de quinhentas libras, um sobrinho, e um afilhado, com quem despendia mais de mil francos por anno.

« Agora, senhor Barrabás, disse Cauvignac, não tendes vós na vossa mala algum vestido me-nos elegante que o que trazeis, e que vos dê ares de algum empregado na cobrança dos impostos ?

Tenho o do recebedor, bem sabeis, a quem nós ?...

Bem, muito bem ! e sem dúvida tendes a sua patente ?

O tenente Ferguzon disse-me que a não deixasse perder, e por tanto guardei a com todo o cuidado.

O tenente Ferguzon é o homem mais pre-vidente que tenha conhecido. Ponde o vestido do recebedor, e pegai naquella patente.»

Barrabás saiu, e voltou passados dez minutos completamente transformado.

Achou Cauvignac todo vestido de preto, dando ares de um official de justiça.

Encaminharam-se ambos para casa do procu-rador : o senhor Rabodin assistia no terceiro andar, onde tinha uma antecâmara, um escrip-torio, e um gabinete : sem dúvida que mais al-guns quartos occupava, mas como não estavam abertos aos clientes, por isso não fallaremos d'elle.

Cauvignac atravessou a antecâmara, deixou Barrabás no escriptorio, e lançou ao passar um olhar de investigação aos dous escreventes que fingiam estar escrevinhando, mas que se diver-

liam a contar petis, e passou para o *sanctum sanctorum*.

O senhor Rabodin estava sentado a uma mesa tam carregada de massos de papeis, que o procurador parecia na realidade enterrado em meio de autos, escripturas, e sentenças. Era um homem alto, seco, e pallido, com uma casaca preta tam justa, que parecia pegada aos seus membros como a pelle de uma enguia está pegada ao seu corpo. Ouvindo o ruido dos passos de Cauvignac endireitou o seu curvado espinhaço, e levantou a cabeça, que então surgiu do meio do baluarte de papelada, de que estava rodeado.

Cauvignac erêu por um momento ter encontrado o basilisco, animal que os sabios modernos olham como fabuloso, tanto resulgia nos pequenos olhos do procurador o sombrio esplendor da avarcza, e da cubiça.

« Senhor, disse Cauvignac, peço-vos que me desculpeis si me apresento deste modo diante de vós sem primeiro vos dar annuncio da minha chegada; mas, accrescentou elle, é este um privilegio do meu emprego.

— Um privilegio do vosso emprego? disse Rabodin; tende a bondade de dizer-me qual é o vosso emprego?

— Eu, senhor, sou official de justiça por Sua Magestade.

— Official de justiça por Sua Magestade!

— Tenho esta honra.

— Não vos comprehendo, senhor.

— Em breve me comprehendereis. Não é verdade que conheceis o senhor Biscarros?

— Sem dúvida que o conheço; é meu cliente.

— Fazei o favor de dizer-me o conceito que delle fazeis ?

— O conceito que delle faço ?

— Sim, senhor.

— O conceito. . . . o conceito. . . . sim, o conceito que delle faço é julgá-o homem muito honrado.

— Ora pois, senhor, estais muito enganado.

— Como assim, pois engano-me ?

— O vosso homem honrado é um rebelde.

— Um rebelde ! será possível ?

— Sim, senhor, um rebelde que se valia da posição isolada da sua estalagem para della fazer um foco de conspiração.

— Na realidade !

— Um homem que deu a sua palavra de envenenar o Rei, e a Rainha, e o senhor Mazarin, si por acaso se apeassem na sua estalagem.

— Quem tal houvera erido !

— É que eu acabo de prender, e conduzir para a prisão de Libourne, como réo de crime de lesa-magestade.

— Senhor, vós me matais, disse Rabodin, deixando-se cair na sua poltrona.

— Ainda aqui não está tudo, senhor, continuou o falso official de justiça, achais-vos de mais disso compromettido neste negocio.

— Eu ! senhor, exclamou o procurador enfiado, eu compromettido ! e como é possível ?

— Tendes na vossa mão uma certa somma, que aquelle infame Biscarros destinava para o pagamento de um exercito de rebeldes.

— Verdade é, senhor, que recebi por conta delle. . . .

— Uma somma de quatro mil libras; derão-lhe tratos, e aquelle cobarde confessou por fim que esta somma devia achar-se nas vossas mãos.

— E com effeito tenho-a em meu poder, senhor, mas só um instante ha que a recebi.

— Tanto peor, senhor, tanto peor.

— E então porque será tanto peor?

— Porque me verei obrigado a segurar-me da vossa pessoa.

— Da minha pessoa?

— Sem dúvida: o acto de accusação designa-vos como cúmplice »

O procurador ficou sem pinga de sangue.

— Ah! si vós não tivesséis recebido aquella somma de dinheiro, continuou Cauvignac, o negocio seria muito differente; vós porêm confessais que a recebestes, o que é uma prova contra vós, como mui bem o comprehendes.

— Dizei-me, senhor, si eu consentir em restituil-a, si eu vol-a entregar neste mesmo instante, si eu declarar que nenhuma relação tenho com aquelle miseravel de Biscarros, que o não conheço?

— Não deixará por isso de haver grandes suspeitas contra vós. Com tudo, devo dizer-vos que a entrega immediata do dinheiro. . .

-- Já, já, neste mesmo instante, exclamou Rabodin, vos faço entrega d'elle. O dinheiro ainda alli está no saeco em que mo entregaram. Não fiz mais do que examinar si estava certa a conta.

E está ella exacta?

— Contai-o vós mesmo, senhor, contai-o vós mesmo.

— Não, senhor, tal não farei, pois não estou autorizado para cobrar o dinheiro de Sua Magestade. Mas tenho na minha companhia o recebedor de Libourne, que mandaram comigo para receber as differentes quantias que o desgraçado Biscarros assim andava espalhando para reuni-las quando fôsse preciso.

— E com effeito recommendou-me muito que logo que eu recebesse estas quatro mil libras, tratasse de lhãs fazer chegar às mãos quanto antes.

— Muito bem o vêdes, sabe já sem dúvida que a senhora princeza fugiu de Chantilly, e si encaminha para Bordeus; queria reunir todos os seus recursos para fazer-se chefe de partido. Que miseravel! E vós de nada desconfiaveis?

— De nada, senhor, de nada.

— Ninguém vos havia avisado?

— Ninguém.

— Então, que me estais dizendo? disse Cauvignac apontando com o dedo para a carta do burguez, que ficára aberta na escrivaninha de Rabodin, no meio de outros papeis. Então, que me estais dizendo, em quanto vós mesmo me dais uma prova do contrario?

— Como! que prova?

— Ora essa não é má! lêde. »

Rabodin lêu com voz tremula:

« Senhor Rabodin, envio vos as quatro mil libras que fui condemnado a pagar ao senhor Biscarros, que muito desconfio queira fazer dellas um mau uso. »

— Um mau uso! repetiu Cauvignac, muito

bem vêdes que a horrorosa reputação do vosso cliente já por cá tem chegado.

— Senhor, estou atterrado, disse o procurador.

— Não posso occultar-vos, senhor, que as ordens de que sou portador são mui sevêras.

— Jure-vos, senhor, que estou innocente.

— Outro tanto dizia Biscarros, em quanto lhe não deram tratos; mas por fim sempre mudou de linguagem.

— Digo-vos, senhor, que estou prompto a entregar-vos o dinheiro; eil-o aqui, pegai nelle não quero mais vêl o em minha casa.

— Façamos as cousas com toda a regularidade, disse Cauvignac. Eu repito o que já vos disse, que não estou encarregado de cobrar o dinheiro do Rei. »

Então aproximando-se da porta :

« Vinde cá, senhor recebedor, disse elle, cada qual deve desempenhar o seu officio. »

Barrabás entrou.

« O senhor tudo confessa, continuou Cauvignac.

— Como podeis tal dizer? que confesso eu? exclamou o procurador.

— Sim, vós confessais que vos correspondeis com Biscarros?

— Eu, senhor. nunca recebi delle senão duas cartas, e só uma vez lhe escrevi.

— O senhor confessa que tem na sua mão dinheiro que pertence ao accusado.

— Eil-o aqui, senhor. Nunca recebi por conta delle mais do que estas quatro mil libras, estou prompto a entregar-vol-as.

— Senhor recebedor, disse Cauvignac, mostrarei a vossa patente, contai este dinheiro, e passai um recibo em nome de Sua Magestade. »

Barrabás apresentou a sua patente ao procurador, que a repelliu. com a mão, não querendo fazer-lhe a desfeita de a lêr.

« Agora, disse Cauvignac, em quanto com recio de algum engano Barrabás contava o dinheiro, agora é preciso que me acompanheis.

— Que vos acompanhe?

— Sem dúvida; não vos disse eu que havia suspeitas contra vós?

— Mas eu, senhor, juro-vos que Sua Magestade não tem um subdito mais fiel do que eu.

— O caso não está em affirmá-lo, muito bem o sabeis melhor que ninguém, vós, que sois procurador: em justiça não é bastante a affirmação, são precisas provas.

— Provas, senhor, eu as darei.

E quaes?

Toda a minha vida passada.

— Ainda isso não basta: seria preciso uma garantia para o futuro.

— Indicai-me o que posso fazer, e fá-lo-ei.

— Um meio haveria de provar de um modo incontestavel o vosso zelo pela causa real.

— Qual?

— Acha-se neste momento em Orleans mesmo um capitão meu amigo, que alista uma companhia para o serviço do Rei.

— E então?

— E então, assentariéis praça nessa companhia.

— Eu, senhor? um procurador! . . .

— O Rei tem muita precisão, senhor, de procuradores, porque os seus negocios estou muito embrulhados.

— Eu de boa vontade o faria, senhor, mas o meu escritorio ?

— Fa-lo-eis reger pelos vossos escreventes.

— Isso é impossivel; e então as assignaturas ?

— Perdoai-me, senhores, disse Barrabás, se tomo parte na conversação.

— E porquẽ não ? disse o procurador; fallai, senhor, fallai.

— Parece-me que se, em seu lugar, o senhor, que faria um triste soldado. . . .

— Sim, senhor, tendes razão, muito triste, disse o procurador.

— Se o senhor offerecesse ao vosso amigo ou antes ao Rei. . . .

— O que, senhor! que posso eu offerecer ao Rei?

— Os seus dous escreventes.

— Mas de certo, exclamou o procurador, sim, de certo, e com summo gosto, accite-os ambos o vosso amigo, eu lhos dou: são dous bellos moços.

— Um delles pareceu-me uma criança.

— Tem quinze annos, senhor, quinze annos! e toca tambor ás mil maravilhas. Vinde cá, Fricotin. »

Cauvignac fez um signal com a mão, para dar a entender que desejava deixassem ficar Fricotin onde estava.

— E o outro? continuou elle.

— Dezoito annos; cinco pés e seis polegadas; habilitava-se para assentar praça no corpo de

alabardeiros, e por conseguinte, já sabe o manejo da alabarda. Vinde cá, Chalumeau.

— Mas muito torto dos olhos, segundo me parece, disse Cauvignac fazendo outro signal semelhante ao primeiro.

— Tanto melhor, senhor, tanto melhor, pô-lo-cis de sentinella, e como olha de esguelha verá ao mesmo tempo para a direita e para a esquerda, em quanto os outros só vêm para diante.

— E' uma vantagem, bem o sei; mas vós deveis comprehender, que o Rei se acha em grande aperto quanto a dinheiro; a guerra a tiros de canhão, custa mais cara do que a guerra de palavras; o Rei não pôde encarregar-se do armamento destes dous mancebos; não faz pouco em si encarregar da sua instrucção, e do seu soldo.

— Senhor, disse Rabodin, se não é preciso mais do que isso para provar o meu zelo pela causa real. . . . ora pois, eu farei um sacrificio! »

Cauvignac e Barrabás olharam um para o outro.

« Que vos parece, senhor recebedor? perguntou Cauvignac.

— Penso que o senhor dá ares de quem falla com franqueza, respondeu Barrabás.

— E que por conseguinte devemos tratá-lo com toda a consideração. Dai ao senhor um recibo de quinhentas libras.

— Um recibo em que se declare que são para o armamento de dous jovens soldados, que instigado do seu zelo offerece a Sua Magestade.

— Mas ao menos, mediante este sacrificio, poderei ficar sosegado?

— Eu assim o creio.

- Não serei inquietado?
- Assim é de esperar.
- E se, contra toda a justiça, eu fôsse perseguido?
- Appellaricis para o meu testemunho. Mas estarão por isso os vossos dous escreventes?
- Ficarão contenti-simos.
- Estais certo disso?
- Sem dúvida que o estou. Com tudo seria bom não lhes dizer...
- A honra que se lhes reserva, não é assim?
- Isso seria mais prudente.
- E então como si ha de fazer?
- A cousa é muito simples, envio-os ao vosso amigo. Como se chama elle?
- O capitão Cauvignac.
- Enviá-los-ci ao vosso amigo o capitão Cauvignac, debaixo de algum pretexto; seria melhor que fôsse fóra de Orleans para não dar lugar a alguma estralada.
- Sim, e para que os Orleanezes não se lembrassem de açoular-vos como Camillo mandou fazer áquelle mestre de escola da antiguidade...
- Ordenar-lhes-ei que vam ter com elle fóra da cidade.
- Na estrada real de Orleans a Tours, por exemplo.
- Na primeira estalagem.
- Sim, alli acharão o capitão Cauvignac á mesa, offerecer-lhes-ha um copo de vinho, accital-o-ham, dir-lhes-ha que façam uma saude ao Rei, beberão com enthusiasmo, e eil-os soldados.
- Muito bem, agora podeis chamál-os. »

O procurador chamou os dous mancebos. Fricotin era um rapazinho, que não tinha mais de quatro pés de alto, vivo, travesso, e reforçado; Chalumeau era um grande simplorio de cinco pés e seis polegadas, delgado como um esparago, e vermelho como uma cenoura.

« Senhores, disse Cauvignac, eis o senhor Rabodin, que vos encarrega de uma commissão de confiança, a qual consiste em irdes buscar amanhã pela manhã, à primeira estalagem que se encontra na estrada de Orleans a Blois, um maço de documentos relativos a uma demanda que o capitão Cauvignac tem com Mr. de Larochefoucault; o senhor Rabodin dar-vos ha a cada um vinte e cinco libras de gratificação por este trabalho. »

Fricotin, rapaz crédulo, deu um grande pulo. Chalumeau, de caracter desconfiado, olhou ao mesmo tempo para Cauvignac, e para o procurador, com uma expressão de dúbida que o tornava mais vesgo do que costumava sê-lo.

« Olhai porém, disse com viveza o senhor Rabodin, que eu não me obriguei a dar as cincoenta libras. »

— De cuja quantia, continuou o falso official de justiça, o senhor Rabodin se pagara lançando-a em conta nas despesas do processo do capitão Cauvignac com o duque de Larochefoucault. »

Rabodin abaixou a cabeça; daqui não podia fugir, havia mister passar por esta porta, ou pela da prisão.

« Vamos, disse o procurador, nisso consinto, »

mas espero que me dareis um recibo da dita quantia.

— Lil-o aqui, disse o recebedor, vêde si eu não havia antevisto o vosso desejo. »

E entregou-lhe um papel onde estavam escritas estas palavras :

« Reccebi do senhor Rabodin, muito fiel subdito de Sua Magestade, a titulo de offerecimento voluntario, a quantia de quinzentas libras para ajudál-o na sua guerra contra os principes. »

— Se vos parecer necessario, disse Barrabás, porei os dous escreventes no recibo.

— Não, não, disse com viveza o procurador, está muito bem assim.

— A proposito, disse Cauvignac ao senhor Rabodin, dizei a Fricotin que pegue no seu tambor, e a Chalumeau que leve a sua alabarda; sempre será outro tanto de poupado.

— Mas debaixo de que pretexto quereis vós que lhes faça esta recommendação?

— Ora essa não é má! debaixo do pretexto de se irem distrahir pelo caminho. »

Dito isto, o falso official de justiça, e o falso recebedor se retiráram, deixando o senhor Rabodin espantado do perigo que correrá, e dando-se por muito feliz de sair deſte a tão pouco custo.

Ao outro dia, tudo se passou como Cauvignac o antevira: o sobrinho, e o afilhado não tardaram a chegar montados ambos no mesmo cavallo; depois delles chegaram Fricotin, e Chalumeau, um com o seu tambor, e o outro com a sua alabarda. Não deixáram de suscitar-se, no mo-

mento em que se lhes declarou que tinham a honra de serem alistados para o serviço dos príncipes, algumas difficuldades, tanto de uma como de outra parte; mas as difficuldades se aplanaram entre as ameaças de Cauvignac, as promessas de Ferguzon, e a logica de Barrab's.

O cavallo em que o sobrinho, e o afilhado viam montados, foi destinado para levar a bagagem, e como era de infantaria a companhia que Cauvignac estava encarregado de organizar, os dous novos alistados nada tiveram que dizer.

Tornáram-se a pôr a caminho. A marcha de Cauvignac assimilava-se a um triumpho. O engenhoso bandoleiro achava meio de conduzir para a guerra os mais obstinados partidistas da paz. A uns fazia abraçar a cruz do Rei; aos outros a dos príncipes. Uns julgavam servir o parlamento, outros o Rei de Inglaterra, que fallava de um desembarque na Escossia para reconquistar os seus Estados. Ao principio não deixou de haver alguma disparidade nas côres, alguma discordancia nas reclamações, que o tenente Ferguzon, a pezar de toda a sua persuasão, só a custo puderá sujeitar ás regras da obediencia passiva. Com tudo, ajudado de um mysterio continuo, e necessario, segundo dizia Cauvignac, ao feliz successo da operação, soldados, e officiaes, iam avançando todos sem saber o que iam fazer. Cauvignac, quatro dias depois de haver sahido de Chantilly, tinha reunido vinte e cinco homens, o que, como muito bem se vê, já compunha uma assaz linda patrulha. Muitos rios que fazem grande bulha ao lançar-se no mar tem origens menos magestosas.

Cauvignac buscava um centro : chegou a uma aldeiasinha situada entre Chatellerault e Poitiers, e crêu ter achado ali o que buscava. Era a aldeia de Jaulnay ; Cauvignac reconheceu-a porque já ali fôra uma noite levar uma ordem a Canolles, e estabeleceu o seu quartel general na estalagem , onde se lembrava de haver muito bem ceado aquella noite. De mais disso, não lhe era permittido a escolha, visto que esta estalagem, como já o dissemos, era a unica que alli havia.

Collocado deste modo, a cavallo, na principal estrada de Paris a Bordenes. Cauvignac tinha atraz de si as tropas de Mr. de Larochefoucault, que sitiava a Saumur. e na frente as do Rei, que se concentravam na Guienna. Estendendo portanto a mão para cada um delles, evitando arvorar bandeira alguma antes que fôsse occasião, o objecto que se propunha era formar um nucleo de cem homens, pouco mais ou menos, para d'elle tirar o melhor partido que pudesse : ora o recrutamento ia-se adiantando , e Cauvignac já tinha levado a effeito quasi metade do seu projecto.

Um dia que Cauvignac, depois de haver andado toda a manhã á caça de homens, estava, como era seu costume, á espreita na porta da estalagem. conversando com o seu tenente, e com o seu alferes, viu apontar na extremidade da rua uma joven senhora a cavallo, seguida de um escudeiro, a cavallo como ella, e de dous machos carregados de bagagem.

O garbo com que a formosa amazona governava o seu cavallo, e o ar arrogante do escudeiro que a acompanhava , suscitaram uma lem-

brança a Cauvignac. Pôz a sua mão no braço de Ferguzon, que achando-se indisposto naquelle dia, estava triste, e de mau humor, e disse-lhe apontando para a forasteira :

« Eis o quinquagesimo soldado do regimento de Cauvignac, tão certo como estarmos aqui !

— Quem ? aquella senhora !

— Sim, ella, não o duvides.

— A cousa não está mal afigurada ! já temos um sebrinho que havia de ser letrado, um afilhado que destinava para a igreja, dous escreventes de procurador, dous droguistas, um medico, tres padeiros, e dous guardas de perús ; por tanto mais soldados já temos bastantes, no meu entender. sem ainda lhes ir ajuntar uma mulher ; e o peor do negocio é que em breve teremos de combater.

— Sim, mas o nosso thesouro ainda não passa de vinte e cinco mil libras (facil é de vêr que o thesouro assim como a tropa ia crescendo todos os dias), e si pudessemos arredondar essa quantia, e completar as trinta mil libras, parece-me que não teriamos mal empregado o nosso tempo.

— Ah ! si debaixo deste aspecto é que encaras a cousa nada tenho que dizer-te, e aprovo te completamente.

— Silencio ! e tu verás, »

Cauvignac aproximou-se da joven senhora, que tendo parado defronte de uma das janellas da estalagem, interrogava a estalajadeira, que lhe respondia do quarto.

« Sou um seu eriado, meu gentilhomem, dis-

se elle com toda a urbanidade levando a mão ao seu chapéu.

— Meugentilhomen ! eu ! disse a senhora surrindo-se.

— Vós mesmo, bello visconde »

A senhora còrou.

« Não sei o que quereis dizer , senhor , respondeu ella.

— Oh ! que bem o sabeis, e a prova disso, é que já tendes uua boa camada de vermelhão nas faces.

— Podeis ter toda a certeza de que vos enganais, senhor.

— De certo que me não engano ! antes pelo contrario, sei maravilhosamente o que digo.

— Vamos, senhor, explicai-vos, nada de zombarias.

— Eu não zombo, senhor, e si quereis a prova disso, eu vol a vou dar. Tive a honra de encontrar-vos havera umas tres semanas com o traço ao vosso sexo, uma noite, nas margens do Dordonha, seguido do vosso fiel escudeiro o senhor Pompeu. Tendes sempre comyosco o senhor Pompeu ? Ah ! sim, cil-o justamente ahí ! Dirieis tambem que eu não conheço a aquelle querido Pompeu ? »

O escudeiro, e a joven senhora olhavam estupefactos um para o outro.

« Sim, sim, continuou Cauvignac , para que sam essas mostras de tamanho espanto, meu bello visconde ? Mas atrever-vos eis a dizer que não sois vós que eu encontrei lá, muito bem o sabeis, na estrada de Sam-Martin de Cubzac, a

um quarto de legua da estalagem do senhor Bistarros.

— Não nego esse encontro, senhor.

— Ah! claramente vêdes....

— Só naquelle dia é que eu estava disfarçada.

— Não, senhora, não; hoje é que o estais.

Além de que, visto que os signaes do visconde de Cambes foram mandados a toda a parte na Guienna, facil é de compr'ender que julgueis mais prudente, para mallograr todas as diligencias, de adoptar momentaneamente este traje, que de mais disso vos assenta muito bem, como é de justiça confessa-lo.

— Senhor, disse a viscondessa com uma turbacão, que em vão lidava por disfarçar, si a vossa conversação não fosse entremeciada de algumas palavras sensatas. eu na realidade julgaria que estais louco.

— Eu não vos farei o mesmo cumprimento, e entendo que é cousa muito razoavel disfarçar-se uma pessoa quando conspira. »

A joven senhora cravou os olhos em Cauvignac com uma inquietação que cada vez ia a mais

« Com effeito, senhor, disse ella, parece-me que vos vi em alguma parte; mas já me não lembro onde.

— A primeira vez, já vol-o disse, foi nas margens do Dordonho.

— E a segunda?

— A segunda foi em Chantilly.

— No dia da caçada?

— Justamente nesse dia.

— Em tal caso, senhor, já nada tenho que reccear, e sois um dos nossos.

— E porque razão ?

— Porque estaveis em casa da senhora princeza.

— Dai-me licença que vos diga que isso não é uma razão.

— Parece-me com tudo. . . .

— Havia alli muita gente, e por tanto nen'uma certeza pôde haver de que fossem amigos todos os que alli se achavam.

— Ponderai as vossas palavras, senhor, pois me darieis uma singular idéa de vós.

— Oh ! podeis fazer a idéa que quizerdes, eu não sou arrufadico.

— Mas em fim que dezejais vós ?

— Ter a honra de propôr-vos que descanséis nesta estalagem.

— Eu vo-lo agradeço, senhor, não posso accetar o vosso offercimento, pois espero uma pessoa

— Muito bem ; apeai-vos, e em quanto não chega aquella pessoa iremos conversando.

— Que quereis que faça, senhora ? perguntou Pompeu.

— Que vos apceis, peçais um quarto, e mandeis apromptar a cêa, disse Cauvignac.

— Mas, senhor, replicou a viscondessa, creio que a mim é que compete dar ordens.

— Não é tanto assim, senhor visconde, visto que commando em Jaulnay, e que tenho cincuenta homens á minha disposição. Pompeu, fazei o que eu disse. »

— Pompeu abaixou a cabeça, e entrou na estalagem.

« Então senhor, pelo que vejo vós me prendeis ? perguntou a joven senhora.

— Talvez que assim aconteça.

— E como é possível que tal aconteça?

— Isso, senhora, dependerá da conversação em que vamos entrar; mas tende a bondade de aprear-vos, senhor visconde; muito bem, agora accetai o meu braço; os criados da estalagem levaram o vosso cavallo para a estrebaria.

— Obedeço, senhor, visto que, como o disses-tes, sois o mais forte; não tenho meio algum de resistir; mas sempre vos quero prevenir de uma cousa, e é que a pessoa que espero não tardará a chegar, e que essa pessoa é um official do Rei.

— Em tal caso, senhor visconde, far-me eis a honra de a elle me apresantar, e muito estimarei fazer conhecimento com elle. »

A viscondessa comprehendeu que nen'uma resistencia podia oppôr, e pôz se a caminho logo, fazendo signal ao seu estranho interlocutor para que a seguisse si quizesse.

Cauvignac acompanhou-a até á porta do quarto que Pompeu lhe mandára preparar, e ia entrar atraz della, quando Ferguson, subindo rapidamente a escada, se chegou a elle, e disse-lhe ao ouvido :

« Capitão, uma sege tiralla por tres cavallos um mascarado na sege, e dous lacaios ás portinholas

— Muito bem ! disse Cauvignac. E' provavelmente o gentilhomem por quem se espera.

— Ah ! espera-se algum gentilhomem ?

— Sim, e eu vou descer ao seu encontro. Tu, deixa-te ficar neste corredor; não percas de vista a porta: deixa entrar toda a gente, mas que ninguem saia.

— Assim o farei, capitão.»

Uma sege de viagem acaba com effeito de parar á porta da estalagem, conduzida por quatro homens da companhia de Cauvignac, que a tinham encontrado a um quarto de legua da cidade, e que desde logo a tinham escollado.

Um gentilhomem vestido de velludo azul, embrulhado em um grande copote forrado, estava antes deitado do que assentado no fundo da sege. Desde o momento em que os quatro homens lhe tinham rodeado a sege, não deixára de fazer-lhes repetidas perguntas; vendo porém que por mais instantes que fossem estas perguntas, não podiam alcançar resposta alguma, parecia ter-se resignado a esperar; e só de vez em quando levantava a cabeça para ver si se não aproximava algum chefe, a quem pudesse pedir a explicação do modo singular como a sua gente se havia com elle.

Quanto ao mais, não era possivel avaliar á justa a impressão produzida no joven viajante por este acontecimento. visto que uma daquellas mascaras de setim preto, que eram muito da moda naquella época, lhe occultava metade do rosto. Em todo caso, o que a mascara deixava vêr, isto é, a parte superior da fronte, e a interior do rosto, davam annuncios de mocidade, belleza, e espirito; os dentes eram pequenos, e brancos, e a través da mascara viam-se-lhe scintillar os olhos.

Dous grandes lacaios enfiados, e tremulos, a pesar de virem armados de mosquetos, conservavam-se aos dous lados da sege, e pareciam encadeados nos seus cavallo ás duas portinholas:

o quadro poderia passar por uma scena de saltadores acommettendo algum viajante, menos o dia claro, a estalagem, a figura risonha de Cauvignac, e a serenidade dos suppostos ladrões.

Pondo os olhos em Cauvignac, que, como deixamos dito, avisado por Ferguzon, apparecia á porta, o mancebo detido deu um gritosinho de sobresalto, e levou com vivacidade a mão ao rosto, como si quizesse certificar-se de que a sua mascara lhe cobrisse, e pareceu ficar mais socegado logo que se certificou disso.

Por muito rapido que fosse este movimento, não tinha escapado a Cauvignac; olhou para o viajante como homem costumado a descubrir a tenção occulta ainda nos gestos mais dissimulados; depois estremeceu, a seu pezar, com um espanto quasi igual ao que manifestára o cavalleiro vestido de velludo azul; serenou-se porém logo, e tirando o chapéu com uma graça muito particular:

« Bella senhora, disse elle, sêde muito bem vinda. »

Os olhos do viajante brilharam de espanto a través das aberturas da sua mascara.

« Para onde vos encaminhais desse modo? continuou Cauvignac.

— Para onde me encaminho? respondeu o viajante, não fazendo caso da saudação de Cauvignac, e responden sómente á sua pergunta: para onde vou? vós deveis sabel-o melhor do que eu, visto que já me não é permittido continuar a minha viagem. Vou para onde me conduzirdes.

— Dai-me licença para que vos faça observar

continuação Caavignac cada vez com mais urbanidade, que isso, bella senhora, não é responder. A vossa detença é só momentanea. Quando tivermos conversado um momento acerca dos nossos mutuos negocios, com franqueza, e de rosto descoberto, vós tornareis a continuar o vosso caminho sem embarço algum.

— Peço-vos desculpa, replicou o joven viajante; mas antes de irmos mais longe, principiemos por rectificar um erro. Vós fingis tomar-me por uma mulher, quando pelo contrario muito bem vêdes pelo meu trajo que sou um homem.

— Vós não ignorais o proverbio latino: *Ne nimium crede colori*. O sabio não julga pelas apparencias. Ora eu faço timbre de ser um sabio; e disso resulta que debaixo desse trajo mentiroso reconheci...

— O que? perguntou o viajante com impaciencia.

— Eu não vol-o disse ja? uma mulher?

— Mas si sou uma mulher, porque me detendes?

— Ora essa não é má! porque no tempo em que vivemos as mulheres sam mais perigosas que os homens; e por isso, a nossa guerra, fallando com propriedade, poderia chamar-se a Guerra das Mulheres. A Rainha e a Princeza de Condé sam as duas potencias belligerantes. Tomaram por tenenté, generaes a mademoiselle de Chevreuse, a madama de Montbazon, a madama de Longueville... e a vós Mademoiselle de Chevreuse é o general do senhor coadjutor; madama de Montbazon é o general de Mr. de Beaufort; madama de Longueville é o general

de Mr. de Larochevoucault, e vós. . . vós dais-me todos os ares de ser o general do senhor duque d'Epéron.

— Vós estais louco, senhor, disse o joven viajante encolhendo os hombros

— Não vos acreditarei mas a vós, minha bella senhora, do que ha um momento não acreditava a um bello mancebo que me fazia o mesmo cumprimento.

— Vós talvez lhe quizesseis sustentar a ella, que era um homem

Justamente. Eu que reconhecera o meu gentilhomemsiinho, porque já o tinha visto uma certa tarde, nos principios de maio, girar á roda da estalagem do senhor Biscarros, não me deixei enganar com as suas saias, suas toucas, e sua voz aflautada; como tambem me não deixo enganar com o vosso sobretado azul, chapeu, e botas; e lhe disse: « Meu joven amigo, tomai o nome que quizerdes, adoptai o traço que bem vos parecer, não deixareis por isso de ser o visconde de Cambes.»

O visconde de Cambes! exclamou o joven viajante.

Ah! vejo que este nome, segnndo me parece, vos faz impressão, dar-se-ia caso que o conhecesseis?

— Um homem muito moço, que quasi parece uma criança?

— Que terá, quando muito, dezassete ou dezoito annos

— Muito louro?

— Muito louro.

— Olhos grandes e azues?

— Muito grandes, e muito azues.

— Está elle aqui?

— Alli está.

— E dizeis que está? ..

— Disfarçado em mulher aquelle magano, como vós, magano. o estais em homem.

— E que vem elle aqui fazer? exclamou o joven e valleiro com uma vehemencia, e turbacão que cada vez se tornavam mais visiveis, á medida que Cauvignac, pelo contrario, se tornava mais sobrio de gestos, e mais avaro de palavras.

— Elle, respondeu Cauvignac, carregando em cada uma das suas palavras, diz que tem de encontrar-se aqui com um dos seus amigos.

— Um dos seus amigos?

— Sim.

— Um gentilhomen?

— Provavel é que o seja.

— Um barão?

— Talvez que o seja.

— E cujo nome. . . »

A fronte de Cauvignac se enrugou com um pensamento laborioso, que pela primeira vez se apresentava ao seu espirito, e que penetrando nella, produzia uma revolução visivel no seu cérebro.

« Oh! oh! disse elle consigo, seria uma bella redada.

— E cujo nome, repetiu o joven viajante. . . .

— Esperai um momento, replicou Cauvignac, esperai. . . e cujo nome acaba em *olles*.

— Mr. de Canolles! exclamou o joven viajante, cujos beiços se cobriram de uma pallidez

mortal; o que era parte para que, de um modo sinistro, ainda mais sobresahisse o negro da sua mascara com a alvura da sua pelle.

— E' esse mesmo, Mr. de Canolles, replicou Cauvignac observando attentamente nas partes vivíveis do rosto, e em todo o corpo do maneebo a revolução que nelle se operava. Mr. de Canolles, dissestes muito bem; então conheceis a Mr. de Canolles! Pelo que vejo, conheceis toda a gente?

— Nada de gracejos, balbuciou o maneebo, cujo corpo todo lhe tremia, e que parecia estar a ponto de desmaiar. Onde está aquella senhora?

— Naquelle quarto; olhai, é a terceira janella a contar desta, e cujas cortinas são amarelhas.

— Quero vê-la, exclamou o viajante.

— Oh! oh! ter-me-ia eu enganado? » disse Cauvignac, e serieis vós aquelle Mr. de Canolles, a quem ella se pera? Ou não seria antes Mr. de Canolles aquelle bello cavalleiro que ali vem chegando a trote, seguido de um lacaiio que dá ares de um papelão? »

O joven viajante arremessou-se ao vidro da frente da carruagem com tamanha precipitação que o fez em pedaços.

« E' elle! é elle! exclamou sem nem sequer fazer reparo em que algumas gotas de sangue lhe saíam de uma ligeira ferida. Oh desgraçada! Elle chega, vai encontrá-la, estou perdida! . . . »

— Ah! muito bem vêdes que sois uma mulher.

— Elles tinham aprazado um ponto de reunião, continuou o maneebo torcendo os braços.

« Oh! eu me vingarei »

Cauvignac queria fazer o ensaio de um novo gracejo, mas o mancebo fez-lhe um signal imperioso com uma das mãos, em quanto com a outra arrancava a sua mascara, e então viu-se o rosto pallido de Nanon apresentar-se todo arredado de ameaças aos olhos socegados de Cauvignac.

« Bons dias, manasinha, disse Cauvignac a Nanon, estendendo a mão á joven senhora com a fleuma mais imperturbavel.

— Bons dias; assim não ha dúvida que me reconheceste?

— No mesmo instante que vos vi; não era bastante occultardes o rosto, devieis tambem encobrir aquelle lindo signalzinho, e aquelles dentes de perolas; ponde uma mascara completa, pelo menos quando quizerdes disfarçar-vos, minha garrida menina; mas isso não vos serve....

— Basta, disse Nanon em tom imperioso, fallamos sério.

— Isso, e o que eu quero, é tudo um; só fallando sériamente é que se concluem os bons negocios.

— Dizeis pois que si acha aqui a viscondessa de Cambes?

— Ella mesma em pessoa.

— E que Mr. de Canolles entra agora mesmo na estalagem?

— Ainda não; está si apcando, e dá a rédea ao seu laçao. Ah! elle tambem foi visto daquelle lado. Eis a janella de cartinas amarellas que se abre, e eis a cabeça da viscondessa que se apresenta. Ah! lá dá um grito de alegria, Mr. de

Canolles lá corre para casa ; occultai-vos, mana-sinha, si não quereis deitar tudo a perder. »

Nanon deitou-se para traz, apertando convulsivamente a mão de Cauvignac, que para ella olhava com ar de paterna compaixão.

« E eu que ia ter com elle em Paris, exclamou Nanon, eu que a tudo me arriscava para tornar a vê-lo !

— Ah ! fazedes sacrificios, mana, e isto por um ingrato ! Na verdade que podeis empregar melhor os vossos beneficios.

— Agora que se acham reunidos, o que dirão elles ? o que farão ?

— Vós na realidade, querida Nanon, muito me incomodais com semelhante pergunta, disse Cauvignac ; que quereis que vos diga ? o que supponho é que vam amar-se muito.

— Oh ! tal lhes não acontecerá, exclamou Nanon roendo com raiva as suas unhas lisas como marfim.

— E eu, pelo contrario, entendo que tal acontecerá, respondeu Cauvignac, pois Ferguzon, que tinha ordem de não deixar sair ninguem, nen'uma recebera para oppôr-se á entrada. Neste mesmo instante, com toda a probabilidade, a viscondessa, e o barão de Canolles estão dizendo mil finezas, e fazendo mil afagos, e caricias um ao outro. Ah ! minha querida Nanon, acudiste-lhe muito tarde.

— Vós assim o crêdes, replicou a joven senhora com uma expressão indefinivel de profunda tristeza, e sinura odienta, vós assim o crêdes ! Ora pois, tomaí lugar na sege junto de mim. Pobre diplomatico ! »

Cauvignac obedeceu.

« Ouvi, Bertrand, continuou Nanon, dirigindo-se a um dos seus porta-mosquetes, dizei ao cocheiro que dê volta sem affectação, e vá collocar-se naquella arvoredo que deixámos á nossa direita entrando na aldêa. »

Depois voltando-se para Cauvignac:

« Não estaremos nós alli bem para conversar? » disse ella.

— Muito bem, mas permitti-me que eu tambem, por meu turno, tome as minhas precauções.

— E' muito justo que assim o façais. »

Cauvignac fez signal a quatro dos seus homens, que andavam á roda da estalagem taramelando, e espanejando-se ao sol.

« Fazeis bem de levar comvosco esses homens, disse Nanon, e si me derdes credito, levai antes seis do que quatro, talvez que possamos dar-lhes occupação.

— Bom, disse Cauvignac, occupação é justamente o que ei mister.

— Então ficareis satisfeito, » respondeu a jovea senhora.

E a sege, voltando sobre si mesma, levou Nanon, a quem abrazeava o fogo do seu pensamento, e Cauvignac, socegado, e frio na apparencia, mas não deixando por isso de aprestar-se a dar profunda attenção ás proposições que tencionava fazer-lhe sua irmã.

Durante este tempo, Canolles, attrahido pelo grito de alegria que, avistando-o, dera madama de Cambes, entrára correndo pela estalagem dentro, e chegára ao quarto da viscondessa, sem fazer reparo em Ferguzon que encontrára em pé

no corredor, mas que, não tendo recebido ordem alguma relativamente a Canolles, nen'uma difficuldade teve em deixá-lo entrar.

« Ah! senhor, exclamou madama de Cambes, dando com os olhos nelle, vinde depressa, que é grande a impaciencia com que vos espero.

— Eis umas palavras, senhora, que me tornariam o mais feliz dos homens, si a vossa pallidez, e a vossa turbação me não dissessem claramente, que não é só por amor de mim que me esperais.

— Sim, senhor, tendes razão, replicou Clara com o seu encantador sorriso, e quero dever-vos mais uma obrigação.

— Qual?

— A de pôr-me a salvo de não sei que perigo, que me ameaça.

— Um perigo?

— Sim. Esperai. »

Clara dirigiu-se á porta, e correu-lhe o ferrolho.

« Fui reconhecida, disse ella voltando da porta.

— E por quem?

— Por um homem, cujo nome ignoro, mas cujo rosto, e voz me não sam estranhos. Parece-me ter ouvido a sua voz na noite, em que, neste mesmo quarto, recebestes a ordem de partir sem a minima demora para Mantes; creio ter reconhecido o seu rosto na caçada de Chantilly, no dia em que representei o papel da senhora priacenza de Condé

— E que conceito fazeis de semelhante homem?

— O conceito que delle faço, é ser um ager-

te do duque d'Épernon, e por conseguinte um inimigo.

— Será possível disse Canolles; e dizeis que fostes reconhecida?...

— Disso estou muito certa : chamou-me pelo meu nome, teimando unicamente em que eu era um homem. Estes arredores estão coalhados de officiaes do partido Real, sabem que sigo o partido dos principes, e talvez estejam resolvidos a inquietar-me; mas eis-vos aqui, e já nada receio. Sois vós mesmo official, sois do mesmo partido que elles seguem, e por tanto sereis a minha salvaguarda.

— Ai! disse Canolles, grande receio tenho de não poder offerecer-vos outra defeza, nem outra alguma protecção, a não ser a da minha espada.

— Como assim?

— Desde este momento, senhora, deixei de estar no serviço do Rei.

— Fallais verdade? exclamou Clara não cabendo em si de alegria.

— Fiz proposito de mandar pedir a minha demissão do lugar onde vos encontrasse. E como vos encontrei, a minha demissão será datada de Jaulnay.

— Oh! livre! livre! vós estais livre? Vós podeis abraçar o partido da justiça, da lealdade; vós podeis servir a causa dos senhores principes, isso é, a de toda a nobreza. Oh! muito bem sabia eu que creis um muito digno gentilhomen, e que mais tarde ou mais cedo serieis um dos nossos. »

E Clara estendeu a Canolles a sua mão, que este beijou com transporte.

« Dizei-me, lhe disse ella, o que a isso deu lugar? o que é que se passou? De tudo me informai o mais circunstanciadamente que vos seja possível.

— Oh! não será preciso muito tempo. Escrevi desde logo ao Sr. Mazarin, para inteira-lo do que se tinha passado: chegando a Mantes, recebi ordem de ir a sua casa: disse-me que eu era uma cabeça desmiolada, respondi-lhe que a sua é que era falta de siso, pôz-se a rir, e eu agastei-me. Elevou a voz, e eu mandei-o para a sua terra, além dos montes. Recolhi-me á minha estalagem: eu esperei que se dignasse de mandar-me encasurnar na Bastilha, e elle esperou que alguma boa reflexão me fizesse sair de Mantes. No cabo de vinte e quatro horas occorreu-me aquella boa reflexão. E a vós tambem é que a devo, porque me lembrei do que me haviéis promettido, e pensei que talvez me esperassei, ainda que não fosse senão o espaço de um segundo. Então, respirando o ar livre, desobrigado de toda a responsabilidade, de todo o dever, sem partido, sem empenho, e quasi sem dar preferencia a cousa alguma, de uma só me lembrei, e era de que vos eu amava, senhora, e que vo-lo podia agora dizer alta, e afoutamente.

— Deste modo perdestes o vosso posto, cahistes em desagrado, e estais arruinado por amor de mim! Querido Mr. de Caenelles, como vos pagarei jamais tamanhas obrigações? que provas vos darei do meu reconhecimento?»

E com um sorriso, com uma lagrima, que a elle lhe restituia: com vezes mais do que perdê-

ra, madama de Cambes fez cahir Canolles a seus pés.

« Ah! senhora, lhe disse elle, desde este momento, muito pelo contrario, sou rico, e feliz, visto que vou seguir-vos, visto que de vós mais me não apartarei, visto que vou ser ditoso com a vossa vista, e rico com o vosso amor.

— Então não ha cousa alguma que vos detenha?... ..

— Não, senhora.

— Vós sois todo meu, e guardando para mim o vosso coração, posso offerecer o vosso braço á senhora prínceza?

— Sem dúvida que o podeis fazer.

— Por tanto, mandastes a vossa demissão?

— Ain la não; eu queria tornar-vos primeiro a vêr; mas, como vo-lo disse, agora que tornei a vêr-vos, vou escrevê-la aqui neste mesmo momento. Eu reservava para mim a honra de ter de obedecer-vos.

— Escrevei pois! escrevei antes de tudo! Se não escreveis, sereis considerado como um transfuga; até deveis esperar, antes de dar algum passo decisivo, que a vossa demissão seja aceita.

— Querido diplomaticosinho, nada receeis, conceder-me-am, e até de muito bom grado; a ineptidão com que me houve em Chantilly não lhes deixar muita saudades minhas. Não me disseram elles, ajuntou Canolles rindo-se, que era uma cabeça desmiolada?

— Sim, mas nós vos indemnizaremos do conceito que de vós fizeram, não vos dê isso cuidado. O vosso negocio de Chantilly será mais bem visto em Bordeus do que em Paris, podeis acre-

ditar-me. Mas escrevei, barão, escrevei depressa, a fim de que possa nos ir pôr-aos a caminho; por quanto, eu vo-lo confesso, barão, a minha estada nesta estalagem não me inspira a minima confiança.

— Do passado é que sem dúvida quereis falar, e não sei para que vos hoveis de assustar tanto com méras recordações? disse Canolles voltando os olhos em torno de si, e fixando-os em uma alcovasinha com duas camas, que já tinha por diferentes vezes chamado a sua attenção.

— Não, eu fallo do presente, e não vos cabe parte alguma nos terrores que sinto. Hoje, não é já de vós que receio.

— Então de quem vos receais? que podeis vós recear?

— Ah, meu Deus! quem sabe?

Neste momento, como para justificar os receios da viscondessa, batêram trez vezes na porta com uma gravidade solemne.

Canolles, e a viscondessa guardaram silencio, olhando um para o outro com inquietação, e interrogando se mutuamente.

« Em nome do Rei, disse uma voz, abri! »

E a fraca porta voou logo em estilhaços. Canolles quiz lançar mão da sua espada, mas já um homem lho tolhia, havendo-se arremessado entre eile e a sua espada.

« Que quer isto dizer?... perguntou o barão.

— Não sois vós Mr. de Canolles?

— Sem dúvida que o sou.

— Capitão no regimento de Navailles?

— Sim.

— Enviado com uma commissão pelo senhor d'Épernon? »

Canolles fez um aceno affirmativo com a cabeça.

« Neste caso, em nome do Rei, e de Sua Magestade a Rainha regente, estais preso.

— Qu'è da vossa ordem?

— Ei la aqui.

— Mas, senhor, disse Canolles restituindo o papel, depois de haver corrido por elle os olhos, si me não engano, parece-me que vos conheço.

— Sem dúvida alguma que me conheceis! Não é nesta mesma aldêa onde hoje vos dou a voz de prezo, que vos trouxe, da parte do senhor duque d'Épernon, a commissão de partir para a côrte? A vossa fortuna dependia do bom exito desta commissão, meu gentilhomen; fostes mal succedido; tanto peor para vós. »

« O senhor Mazariu vingá-se, resmungou Canolles.

— Vamos, senhor, partamos, » disse Caignac.

Clara não se movia. Canolles indeciso, parecia estar a ponto de enlouquecer. A sua desgraça era tamanha, tam acerba, tam inesperada, que o peso della o esmagava: curvou por tanto a cabeça, e resignou-se.

Naquelle época estas palavras: *Em nome do Rei*, ainda tinham toda a sua magia, e ninguém se atrevia a resistir-lhes.

« Para onde me conduzis vós, senhor? disse elle; ou tambem vos prohibiram que me dêsseis a consolação de saber para onde vou? »

— Não, senhor, eu vo-lo vou dizer; nós vos

conduzimos para á fortaleza da ilha de Sam Jorge.

— Adeus, minha senhora, disse Canolles inclinando se com respeito diante de madama de Cambes ; adeus.

— Vamos , vamos, disse Cauvignac com sigommesmo as cousas não estão tam adelantadas como o eu crêra. Di lo ei a Nanon, e isto lhe dará muito gosto. »

Depois, chegando-se á porta :

« Quatro homens para escoltar o capitão ! bradou elle, e outros quatro paradiante.

— E a mim, exclamou madama de Cambes estendendo os braços para o preso, e a mim para onde me levam? por quanto si o barão é culpado, oh! eu o sou muito mais do que elle.

— Vós, senhora, respondeu Cauvignac, podeis retirar-vos, estais livre. »

E saiu, levando consigo o barão.

Madama de Cambes levantou-se reanimada por um raio de esperança, e tudo preparou para a sua partida, a fim de que não podessem estas boas disposições dar lugar a ordens contrarias.

« Livre, disse elle, então poderei não o perder de vista ; partamos. »

E chegando á janella, viu a cavalgada que acompanhava a Canolles, disse-lhe adeus com a mão pela ultima vez, e chamando Pompeu, que lisonjeando-se de fazer uma alta de dous ou tres dias, havia já tomado posse do melhor quarto que pudera achar, ordenou-lhe que fosse preparar tudo para a partida.

O caminho tornou-se para Canolles ainda mais

triste do que o elle esperára. Com effeito, o cavallo, que sempre dá ao preso, por muito guardado que esteja, um falso ar de liberdade, fôra substituído por um triste, e desado carrocim; de mais disso tinha os joelhos travados nos de um homem que tinha nariz de aguia, cuja mão estava pousada com uma especie de amor proprio na coronha de uma pistola. Algumas vezes, durante a noite, tinha esperanças de surprender a vigilancia do novo Argus; mas ao lado do nariz de aguia brilhavam dous grandes olhos de môcho, redondos, chamusques, e muito proprios para as observações nocturnas; de modo que, para qualquer lado que se voltasse, Canolles via sempre aquelles dous olhos redondos luzirem na direcção do seu olhar.

Em quanto dormia, um dos dous olhos tambem dormia, mas um só; era uma faculdade que a natureza dêra aquelle homem de só dormir com um dos olhos.

Passaram-se para Canolles dous dias e duas noites em funebres reflexões, porque a fortaleza da ilha de S. Jorge, fortaleza todavia assaz innocente, tomava aos seus olhos umas proporções medoosas, á medida que o receio, e os remorsos iam invadiado mais profundamente o seu coração.

Sentia remorsos, porque comprehendia que a sua commissão junto da Princeza fôra uma commissão de confiança, de que fizera bom barato aos seus amores, e que o resultado da falta que commettêra nesta occasião era terrivel. Em Chantilly madama de Condé não era mais do que

Uma mulher fugitiva. Em Bordeos, madama de Condé era uma princeza rebelde.

Sentia receio, porque sabia por tradição do que sobrias vinganças era capaz uma Anna de Austria encolerizada.

Outro remorso ainda sentia mais secreto, porém talvez mais pungente que o primeiro. Existia neste mundo uma mulher joven, bella, espirituosa, uma mulher que não empregava a sua influencia senão para promover o seu adiantamento, que não empregara o seu credito senão para protegê-lo; tinha vinte vezes puzera em risco a sua posição, o seu porvir, a sua fortuna ora pois, esta mulher, não só a mais encastadora das amantes, mas ainda a mais ardente, e extremosa das amigas, fôra por elle brutalmente abandonada, sem escusa, sem motivo, no momento em que o tinha na sua lembrança; e em vez de viingar se concedera-lhe novas graças; e o seu nome, em lugar de a elle se apresentar com o accento da reprehensão, resoára aos seus ouvidos com a de cura acariciadora de um favor quasi regio. Verdade é que este favor chegára em um mau momento, n'um momento em que de certo Canolles houvera preferido um desfavor; mas era isso culpa de Nanon? Nanon, nesta commissão junto de Sua Magestade, outra coisa não vira que um engrandecimento de fortuna, e de consideração para o homem, que tinha incessantemente presente ao seu espirito.

Por isso, todos aquelles que amaram duas mulheres ao mesmo tempo e disso peço perdão ás minhas leitoras, este fenomeno, incompreensivel para ellas, que nunca tiveram senão

um amor, é commum entre nós os homens; por isso, digo eu, todos aquelles que amaram duas mulheres ao mesmo tempo. comprehendam que á proporção que Canolles se engolfava nas suas reflexões, Nanon ia recobrando cada vez mais no seu espirito aquella influencia que elle julgava perdida. As asperzas angulosas do caracter, que ferem na roçadura da infancia, e doo lugar a passageiros despeitos, apagam-se com a distancia, em quanto pelo contrario certas recordações mais doces recobram a sua intensidade com a ausencia. Emfim, cousa triste é ter de o dizer, o amor ethereo que só promettia favores, volatilisa-se quando se acha isolado; em quanto, nesse mesmo estado, pelo contrario, o amor material se representa á memoria, armado de todas as suas fruições terrestres, que não deixam de ter o seu preço. Bella, e perdida, boa, e enganada, eis o que agora parecia Nanon a Canolles.

Isto assim acantecia, porque Canolles baixava ao intimo do seu coração com ingenuidade, e não com a má vontade daquelles accusados, a quem obrigam a fazer uma confissão geral. Que lhe havia feito Nanon para que a abandonasse? Que lhe havia feito madama de Cambes para que a seguisse? O que havia pois de tam appetecivel, de tam magnificamente amoroso no cavalheiro inho da estalagem do Bezzerro de ouro? Como podia madama de Cambes avantajarse de um modo tam triunfante a Nanon? Dar-se-a caso que os cabellos louros mereçam uma tal preferencia sobre os cabellos pretos, para que um homem seja pe juro, e ingrato para com a

sua amante, traidor, e desleal para com o seu Rei, sem outro fim mais do que o de trocar aquellas tranças pretas por tranças louras? E com tudo, ó miséria da organização humana! Canolles fazia lá consigo todos estes raciocínios muito assisados, como bem o vêmos, e Canolles não se dava por convencido.

O coração está cheio de misterios semelhantes a estes, que fazem a ventura dos amantes, e a desesperação dos filosofos.

Isto não obstava a que Canolles se indignasse contra si mesmo, e se reprehendesse com aspereza.

« Eu vou ser punido, dizia consigo, pensando que a punição apaga a falta; eu vou ser punido tanto melhor! Irei topar lá embaixo com algum bom capitão muito rude, muito insolente, muito brutal, que me lerá, do alto da sua dignidade de carcereiro em chefe uma ordem do senhor Mazarin; que me indicará com o dedo uma enxovia, e que me mandará sepultar n'algum profundo subterraneo em companhia dos ratos, e dos sapos, em quanto eu poderia ter vivido em pleno dia, e florecer ao sol, nos braços de uma mulher que me amava, a quem eu amei, e a quem, pela minha fé! talvez que ainda ame.

Maldito viscondesinho, os diabos te levem! porque havias tu servir de envoltorio a uma tão encantadora viscondessa?

Sim: mas haverá no mundo uma viscondessa que valha o que esta me vai custar.

E e peor é que todo o mal não está no governador, e na enxovia subterranea; se julgarem que sou traidor, nada haverá que não queiram

Investigar; castigar-me-am ácerca da minha estada em Chautilly, que eu não poderia expiar bastante, nisso convenho, se me houvesse sido mais fructuosa; mas que, por fim de contas, nada mais me renda do que tres beijos na mão. O certo é que fui um grandíssimo toleirão, pois tendo a força, e podendo della abusar, n'um uso della fiz. Cabeça desmiolada, como disse o senhor Mazarin, que foi traidora, e não soube fazer se pagar da sua traição! Ora quem é que ma pagará agora?»

E Canolles encolhia os hombros, respondendo com desprezo, pelo movimento que fazia, á interrogação do seu pensamento.

O homem dos olhos redondos, que por muito perspicaz que fosse, nada podia comprender nesta pantomima, olhava-o com espanto.

« Si me interrogassem, continuou Canolles, não responderei; que resposta poderia eu dar? Que não amava ao senhor Mazarin? Estão não devieis servir-o. Que amava a madama de Combes? Bella razão para dar a uma Rainha, e a um primeiro ministro! Por tanto nada responderei. Mas os juizes são personagens muito arrufadiças; quando interrogam querem que se lhes responda. Dar-me am tratos; deslocar-me-am estes delicados joelhos de que tanto me ufauava, e enviar-me-am todo desconjuntado fazer companhia aos meus ratos, e aos meus sapos. O resultado de tudo isso será ficar cambaio toda a minha vida como o principe de Conti, e que é cousa mui feia, ainda suppondo que a clemencia de Sua Magestade me accuda, o que de certo não fará.

Além deste governador, destes ratos, destes sapos, destes ratos, ainda alli havia uns certos cadafalsos onde sam decapitados os rebeldes, umas certas forcas onde sam enforcados os traidores, e umas certas praças de armas onde sam arcabuzados os desertores. Mas tudo isto, para um bello maneebo como Canolles, nada era, o que bem se comprehende, em comparação de ficar cambaio.

Assentou pois de tirar se de dúvidas, e interrogar a este respeito o seu companheiro de viagem.

Os olhos redondos, o nariz de aguia, e o ar carrancudo da personagem não davam muito alento ao preso para dar principio ao dialogo. Com tudo, como, por muito impossivel que seja um rosto, é impossivel que não haja momentos em que se desentregue algum tanto, Canolles aproveitou-se do momento em que uma carantonha, que se assimilhava a um sorriso, passava pelo rosto do esbirro subalterno, que tão cuidadosamente o guardava.

« Senhor ? . . . disse elle

— Senhor ? . . . respondeu o esbirro.

— Desculpai-me si vos arranco ás vosas reflexões.

— Não tendes de que pe lir-me desculpa, senhor; eu nunca reflecto.

— E que tal ! sois dotado, senhor, pelo que vejo, de uma feliz organização.

— E por isso não me queixo.

— Ora pois, outro tanto me não acontece a mim, porque tenho boa vontade de queixar-me.

— De que, senhor ?

— De que assim me levem por força, no momento em que menos o pensava, a fim de me conduzir a não sei para onde.

— Vós bem o sabeis, senhor, pois que vol-o disseram.

— Tendes razão. Vamos para a ilha de S. Jorge, não é assim, senhor?

— Isso mesmo.

— Crêdes vós que eu alli fique muito tempo?

— Ignoro-o, senhor; mas pelo modo como me fostes recommendado, julgo que sim.

— Ah! ah! e é cousa muito feia a ilha de S. Jorge?

— Não conheceis aquella fortaleza?

— Não conheço o interior della, visto que nunca alli entrei.

— Posso segurar vos, senhor, que não é cousa muito bella; e não fallando dos quartos do governador, que acabam de mandar renovar, e que sam muito agradaveis ao que parece, o resto do edificio fórma uma assaz triste habitação.

— Bem. Julgais vós que me farão perguntas?

— Pelo menos assim se pratica.

— E se eu não responder?

— Se vós não responderdes?

— Então?

— Em tal caso, vós bem o sabeis, recorre-se aos tratos.

— Ordinarios?

— Ordinarios, ou extraordinarios, conforme a gravidade da accusação.

— Muito receio, disse Canolles, ser accusado de crime de estado.

— Ah! neste caso, gozareis dos tratos extraordinarios. . . . Agua, e mais agua. . . .

— Como! agua, e mais agua?

— Sim, encher-vos-am a barriga de agua.

— Então a agua é que está em voga na ilha de Sam Jorge?

— Não é de espantar, senhor; muito bem comprehendéis que no Garona. . . .

— E' muito justo; tem a cousa á mão. E que quantidade de agua?

— Quanta vos puderem fazer beber.

— Então incharei.

— Por certo que sim. Mas si tiverdes a cautella de angariar o carcereiro. . . .

— E então?

— Então a cousa tornar-se vos-ha mais supportavel.

— E em que consiste, tendes a bondade de mo dizer, o serviço que o carcereiro pôde prestar-me?

— Pôde fazer-vos beber azeite.

— Então o azeite é um especifico?

— Especifico soberano! senhor.

— Vós o crêdes?

— Fatto por experiencia; en vi beber a um homem grandi si na quantidade de agua com extrema facilidade graças ao azeite que havia preparado convenientemente as vias. Verdade é que inchou, e como sempre acontece; mas com um bom fogo fizeram-no desinchar sem que soffresse grandes avarias. Nisto consiste o essencial da segunda parte da operação. Lembrai-vos bem de las duas palavras: Aqueitar sem queimar.

— Muito bem compreendo, disse Canolles. O senhor era talvez executor da alta justiça?

— Não, senhor! replicou o seu interlocutor com uma modestia acompanhada de urbanidade.

— Seu ajudante, talvez?

— Não, senhor, não era mais do que um simples curioso.

— Ah! ah! e o senhor chama-se. . . .

— Barrabás.

— Bello nome, antigo nome, muito bem conhecido nas Escrituras.

— Na Paixão senhor.

— Isso é que eu queria dizer; mas por habito, servi me da outra locação.

— O senhor prefere as Escrituras; então o senhor é hugonote?

— Sim, mas hugonote muito ignorante. Acreditareis vós que apenas sei uns tres mil versos dos Psalmos?

— Na realidade é mui pouca cousa.

— Eu aprendia melhor a musica. . . . Na minha familia houve muitos enforcados, e queimados

— Lisonjei o-me de que ao senhor não o espere uma tal sorte?

— Não, hoje ha mais tolerancia; submergir-me-am, e com isto se darão por contentes. »

Barrabás desatou a rir.

O coração de Canolles estremeceu de alegria, porque tinha conquistado o seu guarda. Com effeito, si este carcereiro interino viesse a ser o seu carcereiro permanente, tinha toda a probabilidade de alcançar o azeite; assentou por tan-

to de dar seguimento á conversação no ponto em que a deixára.

« Senhor Barrabás, disse elle, teremos nós de em breve nos separar-mos, ou far-me-eis vós a honra de continuar-me a vossa companhia ?

— Senhor, uma vez que cheguemos á ilha de Sam Jorge, terei o vivo prazer de apartar-me de vós, porque tenho de voltar para a nossa companhia !

— Muito bem : então fazeis parte de uma companhia de guardas ?

— Não, senhor, de uma companhia de soldados.

— Levantada pelo ministro ?

— Não, senhor, pelo capitão Cauvignac, o mesmo que teve a honra de prender-vos.

— E vós servis o Rei ?

— Creio que sim, senhor.

— Que diabo estais vós dizendo ? não estais pois certo disso ?

— A gente de nada está certa neste mundo.

— Então si estais em duvida, deverieis, a fim de vos decidirdes, fazer uma cousa.

— A qual ?

— Deixar-me escapar.

— Isso não é possível, senhor.

— Mas eu pagar-vos-ei muito honradamente a vossa complacencia.

— Com que ?

— Com que ha de ser ! com dinheiro.

— O senhor não o tem.

— Quem vos disse que não o tenho ?

— Assim o supponho. »

Canolles levou as mãos com viveza ás algibeiras.

« Com effeito , disse elle , a minha bolsa desapareceu ; quem pois lançaria mão da minha bolsa ?

— Eu, senhor, respondeu Barrabás, fazendo-lhe uma saudação respeitosa.

— E para que ?

— Para que o senhor não possa corromper-me. »

Canolles estupefacto , olhou para o digno esbirro com admiração, e como lhe parecesse que o argumento não tinha replica, nada lhe replicou absolutamente.

O resultado disto foi que tendo os viajantes guardado novamente silencio, a viagem recobrou ao aproximar-se do seu fim, aquelle character melancolico que tivera na seu começo.

FIM DO TOMO SEGUNDO.

A GUERRA
DAS
MULHERES.

POR
A. DUMAS.

TOMO TERCEIRO.



RIO DE JANEIRO.

Na Typ. de BINTOT Editor, e Livreiro.

Rua da Ajuda N. 55.

1850.

Já principiava a romper o dia quando o carrocim chegou á aldêa mais proxima da ilha para onde iam. Canolles, sentindo parar o carrocim, passou a cabeça a travéz de uma pequena seteira, postigo destinado a dar ar ás pessoas livres, e mui commodo para interceptal-o aos presos.

Uma linda aldêasinha, composta de umas cem casas apinhadas em torno de uma igreja, no declive de uma montanha, e dominada por um castello, se offerecia á vista no ar limpido da manhã, e dourada pelos raios do sol. que afugentava uns flocos de vapôres semelhantes a gazes ondeantes.

Neste momento o carrocim subia uma encosta, e o cocheiro tendo-se apeado, ia caminhando junto da sege.

« Meu amigo, perguntou Canolles, sois desta terra?

— Sim, senhor, sou de Libourne.

— Então deveis conhecer esta aldêa. Que casa branca é esta? que lindas choupanas sam estas?

— Senhor, respondeu o camponez, aquelle castello é o de Cambes, e a aldêa fórma uma das suas pertenças. »

Canolles estremeceu, e passou n'um instante do mais vivo rubor a uma pallidez quasi lívida.

« Senhor, disse Barrabás, a cujos olhos rondos nada escapava, ter-vos-íeis por acaso perdido nesse postigo?

— Não.... muito vos agradeço o vosso cuidado. »

Depois continuando a interrogar o camponez:

« É a quem pertence esta propriedade? perguntou elle.

— A' viscondessa de Cambes.

— A uma joven viuva?

— Muito linda, e muito rica.

— E por conseguinte muito requestada.

— Sem d'úvida alguma: bom dote, e bonita mulher; com isso nunca faltam pretendentes.

— Boa reputação?

— Sim, mas furiosa partidista dos senhores principes.

— Effectivamente, parece-me que assim o ouvi dizer.

— Um demónio, senhor, um verdadeiro demónio.

— Um anjo, disse consigo Canolles, que todas as vezes que se lembrava de Clara, nella pensava com transportes de adoração. Um anjo! »

Depois em alta voz:

« Reside ella aqui algumas vezes? ajuntou elle.

— Raras vezes, senhor, porém viveu muito tempo neste sitio. Seu marido nelle a deixou, e em quanto aqui esteve foi a benção da terra. Agora, segundo dizem, está com os senhores principes. »

O carrocim, depois de ter subido a encosta, estava para descer: o conductor fez um signal com a mão para pedir licença de ir sentar-se no seu lugar. Canolles, que receava dar desconanças continuando o interrogatorio, recolheu a cabeça para dentro da sege, a qual foi seguin-

do o seu caminho a trote, que era o mais que podia fazer.

No fim de um quarto de hora, durante o qual, sempre debaixo dos olhos de Barrabás, Canolles ficára engolfado nas mais sombrias reflexões, a sege fez alto.

« Pararemos nós aqui para almoçar? perguntou Canolles.

— Pararemos aqui definitivamente, senhor, estamos chegados. Eis a ilha de Sam Jorge. Falta-nos sómente atravessar o rio.

— E' verdade, murmurou Canolles. Tão perto, e tão longe!

— Senhor, lá vem gente ter connosco, disse Barrabás; aprestai-vos para vos apeardes. »

O segundo guarda de Canolles, que estava sentado junto do cocheiro, saltou em terra, e abriu a portinhola, que tinha sua fechadura, e cuja chave estava na sua mão.

Canolles voltou os olhos do pequeno castello branco que não perdêra de vista, para a fortaleza, que ia ser a sua morada. Viu logo do outro lado de um braço de rio assaz caudaloso, uma barca, e perto desta, um posto de oito homens, e um sargento.

Atraz do posto elevavam-se as obras da cidadella.

« Bom, disse Canolles, esperam-me, e tomaram as suas precauções... Sam esses os meus novos guardas? perguntou elle em alta voz a Barrabás.

— Eu bem quizera responder acertadamente ao senhor, disse Barrabás; mas, na verdade, não o sei. »

Neste momento, depois de ter dado um signal que foi repetido pela sentinella que estava de guarda á porta do forte, os oito soldados, e o sargento entraram na barca, atravessaram o Garona, e desembarcaram no momento em que Canolles se apeakava.

No mesmo instante o sargento, vendo um official, se aproximou d'elle, e saudou-o militarmente.

« E' ao senhor barão de Canolles, capitão no regimento de Navailles, que tenho a honra de fallar ? perguntou o sargento.

— A elle mesmo, respondeu Canolles, admirado da polidez daquelle homem.

O sargento voltou-se immediatamente para os seus homens, mandou-lhes tomar as armas, e mostrou com a ponta da sua lança a barca a Canolles. Canolles entrou dentro della, e collocou-se no meio dos seus dous guardas: os oito soldados, e o sargento entraram depois d'elle, e a barca se afastou da praia, em quanto Canolles lançava pela derradeira vez os olhos para Cambes, que estava a ponto de desaparecer por detrás de um outeiro.

A ilha estava quasi toda coberta de escarpas, contra-escarpas, e bastiões; um pequeno forte em muito bom estado dominava todas aquellas obras. Entrava-se nelle por uma porta arqueada diante da qual andava passeando de um para o outro lado a sentinella.

« Quem vive ? » gritou ella.

A pequena tropa fez alto, o sargento separou-se della, aproximou-se da sentinella, e disse-lhe algumas palavras.

« A's armas ! » gritou a sentinella.

Sem a minima demora uns vinte homens, de que se compunha o posto, saíram de um corpo de guarda, e acudindo muito apressados, puzeram-se em linha diante da porta.

« Vinde, senhor, » disse o sargento a Canolles.

O tambor principiou a tocar a marcha.

« Que quer isto dizer ? » disse o mancebo comsigo.

E aproximou-se do forte, não comprehendendo já nada do que alli se passava, pois todos aquelles preparativos antes pareciam honras feitas a um superior, do que cautelas tomadas contra um preso.

Ainda porêem não estava aqui tudo: Canolles não observára que no momento em que se apeára da sege, uma janella da casa do governador se abrira, e que um official examinára attentamente os movimentos da barca, e a recepção que se fizera ao preso, e aos seus dous beleguins.

Aquelle official, quando viu que Canolles acabava de pôr o pé na ilha, desceu rapidamente, e saiu-lhe ao encontro.

« Ah! ah! disse Canolles ao vel-o, eis o commandante da praça que vem reconhecer o seu inquilino.

— Na realidade, disse Barrabás, parece, senhor, que não vos haveis de enfastiar como certas pessoas, a quem deixam oito dias inteiros n'um vestibulo; abrir-vos-am assento immediatamente

— Tanto melhor, » disse Canolles.

Entretanto o official vinha-se aproximando.

Canolles tomou a attitudo altiva, e digna de um homem perseguido.

Na distancia de alguns passos de Canolles, o official tirou o seu chapéo.

« E' ao senhor barão de Canolles que tenho a honra de fallar ? perguntou elle.

— Senhor, respondeu o preso, tanta urbanidade da vossa parte deixa-me na realidade confuso. Sim, sou o barão de Canolles; agora tratai-me, eu vol-o peço, com a cortezia de um official para com outro, e alejai-me o menos mal que puderdes.

— Senhor, respondeu o official, a vossa habitação é a melhor que póde ser; pois, como si quizessem prevenir os vossos desejos, fizeram-se nella todos os reparos possiveis. . .

— E a quem devo eu agradecer estas precauções desusadas? perguntou Canolles sorrindo-se.

— Ao Rei, senhor, que faz bem tudo quanto faz.

— Sem dúvida, senhor, sem dúvida. Deos me livre de calunniar Sua Magestade, sobre tudo nesta occasião; todavia não desgostaria de alcançar certas informações.

— Se o ordenardes, senhor, estou a vossa disposição; porêm tomarei a liberdade de fazer-vos observar que a guarnição vos espera para reconhecer-vos.

— E que tal! disse consigo Canolles, uma guarnição inteira para reconhecer um preso, a quem encarceram; segndo me parece sam ceremonias de mais.»

Depois em alta voz:

« Eu é que estou ás vossas ordens, senhor,

replicou elle, e prompto para seguir-vos aonde me quizerdes levar.

— Permitti-me pois, disse o official, que vá adiante de vós para fazer-vos as honras.»

Canolles seguiu-o, dando a si proprio os parabens de haver caído nas mãos de um homem tam cortez.

Chegando ao patio da cidadella, Canolles achou uma parte da guarnição debaixo das armas. Então o official que o conduzia desembainhou a espada, e inclinou-se diante d'elle.

« Tantas ceremonias, meu Deos ! » murmurou Canolles.

No mesmo instante ouviu-se o tambor debaixo da abobada vizinha; Canolles voltou-se, e uma segunda fileira de soldados sahindo daquella abobada veio collocar-se por detraz da primeira.

Neste momento o official apresentou duas chaves a Canolles.

« Que quer isto dizer ? perguntou o barão, e que fazeis ?

— Não fazemos mais do que cumprir o ceremonial costumado segundo as mais rigorosas leis da etiqueta.

— Então por quem me tomais vós ? perguntou Canolles, cujo espanto era indizivel.

— Por quem sois, e creio que me não engano ; pelo senhor barão de Canolles.

— E que mais ?

— Governador da ilha de Sam Jorge. »

Foi tal a turbação de Canolles, que por pouco não caiu por terra.

« Daqui a um momento, continuou o official, terei a honra de entregar ao senhor governador

« Os despachos que recebi esta manhã, acompanhados de uma carta, que me annuncia a chegada do senhor hoje mesmo. »

Canolles olhou para Barrabás, cujos olhos redondos estavam fitos nelle com uma expressão de estupefacção impossivel de descrever.

« Então, balbuciou Canolles, sou governador da ilha de Sam Jorge ?

— Sim, senhor, respondeu o official, e Sua Magestade fez-nos muito favor com uma tal escolha.

— Estais bem certo de que não haja nisso engano? perguntou Canolles

— Senhor, respondeu o official, dignai-vos de acompanhar-me aos vossos aposentos, e alli achareis a vossa nomeação. »

Canolles não podia conceber semelhante acontecimento, que tão longe estava de assimilar-se ao que elle esperava; pôz-se em marcha, seguindo, sem dizer palavra, o official que lhe mostrava o caminho, em meio do som dos tambores, e dos soldados que apresentavam as armas, e de todos os habitantes da fortaleza, que feriam os ares com aclamações; saudava, pollição, e tremulo, para a direita, e para a esquerda, e interrogava Barrabás com olhos espantados.

Finalmente, tendo chegado a uma salla assaz elegante, e de cujas janellas logo notou que se podia avistar o castello de Cambes, lêu a sua nomeação, escrita em boa fórma, assignada pela Rainha, e referendada pelo duque d'Epernon.

Quando tal viu, não pôde já sustentar-se em pé, e caiu estupefacto em uma poltrona.

Com tudo, depois de todos os tangeres, das

descargas de mosquetaria, das estrondosas demonstrações das homenagens militares, e sobretudo depois do primeiro sobressalto que estas demonstrações nelle tinham produzido, Canolles desejou saber a causa por que a Rainha lhe confiou este posto, e levantou os olhos, que durante algum tempo tivera pregados no pavimento.

Viu então diante de si, não menos estupefacto do que elle, o seu ex-carcereiro, que se tornára em seu mui humilde servo.

« Ah! sois vós, senhor Barrabás, lhe disse elle.

— Sou eu mesmo, senhor governador.

— Podereis vós explicar-me o que acaba de passar-se, e que muito me custa a não tomar por um sonho?

— A explicação que posso dar-vos, senhor, é que quando eu vos fallava de tratos extraordinarios, eu julgava por quem sou, que vos dou-rava a pilula.

— Estaveis então convencido de que ?...

— De que vos conduzia aqui, senhor, para serdes rodado.

— Muito obrigado, disse Canolles estremecendo a seu pezar. Agora, tendes formado alguma opinião ácerca do que me acontece ?

— Sim, senhor.

— Fazei-me pois o favor de dizer qual ella seja.

— Senhor, ei-la. A rainha terá conhecido quão difficil era a commissão de que vos encarregara. Passado o primeiro movimento de colera, ter-se-ha arrependido, e como, por fim de tudo, não sois homem aborrecivel, Sua Graciosa Magesta-

de ter-vos ha recompensado de l aver-vos castigado com demasiado rigor.

— Isto é inadmissivel, respondeu Canolles.

— Parece-vos que seja inadmissivel ?

— Pelo menos inverosimil.

— Inverosimil ?

— Sim.

— Neste caso, senhor governador, o que me resta é apresentar-vos os meus muito humildes respeito ; vós podeis ser feliz como um rei na ilha de Sam Jorge ; ha nella excellente vinho, caça que fornecem os campos, bom peixe que todas as marés trazem os barcos de Bordéus, e as mulheres de Sam Jorge ; ah ! senhor, tudo isto é milagroso.

— Muito bem ; tratarei de seguir os vossos conselhos ; recebei esta ordem assignada por mim, e ide a casa do pagador que vos entregará cem libras. Eu mesmo de boa vontade vo-las daria em mão propria ; porém visto que por prudencia me tomastes o meu dinheiro....

— E fiz muito bem, senhor, exclamou Barrabás ; por que em fim se me tivesseis corrompido, terieis fugido, e se tivesseis fugido, houvereis naturalmente perdido a elevada posição a que chegastes, do que nunca me teria consolado.

— Mil vezes bem discorrido , senhor Barrabás. Já notei que creis fortissimo em logica. Entretanto recebei este papel como testemunho da vossa eloquencia. Os antigos, como muito bem sabeis, representavam a eloquencia com cadéas de ouro que lhe saham dos labios.

— Senhor, replicou Barrabás, se ouzasse fa-

zer-vos observar que julgo inutil passar para casa do pagador. . . .

— Como! recusais? exclamou Canolles admirado.

— Não senhor, Deus me guarde disso! Não sou dotado, graças á Providencia, de tam falsos orgulhos; porém estou vendo nas certas cordões que saem de um cofre collocado na vossa chaminé, os quaes me parecem ser de uma bolsa.

— Sois bom entendedor em mysterios de cordões, senhor Barrabás, disse Canolles muito admirado; pois effectivamente se achava na chaminé um cofre antigo, embutido de prata, e ornado de esmaltes. « Vamos vêr si as vossas previsões sam exactas. »

Canolles levantou a tampa do cofre e achou effectivamente uma bolsa, e nesta dez mil libras com este bilhetinho:

« Para a caixa particular do senhor governador da illia de San Jorge. »

« Com os diabos! disse Canolles corando, a Rainha faz as cousas muito bem. »

E contra sua vontade, as recordações de Buckingham lhe occorreram á mente; talvez que a Rainha tivesse visto detraz de alguma cortina a figura victoriosa do formoso capitão; talvez ella o protegesse com um interesse mui terno; talvez. . . . Devemos lembrar-nos de que Canolles era Gascão.

Infelizmente a Rainha tinha então vinte annos mais que no tempo de Mr. de Buckingham.

Fosse porém o que fosse, e de qualquer parte que viesse, Canolles metteu a mão na bolsa, e della tirou cem libras que entregou a Barrabás,

que saíu fazendo as mais reiteradas , e respeitadas cortezias.

Barrabás saíu , Canolles chamou o official, e pediu-lhe que o guiasse na revista que queria passar aos seus novos Estados.

O official pôz-se immediatamente ás suas ordens. A' porta achou uma especie de estado maior composto das outras principaes personagens da cidadella; conduzido por elles, pedindo explicações acerca de todos os recursos da localidade, viu os bastiões, as esplanadas, as meias-luas, as casarmatas, os subterraneos, e os celleiros. Em fim, ás onze horas da manhã voitou, depois de ter visitado tudo. A sua escolta então se dissipou, e Canolles ficou só com o primeiro official que ao principio encontrára.

« Agora, lhe disse e te aproximando-se d'elle mysteriosamente, não falta ao senhor governador para vêr, senão um só quarto, e uma só pessoa.

— Que dizeis ? perguntou Canolles.

— O quarto daquella pessoa é alli, disse o official estendendo o dedo para uma porta, que effectivamente Canolles ainda não tinha aberto.

— Ah! é alli ? disse Canolles.

— Sim.

— E a pessoa tambem alli está ?

— Sim.

— Muito bem. Peço-vos porém que me desculpeis: estou muito cansado de ter viajado dia e noite, e esta manhã não me sinto muito bom da cabeça; fazei-me pois o favor de vos explicar-des um pouco mais claramente.

— Ora pois, senhor governador, continuou o official com o mais fino sorriso, o quarto....

— Da pessoa.... replicou Canolles.

— Que vos espera, é alli. Agora creio que percebeis ? »

Canolles fez um movimento como si voltasse do paiz das abstracções.

« Sim, sim, muito bem, disse elle; e posso entrar alli ? »

— Sem duvida alguma, visto que vos esperam.

— Então vamos, disse Canolles. »

E com extraordinarias palpitações de coração, não vendo já cousa alguma, sentindo confundirem-se os seus receios, e os seus desejos, a ponto de ter medo de enlouquecer, Canolles empurrou uma segunda porta, e viu atraz de uma tapeçaria a risonha, e ardente Nanon, que deu um grande grito como si quizesse assustá-lo, e que veio lançar os seus braços ao pescoço do gentilhomem.

Canolles ficou inerte, de braços pendentos, e olhos fixos.

-- Vós ! balbuciou elle;

— Eu ! » disse ella duplicando os seus risos e os seus beijos.

A lembrança das suas culpas se apresentou ao espirito de Canolles, que advinhando immediatamente o novo beneficio daquella fiel amante, ficou esmagado debaixo do peso de remorso, e do reconhecimento.

« Ah ! disse elle, vós é que me salvastes, emquanto eu me perdia como um insensato ; vós velaveis em mim ; vós sois o meu anjo tutelar.

— Não me chameis o vosso anjo, porque sou

um diabo , disse Nanon ; eu sómente appareço nos bons momentos : confessai-o !

— Tendes razão, minha querida amiga, pois na verdade, creio que me me livrais do cada falso.

— Tambem assim o penso. Mas, ó barão, como fizestes pois, vós, tam agudo, tam fino para vos deixardes enganar por aquellas delambidas de princezas ? »

Canolles córou ; porêm Nanon tomára o partido de não vêr nada daquella confusão.

« Na verdade, disse elle, não o sei ; ou mesmo não o posso compre'nder.

— Oh ! é porque ellas sam astuciosas. Ah ! meus senhores, vós quereis fazer a guerra ás mulheres ! Será verdade o que me contáram ? Mostráram-vos em lugar da jôven princeza , uma dama de honor, uma camareira..... não sei o que ! »

Canolles sentia subir a febre dos seus dedos tremulos ao seu cerebro extravasado.

« Julguei vêr a princeza, disse elle, não a conhecia.

— E então quem era ?

— Uma dama de honor, segundo creio.

— Ah ! pobre rapaz, a culpa é daquelle traidor de Mazarin. Pois, com todos os diabos ! quando se encarregára a alguém uma missão tam difficullosa como aquella, dá-se-lhe um retrato. Si tivesseis tido ou visto um retrato da senhora princeza, de certo a terieis reconhecido. Porém não fallemos mais nisso. Não sabeis que aquelle indigno Mazarin, debaixo do pretexto de que tinheis atraçoado o Rei, queria dar-vos cabo da pelle ?

— Eu desconfiava disso.

— Mas eu disse: Pois não ha de ser assim. Quero-o para mim; fiz bem; dizei? »

Canolles, por muito preocupado que estivesse da lembrança da viscondessa, a pezar de que trouxesse sobre o peito o seu retrato, Canolles não pôde resistir a esta delicada bondade, a este espirito que radiava nos mais lindos olhos do mundo: abaixou a cabeça, e applicou os lábios na linda mão que lhe dava.

« E viestes esperar-me aqui? »

— Ia ter com vosco em Paris para trazer-vos aqui. Trazia-vos a vossa nomeação; aquella ausencia era muito grande; Mr. d'Épernon não fazia mais do que augmentar a monotouia da minha vida. Tive noticia da vossa desventura. A proposito, tinha-me esquecido de vo-lo dizer, sois meu irmão; não o sabeis?...

— Pareceu-me advinhál-o lendo a vossa carta.

— Não ha dúvida, tinham-nos atraído. A carta que vos escrevi tinha caído em más mãos. O duque chegou furioso. Nomeei-vos, e declarei-vos meu irmão, pobre Canolles, e agora estamos protegidos pela mais legitima união. Eis-vos quasi casado, meu pobre amigo. »

Canolles deixou-se arrastar pelo incrível attractivo desta mulher. Depois de haver beijado as suas brancas mãos, beijou os seus olhos pretos... A sombra de madama de Cambes teve de fugir cobrindo lugubrementemente a cabeça.

« Desde então, continuou Nanon, previ tudo, e determinei tudo: fiz de Mr. d'Épernon vosso protector, ou para melhor dizer vosso amigo; abraudei a ira de Mazarin. Fimalmenté, escolhi para meu retiro Sam Jorge, porque, como bem

o sabeis, querido amigo, sempre me querem apedrejar. Não ha sinão vós no mundo que me ameis alguma cousa, meu querido Canolles. Vejamos, dizei-me pois que me amais ! »

E a encantadora serêa, lançando os braços ao pescoco de Canolles, cravou o seu olhar ardente nos olhos do mancebo, como se quizesse ir buscar o seu pensamento no mais profundo do seu coração.

Canolles sentiu naquelle coração, em que Nanon procurava lêr o que nelle se passava , que não podia conservar-se insensivel a tam extremo zelo. Um secreto presentimento dizia-lhe que havia alguma cousa mais do que amor em Nanon, que havia generosidade, e que não sómente ella o amava, mas que tambem lhe perdoava.

O mancebo fez um signal com a cabeça que respondia á pergunta de Nanon, pois com a boca não ousaria dizer-lhe que a amava, ainda que no fundo do seu peito todas as suas recordações advogassem a seu favor.

« Escolhi pois, continuou ella, a ilha de Sam Jorge , para pôr em segurança o meu dinheiro, as minhas joias, e a minha pessoa. Quem, a não ser o homem que me ama, disse eu comigo, poderá defender a minha vida? Quem melhor do que o meu senhor pôde conservar-me os meus thesouros? Tudo está nas vossas mãos, meu caro amigo, existencia, e riquezas: velareis vós cuidadosamente em tudo isso? sereis vós fiel amigo e guarda fiel ? »

Neste momento uma trombeta retumbou no pátco, e veiu vibrar no coração de Canolles ; ti-

inha diante de si o amor mais eloquente, que já jamais tivesse existido, e a cem passos de distancia a guerra ameaçadora, a guerra que inflamma, e que embriaga.

« Oh ! sim, Nanon, exclamou elle, a vossa pessoa, e os vossos bens estam em segurança junto de mim, e morrerei, eu vo-lo juro, para salvar-vos do menor perigo.

— Muito obrigada, disse ella, meu nobre cavalleiro, tam certa estou do vosso valor como da vossa generosidade. Ah ! accrescentou ella sorrindo-se, bem quizera estar tam certa do vosso amor !

— Oh ! disse Canolles, podeis ter toda a certeza. . . .

— Bem, muito bem, disse Nanon, o amor não se prova com juramentos, mas sim com obras ; pelo que fizerdes, senhor, faremos idéa do vosso amor. »

E passando á roda do pescoço de Canolles os mais lindos braços do mundo, inclinou a cabeça sobre o peito arquejante do manço.

« Agora é preciso que elle esqueça. . . . disse ella comsigo, e ha de esquecer. »

No mesmo dia em que Canolles fôra preso em Jaulnay debaixo dos olhos de madama de Cambes, esta partira com Pompeu para ir ter com a senhora Princeza, que estava a vista de Coutras.

O primeiro cuidado do digno escudeiro, foi querer provar a sua ama, que si o bando de Cauvignac não exigira resgate algum, nem commettêra violencia alguma contra a bella viajante á sua catadura resoluta, e á sua experiencia da guerra é que ella devia attribuir esta ventura.

Verdade é que madama de Cambes, menos fácil em deixar-se persuadir do que Pompeu julgára ao principio, lhe fez observar que durante mais de uma hora elle desapparecêra completamente; porêm Pompeu explicou-lhe que durante aquella hora ficára escondido em um corredor, onde, com o auxilio de uma escada, preparára uma fuga certa para a viscondessa; mas que lhe fôra preciso fazer frente a dous soldados desenfreados que lhe disputavam a posse daquella escada o que fizera, já se sabe, com aquelle invencivel denodo de que todos sabiam ser dotados.

Esta conversação deu lugar mui naturalmente a Pompeu para fazer o elogio dos soldados do seu tempo, terriveis contra o inimigo, como o tinham provado no assedio de Montauban, e na batalha de Corbie, porêm meigos, e cortezes para com os seus compatriotas, qualidades de que, cumpria dizêl-o, não faziam timbre os soldados contemporaneos.

O facto é que, sem de tal desconfiar, Pompeu acabava de escapar a um immenso perigo, o de ser alistado por força. Como marchava por costume com os olhos radiantes, peito largo inteiramente militar, e ar marcial, déra logo nos olhos de Cauvignac; porêm, graças aos acontecimentos subseqüentes, que tinham mudado o curso das idéas do capitão, graças ás duas mil libras que recebêra de Nanon para sómente occupar-se do barão de Canolles, graças a essa reflexão filosofica, que o ciúme é a mais magnifica das paixões, e que é necessario aproveitar o ciúme quando o encontramos no nosso caminho o querido irmão desprezára Pompeu, e deixára

continuar a madama de Cambes o seu caminho para Bordeus; na realidade, Nanon bem quizera que Bordeus não estivesse tam perto de Canolles.

Ella bem houvera querido que a viscondessa se achasse no Perú, nas Indias, na Groenlandia.

Por outro lado, quando Nanon se lembrava que d'ora avante teria ella só entre boas muralhas o seu querido Canolles, e que excellentes fortificações mui pouco accessiveis aos soldados do Rei, encerrariam tambem a madama de Cambes prisioneira na sua rebellião, sentia-se dominada, e gozava com delicia daquellas alegrias infinitas que só as crianças, e os amantes conhecem sobre a terra.

Vimos como aquelle sonho se realisára, e como Canolles e Nanon se tinham encontrado de novo na ilha de Sam Jorge.

Ora, do seu lado, madama de Cambes ia viajando triste, e tremula. Pompeu, a pezar de todas as suas jactancias estava bem longe de tranquillisal-a, e não foi sem grande susto que sobre a tarde do dia em que partira de Jaulnay, viu vir, seguindo um caminho transversal, um consideravel bando de cavalleiros.

Eram aquelles mesmos gentishomens que voltavam do famoso enterro do duque de Laroche-foucault, enterro que, com o fundamento de render as honras devidas a seu pai, servira de pretexto ao Principe de Marsillac para tirar da Picardia, e outras provincias, toda a pobreza, que ainda mais detestava a Mazarin do que era affeiçãoada aos Principes. Porém uma cousa singular causou admiração a madama de Cambes,

e sobre tudo a Pompeu: e era, que entre aquelles cavalleiros, uns traziam o braço ao peito, e outros uma das pernas rodeada de chumaços; muitos tinham na fronte ligaduras ensanguentadas; era pois necessario olhal-os de muito perto para reconhecer naquelles gentishomens tam mal amanhados os ligeiros, e guapos caçadores que tinham corrido o veado no parque de Chantilly.

Porém o medo tem olhos penetrantes: Pompeu, e madama de Cambes reconheceram, debaixo daquellas faxas ensanguentadas, algumas caras do seu conhecimento.

« Que vos parece, senhora? disse Pompeu, eis um enterro que teve lugar por bem maus caminhos. E' necessario que os gentishomens tenham caído pela maior parte dos cavallos abaixo; olhai como vam maltratados.

— E' justamente o que estava observando, disse madama de Cambes.

— Isto recorda-me a volta de Çorbie, disse Pompeu com orgulho; porém daquella vez eu não era do numero dos bravos que voltavão, mas sim do numero dos braves a quem levavão.

— Mas, perguntou Clara com uma certa inquietação ácerca de uma empreza que se apresentava debaixo de tão tristes auspicios; mas aquelles gentishomens não são commandados por alguém? não tem um chefe? Aquelle chefe morreria, pois que não o vemos? olhai.

— Minha senhora, respondeu Pompeu impertigando-se orgulhosamente na sua sella, nada ha mais facil do que reconhecer um chefe no meio da gente que commanda. De ordinario, no

esquadrão, o official marcha no centro com os seus officiaes subalternos; na acção, marcha atraz, ou sobre o flanco da tropa. Lançai pois os olhos para os differentes lugares que desegno, e vós mesmo o julgareis.

— Não vejo nada, Pompeu; mas parece-me que nos seguem; olhai para traz. . . .

— Oh! não, senhora, disse Pompeu tossindo mas sem se voltar com medo de effectivamente vêr alguém. Não, ninguém, mas esperai! o chefe não seria aquelle de pennacho encarnado?. . . . Não. . . . Aquella espada dourada?. . . . Não. . . . Aquelle cavallo malhado, semelhante ao de Mr. de Turenna?. . . . Não. . . . Isto não deixa de ser singular; não ha com tudo perigo algum, e o chefe bem pudera mostrar-se; aqui não é como em Corbie. . . .

— Estais enganado, senhor Pompeu, disse atraz do pobre escudeiro, que esteve a ponto de cair de costas, uma voz estridente, e motejada: estais enganado, é peor do que em Corbie.»

Clara voltou apressadamente a cabeça, e viu a passos de si um cavalleiro de mediana estatura, e em trajos de affectada simplicidade, que olhava para ella com uns pequenos olhos radiantes, e encovados como os da raposa. Com os seus densos cabellos pretos, seus labios delgados, e móveis, sua pallidez biliosa, e sua fronte carregada, aquelle cavalleiro inspirava tristeza em pleno dia; de noite, houvera inspirado terror.

« Senhor principe de Marsillac! exclamou Clara muito agitada. Ah! sêde muito bem vindo, senhor.

— Dizei senhor duque de Larochefoucault,

minha senhora, porque agora que o duque meu pai morreu, herdei o seu nome, debaixo do qual boas ou más, vam inscrever-se as acções da minha vida.

— Vós voltaís?... disse Clara com hesitação.

— Voltamos derrotados, minha senhora.

— Derrotados, oh céus! vós!

— Digo que voltamos derrotados, senhora, porque eu sou pouco fanfarrão por natureza, e porque digo a verdade a mim mesmo, como a digo aos outros: si assim não fóra poderia dizer que voltamos vencedores; mas na realidade fomos derrotados, visto que os nossos projectos acerca de Saumur se malograrão. Cheguei muito tarde; perdemos aquella praça importante, que Jarzé acabava de entregar. D'ora em diante, suppondo que a senhora Princeza tenha Bordeus, como se lhe prometeu, toda a guerra vai concentrar-se na Guienna.

— Mas, senhor, perguntou Clara, se, como me pareceu compreendê-lo, a capitulação teve lugar sem que se disparasse um tiro, o que significa o que vemos, e porque todos esses cavalleiros se acham assim feridos?

— Porque encontrámos algumas tropas reaes, disse Laroche-foucault com uma especie de orgulho, que não pôde dissimular a pesar do imperio que tinha sobre si mesmo.

— E houve combate? perguntou com viveza madama de Cambes.

— Oh! meu Deus, sim, senhora.

— Assim, murmurou a viscondessa, o primeiro sangue francez já foi derramado por France-

zes, e fostes vós, senhor duque, que destes o exemplo!

— Fui eu, senhora!

— Vós, tam socegado, tam frio, e tam sisudo!

— Quando se defende um partido injusto contra mim, algumas vezes, á força de me apaixonar pela razão, torno-me mui pouco razoavel.

— Ao menos não estás ferido?

— Não. Desta vez fui mais feliz do que nas linhas de Paris. Então até julgava ter recebido bastante da guerra civil para me não metter mais nisso. Porém tinha-me enganado. Que quereis? o homem sempre fórma projectos sem consultar a paixão, o unico, e verdadeiro architecto da sua vida, que vem reformar o seu edificio quando não o derriba inteiramente. »

Madama de Cambes sorriu-se; lembrava-se que Mr. de Larochefoucault dissera que, pelos olhos de madama de Longueville, fizera a guerra aos Reis, e a faria aos Deoses.

Este sorriso não escapou ao duque, e não dando tempo á viscondessa de fazer seguir aquelle sorriso do pensamento que a elle dera lugar:

« Mas vós, minha senhora, continuou elle. deixai-me fazer-vos os meus cumprimentos, porque na verdade sois um modelo de valor.

— E porque?

— Como! viajar assim só, com um unico es-
cudeiro, como uma Clorinda ou uma Bradamante. Oh! a proposito, contáram-me a vossa linda conducta em Chantilly. Segundo me referiram, enganastes admiravelmente um pobre diabo de official real..... Victoria facil, não é assim? ajunteu

o duque, com aquelle sorriso, e olhar, que nelle queriam dizer tantas cousas.

— Como assim ? perguntou Clara muito agitada.

— Digo facil. continuou o duque, porque não combatia com armas iguaes com vosco. Todavia uma cousa me admirou na narração que me fizeram daquella aventura. »

E com mais pertinacia do que nunca, o duque cravou os seus olhinhos na viscondessa.

Não havia meio algum para madama de Cambes fazer uma retirada honrosa. Preparou-se por consequencia a uma defeza, que assentou de fazer com todo o vigor que pudesse.

« Fallai, senhor duque, disse ella, qual foi a cousa que vos admirou ?

— A vossa extrema habilidade, senhora, em fazer aquelle pequeno papel comico ; com effeito, si é verdade o que me disseram, o official já tinha visto o vosso escudeiro, e até me parece que a vós mesma. »

Estas ultimas palavras, ainda que proferidas com toda a habilidade circumspecta de um homem de tacto, não deixaram de fazer uma profunda impressão em madama de Cambes.

« Já me tinha visto, senhor, dizeis vós ?

— Tende paciencia, senhora, entendamo-nos não sou eu que o digo ; eu não faço mais do que repetir o que outros dizem, e ao poder deste dizem os Reis estão tam sujeitos como os ultimos dos seus subditos.

— E onde me tinha elle visto ?

— Dizem que foi na estrada de Libourne para Chautilly, em uma aldeã chamada Jaulny ; mas

que a entrevista não fôra longa, tendo o mancebo recebido ordem de Mr. d'Épernon de partir no mesmo instante para Mautes.

— Mas si aquelle gentilhomem me tinha visto, senhor duque, como me reconheceu elle então ?

— Ah ! segundo o famoso *dizem*, de que ainda agora vos fallava, e que para tudo tem a resposta prompta, a cousa era possível, visto que a entrevista tivera lugar nas trévas.

— Desta vez, senhor duque, replicou a viscondessa summamente agitada, já não sei na verdade o que quereis dizer.

— Então, continuou o duque com uma fingida ingenuidade, talvez tenha sido mal informado ; além de que, suppondo que assim seja, que cousa é o encontro de um instante ? Verdade é, senhora, ajuntou cortezmente o duque, que tendes um garbo, e um rosto, que devem deixar uma profunda impressão, ainda que não seja senão depois de um encontro momentaneo.

— Mas isso não era possível, replicou a viscondessa, visto que vós mesmo dizeis que a entrevista teve lugar nas trévas ...

— Tendes razão, senhora, e ha mister confessar que vos defendeis habilmente ; sou eu pois que me engano, a não ser todavia que aquelle mancebo, antes dessa entrevista, vos tivesse já visto ; então a aventura de Jaulnay já não seria exactamente um encontro...

— E que seria então ? respondeu Clara. Ponderai as vossas palavras, senhor duque.

— Por isso, como vêdes, não vou mais longe ; a nossa querida lingua franceza é tam pobre, que debalde procuro uma palavra que exprima a mi-

nha idéa. Será. . . um *appuntamento*, como dizem os Italianos; uma *assignation*, como dizem os Inglezes.

— Mas, se não me engano, senhor duque disse Clara, estas duas palavras se traduzem em francez pela de *rendez vous* (ponto de reunião).

— E então, replicou o duque, não digo eu uma parvoíce em duas linguas estrangeiras, e justamente diante de uma pessoa que entende essas duas linguas? Minha senhora, perdoai-me; a final parece-me que o Inglez, e o Italiano sam tam pobres como o Francez. »

Clara apertou o coração com a mão esquerda para poder respirar mais livremente; estava quasi suffocada; occorria-lhe uma cousa de que sempre desconfiára; e é que Mr. de Laroche-foucault fizera pelo menos em pensamento ou em desejo, por amor della, uma infidelidade a madama de Longueville, e que, se assim fallava, era um sentimento de ciúme que o fazia fallar. Effectivamente, dous annos antes, o principe de Marsillac lhe fizera a côrte tam assiduamente quanto o permittiam aquelle caracter dissimulado, aquellas perpetuas incertezas, e aquelles eternos acanhamentos, que faziam delle o mais ran-coroso inimigo quando não era o amigo mais reconhecido. Por isso é que a viscondessa preferiu não romper abertamente com um homem que tanto tomava a peito os negocios publicos, como os interesses mais familiares.

« Não sabeis, senhor duque, disse ella, que sois um homem precioso. sobre tudo nas circumstancias em que nos achamos, e que o senhor

Mazarin , que se preza de ter uma boa policia, não a tem todavia tam boa como a vossa ?....

— Se eu nada soubesse, minha senhora , replicou o duque de Larocheoucault, parecer-me-hia muito com aquelle querido ministro, e então nen'um motivo teria para fazer-lhe guerra. E por isso é que trato de estar pouco mais ou menos inteirado de tudo.

— Até dos segredos das vossas alliadas, si ellas os tivessem ?

— Acabais de proferir uma palavra que se interpretaria muito mal si a ouvissem : um segredo de mulher. Aquella viagem, e aquelle encontro eram então um segredo ?

— Entendamo-nos, senhor duque, porque não tendes razão sinão em parte. O encontro era um acaso. A viagem era um segredo, e até um segredo de mulheres, visto que na realidade a viagem só de mim era sabida, e da senhora princeza. »

O duque sorriu-se. Esta boa defeza aguçava a sua prespicacia.

« E de Lenet ? disse elle , e de Richon , e de madama de Tourville, e até de um certo visconde de Cambes, que não conheço, e de quem pela primeira vez ouvi fallar naquella occasião ? ... Verdade é que este ultimo sendo vosso irmão, dir-me-heis que o segredo não saiu da familia. »

Clara pôz-se a rir para não irritar o Duque cujas sobrancelhas já via ondular.

« Sabeis vós uma cousa, senhor duque ? disse ella.

— Não, mas dizei-ma; e si é um segredo, senhora, prometto vos que serei tam discreto como vós, e que não direi senão ao meu estado maior.

— Embora assim o façais ; tanto melhor, ainda que com isso eu corra risco de tornar-me inimiga de uma grande princeza, em cujo odio não é bom incorrer. »

O duque cõrou imperceptivelmente.

« Então esse segredo ? disse elle.

— Na viagem que me fizeram empre'ender, não sabeis qual era o companheiro que a senhora princeza me destinava ?

— Não !

— Ereis vós mesmo.

— Com effeito, lembra-me que a senhora princeza me mandára perguntar si podia servir de escolta a uma pessoa que voltava de Libourne para Paris.

— E a isso vos recusastes.

— Achava-me então delidono Poitou por negocios indispensaveis.

— Sim, tinheis que receber os correios de madama de Longueville. »

Larochefoucault olhou com viveza para a viscondessa, como para sondar o intimo do seu coração antes que o rasto dessas palavras tivesse desaparecido, e aproximando-se della :

« Fazeis-me uma censura disso ? replicou elle.

— De maneira nen'uma ; o vosso coração está tam bem collocado naquelle lugar, senhor duque, que em vez de censuras, cumprimentos é que tendes de esperar.

— Ah ! disse o duque suspirando contra sua vontade, oxalá que tivesse feito aquella viagem comvosco !

— E porque ?

— Porque não teria ido a Saumur, respondeu.

o duque em um tom que dava a entender que tinha outra resposta prompta, mas que não ousava ou não queria dá-la.

— Richon é que lhe ha de ter dito tudo, pensou Clara.

— Porém, continuou o duque, não me queixo da minha desgraça privada visto que della resulta uma felicidade publica.

— Quereis dizer, senhor duque? não vos compre'endo.

— Quero dizer que si me tivesse achado com-vosco, não terieis encontrado aquelle official, que a fortuna (tão evidente é que Deus protege a nossa causa) quiz fôsse o mesmo que o Mazarin enviou a Chantilly.

— Ah! senhor duque, disse Clara com uma voz soffocada por uma dolorosa, e recente recordação, não gracieis ácerca daquelle infeliz official!

— Porque? E' alguma pessoa sagrada?

— Deve-o ser agora, porque as grandes desgraças, para os corações nobres, são sagradas como as grandes fortunas. Aquelle official talvez esteja morto a estas horas, senhor, e terá pago o seu erro, ou o seu ardente zelo, com a vida.

— Morto de amor? perguntou o duque.

— Fallemos seriamente, senhor; vós bem sabeis que se desse o meu coração a alguém, não havia de ser ás pessoas que se encontram pelas estradas. Digo-vos que aquelle infeliz foi preso hoje mesmo por ordem do senhor Mazarin.

— Preso! disse o duque; e como sabeis isso? per algum outro novo encontro?

— Oh! meu Deus! sim. Eu passava por Jaulnay... Conheceis vós Jaulnay?....

— Perfeitamente: lá recebi uma cutilada no hombro... Passaveis pois por Jaulnay: além de que, não é nesta mesma aldêa que a narração assegura?....

— Deixemo-nos da narração, senhor duque, respondeu Clara córando. Eu passava pois por Jaulnay, como vos digo, quando vi um tropel de gente armada, que prendiam um homem, e o levavam: esse homem era elle.

— Elle, dizeis vós? Ah! ponderai-o bem, senhora! Vós dissestes *elle*.

— Sim, elle, o official. Oh! meu Deus, senhor duque, como sois profundo! Ponde de parte as vossas finuras, e si não tendes compaixão daquelle infeliz....

— Compaixão, eu! exclamou o duque. Ah! senhora, por ventura tenho eu tempo de ter compaixão, sobre tudo de homens que não conheço?....»

Clara olhou furtivamente para o rosto pallido de Larochefoucault, e para os seus delgados labios arripiados por um sorriso sem irradiação, e não pôde deixar de estremecer.

« Senhora, continuou o duque, desejára ter a honra de escoltar-vos mais longe; porém tenho de deixar uma guarnição em Montrond, desculpai-me pois si de vós me aparto. Vinte gentis-homens, mais felizes do que eu, vos servirão de guarda até que vos tenhais reunido á senhora Princeza, a quem vos peço que tenhais a bondade de apresentar os meus respeitos.

— Não vindes para Bordeus? perguntou Clara.

— Por ora não: vou reunir-me na Turenna com Mr. de Bouillon. Andamos em porfia a qual de nós não será general nesta guerra; o meu contrario é muito forte, porém quero vencel-o, e ficar seu tenente. »

E ditas estas palavras, o duque sandou cortezmente a viscondessa, e tornou a seguir a passo lento o caminho que levava a sua tropa de cavalleiros.

Clara seguiu-o com os olhos murmurando.

« A sua compaixão! eu invocava a sua compaixão! Elle disse bem: não tem tempo para tê-la. »

Viu então um grupo de cavalleiros destacarse para vir ter com ella, e o resto da tropa entrinhar-se no bosque vizinho.

Atraz da tropa ia pensativo, com as rédeas lançadas no pescoço do seu cavallo, aquelle homem de olhar falso, e mãos brancas, que mais tarde inscrevia, no principio das suas memorias esta frase assaz singular em um filosofo moralista:

« Creio que ha mister contentar-se de dar
« mostras de compaixão, mas guardar-se de a
« ter. E' esta uma paixão que para nada é util
« no interior de uma boa alma; que só serve
« para enfraquecer o coração, e que se deve dei-
« xar ao povo, que não executando nunca cou-
« sa alguma pela razão, necessita da paixão,
« para fazer as cousas. »

Dous dias depois, madama de Cambes estava reunida á princeza.

Madama de Cambes tinha muitas vezes pensado instinctivamente no que poderia resultar de um odio como o de Mr. de Larochefoucault;

porém vendo que era joven, bella, rica e válida, não entendia que aquelle odio, suppondo toda via que existisse, pudesse jamais ter uma funesta influencia na sua vida.

Como tudo, quando madama de Cambes soube, sem que de tal pudesse duvidar, que elle se inquietara a seu respeito a ponto de estar inteirado do que sabia, anticipou-se a dar conta disso á Princesa.

« Senhora lhe disse ella em resposta aos cumprimentos que lhe fazia, não me lisonjeieis muito acerca da supposta destreza com que me houve nesta occasião, porque não deixa de haver quem assegure que o official a quem lográmos sabia mui bem ás quantas andava relativamente á verdadeira ou falsa Princeza de Condé.»

Como porém esta supposição tirava á Princesa de Condé a parte de merecimento que julgava haver desenvolvido na execução deste artil, a nada quiz dar credito.

« Sim, sim, minha querida Clara, respondeu elle; sim, muito bem o compre'endo: hoje que o nosso gentilhomen vê que o enganamos, quereria dar a entender que nos favoreceu; por infelicidade sua acordou muito tarde, pois esperou que tivesse decaído da graça para assim o fazer. Mas, a proposito, não me dissestes que tinheis encontrado Mr. de Larochevoucault por esses caminhos?

Sim, senhora.

Que vos contou elle de novo?

Que ia para Turenna a fim de concertar-se com Mr. de Bouillon.

Sim, ha uma luta entre elles, eu bem o sei; affe-

etando recusarem essa honra, andam em competencia, a qual dos dous será generalissimo dos nossos exercitos. Com effeito, quando fizermos a paz quanto mais temivel tiver sido o rebelde, mais direito terá de pagar cara a sua reconciliação. Mas para os pôr de accordo tenho um plano de madama de Tourville.

Oh! oh! disse a viscondessa, sorrindo-se ao ouvir este nome, então Vossa Alteza reconcilou-se com a sua conselheira costumada?

Não houve remedio; foi ter connosco em Montrond, trazendo o seu rolo de papel com uma tal gravidade, que eu, e Lenet não pudemos deixar de rir. « Posto que Vossa Alteza, disse ella, nen'um caso faça destas reflexões, fructo de laboriosas vigalias, venho offerecer o meu tributo á associação generosa.... »

Mas então era um verdadeiro discurso?

Sobre tres pontos.

A qual delles respondeu Vossa Alteza.

— A nenhum, cedi a palavra a Lenet. « Senhora, disse elle, nós nunca duvidamos do vosso zelo, e ainda menos das vossas luzes; saui para nós tam preciosas, que a Senhora Princesa, e eu todos os dias por ella suspiramos.... » Numa palavra, disse-lhe ainda um tropel de cousas tam lindas, que a seduziram a ponto de acabar dando-lhe o seu plano.

— Qual é?....

— Não nomearmos generalissimo nem a Mr. de Bouillon, nem a Mr. de Larochevoucalt, mas sim a Mr. de Turenna.

— Ora pois, disse Clara, parece-me desta vez

que a conselheira aconselhava muito acertadamente; que dizeis a isso, Mr. Lenet?

— Digo que a Senhora viscondessa tem razão, e que vem ajuntar um bom voto mais ás nossas deliberações, respondeu Lenet, que entrava justamente naquella hora com um rôlo de papel, que segurava tam gravemente como o houvera feito madama de Tourville. Infelizmente Mr. de Turenna não pôde ausentar-se do exercito do Norte, e o nosso plano quer que elle marche sobre Paris, quando o Mazarin, e a Rainha marcharem sobre Bordeus.

— Cumpre-vos notar, minha querida amiga, que Lenet é o homem das impossibilidades. Por isso, não é nem Mr. de Buillon, nem Mr. de Larochefoucault, nem Mr. de Turenna que é o nosso generalissimo, é Lenet! Que é isso que Vossa Excellencia alli tem? é alguma proclamação?

— Sim, senhora.

— A de madama de Tourville! bem entendido.

— Sim, senhora; salvo algumas necessidades de redacção. O estilo de chancellaria! bem sabeis?....

— Bom! bom! disse rindo a Princesa: com tanto quelá esteja o espirito, a letra pouco deve importar.

— O espirito aqui está, minha senhora.

— E Mr. de Buillon onde deve assignar?

— Na mesma linha que Mr. de Larochefoucault.

— Isto não é dizer-me onde ha de assignar Mr. de Larochefoucault.

— Mr. de Larochevoucalt ha de assignar abaixo do Senhor Duque de Enghien.

— O Senhor Duque de Enghien não deve assignar um tal papel! Uma criança! ponderai o bem Lenet.

— Tenho-o ponderado, senhora! Quando o Rei morre, o Delfim succede-lhe, ainda que não tenha senão um dia.... Porque não seria o mesmo na casa dos Condés, como na casa de França?

— Mas o que dirá Mr. de Larochevoucalt? O que dirá Mr. de Bouillon?

— O primeiro já disse, senhora, e foi se embora depois de ter dito; o segundo ha de saber a cousa quando ella estiver feita, e por tanto dirá o que quizer, e isso pouco nos importa!

— Eis pois a causa da frieza que o Duque vos testemunhou, Clara!

— Deixai-o frio, senhora, disse Lenet, elle se esquentará com os primeiros tiros de artilharia que nos atirar o marechal de la Meilleraye. Aquelles senhores querem fazer a guerra: façam-na pois!

— Tenhamos todo o cuidado em não descontentá-los demasiado, Lenet, disse a Princeza, não temos sinão elles....

— E elles não tem sinão o vosso nome; façam elles pois o ensaio de se combaterem por sua conta, e vereis quanto tempo se sustentarão; nada de hesitação. »

Havia já alguns segundos que madama de Tourville entrára, e ao ar radiante e alegre do seu rosto, succedêra uma sombra de inquieta-

ção, que ainda augmentou com as últimas palavras do conselheiro seu rival.

Adiantou se com viveza :

« O plano que propuz a Vossa Alteza teria a desgraça, disse ella, de não alcançar a approvação de Mr. Lenet ?

— Pelo contrario, senhora, respondeu Lenet inclinando-se, e até conservei cuidadosamente a maior parte da vossa redacção ; a unica differença é em lugar da proclamação ser assignada pelo Duque de Bouillon, ou pelo Duque de Larochehoucault, será assignada pelo Senhor Duque d'Enghien : os nomes daquelles senhores seguir-se-ham ao do Principe.

— Vós quereis comprometter o joven Principe, senhor ?

— E' muito justo que se comprometa, senhora, visto que por amor d'elle é que combatemos.

— Mas os Bordejelezes amam o Duque de Bouillon, adoram o Duque de Larochehoucault, e nem se quer conhecem o Duque d'Enghien.

— Estais enganada, respondeu Lenet tirando, segundo o seu costume, um papel daquella algibeira, que sempre causava admiração à Senhora Princeza pelo seu conteúdo, pois eis aqui uma carta do senhor presidente de Bordeus, na qual me roga que faça assignar as proclamações pelo joven Duque.

— Ora deixai-vos de parlamentos, Lenet, exclamou a Princeza ; que vantagem nos resultaria de escapar ao poder da Rainha, e do Senhor Mazarin, si tornarmos a cahir no dos parlamentos ?

— Vossa Alteza quer entrar em Bordeus ?
perguntou Lenet.

— Sem duvida.

— Pois essa é a condição *sine qua non* ; não darão um tiro por qualquer outro que não seja o Duque d'Enghien. »

Madama de Tourville mordeu os beiços.

« Visto isso, disse a princeza, fizeste-nos fugir de Chantilly , fizeste-nos correr cento e cincoenta legoas , para que viessemos receber uma affronta dos Bordelezes ? »

— O que tomais por uma affronta, senhora, é uma honra. Que cousa pôde haver, na verdade, mais lisoujeira para a senhora princeza de Condé, do que vêr que a recebem a ella, e não aos outros ?

— Então os Bordelezes nem se quer receberam os dous duques ?

— Só a Vossa Alteza é que receberam.

— O que posso eu fazer só ?

— Ah ! meu Deos , entrai sempre , e quando entrardes deixai as portas abertas, e os mais entrarão atraz de vós.

— Não nos é possível passar sem elles.

— Este é o meu parecer: e dentro de quinze dias será também o parecer do parlamento. Bordeus repelle o vosso exercito, de que tem medo, e daqui a quinze dias chama-lo ha para desfender-se. Tereis então o duplicado merecimento de ter feito duas vezes o que os Bordelezes vos houverem pedido, e então ficai socegada . far-se-ham matar pela vossa causa desde o primeiro até o ultimo.

— Bordeus está pois ameaçada? perguntou madama de Tourville.

— Muito ameaçada, respondeu Lenet; esta a razão porque é indispensavel tomar alli posição. Em quanto lá não estivermos, Bordeus pôde, sem que a sua honra se ache compromettida, recusar abir-nos as suas portas; uma vez que lá estejamos, Bordeus não pôde, sem deshonrar-se, expulsar-nos dos seus muros.

— E quem é que ameaça Bordeus?

— O Rei, a Rainha, e o senhor Mazarin. Neste momento estão recrutando para o exercito real; os nossos inimigos tomam posição; a ilha do Sam Jorge, que só dista umas tres leguas da cidade, acaba de receber um reforço, um abastecimento de munições, e um novo governador. Os Bordelezes tentaram-se apoderar-se da ilha, e é muito natural que levem pelos narizes, visto que tem de medir-se com as melhores tropas do Rei. Bem, e devidamente desancados, como convêm a paizanos que querem fazer as vezes de soldados, chamarám em altos brados pelos duques de Bouillon, e de Larochefoucault. Então, senhora, vós é que tereis esses dous duques nas vossas mãos, e que imporeis as vossas condições aos parlamentos.

— Mas não seria mais acertado dar traça para chamar ao nosso partido aquelle novo governador antes que os Bordelezes tenham soffrido uma derrota, que talvez os desanime?

— Si estiverdes em Bordeus quando essa derrota tiver lugar, nada tereis que temer; quanto a subornar aquelle governador, isso é cousa impossivel.

— Impossivel ! e porque ?

— Porque aquelle governador é um inimigo pessoal de Vossa Alteza.

— Meu inimigo pessoal ?

— Sim, senhora.

— E donde procede a sua inimizade ?

— De que nunca perdoará a Vossa Alteza a logração de que foi victima em Chantilly. Oh ! o senhor Mazarin não é um tolo, como vós o julgais, senhoras. a pezar do que eu não cesse de repetir-vos o contrario ; e a prova disso é que mandou para a ilha de Sam Jorge, isto é para a melhor posição do paiz, advinhai a quem ?

— Eu já vos disse que ignorava completamente quem elle fosse.

— Ora pois, é o tal official, de quem tanto vos tendes rido, e que, por uma inexplicavel incuria, deixou fugir Sua Alteza de Chantilly.

— Mr. de Canolles ! Exclamou Clara.

— Sim, senhora.

— Mr. de Canolles governador da ilha de Sam Jorge !

— Elle mesmo em pessoa.

— Isso não é possivel ! Eu o vi prender, na minha presença, debaixo dos meus olhos.

— E' verdade. Mas deve sem dúvida ser poderosamente protegido, e o seu desvalimento converteu se em valimento.

— E vós que o julgaveis já morto, minha pobre Clara ! disse rindo a princeza.

— Estás vós bem certo disso, senhor ? « perguntou Clara attonita.

Lenet, segundo o seu costume, mettu o mão na famosa algibeira, e della tirou um papel.

« Eis uma carta de Richon, disse elle, que me dá todas as particularidades da posse do novo governador, e na qual me exprime o seu pezar de que Vossa Alteza o não tenha despachado a elle proprio para a ilha de Sam Jorge.

— A senhora princeza despachar Richon para a ilha de Sam Jorge! disse madama de Tourville, com um riso triunfante. Acaso dispomos nós das nomeações de governador para as praças de Sua Magestude?

— Dispunhamos de uma, respondeu Lenet, e era quanto bastava.

— Então de qual?

Madama de Tourville estremeceu vendo que Lenet aproximava a mão da sua algibeira.

« A assignatura em branco do duque d'Epernon! exclamou a princeza, é verdade, não me lembrava della.

— Ora, que vale isso? disse desdenhosamente madama de Tourville; um pedaço de papel, e nada mais.

— Este pedaço de papel, senhora, disse Lenet, é a nomeação que nos era precisa para contrapesar a que acaba de fazer-se. E' o contrapeso da ilha de Sam Jorge, é a nossa salvação, em fim, é alguma outra praça sobre o Dordonha, como a ilha de Sam Jorge sobre o Garona.

— E estais vós certo, replicou Clara, que nada ouvira do que havia cinco minutos estava dizendo, e que só ficára sciente da noticia dada por Lenet, e confirmada por Richon, estais vós certo, senhor, que é o mesmo Canolles que foi preso em Jaulnay, quem agora é governador da ilha de Sam Jorge?

— Tenho toda a certeza disso, senhora.

O senhor Mazarin tem um modo singular, continuou ella, de encaminhar os seus governadores aos seus governos.

— Sim, disse a princeza, e de certo que nisso não deixa de haver algum mysterio.

— Sem dúvida que o ha, disse Lenet; a chave delle talvez no-la possa dar mademoiselle Nanon de Lartigues.

— Nanon de Lartigues! exclamou a viscondessa de Cambes, a quem uma horrivel lembrança acabava de traspassar-lhe o coração.

— Aquella rapariga! disse a princeza com desprezo.

— Sim, senhora, respondeu Lenet. Aquella rapariga que Vossa Alteza não quiz vêr, quando sollicitava ser-vos apresentada, e que a Rainha, menos severa do que vós relativamente ás leis da etiqueta, recebêra; o que foi parte para que ella respondesse ao vosso camarista, que era possível ser Sua Alteza a princeza de Condé senhora de mais distincção do que Anna d'Austria, mas que de certo Anna d'Austria tinha mais prudencia do que a princeza de Condé.

— A memoria não vos ajuda, Lenet, ou, a não ser assim, então quereis poupar-me, exclamou a princeza. Aquella insolente rapariga não se contentou com dizer: « Mais prudencia, » disse tambem: « Mais juizo. »

— E' possível, disse Lenet sorrindo-se. Eu passava pela antecamara naquelle momento, e não ouvi o fim da frase.

— Mas eu, que estava escutando á porta disse a princeza, eu ouvia completamente.

— Então facil vos será de compre'ender, senhora, disse Lenet, que esta mulher é que vos fará a guerra mais encarniçada. A Rainha ter-vos-ia enviado soldados que houvesseis de combater; Nanon mandar-vos-ha inimigos que será preciso esmagar.

— Talvez que no lugar de Sua Alteza, disse com azedume madama de Tourville a Lenet, a tivesses recebido com reverencia?

— Não, senhora, disse Lenet, te-la-ia recebido rindo, e te-la-ia comprado.

— Ora pois, se sómente si trata de comprala, sempre estamos a tempo.

— Sem dúvida, sempre estamos a tempo; com a unica differença, que nesta hora, o preço ha de provavelmente ser muito subido para a nossa boisa.

— Então quanto vale ella? perguntou a princeza.

— Quinhentas mil libras antes da guerra.

— Mas hoje?

— Um milhão.

— Mas por tal preço eu compraria o senhor Mazarin

— E' possível, disse Lenet; as cousas que já tem sido vendidas, e revendidas baixão de preço.

— Mas, disse madama de Tourville, que sempre se inclinava aos meios violentos, si não a pudermos comprar, será necessario lançar mão della!

— Farieis, senhora, um verdadeiro serviço a Sua Alteza, si alcançasseis um tal resultado; porém com difficuldade se alcançaria, visto que absolutamente se ignora onde se acha. Não nos

occupemos porêm agora disso, entremos desde logo em Bordeus, e depois entraremos na ilha de Sam Jorge.

— Não, não, exclamou Clara; entremos primeiro na ilha de Sam Jorge! »

Esta exclamação, saída do fundo do coração da viscondessa, fez que as duas mulheres se voltassem para o seu lado, em quanto Lenet olhava para Clara com tanta attenção, como houvera podido fazer Mr. de Larochevoucault, mas acompanhada de benevolencia.

« Mas tu estás louca, disse a princeza, bem vêes que Lenet diz que a praça é inconquistavel.

— Isso é possível, disse Clara; porêm eu creio que a tomaremos.

— Terieis algum plano? disse madama de Tourville com o ar de uma mulher que receia vêr levantar altar contra altar.

— Talvez, disse Clara.

— Mas, disse a princeza rindo, si a ilha de Sam Jorge tem de custar tão cara como diz Lenet, talvez não sejamos assaz ricos?

— Não se comprará, disse Clara, e todavia della nos apoderaremos, como si a tivéssemos comprado.

— Por meio da força então, disse madama de Tourville, minha querida amiga, vós adoptais o meu plano.

— E' isso, disse a Princeza. Ordenaremos a Richon que vá sítiar Sam Jorge; elle é desta terra, conhece as localidades, e si ha alguem que seja capaz de tomar aquella fortaleza, que julgais ser tam importante, é elle!

— Antes de tentar este meio, disse Clara,

Deixai-me tentar a aventura, Senhora! E si eu fôr mal succedida, então fareis o que entenderdes.

— Como, disse a Princeza admirada, atrever-te-has a ir á ilha de Sam Jorge?

— Eu lá irei.

— Só?

— Acompanhada de Pompeo.

— E não receias cousa nenhuma?

— Irei como parlamentar, si todavia Vossa Alteza quizer encarregar-me das suas instrucções.

— Ah! eis uma cousa muito nova, exclamou madama de Tourville; a mim parece-me que os diplomaticos não se improvisam deste modo, e que é preciso fazer-se um longo estudo daquella sciencia, que Mr. de Tourville, um dos melhores diplomaticos da sua época, assim como era um dos melhores guerreiros, entendia que era a mais difficil de todas.

— Seja qual fôr a minha insufficiencia, Senhora, respondeu Clara, farei com tudo a experiencia, se a Senhora Princeza se dignar de mo permittir

— Sem dúvida alguma que a Senhora Princeza vo-lo permittirá, disse Lenet lançando um olhar á Princeza de Condé, e estou convencido que si ha no mundo alguma pessoa que possa sahir-se bem de uma tal negociação sois vós...

— Então que fará a senhora que outrem não possa fazer?

— Entrará francamente em ajuste com Mr. de Canolles, o que um homem não poderia tentar sem correr o risco de ser lançado pelas janelas

— Um homem passe, replicou madama de Tourville, mas uma mulher. . . .

— Si uma mulher é que vai á ilha de Sam Jorge, disse Lenet, tanto vale, e até vale mais que seja a senhora do que outra, visto que foi a primeira a quem occorreu a idéa. »

Neste momento um mensageiro entrou no aposento da Princeza. Era portador de uma carta do parlamento de Bordeus.

« Ah! exclamou a Princeza, é sem d'úvida a resposta à minha requisição. »

As duas mulheres aproximáram-se, movidas por um sentimento de curiosidade, e interesse. Quanto a Lenet, ficou no mesmo lugar com a sua costumada fleuma, sabendo sem d'úvida de antemão o que continha a carta.

A Princeza lêo avidamente.

« Querem-me, chamam-me, esperam-me! exclamou ella.

— Ah! disse madama de Tourville com um accento de triumpho.

— Mas os Duques, Senhora? disse Lenet, mas o exercito?

— Não dizem palavra a este respeito.

— Então ficamos sem fortaleza, disse madama de Tourville.

— Não, disse a Duqueza, porque, graças á assignatura em branco do Duque d'Epemon, eu terei Vayres que domina o Dordonha.

E eu, disse Clara, terei Sam Jorge, que e a chave do Garona

E eu, disse Lenet, terei os Duques, e o exercito, si todavia me derdes tempo para isso. »

Dous dias depois chegaram á vista de Ber-

deus : tratava-se de decidir finalmente o modo como se entraria na cidade. Os Duques com o seu exercito, já se não achavam sinão na distancia de dez legoas pouco mais ou menos ; podia-se pois igualmente tentar a entrada, ou pacificamente, ou por força. O que importava era saber o que mais convinha, si commandar em Bordeus, si obedecer ao parlamento. A Senhora Princeza convocou o seu conselho, que se compunha de madama de Tourville, de Clara, das suas damas, e de Lenet. Madama de Tourville, que conhecia o seu antagonista, insistira muito em que elle não assistisse ao conselho, visto que a guerra era uma Guerra de Mulheres, na qual se não serviam dos homens mais que para combater. Porêm a Senhora Princeza declarou que acompanhando a Lenet por ordem do Principe seu marido, não podia excluí-lo da sala das deliberações, na qual de mais disso a sua presença não teria importancia alguma, visto que de antemão se assentára que poderia dizer o que quizesse, mas que não lhe dariam ouvidos.

A precaução de madama de Tourville não era uma precaução inutil ; tinha empregado os dous dias de marcha que acabavam de passar-se, em convencer a Senhora Princeza da utilidade que lhe resultaria das idéas bellicosas, para as quaes infelizmente já tinha muita inclinação, e temia que Lenet não viesse ainda destruir toda a sua obra tam laboriosamente edificada.

Com effeito, reunindo o conselho, madama de Tourville expôz o seu plano, o qual consistia em mandar chamar secretamente os Du-

ques, e o seu exercito, alcançar por força, ou amigavelmente, um certo numero de barcos, e entrar em Bordeus, baixando pelo rio, e gritando: « Vivam os Bordelezes! Viva Condé! Fora Mazarin! »

Desta maneira a entrada da Senhora Princeza tornava-se n'uma verdadeira entrada triumphal, e madama de Tourville, por um caminho desviado, e obliquo, via pôr-se em prática o seu famoso projecto de apoderar-se de Bordeus por força, e assustar deste modo a Rainha com um exercito, cujo primeiro ensaio seria uma empreza tam brilhante.

Lenet aprovou todas as cousas com a cabeça, interrompendo a madama de Tourville com exclamações de admirção; depois, logo que ella acabou de expôr o seu plano:

« Isto tudo é magnifico. senhora! disse elle: agora dignai-vos de resumir quanto tendes dito.

— E' cousa facil, e fa-lo-ei em duas palavras, disse a boa da senhora triunfante, e animando-se a si mesma para frzer a sua narração: no meio do granizo das ballas, do toque dos sinos, e dos gritos de furro, ou de amor das povoações, ver-se-ham debeis mulheres proseguirem intrépidamente a sua generosa missão; ver-se-ha uma criança nos braços de sua mãe fazer supplicas ao parlamento para alcançar a sua protecção. Este tocante espectáculo não deixará de enternecer as almas mais ferozes. Deste modo venceremos em parte pela força, em parte pela justiça de nossa causa; o que a meu vêr, é o fim que se propõe sua alteza a senhora princeza. . . . »

O resumo fez ainda mais effeito do que o discurso: a senhora princeza applaudio: Clara, a quem o desejo de ser nomeada parlamentaria para a ilha de Sam Jorge aguilhoava cada vez mais, tambem applaudio; finalmente Lenet fez mais do que applaudir, foi pegar na mão de madama de Tourville, e apertando-a com tanto respeito como sensibilidade:

— Senhora, exclamou elle, ainda que não soubera quão grande é a vossa prudencia, quanto conheceis cabalmente, ou por instincto, ou por estudo, o como não o sei dizer, a grande questao civil, e militar que nos occupa, eu disse ficaria de certo convencido agora, e me prostaria diante da mais util conselheira que sua alteza possa jamais encontrar. . . .

— Não é verdade, Lenet, disse a princeza, que eis uma linda cousa? Tambem sou do mesmo parecer. Depressa, vamos, Vialas, ponha-se ao senhor duque d'Enghien o espadim que lhe mandei fazer, assim como seu capacete, e a sua armadura.

— Sim! Vialas, não percais tempo. Mas ainda uma palavra antes disso, senhora, disse Lenet, em quanto madama de Tourville, que logo se empantufára de orgulho, principiava a tornar-se sombria, visto o perfeito conhecimento que tinha das subtilzas de Lenet:

— Ora pois, disse a Princeza, vejamos! Que mais temos?

— Nada, senhora, com toda a certeza; pois nunca jámais se apresentou cousa alguma, que estivesse em melhor harmonia com o genio de

tima Princeza Augusta como vós sois, e um tal parecer só da vossa casa podia proceder.

Estas palavras deram lugar a que de novo se empavonasse madama de Tourville, e chamáram de novo o sorriso aos labios da Princeza, que principiava a franzir as sobrancelhas.

— Mas, senhora, continuou Lenet, cujo olhar observava o effeito desse terrivel *mas* no rosto da sua figadal inimiga, ao mesmo tempo que adopto, não direi sem repugnancia, mas com enthusiasmo, este plano, o unico que seja conveniente, proporei uma leve modificação. »

Madama de Tourville deu meia volta sobre si mesma, empertigando-se toda, e aprestando-se para a defeza. As sobrancelhas da senhora Princeza se franziram.

Lenet inclinou-se, e fez signal com a mão indicando que pedia licença para continuar.

— O som dos sinos, os gritos de amor das povoações, disse elle, cumulam-me de antemão de uma alegria que não posso exprimir. Porém não estou tão socegado, quanto o quizera estar. ácerca do granizo de balas de que a senhora fallou.

Madama de Tourville empertigou-se tomando um ar marcial. Lenet ainda mais se inclinou, e continuou abaixando a voz meio tom :

— Na realidade que seria admiravel ver uma mulher, e seu filho, serenos no meio daquella tempestade, que espanta ordinariamente os mesmos homens. Mas eu recearia que uma daquellas balas, ferindo cegamente, segundo o costume das cousas brutas, e sem intelligencia, não dêsse razão contra nós ao senhor Mazarin,

e não malograsse o nosso plano, aliás tam magnifico. Sou de parecer, como disse com tanta eloquencia madama de Tourville, que vejam o joven Principe, e sua augusta mãe abrirem caminho até ao parlamento, mas isto por meio de súplica, e não pelas armas. Penso finalmente, que será cousa mais bella enternecer assim as almas mais ferozes, do que vencer de outra maneira os corações mais fortes. Penso finalmente, que um dos dous meios offerece muito maior probabilidade de feliz successo, do que o outro, e que o fim da senhora Princeza é, primeiro que tudo, entrar em Bordens. Ora declaro, que no meu entender nada ha menos certo do que aquella entrada si dermos batalha. . . .

— Vós vereis, disse com azedume madama de Tourville, que o senhor, segundo o seu costume, vai derribar o meu plano pedra por pedra, e propôr com toda a docura outro plano da sua fabrica, em lugar do meu.

— Eu ! exclamou Lenet, em quanto a Princeza socegava madama de Tourville com um sorriso, e com um volver d'olhos, eu, que sou o mais ardente dos vossos admiradores ; não ! mil vezes não ! Mas eu sei que, vindo de Blaye, entrou na cidade um official de Sua Magestade, chamado Mr. Dalvimar, cuja commissão é sublevar o povo contra sua alteza. E digo que si o senhor Mazarin puder acabar a guerra de um só golpe, assim o fará. Eis a razão porque muito me assusta aquelle granizo de balas, de que ainda agora fallava madama de Tourville, e entre ellas, talvez que ainda maior susto tenha

das balas intelligentes, do que das balas brutas, e sem razão.

Esta ultima allocução de Lenet pareceu fazer reflectir a Princeza.

Sempre sabeis tudo, Mr. Lenet, respondeu com uma voz tremula de raiva madama de Tourville.

— Uma boa accção mui encarniçada teria todavia sido bonita, disse endireitando-se, e fazendo tregeitos como si estivesse em uma sala de armas, o capitão das guardas, antigo soldado, confiado nas idéas da sua força, e que esperava elevar-se muito si houvesse combate.

Lenet pisou-lhe com força o pé, ao mesmo tempo que o contemplava com o mais amavel sorriso.

Sim capitão, disse elle, mas tambem pensais, não é verdade, que a salvação do duque d'Enghien é necessaria á nossa causa, e que morto elle, ou prisioneiro, o verdadeiro generalissimo do exercito dos Principes está prisioneiro, ou morto?

O capitão dos guardas, que sabia que o titulo pomposo de generalissimo, dado na apparencia a um principe de sete annos, fazia-o a elle na realidade primeiro brigadeiro do exercito, conheceu a tolice que acabava de fazer, e renunciando á sua proposição, apoiou com ardor o parecer de Lenet.

Entretanto, madama de Tourville tinha-se aproximado da princeza, e fallara-lhe em voz baixa. Lenet viu que teria de sustentar uma nova luta. Couo effeito, voltando-se do seu lado:

— Não deixa todavia de ser muito estranho,

disse Sua Alteza com enfado, que se desfaça com tanto encarniçamento o que estava tão bem feito.

— Sua Alteza está enganada, disse Lenet. Nunca tive encarniçamento nos conselhos que tive a honra de dar-lhe, e se desfaço é para re-fazer. Se, apesar das razões que tenho a honra de ponderar a Vossa Alteza, sempre quizer fazer-se matar com o senhor seu filho, pôde fazel-o, e nós morreremos ao seu lado: isto é cousa facil de fazer-se, e o primeiro criado do vosso séquito, ou o ultimo dos farroupilhas da cidade fará outro tanto. Porém se quizermos ser bem succedidos apesar de Mazariu, apesar da Rainha, apesar dos parlamentos, apesar de mademoiselle Nanon de Lartigues, finalmente apesar das contrariedades inseparaveis da fraqueza a que nos achamos reduzidos, eis, a meu vêr, o que nos cumpre fazer. . . .

— Senhor, exclamou impetuosamente madama de Tourville, agarrando-se à ultima frase de Lenet, senhor, não ha fraqueza onde se acha o nome de Condé, de uma parte, e dous mil soldados de Rocroy, de Nordlingue, e de Lens, da outra; e si, apesar disso, ha fraqueza, estamos perdidos de todos os modos, e não ha de ser o vosso plano, por magnifico que seja, que haja de salvar-nos.

— Li, minha senhora, respondeu com serenidade Lenet, saboreando-se d'antemão no effeito que ia produzir na Princeza, que a seu pezar estava attenta; li, que a viuva de um dos mais illustres Romanos, no reinado de Tiberio, que a generosa Agrippina, a quem a perseguição acabava de roubar Germanico, seu esposo,

princeza que podia sublevar á sua vontade um exercito ainda palpitante com a recordação do general morto, preferiu entrar em Brindes só, atravessar a Apulia, e Campania, vestida de luto, levando pela mão duas crianças, e ir caminhando assim pallida, com os olhos vermelhos de lagrimas, a cabeça baixa, em quanto os meninos soluçavam, e imploravam com o seu olhar. . . . que então todos quantos os viam, e havia mais de dois milhoes de Brindes a Roma, se debulharam em lagrimas, romperam em imprecacões, e ameaças, e que a causa daquella mulher se ganhara, não sómente perante Roma, mas perante toda a Italia, não sómente aos olhos dos seus contemporaneos, mas aos da posteridade, pois não achou resistencia nenhuma aos seus planos, e aos seus gemidos, ao mesmo tempo que ás lanças teria visto opporem-se as lanças, e ás espadas as espadas. Parece-me que a similhaça é grande entre Sua Alteza, e Agrippina, entre o senhor principe, e Germanico, finalmente entre Pisão, ministro perseguidor, e envenenador, e o senhor Mazarin. Ora, sendo a similhaça identica, sendo a situaçaõ igual, peço que o proceder o seja tambem, porque no meu entender, é impossivel que o que produziu tão bom effeito em uma época, não o prodaza em outra. . . . »

Um sorriso de approvaçaõ alegrou o semblante da princeza, e assegurou a Lenet o triumpho da sua allocuçãõ. Madama de Tourville foi entrincheirar-se no angulo da salla, encobrendo-se como uma estatua antiga, madama de Cambes que encontrara um amigo em Lenet, indemnizou-o do apoio que lhe elle dera, appoyando

com a cabeça; o capitão chorava como um tribuno militar, e o pequeno duque d'Enghien exclamou:

« Maman! vós me levareis pela mão, e me vestireis de luto!

— Sim meu filho, respondeu a princeza. Lenet, vós bem sabeis que sempre foi minha intenção apresentar-me aos Bordelezes vestida de preto.

— Tanto mais, disse em voz baixa madama de Cambes, que o preto assenta muito bem em Vossa Alteza.

— Caluda! minha pequena, disse a princeza, madama de Tourville apregoal-o-ha em alta voz sem que vós nem sequer o digais em voz baixa. »

O programma da entrada em Bordens foi pois arranjado em conformidade da proposta de Lenet. As damas da escolta receberam ordem de preparar-se. O joyen príncipe foi ataviado de um vestido branco guarnecido de passamanes pretos, e o seu chapéu estava coberto de plumas brancas e pretas. Quanto á princeza, affectando a maior simplicidade, afim de assimilar-se a Agrippina, a quem resolvera imitar em tudo, vestiu-se de preto sem joias algumas.

Lenet, empresario da festa, fazia quanto lhe era possível para que fosse esplendida. A casa que habitava n'uma pequena cidade, situada a duas leguas de Bordens, estava cheia de partidarios da Princeza, os quaes, antes que a fizessem entrar em Bordens, queriam saber que genero de entrada lhe seria mais agradavel, Lenet, como um director de theatros modernos, aconselhou-lhes as flores, as aclamações, e os repi-

ques; depois, para fazer a vontade á bellicosã madama de Tourville, propôz algumas salvas de artilharia.

No dia seguinte 31 de Maio, por convite do parlamento, a Princeza pôz-se em marcha. Um certo Lavie, advogado geral no parlamento, e partidario acerrimo do senhor Mazarin, mandára fechar as portas na antevespera para impedir que a Princeza fosse recebida caso se apresentasse; porém, por outro lado, os partidarios de Condé não se tinham descuidado, e naquella mesma manhã o povo excitado por elles, havia-se reunido aos gritos de: « Viva a senhora princeza! Viva o senhor duque d'Enghien! » e arrombára as portas ás machadadas; de sorte que a final nada se oppunha já áquella famosa entrada, que deste modo tinha todo o character de um triumpho. Os observadores podiamde mais disso achar nestes dous acontecimentos a inspiração dos chefes dos dous partidos, em que estava dividida a cidade; visto que Lavie recebia directamente os conselhos do duque d'Epemon, e o povo tinha os seus metores queeram a aconselhados por Lenet.

Assim que a Princeza franqueou a porta, a scena preparada desde muito tempo, teve lugar em proporções gigantescas. A salva militar foi dada pelos vasos que se achavam no porto, e a artilharia da cidade a ella correspondeu. As flores caíam das janellas, ou atravessavam as ruas em grinaldas, de modo que a calçada estava alastrada de flores que embalsamavam o ar: as aclamações, e os vivas eram dados por trinta mil zelosos partidarios de todas as idades, e de am-

hos os sexos, que sentiam o seu enthusiasmo augmentar-se com o interesse que inspiravão a Princeza, e seu filho, e com o odio que tinham a Mazarin

Quanto ao mais, o pequeno duque d'Enghien foi o mais habil actor de toda esta scena. A Princeza renunciára conduzi-lo pela mão com receio de que se fatigasse, ou ficasse sepultado debaixo das rosas; era por conseguinte levado ao collo pelo seu gentil-homem, de maneira que tendo as mãos desembaraçadas, enviava beijos para a direita, e para a esquerda, e tirava graciosamente o seu chapéu de plumas.

O povo bordelez com facilidade se embriaga; o enthusiasmo das mulheres tanto subiu de ponto, que se tornou em uma adoração frenetica daquelle lindo menino que chorava com tanta graça; os magistrados velhos commoverão-se ouvindo as palavras do pequeno orador, que dizia: « Senhores, servi-me de pai, visto que o senhor Cardinal me tirou o meu. »

Debalde quizeram os partitarios do ministro tentar alguma opposição, os punhos, as pedras, e até as albardas obrigaram-nos a ter prudencia e tiveram de resignar-se a deixar o campo livre aos triumphadores.

Com tudo, madama de Cambes, pallida, e grave, marchando atraz da Princeza, não deixava tambem de atrair as vistas do publico. Não pensava ella em tanta gloria sem se affligir interiormente de que o successo de hoje faria talvez esquecer a resolução da vespera. Achava-se pois naquelle caminho, empuxada pelos adoradores, pisada, e magoada pelo povo, inundada

de flores, e de respeitosos afagos, tremendo de ser levada em triumpho, como certos gritos pareciam annunciá-lo à senhora Princeza, ao duque d'Enghien, e ao seu sequito, quando pondo os olhos em Lenet, que á vista do aperto em que ella se achava, lhe offerencia a mão para ajudá-la a metter-se n'uma carruagem, ella lhe disse, respondendo ao seu proprio pensamento :

« Ah ! sois muito feliz, Mr. Lenet ; vós fazeis prevalecer os vossos pareceres em todas as cousas, e sam sempre estes os que se seguem. Verdade é, acrescentou ella, que sam bons, e que se dam bem com elles. . . .

— Parece-me senhora, respondeu Lenet, que não tendes razão de queixa, visto que o unico que destes foi adoptado.

— Como ?

— Não se conveio em que tentarieis dar-nos a posse da ilha de Sam Jorge ?

— Sim, mas quando me permittirão que saia a campo ?

— Amanhã mesmo, se me prometteis de ser mal succedida.

— Ficai socegado ; demasiado receio de cumprir as vossas intenções.

— Tanto melhor.

— Não vos posso comprender.

— Precisamos da resistencia da ilha de Sam Jorge para alcançar dos Bordalezes os nossos dous duques, e as suas tropas, que devo confessá-lo, ainda que a minha opinião ácerca deste ponto se aproxime da de madam a de Tourville, parecem-me eminentemente necessarios nas circumstancias em que nos achamos.

— Sem dúvida, respondeu Clara, porém ainda que não tenha na arte da guerra os conhecimentos de madama de Tourville, parece-me que si não deve atacar uma praça, sem primeiro lhe intimar que se renda.

— O que dizeis é exactissimo.

— Então ha de mandar-se um parlamentario á ilha de Sam Jorge?

— Isso não soffre a minima dúvida.

— Peço pois que seja eu esse parlamentario. »

Os olhos de Lenet dilatáram-se de surpresa.
« Vós! disse elle, vós! Pelo que vejo, todas as nossas damas se tornáram amazonas?

— Desculpai-me este capricho, meu querido Mr. Lenet.

— Tendes razão. O peor que a final nos possa acontecer, será que tomeis Sam Jorge.

— Então está dito?

— Sim, senhora.

— Mas promettei-me uma cousa.

— Qual?

— Que ninguem saberá o nome, nem a qualidade do parlamentario que tiverdes, enviado, sinão no caso que esse parlamentario tenha sido bem succedido.

— Convenho nisso, disse Lenet, dando a mão a madama de Cambes.

— E quando é que partirei?...

— Quando quizerdes.

— A'manhã.

— Seja embora ámanhã.

— Muito bem. Agora eis a senhora Princeza que vai subir com o senhor seu filho ao terrado do presidente Lallasne. Deixo a minha parte

de triumpho a madama de Tourville. Desculpar-me-eis com sua alteza, debaixo do pretexto de que estou indisposta. Mandai-me acompanhar ao alojamento que me preparáram: vou fazer os meus preparativos, e reflectir na minha commissão, que não deixa de inquietar-me, visto que é a primeira deste genero que tenho de desempenhar, e tudo, segundo se diz depende de boa estréa.

— Agora, disse Lenet, já me não admira que Mr. de Larocheoucault tenha estado a ponto de fazer, por amor de vós, uma infidelidade a madama de Longueville; valeis tanto como ella em certas cousas, e muito mais em outras.

— E' possível, disse Clara, e não rejeito inteiramente o cumprimento; porém si tendes algum imperio sobre Mr. de Larocheoucault, meu querido Mr. Lenet, firmai-o no seu primeiro amor, porque o segundo mette-me medo!

— Ora pois, trataremos disso, disse Lenet sorrindo-se; esta noite dar-vos-hei as vossas instrucções.

— Consentis pois em que eu vá tomar Sam Jorge?

— Não posso deixar de assim o fazer, visto que o desejaís.

— E os dous duques, e o exercito?

— Tenho na minha algibeira outro meio de fazer que venham para aqui. »

E Lenet, depois de ter dado o numero da morada de madama de Cambes ao cocheiro, despedio-se della sorrindo-se, e foi ter com a Princeza.

Ao outro dia da entrada da Princeza em Bor-

deus, havia um grande jantar na ilha de San Jorge, tendo Canolles convidado aos principaes officios da guarnição, e aos outros governadores de praças da provincia.

A's duas horas depois do meio dia, hora determinada para principiar o jantar, Canolles achava-se rodeado de uma duzia de gentis homens, que, pela maior parte, via a primeira vez, e que, referindo o grande acontecimento da vespera, e gracejando ácerca das damas que acompanhavam a Princeza, pouco se assemelhavam a homens que estavam para entrar em campanha, e a quem se achavam confiados os mais sérios interesses do reino.

Canolles radiante, Canolles magnifico com a sua farda dourada, ainda mais animava aquella alegria com o seu exemplo. Era chegada a hora do servir o jantar.

— Senhores, disse elle, peço-vos desculpa, mas ainda nos falta um convidado.

— Qual? perguntáram os mancebos olhando uns para os outros.

— O governador de Vayres, a quem escrevi, posto que o não conheça, e que, por isso mesmo que o não conheço, tem direito a algumas atenções. Peço-vos pois que me concedais uma dilação de meia hora.

— O governador de Vayres! disse um antigo official, acostumado sem dúvida á regularidade militar, e a quem esta demora arrancou um suspiro; o governador de Vayres! mas esperai, si não me engano, é o marquez de Bernay; porém elle não é quem ali commanda, mas sim o seu lugar-tenente.

— Então, disse Canolles, não virá, ou o seu lugar-tenente virá fazer as suas vezes. Quanto a elle, ha de sem dúvida estar na côrte, que é o lugar do validos,

— Mas, senhor barão, disse um dos circunstantes, parece-me que não é necessario estar na côrte para adiantar-se, e eu conheço um commandante que nenhuma razão tem de queixar-se. Em trez mezes capitão, tenente coronel, governador da ilha de Sam Jorge! Parece-me que o não tem feito mal, nisso deveis convir!

— E eu nisso convenho, disse Canolles cõrando, e como não sei a que attribuir semelhantes favores, tenho na verdade, de confessar que na miuha casa ha algum bom genio, pois si não fõra, não poderia prosperar tanto.

— Conhecemos o bom genio do senhor governador, disse incinando-se o tenente que introduzira Canolles na fortaleza: é o seu merecimento.

— Não lhe disputo o merecimento, antes pelo contrario, respondeu outro official, sou o primeiro em reconhecê-lo. Porém a este merecimento ajuntaria a recommendação de certa senhora, a mais espirituosa, a mais bemfazeja, a mais amavel da França, depois da Rainha, bem entendido.

— Nada de equívocos, senhor conde, disse Canolles sorrindo se para o novo interlocutor: se tendes segredos vossos, amigos, guardai-os para vós; si sam dos amigos, guardai-os para elles.

— Confesso, disse um official, que quando ouvi fallar de demora, pensei que nos iam pe-

dir desculpa a favor de alguma refulgente dama. Vejo porêm agora que me tinha enganado.

— Então havemos de jantar sem mulheres? perguntou outro.

— Na realidade, a não ser que convide a senhora princeza, e o seu sequito, disse Canolles, não sei quem aqui poderíamos ter; além de que não nos esqueçamos senhores, que o nosso jantar é um jantar serio: si quizermos fallar de negocios, pelo menos só a nós seremos importunos.

— Muito bem dito, senhor commandante, a pezar de que, si com effeito a isso não obstar-mos, as mulheres fazem neste momento uma verdadeira Cruzada contra a nossa authoridade: e para prova disto, basta o que dizia diante de mim o cardeal a Dom Luiz de Haro.

— Então que lhe dizia? perguntou Canolles.

— Vós sois muito felizes! As mulheres de Hespanha não se occupam sinão de dinheiro, de garridice, e de amantes, ao mesmo tempo que as mulheres de França já não tomam um amante sem o terem sondado ácerca da questão politica, e tanto assim é, accrescentou elle com ar desesperado, que nas conferencias amorosas o que hoje se trata sériamente, sam os negocios de governo.

— E por isso, disse Canolles, a guerra que fazemos se chama a guerra das mulheres; o que não deixa de ser lisonjeiro para nós.

Neste momento, como a meia hora de demora pedida por Canolles tinha passado, a porta se abriu, e apparecendo um laçao, annunciou que o jantar estava servido.

Canolles pediu aos seus convidados que o

seguissem; mas quando se punham em marcha ouviu-se outro annuncio na antecamara:

— O senhor governador de Vayres!

— Ah! ah! disse Canolles; isto é muito de estimar da sua parte.

E deu um passo para ir encontrar-se com o collega que não conhecia. Porém repentinamente, recuando sobresaltado:

— Richon! exclamou elle: Richon governador de Vayres!

— Eu mesmo, meu querido barão, respondeu Richon, conservando, apesar da sua affabilidade o ar grave que lhe era habitual.

— Ah! tanto melhor, mil vezes melhor! disse Canolles apertando-lhe cordialmente a mão. Senhores, ajuntou elle, não conheceis o senhor, mas eu conheço-o, e digo em alta voz que não se podia confiar um emprego de importancia a um homem mais honrado.

Richon volveu em torno de si o seu olhar activo, como o de uma aguia que escuta, e não vendo em todos os olhos uma leve surpresa acompanhada de muita benevolencia:

« Meu querido barão, disse elle, agora que tam francamente respondestes por mim, peço-vos que me apresenteis áquelles destes senhores que não tenho a honra de conhecer.

E Richon indicou com os olhos tres ou quatro gentishomens para quem era com effeito inteiramente extranho.

Houve então uma troca de altas civilidades, que davam um character tam nobre, e tam amigavel ao mesmo tempo, a todas as relações daquella época. Richon, passado um quarto de

hora, já era amigo de todos aquelles jovens officiaes, e podia pedir a cada um delles a sua espada, ou a sua bolsa. O que tanto o abonava era o seu valor bem conhecido, a sua reputação sem mancha, e a sua nobreza pintada nos seus olhos.

— E' preciso confessar, meus senhores, disse o governador de Braunes, que apesar de ser um eclesiastico, o senhor Mazarin sabe conhecer os homens de guerra, e obra com acerto de algum tempo a esta parte. Fareja a guerra, e escolhe os seus governadores: Canolles aqui, e Richon em Vayres.

— Combater-se-ha acaso? perguntou Richon como por de mais.

— Se se combaterá? respondeu um mancebo que chegava directamente da côrte. Vós perguntais se se combaterá, Mr. Richon?

— Sim.

— Ora pois, eu perguntar-vos-ei em que estado estão os vossos bastiões?

— Estão quasi novos, senhor; pois achando-me na praça ha só tres dias, mandei fazer mais reparos do que se tinham feito em tres annos.

— Pois sabei que não tardaram a estrear-se, respondeu o mancebo.

— Tanto melhor, disse Richon; que podem desejar os guerreiros? a guerra.

— Bom, disse Canolles, o Rei pôde agora dormir socegradamente, porque tem os Bordelezes enfreados pelos seus dous rios.

— O facto é, disse Richon, que aquelle que allí me collocou pôde contar comigo.

— E desde quando dizeis vós, senhor, que estais em Vayres ?

— Ha tres dias; e vós, Canolles, quanto tempo ha que estais em Sam Jorge ?

— Ha oito. Fizeram vos acaso uma recepção como a mim, Richon ? A minha entrada aqui foi esplendida, e na verdade, ainda não dei os devidos agradecimentos a estes senhores ; tive repiques, tambores, e vivas ; só faltou a artilharia ; mas promettem-ma dentro de poucos dias, e isso me consola.

— Ora pois, disse Richon, eis a differença que houve entre nós ambos : a recepção que me fizeram foi tão modesta como a vossa magnifica ; eu tinha recebido ordem de introduzir na praça cem homens do regimento de Turena, e não sabia como nella os havia de introduzir, quando a minha nomeação me chegou ás mãos em Saint-Pierre, onde eu estava, assignada por Mr. d'Épernon. Parti immediatamente, entreguei a minha carta ao tenente, e sem tambor nem trombeta, tomei posse da praça. Agora nella me acho. »

Canolles, que ao principio ria, sentiu, pelo accento com que estas ultimas palavras erão pronunciadas, apertar-se-lhe o coração debaixo do peso de um sinistro presentimento.

— E estais alojado em casa vossa ? lhe perguntou elle.

— Preparo-me para isso, disse Richon soccadamente.

— E quantos homens tendes ? perguntou Canolles.

— Em primeiro lugar cem homens do regi-

mento de Turenna, antigos soldados de Rocroy, com os quaes se pôde contar; além disso uma companhia que fórmei na cidade e que vou exercitando á medida que os alistados vem ter comigo: burguezes, mancebos, obreiros, duzentos homens pouco mais ou menos: finalmente espero um reforço de cem ou cento e cincoenta homens recrutados pelo capitão da terra.

— O capitão Ramblay? perguntou um dos convidados.

— Não, o capitão Cauvignac, respondeu Richon.

— Não o conheço, disserão varias vozes.

— Eu conheço-o, disse Canelles.

— E' um realista decidido?

— Não me atreveria a asseveral-o. Com tudo tenho razões para crêr que o capitão Cauvignac é creatura de Mr. d'Epernon, e que é muito affeçoado ao duque.

— Então isto responde á pergunta: quem é affeçoado ao duque, é-o a Sua Magestade.

— E' algum batedor da vanguarda do Rei, disse o antigo official, que na mesa se desforrava do tempo que perdera a esperar. Eu ouvi falar neste sentido.

— Dar-se-ha caso que Sua Magestade esteja em caminho? perguntou Richon com a sua costumada tranquillidade.

— A esta hora, respondeu o mancebo que vinha da côrte, o Rei deve estar pelo menos em Blois.

— Estais certo disso? . . .

— Certissimo. O exercito hade ser commandado pelo marechal de la Meilleraye, que deve

fazer a sua junção nestes arredores com o senhor duque d'Epéron.

— Em Sam Jorge, talvez? disse Canolles.

— Ou antes em Vayres, disse Richon; Mr. de la Meilleraye vem de Bretanha, e Vayres fica-lhe no caminho.

— Aquelle que sustentar o choque dos dous exercitos arrisca muito os seus bastiões, disse o governador de Braunes. Mr. de la Meilleraye tem trinta peças de artilharia, e Mr. d'Epéron vinte e cinco.

— Ha de ser um lindo fogo, disse Canolles; infelizmente não o veremos.

— Ah! disse Richon, a não ser que algum de nós se declare pelos principes.

— Sim, mas Canolles está sempre certo de vêr algum fogo. Si se declara pelos principes, tem de vêr o fogo de Mr. de la Meilleraye, e do duque d'Epéron; e si se conservar fiel a Sua Magestade, tem de vêr o fogo dos Bordelezes.

— Oh! quanto a estes ultimos, replicou Canolles, não julgo que sejam muito terriveis. e confesso que tenho alguma vergonha de só a elles ter de combater. Infelizmente, sou todo em corpo, e alma do partido de Sua Magestade, eterei de contentar-me com uma guerra de paizanos.

— E far-vo-la-am, não tendes a minima dúvida, disse Richon.

— Tendes pois algumas probabilidades a este respeito? perguntou Canolles.

— Tenho mais do que probabilidades, disse Richon, tenho certezas. O conselho dos burguezes decidiu que primeiro que tudo se tomasse a ilha de Sam Jorge.

— Muito bem, disse Canolles, venham, que eu os espero. »

A conversação estava neste ponto, e acabavam de encetar a sobremesa. quando repentinamente se ouviu o tambor ás portas da fortaleza.

— Que significa isto? perguntou Canolles.

— Ah! com todos os diabos! exclamou o joven official que tinha dado as noticias da côrte, teria sua graça que vos attacassem neste momento, meu querido Canolles; um assalto, e uma escalada séria cousa linda depois de um bom jantar.

— Os diabos me levem, si assim não é, disse o antigo commandante; aquelles miseraveis burguezes sempre me prégam destas peças, vindenos inquietar ás horas da comida. Eu estava nos postos avançados de Chareton, no tempo da guerra de Paris; nunca podiamos almoçar nem jantar socegados.

Canolles tocou a campainha. O soldado que estava na antecâmara entrou.

— Que é lá isso? perguntou Canolles.

— Ainda nada sei, senhor governador; talvez que seja algum mensageiro do Rei, ou da cidade.

— Ide informar-vos disso, e vinde dar-nos a resposta.

O soldado saiu ás carreiras.

« Sentemo-nos outra vez á meza, meus senhores, disse Canolles aos seus convidados, que pela maior parte se tinham levantado. Basta que nos levantemos quando sentirmos a artilharia. »

Os convidados todos tornáram a assentar-se rindo. Richon sómente, ante cujo rosto passára

uma nuvem, fleou inquieto, e com os olhos fitos na porta, esperando a volta do soldado. Mas em lugar do soldado, um official é que se apresentou á porta, de espada desembainhada, dizendo :

— Senhor governador, um parlamentario.

— Um parlamentario ?! disse Canolles ; e da parte de quem ?!

— Da parte dos principes.

— D'onde vem ?!

— De Bordeus.

— De Bordeus ! repetiram todos os convidados, excepto Richou.

— Então a guerra está sèriamente declarada, disse o antigo official, visto que enviam parlamentarios ? »

Canolles reflectiu um momento, e durante este momento, o seu rosto que dez minutos antes estava risonho, revestiu-se de toda a gravidade que exigia a circumstancia.

— Senhores, disse elle, o dever está primeiro que tudo. E' provavel que tenha com o enviado dos senhores Bordelezes alguma questãõ difficil de resolver. Ignoro quando poderei tornar a ver...

— Não ! não ! exclamaram em côro todos os convidados. Pelo contrario, despedi-nos, commandante ; o que vos acontece é um aviso que se nos dá para voltarmos aos nossos postos respectivos. . . . Convém pois que nos separemos desde já.

— Não me pertencia a mim propôr-vos-lo, meus senhores, disse Canolles ; porém visto que mo offereceis, não posso deixar de confessar que é o mais prudente, e acceto. . . . Os cavallos, e

as equipagens destes senhores ! » disse Canolles.

Quasi no mesmo instante, tão rapidos nos seus movimentos como se já si achassem no campo da batalha, os convidados saltaram nas suas selas, ou metteram-se nas suas seges, e acompanhados dos seus piquetes de escolta, afastaram-se segundo a direcção das suas respectivas residencias.

Richon foi o ultimo que ficou.

— Barão, disse elle a Canolles, não vos quiz deixar absolutamente como os outros, visto que ha mais tempo nos conhecemos do que vós conheceis os outros. Adeus pois ; agora dai-me a mão, e Deus vos ajude !

Canolles deu a mão a Richon.

— Richon, disse este encarando-o, eu vos conheço, alguma coisa tendes na mente ; não me dizeis, porque é provavel que não seja segredo vosso. Com tudo vejo vos commovido, e quando um homem da vossa tempera está commovido, não é sem algum motivo ponderoso.

— Não vamos nós separar-nos ? disse Richon.

— Também estavamos para separar-nos quando nos despedimos um do outro na estalagem de Biscarros, e com tudo estaveis socegado.

Richon sorriu-se tristemente.

— Barão, disse elle, tenho um certo presentimento de que mais nos não tornaremos a vêr. »

Canolles estremeceu. tam profunda era a melancolia da voz, ordinariamente tam firme, do aventureiro partidario.

— Pois então, disse elle, si não nos tornarmos a vêr, Richon, é porque um de nós ambos terá morrido. . . . como morrem os bravos, e em tal

caso, aquelle que morrer terá pelo menos a certeza de sobreviver no coração de um amigo. Abracemo-nos, Richou! Disseste-me: Deos vos ajude: eu dir-vos-hei: Deos vos alente! »

Os dous homens precipitaram-se nos braços um do outro, e apertáram algum tempo os seus nobres corações um ao outro.

Quando se separáram, Richou enxugou uma lagrima, a unica talvez que jamais tivesse escurecido o seu olhar altivo; depois, como que temêra que Canolles visse aquella lagrima, sahio sem mais detença do quarto, envergonhado sem dúvida de ter dado a um homem, cujo valor conhecia, uma tal mostra de fraqueza.

A casa de jantar estava vazia, e os unicos que nella ficáram, fôram Canolles, e o official que annunciára o parlamentar, e que estava em pé no angulo da porta.

« Que ordena o senhor governador? » disse elle, passado um momento de silencio.

Canolles, que ao principio ficára absorto nos seus pensamentos, estremeceu ao ouvir esta voz, levantou a cabeça, e despertando da sua preocupação:

« Onde está o parlamentar? perguntou elle.

— Na sala de armas, senhor.

— Por quem é acompanhado?

— Por dous guardas da milicia burgueza de Bordeus.

— Que apparencia tem?

— E' um mancebo, segundo o que se pôde julgar, porque traz um grande chapéu, e está embrulhado n'um capote.

— E como se annunciou elle?

— Como portador de cartas da senhora Princesa, e do Parlamento de Bordeus.

Rogai-lhe que espere um instante , disse Canolles. Eu já vou ter com elle. »

O official sahio para executar a sua commissão, e Canolles preparava-se para segui lo, quando uma porta se abriu, e Nanon enfiada, e tremula, mas com o seu affectuoso sorriso, se lhe apresentou, e tomando a mão do mancebo :

« Um parlamentario, meu amigo, disse ella, que quer isso dizer ?

— Isso quer dizer, querida Nanon, que os senhores bordelezes querem assustar-me ou seduzir-me.

— E que tendes vós resolvido ?

— Assentei de o receber.

Não podeis vós dispensar-vos disso ?

— E' cousa impossivel. Ha certos usos a que não podemos subtrahir-nos.

— Oh ! meu Deos !

— Que tendes vós, Nanon ?

— Tenho medo

— De que ?

— Não me dissestes que este parlamentario vinha para assustar-vos, ou para seduzir-vos ?

— Nisso nao ha a minima dũvida, um parlamentario não é bom siuão para uma destas duas cousas. Tendes medo que elle me assuste ?

— Oh ! não ; mas talvez que vos seduza.

— Vós offendeis-me, Nanon.

— Ah ! meu amigo, eu digo o que temo.

— Tão pouca confiança tendes em mim ! então por quem me temais vós ?

— Por quem sois, Canolles, quero dizer, por um coração generoso, mas terno.

— Ora vejamos, disse Canolles a rir, que parlamentarie me enviam! Seria Cupido em pessoa?

— Talvez.

— Então viste-lo?

— Não o vi, mas ouvi a sua voz; é demasiado suave para voz de um parlamentar.

— Nauou, estais louca, deixai-me desempenhar o meu cargo; vós fizeste-me governador...

— Para defender-me, meu amigo!

— Então julgais-me assaz cobarde para que vos atraicão? Na verdade Nanon, que me insultais tendo-me em tam pouca conta.

— Estais pois decidido a vêr esse mancebo?

— Assim o devo fazer, e muito sentiria que feimasseis em oppôr-vos ao cumprimento desse dever.

— Tendes plena liberdade. meu amigo, disse tristemente Nanon. Uma palavra mais sómente....

— Fallai.

— Onde o recebereis vós?

— No meu gabinete.

— Canolles, fazei-me um favor.

— Qual?

— Em lugar de o receberdes no vosso gabinete, recebei-o no vosso quarto de dormir.

— Que idéa essa?

— Então não compre'endeis?

— Não.

— O meu quarto tem communição com a vossa alcova.

— E pôr-vos-eis á escuta?... .

— Atraz das cortinas, si mo permittirdes.

— Nanon!

— Deixai-me ficar perto de vós, meu amigo; tenho fé na minhaestrella, dar-vos-hei fortuna.

— Mas com tudo, Nanon, si aquelle parlamentarario....

— Então o que?

— Viesse para confiar um segredo de estado.

— Não podeis confiar um segredo de estado áquella que vos confiou a sua vida e a sua fortuna?... .

— Ora pois, escutai-nos, Nanon, já que assim o quereis absolutamente, não me detenbais porém mais tempo, aquelle parlamentarario esta á espera.

— Ide, Canolles. ide, mas antes disso, Deus vos abencêe pelo bem que me fazeis. »

E a joven senhora quiz beijar a mão do seu amante.

« Louca, disse Canolles apertando-a ao seu peito, e dando-lhe um beijo na testa; estareis pois....

— Atraz das cortinas do vosso leito. Dalli poderei vêr, e ouvir.

— Ao menos tende cuidado de não vos rirdes. Nanon, pois não sam negocios de brincadeira.

— Podeis ficar socegado, disse ella, eu não rirei.»

Canolles deu ordem que introduzissem o mensageiro, e entrou no seu quarto, vasta sala mobiliada no tempo de Carlos IX, e cujo aspecto era severo; dous candelabros ardiam na cha-

miné, porém só davam uma debil claridade no immenso quarto; a alcova, collocada no fundo do quarto, estava absolutamente á sombra.

« Estais ahí, Nanon? » perguntou Canolles.

Um sim suffocado, e palpitante lhe chegou aos ouvidos.

Neste momento ouviram-se passos; a sentinella apresentou a arma. O mensageiro entrou, seguiu com os olhos aquelle que o introduzira até que se achou, ou julgou achar-se só com Canolles; então levantou o seu chapéu, e deitou o capote para traz. No mesmo instante cahiam sobre os seus airosos hombros uns cabellos louros, e appareceu o talhe fino, e delicado de uma mulher debaixo do boldié de ouro; e Canolles, ao ver o seu olhar meigo, e triste, reconheceu a viscondessa de Cambes.

« Eu tinha-vos dito que tornaria a encontrar-me convosco, cumpro a minha palavra, disse ella. Eis-me aqui. »

Canolles, com um movimento de espanto, e de angustia, torceu as mãos, e deixou-se cahir em uma poitrena.

— Vós! vós!... disse elle. Oh! meu Deus! que vindes vós procurar aqui?

— Venho procurar-vos, senhor; e perguntar-vos si ainda vos lembrais de mim? »

Canolles arrancou um profundo suspiro, e pôz ambas as mãos diante dos olhos, para esconjur aquella apparição encantadora, e fatal ao mesmo tempo.

Então achou a explicação de tudo: do susto, da pallidez, do tremor de Nanon, e sobre tudo do seu desejo de assistir á entrevista. Nanon

com os olhos do ciume, reconhecêra uma mulher no parlamentar.

« Venho perguntar-vos, continuou Clara, si estais prompto a cumprir a palavra que me dês-tes naquelle quartozinho de Jaulnay, de pedir a vossa demissão á Rainha, e de entrar no serviço dos Principes.

— Oh! silencio! silencio! senhora, «exclamou Canolles.

Clara estremeceu ao ouvir este accento de terror tremulo na voz do mancebo, e olhando com inquietação em torno de si:

« Não estamos aqui sós? perguntou ella:

— Sim, senhora, disse Canolles, porém a travez destas paredes não poderia alguém ouvir-nos?

— Eu julgava que as paredes do fórté de S. Jorge eram mais sólidas do que quereis dar a entender, «Disse Clara sorrindo-se.

Canolles não respondeu palavra.

« Vinha pois perguntar-vos, replicou Clara, como pôde dar-se que achando-vos aqui ha oito ou dez dias, eu não tenha ouvido fallar de vós; e ainda agora ignoraria quem commanda na ilha de S. Jorge, si o acaso, ou para melhor dizer a voz publica não me dêsse a saber que é o homem que me jurava, ainda não ha mais de doze dias, que considerava o ter cahido em desgraça como uma fortuna, visto que lhe permittia consagrar o seu braço, o seu valor, e a sua vida ao partido a que pertenco... »

Nanon não pôde conter um movimento que fez estremeecer Canolles, e voltar-se madama de Cambes.

« Que é isso? disse ella.

— Nada respondeu Canolles. não é mais do que um dos ruidos habituaes deste antigo quarto, onde de vez em quando se ouvem estes estalidos lugubres.

— Si é outra cousa, disse Clara pousando a mão no braço de Canolles, não mo occulteis, barão, porque bem deveis entender, uma vez que me decidi a vir ter convosco, de quanta importancia seja o objecto da nossa conferencia. »

Canolles enxugou o suor que lhe sulcava as faces, e forcejando por sorrir-se:

« Podeis fallar, disse elle.

— Venho pois lembrar-vos aquella promessa, e perguntar-vos si estais prompto a cumpri-la?

— Ai! senhora, respondeo Canolles, a cousa tornou-se impossivel.

— E porque?

— Porque desde aquelle tempo muitos acontecimentos inesperados tiveram lugar, muitos laços que julgava rotos se renovaram; ao castigo que eu julgava merecer, a Rainha substituiu uma recompensa de que eu não era digno: hoje estou ligado ao partido de Sua Magestade pelo... reconhecimento. »

Um suspiro atravessou o espaço, a pobre Nanon esperava sem dúvida outra palavra, que não era a que acabava de ser proferida.

« Dizei pela ambição, Mr. Canolles, e poderei comprehender a razão disso, vós sois nobre de elevado nascimento; fazem-vos aos vinte e oito annos tenente coronel, goveynador de uma praça

forte; isso é muito lisonjeiro. bem o sei. porém não é mais do que a recompensa natural do vosso merecimento, e este merecimento, o Senhor Mazarin não é o unico que o aprecia.

— Senhora, disse Canolles, peço-vos que não digais nada mais!

— Desculpai me, senhor, disse Clara. desta vez já não é a viscondessa de Cambes que vos falla, é a enviada da Senhora Princeza, que se encarregou de uma commissão para vós, é portanto necessario que esta commissão se cumpra.

— Fallai, senhora, respondeu Canolles com um suspiro que se assimilava a um gemido.

— Ora pois, a Senhora Princeza, conhecendo os sentimentos que me tinheis manifestado em Chantilly primeiramente, e depois em Jaulnay, inquieta por não saber a que partido pertenceis definitivamente, assentára de mandar-vos um parlamentario a fim de fazer uma tentativa para apoderar-se da vossa praça; aquella tentativa que outro qualquer parlamentario talvez houvera feito com menos esperança de feliz resultado, eu delia me encarreguei, pensando que, sendo confidante dos vossos pensamentos secretos a este respeito, poderia desempenhá-la melhor do que ninguem.

— Muito obrigado, senhora, disse Canolles rasgando o peito com a mão, pois durante o curto silencio do dialogo ouvia a respiração anhelante de Nanon.

— Eis-aqui pois o que vos proponho, senhor... em nome da senhora Princeza, ja se sabe; porque si o fizesse em meu nome, conti-

miou Clara com o seu encantador sorriso, houvera invertido a ordem das proposições.

— Fallai, que eu vos presto attenção, disse Canolles com uma vóz surda.

— Entregareis a ilha de Sam Jorge de boixo de uma das tres condições que vou fazer-vos, para que escolhais a que melhor vos convenha. A primeira é esta, não sou eu que fallo tendo-o sempre presente: huma somma de duzentas mil libras. . . .

— Oh! senhora, não vades mais longe, disse Canolles, tentando interromper a conversação neste ponto. Fui encarregado pela Rainha de um commando; este commando é a ilha de Sam Jorge, e defendê-la-hei até á morte.

— Recordai-vos do passado, senhor, exclamou tristemente Clara, não foi isto o que me dissestes na nossa ultima entrevista, quando me propunheis de tudo deixar para acompanhar-me, quando ja tinheis na mão a penna para pedir a vossa demissão aos mesmos, a quem hoje quereis sacrificar a vossa vida.

— Eu podia offerecer-vos isso, senhora, quando tinha a liberdade de escolher o meu caminho, hoje já a não tenho. . . .

— Já não estais livre! exclamou Clara pallida; como entendeis vós isso, senhor? que quereis dizer?

— Quero dizer que estou ligado pela honra.

— Pois bem, ouvi a segunda proposição.

— Para que? disse Canolles; não, vos tenha já dito e redito, senhora, que nada seria capaz de abalar me da resolução que tomei? Não me tenteis pois, visto que seria tempo perdido.

— Peço-vos desculpa, respondeo Clara; eu tambem estou encarregada de uma commissão e teho de desempenhá-la completamente.

— Fallai, murmurou Canolles; mas, na verdade, sois muito cruel!

— Dai a vossa demissão, e alcançaremos do vosso successor o que de vós não podemos alcançar. Dentro de um dous annos, entrareis no serviço do senhor Principe, com a patente de brigadeiro.

Canolles abanou tristemente a cabeça. »

— E a mim he que dais semelhante resposta disse Clara; na verdade, senhor, que não posso entender-vos. Não estivestes a ponto de assignar a quella demissão? Não dizeis áquella que então estava ao pé de vós, e que vos ouvia com tanta alegria, que livremente, e do intimo do coração he que a daveis? Por que razão não farieis aqui quando vo-lo peço, o que me propunheis de fazer em Jaulnay? . . . »

Todas estas palavras erão outras tantas punhaladas que atravessavão o coração da pobre Nanon, e Canolles sentia-as penetrar.

« O que naquella época era hum acto sem importancia, seria hoje uma traição, uma traição infame! disse Canolles com voz surda. Nunca entregarei a ilha de Sam Jorge! nunca pedi-rei a minha demissão!

— Esperai, disse Clara com a maior doçura possivel, olhando todavia em torno de si com inquietação, porque esta resistencia de Canolles e sobre tudo o constragimento que parecia experimentar aquelle que a fazia, parecião-lhe muito singulares. Ouvi agora esta ultima pro-

posição, pela qual eu queria principiar, pois bem sabia, e tinha-o dito d'antemão, que haviéis de recusar as duas primeiras: as vantagens materiaes, muito estimo te-lo adivinhado, não são cousas que tenham um coração como o vosso; para vós são precisas outras esperanças além das da ambição, e da fortuna; para os instinctos nobres são precisas nobres recompensas. Prestai-me pois attenção. . .

— Pelo Santo Nome de Deus! senhora, disse Canolles, tende compaixão de mim! »

E fez um movimento para retirar-se.

Clara julgou que estava abalado, e convencida de que as palavras que ia pronunciar deviam completar a victoria, deteve-o, e continuou:

« Se, em vez de vil interesse, vos offerecem um interesse puro, e honroso; si pagassem a vossa demissão, aquella demissão que podeis pedir sem ignominia, porque não tendo principiado as hostilidades, esta demissão não é uma deserção, nem uma perfidia, mas sim uma escolha pura, e simples; si, digo eu, vos pagassem esta demissão com um casamento; si uma mulher, a quem dissesdes que amaveis, a quem áisdesdes que sempre amareis, e que apesar destes juramentos, nunca correspondeu abertamente á vossa paixão, si aquella mulher vos viesse dizer: Mr. de Canolles, estou livre, sou rica, amo-vos, sê-de meu marido, partamos juntos.... Vamos para onde quizerdes, para longe de todas as dissensões civis, para fóra de França.... Ora, dizei, senhor, desta vez ainda não aceitaríeis? »

Canolles, apesar do rubor, apesar da encantadora hesitação de Clara, apesar da lembrança

do lindo castelinho de Combes que poderia vê-la da sua janelle. si, durante a scena que acabamos de referir, a noite não houvera baixado do céu, persistio immovel e firme na sua resolução, pois via de longe, pallida na sombra, sahir das cortinas gothicas a cabeça desgrentada de Naouon tremula de angustias.

« Mas, respondi-me, em nome do céu! continuou a viscondessa; eu na realidade nenhuma explicação posso já dar ao vosso silencio. Estei porventura enganada? Não sois o Sr. Barão de Canolles? Não sois o mesmo homem que me dissestes em Chantilly que me amaveis? que m'o repetistes em Jaulnay? que me jurastes que não amaveis sinão a mim no mundo, e que estaveis prompto a sacrificar-me outro qualquer amor? Fallai! fallai! pelo Santo Nome de Deus, respondi! Respondei pois! »

Ouvio-se um gemido tam intelligivel, tam distincto desta vez, que madame de Cambes não pôde duvidar de que uma terceira pessoa não assistisse á conferencia; os seus olhos espantados seguiram a direcção dos olhos de Canolles, e este não pôde desviar tão rapidamente os olhos, que a viscondessa, guiada por elles, não divisasse aquella cabeça pallida, e immovel, aquella fórma semelhante a de um fantasma, que seguia aubelante todas as phrases da conversação.

As duas mulheres, através da escuridão, trocaram entre si um olhar chammejante, e ambas dêram um grito.

Naouon desappareceu.

Quanto á madame de Cambes, pegou apressa-

damente no seu chapéu e capote, e voltando-se para Canolles.

« Senhor, disse ella, conheço agora o que chamaes dever, e reconhecimento; conheço qual é o dever de que vos não quereis apartar, ou que não quereis atraiçoar; conheço por fim que ha affeições inaccessiveis a todas as seducções, e portanto deixo-vos inteiramente entregue a essas affeições, a esse dever, e a esse reconhecimento, Adeus, senhor, adeus. »

Fez um movimento para retirar-se, sem que Canolles tentasse demoral-a; porém deteve-a uma dolorosa lembrança.

« Ainda uma vez, senhor, disse ella, em nome daquella amisade que vos devo pelo serviço que tivestes a bondade de fazer-me; em nome da amisade que me deveis pelo serviço que vos fiz tambem; em nome de todos que vos amam, e a quem amaes, eu não faço excepção de pessoa alguma, não vos empenheis na luta: amanhã, depois de amanhã talvez, sereis atacado em S. Jorge; não me façaes passar pela dôr de saber que fostes vencido ou morto. »

A estas palayras, o mancebo estremeceu e cahio em si:

« Senhora, disse elle agradeço-vos de joelhos a certeza que vindes dar-me daquella amisade, que para mim é mais preciosa do que val-o posso dizer. Oh! venhão atacar-me! venhão! oh! meu Deus! Eu chamo o inimigo com mais ardor do que elle nunca jámais terá em vir procurar-me. Sam-me precisos combates, sam-me precisos perigos para elevar-me aos meus proprios olhos; venham os combates, venham os perigos, venha

até a morte! A morte será bem vinda, visto saber que morro rico com a vossa amisade, forte com a vossa compaixão, e honrado com a vossa estima.

— Adeus, senhor, disse Clara dirigindo-se para a porta.

Canolles seguiu-a. Chegando ao meio do corredor sombrio, tomou-lhe a mão, e com voz tão baixa que até elle mesmo a custo podia ouvir as palavras que proferia :

« Clara, lhe disse elle, amo-vos mais do que nunca vos amei ; porém a infelicidade quer que não possa provar-vos este amor sinão morrendo longe de vós. »

Um ligeiro sorriso ironico foi naquelle momento a unica resposta de madame de Cambes ; porém assim que se achou fóra do castello, um doloroso soluço lhe rasgou a garganta, e torceu os braços exclamando :

« Ah ! elle não me ama, oh ! meu Deus ! elle não me ama. E eu, desgraçada de mim, eu o amo. »

Separando-se de madame de Cambes, Canolles voltou para o seu quarto. Nanon estava em pé pallida e immovel no meio do aposento. Canolles encaminhou-se para ella com um sorriso triste ; á medida que avançava, Nanon curvava os joelhos : elle estendeu-lhe a mão, e ella cahiu a seus pés.

« Perdoai me, disse ella, perdoai-me Canolles ! Fui eu que vos trouxe aqui, fui eu que vos fiz dar este posto difficil, e perigoso ; si morrerdes, eu serei a causa da vossa morte. Sou uma

egoista, que só me occupei da minha ventura:
Fugi de mim, parti. »

Canolles levantou-a braudamente.

« Deixar-vos eu ! disse elle ; nunca Nanon,
nunca, vós para mim sois sagrada ; jurei prote-
ger-vos, defender-vos, salvar-vos, e ou vos hei
de salvar, ou hei de morrer !

— Dizes isso do fundo do coração, Canolles,
sem hesitação e sem pesar ?

— Sim, disse Cannolles sorrindo-se.

— Muito agradecida, meu digno, meu nobre
amigo, muito agradecida te fico. Pondera-o bem ;
esta vida que eu prezava, sacrificar-te-ia hoje
sem arrancar um só queixume ; por quanto só
hoje é que cheguei a saber o que fizeste por meu
respeito. Offereciam-te dinheiro ; não sam teus os
meus thesouros ? Offereciam-te amor ; poderã
jâmais haver no mundo mulher alguma que te
ame como eu te amo ? Offereciam-te um posto !
Ouve o que te digo, vam atacar-te. Ora pois,
compremos soldados, abastecemos-nos de muni-
ções, e armas ; dupliquemos as nossas forças def-
fendamo-nos. Eu da minha parte combatarei pelo
meu amor, tu pela tua honra. Tu os derrotarás,
meu bravo Canolles, tu farás com que a Rainha
diga quem não tem capitão mais bravo do que tu ;
quanto ao teu posto, isso fica por minha conta ;
e quando fóres rico, e te vires carregado de glo-
ria, e de honra, então me abandonarás si quize-
res ; terei para consolar-me as minhas recorda-
ções.

E Nanon dizendo isto olhava para Canolles, e
esperava a resposta que as mulheres sempre que-
rem que se dê ás suas palayras exageradas, isto

é, louca, e exaltada como as palavras. Porém Canolles abaixou tristemente a cabeça.

— Nanon, disse elle. nunca soffrereis damno algum, nunca tereis de supportar uma affronta em quanto eu viver na ilha de Sam Jorge. Socegai pois, visto que nada tendes que temer.

— Muito agradecida, disse ella, a pezar de que isso não seja tudo quanto eu peço. »

Depois em voz baixa :

« Ai de mim ! estou perdida, disse consigo, já me não ama. »

A Canolles não escapou aquelle olhar cham-mejante que brilha como um relampago, aquella medonha pallidez instantanea que tantos tormentos revela.

« Cumpre-me ser generoso até ao fim, disse elle consigo, pois si assim o não fizesse, tornar-me-ia infame ! .. Vem comigo, Nanon, replicou elle, vem, minha querida ; toma o teu capote, põe o teu chapéu de homem, o ar da noite farte-ha bem. Posso ser acommettido a cada momento ; vou fazer a minha ronda da noite. »

Nanon, palpitante de alegria, vestiu-se como o seu amante lhe dizia, e acompanhou-o.

Canolles era um verdadeiro capitão. Tendo assentado praça muito moço, fizera um estudo real do seu rude officio. Por tanto visitou a praça, não sómente como commandante, mas como engenheiro. Os officiaes que o tinham visto chegar como valido, e que julgavam achar-se com um governador de parada, foram interrogados uns apó ; os outros pelo seu chefe ácerca de todos os meios de ataque, e de defesa. Viram-se então reduzidos á necessidade de reconhecer, no joven,

e frívolo mancebo, um capitão experimentado; os mais antigos falláram-lhe então com respeito. Quanto a Canolles, a unica cousa que podiam estranhar lhe, era a docura da sua voz quando dava ordens, e a sua extrema polidez quando interrogava. Receavam que esta cortezia não servisse de mascara á franqueza. Com tudo, como cada um sentia o perigo imminente, as ordens do governador foram executadas com pontual presteza, o que deo ao chefe uma idéa dos seus soldados semelhante á que elles tinham formado do seu chefe. Uma companhia de gastadores tinha chegado naquelle dia. Canolles ordenou alguns trabalhos, que foram principiados no mesmo instante. Em vão tentou Nanon torná-lo a levar para o forte, a fim de poupar-lhe a fadiga de uma noite passada deste modo; mas Canolles continuou a sua ronda, e foi elle que despediu com brandura a Nanon, exigindo que se recolhesse ao seu quarto. Depois, tendo expedido tres ou quatro batedores do campo, que o tenente lhe recommendára como os mais intelligentes dos que tinha a seu serviço, foi deitar-se sobre um montão de pedras d'onde inspecionou os trabalhos.

Em quanto porêm os seus olhos seguiam maquinalmente o movimento das enxadas, e dos alviões, o espirito de Canolles, arrancado ás cousas materiaes que se executavam, aferrava-se absolutamente, não só aos acontecimentos daquelle dia, mas tambem a todas as aventuras singulares de que fôra o heróe desde o dia em que vira madama de Cambes. Mas, cousa na realidade singular, o seu espirito não passava além;

parecia-lhe que desde então sómente começára a viver; que até alli tinha vivido em um mundo dífereute, onde não havia senão instinctos inferiores, e sensações incompletas. Desde aquella hora raiava na sua vida uma luz que dava outro aspecto a todas as cousas, e com esta nova luz, Nanon, a pobre Nanon era desapiedadamente sacrificada a outro amor, tão violento desde o seu principio, como aquelles amores que se apoderam de toda a vida em que penetraram.

Por isso, depois de dolorosas meditações, acompanhadas de arrebatamentos celestes, com a idéa de que era amado por madama de Cambes, Canolles conveio consigo mesmo em que só o dever era que lhe preserevia que fosse homem de honra, e que a amizade que votava a Nanon não tinha parte alguma na sua determinação.

Pobre Nanon! Canolles chamava amizade ao sentimento que lhe ella inspirava. Ora a amizade em amor não está muito distante da indiferença.

Nanon tambem velava. porque não tinha podido resolver-se a metter-se na cama; em pé a uma janella; embuçada n'uma manta preta para não ser vista, seguia, não a luta triste encoberta deslisando a travez das nuvens, não os altos choupos agitados graciosamente pelo vento da noite, não o magestoso Garona, que mais parecia um vassallo rebelde levantando-se para fazer guerra a seu amo, do que um escravo fiel que vai pagar o seu tributo ao Oceano, porém sim aquelle trabalho lento, e penoso em que labutava contra ella o pensamento do seu amante:

via naquella fórma escura desenhando-se na pedra, naquella sombra immovel, agachada diante de um lampeão, o fãntasma vivo da sua ventura passada; ella que tão energica, tão orgulhosa, tão déstra era outrora, tinha perdido agora toda a destreza, toda a soberba, e toda a energia, dir-se-hia que os seus sentidos, exaltados pelo sentimento da sua desgraça, ainda mais intelligentes, e mais subtos se tornavam; sentia germinar o amor no fundo do coração do seu amante, como Deos, inclinando-se sobre a immensa cupula do céo, sente germinar a sementinha nas entranhas da terra.

Amanheceo, por fim, e só então é que Canolles se recolheo ao seu quarto; Nanon tambem tinha tornado a entrar no seu; não pôde elle portanto saber que ella velára toda a noite; foi vestir-se com todo o cuidado, reuniu novamente a guarnição, visitou as differentes baterias, e sobre tudo as que dominavam a margem esquerda do Garona, mandou fechar o pequeno porto com cadêas, e collocar em diversos sitios algumas chalupas carregadas de falconetes, e de bacarmartes, passou revista á sua gente, animou-os de novo com a sua palavra tão persuasiva, e tão generosa, e deste modo não se recolheo antes das dez horas.

Nanon esperava o com o sorriso nos labios; já não era aquella orgulhosa, e imperiosa Nanon, cujos caprichos faziam tremer o proprio Mr. d'Eperon; era uma amante tímida, uma escrava medrosa, que já nem se quer exigia que a amassem, mas só pedia que lhe fosse permitido amar.

Passou-se o dia sem outro algum acontecimento mais do que as diferentes peripécias deste drama inferno, que se representava na alma de cada um dos dois jovens. Os batedores expedidos por Canolles, vieram voltando uns após outros. Nenhum delles trazia uma noticia positiva; o que sómente se notava era uma grande agitação em Bordcus, prova evidente que alli se preparava alguma cousa.

Com effeito, madama de Cambes, de volta para a cidade, a pezar de occultar as circumstancias da entrevista nos mais reconditos escaninhos do seu coração, transmittira o resultado della a Lenet. Os Bordelezes pediam em altos gritos que se tomasse a ilha de São Jorge. O povo offerecisase todo a fazer parte da expedição. Os chefes é que só os continham tomando por pretexto a falta de um homem de guerra que pudesse conduzir a expedição, e de soldados regulares que pudessem sustentá-la. Lenet aproveitou este momento para apresentar o nome dos dois duques, e para offerecer o seu exercito: a proposta foi recebida com enthusiasmo, e aquelles mesmos que na vespera tinham votado para que se lhes fechassem as portas, chamaram-nos com grandes clamores.

Lenet foi ás carreiras levar esta boa nova á Princeza, que no mesmo instante convocou o seu conselho.

Clara tomou por pretexto a fadiga para não tomar parte em decisão alguma contra Canolles, e recolheu-se ao seu quarto para poder chorar desafogadamente.

Do seu quarto ouvia as vociferações, e as

ameaças do povo. Todas aquellas vociferações, todas aquellas ameaças eram dirigidas contra Canolles.

Em breve resou o tambor: as companhias reuniram-se, os empregados da camara fizeram armar o povo, que pedia lanças, e arcabuzes; tiraram-se as peças de artilheria do arsenal, distribuiu-se pólvora, e duzentos bateis ficaram prestes para subir o Garona com o auxilio da maré da noite, em quanto tres mil homens marchando pela margem esquerda, fariam o seu ataque por terra.

O exercito do mar devia ser commandado por Espagnet, conselheiro do Parlamento, homem bravo, e de bom conselho, e o exercito de terra por Mr. de Larochefoucault, que tambem acabava de entrar na cidade com uns dous mil genishomens. O Duque de Bouillon não devia chegar sinão dous dias depois com outros mil. E por isso é que o Duque de Larochefoucault apressou o mais que pôde o ataque para que o seu collega se não achasse nelle.

Dous dias depois do em que madama de Cambes se apresentara em trajos de parlamentar na ilha de Sam Jorge, como pelas duas horas depis do meio dia Canolles andasse rondando nas muralhas, vieram dar-lhe parte de que um mensageiro, portador de uma carta para elle, queria fallar-lhe.

O mensageiro foi logo introduzido, e entregou o seu despacho a Canolles.

Este despacho não tinha visivelmente nada de official; era uma cartinha mais comprida do que larga, escripta em caracter muito fino, e al-

gum tanto tremido , n'um papel azulado , lustroso, e perfumado.

Canolles, só com pôr olhos naquelle papel, sentio palpitar o coração.

« Quem te entregou esta carta? perguntou elle.

— Um homem de ciucôenta e cinco a sessenta annos.

— Bigodes ruços?

— Sim, senhor.

— Costas algum tanto arqueadas?

— Sim.

— Ar militar?

— Isso mesmo. »

Canolles deo um luiz ao homem, e fez-lhe signal para que se retras-e no mesmo instante.

Depois afastou-se, com o coração palpitante foi esconder-se no angulo de um bastião para ler á sua vontade a carta que acabava de receber, a qual não continha mais que estas palavras :

« Estaes para ser atacado. Se não sois já digno de mim, mostrai-vos pelo menos digno de vós. »

A carta não vinha assignada; porêm Canolles reconheceo a madama de Cambes, como reconheçera a Pompêo; olhou para verificar se não era visto de ninguem, e corando como uma creança com o seu primeiro amor, levou o papel aos labios, beijo-o com ardor, e pol-o sobre o seu coração.

Depois subio a cima do bastião, donde podia distinguir a corrente do Garona pelo espaço de

uma legua, e a planície circumvisinha em toda a sua extensão.

Nada apparecia, nem no rio, nem no campo.

« Amanhã passar-se ha assim, murmurou elle, não am de vir em pleno dia; terão descansado no caminho, e darão principio ao ataque esta noite. »

Canolles ouvia uma leve bulha atrás de si, e voltou-se; era o seu tenente.

« Então, senhor do Vibrac, disse Canolles, que se diz? »

— Diz-se, senhor commandante, que a bandeira dos Principes tremulará amanhã na ilha de Sam Jorge.

— E quem diz isso?

— Dous dos nossos batedores que acabão de voltar, e que viram os preparativos que fazem contra nós os burguezes da cidade.

— E que respondestes aos que vos disseram que a bandeira dos senhores Principes tremularia amanhã no forte de Sam Jorge?

— Respondi, senhor commandante, que isso para mim era cousa indifferente, visto que de tal não seria testemunha.

— Nesse caso, roubates-me a minha resposta, senhor, disse Canolles.

— Bravo, senhor commandante, não desejamos outra cousa, e os soldados combaterão como leões, quando souberem a vossa resposta.

— Combatação como homens, é tudo quanto lhes peço. . . e que se diz do genero de ataque?

— Senhor general, é uma surpresa que nos preparão, disse de Vibrac, rindo.

— Não é má surpresa! disse Canolles; eis já

o segundo aviso que recebo. . . . E quem commanda os aggressores ?

— Mr. de Larocheboucault as tropas de terra ; d'Espagnet, o conselheiro do parlamento, as tropas de mar,

— Ora pois, disse Canolles, eu dar-lhe-hia um conselho.

— A quem ?

— Ao senhor conselheiro do parlamento.

— E que conselho ?

— Que reforçasse as milicias urbanas com algum bom regimento bem disciplinado, que ensine áquelles burguezes como se recebe um fogo bem sustentado.

— Não esperou pelo vosso conselho, commandante, porque antes de ser homem de justiça, foi pelo menos assim o creio, algum tanto homem de guerra, e associou a si para esta expedição o regimento de Navailles.

— Como ! o regimento de Navailles ?

— Sim.

— O meu antigo regimento ?

— Esse mesmo. Passou-se, segundo parece, com armas, e bagagens, para os senhores principes.

— E quem o commanda ?

— O barão de Ravailly.

— Com effeito !

— Conheceis-lo vós ?

— Sim, é um liado moço, bravo como a sua espada. Nesse caso, o combate ha de ser mais encarniçado do que eu julgava, e não nos faltará divertimento.

— Que ordenais, commandante ?

— Que esta noite sejam reforçados os postos; que os soldados se deitem vestidos com as suas armas carregadas ao alcance da mão. Metade delles vigiaram em quanto a outra metade descansar : os que estiverem acordados conservar-se-am escondidos. Não vos retireis ainda.

— Esperarei as vossas ordens.

— Participastes a alguém o relatorio do mensageiro ?

— A ninguém absolutamente.

— Muito bem. Guardai segredo ainda por algum tempo. Escolhei uma duzia dos vossos peiores soldados : deveis ter aqui alguns caçadores, e pescadores ?

— Destes temos nós de mais, commandante.

— Pois bem, como vol-o digo, escolhei destes uns dez, dai-lhes licença até amanhã pela manhã ; elles irão deitar as suas redes no fundo do Garona , e armar os seus laços na planicie. Esta noite cahirão em poder de Espagnet, e de Larochefoucault, que não deixaram de interrogá-los.

— Não posso perceber. . .

— Não percebeis ser necessario que os aggressores julguem que estamos muito seguros, e que não receamos cousa alguma ; ora aquelles homens, que nada sabem , jurar-lhes-am com um ar de verdade, a que não poderam deixar de dar credito, pois que não será fingido, que estamos dormindo mui socegadoamente.

— Ah ! muito bem.

— Deixai aproximar o inimigo, deixai-o desembarcar, deixai o arrimar as suas escadas á muralha.

— Mas então, quando é que se ha de fazer fogo ?

— Quando o eu ordenar ; si um só tiro partir das nossas fileiras antes da minha ordem, dou-vos a minha palavra de governador, que mandarei arcabuzar o que o atirar.

— Fóra com isso !

— A guerra civil é duas vezes guerra ; importa pois que a guerra civil não se faça como uma caçada. Deixai vir os senhores bordelezes, ride vós mesmo si nisso achais prazer, porém seja sómente quando eu disser que se ria.»

O tenente partiu, e foi transmittir as ordens de Canolles aos outros officiaes, que olharam uns para os outros espantados. Havia dous homens no governador, o gentilhomem cortez, e o commandante implacavel.

Canolles voltou para cear em companhia de Nanon : a unica differença que houve foi cear-se duas horas mais cedo, tendo Canolles decidido que si não apartaria das muralhas desde o crepusculo até ao amanhecer. Foi achar Nanon folheando uma volumosa correspondencia.

« Podeis defender-vos afoutamente, querido Canolles. lhe disse ella, pois em breve sereis soccorrido : o Rei se aproxima. Mr. de la Meilleraye traz um exercito, e Mr. d'Epemon chega com quinze mil homens.

— Mas entretanto, Nanon, ainda tardaram oito ou talvez dez dias, acerescentou Canolles surrindo-se, e a ilha de Sam Jorge não é inexpugnavel.

— Oh ! em quanto nella commandardes, eu respondo por tudo.

— Sim, mas por isso mesmo que nella com-
mando posso ser morto . . . Nanon, que farieis
nesse caso ? previste-lo vós pelo menos ?

— Sim, responden Nanon surriundo-se tambem ;

— Pois bem, tende os vossos cofres promptos.
Um barqueiro estará n'um posto designado ; si
vos fôr preciso metter-vos pela agua dentro, te-
reis quatro dos meus homens, bons nadadores,
que tem ordem de não vos deixar , e que vos
transportaráo para a outra margem.

— Todas estas precauções sam inuteis , Ca-
nolles ; si morrerdes não precisarei já de cousa
alguma. »

Vieram então chamar para a cêa. Dez vezes
durante a cêa, Canolles se levantou, e chegou á
janella que dava sobre o rio : antes de finda a
cêa, Canolles levantou-se da mesa . . . Princi-
piava a anoitecer. . .

Nanon quiz acompanhá-lo.

« Nanon, disse Canolles, recolhei vos ao vosso
quarto, e jurai-me que delle não sahireis. Si
eu soubesse que estaveis fora delle, que corrieis
o menor perigo, eu já não responderia por mim.
Nanon, nisso se interessa a minha honra, não
tenhais por tanto em pouca conta a minha
honra »

Nanou chegou a face de Canolles os seus la-
bios de carmim, cuja vermelhidão ainda mais
se realçava com a pallidez do seu rosto, e depois
voltou para o seu quarto dizendo :

« Obedeço-vos, Canolles. quero que amigos,
e inimigos conheçam o homem a quem amo ;
ide ! »

Canolles afastou-se ; não podia deixar de ad-

mirar aquella natureza, que se amoldava a todos os seus desejos, obedecendo a todas as suas vontades. Assim que chegou ao seu posto, logo a noite chegou, terrível e ameaçadora, como sempre o parece quando occulta no seu negro manto um segredo sanguinolento.

Canolles collocára-se na extremidade da esplanada. Dominava o curso do rio, e as suas duas margens. Não fazia luar: um véo de nuvens sombrias deslisava pesadamente pelo céo. Era impossível ser visto, mas também era quasi impossível vêr.

Todavia á meia noite pareceu-lhe distinguir algumas massas sombrias movendo-se na margem esquerda, e fôrmas gigantescas resvalando pelo rio. Porém não se ouvia outro ruido sinão o vento da noite susurrando nas folhas das arvores.

Aquellas massas paráram; aquellas formas fixaram-se em certa distancia. Canolles pensou que se tinha enganado; com tudo duplicou a sua vigilancia; os seus olhos ardentes penetravam as trevas, os seus ouvidos constantemente á escuta, percebiam a mais leve bulha.

Deram tres horas no relógio da fortaleza, e o tinido prolongado foi perder-se lento, e lugubre na noite; Canolles principiava a acreditar que recebera um falso aviso, e ia retirar-se, quando de repente o tenente de Vibrac, que estava ao pé d'elle, lhe pôz com viveza uma das mãos no hombro, apontando com a outra para o rio.

« Sim! sim! disse Canolles, sam elles; vamos, nada teremos perdido por haver esperado. Ite acordar os homens que tem dormido, e re-

nham occupar o seu posto aâraz da muralha. Não lhes dissestes que eu mataria o primeiro que fizesse fogo ?

— Sim, senhor.

— Pois bem, repeti-lho outra vez..

Com effeito, ao despontar da aurora viam-se aproximar compridos barcos carregados de homens, que riam, e conversavam em voz baixa, ao mesmo tempo que se podia distinguir na planície uma especie de eminencia que não existia na vespera. Era uma bateria de seis peças que Mr. de Larochevoucalt acabava de estabelecer durante a noite ; os homens dos barcos não tinham tardado tanto sinão porque até então a bateria não estava em estado de principiar o fogo.

Canolles perguntou si as armas estavam carregadas, e tendo recebido uma resposta affirmativa, fez signal para que esperassem.

Os barcos vinham-se aproximando cada vez mais, e ao romper do dia não tardou Canolles a distinguir o fardamento, e o chapéu, que eram proprios da companhia de Navailles, que como já o sabemos, fôra a sua : na prôa de um dos primeiros barcos estava o barão de Ravailly, que o substituíra no commando da companhia, e na pôpa o tenente, que era seu collaço, e muito estimado entre os seus camaradas pelo seu genio prazenteiro, e pelos seus interminaveis gracejos.

« Vós vereis, dizia elle, que si não moveram-se, e será preciso que Mr. de Larochevoucalt os venha acordar com a artilheria. Com todos os diabos ! como se dorme em Sam Jorge ; quando eu estiver doente, hei de vir para aqui.

— Aquelle bom Canolles, respondeu Ravailly,

faz o seu papel de governador como um pai de familia ; receia que os seus soldados se constipem fazendo sentinella de noite.

— Na realidade, disse outro, não se vê nem si quer uma sentinella.

— Olá! bradou o tenente saltando em terra, acordai vós que estais lá em cima, e dai-nos a mão para subirmos. »

Com este ultimo gracejo, as gargalhadas de riso correram toda a linha dos sitiantes ; e em quanto tres ou quatro barcos se vinham adiantando do lado do porto, o resto do exercito de terra ia desembarcando.

« Vamos, vamos, disse Ravailly, agora comprehendo, Canolles quer dar mostras de que se deixa surprender, para se não malquistar com a côrte. Vamos, meus senhores, correspondamos á sua cortezia, e não matemos ninguem. Uma vez que estejamos na praça, misericordia para todos, excepto para as mulheres, que de mais disso, talvez não a peçam. Meus filhos, não nos esqueçamos de que é uma guerra de amigos ; portanto o primeiro que desembainhar a espada, mando-o matar. »

E com esta recommendação feita com uma jovialidade inteiramente franceza, os risos tornaram a principiar, e os soldados tomaram parte na hilaridade dos officiaes.

« Olá! meus amigos, disse o tenente, bom é rir, mas isto não deve pôr estorvo á nossa tarefa. Venham as escadas, e subamos. »

Os soldados trouxeram então dos barcos grandes escadas, e arrimaram-se a muralha

Canolles levantou-se então, e com a bengala

na mão, e o chapéu na cabeça, como um homem que toma pela manhã o fresco para recrear-se, chegou-se ao parapeito, que o deixava descoberto da cintura para cima.

Fazia bastante claridade para que o reconhecessem.

« Oh! bons dias, Navailles, disse elle a todo o regimento; bons dias, Ravailly; bons dias, Remoncq.

— Olhem! é Canolles, exclamaram os machos; acordastes por fim, barão?

— Sim, acordei, que quereis vós que faça? levamos aqui uma vida de mandriões; deitamos cedo, e levantamos tarde; mas que diabo vindes cá fazer tão cedo?

— Então não o vês, disse Ravailly; vimos sitiarte, e nada mais.

— E para que vindes sitiarte?

— Para tomar o teu forte.»

Canolles desatou a rir.

« Vamos, disse Ravailly, tu capitulas, não é assim?

— Mas antes de tudo, é-me preciso saber a quem me entrego. Como pôde dar-se que o regimento de Navailles sirva contra o Rei?

— O motivo é mui plausivel, meu querido, porque nos fizemos rebeldes. Passando no caso, reconhecemos que o Mazarin era sem a minima duvida um bigorriha, indigno de ser servido por bravos gentishomens: passamos por conseguinte para os Principes. E tu?

— Mas, eu, meu querido, sou um epernonista furioso.

— Ora, deixa lá essa gente, e vem reunir-te ao coninisco.

É impossivel. Que é o que fazeis lá embaixo, deixai em paz as cadeas do porto. Bem sabeis que sam cousas para que se olha, mas de longe, e quando se lhes toca, isto traz consigo desgraça. Ravailly, dize-lhes pois que não toquem nas cadeas, continuou Canolles franzindo as sobrancelhas, pois si o fizerem mando atirar sobre elles: eu te previno, Ravailly, olha que tenho excellentes atiradores.

— Tu estás zombando, respondeu o official, consente que te tomem: tu não tens forças para resistir.

— Eu não zombo. Abaixo com as escadas! Ravailly, eu te peço, olha que é a casa do Rei que tu sítias, toma sentido nisso!

— Sam Jorge! casa do Rei?....

— Olha, e verás a bandeira na extremidade do bastião. Vejamos, mandá pôr a nado os teus barcos, e recolhe as tuas escadas, quando não faço fogo. Si queres conversar, vem só ou com Remoneng, e então conversaremos em quanto almoçarmos, tenho um excellente cosinheiro na ilha de Sam Jorge.»

Ravailly pôz-se a rir, e animou a sua gente com o seu olhar. Durante este tempo outra companhia aprestava-se a desembarcar.

Canolles percebeu então que o momento decisivo era chegado, e tomando a attitude firme, e o ar grave que convinham a um homem encarregado de uma tão pesada responsabilidade como a sua:

« Alto lá, Ravailly; basta de gracejos! Re-

monenq, gritou elle, nem mais uma palavra, nem mais um passo, nem mais um gesto, sinão mando fazer fogo, tão certo como estar alli a bandeira do Rei, e vós marchardes contra as flores de lis de França.»

E juntando a acção á ameaça, derribou com braço vigoroso a primeira escada, que tinham arrimado á muralha.

Cinco ou seis homens mais apressados que os outros principiavam a subir por ella, cahiram por terra, e a sua quêda deu lugar a estrondosas gargalhadas, tanto entre os sitiantes, como entre os sitiados: dir-se-ia que eram brincadeiras de rapazes.

Neste momento, um signal indicou que os sitiantes tinham franqueado as cadeas que fechavam o porto.

No mesmo instante Ravailly, e Remoneng pegaram n'uma escada, e aprestaram-se por seu turno a descer aos fossos, gritando:

« Segui-nos, Navailles! á escada! subamos!

— Meu pobre Ravailly, gritou Canolles, peço-te que te detenhas.»

Porém no mesmo instante a bateria de terra, que até alli estivera calada, fez fogo, e uma bala veio levantar a terra á roça de Canolles.

« Vamos, disse Canolles estendendo a sua bengala, visto que o querem absolutamente: Fogo! meus amigos, fogo em toda a linha!»

Então, sem que se avistasse um só homem, vio-se uma enfiada de mosquetes abaixar-se para o parapeito, uma cinta de chammias envolveu a summitade da muralha, em quanto a detonação

de duas enormes peças de artilharia respondia á bateria do Duque de Laroche-foucault.

Uns dez homens caíram por terra, porém a sua queda, em vez de desalentar os seus camaradas, deu-lhes um novo ardor; do seu lado, a bateria de terra respondeu á bateria do forte, uma bala derribou a bandeira real, outra matou um tenente de Canolles chamado d'Elboin.

Canolles lançou novamente os olhos em torno de si, e viu que os seus homens tinham já carregado outra vez as armas.

« Fogo em toda a parte! » disse elle.

Esta ordem foi executada com tanta pontualidade como da primeira vez.

Dez minutos depois, já não ficava inteiro um só vidro na ilha de San Jorge; as pedras tremiam, e voavam em estilhaços; a artilharia arrombava as paredes, e um denso fumo escurecia o ar cheio de gritos de ameaças, e de gemidos.

Canolles vio que o que maiores estragos fazia no seu forte era a bateria de Mr. de Laroche-foucault.

« Vibrac, disse elle, tomai á vossa conta Ravailly, e não lhe deixeis ganhar uma pollegada de terreno na minha ausencia. Eu da minha parte, corro ás nossas baterias. »

Com effeito, Canolles correu ás duas peças que respondiam ao fogo de Laroche-foucault, dirigiu pessoalmente o serviço dellas, carregando, fazendo pontaria, e commandando; em um instante fez calar tres peças das seis que lhe faziam fogo, e deixou estendidos na planicie uns cinquenta homens. Os outros, que não esperavam ta-

manha resistencia, principiaram a desordenar-se, e a fugir. M. de Larochefoucault querendo reuni-los, foi ferido de um estilhaço de pedra que lhe fez saltar a espada da mão.

Vendo este resultado, Canolles deixou o resto do negocio ao chefe da bataria, e correu ao assalto, que continuava a dar a companhia de Navailles, ajudada dos homens de Espagnet.

Vibrac resistia com denodo, porém acabava de receber uma bala no hombro.

A presença de Canolles foi recebida com gritos de alegria, e duplicou o valor das suas tropas.

« Perdoa-me, clamou elle a Ravailly; si me vi obrigado a deixar te por um momento, querido amigo, foi, como pódes vê-lo, para ir fazer calar as peças de Mr. de Larochefoucault, porém socega, eis-me aqui. »

E como neste momento o capitão de Navailles, muito animado para responder ao gracejo, que de mais disso, em meio do estrondo espantoso que fazia a artilharia, e a mosquetaria, talvez não ouvisse, levava pela terceira vez os seus homens ao assalto, Canolles tirou uma pistola da sua cinta, e estendendo a mão para o seu antigo camarada tornado seu inimigo, fez fogo.

A balla dirigida por mão firme, foi quebrar o braço de Ravailly.

« Obrigado, Canolles, exclamou elle, que vira donde vinha o tiro; obrigado, ei de pagar-te na mesma moeda. »

Porém apesar de todo o seu vigor e denodo, o joven capitão vio-se obrigado a parar, e a es-

pada lhe cahiu das mãos. Remoneng acudiu em seu soccorro; e segurou-o nos seus braços.

« Queres vir fazer-te pensar em minha casa... Ravailly? lhe bradou Canelles; tenho um cirurgião que não cede a palma ao meu cozinheiro.

— Não, volto para Bordeos: porém esperame a todo o momento, pois voltarei, eu t'o prometto. Com a unica differença de que então escolherei a minha hora.

— Retirai-vos! retirai-vos! gritou Remoneng, lá em baixo deitão a fugir. Até mais vêr, Canelles, ganhastes a primeira partida »

Remoneng dizia a verdade. a artilharia fizera horroroso estragos no exercito de terra, que tinha perdido uns cem homens pelo menos. Quanto ao exercito de mar, tinha perdido quasi outros tantos. Porém a maior perda fôra na companhia de Navailles, que, para sustentar a hora da farda, quizera marchar sempre na frente dos burgueses d'Espagnet.

Canelles levantou a sua pistola descarregada.

« Cessai o fogo, disse elle, deixemo-lhes fazer a sua retirada socegradamente: não temos munições de sobra, hã mister poupar-as. »

E com effeito, os tiros ter-se-ião perdido quasi todos. Os aggressores retiravam-se apressadamente, deixando os mortos e levando os seus feridos. Canelles contou os seus; tinha desaseis feridos e quatro mortos. Quanto á sua pessoa, nem si quer uma arranhadura tinha recebido.

« Que fortuna! disse elle ao receber, dez minutos depois, as alegres caricias de Nanon, não tardarão, minha querida amiga, a fazer-me ganhar a minha patente de governador. Que lou-

em carniceria ! Matei-lhes cento e cincoenta homens pelo menos, e quebrei o braço a um de meus melhores amigos, para impedil-o de fazer-se matar completamente.

— Sim, disse Nanon, e vós estaes são e salvo,

— Graças a Deus, e vós sem dívida, Nanon, é que fostes o meu anjo da guarda ; mas cuidado com a segunda partida, não basta ter ganhado a primeira ! os Bordelezes são teimosos, e de mais disso Ravailly, Remoneng promettêram-me que voltarião.

— E então, disse Nanon, não é o mesmo homem que commanda o forte de Sam Jorge, e não são os mesmos soldados que o defendem ! venham embora, e da segunda vez serão ainda mais bem recebidos que da primeira, porque daqui atélá, tereis todo o tempo para ainda augmentar os vossos meios de defoza ; não o entendeis assim ?

— Minha querida, disse confidencialmente Canolles a Nanon, só se conhece bem uma pratica com o uso ; a minha não é inexpugnavel, ainda agora o conheci, e si me eu chamasse Duque de Larocheaucoult, apoderar-me-ia da ilha de Sam Jorge amanhã pela manhã. A proposito, d'Elboin não almoçará connosco.

— Porque razão ?

— Porque foi despedaçado por uma bala de artilharia.

A volta dos sitiantes para Bordenus apresentava um triste espectáculo. Os burguezes tinham partido triumphantes, confiados no seu numero, e na habilidade dos seus generaes, emfim, completamente socegados quanto ao resultado

da empreza, graças ao hábito, aquella segunda fê do homem que se acha em perigo.

Com effeito, qual era dos sitiantes o que não tivesse na sua mocidade corrido os bosques e os prados da ilha de San Jorge, só, ou em doce companhia? Qual era o Bordelez que não tivesse manejado o remo, o mosquete de caça, ou as rêdes de pescador nos sitios que ia tornar a vêr como solpado?

Esse o motivo porque, para os nossos burguezes, a derrota foi muito mais sensivel: as localidades os envergonhavam, assim como o inimigo. Viram-nos portanto voltar cabisbaixos, e ouvir com resignação a chiada das lamentações, e dos gemidos das mulheres que, contando os guerreiros ausentes, á maneira dos selvagens da America, iam descobrindo successivamente as perdas experimentadas pelos vencidos.

Então um murmurio geral encheco a grande cidade de luto e confusão. Os soldados recolheram-se a suas casas para contar o desastre, cada qual ao seu modo. Os chefes foram ter com a Princeza, que, como dissemos, estava alojada em casa do presidente.

A Princeza de Condé esperava á sua janella a volta da expedição. Ella, que nascera n'uma familia de guerreiros, mulher de um dos maiores vencedores do mundo, costumada a olhar com desprezo a armadura ferrugenta, e o penacho ridiculo dos burguezes, não podia defender-se de uma vaga inquietação, lembrando-se de que os burguezes, seus partidarios, iam combater um exercito de verdadeiros soldados. Todavia tres cousas o socegavam: a primeira, que Mr. de La-

rochefoucault commandava a expedição; a segunda, que o regimento de Navailles marchava à frente da columna; a terceira, que o nome de Condé estava inscripto nas bandeiras.

Porém, por um contraste facil de compr'ender, tudo o que era esperança para a Princeza, era dôr para madame de Cambes; assim como tudo o que ia ser dôr para a illustre senhora, tornava se em triumpho para a viscondessa.

O duque de Larochefoucault foi quem se apresentou em sua casa, todo coberto de pó, e sangue; a manga do seu gibão preto estava aberta, e a sua camisa toda manchada de sangue.

« E' verdade o que me dizem? exclamou a Princeza correndo ao seu encontro.

— E que dizem, senhora? perguntou friamente o duque.

— Dizem que fostes repellidos?

— Não dizem bastanto, senhora; si quizerem fallar verdade, devem dizer que fomos derrotados.

— Derrotados! exclamou a Princeza enfian-do, derrotados, isso não é possível!

— Derrotados, disse consigo a viscondessa, derrotados por Mr. de Canolles!...

Então como foi possível que tal acontecesse? perguntou a Princeza de Condé em tom altivo que manifestava a sua profunda indignação.

— Isso aconteceu, senhora, como acontecem todas as desgraças. no jogo, no mar, e na guerra; atacamos a quem era mais fino, ou mais forte do que nós.

— Então é muito bravo aquelle Mr. de Canolles? perguntou a Princeza.

O coração de madama do Cambes palpitava de alegria.

« Bravo como toda a gente! respondeu Laroche-foucault encolhendo os hombros; e como tinha soldados frescos, boas muralhas, e estava áleria, tendo provavelmente sido prevenido, não lhe foi difficil vencer os nossos Bordelezes. Ah! Senhora, não posso deixar de confessá-lo, que tristes soldados! fugirão á segunda descarga.

— E Navailles? exclamou Clara, sem reparar na imprudencia desta exclamação.

— Minha senhora, disse Laroche-foucault, toda a differença que houve entre Navailles, e os Burguezes, e que os Burguezes fugiram; e Navailles retirou-se.

— O que nos faltaria agora para coroar a festa, era perder Vayres!

— Não digo que não respondeu friamente Laroche-foucault.

— Derrotados! repetio a Princeza batendo com o pé no chão; derrotados por gentes de nada, comandados por um Mr. de Canolles! nome que até é ridiculo. »

Clara fez-se vermelha como um pimentão.

« Achais esse nome rediculo, Senhora, replicou o Duque; porém o Senhor Mazarin acha-o sublime. Equasi me atreveria a dizer, ajuntou elle lançando um olhar rapido, e penetrante a Clara, que não é o unico desse parecer. Os nomes sam como as côres, Senhora. continuou elle sorrindo-se com o seu sorriso bilioso, acerca de: les não deve haver disputa.

Julgais vós pois que Richon seja um homem que se deixe derrotar?

— Porque não? eu mesmo não me deixei derrotar? Cumpre esperar que esta má veia se esgote; a guerra é um jogo; mais tarde, ou mais cedo havemos de tomar a nossa desforra.

— Isso não teria acontecido, disse madama de Tourville, si tivesse seguido o meu plano.

— E' verdade, disse a Princeza, nunca querem fazer o que propomos, debaixo do pretexto de que somos mulheres, e que nada entendemos de guerra. . . . Os homens fazem o que bem lhes parece, e o resultado é serem derrotados.

— Não ha dúvida que assim é, Senhora; mas isto acontece aos melhores generaes. Paulo Emilio foi derrotado em Cannas, Pompeu em Pharsalia, e Attila em Chalons. Só Alexandre, e vós, madama de Tourville, é que nunca fostes derrotados. Vejamos o vosso plano.

— O meu plano, Senhor Duque, disse madama de Tourville em tom rispido, e severo, era que si fizesse um assedio em fórma. Não quizeram ouvir-me, e preferiu-se um ataque repentino. Vêdes qual foi o resultado.

— Respondei á Senhora, Mr. Lenet, disse o Duque; quanto a mim, não me julgo com forças bastantes para sustentar a luta.

— Senhora, disse Lenet, cujos labios ainda se não tinham aberto sinão para sorrir-se, havia uma circumstancia que se oppunha ao cerco que propunheis; os Bordelezes não são soldados, mas sim burguezes; é necessario que cêem em casa, e durmão no leito conjugal. Ora um assedio em fórma exclue uma infinidade de com-

modidades a que estão habituados os nossos bravos cidadãos. Foram pois sítiar a ilha de San Jorge como simples curiosos; não os censuréis de terem ficado mal hoje; tornarão a andar as quatro leguas, e tornarão a começar a guerra tantas vezes quantas forem necessarias.

— Julgais que atornarão a começar? perguntou a Princeza.

— Oh! quanto a isso, Senhora, disse Lenet, posso assevera-lo; gostão muito da sua ilha, e por tanto não a deixarão ao Rei.

— E tomá-la-ham?

— Sem dúvida, si não fôr n'um dia, será em outro. . . .

— Pois no dia em que a tomarem, exclamou a Senhora Princeza, quero que seja arcabuzado aquelle insolente Mr. de Canolles, si se não entregar de baixo de condicões. »

Clara sentiu circular-lhe um tremor mortal pelas veias.

« Arcabuzá-lo! disse o Duque de Laroche-foucault; que tal! si assim é que Vossa Alteza entende a aguerre, felicitou-me mui sinceramente ser do numero dos seus amigos.

— Então renda-se.

— Eu muito desejaria saber o que diria Vossa Alteza se Richon se rendesse?

— Richon não está em scena, senhõr du que; não se trata de Richon. Vamos! tragam-me um burguez, um vereador, um conselheiro, alguma cousa enfim a que eu possa fallar, e que me certifique que aquella vergonha não ha de ser m' amargura para os que ma fizeram tragar.

— Eis uma coincidencia maravilhosa, disse

Lenet, ahí chega Mr. d'Espagnet que sollicita a honra de ser introduzido á presença de Vossa Alteza.

— Mandai-o entrar, » disse a princeza.

O coração de Clara, durante toda esta pratica ora palpitava com violencia, ora parecia que uma tenaz lhe tolhia todo o movimento; com effeito, dizia ella tambem consigo, os bordelezes não deixaram de fazer pagar caro a Canolles o seu primeiro triumpho. Porém ainda maior foi o seu susto quando Espagnet veio com os seus protestos corroborar as seguranças que dava Lenet.

« Senhora, dizia elle a Princeza, fique Vossa Alteza socegada, em lugar de quatro mil homens mandaremos oito; em lugar de seis peças de artilharia, assestaremos doze; em lugar de cem homens, perderemos duzentos, trezentos, quatrocentos se fôr preciso, mas havemos de tomar Sam Jorge.

— Bravo! senhor, exclamou o duque: isto é que é fallar; vós sabeis que eu sou o vosso homem, já como chefe, já como voluntario, todas as vezes que tentardes esta empreza. A unica cousa que deveis observar, é que a quinhentos homens por cada vez, suppondo só quatro expedições como esta, o nosso exercito se achará muito diminuto á quinta vez.

— Senhor duque, replicou Espagnet, somos trinta mil homens em estado de pegar em armas em Bordenus. Levaremos si preciso fôr, todas as peças de artilheria do arsenal para diante da fortaleza; faremos um fogo capaz de reduzir a pó uma montanha de granito; passarei eu mesmo o rio á frente dos sapadores, e tomaremos

Sam Jorge; nós ainda agora assim o juramos com toda a solemnidade.

— Duvido que toméis Sam Jorge em quanto Mr. de Canolles estiver vivo, disse Clara com uma voz quasi inintelligivel.

— Pois então, respondeu Espagnet, mata-
mos, e tomaremos Sam Jorge depois »

Madama de Cambes soffocou um grito de terror prestes a sair do seu peito.

« Querem tomar Sam Jorge?

— Si o querem tomar exclamou a Princeza. Quem disse pôde duvidar? é tudo o que nós queremos.

— Pois então, disse madama de Cambes, deixem a cousa por minha conta, e obrigo-me a entregar a praça.

— Deixa-te disso, respondeu a Princeza; já me tinhas promettido cousa semelhante, e sabiste-te mal da empreza.

— Eu tinha promettido de fazer uma tentativa junto de Mr. de Canolles. Essa tentativa falhou; achei Mr. de Canolles inflexivel.

— Pensas achal-o mais brando depois do seu triumpho?

— Não, senhora. Por isso desta vez não disse que vos entregaria o governador; o que vos digo é que hei de entregar-vos a praça.

— Então como?

— Introduzindo os vossos soldados no patio da fortaleza.

— Sois alguma fada, senhora, para vos encarregardes de semelhante negocio? perguntou Larechefoucault.

— Não, senhor, sou proprietaria, disse a viscondessa.

— A senhora está zombando, tornou o duque.

— Não, não, disse Lenet, eu vislumbro muitas cousas nas tres palavras que acaba de proferir madama de Cambes.

— Então isso me basta, disse a viscondessa, e o parecer de Mr. Lenet é tudo para mim. Repito pois, que Sam Jorge está tomado, si consentirem em deixar-me dizer quatro palavras em particular a Mr. Lenet.

— Senhora, interrompeu madama de Tourville, eu tambem tomo Sam Jorge, si deixarem o negocio por minha conta.

— Deixai, em primeiro lugar, expôr em voz alta o seu plano a madama de Tourville, disse Lenet, detendo madama de Cambes que o queria levar consigo para um canto, depois dir-me-eis o vosso em voz baixa.

— Fallai, senhora, disse a Princeza.

— Parto de noite com vinte barcos, levando duzentos mosqueteiros; outros duzentos se encaminharão ao longo da margem direita; quatrocentos ou quinhentos subirão pela margem esquerda; durante esse tempo mil ou mil e duzentos bordelezes...

— Ponderai o bem, senhora, disse Laroche-foucault, eis já mil ou mil e duzentos homens empenhados.

— Eu, disse Clara, com uma só companhia tomo Sam Jorge; dêem-me o batalhão de Navailles, e respondo pelo bom exito.

— Isso é digno de consideração, replicou a

Princeza. em quanto Mr. de Larochevoucalt, sorrindo-se com desprezo, olhava com lastima para todas essas mulheres, que tinham o atrevimento de dar o seu voto em assumptos de guerra, que davam que entender aos homens mais ousados, e mais emprehendedores.

— Agora posso ouvir-vos, disse Lenet. Vinde minha senhora. »

E Lenet levou a viscondessa para o vão de uma janella.

Clara contou-lhe o seu segredo ao ouvido, e Lenet não pôde conter um grito de alegria.

— Com effeito, disse elle voltando-se para a Princeza, desta vez se quizerdes dar carta branca a madama de Cambes, Sam Jorge está tomado.

— E quando ? perguntou a Princeza.

— Quanto o quizerem.

— A senhora é um grande capitão, disse Larochevoucalt com ironia.

— Disso ficareis convencido, senhor duque, respondeu Lenet, quando entrardes triunfante em Sam Jorge sem dar um só tiro.

— Então aprovarei.

— Então, disse a Princeza, se a cousa é tam certa como dizeis, prepare-se tudo para amanhã.

— Será no dia e na hora que a Vossa Alteza aprover, respondeu madama de Cambes, e esperarei as suas ordens no meu quarto. »

E dizendo estas palavras, saudou, e recolheu-se; a Princeza, que acabava de passar em um instante da cólera á esperanza, fez outro tanto: Madama de Tourville seguiu-a. Espagniet, depois de ter renovado os seus protestos,

tambem se retirou, e o duque achou-se só com Lenet.

« Meu querido Mr. Lenet, disse o duque, visto que as mulheres lançaram mão da guerra penso que a nós homens nos conviria mettermos a intrigantes, e enredadores. Ouvi fallar de um certo Cauvignac, encarregado por vós de recrutar uma companhia, e que me representaram como homem muito habil, e manhoso. Eu tinha-o mandado chamar; haveria meio de vel-o?

— Senhor, elle alli está esperando, disse Lenet.

— Então que entre. »

Lenet puxou pelo cordão de uma campainha, e um criado se apresentou.

« Intreduzi o capitão Cauvignac, » disse Lenet.

Passado um instante, appareceu o nosso antigo conhecido á entrada da porta. Porém prudente sempre, alli se deteve.

« Vinde cá, capitão, disse o duque, eu sou o duque de Larochefoucault.

— Excellentissimo senhor, respondeu Cauvignac, eu muito bem vos conheço.

— Ah! tanto melhor. Derão-vos a commissão de levantar uma companhia?

— Está levantada.

— Quantos homens tendes á vossa disposição?

— Cento e cincoenta.

— Bem fardados, e bem armados?

— Bem armados, e mal fardados. Occupei-me das armas primeiro que tudo, como sendo o mais essencial. Quanto ao fardamento, como sou

homem muito desinteressado, e era movido sobre tudo pelo amor que tenho aos senhores Principes, não tendo recebido senão dez mil libras de Mr. Lenet, faltou-me o dinheiro.

— E com dez mil libras alistastes cento e cincoenta soldados?

— Sim, senhor.

— E' cousa maravilhosa.

— Senhor, tenho meios que só de mim são sabidos, e ajudado delles nunca desacorção.

— E onde estão os vossos homens?

— Estão ali; vereis, senhor, que bella companhia, mórmente debaixo do aspecto moral; são todos de boas familias; não ha um só delles que pertença á raça dos farroupilhas. »

O duque de Larochefoucault aproximou-se da janella, e vio com effeito na rua cento e cincoenta individuos de todas as idades, de todas as estaturas, e de todos os estados, collocados em duas linhas por Ferguzon, Barrabás, Carrotelle, e os outros dos seus companheiros alaviados com os seus mais magníficos trajos. Aquelles individuos tinham antes a apparencia de uma tropa de bandidos, que de uma companhia de soldados.

Como Cauvignac o dissera, estavam muito esfarrapados, porém mui bem armados.

« Recebestes alguma ordem relativamente aos vossos homens? pergantou o Duque.

— Recebi ordem de os coaduzir a Vayres, e espero sómente a confirmação dessa ordem pelo Senhor Duque, para entregar toda a minha companhia nas mãos de Mr. Richon, que a está esperando.

— Mas vós não ficareis em Vayres com elles?

— Eu, senhor, tenho por principio de nunca commetter a loucura de encerrar-me entre quatro paredes, quando posso andar solto pelo campo. Tinha nascido para levar a vida dos patriarchas,

— Ora pois, ficai onde muito bem quizerdes, porém mandai a vossa gente para Vayres.

— Então está decidido que fazem parte da guarnição daquella praça?

— Sim.

— Debaixo das ordens de Mr. Richon?

— Sim.

— Mas, senhor, disse Cauvignac, que vai lá fazer a minha gente, visto que já na praça ha uns trezentos homens?

— Sois muito curioso.

— Oh! não é por curiosidade, senhor, e por temor.

— E que temeis vós?

— Temo que os condemnem a ficar em inacção, e isto seria desacertado; quem deixa enferrujar uma boa arma, faz mal.

— Soccegai, capitão, não se enferrujaráõ; dentro de oito dias terão de combater.

— Mas então matar-mos-am?

— E' provavel; a não ser que tendo um meio para recrutar soldados, tenhamos tambem um segredo para tornál-os invulneraveis.

— Oh!, não é disso que se trata; o que eu quizera é que fossem pagos antes que m'os matem.

— Não dissestes que tinhas recebido dez mil-libras?

— Verdade é que as recebi á conta. Pergun-

«tai-o a Mr. Lenet, que é pessoa mui grave, e que, estou certo se lembrará das nossas convenções »

O Duque voltou-se para o lado de Lenet.

« E' verdade, Senhor Duque, disse o irreprehensivel conselheiro; dê-mos a Mr. Cauvignac dez mil libras para as primeiras despezas; porêm promettemos-lhe cem escudos por cada homem, além da applicação dessas dez mil libras.

— Então, disse o Duque, são trinta e cinco mil francos que devemos ao capitão ?

— Justamente, senhor.

— Dar-se-vos-am.

— Não poderíamos fallar no presente, Senhor Duque.

— Não, isso não é possivel.

— Porque ?

— Porque fazeis parte dos nossos amigos, e os estranhos devem ser attendidos em primeiro lugar; muito bem sabeis que só quando se tem medo da gente, é que se faz preciso acaricial-a.

— Excellente maxima, disse Cauvignac, com tudo, em todos os negocios é costume fixar um prazo.

— Ora pois, dentro de oito dias, disse o Duque.

— Fiquemos nisso, dentro de oito dias terá lugar o pagamento dessa quantia, replicou Cauvignac.

— Mas se dentro de oito dias não tivermos pago? disse Lenet.

— Então, disse Cauvignac, fico outra vez senhor de minha companhia.

— E' muito justo, disse o Duque.

— Della farei o que bem quizer.

— Visto que então vos pertencerá,

— Todavia. . . disse Lenet:

— Que importa isso? disse o Duque, pois que nós a teremos encerrada em Vayres.

— Não gosto de contractos desta especie, respondeu Lenet abanando a cabeça.

— Estão com tudo muito em uso entre os Normandos: chama-se isto vender a retro,

— Estamos pois de acordo? perguntou o Duque,

— Sem duvida alguma, respondeu Cauvignac.

— E quando am de partir os vo-sos homens?

— Desde já se assim o ordenardes.

— Então ordeno-o.

— Nesse caso, senhor, vam partir. »

O capitão desceu, disse duas palavras ao ouvido de Ferguzen, e a companhia de Cauvignac, acompanhada de todos os curiosos que o seu estranho aspecto ajuntara em torno della, poz se em marcha para o porto; onde a esperávão tres barcos, nos quaes devia ser transportada pelo Dordonha acima até Vayres; enquanto o seu chefe, fiel aos principios da liberdade manifestados um momento antes ao Duque de Laroche-foucault, olhava para ella amorosamente vendo-a afastar-se.

Entretanto a viscondessa retirada no seu quarto, soluçava e rezava.

« Ai de mim, dizia ella, não pude salvar-lhe a honra completamente, mas pelo menos salvar-lhe-hei as apparencias della. Não deve ser vencido pela força; porque, muito bem o conheço, vencido pela força morrerá defendendo-se, é preciso que pareça vencido pela traição. Então quando souber o que tenho feito a seu

seu favor, e sobre tudo o fim com que o fiz, posto que vencido, ainda me abençoará. »

E sucegada com esta esperança, levantou-se, escreveu algumas palavras que escondeo no seu seio, e foi ter com a Princeza, que acabava de a mandar chamar, para com ella levar soccorros aos feridos, e consolações e dinheiro ás viúvas e aos orfãos.

A Princeza reunio todos os que tinham tomado parte na expedição; exaltou em seu nome e no do Senhor Duque d'Enghien, os feitos, e proezas dos que se havião distinguido. conver-sou muito tempo com Ravailly, que, de braço ao peito, lhe jurou que estava prompto a de novo sair a campo no dia seguinte; poz a mão no hombro d'Espagnet, dizendo-lhe que o considerava, a elle, e aos seus bravos Bordelezes, como os mais firmes esteios do seu partido; finalmente inflammou de tal modo todas as imaginações, que os mais desalentados juravão tomar a sua desforra, e querião voltar á ilha de Sam Jorge no mesmo instante.

« Neste mesmo instante, não, disse a Princeza: descansai hoje, e esta noite, e depois de amanhã della tomareis posse para sempre. »

Esta certeza dada com voz firme, foi recebida com vociferações de ardor guerreiro. Cada um daquelles gritos penetrava até o intimo do coração da Viscondessa, porque erão como outros tantos puhaes, que ameaçavão a vida do seu amante.

« Vê ao que me eu obriguei, Clara, disse a Princeza, a ti cumpre detempenhar-me para com esta boa gente.

— Socegai, Senhora, respondeo a Viscondessa. eu cumprirei o que prometti. »

Naquelle mesma noite um mensageiro partio a toda a pressa para Sam Jorge.

No dia seguinte, em quanto Canolles fazia a sua ronda da manhã, Vibra-se aproximou d'elle, e entregou-lhe um bilhete, e uma chave que um desconhecido trouxera durante a noite, e que entregara ao tenente que estava de guarda, dizendo que não tinha resposta.

Canolles estremeceu ao reconhecer a letra de madama de Cambes, e abriu todo tremulo o bilhete.

Eis o seu conteúdo:

« No meu ultimo bilhete, participava-vos que
« durante a noite o forte de Sam Jorge seria ataca-
« cado; neste, dou-vos parte de que amanhã o
« forte de Sam Jorge será tomado; como homem,
« como soldado do Rei, não correis outro risco
« senão o de ficar prisioneiro; porém made-
« moiselle de Lortigues está n'uma situação
« muito differente, e o odio que lhe tem é tal,
« que eu não responderia pela sua vida si ca-
« isse nas mãos dos Bordelezes. Determinai-a
« pois a fugir, e para isso ven dar-vos os meios.

« A' cabeceira do vosso leito, por detraz de
« uma tapeçaria com as armas dos Senhores de
« Cambes, a quem outrora pertencia a ilha de
« Sam Jorge, que fazia parte do seu dominio,
« e de que o defunto visconde de Cambes, meu
« marido, fez doação ao Rei, achareis uma porta,
« cuja chave vos remetto. É uma das aberturas
« de uma grande passagem subterranea que por
« baixo do rio vai ter ao solar de Cambes. Fazei

« fugir por esta passagem mademoiselle Nanon
« de Lartigues... e se a amais... fugi com ella.
« Dou-vos a minha palavra de honra de que
« fico responsavel pela sua vida.
« Adeos. Estamos pagos.

VISCONDESSA DE CAMBES.

Canolles lêu. e relêu a carta tremendo de susto a cada linha, e enfiando cada vez que a lia; sentia, sem poder profundar aquelle mysterio, que um poder estranho o envolvia, e dispunha d'elle. Aquelle subterraneo, que ia ter da cabeceira da sua cama ao castello de Cambes, e que devia servir-lhe para salvar Nanon, não teria podido servir, se o segredo daquelle passagem fôra sabido, para entregar Sam Jorge ao inimigo?

Vibrac observava no semblante do governador as ultimas commoções que nelle se reflectiam.

« Más noticias, commandante? perguntou elle.

— Sim; parece que seremos de novo atacados na proxima noite.

— Que teimosa gente! disse Vibrac; eu julgava que se davam por sufficientemente escovados, e que não ouviriamos mais fallar delles antes que se passassem pelo menos oito dias.

— Não preciso, disse Canolles, recomendar-vos a mais escrupulosa vigilancia.

— Ficai socegado, commandante. Tentaram provavelmente surpr'ender-nos como da ultima vez?

— Não o sei; mas estejamos promptos para tudo, e tomemos as mesmas precauções que então tomámos. Ide acabar a ronda em meu

ingar; eu vou recollher-me porque tenho que expedir algumas ordens.»

Vibrae fez um signal de adhesão, e afastou-se com aquella ineuria militar que á proximidade do perigo experimentam os homens que estam expostos a encontrá-lo a cada passo.

Quanto a Canolles, retirou-se para casa, tomando todas as precauções possiveis para não ser visto de Nanon; e depois de haver-se certificado de que estava só no seu quarto, fechou-se á chave.

A' cabeceira do seu leito estavam as armas dos Senhores de Cambes bordadas na tapeçaria, e cercadas de uma especie de fita de ouro.

Canolles levantou a fita, que, desprendendo-se da tapeçaria, deixou vêr a sutura de uma porta.

Essa porta abriu-se com a chave que a viscondessa mandára ao mancebo juntamente com a carta, e a abertura de um subterraneo se apresentou aos olhos de Canolles, o qual seguia visivelmente a direcção do castello de Cambes.

Canolles ficou um instante mudo, e a testa se lhe alagou em suor. Esta passagem mysteriosa, que podia não ser a unica, assustava-o a seu pezar.

Accendeu uma véla, e aprestou-se para a visitar.

Desceu logo vinte degrãos ingremes, depois por uma inclinação mais suave, contiuvou a penetrar nas profundezas da terra.

Em breve ouviu um ruido surdo que ao principio o assustou, ignorando qual fosse a sua causa; porém avançando mais, reconheceu por

cima da sua cabeça o immenso marmurio do rio que rolava as suas aguas para o mar.

Havia muitas fendas na abobada, pelas quaes, em diferentes épocas, as aguas deviam ter filtrado; porém essas fendas, quaes pelas sem duvida tinham dado a tempo, haviam sido tapadas com uma especie de argamassa, que se tornára mais dura do que a propria pedra, que ella consolidava.

Durante quasi dez minutos Canolles, ouviu correr as aguas por cima da sua cabeça; depois a bulha foi diminuindo pouco a pouco; em breve não passava de um leve marmurio. Finalmente este marmurio extinguiu-se por seu turno; o silencio o substituiu, e depois de cincoenta passos dado no silencio, Canolles chegou a uma escada igual áquella que descêra, e que estava fechada no ultimo degrão por uma porta massica, que dez homens reunidos não poderiam abalar, e que uma grossa chapa de ferro livrava do fogo.

« Agora entendo, disse Canolles: esperaram Nanon nesta porta, e salva-la-ham. »

Canolles voltou, passou novamente por baixo do rio, tornou a achar a sua escada, recolheu-se ao seu quarto, assentou de novo a fita, e foi muito pensativo ter com Nanon.

Nanon estava, como de costume, rodeada de mappas, de cartas, e de livros. A pobre mulher fazia ao seu modo a guerra civil a favor do Rei. Assim que viu Canolles, estendeu-lhe a mão com transporte.

« O Rei está a chegar, disse ella, e daqui a oito dias estaremos fóra de perigo. »

— Sempre vem, disse Canolles sorrindo-se

com tristeza, mas desgraçadamente nunca chega.

— Oh! desta vez estou bem informada, querido barão, e antes de oito dias achar-se-ha aqui.

— Por muito que se apresse. Nanon, sempre chegara tarde para nós.

— Que dizeis?

— Digo que em lugar de vos cansardes com estes mappas, e com estes papeis, farieis muito melhor em cogitar nos meios de fugir.

— Fugir! e porque?

— Porque tenho más noticias, Nanon. Prepara-se uma nova expedição: desta vez quem me diz que não succumbirei?

— Então meu amigo, não está assentado que a vossa sorte é a minha, que a vossa fortuna é a minha?

— Não, isto não póde ser assim; eu serei demasiado fraco se tiver de ter receios a vosso respeito. Não quizeram em Agen fazer vos morrer queimada? Não quizeram deitar-vos no rio? Nanon, compadecei-vos de mim, não vos obstineis em ficar aqui, a vossa presença far-me-ia commetter alguma cobardia.

— O' meu Deus! Canolles, vos assustais-me.

— Nanon, eu vol-o supplico, jurai-me, se eu fór atacado, que fareis o que vos ordenar.

— Oh! meu Deus, para que é preciso semelhante juramento?

— Para dar-me a força de viver. Nanon, se me não prometterdes de obedecer-me cegamente, juro-vos que na primeira occasião me farei matar.

— Oh! tudo quanto vós quizerdes, Canolles; fide, eu o juro pelo nesso amor.

— Graças a Deus! querida Nanon, eis-me mais socegado. Ajuntai as vossas joias mais preciosas. Onde está o vosso ouro?

— N'um barril com arcos de ferro.

— Preparai tudo isso, a fim de que tudo possais levar com vosco.

— Oh! Canolles, muito bem sabeis que o verdadeiro thesouro do meu coração não é nem o meu ouro, nem as minhas joias. Canolles, não será tudo isso para me afastardes de vós?

— Nanon, vós crêdes que eu sou homem de honra, não é assim? Ora pois, pela minha honra vo lo affirmo, quanto faço é me inspirado pelo unico receio do perigo que correis.

— E acreditais sériamente nesse perigo?

— Acredito que amanhã a ilha de Sam Jorge ha de ser tomada.

— Mas como?

— Não o posso saber, mas acredito-o.

— E se eu consentir em fugir?

— Farei tudo o que puder para viver, Nanon, eu vo-lo juro.

— Vós dareis as vossas ordens, meu amigo e eu obedecerei, disse Nanon estendendo a mão a Canolles, e esquecendo-se, no ardor com que para elle olhava, das duas grossas lagrimas que lhe sulcavam as faces.

Canolles apertou a mão a Nanon, e saiu. Si se houvesse demorado mais um instante, teria recolhido aquellas duas perolas com os seus labios; mas pôz a mão sobre a carta da viscon-

dessa, e, como se fôra um talisman, esta carta deu-lhe forças para afastar-se.

O dia foi cruel. Aquella ameaça tão positiva: « A' mankã a ilha de Sam Jorge sera tomada, » susurrava constantemente aos ouvidos de Canolles. Como, por que meio, que certeza podia ter a viscondessa para fallar em taes termos? Seria atacado pelo rio, seria atacado por terra? De que ponto desconhecido desfecharia sobre elle aquella desgraça invisivel, e com tudo certa? Não era preciso tanto para enlouquecê-lo.

Durante todo o dia, Canolles queimou os seus olhos ao sol, procurando em toda a parte o inimigo. De tarde, Canolles cansou os olhos a sondar as profundezas do bosque, os orisontes da planicie, as sinuosidades do rio: tudo foi baldado, nada viu.

E quando anoiteceu completamente, um dos lados do palacio de Cambes se illuminou: era a primeira vez que Canolles alli via luz desde que estava na ilha de Sam Jorge.

« Ah! disse, eis os salvadores de Nanon que se achão no seu posto. »

E deo um profundo suspiro.

Que singular, e mysterioso enigma é aquelle em que se encerra o coração humano! Canolles já não amava Nanon, Canolles adorava madama de Cambes, e todavia no momento de separar-se da mulher, quem já não amava, Canolles sentia dilacerar-se a sua alma; longe della, ou quando estava para deixá-la é que Canolles sentia a verdadeira força do sentimento singular que aquella linda creatura lhes inspirava.

Toda a guarnição estava de pé, e velava nas

murallas. Canolles cansado de olhar, interrogava o silencio nocturno. Nunca a escuridão estivera mais muda, e parecia mais solitaria. Nenhum ruido alterava aquelle socego que parecia o do deserto.

De repente occorreo a Canolles que talvez fosse pelo subterraneo que visitara, que o inimigo penetraria dentro do forte. Era isso pouco provavel, porque em tal caso não o terião prevenido; não deixou todavia de guardar aquella passagem. Mandou preparar um barril de polvora com a sua mecha, escolheu o mais bravo dos sargentos, fez rolar o barril até o ultimo degrão do subterraneo, accendeo um archote, e entregou-o nas mãos do sargento. Outros dous homens conservavão-se ao pé d'elle.

« Si se apresentarem mais de seis homens por este subterraneo, disse elle ao sargento, intimalhes desde logo que se retirem; depois, se recusarem faze lo, larga fogo á mecha, e faze rolar o barril; como a passagem tem declive, irá arrebentar no meio delles. »

O sargento pegou no archote; os dous soldados ficarão de pé, e immoveis atrás d'elle, alumiados pelo seu reflexo avermelhado, em quanto a seus pés estava o barril que continha a polvora.

Canolles voltou para cima socegado, ao menos por aquelle lado; porém entrando no seu quarto, vio Nanon, que tendo-o visto descer da muralha, e recolher se ao seu quarto, tiuha-o seguido para saber alguma noticia. Ella olhava assombrada para aquella abertura que lhe era desconhecida.

« Oh! meu Deus! perguntou ella, que porta é esta?

— A da passagem por onde tens de fugir, querida Nanon.

— Promette-te-me que não exigirias de mim que te deixasse senão em caso de ataque.

— E ainda to prometto.

— Tudo parece muito socegado em torno da ilha, meu amigo.

— Tambem tudo parece muito socegado dentro della, não é assim? E com tudo a vinte passos de nós está um barril de polvora, um homem, e um archote. Se o homem chegasse o archote ao barril de polvora, em um segundo não ficaria pedra sobre pedra em todo o castello. Bis como tudo está socegado, Nanon!»

A joven senhora enfiou.

« Oh! vós fazeis-me tremer exclamou ella.

— Nanon, disse Canolles, chamai as vossas criadas, venham cá, e tragam as vossas joias; o vosso criado da camara venha tambem, e traga o vosso dinheiro. Talvez me tenha enganado, talvez não haja novidade esta noite, mas não importa, estejamos promptos.

— Quem vive? «gritou o sargento no subterraneo.

Outra voz respondeo, mas não em tom hostil.

« Ouvistes, disse Canolles, eil-os que vos vem buscar.

— Ainda não atacam, meu amigo; tudo está tranquillo; deixai-me ficar ao pé de vós, elles não viram. »

Quando Nanon acabou de proferir estas palavras, o grito: Quem vive? retumbou tres vezes

no pateo interior, e à terceira vez foi seguido da detonação de um mosquete.

Canolles correu para a janella, e abriu-a.

« A's armas! gritou a sentinella, às armas!»

Canolles viu n'um angulo uma negra, e moveu-a massa: era o inimigo que sahia ás ondas de uma porta baixa, e arqueada que dava communicação para um subterraneo que servia de estancia de lenha; sem dúvida naquelle subterraneo havia, como na cabeceira do leito de Canolles, alguma sahida desconhecida.

« Eil-os! gritou Canolles; apressai-vos, eil-os que chegam.»

No mesmo instante a descarga de uns vinte mosquetes respondeu ao tiro da sentinella. Duas ou tres balas vieram quebrar os vidros da janella que Canolles fechava.

Elle voltou-se, Nanon estava de joelhos.

Pela porta interior vinham correndo as criadas, e o seu lacaio.

« Não se póde perder um momento, Nanon, exclamou Canolles; vinde! vinde!»

E tomou em seus braços a joven mulher, como se não pesára mais do que uma penna, e metten-se pelo subterraneo gritando aos que acompanhavam Nanon que o seguissem.

O sargento estava no seu posto com o archote na mão: os dous soldados, com a mecha acesa, estavam promptos a fazer fogo contra um grupo, no meio do qual apparecia, pallido, e fazendo mil protestos de amizade, o nosso antigo conhecido, o senhor Pompeu.

« Ah! Mr. de Canolles, exclamou elle, dizeilhes que somos as pessoas que esperaveis; não

são brincadeiras estas que se fação com amigos.

— Pompeu, disse Canolles, recomendo-vos a senhora; alguém que conheceis, deu-me a sua palavra de honra de que respondia por ella; e vós deilla me respondereis pela vossa cabeça.

— Sim, sim, eu respondo por tudo, disse Pompeu.

— Canolles. Canolles, não me apartei de vós, exclamou Nanon pendurando-se ao pescoço do mancebo; Canolles, vós prometteste-me que me acompanhareis.

— Prometti defender o forte de Sam Jorge em quanto não fôr arrasado, e vou cumprir a minha promessa.»

E apezar dos clamores, dos prantos, e das supplicas de Nanon, Canolles entregou-a nas mãos de Pompeu, que auxiliado de dous ou tres lacaios de madama de Cambes, e do acompanhamento da propria fugitiva, a arrastou comsigo ás profundezãs do subterraneo.

Canolles seguiu um instante com os olhos aquelle meigo, e alvo fantasma que se ia afastando com os braços estendidos para elle. Porém de repente, recordando-se de que o esperavam n'outra parte, correu para a escada, gritando ao sargento, e aos dous soldados que o seguissem.

De Vibrac estava no quarto, sem chapéu, pallido, e com a espada na mão.

« Commandante, gritou elle vendo Canolles, o inimigo... o inimigo... »

— Bem o sei.

— Que é preciso fazer?

— Bella pergunta! fazer-nos matar.»

Canolles correu ao patio, e no caminho, dando com os olhos no machado de um mineiro, lançou mão d'elle.

O patio estava cheio de inimigos! sessenta soldados da guarnição amontoados em um grupo tratavam de defender a porta dos quartos de Canolles. Ouviam-se do lado das muralhas gritos, e tiros annunciando que em toda a parte andavam ás mãos.

« O commandante! o commandante! gritaram os soldados vendo Canolles.

— Sim! sim! respondeu este, eis o commandante, que vem morrer com voseo. Animo! amigos, animo! tomarão-vos por traição não podendo vencer vos.

— Tudo é bom na guerra, disse a voz zombeteira de Ravailly, que, de braço ao peito, animava os seus soldados a que se segurassem de Canolles. Entrega-te Canolles, entrega-te, e serás muito bem tratado.

— Ah! és tu, Ravailly, gritou Canolles. Eu com tudo julgava que te havia pago a minha divida de amizade. Não estas contente, espera...»

E Canolles, dando um pulo de cinco ou seis passos para diante, arremessou contra Ravailly o machado que tinha na mão com tanta força, que foi fender, ao pé do capitão de Navailles, o capacete, e a golla de um official de burguezes que logo caiu morto!

« Fôra! disse Ravailly, este é o modo como respondes aos obsequios que te fazem? Eu de-vêra todavia estar acostumado ao teu estilo de proceder. Meus amigos, elle está derramado, fogo sobre elle! fogo!»

O resultado desta ordem, foi uma vigorosa descarga, que partiu das fileiras inimigas, e cinco ou seis homens caíram por terra ao pé de Canolles.

« Fogo ! gritou elle por seu turno, fogo ! »

Porém apenas se ouviram tres ou quatro tiros. Surpreendidos no momento em que menos o esperavam, turbados pela noite, os soldados de Canolles tinham descorçoado.

Canolles viu que nada se podia fazer.

« Entrai, disse elle a Vibrac ; entrai, e mandai entrar os vossos soldados; entrincheirar-nos-emos, e só nos entregaremos, quando nos tiverem tomado de assalto.

— Fogo ! repetiram outras duas vezes, que eram as de Espagnet, e de Larochevoucault. Lembrai-vos dos vossos camaradas mortos, que pedem vingança. Fogo ! »

E um suração de ferro sibilou de novo á roda de Canolles sem o ferir, mas dizimando segunda vez a sua pequena tropa.

« Retirai vos ! disse de Vibrac.

— A elles ! gritou Ravailly, ávante, amigos ! ávante. »

Os inimigos arremetteram então ; Canolles, com uma duzia de homens quando muito, sustentou o choque ; tinha pegado na espingarda de um soldado morto, e servia-se della como de um varapão.

Os seus companheiros entraram, e elle foi o ultimo que se recolheu com Vibrac.

Então ambos elles se arrimaram á porta, que alcançaram fechar,, apezar dos esforços dos si-

fiantes, e seguraram-na com uma enorme traveca de ferro.

As janellas tinham grades.

« Venhão machados, alavancas, e artilheria: se fôr preciso, gritou o duque de Earocheffoucault; é necessario tomal os todos, mortos, ou vivos »

Um fogo espantoso seguiu-se a estas palavras; duas ou tres balas atravessaram a porta, e uma dellas quebrou uma perna a Vibrac.

« Pela minha fê, meu commandante, disse elle recebi o meu quinhão; arranjai-vos agora como puderdes; já nada tenho com isso.»

E foi-se deslizando ao longo da parede, não podendo já ter-se em pé.

Canolles olhou á roda de si: uma dúzia de homens estavam ainda em estado de defeza; o sargento que deixára de sentinella no subterraneo; estava entre elles.

« O archote, lhe disse elle, que fizeste do archote? »

— Atirei com elle, commandante, para junto do barril.

— Ainda estará acceso?

— E' provavel.

— Bem está. Manda sair todos estes homens pelas portas e janellas de traz. Alcança para elles, e para tí as condições mais vantajosas que puderdes; tudo o mais fica por minha conta.

— Mas, meu commandante...

— Obedece.»

O sargento inclinou a cabeça, e fez signal aos seus soldados para que o seguissem. Todos desappareceram no mesmo instante mettendo se

pelos quartos interiores: tinham adivinhado a intenção de Canolles, e não se sentiam com vontade de voar pelos ares com elle.

Canolles prestou ouvidos um instante; arrombavam a porta ás machadadas, o que não impedia que o fogo fosse sempre continuando; atiravam ao acaso, e principalmente ás janelas, atraz das quaes suppunham que podiam estar emboscados os sitiados.

Repentinamente um grande tumulto annunciou que tinham franqueado a porta, e Canolles ouviu o tropel da gente que se precipitava no castello dando gritos de alegria.

« Bem, bem, murmurou elle, dentro de cinco minutos estes gritos de alegria se tornaram em uivos de desesperação. »

E correu para a galeria subterranea.

Porém, sobre o barril estava sentado um mancebo, tendo o archote aos seus pés, e a cabeça encostada nas mãos.

O mancebo, com a bulha, levantou a cabeça e Canolles reconheceu madama da Cambes.

« Ah! exclamou ella levantando-se, eil-o finalmente !

— Clara, disse Canolles, que vindes fazer aqui ?

— Morrer com vosco, se quizerdes morrer.

— Estou deshonrado, perdido, não tenho remedio senão morrer.

— Estais salvo, e glorioso, salvo por mim !

— Perdido por vós ! Não os ouvis ? elles ahi vem, eil-os ! Fugi, Clara, fugi por este subterraneo ; tendes cinco minutos, é mais do que vós é preciso.

— Eu não fujo, eu aqui fico.

— Mas sabeis vós para que desci aqui? sabeis o que vou fazer?»

Madama de Cambes pegou no archote, e aproximou-o do barril de pólvora.

« Tenho minhas suspeitas do motivo que para isso tivestes, disse ella.

— Clara, exclamou Canolles espantado, Clara!

— Repeti ainda uma vez que quereis morrer e morreremos juntos.

O semblante pallido da viscondessa indicava uma tal resolução, que Canolles conheceu que ia fazer o que dizia: elle deteve-se.

— Mas emfim, que quereis vós? disse elle.

— Quero que vos entregaeis.

— Nunca! disse Canolles.

— O tempo é precioso, continuou a viscondessa, entregai-vos. Offereço-vos a vida, offereço-vos a honra, visto que vos dou a desculpa da traição.

— Então deixai-me fugir, irei depositar a minha espada aos pés do Rei, e pedir-lhe a occasião de tomar a minha desforra.

— Não fugireis.

— Porque?

— Porque não posso viver assim; porque não posso viver separadã de vós; porque vos amo!

— Eu me rendo, eu me entrego, exclamou Canolles prostrando-se aos pés de madame de Cambes, e arremessando para longe o archote que ella tinha na mão.

— Oh! murmurou a viscondessa, desta vez tenho-o seguro, não m'ò hao de tirar mais. »

Havia uma cousa estranha, de que todavia se pôde dar uma explicação: era que o amor obrou de um modo inteiramente opposto nestas duas mulheres.

Madame de Cambes, discreta, meiga, tímida, tornára-se resoluta, ousada e forte.

Nanon, caprichosa, indomita, e ardente, tornára-se tímida, meiga e comedida.

A razão disso é que madame de Cambes sentia que era cada vez mais amada de Canolles, e Nanon, sentia que o amor de Canolles ia diminuindo todos os dias.

Esta segunda entrada do exercito dos Príncipes em Bordeus foi muito differente da primeira. Desta vez havia louros para toda a gente, até para os vencidos. A delicadeza de madame de Cambes tinha reservado uma boa parte delles para Canolles, que, logo que franqueou a barreira ao lado do seu amigo Rivailly, que por duas vezes estivera a ponto de matar, vio-se rodeado como um grande capitão, e felicitado como um valente soldado.

Os vencidos da antevespera, e sobre tudo os que haviam sido maltratados no combate, não deixavão de conservar um certo rancor contra o seu vencedor. Porém Canolles era tão bom, tão formoso, e tão ingenuo, supportava com tanta alegria, e tanta dignidade ao mesmo tempo, a sua nova posição, via-se rodeado de um séquito de amigos tão pressurosos, os officiaes e soldados do regimento de Navailles fazião d'elle um tão gra-

de elogio como seu capitão, e como governador da ilha de Sam Jorge, que os Bordelezes em breve esquecerão os aggravos que podião ter d'elle. Além disso tinham outras cousas em que pensassem. Mr. de Bouillon devia chegar dentro de dous ou tres dias, e segundo as melhores informações, dentro de oito dias o mais tardar, o Rei se acharia em Libourne.

A Princeza de Condé tinha o mais ardente desejo de vêr a Canolles, viu-o passar escondida atrás da cortina do seu quarto, e achou que tinha um rosto capaz de fazer conquistas, e que correspondia perfeitamente á reputação de que gosava entre amigos e inimigos. Madame de Tourville, sendo de parecer contrario ao da Princeza, dizia que era falto de distincção. Lenet affirmou que o considerava como um homem de bem; e Mr. de Laroche foucault contentou-se com dizer:

« Ah! ah! eis pois o heróe.

Designarão um alojamento a Canolles, na grande fortaleza da cidade, no castello Trompette; durante o dia gosava de toda a liberdade, podia passear pela cidade, cuidar dos seus negocios, ou divertir-se. A' noite recolhia-se, e isso em virtude da palavra de honra que dera de que não fugiria, nem se corresponderia com os de fóra.

Antes de dar este ultimo juramento, Canolles tinha pedido licença para escrever quatro regras; essa licença fóra-lhe concedida, e enviara a Nanon a carta seguinte:

« Prisioneiro, mas gosando de toda a liberdade em Bordeus, em virtude da promessa

» que fiz de não ter correspondencia exterior,
» eu vos escrevo estas breves palavras, querida
» Nanou, para fazer-vos certa a minha amisade,
» de que o meu silencio poderia fazer-vos du-
» vidar. Tenho toda a confiança em vós, e li-
» sonjeo-me de que deffendereis a minha honra
» perante o Rei e a Rainha.

BARAÕ DE CANOLLES.

Nestas condições, mui benignas, como bem o
vemos, podia reconhecer se a influencia de ma-
dame de Cambes.

Canolles passou cinco ou seis dias em jantares,
e festas qu^e lhe davão seus amigos; encontra-
vão n'ò sempre com Rivailly, que pastava dan-
do o braço esquerdo a Canolles, e com o bra-
ço direito ao peito; quando o tambor tocava e
os Bordelezes partião para alguma expedição,
ou acudião a algum molim, estavam certos de en-
contrar no caminho que seguião, a Canolles de
braço dado com Rivailly, ou só, com as mãos
atrás das costas, curioso, riso nho, e e inoffen-
sivo.

Desde a sua chegada, só raras vezes vira a ma-
dame de Cambes, e apenas lhe fallára; parecia
ser bastante para a viscondessa que Canolles
não estivesse já ao pé de Nanou, e considerava-
se feliz de o ter, como o ella dissera. perto de si.
Então Canolles lhe escrevèra para brandamente
se queixar, e então ella o fizera receber em uma
ou duas casas da cidade, mediante aquella pro-
tecção invisivel aos olhos, mas palpavel, para
assim dizer, ao coração da mulher que ama sem
querer que adivinhem a sua paixão.

Ainda aqui não estava tudo; Canolles, pela

intervenção de Lenet, recebera a permissão de fazer côrte á Princeza de Condé, e o formoso prisioneiro ali apparecia algumas vezes, conversando e galanteando as damas da seuhora Princeza.

Quanto ao mais, não havia homem algum que parecesse mais desinteressado nos negocios politicos do que Canolles : vêr a madame de Cambes, trocar algumas palavras com ellas ; si não podia fallar-lhe, recoher o seu gesto affectuoso, apertar-lhe a mão quando se mettia na carruagem ; sem embargo de ser hugonote, offercer-lhe agua benta na igreja ; estes erão os grandes negocios em que o prisioneiro empregava o dia.

De noite pensava nos grandes negocios em que se occupára durante o dia.

Com tudo, passado algum tempo, esta distracção já não bastava ao prisioneiro. Ora, como sabia qual era a extrema delicadeza de madame de Cambes, a quem maior cuidado dava a honra de Canolles do que a sua propria, procurou augmentar o circulo de suas distracções. Em primeiro lugar combaten com um official da guarnição e com dous burguezes, o que sempre o occupou algumas horas. Porém, como desarmou um dos seus adversarios, e feriu os outros dous, esta distracção em breve lhe faltou, porque não havia quem estivesse disposto a distrahir-o.

Depois teve um ou dous bons encontros ; o que não era de estranhar ; além de Canolles, como já o dissemos, ser muito bello moço, desde que estava prisioneiro havia-se tornado interessantissimo. Durante tres dias inteiros, e durante toda

manhã do quarto, tinha-se fallado do seu captivo; era quasi dar-lhe tanta importancia como ao do Principe.

Um dia que Canolles esperava vêr madame de Cambes na igreja, e em que ella, talvez com medo de o encontrar, não tinha lá ido, Canolles, não faltando a achar-se no seu posto, junto da columna, offereceu agua benta a uma linda mulher que ainda não tinha visto: a culpa não era de Canolles, mas sim de madame de Cambes si; a viscondessa lá tivesse ido, só nella pensára só a ella vira, e só a ella houvera offerecido agua benta.

Naquelle mesmo dia, interrogando-se Canolles a si proprio para saber quem seria aquella linda trigueirinha, recebeu uma carta de convite para ir passar a noite em casa do advogado geral Lavie, o mesmo que quizera oppor-se á entrada da Princeza, e a quem, pelo seu emprego, competia escudar a autoridade real, sendo por este motivo quasi tão detestado como Mr. d'Epéron. Canolles, que sentia cada vez mais a necessidade de distrair-se, recebeu o convite com reconhecimento, e ás seis horas foi ter á casa do advogado geral.

Os nossos modernos galanteadores talvez estranhem a hora, porém havia duas razões para que Canolles acudisse tão cedo ao convite do advogado geral: a primeira, é que naquella época, como se jantava ao meio dia, os serões principiavam muito mais cedo; a segunda, é que, como Canolles se recolhia regularmente ao castello Trompette ás nove horas e meia, ao mais tardar, era-lhe necessario, si quizesse de-

morar-se algum tempo, ser dos primeiros que chegasse.

Entrando na sala, Canolles deu um grito de alegria; madama Lavie era aquella mesma linda trigueirinha a quem cortezmente offerecêra agua benta naquella manhã mesma.

Canolles foi recebido nos salões do advogado geral como realista que dêra provas de o ser. Tanto que a apresentação teve lugar, logo se viu rodeado de homenagens capazes, de atardir um dos sete sabios da Grecia. Compararam a sua defeza, quando teve lugar o primeiro ataque, como a de Horacio Cocles, e a sua derrota, com a tomada de Troia, destruida pelos artificios de Ulysses.

« Meu querido Mr. de Canolles, lhe disse o advogado geral, sei de boa parte que se fallou muito de vós na côrte, e que a vossa bella defeza vos cobriu de gloria; por isso a Rainha jurou que vos havia de trocar logo que pudesse fazê-lo, e que no dia em que voltasseis para o seu serviço, seria com a patente de brigadeiro; agora dizei-me se quereis ser trocado? »

— Pela minha fé, senhor, respondem Canolles lançando um olhar penetrante a madama Lavie, juro-vos que o meu maior desejo é que a Rainha se não apresse; teria de trocar-me por dinheiro, ou por um bom militar. Eu não valho semelhante despeza, nem mereço semelhante honra. Esperarei que Sua Magestade tenha tomado Bordenes, onde me acho maravilhosamente bem; então serei seu, sem que isso nada lhe custe. »

Madama Lavie sorriu-se com graça.

« Ora quem tal imaginaria ! disse seu marido; vós fallais muito friamente da vossa liberdade, senhor barão.

— E para que a havia eu desejar com ardor ? disse Canolles; julgais que me seja muito agradável voltar ao serviço activo, para achar-me de novo exposto a matar quotidianamente algum dos meus amigos ?

— Mas que vida levais vós aqui ? replicou o advogado geral : uma vida indigna de um homem do vosso merecimento, estranho a todo o conselho, a toda a empreza, condemnado a vêr que os outros servem a causa a que pertencem, em quanto vos conservais de braços cruzados. Inútil, e aborrido. eis o que sois ; uma tal situação deve ser-vos mui pesada. »

Canolles olhou para madama Lavie, que do seu lado tambem para elle olhava.

« Não; senhor, disse elle, estais enganado; e não ando aborrido de modo algum. Vós occupais-vos de politica, o que é muito enfadonho ; eu faço a côrte ás senhoras, o que é muito divertido. Vós estais divididos em dous partidos, uns são servidores da Rainha, outros o são da Princeza. Eu não me ligo exclusivamente a uma soberana, sou o escravo de todas as mulheres. »

Esta resposta mereceu approvação, e a dona da casa exprimiu a sua opinião com um sorriso.

Em breve as partidas de jogo se organisaram. Canolles pôz se a jogar. Madama Lavie entrou de meias no seu jogo contra seu marido, que perdeu cinco mil libras.

No dia seguinte, o povo, não sei a que propósito, lembrou-se de fazer um motim. Um parti-

dario dos Principes, mais fanatico do que os outros, propoz que se fossem apedrejar as vidraças de Mr. Lavie. Depois de quebradas as vidraças, outro propôz que se lançasse fogo á casa. Já iam lançar mão dos tições, quando Canolles chegou com um destacamento do regimento de Navailles, pôz madama Lavie em segurança, e arrancou seu marido das mãos de uma duzia de furiosos que, não podendo queima-lo, queriam ao menos enforcá-lo.

« Então, senhor homem de acção, disse Canolles ao advogado geral, enfiado de terror, que pensais agora da minha ociosidade? Não tômo o partido do mais acertado, quando nada faço?»

E sem mais demora recolheu-se ao castello Trompette, a isto que tocavam a recolher. Entrando, achou sobre a sua banquinha uma carta, cuja fôrma lhe fez palpitar o coração, e cuja letra o fez estremecer.

Era a letra de madama de Cambes.

Canolles abriu apressadamente a carta, e lêu:

« Amanhã achai-vos só na Igreja dos Carmelitas, pelas seis horas depois do meio dia, e entrai no primeiro confessionario da esquerda ao entrar. Achareis a porta aberta.»

— Eis uma singular idéa, « disse consigo Canolles.

Havia um postscripto.

« Não vos gabeis de ir aonde estivestes hon-tem e hoje; Bordeus não é uma cidade realista, tendê-o sempre presente ao vosso espirito; e a sorte que, sem vós, teria tido o senhor advogado geral, faça-vos reflectir.»

— Bom! disse Canolles, ella tem ciúmes.

Então fiz muito bem, diga ella o que disser, em ir hontem e hoje a casa de Mr. Lavie.

Cumpre dizer que, desde a sua chegada a Bordeus, Canolles assára por todos os tormentos do amor infeliz. Vira a viscondessa acariciada, rodeada, e ajudada, sem ter podido mostrar-se assiduo junto della, e fôra-lhe necessario, por toda consolação, contentar-se com alguma vista d'olhos de Clara, colhida de passagem para evitar a investigação dos maldizentes. Depois da scena do subterraneo, depois das palavras ardentes trocadas entre a viscondessa e elle naquelle momento supremo, este estado de cousas parecia-lhe, não frieza, mas sim gelo. Com tudo, como no fundo daquella frieza Canolles sentia que era real, e profundamente amado, tomára o seu partido, que era ser o mais desafortunado dos amantes felizes. De mais disso, a cousa era facil. Graças á palavra que lhe fizeram dar de não ter correspondencia fóra da cidade tinha, desterrado Nanon para aquelle recanto da consciencia destinado aos remorsos amorosos; ora como não tinha noticia nenhuma da joven mulher, e como por conseguinte se poupava ao enfado que sempre causa uma carta. isto é, á lembrança palpavel da mulher a quem se é infiel, os seus remorsos não eram mui insupportaveis.

De vez em quando todavia, no momento em que o mais alegre sorriso assomava ao rosto do mancebo, no momento em que a sua voz proferia palavras espirituosas, e alegres, repentinamente uma nuvem lhe deslizava pela frente, e

um suspiro rompia, is não do seu coração, pelo menos dos seus labios.

Aquelle suspiro era por Nanon; aquella nuvem era a lembrança dos tempos passados que derramava a sua sombra pelo presente.

Madama de Cambes fizera reparo naquelles instantes de tristeza. O seu olhar sondára todas as profundezas do coração de Canolles, e reflectira que não podia deixar Canolles abandonado deste modo a si mesmo. Entre um antigo amor que não estava inteiramente extinto, e uma nova paixão que podia nascer, o excesso daquella seiva ardente, consumida, outrora pelas occupaões militares, e pela representação de um posto elevado, podia tornar-se em elemento contrario áquelle amor tão puro, que ella procurava inspirar-lhe. Além de que, nada mais ella procurava do que ganhar tempo, a fim que a lembrança de tantas aventuras romanescas se apagasse de todo, ou pela maior parte, depois de haver sido o assumpto da curiosidade de todos os cortezãos da Princeza. Talvez que madama de Cambes se enganasse; talvez que se houvesse declarado positivamente o seu amor, tivesse alcançado que delle se occupassem menos, ou menos tempo.

Porém de todos os homens, o que seguia com mais attenção, e com melhor resultado, os progressos daquella mysteriosa paixão, era Lenet. Durante algum tempo os seus olhos observadores tinham reconhecido a existencia do amor sem conhecer o objecto delle; verdade é que não adivinhára a situação exacta daquelle amor, ignorava si era solitario ou correspondido: ma-

madame de Cambes, algumas vezes tremula e indecisa, outras forte e resoluta, quasi sempre indifferente aos prazeres de que gosavão em torno della, era quem só lhe parecêra verdadeiramente ferida no coração; repentinamente aquelle arder que mostrára pela guerra, se agapára, já não estava tremula, nem forte, nem indecisa, nem resoluta; estava pensativa, sorrindo-se sem motivo, chorando sem causa, como si os seus lábios, e os seus olhos respondessem ás variações do seu pensamento, aos impulsos contrarios do seu espirito; havia seis ou sete dias que esta mudança se operára; havia seis ou sete dias que Canolles estava preso. Canolles, sem que dissesse pudesse duvidar, era o objecto daquella amor.

Quanto ao mais, Lenet estava prompto a favorecer um amor, que poderia dar algum dia um tam bravo defensor á Princeza.

Mr. de Larochevoucault talvez estivesse ainda mais adiantado do que Lenet na exploração do coração de madame de Cambes. Porém os seus gestos, os seus olhos, e a sua boca, dizião tão exactamente o que lhes elle permittia que dissessem, que ninguem podia affirmar que elle tinha amor ou odio a madame de Cambes. Quanto a Canolles, não fallava delle, não olhava para elle, e em tão pouca conta o tinha, como se não tivesse existido; de mais disso, guerreando mais do que nunca, tomando os áres e o porte de um heroe, pertença em que era auxiliado por uma coragem a toda a prova, e por uma verdadeira habilidade militar, dava cada dia mais importancia á sua posição de lugar-tenente do generalissimo. Mr. de Bouillon, pelo contrario, frio,

misterioso, calculador, servido admiravelmente na sua politica por ataques de gotta, que ás vezes o acommettiam tanto a tempo, que o publico tinha tentações de negar a realidade delles, negociava sempre, dissimulava o mais que lhe era possível, não podendo habituar-se a sondar o abysmo que separava Mazarin de Richelieu. e tendo sempre receios pela sua cabeça, que estivera a ponto de perder no mesmo cadafalso em que a perdêra Cinq Mars, e que só resgatára dando Sedan, cidade sua, e renunciando, sinão de direito, ao menos de facto, á sua qualidade de Príncipe Soberano.

Quanto á propria cidade de Bordeus, era esta arrastada pela torrente do galanteio que a inundava de todos os lados. Entre dous fogos, entre duas mortes, entre duas ruinas, os Bordelezes estavam tampouco seguros do dia seguinte, que era muito necessario adoçar aquella existencia precaria, que podia não contar o futuro sinão por segundos.

Lembravam-se da Rochella, devastada out'ora por Luiz XIII e da profunda admiração com que Anna d'Austria considerava aquelle feito de armas; que razão haveria para que não offerecesse Bordeus ao odio e a ambição daquella Princeza uma segunda edição da Rochella?

Esqueciam-se sempre de que aquelle que passava o seu nivel pelas cabeças, e pelas muralhas demasiado altas, tinha morrido, e que o Cardeal Mazarin era apenas a sombra do cardeal de Richelieu.

Por conseguinte cada um se deixava ir atôa, e esta vertigem tanto atacava a Canolles como

aos outros ; verdade é tambem que algumas vezes se punha a duvidar de tudo, e nos seus accessos de scepticismo duvidava do amor de madame de Cambes, como das outras cousas deste mundo. Naquelles momentos, Nanon elevava-se no seu coração, mais teroa e mais extremo com a sua mesma ausencia. Naquelles momentos, si Nanon lhe tivesse apparecido, aquelle inconstante espirito se houvéra prostrado aos pés de Nanon.

No meio de todas estas incoherencias de pensamentos, que só podem comprehendere os corações que se acharam entre dous amores, é que Canolles recebeu a carta da viscondessa. Não ha mister dizer que toda, e qualquer outra idéa desapareceu no mesmo instante. Depois de ter lido a carta, não concebia que tivesse jámais podido amar outra que não fosse madame de Cambes ; depois de a ter lido segunda vez, julgou não ter nunca amado sinão a ella.

Canolles passou uma daquellas noites febris, que abrasam, e descansam ao mesmo tempo, fazendo a ventura o contrapeso da insomnolencia. A pesar de que em toda a noite não tivesse fechado os olhos, levantou-se logo que amanheceu.

Todos sabem que os amantes passam as horas que precedem um encontro aprazado, a olhar para o relógio, a correr para um e outro lado, e a ir esbarrar com os seus mais caros amigos, a quem não reconhecem ; Canolles fez todas as loucuras que exigia o seu estado.

Na hora designada (era a vigesima vez que entrava na Igreja) dirigiu-se ao confessorario, que

estava aberto. A travez das vidraças sombrias penetravam os raios do sol no seu occaso; todo o interior do monumento religioso estava alumado por aquella mysteriosa luz, tão doce, e tão grata aos que rezam, e aos que amam. Canolles houvera dado um anno de vida para não perder uma esperança naquelle momento.

Canolles olhou em torno de si para certificar-se de que a Igreja estava deserta, examinou todas as Capellas, e depois de ficar convencido de que ninguem o podia vêr, entrou no confessional, que fechou sobre si.

Um instante depois Clara, embuçada em um denso manto, apresentou-se á porta da Igreja, junto da qual deixou Pompeu de sentinella; e depois de haver-se tambem certificado de que não corria risco de ser vista, foi ajoelhar em um dos genuflexorios do confessional.

« Por fim, disse Canolles, eis-vos aqui, senhora, ! tivestes pois compaixão de mim !

— Não podia deixar de assim o fazer, visto que vos perdies, respondeu muito perturbada de dizer, no tribunal da verdade, uma mentira muito innocente, mas que não deixava por isso de ser uma mentira.

— Assim minha senhora, disse Canolles, a um simples sentimento de commiserção, é que devo o beneficio da vossa presença. Oh! nisso deveis de convir eu tinha o direito de esperar mais alguma cousa da vossa parte.

— Fallemos sériamente, disse Clara, tentando de balde corroborar a sua voz commovida, e como convém fazê-lo em um lugar sagrado; perdies-vos, torno a repeli-lo, indo a casa de

Mr. Lavie, inimigo jurado da Princeza. Montem Sua Alteza soube-o de Mr. de Laroche-foucault, que sabe tudo, e ella proferiu estas palavras, que me assustaram.

« Si temos de reccar tambem as tramas dos nossos prisioneiros, ser-nos-ha preciso tornarmos severos contra as pessoas que tratavamos com indulgencia; nas situações precarias são necessarias decisoes vigorosas; não só estamos promptos a tomá-las, mas decididos a executá-las. »

A viscondessa pronunciou estas palavras com voz mais firme; parecia-lhe que em attenção ao pretexto, Deos descolparia a acção. Era um especie de surdina que punha na consciencia.

« Eu não sou o cavalleiro de sua Alteza, senhora, respondeu Canolles, sou o vosso, e nada mais; a vós é que me eu entreguei, a vós sómente muito bem sabeis em que circumstancia, e de baixo de condição.

— Não julgava que houvesse condições estipuladas.

— De bocca talvez não, porém decoraçào.

Ah! senhora, depois do que me dissestes, depois da ventura que me deixastes entrever, depois das esperanças que me haveis dado! Ah! senhora, deveis francamente convir que fostes muito cruel.

— Meu amigo, disse Clara, cumpre-vos por ventura censurar-me porque cuidei da vossa honra tanto como da minha? e não comprehendes vós, pois não posso deixar de vo lo confessar, porque sem dúbida alguma o adivinhareis. não adivinhais que soffri tanto como vós, mais

do que vós mesmo, visto que não tive a força de suportar aquelle soffrimento? Prestai-me pois attenção, e praza ao Ceu que as minhas palavras, que sabem do mais intimo do meu coração, penetrem do vosso. Meu amigo, eu já vo-lo disse, soffri mais do que vós, porque um receio me atormentava, receio que não podieis ter, porque bem sabeis que não amo senão a vós. Ficando vós aqui, tendes algumas saudades daquella que aqui não está, e nos sonhos do vosso porvir, tendes vós alguma esperança que não seja eu?

— Senhora, disse Canolles, invocais a minha franqueza, e vou fallar-vos francamente; sim, quando ás minhas dolorosas reflexões, quando me deixais só em frente do passado, quando, pela vossa ausencia, me condemnais a vaguear pelas más companhias com aquelles papalvos emplumados, que fazem a cõrte ás suas pequenas burguezas, quando de mim apartais os olhos, ou me fazeis comprar tão caro uma palavra, um gesto, um olhar, de que eu talvez seja indigno, sim, tenho pezar de não ter morrido combatendo, a mim mesmo me accuso de haver-me rendido, tenho pezares tenho remorsos.

— Remorsos?

— Sim, senhora, remorsos; porque, tão certo como estar Deus n'aquelle sagrado altar, diante do qual vos digo que vos amo, ha nesta hora uma mulher que chora, que geme, que daria a sua vida por mim, e com tudo diz lá consigo, ou que sou um cobarde, ou que sou um traidor.

— Oh! senhor.

— Sem dúvida, senhora: não me tinha ella

feito tudo quanto sou? Não lhe tinha eu dado o meu juramento de salvá-la?

— Mas vós também a salvastes, segundo me parece?

— Sim, dos inimigos, que terião podido atormentar a sua vida, mas não da desesperaçã, que lha ha de dilacerar o coração, si aquella mulher souber que a vós é que me rendi »

Clara abaixou a cabeça, e deo um suspiro.

« Ah! vós me amais, » disse ella.

Canolles deu por seu turno um suspiro.

« Não quero tentar-vos, senhor, continuou ella, não quero fazer-vos perder uma amante que valle mais do que eu; contudo eu tambem vos amo, e vós bem o sabeis; eu vinha pedir-vos o vosso amor muito ardente, e extremoso, muito exclusivo: vinha dizer-vos: Eu estou livre, eis a minha mão. Eu vol-a offereço, porque não tenho pessoa alguma que possa oppor-vos, por que a ninguem conheço que vos seja superior.

— Ah! senhora, exclamou Canolles, sinto-me transportado de jubilo, vós me fazeis o mais ditozo dos homens!

— Oh! disse ella tristemente, vós, senhor não me amais.

— Eu vos amo, eu vos adoro; o que unicaamente não posso exprimir-vos, é o muito que soffri com o vosso silencio, e com a vossa reserva.

— Oh! meu Deus! então vós homens nada adinvinhais? respondeu Clara, levantando seus lindos olhos ao céu. Não compr'endestes pois, que eu não queria fazer-vos representar um papel ridiculo, que eu não queria que fosse possível

crer que a entrega de San Jorge era um negocio concertado entre nós? Não; eu queria que trocado pela Rainha, ou resgatado por mim, fosseis todo meu sem reserva. Ai de mim! não quizesdes esperar.

— Oh! agora, senhora, esperarei. Assegure-me uma hora como esta, uma promessa da vossa meiga voz, que me amais, e eu esperarei horas, dias, e annos.

— Amais vós ainda a mademoiselle de Latirgues? replicou madame de Cambes abanando a cabeça.

— Senhora, respondeu Canolles, si vos dissesse que não lhe tenho uma amizade de reconhecimento, não fallaria verdade; acreditai-me, recebei-me com este sentimento. Dou-vos todo o amor que posso dar-vos, e é muito.

— Ah! não sei si devo aceitar, disse Clara, porque dais provas de um coração mui generoso, mas tambem muito amante.

— Ouvi, replicou Canolles, eu morreria para poupar-vos nma lagrima, e eu faço chorar sem me sentir commovido aquella de quem me fallais. Pobre mulher! ella tem inimigos, e os que a não conhecem amaldiçoam-na. Vós só tendes amigos; os que não vos conhecem respeitam-vos, e os que vos conhecem amam-vos; julgai pois qual seja a differença que ha entre estes dous sentimentos, um dos quaes é dictado pela minha consciencia, e o outro pelo meu coração.

Muito agradecida vos fico, meu amigo. Mas talvez que cedais a um movimento produzido pela minha presença, de que poderieis arrependervos? Ponderai pois, as minhas palavras. Dou-

vos aié amanhã para a ellas responderdes. Si quizerdes mandar dizer alguma cousa a mademoiselle de Lartigues, si quizerdes ir ter com ella, tendes toda a liberdade, Canolles, para fazel-o, tomar vos-ei pela mão, e conduzir-vos-ei eu mesma fóra das portas de Bordeus.

— Senhora, respondeu Canolles, é inutil esperar até amanhã, eu vol-o digo com um coração ardente, mas com uma cabeça fria; eu vos amo, só a vós amo, e nunca já mais amarei si não a vós.

— Ah! muito obrigada, muito obrigada, meu amigo, exclamou Clara fazendo correr a grade-sinha, e passando a sua mão pela abertura. E' vossa a minha mão, é vosso o meu coração. »

Canolles tomou aquella mão que cobriu de beijos.

« Pompeu, faz-me signal de que é tempo de sair, disse Clara. Vão sem duvida fechar a Igreja. Adeus, meu amigo, ou para melhor dizer, até à vista. Amanhã sabereis o que quero fazer a vosso favor, quero dizer a nosso favor. Amanhã sereis feliz, pois que eu tambem o serei. »

E não podendo dominar o sentimento que a arrastava para o mancebo, tambem lhe tomou a mão, que por seu turno chegou para si, beijou-lhe a ponta dos dedos, e fugiu ligeiramente, deixando Canolles tão alegre como os Anjos, cujos celestes concertos pareciam ter um écho no seu coração.

Comtudo, como o dissera Nanon, o Rei, a Rainha, o Cardeal, e Mr. de la Meilleraye tinham se posto a caminho para castigar a cidade rebelde, que ousára tomar abertamente o partido dos

Príncipes ; verdade é que se aproximavam vagarosamente, mas aproximavam-se.

Chegando a Libourne, o Rei recebeu uma deputação dos Bordoлезes que vinham testemunhar-lhe o seu respeito e a sua fidelidade; mas no estado em que se achavam os negocios, um tal testemunho era cousa muito estranha.

Este o motivo porque a Rainha recebeu os embaixadores com toda a sua altivez austriaca.

« Senhores, disse ella, vamos continuar o nosso caminho por Vayres; poderemos pois em breve julgar por nós mesmos si o vosso respeito, e a vossa fidelidade sam tam sinceros como dizeis. »

Ao ouvirem esta palavra de Vayres, os deputados, informados sem duvida de alguma circumstancia ignorada da Rainha, olharam uns para os outros com uma especie de inquietação. Anna d'Austria, a quem nada escapava, não deixou de observar aquelle olhar.

« Partamos immediatamente para Vayres, disse ella, a praça é boa, segundo nos certifica o Duque d'Epernon; ali alojaremos o Rei. »

Depois, voltando se para o seu capitão, e para as pessoas do seu séquito. :

« Quem é pois que commanda em Vayres? perguntou ella.

Dizem, senhora, respondeu Guittaut, que é um novo governador.

— Homem seguro e de confiança sem duvida? disse a Rainha franzindo as sobrancelhas.

— Uma creatura do senhor Duque d'Epernon. »

A fronte da Rainha serenou-se.

« Si assim é, ponhamo nos em marcha sem mais demora.

— Senhora, disse o Duque de la Meilleraye, Vossa Magestade fará o que bem entender, porém parece-me que não se deveria marchar mais depressa do que o exercito. Uma entrada bellicosa na cidadella de Vayres produziria um maravilhoso effeito; bom será que os subditos do Rei conheçam as forças de Sua Magestade, porque isto daria alento aos fieis, e faria desesperar os perfidos.

— Parece-me que Mr. de la Meilleraye tem razão, disse o Cardeal Mazarin.

— E eu digo que a não tem, respondeu a Rainha. Nada temos que temer antes de chegar a Bordeus; o Rei é forte por si mesmo, e não pelas suas tropas; o seu séquito será mais que sufficiente. »

Mr. de la Meilleraye abaixou a cabeça em signal de obediencia.

« A vossa Magestade, como Rainha, é que cumpre dar as suas ordens. »

A Rainha chamou Guitaut, ordenou-lhe que reuni-se os guardas, os mosqueteiros e a cavallaria ligeira. O Rei montou a cavallo e poz-se á sua frente. A sobrinha de Mazarin, e as damas de honor mettêram-se n'uma carruagem.

Puzeram se desde logo em marcha para Vayres, o exercito vinha atrás, e como só tinha de caminhar umas dez leguas, devia chegar trez ou quatro horas depois do Rei, e acampar na margem esquerda do Dordonha.

O Rei apenas tinha doze annos, e todavia era um lindo cavalleiro, governando o seu cavallo

com graça, e dando já em toda a sua pessoa mostras daquelle orgulho de prosapia, que depois fez delle o Rei da Europa o mais exigente em materia de etiqueta. Educado debaixo dos olhos da Rainha, mas perseguido pelas eternas merquinarias do Cardeal, que o deixava carecer das cousas mais necessarias, esperava com uma impaciencia furiosa a hora da sua maioridade, que devia soar no dia 5 de setembro seguinte, e por antecipação, deixava ás vezes escapar no meio de seus caprichos de criança, certos arrebatamentos reaes que indicáva o que algum dia tinha de ser. Esta campanha por consequencia agradára-lhe muito: era de alguma maneira uma aprendizagem do commando, e um ensaio da realza. Ia pois marchando altivamente, ora ao lado da portinhola da carruagem, saudando a Rainha, e olhando com ternura para madame de Frontenac, de quem dizião que estava namorado, ora á frente do seu estado, conversando com Mr. de la Meilleraye, e com o velho Guitaut acerca das campanhas do Rei Luiz XIII, e das proezas do defunto Cardeal de Richelieu.

Emquanto assim conversavam, e marchavam, iam adiantando o caminho, e já principiavam a descobrir as torres, e as galerias do forte de Vayres. O tempo era magnifico, a paizagem pittoresca, o sol rutilava os seus raios obliquos no rio; poder-se ia crer que era um passeio, tanta era a alegria, e bom humor que a Rainha affectava. O Rei ia marchando entre Mr. de la Meilleraye, e Guitaut, olhando com um oculo para a praça, na qual se não observava o menor movimento, apesar de que fosse mais que provavel que as

sentinellas que se avistavam, tivessem do seu lado descoberto a brilhante vanguarda do exercito do Rei.

O coche da Rainha dobrou o passo, e foi collocar-se na primeira ordem.

« Uma coisa porém, disse Mazarin, me causa espanto, senhor Marechal.

— Qual, senhor?

Parece-me que ordinariamente os bons governadores sabem o que se passa em torno das suas fortalezas, e quando um Rei toma o trabalho de marchar para aquella fortaleza, devem pelo menos mandar-lhe uma deputação.

— Nada disso, disse a Rainha dando uma gargalhada estrondosa, e forçada, nada de ceremonias ! Para que é isso bom, eu prefiro a fidelidade. »

Mr. de la Meilleraye cobriu o rosto com o seu lenço para esconder, se não uma careta, ao menos a vontade que tinha de fazel-a.

Mas na verdade ninguem se move, disse o joven Rei, assáz descontente de um tal esquecimento daquellas regras da etiqueta, de que mais tarde tinha de fazer as bases da sua grandeza.

« Senhor, responderen Anna d'Austria, eis os senhores de la Milleraye, e Guittaut, que vos diram que o primeiro dever de um governador, em paiz inimigo sobre tudo é conservar-se, com receio de alguma surpresa, firme e obrigado atraz das suas muralhas. Não vedes a vossa bandeira, a bandeira de Henrique IV. e de Francisco I, que tremula na cidadella? »

E apontou com orgulho para aquelle emblema

significativo, que provava quanta razão tinha na sua esperança.

O séquito continuou a sua marcha, e aproximando-se, descobriu uma obra avançada, que só ha poucos dias parecia que fôra construída.

« Ah! ah! disse o marechal, parece que o governador é na realidade homem que sabe o seu officio. Este posto avançado é muito bem escolhido, e este entrincheiramento habilmente desenhado. »

A Rainha deitou a cabeça fóra da portinhola, e o Rei levantou-se nós seus estribos.

Uma unica sentinella passeava sobre a meia lua; porêm, quanto ao mais, o entrincheiramento parecia tam solitario, e tam mudo como a cidadella.

« Não importa, disse Mazarin, ainda que não seja soldado, ainda que não conheça os deveres militares de um governador, não posso deixar de achar estranho este modo de haver-se para com Sua Magestade.

— Avancemos sempre, disse o marechal, veremos isso bem. »

Quando a pequena tropa não distava já senão uns quinhentos passos do entrincheiramento, a sentinella que até então marchava de um para o outro lado, parou. E depois de um instante de exame:

« Quem vive? gritou ella.

— O Rei! «respondeu Mr. de la Meilleraye.

Anna d'Austria esperava, que ao ouvirem esta unica palavra, os soldados viessem correndo, os officiaes acudissem pressurosos, a

portas se abaixassem, as portas se abrissem, e por fim refulgissem as espadas levantadas.

Nada de tudo isto teve lugar.

A sentinella apontou o mosquete aos que chegavam, e contentou-se com dizer em voz alta, e firme :

« Alto lá ! »

O Rei enfiou de colera ; Anna d'Austria mordeu os beiços ; Mazarin murmurou uma jura Italiana pouco usada em França, porém de que nunca pudera desacostumar-se ; Mr. de la Meilleraie não fez mais do que olhar para Suas Magestades, porém este olhar foi eloquente.

« Dam-me gosto as medidas de precaução no meu serviço, disse a Rainha, tratando de enganar-se a si mesma ; por quanto, a pezar da serenidade facticia do seu rosto, principiava a inquietar-se no intimo do coração.

« Bá-me gosto o respeito á minha pessoa, » murmurou o joven Rei, fitando o seu olhar severo naquella sentinella impassivel.

Todavia o grito : « O Rei ! o Rei ! » proferido pela sentinella, mais como aviso do que como signal de respeito, foi repetido por duas ou tres vezes, e chegou até ao corpo da praça. Viu-se então apparecer um homem na summitade das muralhas, e a guarnição toda vir reunir-se em torno d'elle.

Aquelle homem levantou ao ar o seu bastão do commando ; no mesmo instante ouviram se tocar os tambores, a marchar, os soldados do forte apresentaram as armas, e um tiro de artilleria retumbou grave, e solemne.

« Bem o vêdes, disse a Rainha, ei-los que

vam fazer o seu dever: mais vale tarde que nunca. Adiante.

— Perdoai, Senhora, disse o marechal de la Meilleraye; eu não vejo que elles abram as portas, e nós não podemos passar sem que no-las abram.

— Esquecem-se de fazê-lo por motivo do espanto que lhes causou, e do enthusiasmo que nelles produziu esta augusta visita, que não esperavam receber, atreveu-se a dizer um corteção.

— Não sam cousas que se esqueçam, senhor, respondeu o marechal. »

Depois voltando-se para o Rei, e para a Rainha:

« Permittir-me-ham Suas Magestades que lhes dê um conselho? accrescentou elle.

— Qual, marechal?

— Suas Magestades deveriam retirar-se a quinientos passos daqui com Guitaut, e os seus guardas, em quanto eu com os mosqueteiros, e a cavallaria ligeira irei reconhecer a praça. »

A Rainha só lhe respondeo uma palavra:

« Avante! disse ella, e veremos se ousão recusar-nos a passagem. »

O joven Rei, encantado, deo de esporas ao seu cavallo, e achou-se vinte passos adiante.

O marechal, e Guitaut forão correndo juntar-se com elle.

Não se passa! . . . disse a sentinella que não tinha deixado a sua posição hostil.

— He o Rei! gritarão os pagens.

— Para tras! . . . gritou a sentinella com um gesto ameaçador.

Ao mesmo tempo virão-se apparecer por cima do parapeito os chapéus, e os mosquetes dos soldados que guarnição o primeiro entrincheiramento.

Um longo murmúrio acolheo estas palavras, e esta apparição. Mr. de la Meilleraye pegou no freio do cavallo do Rei, e fê-lo voltar, ordenando ao mesmo tempo ao cocheiro da Rainha que se afasta. As duas Magestades insultadas, retirarão-se por tanto até á distancia de mil passos pouco mais ou menos dos primeiros entrincheiramentos, ao mesmo tempo que o seu séquito se espalhava como um bando de passaros depois do tiro de espingarda do caçador.

Então o marechal de la Meilleraye, senhor da posição, deixou uns cincoenta homens para guardar o Rei, e a Rainha, e reunindo o resto da sua tropa, voltou com ella para os entrincheiramentos.

Quando se achou a cem passos dos fossos, a sentinella, que tornára a continuar a sua marcha serena, e compassada, parou de novo:

« Tomai uma trombeta, ponde o vosso lenço na ponta da vossa espada, Guitaut, disse o marechal, e ide intimar áquelle insolente governador que se entregue. »

Guitaut obedeceo, arvorou os signaes pacificos, que em todos os paizes do mundo protegem os parlamentarios, e avançou para o entrincheiramento.

« Quem vive? gritou a sentinella.

— Parlamentario, respondeo Guitaut, agitando sua espada, e o trapo que a adornava.

— Deixai-o vir, » disse o mesmo homem que

já tinham visto apparecer na muralha da praça, e que sem dúvida viera ter este posto avançado por um caminho coberto.

A porta abrio-se, e uma ponte se abaixou.

« Que quereis? perguntou um official que o esperava á porta.

— Fallar ao govenador, respondeo Guitaut .

— Eis-me aqui, disse o homem que já apparecera uma vez nas muralhas da praça, e outra no parapeito dos entrincheiramentos.

Guitaut observou a grande pallidez deste homem, porém acompanhada de muita serenidade, e cortezia.

Sois o governador de Vayres? perguntou Guitaut.

— Sim, senhor.

— E vós recusais abrir a porta da vossa fortaleza a sua Magestade o Rei, e á Rainha regente?

— Tenho de passar por este desgosto.

— E que pretendeis vós?

— A liberdade dos Senhores Principes, cujo cativoiro arruina, e desola o reino.

— Sua Magestade não parlamentêa com os seus subditos.

— Ah! nós bem o sabemos, senhor, e por isso estamos prompts a morrer, sabendo que morreremos pelo serviço de Sua Magestade, posto que na apparencia tenhamos ares de fazer-lhe a guerra.

— Muito bem, disse Guitaut, eis tudo quanto queriamos saber. •

E depois de haver saudado bastante cavallei-

ramente o governador, que lhe correspondeo com uma saudação muito cortez, retirou-se.

— Não houve o menor movimento no bastião.

Guitaut foi ter com o marechal, e deu-lhe conta da sua commissão.

« E' preciso que cincoenta homens, disse o marechal estendendo a mão para a aldêa de Ison, partam a galope para aquelle lugar, e delle tragam no mesmo instante todas as escadas que puderem achar. »

Cincoenta homens partiram logo, e como a aldêa não estava muito distante, alli chegaram em um instante.

« Agora, senhores, disse o marechal á sua gente, apeia-vos: metade de vós, armados de espingardas, protegeram o assalto; os demais subiram á escala. »

A proposição foi recebida com grandes gritos de alegria. Os guardas, os mosqueteiros, e os soldados da cavallaria ligeira apearam-se immediatamente, e carregaram as suas armas.

Durante este tempo, os cincoenta homens que mandára á aldêa voltaram com umas vinte escadas.

Tudo estava socegado no bastião; a sentinella passeava de um para outro lado, e sempre se via por cima da galeria apparecer a extremidade dos mosquetes, e dos chapêus.

O séquito do Rei pôz-se em marcha, commandado pelo marechal em pessoa; compunha-se pouco mais ou menos de quatrocentos homens, metade dos quaes, como o marechal o ordenára, se preparavam para subir ao assalto, e a outra metade para sustentar a escalada.

O Rei, a Rainha, e a sua cõrte seguiam dõ longe com anciedade os movimentos da sua gente. A Rainha parecia ter perdido toda a sua confiança; para poder vêr melhor, mandára voltar a sua carruagem, que apresentava um dos seus lados ás fortificações.

Apenas os aggressores deram vinte passos, logo a sentinella se aproximou da borda da muralha, e com voz estrondosa:

« Quem vive? gritou ella.

— Não respondais, disse Mr. de la Meilleraye, e vamos sempre andando.

— Quem vive? gritou segunda vez a sentinella apromptando a sua arma.

— Quem vive? «repetiu ella terceira vez.

E fez pontaria.

« Fogo sobre esse patife, «disse Mr. de la Meilleraye.

No mesmo instante, uma descarga de mosque-taria partiu das fileiras realistas: a sentinella ferida cambaleou, deixou escapar das mãos a sua espingarda, que foi ter ao fosso, e cahiu por terra gritando:

A's armas!»

Um unico tiro de artilheria respondeu ao principio das hostilidades. A bala passou sibilando por cima das primeiras fileiras, derribou quatro soldados, e foi estripar um dos cavallos da carruagem da Rainha.

Um grande grito de terror partiu do grupo que guardava Suas Magestades, o Rei teve de recuar, e Anna d'Austria esteve a ponto de desfalecer de raiva, e Mazarin de medo. Cortaram os tirantes do cavallo morto, e dos cavallos vi-

vos, que, empinando-se espantados, ameaçavam de fazer em pedaços a carruagem. Oito ou dez guardas acudindo á carruagem, e tirando por ella, puzeram a Rainha fóra do alcance das balas.

Durante este tempo, o governador descobria uma bateria de seis peças.

Quando Mr. de la Meilleraye viu esta bateria, que em alguns segundos ameaçava fazer em postas as suas tres companhias, entendeu que seria inutil continuar o ataque, e ordenou a retirada.

Assim que a comitiva do Rei deu o primeiro passo para traz, as disposições hostis da fortaleza cessaram.

O marechal voltou para junto da Rainha, aconselhando-lhe que escolhesse um ponto, qualquer que fosse, dos arredores para seu quartel general. A Rainha avistou então, do outro lado do Dordonha, a pequena casa isolada, rodeada de arvores, que se assemelhava a um pequeno castello.

« Idê-vêr, disse ella a Guitaut, a quem pertence aquella casa, e pedi hospitalidade para mim. »

Guitaut partiu no mesmo instante, atravessou o rio no bote do barqueiro de Ison, e voltou dizendo que a casa não era habitada, senão por uma especie de mordomo, o qual respondera que pertencendo a casa ao Duque, d'Épernon, estava ás ordens de Sua Magestade.

« Então partamos, disse a Rainha; mas onde está o Rei? »

Chamaram então o pequeno Luiz XIV, que se

afastára alguma cousa ; voltou-se, e posto que tratasse de occultar as suas lagrimas, muito bem se viu que tinha chorado.

« Que tendes, Senhor ? perguntou a Rainha.

— Oh ! nada tenho, senhora, respondeu o menino ; a unica cousa em que penso é que um dia ei de ser Rei, se Deos quizer, e então.... desgraçados daquelles que me houverem offendido !

— Como se chama o governador ? «perguntou a Rainha.

Ninguem soube responder-lhe. Toda a gente o ignorava.

Foram então pedir informações ao banqueiro, que respondeu chamar-se Richon.

« Muito bem, disse a Rainha, ei de lembrar-me deste nome.

— E eu tambem, «disse o joven Rei.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

J. G. BERRY

1871

MULTIPLIES

FOR

A. BERRY

THE



RIO DE JANEIRO

AT THE

OF

1871

A GUERRA
DAS
MULHERES.

POR
A. DUMAS.

TOMO QUARTO.



RIO DE JANEIRO.

Na Typ. de BINTOT Editor, e Livreiro.

Rua da Ajuda N. 55.

1850.

I.

Cem homens da comitiva do Rei, pouco mais ou menos, passaram o Dordonha com Suas Magestades; as damas ficaram com Mr. de la Meilleraye que, decidido a sitiar Vayres, esperava pelo exercito.

Apenas a Rainha se estabeleceu na pequena casa, que, graças ao fausto de Nanon, achou infinitamente mais habitavel do que esperava, quando Guitaut se apresentou para dizer-lhe que um capitão, que assegurava estar incumbido de um negocio importante, lhe pedia a honra de uma audiencia.

« E quem é esse capitão? perguntou a Rainha.

— O capitão Cauvignac, Senhora.

— Pertence elle ao meu exercito?

— Creio que não, Senhora.

— Informai-vos disso, e si não é do meu exercito, dizei-lhe que não o posso receber.

— Peço perdão a Vossa Magestade de não ser do seu parecer a este respeito, disse Mazarin, pois a mim parece-me que justamente por não ser do seu exercito, é que seria conveniente recebê-lo.

— E porque?

— Porque si é do exercito de Vossa Magestade, e pede uma audiencia á Rainha, não pôde deixar de ser um subdito fiel, quando pelo contrario, si pertence ao exercito inimigo, talvez seja um traidor. Ora, neste momento, Senhora,

os traidores não sam para desprezar, visto que pódem ser muito uteis.

— Mandai-o pois entrar, disse a Rainha, visto que tal é o parecer do Senhor Cardeal.

O capitão foi introduzido no mesmo instante, e apresentou-se com um desembaraço que causou espanto á Rainha, habituada como estava a produzir nos que a rodeavam uma impressão contraria.

A Rainha mediu Carvignac do bico dos pés até a cabeça; porêem este supportou maravilhosamente o real olhar.

« Quem sois, senhor? perguntou a Rainha.

— O capitão Cauvignac, respondeu o recém-chegado.

— Ao serviço de quem estais?

— Ao serviço de Vossa Magestade, si assim lhe aprouver.

— Si me aprouver? Sem duvida que me apraz. Dar-se-ha caso que haja outro serviço no reino? Ha por ventura duas Rainhas em França?

— Por certo que não, Senhora; ha só uma Rainha em França, e é aquella a cujos pés tenho a honra de depositar neste momento os meus mais humildes respeitos; ha porêem duas opiniões, pelo menos segundo ainda agora me pareceu.

— Que quereis dizer com isto? perguntou a Rainha franzindo as sobranceilhas.

— Quero dizer, Senhora, que andava passeando nestes arredores, e me achava justamente em um outeirinho que domina todo este paiz, admirando a paizagem, que, como Vossa Magestade terá observado, é encantadora, quando

julguei vêr, que Mr. Richon não a recebia com todo o respeito que lhe era devido ; isto confirmou-me em uma cousa, de que aliás já desconfiava, e é que havia em França duas opiniões : a opinião realista, e outra, e que Mr. Richon pertencia a est'outra opinião. »

O semblante de Anna d'Austria foi-se carregando cada vez mais.

« Ah! julgastes ver isso? disse ella.

— Sim, Senhora, respoudeu Cauvignac em tom de perfeita ingenuidade. Até me pareceu ver de mais disso, que uma bala de artilheria partira da praça, e que aquella bala offendera a carruagem de Vossa Magestade.

— Basta!... Não me pedistes audiencia senhor. sinão para dar-me parte das vossas loucas observações?

Ah! tu és incivil, disse comsigo Cauvignac ; em tal caso tens de pagar mais caro.

— Não, senhora, pedi-vos audiencia para dizer-vos que sois uma mui grande Rainha, e que a admiração que me inspirais não tem igual.

— Ah! para isso é que m'a pedistes! disse a Rainha em tom sêco.

— Por effeito dessa grandeza e dessa admiração que della é a consequencia natural, tenho resolvido consagrar-me inteiramente ao serviço de Vossa Magestade.

— Muito obrigada, disse a Rainha com ironia.

Depois voltando-se para o seu capitão das guardas :

« Guitaut, disse ella, expulsem daqui este fallador.

— Perdoai, senhora, disse Cauvignac, eu mui-

to bem sei retirar-me sem que me expulsem; porém si me eu retirar, não entrareis em Vayres. »

E Cauvignac saudando a Sua Magestade com muita graça, deu uma volta sobre os calcanhares.

« Senhora, disse em voz baixa Mazarin, parece-me que não fazeis bem em mandar retirar este homem.

— Vamos, vinde cá, disse a Rainha, e fallai; pareceis-me algum tanto extravagante, mas não deixais de ser divertido.

— Vossa Magestade tem muita bondade, respondeu Cauvignac inclinando-se.

— Que dizeis pois ácerca de entrar em Vayres?

— Dizia, senhora, que si Vossa Magestade tem sempre a intenção, como me pareceu ver-lhe manifestar esta manhã, de entrar em Vayres, eu me obrigo a lá introduzil-a.

— Como?

— Tenho cento e cincoenta homens que sam meus em Vayres.

— Vossos?

— Sim, senhora, meus.

— E então?

— Eu cedo aquelles cento e cincoenta homens a Vossa Magestade.

— E depois?

— E depois!

— Sim.

— E depois, parece-me que sempre será o diabo si com cento e cincoenta porteiros Vossa Magestade não póde mandar abrir uma porta.»

A Rainha sorriu-se.

« Este biltre não deixa de ter sua graça disse ella.

Cauvignac adivinhou sem duvida o cumprimento, porque se inclinou segunda vez.

« Quanto sera preciso dar-vos, senhor, perguntou ella.

— Oh! meu Deus, senhora, quinhetas libras por cada porteiro, é o ordenado que dou aos meus.

— Recebel-as-eis.

— E para mim?

— Ah! tambem quereis alguma coisa para vós?

— Estimaria muito receber um posto de munificencia de Vossa Magestade.

— E que posto quereis?

— Eu queria ser governador de Branne. Sempre desejei ser governador.

— Eu vos dou esse governo.

— Em tal caso, salvo uma pequena formalidade, o negocio está feito.

— E qual é essa formalidade?

— Quererá Vossa Magestade assignar este papelinho, que eu tinha preparado de antemão, tal era a esperanza que eu tinha de que os meus serviços seriam acceitos da minha magañica soberana.

— E que papel é esse?

— Lêde, senhora.

E movendo graciosamente o braço, e dobrando o joelho com o ar de maior respeito, Cauvignac apresentou um papel a Rainha.

A Rainha leu.

« No dia em que entrar em Vayres, sem dar um tiro, pagarei ao senhor capitão Cauvignac

« a somma de setenta e cinco mil libras, e no-
« meál-o ei governador de Branne. »

— Pelo que vejo, disse a Rainha com uma có-
lera concentrada, o capitão Cauvignac não tem
bastante confiança em nossa real palavra, e quer
um escripto.

— Um escripto, senhora, parece-me o que ha
de melhor quando se trata de negocios de im-
portancia, replicou Cauvignac inclinando-se. *Ver-
ba volant*, diz um antigo proverbio: palavras o
vento as leva, e quei a Vossa Magestade descul-
par-me, acabo de ser roubado.

— Insolente? exclamou a Rainha; desta vez
sahi d'aqui!...

— Eu saio, Senhora, respondeu Cauvignac,
porém não entrareis em Vayres. »

Desta vez ainda o capitão, repetindo a mesma
manobra de que já lhe sortira bom effeito, fez
uma piroeta sobre os calcantares, e encami-
nhou se para a porta. Porém mais irritada, agora
que da primeira vez, Anna d'Austria não o tor-
nou a chamar.

Cauvignac cahiu.

« Segurem-se desse homem, « disse a Rainha.
Guitaut fez um movimento para obedecer.

« Perdoai, Senhora, disse Mazarin; porém
parece-me que Vossa Magestade não tem motivo
para deixar-se arrebatár de um primeiro movi-
mento de cólera.

— E porque? perguntou a Rainha.

— Porque receio que preciseis deste homem
mais tarde, e então, si Vossa Magestade o mo-
lestar de qualquer maneira, vêr-se ha obrigada
a pagar-lhe o dobro.

— Muito bem! disse a Rainha, pagar-se-lhe-
ha o que for preciso; porém entretanto não o
percam de vista.

— Ah! quanto a isto é outra coisa, e sou o
primeiro a approvar esta precaução.

— Guitaut, vede para onde elle vai. «disse a
Rainha.

Guitaut sabiu, e voltou passada hora e meia.

« Então! perguntou Anna d'Austria, que é
feito d'elle?

— Oh! Vossa Magestade pôde estar inteira-
mente socegada, respondeu Guitaut, o vosso
homem não tem a menor tenção de afastar-se.
Tomei informações a seu respeito; tem o seu do-
micilio a trezentos passos daqui, em casa de um
estalajadeiro chamado Biscarros.

— E para alli é que elle se retirou?

— Não, Senhora; subiu a uma altura, e dalli
examina os preparativos que faz Mr. de la Meil-
leraye para forçar os entrincheiramentos. Este
espectaculo parece interessá-lo muito.

— E o resto do exercito?

— Vai chegando, Senhora, e põe-se em bata-
lha á medida que chega. »

— Então o marechal vai atacar no mesmo ins-
tante?

— Parece-me, Senhora, que seria melhor,
antes de aventurar um ataque, dar uma noite de
descanso as tropas.

— Uma noite de descanso! exclamou Anna
d'Austria; o exercito real terá sido detido um
dia e uma noite diante de semelhante cochicho!
Isso é impossivel. Guitaut, ide dizer ao marechal

que ataque no mesmo instante. O Rei quer ir dormir esta noite em Vayres.

— Mas, Senhora, disse Mazarin, parece-me que esta precaução do marechal . .

— A mim parece-me, disse Anna d'Austria, que quando a autoridade real tem sido insultada, não se pôde vingar com demasiada presteza. Ide, Guitaut, e dizei a Mr. de la Meilleraye que a Rainha olha para elle. »

E, despedindo Guitaut, com um gesto magestoso, a Rainha tomou seu filho pela mão, sahio por seu turno, e sem lhe importar si a seguiam, subiu uma escada que ia dar a um terrado.

• Aquelle terrado dominava todos os arredores.

A Rainha lançou uma rápida vista de olhos á paisagem. A uns duzentos passos atraz della passava a estrada de Libourne, na qual branquejava a casa do nosso amigo Biscarros. Aos seus pés corria o Dordonha, sereno, rapido, e magestoso; á direita elevando-se o forte de Vayres, silencioso como uma ruina; em torno do forte estendiam-se circularmente os entrincheiramentos novamente levantados. Algumas sentinellas andavam passeando pela galeria, cinco peças de artilheria passavam pelas canhoneiras o seu pescoço de bronze, e a sua guêla aberta; á esquerda Mr. de la Meilleraye fazia as suas disposições para acampar. O exercito todo, como dissera Guitaut, tinha chegado, e ia-se apinhando em torno d'elle.

Em uma altura, um homem attento seguia com os olhos todos os movimentos dos sitiantes, e dos sitiados; aquelle homem era Cauvignac.

Guitaut atravessára o rio no barco do pescador de Ison.

A Rainha estava em pé no terrado, immovel, de sobranceiras franzidas, dando a mão ao pequeno Luiz XIV, que contemplava aquelle espectáculo com uma certa curiosidade, e que de quando em quando dizia a sua mãe :

« Senhora, permitti-me que monte no meu lindo cavallo, de batalha, e deixai-me ir, eu volto peço, com Mr. de la Meilleraye, que vai castigar aquelles insolentes, »

Junto da Rainha estava Mazarin, cujo semblante fino, e escarnecedor tomára naquelle momento um caracter de seriedade, de que sómente se revestia nas grandes occasiões, e atraz da Rainha, e do ministro estavam as damas de honor, que, imitando o silencio de Anna d'Austria, apenas se atreviam a dizer entre si algumas palavras á pressa, e em voz baixa.

Tudo isto á primeira vista tinha uma apparencia de socego, e tranquillidade; porém facilmente se conhecia que era a tranquillidade da mina, que uma centelha vai converter em tormenta, e destruição.

Em Guitaut sobre tudo é que se fixavam todos os olhos, porque d'elle é que tinha de vir a explosão que se esperava, a pezar de que tão diversos fossem os sentimentos.

Do lado do exercito tambem era grande a expectação, porque assim que o mensageiro chegou á margem esquerda do Dordonha, e o reconheceram, todos os olhos se voltaram para elle. Mr. de la Meilleraye, avistando-o, deixou o

grupo de officiaes, em cujo centro se achava, e veio ao seu encontro.

Quitaut, e o marechal conversaram alguns instantes. Sem embargo de que o rio fosse bastante largo naquelle sitio, e de que a distancia que separava o grupo real dos dous officiaes fosse grande, não o era com tudo bastante para que se não pudesse ver pintar-se o espanto no semblante do marechal. Era evidente que a ordem que recebia lhe parecia intempestiva; e por isso lançou um olhar de duvida para o grupo, no meio do qual se distinguia a Rainha, porém Anna d'Austria, que percebeu o pensamento do marechal, fez ao mesmo tempo com a cabeça e com a mão um gesto tam imperativo, que o marechal, que desde muito tempo conhecia a sua imperiosa Soberana, abaixou a cabeça, fazendo um aceno, si não de assentimento, pelo menos de obediencia.

No mesmo instante, por ordem do marechal, tres ou quatro capitães que faziam junto delle o serviço que hoje fazem os nossos ajudantes de campos montaram a cavallo, e voaram a galope em tres ou quatro direcções differentes.

Em toda a parte por onde passavam, o trabalho do acampamento, que acabava de principiar-se, era interrompido no mesmo instante, e ao toque dos tambores, e ao som das trombetas os soldados deixavam cair, uns a palha que levavam, outros o martello com que enterravam as estacas das tendas; todos corriam ás armas postas em sarilho, os granadeiros pegando nas suas espingardas, os simples soldados nas suas lanças, os artilheiros nos seus instrumentos; uma

movimento de confusão inaudita teve lugar, causado pelo encruzamento de todos aquelles homens correndo em sentido opposto; depois, pouco a pouco as casas daquelle immenso xadrez se foram aclarando, a ordem succedeu ao tumulto, cada um se achou enfileirado debaixo da sua bandeira, os granadeiros no centro, a gente da comitiva do Rei na ala direita, a artilheria na esquerda; as trombetas, e os tambores cessaram de tocar.

Um só tambor respondeu detraz dos entrincheiramentos, depois tambem se calou, e um silencio funebre reinou na planicie.

Então um commando claro, preciso, e firme resou. Na distancia em que se achava, a Rainha não podia ouvir as palavras, porém viu no mesmo instante as tropas formarem se em columnas; tirou o seu lenço, e agitou-o no ar, em quanto o joven Rei gritava com uma voz febril, e batendo com o pé no chão: «A'vante! a'vante!»

O exercito respondeu com um só grito: «Viva o Rei!» Depois a artilheria partiu a galope, foi collocar-se n'uma altura, e ao som dos tambores que tocavam a investir, as columnas puzeram-se em movimento.

Não era um assedio em fórma, era uma simples escalada. Os entrincheiramentos levantados á pressa por Richon, eram baluartes de terra, não era pois preciso abrir brécha, mas sim dar o assalto. Entre tanto tinham sido tomadas todas as precauções pelo habil commandante de Vayres, e via-se que se aproveitara com uma habilidade pouco commum de todos os recursos do terreno.

Bichon impuzera-se sem duvida a si proprio a lei de não ser o primeiro que fizesse fogo, pois que desta vez ainda esperou a provocação das tropas reaes; a unica cousa que se viu, como no primeiro ataque, foi abaixar-se aquella terrivel ordem de mosquetes, cujo fogo tamanho estrago fizera na comitiva do Rei.

Ao mesmo tempo as seis peças da bateria fizeram fogo, e viu-se voar a terra do parapeito, e as estacadas de que estavam coroados.

A resposta não se fez esperar muito: a artilheria dos entrincheiramentos tambem fez fogo, deixando vácuos profundos nas fileiras do exercito real; porêm á voz dos chefes, aquelles sulcos sanguinosos desapareceram, os beiços da ferida abertos durante um instante, tornaram a fechar-se; a columna principal, momentaneamente abalada, tornou a pôr-se em marcha.

Então chegou a vez da mosquetaria, que deu as suas descargas em quanto se carregavam de novo os canhões.

Passados cinco minutos, as descargas de artilheria dos dous lados oppostos correspondiam-se de tal modo, que poderia dizer-se que davam um só tiro, semelhantes a duas tempestades que lutassem juntas, ou a dous trovões que ribombassem ao mesmo tempo.

Depois, como o tempo estivesse sereno, nenhum sopro agitasse o ar, e o fumo se amontoasse por cima do campo de batalha, em breve sitiados, e sitiantes desapareceram n'uma nuvem, que por intervallos era rasgada com um

estruondoso relampago de chammas pelo raio da artilheria.

De quando em quando viam-se sahir daquella nuvem, na retaguarda do exercito real, homens arrastando-se acusto, e que iam cahir por terra em distancias differentes, deixando atraz de si um rasto de sangue.

Em breve o numero dos feridos foi augmentando; o estrondo dos canhões, e da fuzilaria continuava com tudo, a artilheria real já não atirava sinão ao acaso, e com hesitação, porque no meio daquelle fumo, não podia distinguir os amigos dos inimigos.

Quanto á artilheria da praça, como não tinha diante de si sinão inimigos, os seus tiros retumbavam mais apressados do que nunca.

Emfim a artilheria real cessou inteiramente o fogo: era evidente que subiam ao assalto, e que combatiam á queima roupa.

Houve da parte dos espectadores um momento de angustias, durante o qual o fumo, deixando de ser alimentado pelo fogo dos canhões, e dos mosquetes, foi subindo lentamente. Viuse então o exercito real repellido em desordem, deixando a proximidade das muralhas juncada de mortos. Uma especie de brécha estava aberta, algumas estacadas arrancadas deixavam apparecer uma abertura, porém esta abertura estava erriçada de homens, de lanças, e de mosquetes; e no meio destes homens, coberto de sangue, e todavia sereno e frio, como si fôra simples espectador da tragedia em que acabava de representar um tão terrivel papel, elevava-se Richon,

tendo na mão um machado embotado pelos golpes que dera:

Parecia que algum encanto protegia aquelle homem no meio do fogo; achava-se sempre na frente, constantemente em pé, e descoberto; nenhuma bala o ferira; nenhuma lança lhe tocára: era tão invulneravel como era impassivel.

Tres vezes o marechal de la Meilleraye conduziu as tropas reaes ao assalto, e tres vezes foram repellidas debaixo dos olhos do Rei, e da Rainha.

Lgrimas sileneiosas corriam pelas pallidas faces do Rei. Anna d'Austria torcia as mãos murmurando: «Oh! aquelle homem! aquelle homem! Si alguma vez cahir em meu poder, ei de fazer nelle um terrivel exemplo.»

Por felicidade a noite vinha descendo rapida e sombria; era uma especie de véo estendido sobre o rubor real. O marechal de la Meilleraye mandou tocar a retirada.

Cauvignac deixou o seu posto, desceu da altura aonde subira, e com as mãos nas algibeiras das suas calças, encaminhou-se a travez do prado para a estalagem de Biscarros.

« Senhora, disse Mazarin, apontando para Cauvignac com o dedo, eis o homem que por um pouco de ouro vos teria poupado todo o sangue que acabamos de derramar.

— Senhor Cardeal, disse a Rainha, é esse o conselho de um homem tão economico como vós?

— Senhora, disse o Cardeal, verdade é que conheço o valor do ouro, mas tambem conheço

o valor do sangue; e neste momento o sangue é mais caro para nós do que o ouro.

— Socegai, respondeu a Rainha, o sangue derramado ha de ser vingado. Commingnes, continuou ella, dirigindo-se ao tenente dos seus guardas, ide procurar Mr. de la Meilleraye, e trazei-mo aqui.

— E vós, Bernouin, disse o Cardeal mostrando ao seu criado da camara Cauvignac, que já não estava sinão a alguns passos da estalagem do Bezerro de Ouro, vedes vós bem aquelle homem?

— Sim, Senhor.

— Pois bem, ide chama-lo da minha parte, e introduzi-o esta noite secretamente no meu quarto.»

No dia que se seguiu ao da sna entrevista com o seu amante na Igreja dos Carmelitas, madama de Cambes foi ter ao alojamento da Princeza com a intenção de cumprir a promessa que fizera a Canolles.

Toda a cidade estava alvoroçada; acabavam de annunciar a chegada do Rei diante de Vayres, e ao mesmo tempo a admiravel defeza de Richon, que com quinhentos homens repellira duas vezes o exercito real, cuja força era de doze mil. A Princeza foi uma das primeiras que soube a noticia, e nos transportes da sua alegria, exclamára batendo palmas:

« Oh! si tivesse cem capitães como o meu bravo Richon! »

Madama de Cambes tomou parte na admiração geral, duplicadamente feliz porque podia applaudir em alta voz a conducta de um homem a

quem estimava, e achar deste modo occasião de fazer em tempo opportuno uma supplica, cujo bom exito houvera sido compromettido pelo annuncio de um revez, em quanto pelo contrario aquelle bom exito quasi que era garantido pelo annuncio de uma victoria.

Porém, no meio da sua alegria, a Princeza tinha todavia mui grandes occupações, o que era parte para que Clara lhe não pudesse apresentar a sua supplica. Tratava-se de mandar a Richon um reforço de que necessariamente havia de ter precisão, visto a proxima junção do exercito de Mr. d'Epéron com o exercito real. Organisava-se este reforço no conselho. Clara, vendo que os negocios politicos eram naquelle momento preferidos aos negocios do coração, contentou-se de fazer o seu papel de conselheira d'Estado, e, neste dia, não se fallou de Canolles.

Uma palavra mui concisa, porém mui terna, inteirou o querido prisioneiro desta demora. Esta nova dilacão foi-lhe menos cruel do que era de esperar: ha na expectacão de um feliz acontecimento quasi tantas doces sensações como no proprio acontecimento. Canolles tinha demasiadas amorosas delicadezas no coração, e por tanto não podia deixar de comprazer-se naquillo que elle chamava a antecamara da ventura. Clara pedia-lhe que esperasse com paciencia: elle quasi que esperou com alegria.

No dia seguinte o reforço estava organizado: ás onze horas da manhã partiu pelo rio acima, porém como o vento, e a corrente eram contrarios, calculou-se, que por mais diligencia que se fizesse, como só ia avauçando a remos, não

chegaria sinão ao outro dia. O capitão Ravailly, commandante da expedição, recebeu ordem de reconhecer ao mesmo tempo a cidadella de Branne, que pertencia á Rainha, e cujo governo se sabia que estava vago.

A Princeza passou a manhã a vigiar os preparativos, e disposições para o embarque. O resto do dia devia consagrar-se a um grande conselho, que tinha por objecto oppôr-se, no caso de ser possível, á junccão do Duque d'Epéron, e do marechal de la Meilleraye, ou pelo menos retardar esta junccão até ao momento em que o soccorro mandado a Richon tivesse entrado na cidadella.

Clara viu-se pois na necessidade de ainda esperar até o dia seguinte; porém pelas quatro horas teve occasião de fazer a Canolles, que passava por baixo das suas janellas, um tão encantador aceno, e neste aceno transluzia tanto pezar, e tanto amor, que Canolles quasi que se deu por feliz de vêr-se obrigado a esperar.

Com tudo á noite, para ficar certa de que a demora não se prolongaria mais tempo, e para a si propria se obrigar a fazer á Princeza uma confidencia, que não deixava de causar-lhe alguma turbação, Clara pediu para o dia seguinte uma audiéncia particular á Princeza de Condé, audiéncia que, como facil é de suppôr, lhe foi concedida sem a minima difficuldade.

A' hora estipulada, Clara foi ter com a Princeza, que a recebeu com o seu mais encantador sorriso: estava só, como Clara lho tinha pedido.

« Então, minha pequena, disse-lhé a Prince-

za, o que temos pois de tão grave para que me peças uma audiência particular, e secreta, quando sabes que a toda a hora do dia estou á disposição dos meus amigos?

— O que tenho, Senhora, respondeu a viscondessa, é que no meio da felicidade, que a Vossa Alteza é mui devida, venho pedir-lhe que se digne lançar muito particularmente os olhos á sua fiel criada, que tambem tem necessidade de alguma ventura.

— Com todo o gosto, minha boa Clara, e nunca a felicidade que Deus te der igualará a que te desejo. Falla pois, que graça desejas tu? e si de mim depender, podes d'antemão ter toda a certeza de que te será concedida.

— Viuva, livre, e demasiado livre, visto que esta liberdade me é mais pesada do que o sôro a escravidão, eu quizera, respondeu Clara, mudar a minha solidão em uma condição melhor.

— Isto é, queres casar, não é assim, minha pequena? perguntou rindo a Princeza de Condé.

— Creio que sim, Senhora, respondeu Clara fazendo-se muito vermelha.

— Ora pois, seja embora, occupar-me-ei disso.

Clara fez um movimento.

« Socega, cuidaremos do teu orgulho; o que te convém, viscondessa, é um duque e par. Eu to procurarei entre os que não sam fieis.

— Vossa Alteza tem demasiada bondade, replicou madama de Cambes, eu porém não desejava dar-lhe tanto incommodo.

— Eu porém quero toma-lo, porque devo retribuir-te em felicidade o que me dèste em ex-

tremoso zelo, e affecto; com tudo sempre terás de esperar o fim desta guerra, não é assim?

— Eu esperarei o menos tempo que fôr possível, Senhora respondeu a viscondessa sorrindo-se.

— Tu fallas-me como si tua escolha já estivesse feita, como si já tivesses na tua mão o marido que me pedes.

— A razão é porque com effeito acontece o que Vossa Alteza diz.

— Na realidade! e quem é aquelle ditoso mortal? Falla, nada receies.

— Ah! Senhora, disse Clara, dignai-vos desculpar-me, não sei qual seja o motivo, mas o certo é que estou toda tremula.»

A Princeza sorriu-se, pegou na mão de Clara, e puxou-a para si.

« Menina ! » lhe disse ella.

Depois, olhando-a com uma expressão que duplicou a confusão da viscondessa :

« Conheço-o eu ? disse ella.

— Creio que Vossa Alteza o viu varias vezes.

— Não é necessario perguntar si é moço ?

— Tem vinte e oito annos.

— Si é nobre ?

— E' gentilhomem.

— Si é bravo ?

— A sua reputação está bem estabelecida.

— Si é rico ?

— Eu o sou.

— Sim, minha pequena, sim, e disso não nos temos esquecido. Tu és um dos mais opulentos senhores da nossa parochia, e lembramo-nos com summo gosto de que na guerra que faze-

mos, os luizes de ouro de madame de Cambes e os escudos dos teus camponезes mais de uma vez nos tiraram dos apertos em que nos viamos.

— Vossa alteza muito me honra lembrando-me o zelo e affecto que lhe professo.

— Muito bem. Fal-o-emos coronel do nosso exercito, si é só capitão, e brigadeiro, si é só coronel; pois é de presumir que seja do numero dos fieis.

— Achava-se em Lens, senhora, respondeu Clara com toda a dexteridade que tinha adquirido desde algum tempo nos estudos diplomaticos.

— Bem está. Agora só me falta saber uma coisa, accrescentou a Princeza,

— Qual, senhora?

— O nome do bemaventurado gentilhomen que já possui o coração, e que em breve possuirá a pessoa da mais linda guerreira do meu exercito. »

Clara, vendo-se acommetida nos seus ultimos entrincheiramentos, chamava em seu socorro quanto valor tinha, para pronunciar o nome do Barão de Canolles, quando de súbito se ouviu o galope de um cavallo no pateo, seguido de um daquelles surdos rumores que acompanham as grandes noticias. A Princeza ouviu este duplicado ruido, e correu á janella. O mensageiro, alagado em suor, e coberto de pó, apeou-se do seu cavallo, e, rodeado de quatro ou cinco pessoas que a sua entrada attrahira á roda de si, parecia dar conta de particularidades, que, á medida que lhe saiam dos labios, derramavam a consternação pelos que o ouviam. A Princeza

não pôde domar por mais tempo a sua curiosidade, e abrindo a janella :

« Deixai-o subir ! exclamou ella.

O mensageiro levantou a cabeça, reconheceu a Princeza, e correu pela escada acima. Cinco minutos depois, entrava no quarto todo coberto de lama, como estava, desgrenhados os cabellos, e com voz suffocada disse :

« Perdoai-me, senhora, si me apresento diante de Vossa Alteza no estado em que estou ! Porém trago uma daquellas noticias terriveis, que só pronunciadas são capazes de arrombar as portas : Vayres capitulou ! »

A Princeza deu um salto para trás. Clara deixou cair os seus braços com desalento ; Lenet, que entrára atrás do mensageiro, enfiou.

Outras cinco ou seis pessoas, que, esquecendo por um instante o respeito devido á Princeza, tinham invadido o quarto, ficáram mudas de espanto.

« Mr. de Ravailly, disse Lenet, porque o mensageiro era o nosso capitão de Navailles, repeti o que acabais de dizer, porque muito me custa acreditar-vos.

— Eu vol-o repito, senhor. Vayres capitulou !

— Capitulou ! replicou a Princeza ; e o reforço que conduzieis ?

— Chegou muito tarde, senhora ! Richon acabava de render-se no momento em que chegámos.

— Richon rendeu-se ! exclamou a Princeza, que covarde ! »

Esta exclamação da Princeza fez correr um calafrio pelas veias de todos os circunstantes ;

porém todos conservaram-se mudos, á excepção de Lenet.

« Senhora disse elle com severidade, e sem nenhuma attenção ao orgulho da Princeza de Condé, não vos esqueçais de que a honra dos honmeus está na palavra dos Príncipes, como a sua vida está nas mãos de Deus. Não chameis cobarde aos mais valentes de vossos servidores, pois de outro modo os mais fieis vos abandonarão vendo o modo como tratais os seus similitantes, e Vossa Alteza ficará só, amaldiçoada e perdida.

— Senhor l... disse a Princeza.

— Senhora, replicou Lenet, repito a Vossa Alteza que Richon não é um cobarde, que eu respondendo por elle como responderia por mim mesmo, e que se capitulou, foi com toda a certeza porque o não podia fazer de outra maneira.»

A Princeza, pallida e cõlera, estava para atirar á cara de Lenet alguma daquellas extravagancias atristicratias, com as quaes julgava supprir sufficientemente o bom senso pelo orgulho; porém, reparando em todos aquelles rostos que se desviavam della, naquelles olhos que fugiam dos seus, em Lenet de frente alta, em Ravailly de cabeça baixa, conheceu que na realidade estava perdida si perseverasse naquelle fatal systema. Chamou pois em seu auxilio aquelle argumento que nella era habitual.

« Não ha Princeza mais infeliz do que eu, disse, tudo me abandona la fortuna e os homens. Ah! meu filho, meu pobre filho, ficareis perdido como vosso pai. »

Este grito de fraqueza da mulher, o impulso da dôr maternal, faz sempre echo nos corações.

Esta comedia, que já tantas vezes fôra util a Princeza, desta vez ainda produziu o seu effeito,

Durante este tempo, Lenet fazia com que lhe repetissem, ácerca da capitulação de Vayres, tudo quanto Ravailly pudera saber.

« Ah! eu bem o sabia, exclamou elle passado um instante.

— E que sabeis vós? perguntou a princeza.

— Que Richon não era um covarde, senhora.

— E como sabeis vós isso?

— Porque se defendeu dous dias e duas noites, porque si teria sepultado debaixo das ruínas do seu forte crivado de balas, si uma companhia de recrutas não se tivesse, ao que parece revollado, e o não obrigasse a capitular.

— Devia antes morrer, do que render-se, senhor disse a Princeza.

— Ah! senhora, pôde acaso morrer a gente quando quer? disse Lenet. Mas pelo menos ajuntou elle voltando-se para Ravailly, lisonjeo-me que ficaria prisioneiro debaixo de garantia?

— Recceio que fosse sem garantia, respondeu Ravailly. Disseram-me que um tenente da guarnição é que tinha tratado da entrega, de modo que poderia muito bem haver nisso alguma traição. e que Richon em lugar de ter estipulado condições, tenha sido entregue.

— Sim, sim, exclamou Lenet, atraído, entregue, sem duvida alguma; eu conheço Richon, e sei que é incapaz, não direi de uma cobardia, mas de uma fraqueza. Oh! Senhora, continuou Lenet dirigindo-se á Princeza, atraído, entregue, ouvís? Não percamos tempo, occupemo-nos delle. Não dizeis, Mr. Ravailly, que houve

um concerto feito por um tenente? Alguma grande desgraça aconteceu ao pobre Richon. Escrevei depressa, Senhora, escrevei, eu vo-lo peço.

— Eu? disse com azedume a Princeza, eu escrever? e para que?

— Para que, Senhora, Para salva-lo.

— Isso é excusado. disse a Princeza; quando alguém entrega uma fortaleza, toma as suas precauções.

— Mas não ouvís vós que não a entregou, Senhora? não ouvís o que diz o capitão, que foi atraído, talvez vendido; e que um tenente, e não elle, é quem fez o ajuste para a entrega?

— Que quereis pois que se faça afayor do vosso Richon? perguntou a Princeza.

— O que se lhe ha de fazer? Esqueceis-vos, Senhora, do subterfugio com que se introduzio em Vayres? que para isso nos servimos de uma assignatura em branco de Mr. d'Epéron? que resistiu a um exercito real commandado pela Rainha, e pelo Rei em pessoa? que Richon foi o primeiro que levantou o estandarte da rebelião? que em fim o condemnaram á morte para servir de exemplo? Ah? Senhora, em nome do Céu, escrevei a Mr. de la Meilleraye; mandai-lhe um mensageiro, um parlamentar.

— E que commissão daremos áquelle mensageiro, áquelle parlamentar?

— A de impedir a todo o custo a morte de um bravo capitão; por quanto si não vos apresardes... oh! eu bem conheço a Rainha, Senhora, e talvez que o vosso mensageiro chegue muito tarde!

— Muito tarde! disse a Princeza. Não temos nós refens em nosso poder? não temos em Chantilly, em Montrond, e aqui mesmo, alguns officiaes do Rei prisioneiros? »

Clara levantou-se espantada.

« Ah! Senhora! Senhora! exclamou ella, fazei o que vos diz Mr. Lenet, as represalias não restituiriam a liberdade a Mr. Richon.

— Não se trata da liberdade, trata-se da vida, disse Lenet com a sua sombria perseverança.

— Ora pois, disse a Princeza, o que elles fizerem, far-se-lhes-ha: a prisão pela prisão, o cadafalso pelo cadafalso. »

Clara deu um grito, e cahiu de joelhos.

« Ah! Senhora disse ella, Mr. Richon é um dos meus amigos. Eu vinha pedir-vos uma graça, e vós tinheis promettido conceder-ma. Pois bem, peço-vos que empregueis todo o vosso credito para salvar Mr. Richon. »

Clara estava de joelhos. A Princeza aproveitou esta occasião para conceder aos rogos de Clara o que recusava aos conselhos, algum tanto asperos, de Lenet. Aproximou se de uma mesa, pegou n'uma penna, e escreveu a Mr. de la Meilleraye, para pedir a troca de Richon por um dos officiaes que ella tinha em seu poder prisioneiros, á escolha da Rainha. Escrita esta carta, procurou com os olhos o mensageiro que havia de mandar. Então, posto que ainda soffresse muito da sua antiga ferida, e estivesse muito muido da sua recente jornada, Ravailly se offereceu com a unica condição de que se lhe dêsse um cavallo descansado. A Princeza autorisou-o a tomar nas suas estrebarias aquelle que

lhe conviesse, e o capitão partiu, incitado pelos gritos da multidão, pelas exhortações de Lenet, e pelas supplicas de Clara.

Passado um momento ouviram-se os rumores do povo reunido, a quem Ravailly acabava de explicar a commissão de que ia encarregado. Entregando-se á alegria, gritavam como desesperados!

« A Senhora Princeza! o Senhor Duque d'Enghien! »

Cansada destas aparições diarias, que mais se assemelhavam a ordens do que a ovações, a Princeza quiz desta vez fazer o ensaio de recusar-se aos desejos da gentalha, porém, como acontece em taes circumstancias, ella teimou, e em breve os gritos degeneraram em berros.

« Vamos lá! disse a Princeza tomando seu filho pela mão, vamos lá! já que somos escravos, obedecemos.

E, armando o seu semblante de um gracioso sorriso, appareceu na varanda, e saudou aquelle povo, de que era ao mesmo tempo escrava, e Rainha.

No momento em que a Princeza, e seu filho se apre-entavam na varanda, em meio das entusiasticas aclamações da multidão, ouviu-se retumbar ao longe um ruido de pifaros, e tambores acompanhados de um alegre rumor.

No mesmo instante aquelle tumultuoso tropel de curiosos, que se apinhavam junto da casa do presidente Lallasne para vêr madama de Condé, voltaram a cabeça para o lado d'onde vinha o ruido, e pouco attentos ás leis da etiqueta, principiaram a ir ao encontro daquelle ruido, que

se vinha aproximando cada vez mais. Isto era muito natural. Já tinham visto dez, vinte, e talvez cem vezes a madama de Condé, ao mesmo tempo que aquelle ruido lhes promettia alguma cousa de desconhecido.

« Estes, ao menos, sam francos, murmurou sorrindo se Lenet por detraz da Princeza indignada. Mas que significam aquella musica, e aquelles clamores? Confesso a Vossa Alteza que tenho quasi tanto desejo de o saber como aquelles mãos cortezãos.

— Ora pois, disse a Princeza, deixai-me por vosso turno, e ide correr as ruas como elles.

— Fa-lo-ia neste mesmo instante, Senhora, respondeu Lenet, si tivesse a certeza de trazer vos alguma boa noticia.

— Oh! boas noticias, disse a Princeza com um olhar de ironia dirigido ao magnifico céu que resplandecia por cima da sua cabeça, já lá não espero. Não estamos em boa quadra.

— Senhora, disse Lenet, sabeis que não me deixo engodar facilmente; com tudo muito enganado estou, si todo este motim não é annuncio de algum feliz acontecimento. »

Com effeito, aproximando-se cada vez mais o susurro, e apparecendo na extremidade da rua uma multidão pressurosa, os braços levantados ao ar, e os lenços agitados convenceram tambem a Princeza de que a noticia era boa. Escutou com uma attenção que lhe fez momentaneamente esquecer a deserção dos que lhe faziam corte, e ouviu estas palavras:

« Brannel o governador de Branne prisioneiro!

— Ah! ah! disse Lenet, o governador de

Branne prisioneiro? o mal está reduzido a metade. Será um refém que responderá por Richon.

— Não tinham já o governador da ilha de Sam Jorge? respondeu a Princeza.

— Considero-me feliz, disse madama de Tourville, de que o plano que tinha proposto para tomar Branne, produzisse tam bom effeito.

— Senhora, disse Lenet, não nos lisonjeemos ainda de uma victoria tão completa; o acaso mallogra os planos dos homens, e até algumas vezes os planos das mulheres.

— Com tudo, sentor, disse madama de Tourville emperligando-se com o seu costumado azedume, si o governador está prisioneiro, a praça deve estar tomada.

— O que dizeis, Senhora, não é um argumento absolutamente logico: ficai porêm socegada, si vos devermos este duplicado feliz successo, serei, como sempre, o primeiro em dar-vos os parabens.

— O que me admira em tudo isso, disse a Princeza, procurando já naquelle feliz acontecimento que ella esperava, um lado offensivo para aquelle orgulho aristocratico, que era a base do seu character; o que me admira, é não ser a primeira que fosse prevenida ácerca do que se passa; é um descuido imperdoavel, mas o Senhor Duque de Laroche foucault sempre assim o pratica.

— Ah! Senhora, disse Lenet, temos falta de soldados para combater, e ainda quereríeis que os arredassemos dos seus postos para fazer delles mensageiros! Ah! não exijamos demasiado, e quando nos chega uma boa noticia, receba-

«mo la tal qual Deus no la envia, e não perguntemos como nos veio.»

A multidão ia todavia engrossando, porque todos os magotes particulares iam reunir-se ao magote principal, como os rios pequenos vam juntar-se aos grandes. No meio daquelle magote principal, que se compunha talvez de um milheiro de individuos, apparecia um rancho de soldados, obra de trinta homens, e no meio desses trinta homens, um prisioneiro, que os soldados pareciam desfender contra o furor do povo.

«Morra! morra! gritava a gentaglia, morra o governador de Branne!»

— Ah! ah! disse a Princeza com um sorriso de triumpho, parece não haver a minima duvida de que ha um prisioneiro, e que esse prisioneiro é o governador de Branne.

— Sim, disse Lenet; mas olhai Senhora: tambem parece que aquelle prisioneiro está em perigo de perder a vida. Não ouvis os ameaços? não vedes aquelles gestos furiosos? Ah! Senhora, vam forçar os soldados, vam faze lo em postas. Oh! que tigres! da-lhes o cheiro da carniça, e quereriam beber sangue.

— Bebam-no pois! disse a Princeza com aquella ferocidade particular ás mulheres, quando as suas más paixões estão exaltadas, bebam-no! é o sangue de um inimigo.

— Senhora, disse Lenet, esse inimigo está debaixo da guarda da honra de Condé, ponderai o bem; além de que, quem vos diz que neste momento Richon, o nosso bravo Richon, não corra o mesmo perigo que este desgraçado? Ah! estão a ponto de forçar os soldados; se lhe tocam está

perdido. Venham vinte homens, gritou Lenet voltando-se. venham vinte homens determinados, que ajudem a repellir toda aquella canalha. Se arrancarem um só cabello da cabeça áquelle prisioneiro, vós por isso me respondereis; parti... »

A estas palavras, vinte mosqueteiros da guarda, burgueza, pertencente ás melhores familias da cidade, desceram ás carreiras pelas escadas, romperam a multidão ás cronhadas, e foram engrossar a escolta; chegaram a tempo, pois algumas unhas, mais compridas, e mais agudas que as outras, já tinham arrancado alguns pedaços do vestido azul do prisioneiro.

« Muito obrigado, meus senhores, disse o prisioneiro, pois pudestes evitar que eu fosse devorado por estes cannibaes. Fôra com elles! si assim comem os homens, no dia em que o exercito real der assalto á vossa cidade, devorá-los-ão todo. »

E poz-se a rir encolhendo os hombros.

« Ah! he um bravo, exclamou a multidão vendo a serenidade talvez algum tanto affectada do prisioneiro, e repetindo aquelle gracejo que lisongeava o seu amor proprio: é um verdadeiro bravo! não tem medo. Viva o governador de Branne!

— Pela miuha fé! sim, exclamou o prisioneiro, viva o governador de Branne! convém-me bastante que viva. »

O furor do povo converteo-se desde logo em admiração, e esta admiração exprimio-se no mesmo instante em termos energicos. Foi por tanto uma verdadeira ovação que succedeu ao

martyrio imminente do governador de Branne, isto é, do nosso amigo Cauvignac. Por quanto, como os nossos Leitores já sem dúvida o adivinaram, era Cauvignac, que debaixo do nome pomposo de governador de Branne, fazia esta triste entrada na capital da Guienna.

Entre tanto, assim protegido pelos seus guardas, e depois pela sua presença de espirito, o prisioneiro de guerra foi introduzido em casa do presidente Lalasne, e em quanto metade da sua escolta guardava a porta, foi conduzido pela outra metade á presença da Princeza.

Cauvignac entrou altivo, e sereno no aposento da Princeza de Condé; mas cumpre dizer que, debaixo daquella apparencia heroica, o coração lhe e palpitava com violencia.

Assim que nelle puzeram os olhos, logo o reconheceram, apesar do lastimoso estado em que a pressurosa multidão puzera a sua linda farda azul, os seus galões de ouro, e a pluma do seu chapéu.

« Mr. de Cauvignac! exclamou Lenet.

— Mr. Cauvignac, governador de Branne, acrescentou a Princeza; ah! senhor, isto cheira a traição.

— Que diz Vossa Alteza? perguntou Cauvignac, conhecendo ser occasião de chamar em seu auxilio todo o seu sangue frio, e principalmente todo o seu espirito. Parece-me que Vossa Alteza proferio a palavra traição.

— Sim, senhor, traição; pois debaixo de que titulo vos apresentais diante de mim?

— Debaixo do titulo de governador de Branne, senhora.

— Traição, muito bem o vêdes. Por quem são as signadas ás vossas provisões?

— Pelo senhor Mazarin.

— Traição, duplicada traição; bem o dizia eu. Vós sois governador de Branne, e a vossa companhia é que entregou Vayres: o titulo recompensou a acção. »

Ao ouvir estas palavras, o mais profundo espanto se pintou no rosto de Cauvignac. Olhou em torno de si como para procurar a pessoa a quem estas estranhas palavras se dirigiam, e convencido pela evidencia de que ninguem mais do que elle era o objecto da accusação da Princeza, deixou cair as mãos com um gesto do mais profundo desalento.

« A minha companhia entregou Vayres, disse elle, e Vossa Alteza é quem me faz semelhante accusação ?

— Sim, senhor, sou eu; fingi dois que o ignorais; dai mostras de espanto; sim, sois um bom comico, segundo parece; porém nem os vossos gestos,, nem as vossas palavras, ainda que estejam em muita harmonia uns com os outros, me am de enganar.

— Não finjo nada, senhora, respondeu Cauvignac: como quer Vossa Alteza que eu saiba o que se passou em Vayres, não tendo nunca la estado ?

— Subterfugio! senhor, subterfugio!

— Nada tenho que responder a semelhantes palavras, senhora, sinão que Vossa Alteza parece estar descotente de mim..... queira pois Vossa Alteza perdoar á franqueza do meu genio a liberdade da minha defeza; eu pelo contrario

é que julgava ter razão de queixar-me de Vossa Alteza,

— Queixar-vos de mim, vós, senhor! exclamou a Princeza admirada de tanto atrevimento.

— Sem duvida, eu mesmo, senhora, respondeu Cauvignac sem se perturbar; confiado na vossa palavra, e na de Mr. Lenet, que aqui se acha presente, recrutei uma companhia de bravos, contrahi com elles obrigações tanto mais sagradas, por isso que todas eram sobre palavra. E eis que, quando venho pedir a Vossa Alteza a somma promettida... uma miseria... trinta ou quarenta mil libras, destinadas não para mim, ponderai-o bem, mas para os novos defensores que alistei para os senhores Principes, eis que Vossa Alteza me recusa; sim m'a recusa! Apello para o testemunho de Mr. Lenet.

— E' verdade, disse Lenet, que quando o senhor se apresentou não tinhamos diuheiro.

— E não podieis esperar alguns dias, senhor? A vossa fidelidade, e a da vossa gente era só por horas?

— Esperei o tempo que Mr. de Laroche foucault me pediu, senhora, isto é, oito dias. No fim desses oito dias, apresentei-me novamente; desta vez recusação formal; de novo apello para Mr. Lenet. »

A Princeza voltou-se para o conselheiro, os seus labios estavam apertados, e os seus olhos chamejavam debaixo das suas sobranceiras franzidas.

« Infelizmente, disse Lenet, vejo-me obrigado a confessar que quanto o senhor diz é a pura verdade. »

Cauvignac endireitou-se com ar triumphante.

« Então, senhora, continuou elle, em uma tal circumstancia que houvera feito um intrigante? Um intrigante ter-se-ia vendido á Rainha com a sua gente. Eu que tenho horror á intriga, despedi a minha gente, desobrigando-os da palavra que me haviam dado; e eu da minha parte, só, conservando-me em perfeita neutralidade, fiz o que aconselha o sabio em caso de duvida, fiquei em inacção.

— Mas os vossos soldados, senhor, os vossos soldados! exclamou furiosa a Princeza.

— Senhora, respondeu Cauvignac, como não sou nem Rei nem Principe, mas sómente capitão; como não tenho nem subditos, nem vassallos, saui sómente os meus soldados aquelles a quem pago; ora, como os meus, como vol-o affirmou Mr. Lenet, não eram pagos de maneira nen'uma, ficáram livres. Então é que talvez tomaram partido contra o seu novo chefe. Que lhes havia eu de fazer? Declaro que o não sei.

— Mas vós, senhor, que abraçastes o partido do Rei, que podeis allegar em vossa defesa? que a vossa neutralidade vos era molesta?

— Não, senhora, a minha neutralidade, ainda que innocente, tornou-se suspeita aos partidarios de Sua Magestade. Um dia fui preso na estalagem do Bezerro de Ouro, que se acha na estrada de Libourne, e conduzido á presença da Rainha.

— E ali concertaste-vos com ella?

— Senhora, respondeu Cauvignac, um bravo, dotado de alguma sensibilidade, nem sempre pôde resistir á delicadeza, com que um sobera-

no sabe atacal-o. Eu tinha o coração magoado; fôra repellido de um partido em que me lançara ás cézas, com todo o ardor e toda a boa fé da mocidade. Compareci ante a Rainha entre dous soldados promptos a matar-me; eu esperava recriminações, ultrajes, a morte, por que na realidade, eu servira, pelo menos de intenção, á causa dos senhores Príncipes; porém, muito pelo contrario do que esperava, em lugar de me castigar privando-me da liberdade, enviando-me para alguma prisão, fazendo-me subir ao cadafalso, aquella grande Princeza disse-me:

« Bravo mancebo extraviado, eu posso com uma palavra mandar-te cortar a cabeça, porém tu bem o ves, lá foram ingratos para contigo, aqui ser-te-am reconhecidos; em nome de Santa Anna, minha protectora, serás d'ora em diante contado no numero dos meus. Senhores, continuou ella dirigindo-se aos meus guardas, respeitai este official, porque faço justiça aos seus merecimentos, e e nomeio vosso chefe. E a vós, ajuntou ella voltando-se para mim, faço-vos governador de Branne: eis como se vinga uma Rainha de França. »

— Que podia eu responder? disse Cauvignac, tornando a tomar a sua voz, e aos seus gestos naturaes, depois de haver imitado de um modo meio comico e meio sentimental, a voz, e os gestos de Anna d'Austria; nada. Eu estava ulcerado nas minhas mais charas esperanças, estava ulcerado no meu zelo-estremoso e gratuito, que eu depuzera aos pés de Vossa Alteza, a quem, com summo gosto disso me lembro, tivêra a ventura de prestar um leve serviço em Chantilly.

Fiz como Coriolano, entrei na tenda dos Volscos. »

Este discurso pronunciado com voz dramatica, e com um gesto magestoso, produziu muito effeito nos circunstantes. Cauvignac percebeu qual era o seu triumpho vendo enfiar a Princeza de furor.

« Mas finalmente, senhor, a quem sois fiel então? perguntou ella.

— Aos que sabem apreciar a delicadeza do meu procedimento, respondeu Cauvignac.

— Muito bem. Sois meu prisioneiro.

— Tenho essa honra, Senhora; porêm espero que me tratareis como cavalheiro. Sou vosso prisioneiro, verdade é, mas sem ter combatido contra Vossa Alteza; ia para o meu governo com a minha bagagem, quando cahi no meio de um troço dos vossos soldados, que me aprisionaram. Não tratei de occultar, nem o meu posto, nem a minha opinião. Torno a repeti-lo, peço pois que me tratem, não somente como cavalheiro, mas como official superior.

— Assim se fará, senhor, respondeu a Princeza. Tereis a cidade por prisão; sómente jurareis pela vossa honra, que não fareis diligencia para daqui sairdes.

— Jurarei, Senhora, tudo o que Vossa Alteza quizer.

— Muito bem. Lenet, mandai dar ao senhor a formula do seu juramento, que nós vamos receber. »

Lenet dictou os termos do juramento que devia dar Cauvignac. Este levantou a mão, e jurou solemnemente que não sairia da cidade sem que

a Princeza o tivesse desobrigado do seu juramento.

« Agora retirai-vos, disse a Princeza; confiemos na vossa lealdade de cavalheiro, e na vossa honra de soldado. »

Cauvignac não esperou que lho dissessem duas vezes, saudou, e sahiu, porém ao sair teve tempo para vér um gesto do conselheiro que queria dizer :

« Senhora, elle tem razão, e nós é que somos os culpados : eis o que é ratinhar em politica. »

O facto é que Lenet, apreciador de todos os meritos, reconhecera toda a finura do character de Cauvignac, e justamente porque em ponto nen'um fôra illudido pelas razões especiosas que elle dêra, admirava como o prisioneiro sahira de uma das mais falsas posições em que um transfuga possa achar-se.

Quanto a Cauvignac, descia a escada muito pensativo, passando a mão pela barba, e dizendo comsigo :

« Vejamos, agora o essencial seria tornar-lhes a vender por um cem mil francos os meus cento e cincoenta homens, o que é possivel, visto que o honrado, e intelligente Ferguson alcançou liberdade completa para si, e para os seus. Portanto, ou mais tarde, ou mais cedo, si me offercerá alguma occasião opportuna de certo. Vamos, vamos, continuou Cauvignac muito consolado, vejo que deixando-me apanhar, não fiz ainda tão máo negocio como ao principio julgára. »

Agora recuemos alguns passos, e encaminhemos a attenção dos nossos Leitores aos acontecimentos que tinham tido lugar em Vayres, acon-

feccimentos que por ora só imperfeitamente sabem.

Depois de diversos assaltos, tanto mais terribes, por isso que o general das tropas reaes sacrificava mais homens para perder menos tempo, os entrincheiramentos tinham sido tomados; porêm os bravos defensores daquelles entrincheiramentos, depois de terem disputado o terreno palmo a palmo, depois de terem juncado o campo de batalha de mortos, tinham-se retirado pelo caminho coberto, e estabelecido em Vayres. Ora, Mr. de la Meilleraye não deixava de vêr que, si perdera quinhentos ou seiscentos homens para tomar um insignificante baluarte de terra, guarneecido de uma palissada, teria de perder seis vezes mais para tomar um forte rodeado de boas muralhas, e defendido por um homem, cuja sciencia estrategica, e valor militar tivera occasião de apreciar à sua custa.

Estava pois decidido a fazer um assedio formal, quando se avistou a vanguarda do exercito do Duque d'Epemon, que vinha fazer a sua junção com o exercito de Mr. de la Meilleraye, junção que duplicava as forças reaes, o que mudou inteiramente a face das cousas. Com vinte e quatro mil homens tenta-se o que si não ousa tentar com doze mil. Foi pois decidido que no dia seguinte se dêsse o assalto.

Com a interrupção dos trabalhos do entrincheiramento, e com as novas disposições que se tomavam, e sobre tudo à vista do reforço chegado, Richan conheceu que a intenção dos sitiantes era apertá-lo sem descanso, e adivinhando um assalto para o dia seguinte, reuniu a sua gente,

a fim de julgar quaes eram as suas disposições, da qual aliás nen'um motivo tinha de desconfiança, visto o modo como se haviam portado na defeza dos primeiros entrincheiramentos.

Este o motivo por que foi grande o seu espanto quando viu a nova attitude da guarnição. A sua gente lançava olhos sombrios, e inquietos ao exercito real, e uns murmurios surdos partiam das fileiras.

Richon não soffria gracejos na forma, e momentaneamente gracejos desta natureza.

« Olá! quem tem o atrevimento de abrir a bocca, disse elle voltando-se para o lado, onde o ruido de desapprovação era mais distincto.

— Eu, respondeu um soldado mais afouto do que os outros.

— Tu!

Sim, eu.

— Então vem cá, e responde. »

O soldado sahio da fileira, e aproximou-se do seu chefe.

« Que te falta, de que te queixas? disse Richon cruzando os braços, e cravando os olhos no amotinador.

O que me falta?

— Sim, o que te falta? Tens a tua ração de pão?

— Sim, senhor commandante.

— A tua ração de carne?

— Sim, senhor commandante.

— A tua ração de vinho?

— Sim, senhor commandante.

— Estás mal alojado?

— Não, senhor.

— Estás pago em dia?

— Sim, senhor.

— Então falla : que desejas, que queres, e que significam estes murmurios?

— Significam que combatemos contra o nosso Rei, o que é mui duro para soldados francezes.

— Então, choras pelo serviço de Sua Magestade?

— Sim, senhor.

— E desejas ir ter com o teu Rei?

— Sim, disse o soldado, que, enganado pela serenidade de Richon, pensava que o negocio se terminaria pela simples exclusão das fileiras de Condé.

— Muito bem, disse Richon segurando o homem pelo boldrié ; porém como fechei as portas, será preciso tomares o unico caminho que te resta.

— Qual ? perguntou o soldado espantado.

— Este, «disse Richon levantando-o com o seu braço de Hercules, e arremessando-o por cima do parapeito.

O soldado deu um grito, e foi cair no fosso, que por felicidade sua estava cheio d'agua.

Este acto de vigor foi recebido com um profundo silencio. Richon julgou ter apaziguado a sedição, e como um jogador que arrisca o todo pelo todo, voltou-se para a sua gente :

« Agora, disse elle, si ha aqui alguns partidarios do Rei, digam-no, e estes sairam como quizerem. »

Uns cem homens clamaram :

« Sim ! sim ! somos partidarios do Rei, e queremos sair !... »

— Ah! ah! disse Richon, vendo que já não era uma opinião parcial, mas uma revolta geral que se manifestava. Ah! isto é outra cousa; julgava não ter diante de mim sinão um amotinador, e vejo que tenho de haver-me com quinhentos cobardes. »

Richon fizera mal de accusar a generalidade; uns cem homens sómente tinham fallado, e demais nada haviam dito, porém implicados na accusação de cobardia, também murmuraram por seu turno.

« Vejamos, disse Richon, não fallemos todos juntos; um official, si algum official ha que consinta em faltar ao seu juramento, falle por todos; e este, eu juro, poderá fallar impunemente. »

Ferguzon deu então um passo fóra da fileira, e saudando o seu commandante com refinada politica:

« Senhor commandante, disse elle, vós ouvis o voto da guarnição: combateis contra Sua Magestade, contra o nosso Rei; ora, a maior parte de nós não estavamos prevenidos de que para fazer a guerra a semelhante inimigo é que nos alistavam. Alguns dos bravos aqui presentes, violentado deste modo nas suas opiniões, poderia no meio do assalto, enganar-se na direcção da sua espingarda, e alojar-vos uma bala na cabeça; porém nós somos verdadeiros soldados, e não cobardes, como sem razão acabais de dizer. Esta é opinião dos meus companheiros, e a minha que vos expomos respeitosa e modestamente. Restitui-nos ao Rei, si não quereis que o façamos de nosso motu proprio. »

Este discurso foi recebido com um estrepitoso applauso geral, que provava que a opinião manifestada pelo tenente era, si não a de toda a guarnição, pelo menos a da maior parte della. Richon conheceu que estava perdido.

« Não posso desender-mesó, disse elle, e não quero render-me; e visto que os meus soldados me abandonam, entre alguém em ajuste em nome delles, como o entender, e como o elles entenderem; porém este alguém não é de ser eu. Com tanto que os bravos que si me conservaram fieis, si todavia os ha, conservem a vida, é tudo quanto desejo. Vejamos, quem ha de ser o negociador?

— Eu, senhor commandante, se fôr do vosso agrado, e se os meus companheiros me honrarem com a sua confiança.

— Sim, sim, o tenente Ferguzon! o tenente Ferguzon! gritaram quinhentas vozes, no meio das quaes se distinguiam as de Barrabás, e de Carrotelle.

— Sereis pois vós, senhor, disse Richon. Tendes liberdade para entrar e sair de Vayres como quizerdes.

— Não tendes vós algumas instrucções particulares que me deis, senhor commandante? perguntou Ferguzon.

— A liberdade para a minha gente.

— E para vós?

— Nada.»

Uma tal abnegação houvera chamado ao seu dever homens desencaminhados, porém elles não estavam sómente desencaminhados, estavam vendidos.

« Sim! sim! a liberdade para nós! gritaram elles.

— Socegai, senhor commandante, disse Ferguzon, não me esquecerei de vós na capitulação.»

Richon sorriu-se tristemente, encolheu os hombros, entrou em sua casa, e fechou-se no seu quarto.

Ferguzon foi ter no mesmo instante com os realistas. Porém Mr. de la Meilleraye nada quiz fazer sem a autorisação da Rainha; ora a Rainha sahira da pequena casa de Nanon para não ser testemunha, como ella mesma o dissera, da vergonha do exercito, e retirára se para a casa da camara de Libourne.

Deixou pois Ferguzon guardado por dous soldados, montou a cavallo, e correu para Libourne. Encontrou o Senhor Mazarin, ao qual julgou annunciar uma grande novidade; porém ao ouvir as primeiras palavras do marechal, o ministro deteve-o com o seu habitual sorriso:

« Sabemos tudo isso, senhor marechal. Ihe disse elle, e o negocio arranjou-se hontem á noite. Entrai em ajuste com o tenente Ferguzon, porém não vos obrigueis a cousa alguma relativamente a Mr. Richon, sinão de palavra.

— Como! sinão de palavra? disse o marechal: mas quando eu tiver dado a minha palavra, penso que vale tanto como um escrito.

— Não vos dê isso cuidado, senhor marechal; eu recebi de Sua Santidade indulgencias particulares, em virtude das quaes me é permittido desobrigar as pessoas dos juramentos que tiverem dado.

— E' possível disse o marechal ; porèm essas indulgencias não dizem respeito aos marechaes de França. »

Mazarin sorriu-se, fazendo signal ao marechal de que podia voltar para o acampamento.

O marechal voltou resmungando, entregou a Ferguzon uma salvaguarda por escrito, para elle, e para a sua gente, e quanto a Richon deu a sua palavra.

Ferguzon voltou para o forte, que abandonou com os seus companheiros uma hora antes de amanhecer, depois de ter communicado a Richon a promessa verbal do marechal. Duas horas depois, como Richon avistava já das suas janelas o reforço que lhe trazia Ravailly, entraram no seu quarto, e prenderam-no em nome da Rainha.

No primeiro momento uma viva satisfação se manifestou no semblante do bravo comandante. Si ficasse livre, a Princeza de Condé podia desconfiar da sua fidelidade; preso, a sua prisão respondia por elle.

Com esta esperanza é que, em vez de sair com os outros, se deixára ficar

Não se contentaram com tudo de tirar-lhe a sua espada, como ao principio o entendera; porèm depois de desarmado, quatro homens, que o esperavam á porta, lançaram-se sobre elle, e prenderam-lhe as mãos atraz das costas.

Richon não oppôz a este indigno tratamento sinão a serenidade, e a resignação de um martyr. Era uma daquellas almas de tempera rija, avós dos heróes populares do decimo-oitavo e decimo-nono seculos.

Richon foi conduzido a Libourne, e levado á presença da Rainha, que o mediu arrogantemente com os olhos; á presença do Rei, que o esm gou com um olhar feroz; e á presença do Senhor Mazarin, que lhe disse:

« Jogastes jogo forte, senhor Richon.

— E perdi, não é verdade, senhor? Agora resta saber o que nós jogamos.

— Reccio que tendes jogado a vossa' cabeça, disse Mazarin.

— Mandem dizer a Mr. d'Epemon que o Rei quer ve-lo, disse Anna d'Austria. Quanto a este homem, espere aqui a sua sentença. »

E, retirando-se com um soberbo de-dem. saiu do quarto, dando a mão ao Rei, e seguida do Senhor Mazarin, e dos seus cortezãos.

Mr. d'Epemon tinha com effeito chegado havia uma hora; porém como verdadeiro velho namorado, a sua primeira visita fôra a Nanon. Soubera, no fundo da Gaiconã, a bella defeza que fizera Canolles na ilha de San Jorge; e como homem sempre cheio de confiança na sua amada, dava os parabens a Nanon acerca da conducta do seu querido irmão, cuja phisionomia, dizia elle com ingenuidade, não annunciava todavia nem tanta nobreza, nem tanto valor.

Nanon tinha mais que fazer do que rir interiormente da prolongação do qui proquo. Tratava-se naquelle momento não sómente da sua propria felicidade, mas tambem da liberdade do seu amante. Nanon amava tão apaixonadamente a Canolles, que não podia acreditar que fosse capaz de uma perfidia, a pezar de que esta idéa se offerecera muitas vezes ao seu espirito. Elia

não vira, no cuidado que tivera de afastá-la, sinão uma terna sollicitude; julgava que ficando prisioneiro, só cedera á força, lamentava-o, e não aspirava sinão ao momento em que, graças a Mr. d'Epernon, poderia libertá-lo.

Esta razão pela qual em dez cartas que escrevera ao querido duque, apressára a sua volta com todo o seu poder.

Este por fim chegára, e Nanon apresentára-lhe a sua supplica a favor do seu supposto irmão, que ella desejava quanto antes arrancar das mãos dos seus inimigos, ou para melhor dizer das de madama de Cambes, visto julgar que Canolles na realidade não corria outro algum risco mais que o de cada vez ficar mais namorado da viscondessa.

Ora este perigo era para Nanon um perigo capital. Pedia pois de mãos juntas, a Mr. d'Epernon, a liberdade de seu irmão.

« A occasião para isso é muito opportuna, respondeu o Duque, acabo de saber neste instante que o governador de Vayres, se deixou acompanhar. Ora pois, trocar-se-ha pelo bravo Canolles.

— Oh! exclamou Nanon, eis uma graça que vem do Céu, meu querido duque.

— Amais pois maito aquelle irmão, Nanon?

— Oh! mais do que a minha vida.

— E' cousa singular que nunca me tenhais fallado nelle, antes daquelle celebre dia em que tive a loucura. . . .

— Então, Senhor Duque?.... interrompeu Nanon.

— Então mando o governador de Vayres . . .

Princeza de Condé que em troca delle nos mandará Canolles; isto todos os dias acontece na guerra, é uma troca pura, e simples.

— Sim, mas a Princeza de Conde não fará mais apreço de Mr. de Canolles, que de um simples official?

— Pois, em tal caso, em lugar de um official mandar-lhe-am dous, mandar-lhe-am tres; arranjar-se-ha tudo finalmente de maneira que fiqueis contente; que mais quereis, minha querida? e quando o nosso bravo commandante da ilha de Sam Jorge entrar em Libourne, recebê-lo-o-emos em triumpho. »

Nanon não cãbia em si de contentamento. Recobrar a Canolles, era o sonho ardente de todas as suas horas. Quanto ao que diria Mr. d'Epernon, quando visse quem era aquelle Canolles, era cousa que pouco cuidado lhe dava. Uma vez que Canolles estivesse salvo, ella lhe diria que era seu amante, dil-o-ia em alta voz, dil-o-ia a toda a gente!

As cousas estavam neste estado quando o mensageiro da Rainha entrou.

« Vêde, disse o Duque, que tudo nos sahe ás mil maravilhas, querida Nanon; vou ter com Sua Magestade, e trarei a ordem para o trocar.

— De maneira que meu irmão poderá chegar aqui?...

— Talvez que amanhã, disse o Duque.

— Ide pois, exclamou Nanon, e não percais um instante. Oh! amanhã! amanhã! accrescentou ella levantando os dous braços ao Céu com uma admiravel expressão de supplica. Amanhã, Deos o queira!

« Oh! que coração! » disse consigo o duque d'Epemon á sahida.

Quando o Duque d'Epemon entrou na camera da Rainha, Anna d'Áustria, vermelha de cólera, mordia os seus grossos beiços, que fazia a admiração dos seus cortezãos, justamente por que era a parte defeituosa do seu rosto. Mr. d'Epemon, homem gatante, e habituado ao sorriso das damas, foi recebido como um Bordelez rebellado,

O Duque olhou para a Rainha com espanto, esta não tinha correspondido a sua cortezia, e de sobranceiras franzidas olhava para elle do alto da sua magestade real.

« Ah! ah! sois vós, senhor Duque, disse ella finalmente depois de um momento de silencio; vinde cá, quero fazer-vos os meus cumprimentos ácerca do modo como fazeis as vossas nomeações para os empregos do vosso governo.

— Então que fiz eu, senhora? perguntou o duque admirado, e que é que aconteceu?

— Aconteceu que fizestes governador de Vayres um homem que fez fogo de artilharia contra o Rei; nada mais.

— Eu, senhora? exclamou o Duque, mas Vossa Magestade está de certo enganada; não fui eu que nomeei o governador de Vayres... a não ser que tal acontecesse, sem que o eu soubesse. »

D'Epemon não asseverava absolutamente, por que a sua consciencia o arguia de não ser elle só quem fizesse as nomeações.

« Ah! esta é nova, respondeu a Rainha; Mr. Richon não foi talvez nomeado por vós? »

E ella carregou com profunda maldade na palavra talvez.

O Duque, que conhecia o talento de Nanon para escolher os homens proprios para os empregos, socogou logo.

« Não me lembro de ter nomeado Mr. Richon, disse elle; porém si o nomeei, Mr. Richon deve ser um bom servidor do Rei.

— Com effeito, disse a Rainha, Mr. de Richon na vossa opiniao, é um bom servidor do Rei; maldito seja o tal servidor que em menos de tres dias nos mata quinhentos homens.

— Senhora, disse o Duque inquieto, si assim é devo confessar que sou culpado. Porém antes que eu seja condemnado deixai-me alcançar a prova de que fui eu quem o nomeei. Esta prova eu a vou buscar. »

A Rainha fez um movimento para deter o Duque, porém logo se arrependeu.

« Ide, disse ella, e quando tiverdes trazido a vossa prova, dar-vos-ei a minha. »

Mr. d'Epernon sahio ás carreiras, e foi sem parar ter á casa de Nanon.

» Então, disse ella, trazeis a ordem para a troca, meu querido Duque?

— Não é disso que se trata agora! respondeu o Duque, a Rainha está furiosa.

— E donde procede o furor de Sua Magestade?

— Procede de que vós ou eu nomeámos Mr. Richon governador de Vayres, e que este governador, que se defendeu como um leão, segundo parece, acaba de nos matar quinhentos homens.

— Mr. Richon! repetiu Nanon, não o conheço.

— Nem eu tam pouco, e os diabos me levem si o conheço.

— Neste caso,izei positivamente á Rainha que está enganada.

— Mas não sois vós que talvez estejais enganada, vejamos?

— Esperai, nada quero ter de que me reprehenda, e eu vou dizer-vol-o.

E Nanon entrou no seu gabinete de negocios, consultou o seu livro de negocios, na letra R, e achou-o virgem de toda a patente dada a Richon.

« Podeis ir asseverar á Rainha, disse ella voltando-se, que está perfeitamente enganada. »

Mr. d'Epernon só deu dois saltos de casa de Nanon á casa da camara.

« Senhora, disse elle entrando desassombadamente na camara da Rainha, estou innocente do crime que me imputam. A nomeação de Mr. Richon e obra dos ministros de Vossa Magestade.

— Então os meus ministros assignam-se d'Epernon? replicou com azedume a Rainha.

— Como assim?

— Eu vol-o digo, visto que a vossa assignatura se acha no fim da patente de Mr. Richon.

— E' impossivel, senhora, respondeu o Duque no tom frouxo de um homem que principia a duvidar de si mesmo.

A Rainha encolheu os hombros.

« E' impossivel! disse ella. Ora pois, lede. »

E a Rainha pegou n'uma patente que estava na meza, e sobre a qual tinha posto a mão.

Mr. D'Epernon pegou na patente, correu por ella ávidamente os olhos, examinando cada do-

bra do papel, cada palavra, cada letra, e ficou consternado: uma terrivel lembrança lhe occorreu.

« Poderei eu ver esse Mr. Richon? perguntou elle.

— Nada é mais facil, respondeu a Rainha; ordenei que ficasse no quarto immediato para dar-vos esta satisfação. »

Depois voltando-se para os guardas que esperavam as suas ordens á porta:

« Tragão aqui aquelle miseravel, disse ella.

Os guardas saíram, e passado um instante trouxeram Richon com as mãos amarradas, e a cabeça coberta, O duque aproximou-se d'elle, e lançou um olhar ao prisioneiro, que este recebeu com a sua habitual dignidade. Como tinha o seu chapéu na cabeça, um dos guardas lhe atiraram ao chão com as costas da mão.

Este insulto não provocou o menor movimento da parte do governador de Vayres.

« Ponde-lhe um capote nos hombros, e uma mascara no rosto, disse o Duque, e dai-me uma vela acesa.

Obedeceram logo ás duas primeiras ordens. A Rainha olhava atonita para estes singulares preparativos. O Duque andava á roda de Richon mascarado, olhando para elle com a maior attenção, esforçando-se em recordar-se de todas as suas lembranças, e parecendo duvidar ainda.

« Trazei-me a vela que pedi, disse elle, esta prova desvanecerá todas as minhas duvidas. »

Trouxeram a vela. O Duque chegou a patente á luz, e com o calor da chama uma cruz, feita

debaixo da assignatura com tinta sympathica, appareceu do papel.

Quando tal viu, o fronte do Duque serenou-se, e exclamou :

« Senhora, esta patente é assignada por mim, verdade é; porem não o foi nem para Mr. Richon, nem para ninguem; foi me extorquida quasi por força; porem antes de entregar a minha assignatura em branco, tinha escripto no papel a côta que Vossa Magestade pôde aqui ver e serve de prova clara contra o culpado. Olhai. »

A Rainha olhou ávidamente no papel, e olhou, em quanto o Duque lhe mostrava a côta com a ponta do dedo.

« Não posso entender uma só palavra da accusação que acabais de fazer-me, disse muito ingenuamente Richon.

— Como ! exclamou o Duque, não ereis o homem mascarado a quem entreguei este papel no rio Dordonha ?

— Nunca fallei á Vossa Senhoria antes d'este dia em que estamos, e nunca estive mascarado no rio Dordonha, respondeu friamente Richon.

— Si não fosteis vós, foi um homem enviado por vós que ali foi em vosso lugar.

— De nada me serviria occultar a verdade, disse Richon sempre com a mesma serenidade : a patente que ahí tendes, senhor Duque, recebi-a da senhora Princeza de Condé, das proprias mãos do Duque de Larochefoucault; Mr. Lenet, cuja escripta talvez conheceis, é que nella escreveu o meu nome e appellido. Como este diploma foi parar ás mãos de senhora Princeza ? como Mr. de Larochefoucault estava de posso del-

— He? em que lugar o meu nome, e appellido foram escritos por Mr. Lenet nesse papel? é o que absolutamente ignoro, é o que pouco me importa, nem me deve importar.

— Ah! vós assim o julgais? «disse o Duque em tom chocarreiro.

E aproximando-se da Rainha, contou-lhe em voz baixa uma historia que a Rainha ouviu mui attentamente: era a delação de Cauvignac, e a aventura do rio Dordouha; porém como a Rainha era mulher, compre'endeu perfeitamente o movimento de ciúme do Duque.

Depois, quando elle acabou:

« E' uma infamia para ajuntar a uma alta traição, disse ella; nisto está tudo dito; quem não hesitou em fazer fogo contra o seu Rei, podia mui bem vender o segredo de uma mulher.

— Que diabo estam elles alli dizendo? «disse consigo Richon franzindo as sobranceilhas; pois não ouvindo quanto bastasse para compre'ender a conversação, ouvia com tudo quanto era bastante para adivinhar que a sua hora se achava compromettida; de mais disso, os olhos scintillantes do Duque, e da Rainha não lhe promettiam nada de bom, e ainda que o commandante de Vayres fosse muito bravo, esta duplicada ameaça não deixou de inquieta-lo, a pezar de que fosse impossivel divisar no seu rosto, armado de uma altiva serenidade, o que se passava no seu coração.

— E' preciso processa-lo, disse a Rainha. Convoquemos um conselho de guerra; vós e presidireis, Senhor Duque. Escolhei pois os vossos assessores, e não percamos tempo.

— Senhora, disse Richon, escusado é convocar o conselho, pois não estou no caso de ser processado. Eu sou prisioneiro sobre palavra que me deu o senhor marechal de la Meilleraye; sou prisioneiro voluntario, e a prova disso é que podia sair de Vayres com os meus soldados; é que podia fugir antes ou depois da sua saída, e que o não fiz.

— Eu nada entendo de negocios, disse a Rainha levantando-se para entrar n'uma sala immediata; si tendes boas razões, allega-las-eis aos vossos juizes. Não estareis vós aqui bem para tomar a presidencia, Senhor Duque?

— Sim, Senhora, estou muito bem respondendo este. »

E no mesmo instante, escolhendo doze officiaes dos que se achavam na antecamara, constituiu o tribunal.

Richon principiava a comprehender: os juizes improvisados foram occupar os seus lugares; depois o relator perguntou-lhe o seu nome, o seu appellido, e a sua qualidade.

Richon respondeu a estas tres perguntas.

« Sois accusado de alta traição por ter feito fogo contra os soldados do Rei, disse o relator: confessais ser culpado deste crime?

— Negar, seria negar a evidencia; sim, senhor, fiz fogo contra os soldados do Rei.

— Em virtude de que direito?

— Em virtude do direito da guerra, em virtude do mesmo direito que invocaram em igual circumstancia Mr. de Conti, Mr. de Beaufort, Mr. d'Elbeuf, e muitos outros.

— Este direito não existe, senhor, porque este direito não é mais do que a rebellião.

— E' todavia em virtude d'este direito que o meu tenente fez uma capitulação. Esta capitulação, eu a invoco.

— Capitulação! exclamou d'Epernon com ironia, porque sabia que a Rainha escutava, e a sua sombra dictava-lhe esta palavra insultadora: capitulação! vós negociardes com um marechal de França!

— Porque não, respondeu Richon, visto que esse marechal de França negociava comigo?

— Então apresentai essa capitulação, e julgaremos qual seja o seu valor.

— E' uma convenção verbal.

— Apresentai as vossas testemunhas.

— Só tenho uma que possa apresentar-vos.

— Qual é?

— O proprio marechal.

— Chamem o marechal. disse o Duque.

— E' inutil, disse a Rainha abrindo a porta, por detraz da qual estava escutando, ha duas horas que o senhor marechal partiu; marcha sobre Bordenes com a nossa vanguarda.»

E tornou a fechar a porta.

Esta appareção gelou todos os corações, porque impunha aos juizes a obrigação de condemnar Richon.

O prisioneiro sorriu-se amargamente.

« Ah! disse elle, eis ahi como Mr. de la Meilleraye desempenha a sua palavra! Tendes razão, senhor, disse elle voltando se para o Duque d'Epernon, fiz mal em negociar com um marechal de França. »

Desde este momento Richon não disse mais palavra, para tudo olhou com desprezo, e qualquer que fosse a pergunta que se lhe fizesse, nada absolutamente respondeu.

Isto simplificava tanto o processo, que as demais formalidades foram preenchidas dentro de uma hora. Escreveu-se pouco, e fallou-se ainda menos. O relator condemnou-o á morte, e a um signal que fez o Duque d'Épernon, os juizes votaram á unanimidade a pena de morte.

Richon ouviu esta sentença como si fôra simples espectador, e sempre impassível, e mudo, foi entregue desde logo ao preboste do exercito.

Quanto ao Duque d'Épernon, foi ter com a Rainha, que achou de excellente humor, e que o convidou a jantar. O Duque, que entendia haver caído em desagrado, acceptou o convite, e passou por casa de Nanon para dar-lhe parte da ventura que tinha de sempre estar na graça da sua Soberana.

Achou-se sentada n'uma cadeira, junto de uma janella que dava sobre a praça publica de Libourne.

« Então, lhe disse ella, descobristes alguma coisa?

— Descobri tudo, disse o Duque.

— E' possível! disse Nanon com inquietação.

— Sim, não ha duvida! Não vós lembrais daquella delação que tive a loucura de acreditar, aquella denuncia a respeito dos vossos amores com vosso irmão?

— E então?

— Não vos recordais da assignatura em branco que me pediam?

— Sim, senhor! e que mais?

— O delator cahiu-me nas mãos, minha querida, foi colhido nas redes da sua assignatura em branco, como uma raposa no laço.

— Na realidade! disse Nanon espantada, porque ella sabia que o delator era Cauvignac, e a pezar de que não tivesse muito affecto ao seu verdadeiro irmão, não desejava todavia que lhe acontecesse alguma desgraça; de mais disso, aquelle irmão podia, para salvar-se, dizer uma infinidade de cousas que Nanon muito desejava que ficassem em segredo.

— Elle mesmo, minha querida, continuou d'Epernon, que vos parece semelhante aventura? Aquelle patife, com o auxilio da minha assignatura em branco, tinha-se nomeado, por sua propria authoridade, governador de Vayres; porém Vayres foi tomada, e o culpado está nas nossas mãos. »

Todas estas particularidades eram tão adequadas ás industriosas combinações de Cauvignac, que Nanon sentio duplicar o seu susto.

— E aquelle homem, disse ella com voz perturbada, que fizestes d'elle?

— Ah! pela minha fé, disse o Duque, vós ides ver o que fizemos d'elle; sim, continuou elle pondo-se em pé, a cousa vem muito a proposito, levantai a cortina, ou abri francamente a janella, é na realidade um inimigo do Rei, e muito bem podemos velo enforcar.

Enforcar! exclamou Nanon; que dizeis, Senhor Duque? enforcar o homem da assignatura em branco!

— Sim, minha querida. Não vêdes lá na pra-

ça atada áquella trave uma corda que bambaleia e o tropel de gente que vai correndo? Olhai, olhai, não vedes os fuzileiros que vam levando o homem, lá em baixo, á esquerda? Olhai, eis o Rei que chega á janella. »

O coroção de Nanou palpitava com tal violencia no seu peito, que parecia subir-lhe até á garganta: vira com tudo n'um lançar d'olhos, que o homem que conduziram não era Cauvignac.

« Vamos, vamos, disse o Duque, o senhor Richon será enforcado, e isto lhe ensinará a calumniar as mulheres.

— Mas, exclamou Nanou pegando na mão do Duque, e reunindo todas as suas forças, mas aquelle infeliz não é culpado, talvez seja um bravo soldado, talvez seja um homem honrado, e talvez que assassineis um innocente!

— Não, não, estais muito enganada, minha rica; elle é um falsario, é um calumniador. De mais disso, ainda que não fosse si não governador de Vayres, nem por isso deixaria de ser réo de alta-traição; e parece-me que ainda que não tivesse outro crime, este seria mais que bastante.

— Mas não tinha elle recebido a palavra de Mr. de la Meilleraye?

— Elle assim o disse, mas não o acredito.

— Como é possível que o marechal não desse conhecimento algum ao tribunal ácerca de um ponto tam importante?

— Tinha partido duas horas antes que o accusado comparecesse perante os seus juizes.

— Oh! meu Deus, meu Deus, senhor! alguma cousa me diz que aquelle homem é innocen-

fe, exclamou Nanon, e que a sua morte fará a nossa desgraça. Ah! senhor, pelo Santo Nome de Deus, vós que sois poderoso, vós que dizeis que nada recusais, concedei-me o perdão d'aquelle homem!

— Não é possível, minha querida; a propria Rainha é que o condemnou, e onde ella está já não tenho poder algum. »

Nanon deu um suspiro que parecia um gemido.

Neste momento Richon tinha chegado á praça; conduziram-no, sempre sereno e silencioso, até á trave donde pendia a corda, tinham d'antemão collocado ali uma escada: Richon subiu aquella escada com passo firme, dominando com a sua nobre cabeça toda aquella multidão, sobre a qual lançava um olhar armado de um frio desprezo. Então o preboste lhe passou o laço ao pescoço, e o pregoeiro gritou em alta voz que o Rei mandava justicar o seuhor Estevão Richon, falsario, traider, e villão.

« Chegamos a um tempo. disse Richon, em que mais vale ser um villão como eu sou, do que marchal de França.

Apenas tinha proferido estas palavras, quando lhe faltou o degráu debaixo dos pés, e o seu corpo palpitante balanceava debaixo da trave fatal.

Um movimento geral de terror dispersou a multidão, sem que se ouvisse um só grito de: Viva o Rei! apesar de que toda a gente ainda visse as duas Magestades á janella. Nanon cobria o rosto com as mãos, e fugira para o fundo do quarto.

« Ora pois, disse o Duque, apesar do que disse possais pensar, querida Nanon, creio que esta execução servirá de exemplo, e quando virem em Bordeus que lhes enforcamos os seus governadores, tenho curiosidade de saber o que elles faram. »

Com a ideia do que podiam fazer, Nanon abriu a boca para fallar, porém só pôde dar um grito terrivel, levantando as mãos ao ceu, como para pedir-lhe que permittisse não fosse vingada a morte de Richon; depois, como si todas as molhas da vida se tivessem despedaçado nella, caiu redondamente no chão.

« Então! então! exclamou o Duque, que tendes, Nanon? E' possível que vos affijais desta maneira por terdes visto enforcar um villão? Vamos, querida Nanon, levantai-vos; socegai; mas, Deus me perdõe, ella perdeu os sentidos; e dizem esses Agenezes que e insensivel! Olá, acuda aqui alguém, tragam espiritos! soccorro! tragam agua fria! »

E o Duque, vendo que ninguem acudia aos seus gritos, saiu a correr para ir buscar o que inutilmente pedia aos seus criados, que não podiam ouvir-o sem duvida, estando ainda muito occupados do espectaculo com que acabava de regalar os gratoitamente a generosidade real.

No momento em que se representava em Libourne o terrivel drama que acabamos de referir, madame de Cambes, sentada junto a uma mesa de carvalho de pés retorcidos, tendo defrente de si Pompêo, que fazia uma especie de inventario da sua fortuna, escrevia a Canolles a carta seguinte:

« Ainda uma nova dilacão; meu amigo. No me-
« mento em que ia pronunciar o vosso nome á
« senhora Princeza, e pedir o seu consentimen-
« to para a nossa união, chegou a noticia da to-
« mada de Vayres, que me gelou as palavras
« nos beijos; eu porém sei quanto deveis sof-
« frer, e não tenho forças para supportar ao
« mesmo tempo a vossa dôr, e a minha. Os suc-
« cessos, ou os revezes desta guerra fatal, po-
« dem levar-nos muito longe. si não nos deci-
« dir-mos a violentar as circumstancias. . . Ama-
« nhã, meu amigo, amanhã ás sete horas da tar-
« de serei vossa esposa.

« Eis o plano de conducta que vos peço quei-
« rais adoptar; é de summa urgencia que sigais
« pontualmente.

« Passareis depois de jantar por casa de ma-
« dame de Lalasne, a qual, desde que lhe fostes
« apresentado, faz, assim como sua irmã, muito
« caso de vós. Jogar-se ha: jogai como os ou-
« tros, todavia não vos obrigu is a ficar para a
« cêa: fazei mais; ao pôr do sol afastai os vos-
« sos amigos, si algum se conservar junto de
« vós. Depois, quando estiverdes absolutamente
« só, vereis entrar algum mensageiro, não sei
« ainda quem será, o qual vos chamará pelo vos-
« so nome, como se algum negocio exigisse a
« vossa presença; seja como fôr, segui-o cou-
« fidamente, porque vai da minha parte, e a
« sua commissão será conduzir-vos á Capella,
« onde estarei á vossa espera.

« Eu bem quizera que fosse na Igreja dos
« Carmelitas, que já tem para mim tão doces re-
« cordaçõs, porém ainda me não atrevo a es-

« perá-lo; com tudo assim tem de acontecer, si
« consentirem em fechar a Igreja por nosso res-
« peito.

« Em quanto não chega aquella hora, fazei da
« minha carta o que fazeis da minha mão
« quando me esqueço de atirar das vossas. Hoje
« digo-vos até amanhã dir-vos-ei até sempre!»

Canolles estava n'um dos momentos de mi-
santropia quando recebeu esta carta; durante
todo o dia antecedente, e naquella mesma ma-
nhã, nem se quer vira madama de Cambes, a pe-
zar de que no espaço de vinte e quatro horas ti-
vesse talvez passado dez vezes por baixo das suas
janellas. Então a reacção habitual operava-se na
alma do amoroso mancebo. Accusava a viscon-
dessa de garridice; duvidava do seu amor; re-
surgiam a seu pezar as suas recordações de Na-
non, tam boa, tam extremosa, e tam ardente,
que quasi se gloriava daquelle amor de que
Clara parecia envergonhar se; e aquelle pobre
coração suspirava entre aquelle amor satisfeito
que não podia apagar-se, e aquelle amor dese-
joso que não podia satisfazer-se; a carta da vis-
condessa veio decidir tudo a seu faver.

Canolles lêu, e tornou a lêr a carta; como bem
o antevira Clara, beijou-a vinte vezes, como o
houvera feito com a sua mão. Reflectindo nisto,
Canolles não podia dissimular que o amor que
tinha á viscondessa era, e tinha sido o negocio
mais serio da sua vida. Com as outras mulheres
este sentimento sempre tomara outro aspecto, e
sobre tudo outro desenvolvimento. Canolles re-
presentara para com ellas o seu papel de homem
de boas fortunas tomara a posição de vencedor,

e quasi que reservára para si o direito de ser inconstante. Com madama de Cambes, pelo contrario, elle è que se sentia subjugado por uma força superior, contra a qual nem se quer tratava de recalcitrar, porque sentia que esta escravidão lhe era mais doce do que o sôra outrora o seu poder. E nesses momentos de desalento, em que concebia algumas duvidas ácerca da realidade da afeição de Clara, nessas horas, em que o coração dolorido entra em si mesmo, e profunda as suas dôres com o pensamento, confessava, sem nem se quer se envergonhar de semelhante franqueza (a qual um anno antes houvera considerado como indigna de uma alma grande), que perder madama de Cambes seria para elle uma calamidade iusupportavel.

Porêm amá-la, ser della amado, possui-la de coração, e alma, possui-la em toda a independência do seu porvir, visto que a viscondessa nem si quer exigia delle o sacrificio das suas opiniões ao partido da Princeza, e só queria o seu amor; vir a ser o mais feliz, e o mais rico official do exercito do Rei, porque em fim, para que se ãa de esquecer a riqueza? a riqueza não estraga cousa alguma; ficar no serviço de Sua Magestade, si Sua Magestade recompensasse dignamente a fidelidade; deixá-lo, si, como muitas vezes acontece, o Rei lhe correspondesse com ingratidão; não era essa, na verdade, uma ventura maior, mais soberba, si assim se pôde dizer, do que aquella, a que nos seus mais doees sonhos nunca jámais ousára aspirar?

Mas Nanon?

Ah! Nanon! Nanon! era o remorso surdo, e)

pungente que sempre se conserva no fundo das almas nobres ! Só nos corações vulgares é que não faz êcho a dôr que elle causa. Nanon, pobre Nanon ! O que faria, o que diria, o que seria della, quando recebesse a terrivel noticia de que o seu amante era o marido d'outra ? ... Ah! ella não se vingaria, a pezar de ter nas suas mãos todos os meios de vingar-se, e este pensamento era o que mais mortificava a Canolles. Ah! se ao menos Nanon tentasse vingar-se, e até se vingasse de qualquer maneira que fosse, o infiel só veria nella uma inimiga, e isto ao menos livrá-lo-ia dos seus remorsos.

Com tudo Nanon não respondêra á carta em que lhe elle dissera que não lhe escrevesse mais. Como podia dar-se que ella tivesse seguido tão escrupulosamente as suas instrucções? Si Nanon tivesse querido, houvera na verdade achado meio de fazer passar dez cartas. Nanon não tentara pois corresponder-se com elle. Ah! si Nanon o não amasse já!

E a fronte de Canolles se enrugou com a lembrança de ser possível que Nanon o não amasse já. E' cousa cruel achar deste modo o egoismo do orgulho até no mais nobre coração.

Por felicidade Canolles tinha um meio de esquecer tudo, era lêr, e reler a carta de madama de Cambes; leu-a, e releu-a, e o meio de que se valeu sortio effeito. O nosso namorado alcançou pois esquecer tudo o que não era a sua propria felicidade. E para desde logo obedecer á sua amada, que lhe dava ordem de ir a casa de madame de Latasne, fez-se formoso, o que não era difficil, visto a sua mocidade a sua graça, e o seu

Bom gosto; depois encaminhou-se para casa da presidenta no momento em que davam duas horas.

Canolles estava tam preocupado da sua ventura, que passando pelo cães não vira o seu amigo Ravailly, que de um bote, que se vinha aproximando à força de remos, lhe fazia mil signaes. Os namorados, nos seus momentos de felicidade, caminham com passo tam ligeiro, que parecem não tocar a terra. Canolles estava pois já longe quando Ravailly desembarcou.

Apenas saltou em terra, deu algumas ordens em voz breve aos homens do bote, e correu rapidamente para o alojamento da Princeza de Condé.

A Princeza estava á mesa quando sentiu algum rumor na antecâmara; perguntou que bulha era aquella, e responderam-lhe que era o barão de Ravailly, que ella enviára a Mr. de la Meilleraye, e que chegava naquelle mesmo instante.

« Senhora, disse Lenet, parece-me que seria bom que Vossa Alteza o recebesse sem mais demora: sejam quaes forem as noticias que traga, são importantes. »

A Princeza fez um signal, e Ravailly entrou; porém estava tam pallido, e era tal a alteração que se divisava no seu rosto, que a Princeza desde logo desconfiou que tinha diante dos olhos um mensageiro de desgraça.

« Então, que nos dizeis, capitão? perguntou ella, que aconteceu de novo? »

— Desculpai-me Senhora, de apresentar-me deste modo diante de Vossa Alteza, porém jul-

— Cheguei que a noticia de que sou portador não podia soffrer demora.

— Fallai, vistes o marechal ?

— O marechal recusou receber-me, Senhora.

— O marechal recusou receber o meu enviado! Exclamou a Princeza.

— Oh! Senhora, ainda aqui não está tudo.

— Então que mais temos? fallai, fallai! eu vos presto attenção.

— Aquelle pobre Richon....

— Bem sei, bem sei, prisioneiro.... visto que eu vos enviára para tratar do seu resgate.

— Por maior diligencia que tenha feito, cheguei demasiado tarde.

— Como, demasiado tarde! exclamou Lenet ter-lhe-ia acontecido alguma desgraça?

— Está morto!

— Está morto! repetio a Princeza.

— Fizeram-lhe o seu processo como traidor; foi condemnado, e executado.

— Condemnado! executado! Ah! vós o ouvis, Senhora, disse Lenet consternado; eu bem vo-lo dizia!

— E quem o condemnou? quem teve semelhante atrevimento?

— Um tribunal presidido pelo Duque d'Epernon, ou para melhor dizer, pela propria Rainha; e não se contentaram com a morte, quizeram que aquella morte fosse infamatoria.

— E' possivel! Richon!

— Enforcado, Senhora, enforcado como um miseravel, como um ladrão, como um assassino! Vi o seu corpo na praça de Libourne.»

▲ Princeza levantou-se da sua cadeira como

si uma invisível mola a fizesse mover. Lenet deu um grito doloroso. Madama de Cambes, que se levantára, tornou a cair na sua cadeira levando a mão ao coração, como se faz quando se recebe uma ferida profunda; tinha desmaiado.

« Levai daqui a viscondessa, disse o Duque de Laroche Foucault, não temos vagar neste momento para occupar-nos dos desmaios das Senhoras. »

Duas mulheres levaram a viscondessa.

« Eis uma declaração de guerra mui aspera, disse o Duque impassível.

— E' uma infamia! disse a Princeza.

— E' uma ferocidade, disse Lenet.

— E' uma falta de politica, continuou o Duque.

— Oh! mas espero que nos havemos de vingar, exclamou a Princeza, e fa-lo-emos cruelmente!

— Eu cá tenho o meu plano, exclamou madama de Tourville, que ainda não tinha dito nada: represalias, Senhora, represalias!

— De vagar. Senhora, disse Lenet; não vos apresseis tanto! A cousa é assaz grave, e digna de toda a ponderação.

— Não, senhor, muito pelo contrario. devemos desde logo occupar-nos disso, respondeu madama de Tourville; quanto mais o Rei se apressou a ferir, tanto mais promptamente lhe devemos responder dando sem a minima tardança um golpe semelhante.

— Ah! Senhora, exclamou Lenet, fallais em derramar sangue como si fosseis Rainha de

França. Ao menos esperai, para dardes a vossa opinião, que Sua Alteza vo-la peça.

— A Senhora tem razão, disse o capitão das guardas; represalias, é a lei da guerra.

— Fazei attençaõ, disse o Duque do Laroche-foucault, sempre sereno, e impassivel, que não devemos perder, como fazemos, o tempo em palavras. A noticia vai circular pela cidade, e dentro de uma hora não poderemos já dominar os acontecimentos, nem as paixões, nem os homens. A primeira cousa em que Vossa Alteza deve cuidar é em tomar uma attitude assaz firme para que a julgem inabalavel.

— Pois bem, disse a princeza, eu de vós confio este cuidado, Senhor Duque, e dou-vos plena liberdade para viagar a minha honra, e as vossas affeições; por quanto, antes de entrar no meu serviço, Richon tinha estado no vosso, de vós é que o recibi, e deste-mo, antes como um dos vossos amigos, do que como um dos vossos servos.

— Podeis fiar descansada, Senhora, respondeu o Duque inclinando-se, lembrar-me-hei do que devo, tanto a vós, como a mim, e ao pobre finado. »

E aproximou-se do capitão das guardas, e fallou-lhe muito tempo em voz baixa, em quanto a Princeza hia sahindo acompanhada de ma dama de Tourville, e seguiu-a de Lenet, que batia no peito de paixão, e dôr.

A viscondessa estava á porta. Recobrando o uso dos sentidos, a sua primeira idéa fora voltar para a Princeza de Condé; encontrou-a no seu

caminho, porém com um semblante tão severo, que não se atreveu a interrogá-la pessoalmente.

« O' meu Deus! meu Deus! que vam fazer? exclamou timidamente a viscondessa levantando as mãos ao Ceo.

— Vam vingar-se, respondeu madama de Tourville com magestade.

— Vingar-se! e como? » perguntou Clara.

Madama de Tourville foi passando sem se dignar de responder; já meditava a sua requisitoria.

« Vingar-se repetiu Clara. Oh! Mr. Lenet, que querem dizer com isso?

— Senhora, respondeu Lenet, si tendes algum imperio sobre o espirito da Princeza, valci-vos delle, a fim que si não commeta algum horrivel assassinio debaixo do nome de represalias. »

E tambem foi passando por seu turno, deixando Clara muito assustada.

Com effeito, por uma daquellas instiuições singulares que fazem acreditar nos presentimentos, a lembrança de Canolles se apresentára logo dolorosamente ao espirito da joven senhora. Ouviu no seu coração uma como voz triste que lhe fallava daquelle amigo ausente, e recolhendo-se ao seu quarto com uma precipitação furiosa, principiou a preparar-se para encaminhar-se ao sitio aprazado, quando reflectiu que o encontro não devia ter lugar sinão dahi tres ou quatro horas.

Canolles tinha-se todavia apresentado em casa de madama de Lalsne, segundo a recommendação que lhe fôra feita pela viscondessa. Era o dia dos annos do presidente, e faziam-lhe nma especie de festa. Como se achavam no mais bello tempo do anno, toda a sociedade estava no jar-

dim, ordenára um jogo de argolinha em um grande taboleiro de relva. Canolles, que era dotado de extrema destreza, e summa graça, tomou parte no jogo, e graça á sua habilidade, alcançou constantemente a victoria.

As senhoras riam da inepcia dos rivaes de Canolles, e admiravam a habilidade deste; a cada vantagem que alcançava ouviam-se prolongados vivas, tremolavam os lenços no ar, e pouco faltou para que os ramalhetes não lhes escapassem das mãos, e fossem cahir aos seus pés.

Este triumpho não era bastante para desviar o espirito de Canolles o grande pensamento de que estava preocupado, mas que lhe fazia tomar paciencia. Por muita pressa que tenhamos de chegar ao fim, soffremos com paciencia as demoras da nossa marcha, quando estas demoras são ovações.

Todavia, á medida que a hora esperada se vinha aproximando, os olhos do mancebo voltavam-se mais frequentemente para a cancella pela qual entravam e saíam os convidados, e pela qual devia naturalmente apparecer o enviado prometido.

Repentinamente, e quando Canolles se felicitava de não ter já de esperar, segundo toda a probabilidade, sinão muito pouco tempo, um rumor singular se derramou naquella alegre multidão. Canolles observou que se formavam magotes aqui e ali, fallavam em voz baixa, e contemplavam-no com um interesse singular, e que parecia ter alguma coisa de doloroso; ao principio attribuiu este interesse á sua pessoa, á sua destreza, gloriando-se daquelles sentimentos, cuja

verdadeira causa bem longe estava de suspeitar.

Principiou com tudo a observar, como já dissemos, que havia alguma cousa de doloroso naquella attenção de que era objecto: aproximando-se, sorrindo-se, de um daquelles magotes; as pessoas que o compunham queriam sorrir-se, porém no seu aspecto era visivel uma certa perturbação; os que não conversavam com Canolles afastaram-se.

Canolles voltou-se, e viu que pouco a pouco cada um delles ia desaparecendo. Dir-se-ia que uma noticia fatal, e que gelara toda a gente de terror, se espalhára de repente pela sociedade. por detraz delle passava e tornava a passar o presidente Lalasne, que com uma das mãos de baixo da barba, e a outra ao peito, passava com ar lugubre. A presidente, dando a sua irmã o braço, e aproveitando um momento em que ninguem podia ouvi-la, deu um passo para Canolles, e sem dirigir a palavra a ninguem, disse em um tom que derramou a turbação na alma do mancebo:

« Si eu fosse prisioneiro de guerra, ainda que fosse sobre palavra, com receio de que não cumprissem comigo a palavra dada, montaria n'um bom cavallo chegaria ao rio, e daria dez, vinte, ou cem luizes, si tanto fosse preciso, a um barqueiro, e pôr-me-ia a salvo... »

Canolles olhou para as duas mulheres com espanto, e as duas mulheres fizeram ao mesmo tempo uma demonstração de terror, que para elle foi incompr'eensivel. Aproximou-se dellas, para vêr si as duas mulheres lhe davam a explicação das palavras que acabavam de pronunciar; po-

rêm ellas fugiram como si foram uns fantasmas, uma pôz lo o dedo na boca para fazer-lhe signal que se calasse, a outra levantando o braço para fazer-lhe signal que fugisse.

Neste momento o nome de Canolles resôou na cancella.

O mancebo sentiu um estremezimento em todo o corpo. Este nome devia ser proferido pelo mensageiro de madame de Cambes. Arremessou-se á cancella.

« O senhor barão de Canolles está aqui? perguntava uma voz forte,

— Sim, exclamou Canolles. esquecendo-se de tudo para sómente se lembrar da promessa de Clara; sim, eis-me aqui.

— Sois com effeito o senhor de Canolles? disse então uma especie de esbirro, franqueando o liminar da cancella, fóra da qual se conservára até então.

— Sim, senhor.

— O governador da ilha de Sam Jorge?

— Sim.

— O ex-capitão do exercito de Navailles.

— Sim.

O esbirro voltou-se, fez um signal, e quatro soldados escondidos atraz de uma sege adiantaram-se no mesmo instante. A mesma sege tanto se aproximou, que o seu degráu tocava o liminar da cancella; o esbirro couvidou Canolles a que entrasse nella. O mancebo olhou em torno de si, estava absolutamente só; sómente viu ao longe, no meio das arvores, semelhante a duas sombras, madame de Lalsne e sua irmã, que

encostadas uma a outra, pareciam olhar para elle com ar de compaixão.

« Na verdade, dizia elle consigo, não comprehendendo nada do que se passava, madame de Cambes escolheu na realidade uma singular escolta. Mas, ajuntou elle sorrindo-se do seu proprio pensamento, não sejamos tão difíceis de contentar quanto á escolha dos meios.

— Estamos a vossa espera, senhor commandante, disse o esbirro.

— Perdoai, senhores, respondeu Canolles, eu aqui estou.

E metteu-se na sege. O esbirro e dous soldados nella entraram com elle; os outros dous collocaram-se, um junto do boieiro, e o outro atraz, e a pesada maquina partiu com a velocidade que podiam dar-lhe dous vigorosos cavallos.

Tudo isto parecia singular, e principiava a dar que entender a Canolles; e por isso voltando-se para o esbirro:

« Senhor, disse elle, agora que estamos sós, podeis dizer-me para onde me levais ?

— Em primeiro lugar para a prisão, senhor commandante, « respondeu aquelle a quem fizera a pergunta.

— Canolles olhou para o homem com espanto.

« Como ? para a prisão ! disse elle. Não vindes da parte de uma mulher ?

— Sim, Senhor.

— E essa mulher não é a viscondessa de Cambes ?

— Não, senhor. aquella mulher é a Senhora Princeza de Condé.

— A Senhora Princeza de Condé! exclamou Canolles.

— Pobre mancebo! «disse uma mulher que passava, e fez o Signal da Cruz.

Canolles sentiu correr-lhe pelas veias um agudo calafrio.

Mais longe, um homem que corria com um chuço na mão, parou vendo a carruagem, e os soldados. Canolles inclinou-se para fóra, e sem duvida aquelle homem o reconheceu, porque lhe mostrou o punho fechado com uma expressão, ameaçadora, e furiosa.

« Parece-me que a gente da vossa cidade está douda, disse Canolles, querendo ainda sorrir-se; como pois foi possível que de uma hora a esta parte me tornasse em objecto de compaixão ou de odio, para que uns se compadeçam de mim, e outros me ameacem?

— Ah! senhor, respondeu o esbirro, os que se compadecem de vós não deixam de ter razão, e os que vos ameacam talvez a tenham tambem.

— Emfim, si eu pelo menos pudesse comprehender alguma cousa, disse Canolles.

— Em breve comprehendereis, senhor, «respondeu o esbirro.

Chegaram á porta da prisão, e fizeram appear Canolles no meio da multidão, que principiava a ajuntar-se. A unica differença que houve, foi que em vez de o levarem para o quarto que habitualmente occupava, fizeram-no entrar em uma masmorra cheia de guardas.

« Vejamos! é-me com tudo preciso saber ás quanto ando, «disse consigo Canolles.

· E tirandô dous luizes da algibeira, chegou-se
a um soldado, e metteu lhos na mão.

· O soldado hesitou em recebê-los.

« Tomâ, meu amigo, lhe disse Canolles, pois
a pergunta que vou fazer-te em nada te com-
promette.

· — Então faliai, senhor commandante, res-
pondeu o soldado mettendo primizamente os
dous luizes na algibeira.

— Ora pois, eu desejava saber a causa da
minha súbita prisão.

— Parece, lhe respondeu o soldado, que ig-
nerais a morte daquelle pobre Mr. Richou.

— Richou morreu! exclamou Canolles dando
um grito de profunda dôr (pois bem nós deve-
mos lembrar da amizade que os unia). Te lo-
iam morto? ó meu Deus!

— Não, senhor commandante; foi enforcado.

— Enforcado! murmurou Canolles enfiando,
levantando as mãos ao Cêu, e olhando para o
sinistro apparato que o rodeava, e para a cpta-
dura feroz dos seus guardas. Enforcado! fóra
com isso! é este um acontecimento, que pode-
ria muito bem espaçar indefinitamente o meu
casamento?»

Madama de Cambes acabara de vestir-se, o
seu traje era simples, e elegante; depois lançou
aos hombros uma especie de capa, e fez signal a
Pompeu para que fosse diante della; era quasi
noite, e pensando que chamaria menos a atten-
ção indo a pé do que em carruagem, dêra or-
dem á sua sege para que a fosse esperar á saída
da Igreja dos Carmelitas, junto de uma Capella,
onde tinha alcançado licença para se casarem.

Pompeu desceu a escada, e a viscondessa o seguiu. Estas funcções de explorador recordavam ao velho soldado a famosa patrulha que fizera na vespera da batalha de Corbie.

No fundo da escada, e quando a viscondessa passava por junto da sala, onde havia grande tumulto, encontrou madama de Tourville, que ia levando o Duque de Larochehoueault para o gabinete da Princeza, e altercando ao mesmo tempo com elle.

« Oh! pelo amor de Deus! senhora, uma palavra, disse ella; que se resolveu? »

— O meu plano adoptou-se, exclamou madama de Tourville triunfante.

— E qual é o vosso plano, senhora? eu nada sei d'elle.

— Represalias, minha rica, represalias.

— Perdoai, senhora, tenho a desgraça de não estar tão familiarisada como vós com os termos de guerra; que entendeis pela palavra represalias?

— Nada ha mais simples, minha querida.

— Mas, emfim, explicai-vos.

— Enforcaram um official do exercito dos Senhores Principes, não é assim?

— Sim, e depois?

— Depois! ha de buscar-se em Bordeus um official do exercito real, e havemos de enforca-lo.

— O' meu Deus! exclamou Clara aterrada, que dizeis, senhora?

— Senhor Duque, continuou madama de Tourville sem dar mostras de reparar no terror da viscondessa, não foi já preso o governador que commandava em Sam Jorge?

— Sim, senhora, respondeu o Duque.

— Mr. de Canolles está preso? exclamou Clara.

— Sim, senhora, disse friamente o Duque. Mr. de Canolles está preso, ou sê-lo ha em breve, a ordem foi dada na minha presença, e vi partir os homens que foram encarregados da execução.

— Então sabia-se onde elle estava? perguntou Clara dando um profundo suspiro.

— Estava no jardim de Mr. de Lallasne, onde muito se distinguia, segundo me disseram, no jogo da argolinha.»

Clara deu um grito; madama de Tourville voltou-se espantada, e o duque olhou para a joven viscondessa com um sorriso imperceptivel.

« Mr. de Canolles está preso! replicou Clara; mas que fez elle, ó meu Deus! e que pôde haver de commum entre elle, e o horrivel caso que tanto nos consterna?

— O que pôde haver de commum? Tudo, minha rica. Não é um governador como Richon? «

Clara quiz fallar, porém o coração de tal maneira se lhe apertou, que a palavra se lhe gelou nos beiços. Pegando todavia no braço do duque, e olhando-o com terror, pôde finalmente murmurar estas palavras:

« Oh! mais isto não deixa de ser algum fingimento, não é assim, senhor duque? uma manifestação, e nada mais. Nada se pode fazer, segundo me parece, nada se pôde fazer a um prisioneiro, a quem se tomou palavra?

— A Richon tambem, minha senhora, se tinha tomado palavra. . .

— Senhor duque, supplico-vos...

— Deixai-vos de supplicas, senhora, que osam inute s. Eu nada posso fazer neste negocio, o conselho é que só tem de decidir. »

Clara largou o braço de Mr. de Laroche-foucault, e foi direita ao gabinete da Princeza de Condé Lenet pallido, e agitado, andava a passos largos de um para outro lado; a Princeza de Condé conversava com o duque de Bouillon.

Madama de Cambes foi entrando, e chegou ao pé da Princeza, ligeira, e pallida como uma sombra.

« Oh! senhora, di-se ella, pelo Santo Nome de Deus, rogo-vos que me ouçais duas palavras.

— Ah! és tu, pequena; agora não tenho tempo, respondeu a Princeza; mas depois do conselho, poderás dispôr de mim.

— Senhora, senhora, é justamente antes do conselho que tenho de fallar vos. »

A Princeza estava para ceder quando uma porta, que estava em frente daquella por onde a viscondessa entrára, se abriu, e Mr. de Laroche-foucault appareceu.

« Senhora, disse elle, o conselho está reunido e espera com impaciencia por Vossa Alteza.

— Bem vêes, pequena, disse a Princeza de Condé, que não posso de mo lo algum attenderte agora; mas vem connosco ao conselho, e quando tiver acabado sahiremos juntas, e conversaremos. »

Não lhe era possivel insistir. Deslumbrada, e fascinada pela espantosa rapidez com que uns

a outros se iam succedendo os acontecimentos, a pobre mulher principiava a ter vertigens; interrogava todos os olhos, interpretava todos os gestos, sem nada ver, sem que a sua razão lhe fizesse comprehender qual era o negocio de que se tratava, sem que a sua energia a pudesse tirar daquelle meilinho sonho.

A Princeza encaminhou-se para o salão. Clara seguiu-a maquinalmente sem sentir que Mr. Lenet tomára entre as delle a sua mão gelada, que ella deixava pendente como si fosse de algum cadaver.

Entráram na sala do conselho; erão pouco mais ou menos oito horas da tarde.

Era um vasto salão já lugubre por si mesmo, porem mais lugubre ainda pelas suas sombrias e pesadas tapeçarias. Uma especie de estrado fôra levantado entre as duas portas que fazião frente ás duas janellas, pelas quaes penetravão os ultimos raios do dia. Sobre aquelle estrado havia duas poltronas, uma para madama do Condé, e a outra para o Senhor Duque de Enghien. De cada lado daquellas poltronas partia uma fileira de tamboretes destinados as mulheres que formavão o conselho privado de Sua Alteza. Todos os demais juitzes deviam sentar-se em bancos dispostos para este effeito. O Duque de Bouillon estava encostado á poltrona da Princeza, e o Duque de Laroche foucault á poltrona do Principesinho.

Lenet estava collocado em frente do secretario; junto delle estava Clara, fôra de si, em pé, e tremu'a.

Introduzirão seis officiaes do exercito dos Prin-

ceipes, seis membros da municipalidade, e seis jurados da cidade.

Tomaram todos lugar nos bancos.

Dous candelabros, cada um de tres luzes, alumia-vão aquella assemblea improvisada; estava collocados sobre uma mesa que se achava diante da Princeza, alumiaudo o grupo principal, ao mesmo tempo que os de mais assistentes iam insensivelmente confundir-se na sombra á medida que se afastavam daquelle fraco centro de luz.

Soldados do exercito da Princeza guardavam as portas, com alabardas nas mãos

Ouvia-se susurrar fóra a estrepitosa multidão. O secretario fez a chamada, cada um se levantou por seu turno, e respondeu.

Depois o relator expôz o negocio; referio a tomada de Vayres, a palavra de Mr. de la Meilleraye violada, e a morte infamatoria de Richou.

Neste momento um official, postado alli de proposito, e que tinha d'antemão recebido o santo, abriu uma janella, e ouviu-se entrar uma como baforada de vozes e estas vozes gritavam:

« Seja vingado bravo Richou! Morram os mazarinos! »

Assim é que designavam os realistas.

« Vós ouvis, disse Mr. de Larochehoucault, o que pede a grande voz do povo. Ora, dentro de duas horas, ou o povo terá desprezado o nosso poder e terá feito justiça por si mesmo, ou as represalias não serão ja opportunas. Demos pois, senhores, a nossa sentença, e isto sem demora. »

A Princeza levantou-se.

« E para que havemos de sentenciar? exclamou »

mou ella. De que servirá uma sentença, vós acabais de ouvir, e o povo de Bordens é que a proferio.

— Com effeito, disse madama de Tourville, nada ha mais simples do que este negocio. He a pena do talião, e nada mais. Estas cousas deverião fazer-se, para assim dizer, por inspiração, e de preboste a preboste simplesmente. »

Lenet não quiz ouvir mais, e do lugar onde estava arremessou-se em meio do circulo.

« Senhora! exclamou elle, peço-vos que não profirais uma só palavra mais, porque um tal parecer seria muito fatal si prevalecesse. Esquecei-vos de que a propria autoridade real, castigando como muito bem quiz, isto é de um modo infame, conservou ao menos o respeito ás fórmulas juridicas, e fez confirmar o castigo justo ou injusto por um sentença dos juizes. Julgais ter o direito de fazer o que não se atreveu a fazer o Rei?

— Oh! disse madama de Tourville basta que eu dê um parecer para que Mr. Lenet seja de opinião contraria. Desgraçadamente, o meu parecer desta vez está de acerdo com o de Sua Alteza....

— Sim. desgraçadamente, disse Lenet.

— Senhor!..... exclamou a Princeza.

— Ah! Senhora. disse Lenet, respeitai ao menos as apparencias; não tereis sempre a liberdade de condemnar?

— Mr Lenet tem razão, disse o Duque de La-rochefoucault revestindo-se de um ar severo e a morte de um homem é cousa muito grave, sobretudo nesta circumstancia, para que deixemos re-cahir a responsabilidade sobre uma só cabeça,

ain-la quando esta cabeça fosse de uma Princeza.

Depois inclinando-se ao ouvido da Princeza, a fim de que só o grupo dos intimos pudesse ouvi-lo :

— Senhora, disse elle, tomai o parecer de todos, e não sigais, para proferir a sentença, sinão o das pessoas em quem tendes plena confiança. Deste modo não teremos de recear que sejamos accusados de vingativos.

— Um instante, um instante, interrompea Mr. de Bouillon encostando se no seu bordão, e levantando a sua perna gottosa; fallastes de desviar a responsabilidade da cabeça da Princeza, eu não a recuso, mas quero que os outros nella tomem parte comigo. Eu nada tanto desejo como continuar a ser rebelde, mas de companhia com a Senhora Princeza de um lado, e o povo do outro. Com todos os diabos! não quero achar-me só em campo. Perdia a minha soberania de Sedan por uma brincadeira deste genero. Então tinha uma cidade, e uma cabeça. O Cardeal de Richelieu tomou a minha cidade; hoje só me resta uma cabeça, e não quero que o Cardeal Mazarin a tome. Peço por tanto por accessores os senhores notaveis de Boreus.

— Semelhantes assignaturas junto das nossas? murmurou a Princeza, nada disse?

— A cavilha segura a viga, Senhora, respondeu o Duque de Bouillon a quem a conspiração de Cinq-Mars tornára prudente para toda a sua vida.

— E' este o vosso parecer, senhores?

— Sim, disse o Duque de Larocheoucault.

— E vós, Lenet?

— Senhora, respondeu Lenet, eu felizmente não sou Príncipe, nem Duque, nem Official, nem Jurado. Tenho pois o direito de abster-me, e abstenho-me. »

Então a Princeza se levantou, convidando a junta que reunira, a responder, por um acto energico, á provocação real. Apenas tinha acabado o seu discurso, quando a janella de novo se abriu, e si ouviu pela segunda vez penetrarem na sala do tribunal as mil vozes do povo gritando todos á uma:

« Viva a Senhora Princeza ! Seja vingado Richon ! Morram os epernonistas, e os mazarinos ! »

A viscondessa de Cambes agarrou-se ao braço de Lenet.

« Mr. Lenet, disse ella, eu morro ! »

— A senhora viscondessa de Cambes, disse este, pede a Sua Alteza a permissão de retirar-se.

— Não, não, disse Clara, eu quero. ...

— O vosso lugar não é aqui, senhora, interrompeu Lenet. Nada podeis fazer a favor dello. Dar-vos-ei conta de quanto se passar, e veremos o que poderá fazer-se para salva-lo.

— A viscondessa póde retirar-se, disse a Princeza. As senhoras que não quizerem assistir a esta sessão podem sair. Aqui só queremos homens. »

Nen'uma das mulheres arredou pé : uma das aspirações eternas da metade do genero humano destinado a seduzir, e ambicionar o exercicio dos direitos da parte destinada a commandar. Estas senhoras achavam, como dissera a Princeza, uma occasião de fazer-se homens por um

momento ; era uma demasiado feliz circumstancia para que della si não aproveitassem.

Madama de Cambes saiu amparada por Mr. Lenet. Na escada encontrou Pompeu, a quem elle mandara tomar informações.

« Então ? lhe perguntou ella.

— Então ? respondeu elle, está preso.

— Mr. Lenet, disse Clara, já não tenho confiança sinão em vós, e esperança senão em Deus!»

E entrou fóra de si no seu quarto.

« Que perguntas tenho de fazer áquelle que vai comparecer ? perguntava a Princeza no momento em que Lenet voltava para o seu lugar junto do secretario ; e sobre quem deve recair a sorte ?

— Não ha cousa mais simples, senhora, respondeu o duque. Temos uns trezentos prisioneiros, entre os quaes ha dez ou doze officiaes: interroguemo-los sómente ácerca dos seus nomes, e dos postos que tem no exercito real ; o primeiro que fôr reconhecido por commandante de praça, como o era o meu pobre Richon, esse seja considerado como designado pela sorte.

— E' inutil, Senhores, perdermos o nosso tempo a fazer perguntas a dez ou doze officiaes diferentes, disse a Princeza. Vós, senhor secretario, tendes o livro do registro, folheai-o, e nomeai os prisioneiros de uma graduação igual á de Mr. Richon.

— Não ha sinão dous, senhora, respondeu o secretario : o governador da ilha de Sam Jorge, e o governador de Branne.

— Temos dous, verdade é, exclamou a Prin-

ceza : a sorte, como vêdes nos favoreceu. Então elles presos, Labussière?

— Sem duvida que o estam, senhora, respondeu o capitão das guardas, e ambos esperam na fortaleza a ordem de comparecer.

— Compareçam pois, disse madama de Condé.

— Qual delles se ha de ir buscar? perguntou Labussière.

— Venham ambos, respondeu a Princeza; porêm principiaremos pelo primeiro que foi feito prisioneiro, pelo governador de Sam Jorge.»

Um silencio de terror, sómente perturbado pelo ruido dos passos do capitão das guardas que se ia afastando, e pelo susurro continuado da multidão, seguiu se a esta ordem, que ia lançar a rebellião dos Principes em uma estrada mais terrivel, e mais perigosa ainda do que aquella que até então haviam trilhado. Era, por meio de um só acto, pôr a Princeza e os seus conselheiros, o exercito, e de alguma sorte a cidade, fora da lei; era tornar responsavel uma povoação inteira dos interesses, e sobre tudo das paixões de algumas pessoas; era fazer em ponto pequeno o que a camara municipal de Paris fez a 2 de setembro. Mas, como muito bem se sabe, a camara de Paris operava em ponto grande.

Nem um sopro se ouvia susurrar na sala; os olhos todos estavam fixos na porta por onde devia entrar o prisioneiro. A Princeza, para bem representar o seu papel de presidente, fingia folhear registros; Mr. de la Rochefoucault tomára uma attitude pensativa; Mr. de Bouillen-

conversava com madama de Tourville ácerca da sua gotta, que muito o molestava.

Lenet aproximou-se da Princeza para da sua parte tentar o ultimo esforço, não que tivesse alguma esperança, mas porque era um daquelles homens austeros, que cumprem um dever, por que para elles é uma obrigação cumpril-o.

« Ponderai-o bem, senhora, disse elle, vêde que arriscais, e fazeis depender de um lanço de dados a sorte futura da vossa casa.

— Não ha nisso merecimento algum, disse seccamente a Princeza, tenho toda a certeza de ganhar.

— Senhor duque, disse Lenet voltando-se para la Rochefoucault, vós que tam superior sois ás intelligencias vulgares, e ás paixões humanas não é verdade que aconselhareis a moderação?

— Senhor, respondeu hypocritamente o duque, estou neste mesmo instante discutindo a cousa com a minha razão.

— Discuti-a com a vossa consciencia, senhor duque, respondeu Lenet, e será muito melhor!

Neste momento sentiu-se uma bulha surda. Era a cancella que se tornava a fechar. Esta bulha retumbou em todos os corações, visto que annunciava a chegada de um dos dous prisioneiros. Em breve se ouviram passos na escada, as alabardas soáram nas lageas, abriu-se a porta e Canolles appareceu.

Nunca este parecêra tam elegante, nunca fôra tam formoso; o seu rosto, onde reinava a serenidade, conservára a flôr purpurea da alegria, e da ignorancia. Caminhava com passo ligeiro, e sem affectação, como o houvera feito em casa.

do advogado Lavie ou do presidente Lalasne, e saudou respeitosamente a Princeza, e os duques.

A mesma Princeza ficou admirada deste perfeito desembaraço, e durante um momento poz-se a considerar o mancebo.

Finalemente ella rompeu o silencio.

« Aproximai-vos, senhor. » disse ella.

Canolles obedeceu, e saudou segunda vez.

« Quem sois vós ?

— Sou o barão Luiz de Canolles, senhora.

— Que posto tinheis no exercito real ?

— O de tenente coronel.

— Não ereis governador da ilha de Sant Jorge ?

— Tinha essa honra.

— O que dissestes é a pura verdade ?

— Sim, senhora.

— Escrevestes as perguntas, e as respostas, senhor secretario ?

O secretario, inclinando-se, fez um signal affirmativo.

« Então assignai, senhor, » disse a Princeza.

Canolles pegou na penna como homem que não comprehende o fim para que se lhe faz uma intimação, mas que obedece por acatamento á jerarquia da pessoa que lha faz, depois assignou sorrindo se.

« Muito bem, senhor, disse a Princeza, agora podeis retirar-vos. »

Canolles saudou novamente os seus juizes, e retirou-se com a mesma franqueza, e com a mesma graça, sem manifestar nem curiosidade nem espanto.

Apenas tornára a passar a porta, e esta porta

se fechára sobre elle, a Princeza logo se levantou.

« Então, senhores? disse ella.

— Então, senhora, votemos! disse o duque de Larochefoucault.

— Votemos!» repetiu o duque de Bouillon.

Depois voltando-se para os jurados:

« Estes senhores levaram a bem dar o seu parecer? accrescentou elle.

— Depois de vós, Senhor, respondeu um dos burguezes.

— Não, de modo neu'um antes de vós! «exclamou uma voz estrondosa.

Esta voz tinha um tal accento de firméza, que causou espanto a toda a gente.

« Que quer isto dizer? perguntou a Princeza buscando reconhecer o rosto daquelle que acabava de fallar.

— Quer isto dizer, exclamou um homem levantando-se para que não houvesse duvida alguma ácerca de quem tinha fallado. que eu, André Lavie, advogado do Rei, conselheiro no parlamento, reclamo em nome do Rei, e sobre tudo em nome da humanidade, privilegio, e segurança para os prisioneiros detidos em Bordeus sobre palavra. Por consequencia, eis as minhas conclusões.

— Oh! oh! senhor advogado! disse a Princeza franzindo as sobrancelhas, nada de estilo forense diante de mim, porque não o entendo. O negocio de que se trata é negocio de sentimento, e não um miseravel processo de trapaças; supponho que cada um dos membros que compõem este tribunal não deixará de assim o comprehend.

— Tenho dito, e repito o, disse Lavie sem se turbar com a apostrophe da Princeza, peço privilegio, e segurança para os prisioneiros detidos sobre palavra. Isto não é estilo forense, é o estilo do direito das gentes. -

E eu acrescento, exclamou Lenet, que Richon foi ouvido antes de o matarem tão cruelmente, e que é muito justo que tambem ouçamos os accusados.

— E eu, disse d'Espagnet, aquelle chefe de burguezes que atacara Sam Jorge com Mr. de Larochehoucault, declaro que si se usar de clemencia, a cidade se revoltará. »

Um susurro de fóra pareceu responder a esta asserção, e confirma-la.

« Não percamos tempo, disse a Princeza. A que havemos de condemnar o accusado ?

— Os accusados, Senhora, disseram algumas vozes, porque sam dous.

— Não vos basta um só ? disse Lenet sorrindo-se em tom de desprezo, ao vêr este sanguinolento servilismo.

O qual ? então o qual ? repetiram as mesmas vozes.

— O mais gordo, cannibais ? exclamou Lavie. Ah ! queixais-vos de uma injustiça, gritais que é um sacrilegio, e quereis responder a um assassinio com duas mortes ! Bella reunião de philosophos, e de soldados que se confundem em matadores ! »

Os olhos chammejantes da maior parte dos juizes pareciam promptos a fulminar o corajoso advogado do Rei. A Princeza de Condé se levantara, e, encostada em ambas as mãos, parecia

interrogar com os olhos os circunstantes para certificar-se si as palavras que ouvira haviam sido na realidade proferidas, e si existia no mundo um homem assaz atrevido para dizer cousas semelhantes diante della.

Lavie compre'endeu que a sua presença tudo empeçonheteria, e que a sua maneira de defender os accusados, em lugar de os salvar, os deitaria a perder. Assentou pois de retirar-se, mas retirar-se como juiz que se excusa, e não como soldado que foge.

« Em Nome de Deus, disse elle, protesto contra o que quereis fazer; em nome do Rei, eu vo-lo prohibido. »

E derribando a sua poltrona com um gesto de colera magestosa, sabiu da sala, de cabeça levantada, e passo firme, como um homem a quem dá vigor o comprimento de um dever, e que pouco se enquieta com as desgraças que podem resultar de um dever preenchido.

« Insolente ! murmurou a Princeza.

— Bom ! bom ! deixemo-lo por ora, disseram algumas vozes ; a Mr. Lavie tambem lhe ha de chegar a sua vez.

— Vamos á votação, responderam quasi unanimemente os juizes.

— Mas, disse Lenet, porque se ha de votar sem primeiro ouvir os accusados ? Talvez que um delles vos pareça mais culpado do que o outro. Talvez que baste uma só cabeça para satisfazer a vingança, que quereis fazer cair sobre duas.

Nesie momento ouviu se girar a cancella pela segunda vez.

— Seja embora, disse a Princeza, votaremos sobre os dous ao mesmo tempo. »

O tribunal, que já se levantara tumultuosamente, tornou a assentar-se. Novamente se ouviu o ruido dos passos, e das alabardas, a porta, se abriu, e Cauvignac appareceu por seu turno.

O recém-chegado formava um notavel contraste com Canolles; os seus vestidos, mal reparados ainda dos insultos da gentalha, tinham conservado signaes de desordem, a pezar do cuidado que tivêra de fazê-los desaparecer. Os seus olhos dirigiram-se com viveza aos Jurados, aos Officiaes, aos Duques, e á Princeza, volvendo-os em torno de si, e abrangendo com a vista todo o tribunal, e depois com o ar matreiro de uma raposa, adiantou-se sondando, para assim dizer, o terreno a cada passo que dava, com o ouvido attento, mas enfiado, e visivelmente inquieto.

« Vossa Alteza fez-me a honra de chamar-me á sua presença? disse elle sem esperar que o interrogassem.

« Sim, senhor, respondeu a Brinceza: quiz que me explicasseis algumas cousas que vos dizem respeito, e de que não estamos bem certos.

— Nesse caso, respondeu Cauvignac inclinando-se, aqui estou, Senhora, prompto a responder ao favor que Vossa Alteza me faz. »

E inclinou-se com ar mais gracioso de quo pôde revestir-se; não deixava porém de ser visível que aquelle ar era affectado.

« Isto não leva muito tempo, respondeu a Princeza, sobre tudo si responderdes de uma maneira positiva ás perguntas que se vos fizerem,

— Cumpre-me fazer observar a Vossa Alteza, disse Cauvignac, que sendo a pergunta sempre preparada d'antemão, e a resposta não o sendo nunca, é mais difficil responder do que interrogar.

— Oh! as nossas perguntas seram tam claras, e tam explicitas, que vos pouparemos todo o trabalho da reflexão. Como vos chamais?

— Eis justamente, Senhora, logo ao principio, uma pergunta assaz espinhosa.

— Como assim?

— Acontece muitas vezes que temos dous nomes, o nome que recebemos da nossa familia, e o nome que recebemos de nós mesmos. Por exemplo, eu julguei dever deixar o meu primeiro nome para tomar outro menos conhecido. Qual destes dous nomes quereis que vos declare?

— Aquelle com que vos apresentastes em Chantilly, aquelle com que vos obrigastes a organizar uma companhia. aquelle com que a recrutastes, aquelle finalmente com que vos vendestes ao Senhor Mazarin.

— Perdoai, Senhora, disse Cauvignac; mas parece me que já tive a honra de responder victoriosamente a todas estas perguntas na audiencia que Vossa Alteza me fez a graça de dar-me esta manhã.

— Por este motivo, é que só vos faço agora uma unica, disse a Princeza, que principia a impacientar-se, só vos pergunto o vosso nome.

— Ora pois, senhora, eis justamente desde logo uma pergunta assaz espinhosa.

— Escrevei o barão de Cauvignac, » disse a Princeza.

O accusado não fez reclamação nenhuma, e o secretario escreveu.

« Agora, qual é a vossa graduação? disse a Princeza; lisonjeio-me de que não tereis difficuldade alguma em responder a esta pergunta.

— Pelo contrario, senhora, esta é precisamente uma pergunta que me parece das mais difficéis. Si me fallais da minha graduação como sabio, sou bacharel em letras, licenciado em direito, doutor em Theologia, e respondo, como Vossa Alteza vê, sem hesitar.

— Não, senhor, nós fallamos da vossa graduação militar, do vosso posto.

— Ah! então, acerca deste ponto, é-me impossivel responder a Vossa Alteza.

— Eetão porque?

— Porque eu mesmo nunca soube bem o que era.

— Tratai, senhor, de responder positivamente acerca deste ponto, porque eu muito de-sejo sabel-o.

— Pois bem! primeiramente fiz-me tenente por minha propria autoridade; porém como não tinha o poder de assignar a minha patente, e nunca tive mais de seis homens ás minhas ordens em todo o tempo que tive esse titulo, creio com razão que não tenho o direito de dar-me por tal.

— Mas eu, eu, disse a Princeza, fiz-vos capitão; por tanto sois capitão!

— Ah! eis justamente onde o meu embaraço é maior, e onde a minha consciencia mais clama. Toda a patente militar no Estado, disto me convenci depois, deve emanar da vontade real para

ter alguma validade. Ora Vossa Alteza tinha, não ha duvida, o desejo de fazer-me capitão; mas creio que lhe faltava o direito. Neste caso, parece-me que não sou mais capitão do que tenente.

— Seja embora assim, senhor; mas supponhamos que não tenhais sido tenente feito por vós, nem capitão feito por mim, visto que nem vós nem eu tinhamos poder para assignar uma patente, ao menos sois governador de Branne. E como desta vez o Rei é que assignou as vossas provisões, não contestareis a validade do acto.

— Eis precisamente, seahora, respondeu Cauvignac... dos tres postos o que é mais contestavel.

— Como! exclamou a Princeza.

— Fui nomeado, convenho nisso, porém não cheguei a entrar em exercicio. O que é que constitue o titulo? Não é a posse deste titulo só por si, é o desempenho das funcções annexas a esse titulo. Ora eu não exerci nea'uma das funcções do titulo a que fôra elevado; não puz os pés no lugar do meu governo; não houve da minha parte principio de execução; logo não sou mais governador de Branne do que fora capitão antes de ser governador, e tenente antes de ser capitão.

— Com tudo, senhor, fostes encontrado no caminho de Branne.

— Não ha duvida; porém a cem passos do lugar onde fui preso, a estrada se divide em dous ramos; um dos caminhos vai a Branne, porém o outro vai a Isson. Quem asseverará que eu não ia para Isson em lugar de ir para Branne?

— Muito bem, disse a Princeza; o tribunal apreciará a vossa defeza. Secretario, escrevei governador de Branne.

— Não posso oppôr-me, disse Cauvignac, a que Vossa Alteza mande escrever o que lhe convier.

— Já escrevi, senhora, disse o secretario.

— Bem está. Agora senhor, disse a Princeza a Cauvignac, assignai o vosso interrogatorio.

— Fal-o-ia com o maior gosto, senhora, disse Cauvignac, e estimaria muito fazer alguma coisa que fosse do agrado de Vossa Alteza; porém na lucta que tive de sustentar esta manhã contra a gentilha de Bordenes, lucta de que Vossa Alteza tam generosamente me salvou pela intervenção dos seus mosqueteiros, tive a infelicidade de torcer o punho direito, e sempre me foi impossivel escrever com a mão esquerda.

— Declarai a recusação do accusado, senhor, disse a Princeza ao secretario.

— A impossibilidade, senhor; escrevei a impossibilidade, disse Cauvignac; Deus me livre de recusar alguma coisa a uma tam grande Princeza como é Vossa Alteza, si essa coisa estivesse em meu poder.

E Cauvignac, saudando com o mais profundo respeito, sahiu acompanhado dos seus dous guardas.

« Parece-me que tendes razão, Mr. Lenet, disse o duque de Larochehoucalt, e que nós é que fizemos mal de não lançarmos mão deste homem. »

Lenet estava muito occupado para responder. Desta vez a sua perspicacia ordinaria tinha-o ser-

vido mal; esperava que Cauvignac chamaria sobre si toda a cólera do tribunal; porém Cauvignac, com os seus eternos subterfugios, divertira mais os juizes do que os irritára. O seu interrogatorio não fizera mais do que destruir todo o effeito que produzira o de Canolles, si todavia tinha produzido algum, e a nobreza, a franqueza, a lealdade do primeiro prisioneiro, tinham, se assim pôde dizer-se, desaparecido debaixo das astucias do segundo. Cauvignac fizera esquecer todo o interesse que Canolles podia ter inspirado.

Esta a razão porque, quando votáram, a unanimidade dos votos foi pela pena de morte.

A Princeza mandou verificar os votos, e levantando-se, proferio com solemnidade a sentença que acabavam de dar.

Depois cada um foi assignar-se no registo das deliberações. O Duque de Enguien, em primeiro lugar, pobre menino, que não sabia o que assignava, e cuja primeira assignatura ia custar a vida de um homem; depois a Princeza, após ella os Duques, as Dainas do conselho, os officiaes, e por fim os jurados; desta maneira toda a gente tomára parte nas represalias. Nobreza, e burguezes, exercito, e parlamento, seria preciso castigar toda a gente, ora de todos é bem sabido que quando é preciso castigar toda a gente, em geral não se castiga ninguem.

Depois de todos terem assignado, a Princeza, que alcançára finalmente vingar-se, e cujo orgulho estava muito lisonjeado com esta vingança, foi ella mesma abrir a janella que já fôra aber-

tá duas vezes, e cedendo á necessidade de popularidade, que muito desejava alcançar :

« Senhores Borgezes, disse ella em alta voz, Richon será vingado, e de um modo digno, tenhã confiança em nós. »

Esta de claração foi recebida com uma estrondosa algazarra, e o povo derramou-se pelas ruas, ditoso d'antemão com o espectáculo que promettia a palavra da Princeza.

Porém apenas madama de Condé voltou para o seu gabinete com Lenet, que a seguia tristemente, esperando ainda fazê-la mudar de resolução, eis que a porta se abriu, e madama de Cambes, pallida, e lagrimosa foi prostrar-se aos seus joelhos.

« Oh! Senhora, di-se ella, em nome do Ceu, ouvi-me! em nome do Ceu, não me rejeiteis a minha súplica!

— Então que tens, minha filha? perguntou a Princeza, porque choras deste modo?

— Choro, Senhora, porque soube que votaram pela morte, e que confirmastes aquelle voto; e com tudo, Senhora, vós não podeis mandar matar Mr. de Canolles.

— E porque razão, minha querida? não mandaram elles matar Richon?

— Mas, Senhora, não foi este mesmo Mr. de Canolles que salvou a Vossa Alteza, em Chantilly.

— Acaso devo eu ficar-lhe obrigada por si haver deixado enganar pela nossa astucia?

— Ora pois, Senhora, eis onde está o erro: Mr. de Canolles não foi enganado um só instante naquella substituição. A' primeira vista de olhos tinha-me reconhecido.

— A ti, Clara?

— Sim, Senhora. Nós tínhamos feito parte do caminho juntos. Mr. de Canolles conhecia-me. Finalmente, Mr. de Canolles estava namorado de mim; e, naquella circumstancia... Senhora... talvez elle obrasse mal, porém não vos compete a vós increpá-lo por tal motivo. ... naquella circumstancia sacrificou o seu dever ao seu amor.

— Então a elle é que tu amas?...

— Sim, Senhora, disse a viscondessa.

— Com elle é que me viestes pedir licença para casares?

— Sim, Senhora.

— Era pois?...

— Era o proprio Mr. de Canolles, exclamou a viscondessa Mr. de Canolles, que a mim se entregou em San Jorge, e que si eu não fôra, ia sepultar-se com os vossos soldados debaixo das ruinas do forte, que estava determinado a fazer voar pelos ares... Mr. de Canolles, finalmente, que podia fugir, e que me entregou a sua espada para se não separar de mim. Muito bem vêdes pois que si morrer, é preciso que eu morra tambem, Senhora, porque sou a causa da sua morte!

— Minha querida, disse a Princeza com uma certa commoção, repara que me pedes uma cousa que é impossivel, Richon morreu, e é preciso que Richon seja vingado! Tomou-se uma deliberação, cumpre que se execute; ainda que meu esposo me pedisse o que tu me pedes, recusar-lho-ia.

— Oh! infelz. infeliz de mim! exclamou madama de Cambes caindo para traz, e debulhando-se em lagrimas; fui eu que perdi o meu amante.

Então Lenet, que ainda não tinha fallado, aproximou-se da Princeza :

« Senhora, disse elle, não vos basta pois uma victima e quereis duas cabeças para vingar a de Mr. Richon ?

— Ah! ah! disse a Princeza, senhor homem severo, isto quer dizer, que me pedis a vida de um, e a morte de outro. E' isto muito justo dizei-mo ?

— Senhora, é justo, quando tem de morrer dous homens que morra um só, si é possível ; ainda suppondo todavia que uma bocca tenha o direito de apagar a luz acesa pela mão de Deus. De mais di-so, si pôde fazer-se uma escolha, é justo que o homem honrado seja salvo de preferencia ao intrigante. E' preciso ser Judeu para pôr em liberdade a Barrabás, e crucificar a Jesus....

— Oh ! Mr. Lenet, Mr. Lenet, exclamou Clara, fallai a meu favor, eu vo-lo peço ; vós sois um homem, e talvez vos ouçam ; e vós, Senhora, continuou ella voltando-se para a Princeza, lembrai-vos que passei a minha vida no serviço da vossa casa

— E eu tambem, disse Lenet. E com tudo por trinta annos de fidelidade nada tenho pedido a Vossa Alteza ; porém nesta occasião, si vossa Alteza não tiver compaixão, pedir-lhe-ei, em recompensa desses trinta annos de fidelidade, um só favor.

— Qual ?

— O de me dar a minha demissão. Senhora, a fim de que possa ir lançar-me aos pés do Rei, a quem consagratei o resto da minha existencia,

que eu fizera voto de empregar no serviço da vossa casa.

— Ora pois, exclamou a Princeza vencida por estes duplicados rogos, não me ameaces, meu amigo velho, não chores, minha doce Clara, socegai ambos por fim; um só morrerá, já que assim o quereis, mas não me venham depois pedir a graça daquelle que fôr destinado á morte. »

Clara tomou a mão da Princeza, e cobriu o de beijos.

« Oh! muito obrigada, muito obrigada, Senhora, disse ella; desde este momento a minha vida, e a sua sam vossas.

— E obrando assim, Senhora, disse Lenet, sereis ao mesmo tempo justa, e misericordiosa, o que até ao presente só fôra privilegio de Deus.

— Oh! agora, Senhora, exclamou Clara impaciente, posso ir ve-lo? posso ir liberta-lo?

— Uma tal demonstração, neste momento, é impossivel, disse a Princeza; deitar-nos-ia a perder. Deixemos os prisioneiros na prisão; farse-ham sair ao mesmo tempo, um para a liberdade, o outro para a morte.

— Mas não posso eu ir ve-lo, socega-lo, consola-lo ao menos? perguntou Clara.

— Socega-lo, minha querida, disse a Princeza, julgo que não tendes o direito de faze-lo; a gente saberia qual fora a sentença, e faria commentos ao favor que vos faço; não, isso é impossivel, contentai-vos de saber que está salvo. Eu annunciarei aos dous Duques a minha decisão.

— Ora pois, eu me resigne. Muito obrigada, muito obrigada, Senhora! «exclamou Clara.

E madama de Cambes retirou-se para chorar em liberdade, e para agradecer a Deus Co intimo do seu coração, que trasbordava de alegria, e de reconhecimento.

Os dous prisioneiros de guerra occupavam dous quartos na fortaleza. Estes dous quartos eram contiguos, e terreos; porém os quartos terreos das prisões podem passar por terceiros andares. As prisões não principiam como as outras casas, do solo para cima, tem em geral dous andares de masmorras subterraneas

Cada porta da prisão era guardada por um piquete de homens escolhidos entre os guardas da Princeza; porém a gentalha, tendo visto aquelles preparativos que satisfaziam o seu desejo de vingança, fôra-se pouco a pouco afastando das proximidades da prisão, para onde se dirigira quando soubera que Canolles, e Cauvignac acabavam de ser para alli conduzidos. Então os piquetes, que se achavam postados no corredor interior, mais para defender os prisioneiros contra o furor popular, do que com receio de que se evadissem, tinham deixado o seu posto, e tinham-se contentado com um reforço de sentinellas.

Com effeito, o povo, não tendo já nada que vêr no lugar onde se achava, dirigira-se naturalmente para o lugar onde se faziam as execuções, isto é, para a esplanada; as palavras lançadas do alto da sala do conselho á multidão, tinham se no mesmo instante derramado pela cidade; cada um as commentara á sua maneira; porém o que ellas offerciam de mais claro, é que haveria algum terrivel espectáculo naquella mesma noite, ou ao dia seguinte ao mais tardar: era um gozo el-

As para a gentilha não saber precisamente o que devesse esperar d'aquelle espectáculo, porque des-
te modo restava-lhe o atractivo do inesperado.

Artistas, burguezes, mulheres, e crianças, cor-
riam pois para as muralhas, e como era noite fe-
chada, e o luar não principiaria sinão á meia
noite, muitos levavam um archote na mão. De
outro lado, quasi todas as janellas estavam abe-
rtas, e em muitas haviam lanternas, e lampeões,
como se costuma nos dias de festa. Com tudo,
si se houvesse de julgar pelo susurro da multi-
dão, pelo rosto espantado dos curiosos, pelas
patruilhas de pé, e de cavallo que umas ás ou-
tras se iam succedendo, facil era de compre-
hender não ser uma festa ordinaria a que annun-
ciavam com tam lúgubres preparativos.

De vez em quando uns gritos furiosos parti-
am dos corrilhos que se formavam, e dissipavam
com uma rapidez, que só pertence a influencia
de certos acontecimentos. Estes gritos eram
sempre a replicação dos mesmos que por duas ou
tres differentes vozes tinham penetrado no inte-
rior do tribunal.

« Morrão os prisioneiros! seja vingado Ri-
chon! »

Aquelles gritos, aquelles clarões, e aquelle es-
trito de cavallo, tinham arrancado madama de
Cambes da sua oração; chegára á janella, e exa-
minava com terror todas aquellas mulheres, de-
olhos furibundos, e berros selvagens, que pare-
ciam outras tantas feras lançadas em circo, cha-
mando com os seus rugidos as victimas humanas
que tem de vorar; perguntava a si mesma, co-
mo era possivel que tantos entes, a quem os do-

us prisioneiros nunca tinham feito mal alguma, pedissem com tal eucançamento a morte de dois de seus semelhantes; e não sabia que explicaçam disso dêsse a si propria, pobre mulher, que não conhecia das paixões umana senam as que atocam o coração.

Da janella onde estava, madama de Cambes via, por cima das casas, e dos jardins, apparecer a summidade das altas, e sombrias torres da fortaleza. Alli é que estava Canolles, alli é que particularmente se fixavão os olhos. Mas não podia com tudo evitar que de quando em quando si não dirigissem para a rua, e então via aquellas estaduras ameaçadoras, ouvia aquelles gritos de vingança, e uns calafrios gelados como os da morte lhe corriam então pelas veias.

« Oh! dizia ella, por mais que me prohibam que o veja, é-me preciso buscar meio de ir ter com elle; poderia julgar que me esqueço d'elle; poderia accusar-me; poderia amaldiçoar-me. Oh! cada momento que se passa sem que descubra modo de o socegar, parece-me uma traição; é impossivel que me conserve nesta inacção, quando talvez me chama em seu auxilio. Oh! é preciso que o veja... Sim, mas como o hei de vêr, ó meu Deus? quem me conduzirá áquella prisão? Qual é o poder que me abrirá as portas della? A senhora Princeza recusou-me a licença para lá entrar, e acabava de conceder-me tanto, que bem podia fazer-me mais isso. Ha guardas, ha inimigos á roda daquella fortaleza; uma povoação inteiro que rugé, que fareja a carniça, e que não quer que lhe arranquem a sua presa; ham de pensar que quero fazel-o fu-

gir, e salvá-o; oh! sim, salvá-o-ia, si já não estivesse debaixo da salvaguarda da palavra de Sua Alteza. Si lhes dissesse que quero simplesmente vel-o, não quereriam acreditar-o, e a isso se recusariam; de mais disso, tentar semelhante empresa contra a vontade da Senhora Princeza, não é arrisbar-me a perder o favor adquirido? Não é expôr me a que ella se desdiga da palavra que me deu? E todavia deixar-lhe passar assim em angustia, e tormentos as dilatadas horas da noite; oh! eu sinto-o por elle, e por mim sobretudo, isso não é possível! Imploremos a Deus, e Deus talvez me inspirará »

E então madama de Cambes foi pela segunda vez ajoelhar diante do seu crucifixo, e pôz-se a rezar com um fervor que houvera commovido a mesma senhora Princeza, si a senhora Princeza houvera podido envil-la.

« Oh! não irei lá, não irei lá, dizia ella, pois muito bem comprehendo que não me é possível ir lá. Talvez que me elle accuse toda a noite. . . Porém o dia de amanhã, sim, o dia de amanhã, não é verdade, é meu Deus, que me absolverá junto d'elle? »

Entre tanto aquella bulha, aquella exaltação da multidão, que sempre ia em augmento, os reflexos de uma luz sinistra que, como relampagos, penetravam, e alumiamam por intervallos o seu quarto, que ficára na escuridão, causavam-lhe um tal susto, que tapou os ouvidos com as mãos, e encostou os seus olhos fechados á almofada do seu genuflexorio.

Então a sua porta se abriu, e sem que dêsse por tal, um homem entrou, que parou um ins-

dante no limiar da porta, fixando nella um olhar de affectuosa compaixão, e que vendo elevarem-se dolorosamente os hombros da joven senhora agitada pelos seus soluços, se aproximou dando um suspiro, e pôz-lhe a mão no braço.

Clara levantou-se assustada.

« Mr. Lenet! disse ella, Mr. Lenet, ah! não me teades pois abandonado ?

— Não, disse elle. Lembrei-me que não estaveis ainda bastante socegada, e tive a ousadia de vir ter com vosco para perguntar-vos si podia ser-vos útil em alguma cousa.

— Oh! querido Mr. Lenet, exclamou a viscondessa, quam bom sois, e quanto vol-o agradeço!

— Parece-me que não me tinha enganado, disse Lenet. Raras vezes nos enganamos, ó meu Deus! quando pensamos que as creaturas soffrem, accrescentou elle com um sorriso melancolico.

— Oh! sim, exclamou Clara, sim, fallastes verdade: eu soffro!

— Não obtivestes vós quanto desejaveis, senhora? e mais do que eu mesmo esperava, eu vol-o digo com franqueza.

— Sim, não ha duvida; mas. . .

— Mas. . . entendo. Estais assustada de vêr a alegria daquella gentinha sequiosa de sangue, e compadeceis-vos da sorte do outro desgraçado que vai morrer em lugar do vosso amante?»

Clara levantou-se sobre os joelhos, e ficou um instante immovel, pallida, e com os olhos fitos em Lenet; depois levou a sua mão gelada à testa coberta de suor.

« Ah! perdoai-me! ou para melhor dizer, amaldiçoai-me, disse ella; por quanto, sou egoísta, e nem se quer em tal pensara. Não, Lenet, não, eu vo-lo confesso com toda a humildade do meu coração, estes sustos, estas lagrimas, estas orações são por aquelle que deve viver; pois, inteiramente aborta no meu amor, tinha-me esquecido daquelle que vai morrer! »

Lenet sorriu— e com tristeza

— Sim, disse elle, isto assim deve ser, porque é proprio da natureza humana; talvez que do egoismo dos individuos dependa a salvação das massas. Cada um faz em torno de si, e dos seus um circulo com uma espada. Vamos, vamos, senhora, continuou elle, fizei a vossa confissão até ao fim. Confessai francamente que vos tarda ver que o infeliz tenha soffrido o seu triste destino, porque com a sua morte aquelle desgraçado assegura a vida do vosso desposado!

— Oh! eu ainda não tinha pensado em tal, Lenet, eu vo-lo juro. Mas não forceis o meu espirito a demorar-se neste ponto, porque tanto o amo, que não sei o que seria capaz de desejar, arrastada pela loucura do meu amor.

— Pobre menina! disse Lenet em tom de profunda compaixão, porque pois não dissestes isso ha mais tempo?

— Oh! meu Deus! vós assustais-me. Será pois demasiado tarde, e ainda não estará inteiramente salvo?

— Está salvo, replicou Lenet, visto que o Princeza de Condé deu a sua palavra; mas...

— Mas o que? ..

— Mas ah! podemos nós ter jámais a certeza

de alguma cousa neste mundo, e vós, que, assina como eu, o julgais salvo, não chorais em vez de regozijar-vos?

— Eu choro, porque o não posso visitar, meu amigo, re-pondeu Clara. Ponderai que elle deve ouvir estas horrosas veiferacões, e julgar imminente o seu perigo; ponderai que elle póde acensar-me de frieza, de esquecimento, de traição. Oh! Lenet, Lenet, que supplicio! Na verdade, si a Princeza soubesse o muito que soffro, teria compaixão de mim.

— Ora pois, viscondessa disse Lenet, é preciso vê-lo.

— Ve-lo, é impossivel! Sabeis muito bem que para isso pedi licença a Sua Alteza, e que Sua Alteza ma recusou.

— Bem o sei, até approvo no intimo do coração o que ella fez, e com tudo...

— E com tudo vós exhortais-me á desobediencia! exclamou Clara muito admirada, cravando os olhos em Lenet, que, turbado com aquelle olhar, abaixou os seus.

— Eu sou velho, querida viscondessa, disse elle, e desconfiado por isso mesmo que sou ve'ho; não nesta occasião, porque a palavra da Princeza é sagrada; não tem de morrer sinão um só dos prisioneiros, ella assim o disse, acostumado porém durante o curso de uma larga vida a ver salteado do infortunio aquelle que mais favorecido si julga da fortuna, tento adoptado o principio de que sempre se deve aproveitar a occasião, quando se offerece. Ide ver o vosso noivo, viscondessa, aide ve lo, acreditai-me.

— Oh! exclamou Clara, juro-vos que me assustais, Lenet.

— Não é esta a minha intenção; de mais disso, devarieis vós a bem que vos aconselhasse que o não visseis? Não, na verdade. E sem duvida muito mais me increparieis si tivesse vindo dizer-vos o contrario do que vos digo.

— Oh! sim, eu o confesso. Vós porém fallais-me em ve-lo; este era o meu unico desejo; era a súppllica que dirigia a Deus quando chegastes. Não é porém isto uma cousa impossivel?

— Ha por ventura alguma cousa impossivel á mulher que tomou Sam Jorge? disse Lenet sorrindo-se.

— Ai de mim! disse Clara, duas horas ha que busco um meio de penetrar na fortaleza, e ainda o não achei.

— E si eu vo-lo offerecer, disse Lenet, que me dareis vós?

— Dar-vos-ei. ... Oh! sim, dar-vos-ei a mão no dia em que me encaminhar com elle ao Altar.

— Muito obrigado, minha querida, disse Lenet; tendes razão, com effeito, eu vos amo como si fôra vosso pai, Muito obrigado.

— E que meio! que meio! disse Clara.

— Ei-lo aqui. Eu tinha pedido á Senhora Princeza uma licença para entrar na prisão, a fim de ir fallar aos prisioneiros, porque, si houvesse algum meio de salvar o capitão Cauvignac, eu quizera chamar esse homem ao nosso partido; porém agora esta licença torna-se inutil, visto que acabais de condemna-lo á morte com as vossas súppllicas a favor de Mr, Canolles.»

Clara estremeceu a seu pezar.

« Tomai pois este papel, continuou Lenet; não tem nome algum, bem o vedes. »

Clara pegou neile, e leu :

« O carcereiro da fortaleza deixará commu-
nicar o portador do presente com aquelle dos
« dous prisioneiros de guerra, a quem quizer
« fallar, e isso pelo espaço de meia hora.

CLARA CLEMENCIA DE CONDE'.

« Vós tendes um trajo de homem, disse Lenet, vestiu-o. Tendes a licença para entrar, fazei uso della.

— Pobre official! disse consigo Clara, não podendo expulsar do seu pensamento a idéa de Cauvignac executado em lugar de Canolles.

— Elle tem de sujeitar-se à lei commum, respondeu Lenet. Fraco, é devorado pelo forte; sem protecção, paga por aquelle que é protegido. Lamenta-lo-ei, pois é um moço de espirito. »

Clara com tudo voltava, e tornava a voltar o papel entre as suas mãos.

« Não sabeis vós, disse ella, que me tentais cruelmente com esta licença? Não sabeis vós que uma vez que tenha o meu pobre amigo entre os meus braços, sou capaz de leva-lo ao fim do mundo? »

— Eu vo-lo aconselharia, senhora, si a cousa fosse possível; porém esta licença não é uma carta branca, e por tanto só para entrardes na prisão é que pôde servir-vos.

— E' verdade disse Clara tornando-o a ler; e todavia concederam-me Mr. de Canolles; elle me pertence! não mo podem já arrancar!

— E por isso ninguém em tal pensa. Vamos»

Vamos, senhora, não percais tempo; vesti o vosso traje de homem, e parti. Esta licença concede-vos meia hora; muito bem sei que meia hora é mai pouca cousa, porém depois desta meia hora virá a vida toda. Vós sois joven, a vida será dilatada, Deus a faça feliz!»

Clara pegou na mão de Lenet, e deu-lhe um beijo na testa, como houera feito ao mais terno pai.

«Ide, ide, disse Lenet afastando-a suavemente, não percais tempo, quem ama verdadeiramente, não tem resignação.»

Depois vendo-a passar para outro quarto, onde Pompeu, chamado por ella, a esperava para ajuda-la a mudar de traje:

«Ai! quem sabe?» disse elle consigo.

Os gritos, os huiuos, os ameaços, e a agitação da multidão não tinham com effeito escapado a Canolles. Da grade da sua janella pudera por seu turno gozar do quadro movediço, e animado que se desenvolvia debaixo dos seus olhos, e que de uma extremidade a outra da cidade agitada, era o mesmo em toda a parte.

«Que desgraça! dizia elle, que medonho contratempo! Aquella morte de Richon... pobre Richon! era um bravo official; aquella morte de Richon vai duplicar o nosso cativeiro; não me deixaram já correr a cidade como dantes; nada já de encontros aprazados, nada já de casamento, a não ser que Clara si contente com a Capella de uma prisão. Que remedio terá sinão dar-se com isso por satisfeita. Tão bem casados ficamos em uma Capella como em outra. Com tudo sempre é um triste agouro... Por que diabo não haviam

de receber esta noticia ámanhã, em vez de a receberem hoje? »

Depois, aproximando-se da sua janella, e inclinando-se para olhar :

« Que vigilancia ! continuou elle; duas sentinellas. E quanto me magôa pensar que tenho de estar aqui enfiado oito dias, quize dias talvez, até que tenha lugar algum acontecimento que faça esquecer este. E' uma felicidade que os acontecimentos se succedam uns aos outros rapidamente no tempo em que estamos, e que os Borgezes tenham cabeça leviana; entretanto, não deixarei de ter passado momentos muito desagradaveis. Pobre Clara ! deve estar desesperada; é uma fortuna saber ella que fui preso; oh! sim, sabe-o, e por conseguinte que não ha culpa da minha parte. Mas aonde diabo vai toda esta gente ? Parece que si encaminham para o lado da esplanada ! Com tudo la não ha agora nem parada nem execução alguma; todos se dirigem para o mesmo lado. Poder-se-ia na verdade dizer que sabem que aqui me acho como um urso atraz das minhas grades. . . »

Canolles deu alguns passos pelo seu quarto, de braços cruzados; as paredes de uma verdadeira prisão tinham-no entregado momentaneamente ás idéas philosophicas, de que pouco se preoccupava em tempos ordinarios.

« Pôde haver cousa mais louca do que a guerra ? dizia elle consigo. Eis morto o pobre Richou, com quem eu jantava, ainda não ha beza um mez. Ter-se ha feito matar sobre as suas peças de artilheria aquelle homem intrepido, como eu devêra ter feito; e como effectivamente o

houvera feito, si qualquer outro que não fosse a viscondessa, me tivesse sitiado. Esta Guerra das Mulheres é, na realidade, a mais temivel de todas as guerras. Pelo menos, da minha parte, em nada contribui para a morte de algum amigo Deus louvado ! não desembainhei a minha espada contra um irmão ; e isto me consola. Vamos, ao meu genio tutelar feminino é que tambem devo essa ventura ; ora, tudo bem ponderado, a ella é que devo muitas cousas.»

Neste momento entrou um official, e interrompeu o soliloquio de Canolles.

« Quereis cear, senhor ? lhe disse elle. Neste caso, dai as vossas ordens, pois o carcereiro tambem as recebeu para mandar-vos apromptar a comida que bem quizerdes.

— Vamos, vamos, disse Canolles, parece que pelo menos estam resolvidos a tratar-me honrosamente todo o tempo que aqui me demorar, Durante alguns momentos receci o contrario, vendo o rosto affectado da Princeza, e a catadura carrancuda de todos os seus assessores. . .

— Espero a vossa resposta, repetiu o official inclinando-se

— Ah ! tendes razão ; peço-vos desculpa. A vossa pergunta, pela sua extrema polidez, deu-me lugar a fazer certas reflexões. . . Tornemos pois ao nosso assumpto : sim, senhor, desejo cear, porque tenho muita fome ; porém sou habitualmente sobrio, e bastar-me-ha uma cêa de soldado.

— Agora, replicou o official, aproximando-se d'elle dando mostras de interesse, não tendes alguma recommendação que fazer. . . na cidade. . .

não esperais cousa alguma? Dissestes que erei^s soldado, eu tambem o sou; disponde pois de mim como de um camarada.»

Canolles olhou para o official com espanto

« Não, senhor, disse, nen'uma recommendação tenho que fazer na cidade; não, nada espero, a não ser uma pessoa que não posso nomear. Quanto a dispor de vós como de um camarada, agradeço-vos o vosso offercimento. Eis a minha mão, senhor; e mais tarde, si precisar de alguma cousa, aproveitar-me-ei da vossa boa vontade. »

Desta vez o official é que olhou para Canolles com assombro.

« Muito bem, senhor, disse elle, dentro de um momento sereis servido. »

E retirou-se.

Um instante depois, dous soldados entraram trazendo a cêa, que logo serviram, e que era mais delicada do que Canolles recommendára. Sentou-se á meza, e comeu de boa vontade.

Os soldados por seu turno olharam para elle com espanto. Canolles tomou aquelle espanto por inveja que tinham da sua cêa, e como o vinho era do melhor da Guienna:

« Meus amigos, dis-e elle, pedi dous copos »

Um dos soldados sahiu, e voltou com os dous copos pedidos.

Canolles encheu-os; depois deitou algumas gotas de vinho no seu.

« A vossa saude meus amigos, » disse elle.

Os soldados pegaram nos seus copos, tocaram maquialmente no de Canolles, e beberam, sem corresponder ao seu brinde.

« Não são cortezes. disse consigo Canolles, porém bebem bem ; alguma coisa lhes havia de faltar, não se pode ter tudo.»

E continuou a sua cêa, comendo com desfastio.

Logo que concluiu poz-se em pé, e os soldados levantaram a mesa.

O official tornou a entrar.

« Ah! na verdade, senhor, disse-lhe Canolles bem podieis ter ceado comigo : a cêa era muito boa.

— Eu não podia ter esta honra, senhor, visto que ha só um instante que me levantei da mesa. Eu volto...

— Para me fazerdes companhia ? disse Canolles. Si assim é, recebei os meus cumprimentos, senhor, pois é summa bondade da vossa parte.

— Não, senhor ; a minha commissão é menos agradável. Venho para prevenir-vos que não ha nen'um padre protestante na prisão, e que o Cappellão é catholico. Ora, como sei que sois protestante, e esta differença no culto talvez vos desagrade...

— A mira, senhor, porque motivo ? perguntou ingenuamente Canolles.

— Para rezardes as vossas oraçõs, disse o official turbado.

— As minhas oraçõs ! bem está, disse Canolles rindo, nisso pensarei amanhã; eu só costumo rezar pela manhã »

O official olhou para Canolles com um assombro que se foi transformando gradualmente em profunda commiseração. Saudou-o, e sahio.

« Parece-me, disse Canolles, que toda a gente

anda desatinada. Desde a morte daquelle pobre Richon, todas as pessoas que encontro dam ares de tontos, ou de furiosos. Com todos os diabos ! não verei um só rosto alguma cousa razoavel?»

Apenas acabava de proferir estas palavras, quando a porta da sua prisão se abriu de novo, e antes que pudesse reconhecer quem era, uma pessoa se precipitou nos seus braços, e lançando-lhe os braços ao pescoço, lhe inundou o rosto de lagrimas.

« Eis outro louco ! exclamou o prisioneiro soltando-se das mãos que o seguravam. Na verdade, parece que estou na casa dos orates ! »

Porém com o movimento que fez para recuar deitou no chão o chapéu do desconhecido, e os lindos cabellos louros de madame de Cambes lhe caíram nos hombros.

« Vós aqui ? exclamou Canolles correndo para ella a fim de novo a tomar em seus braços. Vós ! ah ! perdoai-me de vos não ter reconhecido, ou para melhor dizer, de não vos ter adivinhado.

— Silencio ! disse ella apanhando o seu chapéu, e pondo o muito depressa na cabeça. Silencio ! porque si soubessem que sou eu, talvez me tornassem a privar da minha ventura. Em fim, ainda me é permittido ver-vos ! Oh ! meu Deus, meu Deus, quanto sou ditosa ! »

E Clara, sentindo dilatar-se o peito, rompeu em estrondosos soluços.

« Ainda ! disse Canolles; ainda vos é permittido ver-me, não é isto que dizeis ? E o que dizeis chorando. Então não deveis tornar me a ver ? continuou elle sorrindo-se.

— Oh ! não risais, meu amigo, disse Clara ; a

vossa alegria atormenta-me. Não riais, pelo amor de Deus.

Custou-me tanto a vir cá, si vós o soubesseis, por pouco não deixei de vir! Si não fora Lenet, si não fora aquelle excellente homem. . . . Mas fallemos de vós, pobre amigo. O' meu Deus! eis-vos pois aqui? com vosco e que tórno a encontrar-me? . . . a vós é que ainda posso apertar ao meu coração!

— Sim, sim! não ha dúvida que sou eu, e com toda a certeza, disse Canolles sorrindo-se.

— Mas, disse Clara, é inutil, é escusado affectardes um ar alegre, pois de tudo estou sciente. Não sabiam que eu vos amava, e por tanto não me occultaram cousa alguma.

— Então o que é que sabeis? disse Canolles.

— Não é verdade, continuou a viscondessa, que me esperaveis? que estaveis descontente do meu silencio? que já me accusaveis?

— Eu atormentado, descontente! sem dúvida que o estava, mas não vos accusava; o que suspeitava era que alguma circumstancia mas forte do que a vossa vontade vos afastava de mim; e a minha maior desgraça, em tudo isso, era vêr que o meu casamento tinha de ser retardado, transferido para daqui oito, ou quinze dias talvez.»

Clara olhou por seu turno para Canolles, com o mesmo espanto, de que o official dera mostras, um momento antes.

« Será possível, disse ella, que falleis seriamente? ou não estais na realidade mais assustado do que mostrais?

— Eu assustado! disse Canolles; assustado de

que? Por acaso, disse elle rindo, corro em algum risco sem que o saiba?

— Oh! meu Deus! que desgraça! exclamou ella; não sabe cousa alguma. »

Depois, receando sem d'úvida revelar repentinamente toda a verdade ao homem a quem esta verdade ameaçava tão cruelmente, suspendeu, por um violento esforço sobre si mesmo, as palavras que lhe tinham saltado do coração aos labios

« Não, eu nada sei, disse gravemente Canolles. Mas vós ides dizer-me tudo, não é assim? Eu sou um homem; fallai, Clara, fallai!

— Sabeis que Richon morreu, disse ella.

— Sim, respondeu Canolles, bem o sei.

— Mas sabeis como morreu?

— Não, mas disso tenho suspeitas. Morreu no seu posto, não é verdade, na brécha de Vayres?... »

Clara guardou silencio um momento; depois, grave como o lugubre dobrar do sino:

« Foi enforcado em Libourne, » disse ella.

Canolles deu um salto para traz.

« Enforcado! exclamou elle; Richon, um soldado!... »

Depois enfiando repentinamente, e passando pela testa a sua mão tremula:

« Ah! agora tudo compreendo, disse elle; agora sei qual o motivo da minha prisão, do meu interrogatorio; compreendo as palavras do official, e o silencio dos soldados; compreendo o passo que destes, e as vossas lagrimas vendo-me tam alegre; compreendo finalmente aquella gentilha, aquelles gritos, e aquelles ameaças, li-

Richon foi assassinado! e em mim é que querem vingar Richon....

— Não! não! meu amado! não! pobre amigo do meu coração! exclamou Clara radiante de alegria, pegando em ambas as mãos de Canolles, e cravando os seus olhos nos d'elle; não! não é a ti que vão sacrificar, querido prisioneiro! Não te enganaste! nãham te na realidade designado! estavas condemnado! ias morrer! viste a morte de mihi perto, meu querido noivo! Porém socego, podes vir agora; podes fallar de ventura, e de pervir! Aquella que te á de consagrar toda a sua vida, salvou a tua! Alegra-te!.... mas em voz baixa, porque poderias acordar o teu infeliz companheiro, aquelle sobre quem vai cair a tempestade, aquelle que deve morrer em teu lugar!

— Oh! calai vos, calai-vos, querida amiga! vós me regelais de horror, disse Canolles, que apesar das ardentes caricias de Clara, ainda não estava bem desassombrado do golpe terrível que acabava de receber. Eu tão socegado, tão sereno, tão tolaente alegre, corria risco de morrer! E então quando? em que momento? justos céus! quando estava para ser vosso esposo. Oh! pela minha alma, isso houvera sido um duplicado assassinio!

— Chamam a isso represalias, disse Clara.

— Sim, sim; é verdade, elles tem razão.

— Para que é tornar-vos agora sombrio, e pensativo?

— Oh! exclamou Canolles, não é da morte que tenho medo; porém a morte separar-me-ia de vos.

— Si tivesses morrido meu bem amado, eu

Tambem teria morrido. Porém em lugar de vos entristecerdes assim, regoziai-vos comigo. Esta noite, talvez daqui a uma hora, sahireis da prisão. Eutão, ou eu mesma virei buscar-vos, ou esperar-vos ei á sabida. Depois, sem perdermos um minuto, sem perdermos um segundo, fugiremos. Oh ! no mesmo instante ; não quero esperar. Esta máldita cidade aterra-me ! Hoje ainda pude salvar-vos ; porém amanhã quem sabe si alguma outra desgraça inesperada não viria ainda arrancar-vos dos meus braços !

— Ah ! disse Canolles, não sabeis, minha bem amada Clara, que me dais demasiada ventura de um só golpe. Oh ! sim, na verdade demasiada ventura ; isto mata-me. . .

— Pois então, disse Clara, recobrai a vossa indiferença ; e a vossa alegria.

— Mas recobrai vos mesma a vossa.

— Vós bem o vêdes, eu rio.

— E esse suspiro ?

— Este suspiro . meu amigo , é pelo infeliz que paga com a vida a nossa alegria.

— Sim, sim. tendes razão. Ah ! porque não havieis do poder levar-me neste mesmo instante ! Vamos, meu bom anjo, abre as tuas azas, e leva-me.

— Tende paciência , meu querido esposo ; amanhã vos levarei ! . . . Para onde ? não o sei ; para o paraíso do nosso amor. Entretanto, eis-me aqui. »

Canolles tomou-a nos seus braços, apertou-a ao seu peito, e ella segurando-se com ambas as mãos ao pescoco do manecbo, deixou-se cahir arquejante sobre aquelle coração, que, comprí-

amido por tantos sentimentos diversos , apenas palpitava.

Repentinamente, e pela segunda vez, um doloroso soluço lhe subiu do peito aos labios, e por muito feliz que fosse Clara, inundou de lagrimas o rosto de Canolles, que se inclinára sobre o seu seio.

« Então ! disse elle, é essa a vossa alegria, meu anjo ?

— E' o resto da minha dôr »

Neste momento a porta se abriu, e o official, que já alli fôra, avisou-os de que a meia hora que concedia a licença, já tinha expirado.

« Adeus, disse Canolles, ou esconde-me em uma prega do teu capote, e leva-me contigo.

— Pobre amigo, replicou ella em voz baixa, não falles, pois me dilaceras o coração ! Não vês que muito desejaria poder fazel-o ? tem paciencia por amor de ti, tem paciencia sobre tudo por amor de mim ; dentro de algumas horas temos de reunir-nos para nunca mais nos separarmos.

— Tenho paciencia, disse alegremente Canolles, completamente soccegado com esta promessa ; mas é preciso que nos separemos ; eia pois, animo A palavra adeus, digamol-o: Adeus Clara ! adeus !

— Adeus, disse ella, tentando sorrir-se, ad. . . »

Mas ella não pôde acabar a palavra cruel ; pela terceira vez os soluços lhe suffocaram a voz.

« Adeus ! adeus ! exclamou Canolles abraçando se de novo com a viscondessa, e cobrinho-lhe a fronte de ardentes beijos, adeus !

— E' uma felicidade, disse consigo o official, saber eu que o pobre man ebo ja não tem grande cousa que temer, quando não, eis uma scena que me despedaçaria o coração. »

O official foi acompanhar Clara até á porta, e voltou

« Agora, senhor, disse elle a Canolles, que se deixára cahir sobre uma cadeira, ainda não serenado das suas commoções, não basta ser feliz e sempre tambem ser compadecido. O vosso vizinho, o vosso infeliz companheiro, aquelle que vai morrer, acha-se só; ninguem o protege, ninguem o consola, diz que de-seja ver-vos. Eu da minha parte concedi-lhe o que pedia; mas é tambem preciso que vós nisso consentais.

— Nisso consento! exclamou Canolles, sem a minima daviada. Pobre desgraçado, eu o espero e lhe abro os braços! Não o conheço, mas não importa.

— Com tudo elle parece conhecer-vos.

— Sabe elle a sorte que lhe está reservada?

— Não, creio que não. Bem vêdes pois que é preciso deixar-lha ignorar...

— Oh! não tendes a minima inquietação a este respeito.

— Ouvi pois: estão para dar onze horas, eu volto para o meu posto; das onze horas em diante, os carcereiros é que reinam sós no interior prisão. O vosso está prevenido, sabe que o vosso vizinho estará no vosso quarto, ha de vir buscá-lo no momento em que deve fazer voltar para a sua masmorra. Si o prisioneiro nada sabe, não lhe digais nada; e si sabe alguma cousa, dissei-lhe da nossa parte que nós os militares

muito o lamentamos do intimo do coração. Por quanto, morrer não é nada, mas, com todos os diabos ! morrer enforcado, é morrer duas vezes.

— Está pois decidido que haja de morrer ?...

— Da mesma maneira que Richon. São represalias completas. Mas nós estamos lagarejando, e elle espera, sem duvida, a vossa resposta com ansiedade.

— Ide buscal o, senhor, e acreditai que vos fico muito agradecido tanto por elle, como por mim. »

O official sahio, foi abrir a porta da masmorra vizinha, e Cauvignac, alguma cousa pallido, mas com passo firme, e fronte alta, entrou na masmorra de Canolles, que deu alguns passos ao seu encontro.

Então o official fez a Canolles um derradeiro signal de despedida, olhou para Cauvignac com compaixão, e saiu levando os seus soldados, cujos pesados passos ainda se ouviram algum tempo debaixo das abobadas.

Em breve o carcereiro fez a sua ronda. Ouviram-se tinir as chaves no corredor.

Cauvignac não estava abatido, porque neste homem havia uma inalteravel confiança em si mesmo, uma inesgotavel esperanza no futuro. Mas com tudo, debaixo da sua apparencia tranquillã, e debaixo daquella máscara quasi alegre, uma profunda dor alli se introduzira, e como si fora uma serpente, lhe trincava o coração. Aquella alma sceptica, que sempre duvidara de tudo, duvidava por fim elle mesmo da dũvida....

Desde a morte de Richon, Cauvignac já não comia, já não dormia.

Habitado a zombar da desgraça dos outros, porque supportava a sua alegremente, o nosso filósofo nem uma vezade tivera de rir de um acontecimento que dava lugar a este terrivel resultado, e, a seu pezar, em todos aquelles fios mysteriosos que o tornavam responsavel da morte de Richou, entrevia a mão impassivel da Providencia, e principiou a acreditar, si não na remuneração das boas acções, ao menos no castigo das mas.

Resignava-se pois, e meditava; porém a pezar da sua resignação, como deixamos dito, não comia, nem dormia.

É, singular mysterio daquelle alma pessoal, sem todavia ser egísta, o que maior cuidado ainda lhe dava do que a sua propria morte, prevista d'antemão, era a morte daquelle companheiro que sabia achar-se a dous passos d'elle esperando, ou a sentença fatal, ou a execução sem sentença. Tudo isto ainda mais lhe recordava Richou, o seu espectro vingador, e a duplicada catastrophe, que era o resultado daquillo que ao principio lhe parecêra uma linda travessura.

A sua primeira idea fô a fugir; pois, a pezar de estar prisioneiro sobre palayra, visto que tinham fallado aos empenhos que com elle havia contraído, levando para a prisão, tambem julgava poder da sua parte, e sem escrupulo algum, fallar aos seus. Porém, a pezar da perspicacia do seu espirito, e da subtileza dos seus meios, reconheçêra que não lhe era possivel fize-lo. Então é que ainda mais convencido ficára de que se achava nas garras de uma inexoravel fatali-

dade. Desde então, já não pedia sinão uma coisa, que era conversar alguns instantes com o seu companheiro, cujo nome parecera despertar nelle uma triste surpresa, e reconciliar-se na sua pessoa com a humanidade iuteira, a quem tão cruelmente ultrajára.

Não affirmaremos que todos estes pensamentos fossem remorsos, não... Cauvignac prezava-se de filósofo, e era demasiado corrupto para que os pudesse ter, mas quando mais não fosse, era coisa que com isso muito se parecia, isto é, um violento despeito de ter feito o mal sem que delle lhe resultasse fructo algum. Com o tempo, e com uma combinação que sustentasse Cauvignac nesta disposição de espirito, este sentimento talvez houvesse tido o mesmo resultado que o remorso; mas para isso faltava o tempo.

Cauvignac, entrando na prisão de Canolles, esperou desde logo, com a sua costumada prudencia, que o official que o introduzira se houvesse retirado; depois, vendo a porta bem fechada, dirigiu-se para Canolles, que, como o dissemos, dera do seu lado alguns passos ao seu encontro, e lhe apertou affectuosamente a mão.

A pezar da gravidade da situação, Cauvignac não pôde deixar de sorrir-se reconhecendo o elegante, e bello maneebo, de espirito aventureiro, de genio alegre, que já duas vezes encontrára em situações mui differentes da em que se achavam, uma para enviá-lo encarrigado de uma commissão a Mantes, e a outra para o conduzir a Sam Jorge. Demais disso, lembrava-se da usurpação momentanea do seu nome, e da logração completa pregada ao duque, em conse-

quencia della. E ainda que a prisão fosse mais lugubre, a lembrança era tão alegre, que o passado, durante um segundo, venceu o presente.

Do seu lado, Canolles, á primeira vista, logo nelle reconheceu o homem com quem estivera em contacto nas duas circumstancias de que acabamos de fallar, e como, tudo bem ponderado, naquella duas circumstancias. Cauvignac fôra para elle um mensageiro de boas novas, a sua compaixão, relativamente á sorte reservada a este infeliz, ainda foi maior, e tanto mais profunda, por isso que sabia ser a sua salvação a causa da perda irrevogavel de Cauvignac; e n'uma alma tão delicada como a sua, semelhante lembrança causava muitos mais remorsos, do que honvera podido causar um crime verdadeiro na alma do seu companheiro.

Recebo-o por tanto com uma perfeita benevolencia.

« Então! barão, lhe disse Cauvignac, que vos parece da situação em que nos achamos? é bastante precaria, segundo julgo?

— Sim, eis-nos prisioneiros, e Deus sabe quando sairemos daqui, respondeu Canolles, dando mostras de serenidade, para vêr, si ao menos adoçava pela esperança a agonia do seu companheiro

« Quando daqui sairemos! replicou Cauvignac; digne se aquelle Deus, a quem invocais, decidir na sua misericordia, que seja o mais tarde possivel! porém não creio que esteja disposto a conceder nos larga dilacão. Vida minha masmorra, assim como o tereis visto, da vossa, correr um tropel de gente furiosa para um certo si-

ção, que deve ser a esplanada, si não é, foi muito enganado. Vós bem conheceis a esplanada, meu querido barão, e sabeis para que serve?

— Nada disso! creio que vós exaggerais o risco da nossa posição. Sim, o povo corria para a esplanada, mas era sem duvida para assistir alguma correccão militar. Fazer-nos pagar a nós a morte de Richon, seria cousa horrorosa! visto que nós em todo caso estamos innocentes um e outro daquelle morte.»

Canvign e estremeceu, e cravou em Canolles os olhos, que de uma expressão sombria, foram pouco a pouco passando para uma expressão de compaixão.

« Ora, disse elle consigo, eis-aqui me is um que se illude quanto á sua posição. Com tudo, é necessario que lhe diga qual ella é, pois que outra cousa resultaria do seu engano, sinão ser-lhe depois mais penoso o golpe? quando temos tempo para nos prepararmos, a ladeira sempre nos parece algum tanto menos íngreme.»

Então, depois de um novo momento de silencio, e de observação:

« Senhor, disse elle a Canolles, pegando-lhe nas duas mãos, e continuando a fixar nelle um olhar que muito o incommodava; meu querido senhor, si fôr do vosso agrado, mandemos vir uma garrafa ou duas daquelle bom vinho de Branne, que muito bem conheceis. Ah! eu dello teria bebido á farta, si tivesse sido governador mais tempo, e até vos confessarei que o apreço que fazia daquelle excellente vinho, é que me fez pedir de preferencia aquelle governo: Deus castiga-me da minha golodice.

— De muito boa vontade, disse Canolles.

— Sim, contar-vos-ei tudo isso em quanto formos bebendo, e si a noticia é má, como ao menos o vinho ha de ser boa, uma cousa contrapesará a outra »

Canolles bateu então na porta, mas não lhe responderam; tornou a bater, e passado um instante, um rapazinho que brincava no corredor se aproximou do preso

« Que quereis? perguntou o menino.

— Vinho, disse Canolles; dize ao teu papá que traga duas garrafas d'elle.»

O menino afastou-se, e voltou passado um instante.

« O papá, disse elle, está agora occupado a conversar com um senhor. Logo virá.

— Perdoai, disse Cauvignac, permittir-me-eis que tambem por meu turno lhe faça uma pergunta?

— Podeis faze-la.

— Meu amiguinho, disse elle com uma voz muito insinuante, com que senhor conversa o teu papá?

— Com um grande senhor.

— Este menino é muito amavel, disse Cauvignac: esperai, e vamos saber alguma cousa.

— E como está vestido aquelle senhor?

— Todo de preto.

— Fóra! vós bem o ouvis, todo de preto. E como se chama aquelle grande senhor vestido todo de preto? Sabe-lo-ias por accaso, meu querido menino?

— Chamao lhe Mr. Lavie.

— Ah! ah! disse Cauvignac, o advogado do

«Ei, parece-me que desse não nos ha de vir mal meu'um. Aproveitemos pois o tempo que elles empregam em conversar para tambem conversarmos.»

É mettendo uma moe linha por baixo da porta:

«Toma, meu pequeno, disse Cauvignac, aqui tens para comprar bonitos ... É bom ter amigos em toda a parte.» continuou elle levantando-se.

O menino muito contente recolheu o dinheiro dando agradecimentos aos dous presos.

«Então l senhor, disse Canolles, que dizeis ainda agora?»

— Ah! sim, respondeu Cauvignac... Dizia pois que me pareceis estar muito enganado quanto á sorte que nos espera ao sairmos desta prisão; fallais de esplanada, de correccão militar, de fustigaçãõ para estranhos; e eu estou convencido de que isto nos diz respeito, e que se trata de alguma cousa ainda mais seria.

— Não penseis em tal, disse Canolles.

— Oh! disse Cauvignac, vós vêdes as cousas com côres menos sombrias do que eu; talvez seja porque não tendes tantas razões, para ter receios como eu. Todavia, não vos fieis muito nisso; o vosso negocio não é tambem muito brilhante. Porém o vosso não faz nada ao meu, e o meu, devo dizê-lo, porque tal é a minha convicçãõ, o meu está diabolicamente embaalhado. Sabeis vós bem quem eu sou, meu querido senhor?

— Eis uma singular pergunta! Sois o capitão Cauvignac, governador de Branne, si não estou enganado?

— Assim é, neste momento; mas eu não usei

sempre deste nome, não tive sempre este título. Tenho mudado muitas vezes de nome, e occupado diferentes postos; por exemplo, um dia chamei-me Barão de Canolles, exactamente como vós.»

Canolles encarou em Cauvignac.

« Sim, continuou este ultimo, bem o comprehendendo; estais perguntando a vós mesmo si não estarei doudo, não é assim? Pois socagai, gozo de todas as minhas faculdades mentaes, e nunca fui mais completamente assistido que neste momento.

— Explicai-vos então, disse Canolles.

— Nada ha mais facil. O Duque d'Epéron. . . Conheceis o Duque d'Epéron, não é verdade?

— De nome, pois nunca o vi.

— O que foi uma felicidade para mim. O senhor d'Epéron, digo, encontrando-me uma vez em casa de uma senhora, onde eu sabia que não sereis mal recebido, tomei a liberdade de tomar o vosso nome.

— Que quereis vós dizer, senhor?

— De vagar, de vagar; não deveis levar o egoismo até o ponto de serdes cioso de uma mulher no momento de casardes com outra? E de mais disso, quando o fosseis, o que tambem não é estranho á natureza do homem, que decididamente é um feio animal, em breve me perdoareis. Eu vos pertenco de mui perto para que nos queiramos mal.

— Não compre'endo uma só palavra de quanto me estais dizendo, senhor.

— Digo que tenho o direito de exigir que m^e

gratias como irmão, ou pelo menos como cunhado.

— Vós me fallais por inígnias, e cada vez vos compre'endo menos.

— Ora pois! compre'ender-me-eis dizendo-vos uma unica palavra: O meu verdadeiro nome é Rolando de Lartigues, e Nanon é minha irmã.»

Canolles passou da desconfiança a uma subita expansão.

« Vós, irmão de Nanon! exclamou elle. Ah! pobre maneebo!

— Tendes razão! sim, pobre maneebo, replicou Causignac; preferistes a palavra proprio, discestes a verdade; pois além de uma infinidade de outros desgostos que resultaram da instrucção do meu processo aqui, tenho de mais a mais o de chamar-me Rolando de Lartigues, e de ser irmão de Nanon. Vós muito bem sabeis que a minha querida irmã não é bem vista dos senhores Bordelezes. Quando souberem a minha qualidade de irmão de Nanon, nenhuma remissão posso esperar; por quanto, aqui se acham um Larochebucault, e um Lenet, que tudo sabem.

— Ah! disse Canolles, subitamente impressionado, pelo que lhe dizia Causignac, de antigas recordações, ah! perecebo agora porque em uma carta aquella pobre Nanon me chamou um dia seu irmão. Que excellento creatural...

— Ah! sim, disse Causignac, era muito boa pessoa, e estou arrependido de não haver sempre seguido as suas recommendações á risca; mas que se lhe ha de fazer? si adivinhassemos o futuro, não precisaríamos já de Deus.

— E que é feito della? perguntou Canolles.

— Quem pô-lo sabe-lo? Pobre mulher! sem duvida está desesperada, não por amor de mim, cuja prisão ignora, mas por vosso respeito do cuja sorte talvez esteja instruida.

— Socegai, disse Canolles. Lenet não dirá que sois irmão de Nanon. Mr. de Larochefontault, do seu lado, nenhum motivo tem para vos querer mal. Por tanto nada se saberá de tudo isso.

— Si nada se souber de tudo isso, acreditai-me, saber-se-ham outras cousas: saber-se-ha que fui eu, por exemplo, que dei uma certa assignatura em branco, e que aquella assignatura era branco... Esqueçame-nos porém de tudo isso, si é possível. Que desgraça que não tragam vinho! continuou elle voltando-se para a porta. Nada ha como o vinho para fazer esquecer.

— Vamos, vamos, disse Canolles, animo!

— Acaso julgais vós que me elle falte? Vêr-me eis no famoso momento, quando formos dar uma volta pela esplanada. Porém uma cousa me dá que entender: seremos nós arcabuzados, do capitados, ou enforcados?

— Enforcados! exclamou Canolles. Deus tal não permita! nós somos gentishomens, e não farão um tal insulto á nobreza.

— Ora pois! vereis que até são capazes de suscitar duvidas ácerca da miuha genealogia... e de mais disso...

— O que?

— Qual de nós será o primeiro?

— Meu querido amigo, disse Canolles, quem vos metten taes cousas na cabeça!... Nada ha meenos certo do que aquella morte de que vos

occupais d'antemão: não se julga, não se condemna, e não se executa assim em uma noite.

— Ouvi, respondeu Cauvignac, eu lá me achava, quando fizeram o processo ao pobre Richon, Deus tenha a sua alma! Sabei pois que processo, sentença, e enforcamento, tudo isso foi obra de trez ou quatro horas quando muito; demos que não sejam aqui tão activos, porque Anna d'Áustria é Rainha de França, e madama de Condé só é Princeza de Sangué, isto nos dará a nós uma dilacão de quatro ou cinco horas. Ora, como ha tres horas que fomos presos, e duas que compa'ecemos diante dos nossos juizes, feita bem a conta, resta-nos ainda uma ou duas horas de vida; o que é bem pouca cousa.

— Em todo caso, disse Canolles, ham de esperar que seja dia para nos executarem.

— Ah! isto não é muito certo: uma execução feita com archotes, é cousa mui linda; custa mais caro, verdade é, porém como a Senhora Princeza precisa muito dos Bordelezes neste momento, poderia muito bem acontecer que se decidisse a fazer esta despeza.

— Chitou! disse Canolles, ouço passos.

— Com os diabos! disse Cauvignac enfiando alguma cousa.

— E' sem duvida o vinho que nos trazem, disse Canolles.

— Ah! sim, disse Cauvignac fitando os olhos mais que attentos na porta, pôde ser que seja isso: si o carcereiro entra com garrafas, vai o negocio bem; porém si pelo contrario... e

A porta abriu-se, e o carcereiro entrou sem garrafas.

Cauvignac, e Canolles olharam um para o outro de um modo expressivo; porém o carcereiro não reparou nisso... Parecia tão apressado, o tempo era tão curto, reinava na masmorra uma tal escuridão...

Fechou a porta, e entrou.

Depois, aproximando-se dos prisioneiros, e tirando um papel da sua algibeira:

« Qual de vós, disse elle é o barão de Canolles? »

— Mal vai o negocio! « disseram juntos os dous homens olhando novamente um para o outro.

Com tudo, Canolles hesitou antes de responder, e Cauvignac fez outro tanto: o primeiro usára dos: e nome demasiado tempo, e por tanto não podia duvidar que o chamamento se dirigisse a elle; porém o outro tambem delle fizera bastante uso, e por isso receava que lho lembrassem. Canolles entendeu todavia que era preciso responder.

« Sou eu » disse elle.

O carcereiro se aproximou d'elle.

« Ereis governador de praça? »

— Sim

— Mas eu tambem era governador de praça; eu tambem me tenho chamado Canolles, disse Cauvignac. Vejamos, expliquemo-nos bem, e nada de enganos. Bem basta o que ja por minha causa aconteceu aquelle pobre Richon, sem que seja ainda causa da morte de outro.

— Assim vós agora chamaes-vos Canolles? perguntou o carcereiro.

— Sim, respondeu Canolles.

— E vós chamaste-vos outr'ora Canolles ? perguntou de novo o carcereiro a Cauvignac.

— Sim, respondeu este ; outr'ora, um dia sómente, e principio a acreditar que tive muito má lembrança aquelle dia.

— Sois ambos governadores da praça ?

— Sim, responderam juntos Canolles, e Cauvignac.

— Agora, com esta ultima pergunta tudo se lia de aclarar. »

Os dous prisioneiros, prestaram a mais viva attenção.

« Qual de vós, disse o carcereiro, é irmão de madama Nanon de Lartigues ? »

Aqui Cauvignac fez uma carantonhã, que teria sido comica n'um momento menos solenne.

« Quando eu vol-o dizia, interrompeu elle dirigindo-se a Canolles, quando eu vos dizia, querido amigo, que por ali é que me atacariam! »

Depois voltando-se para o carcereiro :

« E si eu, di-se elle, fosse o irmão de madama Nanon de Lartigues, que me direis vós, meu amigo.

— Dir-vos-ia que me acompanhasséis no mesmo instante.

— Fôra ! disse Cauvignac.

— Mas ella tambem me chamou seu irmão, disse Canolles, tentando desviar de algum modo as nuvens da tormenta que se iam amontoando então visivelmente sobre a cabeça do seu infeliz companheiro.

— Esperai, uma palavra mais, disse Cauvignac, passando por diante do carcereiro, e tomando Canolles a parte, uma só palavra mais,

meu cavalheiro, não é justo que sejais irmão-de-Nanon em semelhante circumstancia. Até agora fiz que os outros pagassem por mim, e justo que eu tambem pague uma vez por meu turno.

— Que quereis vós dizer? perguntou Canolles.

— Oh! isto levaria muito tempo; de mais disso bem vêdes que o nosso carcereiro está impaciente. e bate com o pé... Muito bem meu amigo, muito bem; socegai, eu já vos acompaño. Adeus pois, querido companheiro, continuou Cauvignac, eis pelo menos desfeitas as minhas duvidas acerca de um ponto, sou eu que vou em primeiro lugar. Deus queira que não tenhais de em breve me seguirdes! Agora o que resta, é saber o genero de morte. Com os diabolos! com tanto que não seja enforcado... Eu já vou, já vos sigo! Tendes muita pressa, meu bom homem! Vamos pois, meu querido irmão, meu querido cunhado, meu querido companheiro, meu querido amigo... Um derradeiro adeus, e boas noites!»

Cauvignac deu então um passo para Canolles estendendo-lhe a mão; Canolles pegou naquella mão com as suas, e apertou-a affectuosamente.

Entretanto Cauvignac olhava para elle com uma singular expressão.

« Que me quereis vós? disse Canolles; tendes alguma cousa que pedir-me?»

— Sim, disse Cauvignac.

— Então fallai com franqueza.

— Rezais vós algumas vezes? disse Cauvignac.

— Sim, respondeu Canolles.

— Ora pois, quando rezardes, dizei uma palavra por mim. »

E voltando-se para o carcereiro, que parecia estar cada vez mais impaciente :

« Eu é que sou o irmão de madama Nanon de Lartigues, lhe disse elle ; vindo meu amigo. . . »

O carcereiro não se fez rogar duas vezes, e levou consigo apressadamente a Cauvignac, que do limiar da porta fez o seu ultimo aceno a Canolles.

A porta tornou depois a fechar-se, os seus passos foram-se afastando pelo corredor, e novamente reinou o mais profundo silencio, silencio que, aquelle que ficava, pareceu o da morte.

Canolles ficou profundamente absorto n'uma tristeza que se assimilhava a terror. Este modo de levar um homem, durante a noite, sem bulha, sem apparato, e sem guardas, era mais assustador do que os aprestos do supplicio feitos á face do sol. Todavia, o susto todo de Canolles era pelo seu companheiro, porque a sua confiança em madama de Cambes era tam grande, que desde que a vira, apesar da fatal noticia que lhe annunciára, já nada receava relativamente á sua pessoa.

Esta a razão porque a unica coisa que realmente o occupava naquella hora, era a sorte reservada ao companheiro que lhe arrebatavam. Então lhe occorreu ao pensamento a ultima recommendação de Cauvignac. Pôz-se de joelhos e rezou.

Alguns instantes depois levantou-se, sentindo-se consolado, e forte, não esperando já se-

não uma cousa a chegada do soccorro prometido por madama de Cambes, ou a sua presença.

Durante este tempo Cauvignac ia seguindo o carcereiro pelo corredor sombrio, não proferindo uma só palavra, e reflectindo no que se passava com toda a seriedade possível.

No fundo do corredor, o carcereiro tambem fechou cuidadosamente a porta, assim como fizera á prisão de Canolles, e depois de ter escutado alguns ruidos vagos que subiam do andar inferior :

« Vamos, disse elle voltando-se arrebatadamente para Cauvignac, poude-vos a caminho, meu cavalheiro.

— Estou prompto, respondeu Cauvignac com bastante magestade.

— Não griteis tanto, disse o carcereiro, e andai mais depressa. »

E metteu-se por uma escada que ia ter ás masmorras subterreneas.

« Oh ! oh ! disse consigo Cauvignac, querer-me-am degollar entre duas paredes, ou fazer-me por um alcapão cabir morto n'algum calabouço ? ouvi dizer que algumas vezes se contentavam de expôr os quatro membros em uma praça publica, como fez Cesar Borgia a Dom Ramiro d'Orco. Vejamos, este carcereiro está só, traz chaves á cinta. Estas chaves devem abrir uma porta, seja ella qual fôr. Elle é pequeno eu sou alto; elle é fraco, eu sou forte; elle vai adiante, e eu vou atraz d'elle; e si eu quizer, em breve o terei esganado. Quero-o eu? »

E já Cauvignac, que a si proprio tinha respondido que o queria, estendia as suas mãos essu-

das para dar á execução o projecto que acabava de formar, quando de repente o carcereiro se voltou com terror.

« Chiton ! disse elle, não ouvis cousa nenhuma ? »

— Na realidade, continuou Cauvignac, faltando sempre consigo, alguma cousa ha de obscuro em tudo isso ; e tantas precauções, sinão me socegam, devem inquietar me muito. »

« Por isso parando de subito :

« Ora vamos, disse elle, para onde me levais ? vejamos. »

— Não o vêdes ? disse o carcereiro, para o subterraneo.

— Uil disse Cauvignac, quereram enterrar-me vivo ? »

O carcereiro encolheu os hombros, enfiou um dedalo de corredores, e chegando a uma portinhola baixa, arqueada, e humida, atraz da qual se ouvia um ruido estranho, abriu-a.

« O rio ! exclamou Cauvignac, assustado ao vêr a agua que corria, sombria, e negra como a do Acheronte.

— Sim. o rio ; sabeis vós nadar ?

— Sim. . . não. . . se. . . mas para que diabo me fazeis tal pergunta ?

— Porque se não sabeis nadar seremos obrigados a aguardar um barco que está lá em baixo á espera, e é um quarto de hora perdido. e de mais disso podem ouvir o signal que vou dar, e por conseguinte apañarem-nos.

— Apañarem-nos ! exclamou Cauvignac : Pelo que vejo, meu amigo, nós fugimos ?

— Sem duvida alguma que fugimos.

— Para onde?

— Para onde quizermos.

— Então estou livre?

— Livre como o ar.

— Oh! meu Deus! exclamou Cauvignac.

E sem ajuntar uma só palavra a esta eloquente exclamação, sem olhar em torno de si, sem lhe reportar si o seu companheiro o acompanhava, saltou no rio, e mergulhou mais rapidamente do que houvera feito uma lontra perseguida. O carcereiro imitou-o, e ambos, depois de um quarto de hora de esforços silenciosos para romper a corrente, acharam-se á vista do barco. Então o carcereiro as obiou tres vezes, nadando sempre; os remeiros, reconhecendo o signal convencionado, vieram ao seu encontro, içaram-nos promptamente para o seu barco, e, sem dizerem uma só palavra, remaram com toda a força, e em menos de cinco minutos desembarcaram nos a ambos na praia opposta.

« Oh Deus! que ventura! disse Cauvignac que, desde o momento em que com tanta resolução se lançára ao rio, não proferira uma só palavra; eis-me pois salvo! Querido carcereiro do meu coração, Deus vos recompensará.

— Em quanto não chegy a recompensa que Deus me reserva, disse o carcereiro, recebi uma^a quarenta mil libras, que me ham de ajudar a ter paciencia.

— Quarenta mil libras! exclamou Cauvignac estupefacto, a quem diabo pôde ter despedido quarenta mil libras por amor de mim? »

Uma palavra de explicação necessaria, e de-

pois della tornaremos a seguir o fio da nossa historia.

Além de que, já é tempo de voltarmos a Nanon de Lartigues, que ao aspecto do infeliz Richon expirando no mercado de Libourne, deu um grito, e perdera os sentidos.

Com tudo Nanon, como já o devemos ter visto, não era mulher de debil compleição; a pezar da delicadeza do seu corpo, e da exiguidade das suas proporções, supportára largos desgostos, resistira a grandes fadigas, arrostára grandes perigos, e aquella alma, ao mesmo tempo terna, e vigorosa, dotada de uma tempera pouco commum, sabia curvar-se, e amoldar-se ás circumstancias, para resurgir mais forte a cada folga que o destino lhe dava.

O Duque d'Epernon, que a conhecia, ou para melhor dizer, que julgava conhece-la, deveo admirar-se de a vêr tão completamente abatida pelo aspecto de uma dôr fysica: ella que, no incendio do seu palacio, em Agen, estivera a ponto de ser queimada viva sem soltar um grito, com receio de dar gosto aos seus inimigos, que lhe desejavam este supplicio, que um de entre elles, mais exasperado do que os outros, preparára á valida do governador detestado! ella, Nanon, que no meio daquelle tumulto, vira perecer duas das suas criadas, assassinadas em lugar della, e que não dera mostra alguma do susto....

O desmaio de Nanon durou quasi duas horas, e terminou por horrorosos ataques de nervos, durante, os quaes não pôde fallar, mas sómente arrancar gritos inarticulados. Foi tal o perigo

em que se viu. que a propria Rainha, depois de ter mandado muitas mensagens á enferma, foi pessoalmente fazer-lhe uma visita, e que o Cardeal Mazarin, recentemente chegado, quiz ficar á cabeceira da sua cama para lhe receitar remedios, pois muito se prezava de entender de medicina: remedios fysicos para aquelle corpo ameaçado, e remedios espirituales para aquella alma em perigo!

Nanon porém não recobrou o uso dos sentidos muito pela noite adiante. Então ainda lhe foi preciso algum tempo para coordenar as suas idéas, mas a final, apertando a sua cabeça com ambas as mãos, exclamou com voz pungente:

« Estou perdido! mataram-me! »

Foi uma felicidade parecerem estas palavras tão extravagantes, que os assistentes attribuiram-nas ao estado delirante, em que se achava.

Com tudo estas palavras tal impressão fizeram no espirito dos circunstantes, que não as esqueceram, e quando pela manhã o Duque d'Epemou voltou de uma expedição, que o afastára de Li-bourne na vespera, soube ao mesmo tempo o desmaio de Nanon, e as palavras que proferira recobrando o uso dos sentidos. O Duque conhecia toda a effervescencia daquella alma de fogo; conhecia que nella havia mais do que delirio: tratou logo de ir ter com Nanon, e aproveitando o primeiro momento de solidão que lhe deixaram os visitantes:

« Minha querida, lhe disse elle, eu soube tudo o que soffrestes por causa da morte de Richon, que tiveram a imprudencia de vir enforcar debaixo das voßas janellas.

— Oh! na realidade, isso é horroroso! isso é infame! exclamou Nanon.

— Para a outra vez, podeis ficar sosegada a este respeito, disse o Duque, agora que sei o effeito que isto vos faz, mandarei enforcar os rebeldes em outro sitio. Mas de quem pois fallaveis vós quando dizeis que vo-lo mataram? Não podia ser de Richon, segundo creio, porque nunca Richon foi para vós cousa nenhuma, nem se quer um simples conhecimento.

— Ah! sois vós, Senhor Duque? disse Nanon levantando-se sobre o cotovello, e agarrando-lhe no braço.

— Sim, sou eu; e estimo muito que me conheçais. o que é uma prova de que vos ides restabelecendo. Mas de quem fallaveis vós?

— Delle! Senhor Duque, delle! disse Nanon com um resto de delirio: vós é que o matastes! Oh! que desgraçado homem!

— Minha querida, vós assustais-me. O que é pois que dizeis?

— Digo que o matastes. Não me compreendeis, Senhor Duque?

— Não, querida amiga, replicou Mr. d'Epernon tratando de fazer fallar Nanon, e aproveitando-se das idéas que lhe suggeria o seu delirio; como podia eu mata-lo si o não conheço?

— Não sabeis que é prisioneiro de guerra, que era capitão, que era governador, que tinha os mesmos titulos, e a mesma patente que o pobre Richon, e que os Bordelezes vão vingar nelle o assassinio daquelle que mandastes assassinar? pois por mais que tomeis a apparencia da justiça, é um verdadeiro assassinio, Senhor Duque »

O Duque, confuso com esta censura, com o fogo daquelles olhos chamejantes, com a acção febril daquelle gesto energico, recuou enfiando.

« Oh! é verdade! é verdade! exclamou elle batendo na testa, tinha-me esquecido daquelle pobre Canolles.

— Meu irmão! meu pobre irmão! exclamou por seu turno. Nanon, feliz em poder desafogar a sua dôr, e dando ao seu amante o titulo de baixo do qual Mr. d'Epéron o conhecia.

— Tendes razão, disse o Duque, esou eu que tenho uma cabeça sem miolos. Como diabo pude eu esquecer o meu pobre amigo! Porém não é ainda tempo perdido; apenas poderam agora saber esta noticia em Bordeus; o tempo de se reunirem, de sentenciarem.... De mais disso, elles ham de hesitar

— E a Rainha hesitou? disse Nanon.

— Mas a Rainha é a Rainha; ella tem o direito de vida, e de morte. Quanto a elles, não sam mais do que uns rebeldes.

— Ah! disse Nanon, é mais uma razão para que não respeitem cousa alguma; mas vejamos dizei, que quereis vós fazer?

— Ainda o não sei, mas tende confiança em mim.

— Oh! disse Nanon, querendo levantar-se, ainda quando eu devesse ir a Bordeus entregar-me em seu lugar, não morrerá.

— Socegai, minha querida, este negocio fica por minha conta. Eu fiz o mal, e dou-vos a minha palavra de que hei de repara-lo! A Rainha

ainda tem alguns amigos na cidade, não tenhais pois cuidado. »

O Duque fazia esta promessa no intimo do seu coração.

Nanon leu nos seus olhos a convicção, a franqueza, e sobre tudo a boa vontade: sentiu-se então dominada de tamanha alegria, que pegando nas mãos do Duque:

« Oh! senhor, disse, imprimindo nellas ardentes beijos, si o puderdes alcançar, quanto vós amarei? »

O Duque sentiu-se enternecido a ponto de derramar lagrimas: era a primeira vez que Nanon lhe fallava com aquella expansão, e lhe fazia uma tal promessa.

Sahiu immediatamente do quarto certificando de novo a Nanon que nada tinha que receir; depois mandando chamar um dos seus criados, cuja destreza, e fidelidade lhe eram bem conhecidas, ordenou lhe que fosse a Bordeus, que entrasse na cidade, ainda que tivesse de escalar as muralhas, e que entregasse ao advogado Lavie o bilhete seguinte, escripto todo pelo seu proprio punho:

« Impedir que aconteça mal algum a Mr. de Canolles, capitão commandante de praça ao serviço de Sua Magestade.

« Se este official está preso, como se presume, pô-lo em liberdade por todos os meios imaginaveis: seduzir os guardas com o offerecimento de todo o ouro que pedirem; chegar até com mil escudos, um milhão, se fôr preciso, e ficar certo da protecção do Duque

« d'Épernon para ser provido em algum empre-
« go lucrativo.

« Si a corrupção não sortir effeito, valer-se-
« da força; não parar diante de obstaculo al-
« gum: a violencia, o incendio, a morte, tudo
« será desculpado.

« Signaes:

« Estatura alta, olhos pretos, nariz curvo.
« Em caso de duvida, perguntar: *Sois o irmão*
« *de Nanon?*

« *Celeridade*; não se pôde perder um mo-
« mento.»

O mensageiro partiu. Tres horas depois esta-
va em Bordeas. Entrou em uma quinta, trocou
o seu trajo pelo de um camponez e penetrou na
cidade conduzindo um carro cheio de farinha.

Lavie recebeu a carta um quarto de hora de-
pois da decisão do conselho de guerra. Fez-se
abrir a porta da prisão, fallou ao carcereiro
mór, offereceu-lhe vinte mil libras, que elle re-
cusou; depois trinta mil, que tambem recusou;
a final quaranta mil, que accitou.

Sabe-se como, enganado com aquella pergun-
ta, que no entender do Duque d'Épernon, devia
livrar de todo o engano: «sois o irmão de Na-
non?» Cauvignac, no unico movimento de gene-
rosidade que talvez houvesse tido durante toda a
sua vida respondera «Sim.» E tomando deste
modo o lugar de Canolles, achara se em liber-
dade, com grande admiração sua.

Cauvignac foi levado n'um cavallo ligeiro para
a aldêa de Saint-Loubès, que estava em poder
dos epernonistas. Alli encontrou um mensageiro
do Duque, que viera ao encontro do fugitivo

n'uma cavalgada do mesmo Duque, que era uma egua hespanhola de grande preço.

« Está salvo? exclamou elle dirigindo-se ao chefe da escolta que conduzia Cauvignac.

— Sim, respondeu este, e aqui o trazemos. »

Era o que o mensageiro queria saber: fez no mesmo instante voltar o seu cavallo, e deitou a correr com a rapidez do raio pela estrada de Libourne. Hora e meia depois, a egua toda alagada em suor foi cair a porta da cidade, arremessando o seu cavalleiro aos pés de Mr. d'Epernon, que palpitava de impaciencia por ouvir a palavra: *Sim*. O mensageiro, cansado, e moido, teve ainda a força de pronunciar esta palavra: *Sim*, que tão cara custava, e o Duque correu sem perder um momento a casa de Nanon, que, sempre retirada na sua cama, fóra de si e com os olhos espantados, fitava na porta atulhada de servidores o seu olhar insensato.

« Sim, exclamou o Duque d'Epernon, sim, está salvo, minha querida, vem após mim, e vós ides ve-lo ! »

Nanon saltou de alegria no seu leito, estas breves palavras arrancavam lhe do peito o peso que a suffocava: levantou as mãos ao Ceu, depois, debulhada em lagrimas, que esta inesperada ventura lhe arrancava dos olhos, que a desesperação tornára aridos, exclamou com uma voz, que não é possível descrever:

« O' meu Deus! meu Deus! eu vos agradeço ! »

Depois abaixando os olhos do Ceu para a terra, viu ao seu lado o Duque d'Epernon, tão feliz com a sua ventura, que parecia tomar tanto interesse pelo prisioneiro como ella, En-

tão sómente e que se offereceu ao seu espirito este doloroso pensamento:

« Como será o Duque recompensado da sua bondade, e da sua sollicitude, quando vir o estranho no lugar do irmão? o embaste de um amor quasi adultero substituido ao sentimento tão puro da amizade fraternal? »

A resposta de Nanon a si mesma foi curta, e energica.

« Ora pois, não importa, pensou aquelle coração sublime ao mesmo tempo de abnegação, o de extremoso zelo, não o enganarei mais, confessar le-hei tudo: expulsar-me-ha, amaldiçoar-me-ha; então prostrar-me hei aos seus pes para agradecer-lhe o que ha tres annos tem feito a meu favor, Depois, pobre, humilhada, mas feliz, saberei daqui rica com o meu amor, e feliz com a vida nova que nos esperará ... »

Foi no meio deste sonho de abnegação, no qual a ambição era sacrificada ao amor, que a fileira dos criados se abriu, e que um homem se precipitou no quarto, onde Nanon estava deitada, exclamando:

« Minha irmã! minha boa irmã! »

Nanon assentou-se na cama, abriu os seus grandes olhos espantados, tornou se mais branca do que a almofada collocada atraz da sua cabeça, e segunda vez cahiu como si fôra ferida pelo raio, murmurando:

« Cauvignac! ó meu Deus! Cauvignac!

— Cauvignac! repetio o Duque volvendo em torno de si olhos espantados, que procuravão evidentemente aquelle a quem se dirigia esta

interpellação. Cauvignac! disse elle, quem é que se chama aqui Cauvignac?»

Cauvignac teve todo o cuidado de não responder; estava ainda muito pouco saivo para se atrever a fallar com franqueza, a qual de mais disso nem sequer nas circumstancias habituaes da vida lhe era familiar; facil lhe foi de comprehender que respondendo deitava a perder sua irmã, e deitando a perdêr sua irmã arruinava se infallivelmente a si mesmo; por muita inventiva que tivesse, não proferiu palavra, deixando fallar a Nanon, e reservando para si o encargo de corrigir as suas palavras,

« E Mr. de Canolles! » exclamou esta em tom de furiosa repreensão e fluminando Cauvignac com o duplicado fulgor dos seus olhos.

O Duque franzia as sobrancelhas, e principiava a morder o bigode. Os circunstante, á excepção de Finette, que estava muito pallida, e Cauvignac, que fazia quanto lhe era possível por não desmaiar, ignoravam o que significava aquella inesperada cólera, e olhavam espantados uns para os outros.

« Pobre irmã, murmurou Cauvignac ao ouvido do Duque, tamanho susto lhe deu o perigo em que estive, que está tresvariada, e não me reconhece.

— A mim, ó miseravel! é que deves responder, exclamou Nanon; sim, a mim! Onde está Mr. de Canolles? que é feito d'elle? Responde, mas responde já! »

Cauvignac tomou uma resolução desesperada: era preciso jogar o todo pelo tudo, e firmar se na sua impudencia, porque procurar a sua salva-

eram n'uma confissão, dar a saber ao Duque d'Epornon a duplicada personagem daquelle falso Canelas, a quem elle favorecera, e deste verdadeiro Cauvignac, que recrutára soldados contra a Rainha, e vendera á Rainha estes mesmos soldados, era querer ir fazer companhia a Richon na trave do mercado. Aproximou-se pois do Duque d'Epornon, e com as lagrimas nos olhos:

« Oh! Senhor, disse elle, já não é delirio, é loucura; e a dor, como o estais vendo, deu-lhe volta ao miolo, a ponto de não reconhecer já os seus mais proximos parentes. Si ha alguma que seja capaz de restituir-lhe o uso da razão, muito bem vedes que sou eu; mandai pois, eu vo-lo supplico de Finette, que deve ficar para socorrerla em caso de necessidade; porque, assim como eu, tereis pezar de vêr rir os indifferentes á custa de minha pobre irmã! »

Talvez que o Duque não consentisse facilmente neste meio proposto por Cauvignac (pois, por muito crédulo que fosse, principiava este a inspirar-lhe alguma desconfiança), si um mensageiro não tivesse vindo da parte da Rainha dizer-lhe que o esperavam no palacio, visto que o Senhor Mazarin tinha convocado um conselho extraordinario.

Em quanto o enviado cumpría a sua mensagem, Cauvignac inclinou-se para Nanon, e disse-lhe rapidamente:

« Pelo Santo nome de Deus, serenai-vos minha irmã, para que sem testemunhos possamos dizer um ao outro algumas palavras, e tudo ficará remediado. »

Nanon deixou-se cahir no seu leito, si não so-

cegada, ao menos senhora de si, porque a esperança, ainda que se a dada em pequena dóse, é um balsamo que adoça os soffrimentos do coração.

Quanto ao Duque, decidido a representar até ao fim o papel dos Orgãos, e dos Gerontes, chegou-se para Nanon, e beijando-lhe a mão:

« Vamos, minha querido, lhe disse elle, eis a crise passada, segundo me parece; recobrai o uso da vossa razão, deixo-vos com aquelle irmão que tanto amais, porque a Rainha me manda chamar. Podéis ficar certa de que nada menos era preciso do que uma ordem de Sua Magestade para que vos deixasse em um tal momento. »

Nanon sentiu que estava a ponto de perder o alento. Não teve força para responder ao Duque, e nada mais fez do que oltir par a Cauvignac, e apertar-lhe a mão, como para dizer-lhe:

« Não me enganastes nós, meu irmão, e posso na realidade ter alguma esperança? »

Cauvignac respondeu a este aperto de mão com outro aperto de mão, e voltando-se para Mr. d'Epernon:

« Sim, Senhor Duque, disse elle, a crise mais violenta está passada, e minha irmã em breve se convencerá de que tem junto de si um amigo fiel e um coração zeloso, prompto a tudo tentar para restituir-lhe a liberdade, e a ventura. »

Nanon não pôde mais conter-se, rompeu em soluços, ella que não costumava chorar, ella que era dotada de um espirito vigoroso; tantas cousas porém a tinham quebrantado, que já não era mais do que uma mulher ordinaria. isto é, fraca e que experimentava a necessidade das lagrimas.

O duque d'Epéron sain abanando a cabeça, e recominendando com os olhos Nanon a Cauvignac. Assim que elle sain :

« Oh ! quanto aquelle homem me fez soffrer ! exclamou Nanon ; si se tivesse demorado um instante mais, parece-me que teria morrido. »

Cauvignac fez com a mão um signal que recommendava o silencio ; depois foi encostar o ouvido à porta para certificar-se de que o duque se ia realmente afastando.

« Oh ! que me importa a mim , exclamou Nanon, que escute ou que não escute ! Vós dissestes-me em voz baixa duas palavras para socegoar-me, fallai, que pensais vós ? que esperais ? »

— Minha irmã, replicou Cauvignac tomando um ar serio que não lhe era habitual, não vos affli marei que tenho a certeza de ser bem succedido, porém repetir-vos-ei o que já vos disse que farei quanto me seja possivel para isso.

— Ser bem succedido em que ? perguntou Nanon ; entendamo-nos bem desta vez, não haverá ainda entre nós algum terrivel quiproquo ?

— Em salvar o infeliz Canoltes »

Nanon cravou nelle os olhos com uma fixidade assustadora.

« Está perdido ! não é assim ? »

— Ai de mim ! respondeu Cauvignac, si me perguntais a minha opinião franca, e completa, confesso que a sua posição me parece má.

— Com que serenidade elle o diz ! exclamou Nanon. Mas não sabes, desgraçado, o que para mim é aquelle homem ? ...

— Sei que é um homem que preferis a vosso irmão, pois que o salvaveis de preferencia a mim

« e quando em mim puzestes os olhos me recebestes a maldicoando-me. »

Nanon fez um movimento de impaciencia.

« Ah ! tinheis muita razão ! continuou Cuvignac, e não vol-o digo para repreender-vos, mas tam sómente como uma simply observação; por quanto prestai me attenção (e punha a mão sobre o coração), não me atrevo a dizer em minha consciencia, com medo de mentir; si ainda estivessemos ambos na masmorra do castello Trompette; eu, sabendo o que agora sei, teria dito a Mr. de Canolles : « senhor, Nanon chamou-vos seu irmão, a vós é que procuram, e não a mim; e então elle é que teria vindo em meu lugar, e eu morreria no seu.

— Mas então tem de morrer ! exclamou Nanon com aquella explosão de dôr, que é uma prova de que nos espiritos, por mais bem organisados que sejam, o sentimento da morte nunca penetra siã) no estado de receio, e nunca no estado de certeza, visto que a affirmacão dá um golpe tam violento; mas então tem elle de morrer !

— Minha irmã, respondeu Cuvignac, eis quanto vos posso dizer, e o que deve servir de base ao que vamos fazer; sam nove horas da noite; desde as duas horas da tarde fazem-me correr, talvez se tenham entretanto passado muitas cousas. Não vos affijais desse modo ! porque tambem pó te succeder que não se tenha passa lo cousa alguma absolutamente. Eis uma idéa que me occorre.

— Fallai depressa.

— Tenho a uma legua de Bordeus cem homens, e o meu tenente.

— E' homem seguro?

— E' Ferguzon.

— E então?

— E então, minha irmã, apesar do que diga Mr. de Bouillon, do que faça Mr. de Laroche-Moucault, e do que possa pensar a senhora Princesa, que se julga muito melhor capitão do que aquelles dous generaes. Entendo que com cem homens, de que sacrificarei metade, poderei chegar até onde está Mr. de Canolles.

— Ah! estais muito enganado, meu irmão; não chegareis lá! não chegareis lá!...

— Hei de chegar, ou far-me-ei matar.

— Ai de mim! a vossa morte provar-me ha a vossa boa vontade; porém a vossa morte não vo salvará! Está perdido! está perdido!

— E eu digo-vos que não, ainda que houvesse de entregar-me em seu lugar, exclamou Cauvignac com um transporte quasi de generosidade, que a elle mesmo lhe causou espanto.

— Entregades vos vós!

— Sim, eu, sem duvida, porque a final ninguem tem motivo para aborrecer aquelle bom Mr. de Canolles, e toda a gente o estima, em quanto a mim, pelo contrario, todos me detestam.

— A vós! e porque razão vos detestam?

— A razão é muito simples, porque tenho a honra de pertencer vos pelos mais estreitos vinculos do sangue. Perdoai, querida irmã, porém para uma boa realista, é muito lisonjeiro o que vos eu digo.

— Defende-vos um momento, disse vagarosamente Nanon pondo o dedo nos beiços.

— Eu vos presto attenção.

— Dizeis pois que sou muito detestada pelos Bordenzes ?

— Quere dizer que vos olham com execração.

— Ah ! na realidade, disse Nanon com um sorriso meio pensativo, e meio alegre.

— Eu não julgava dizer-vos cousa que vos fosse tam agradável.

— Sim, sim, disse Nanon; si não é agradável é pelo menos muito assisado. Sim, tendes razão e continuou ella fallando antes comsigo mesma do que com seu irmão; não é a Mr. de Canolles que aborrecem, não é a vós tão pouco. Esperai, esperai. »

Levantou se, passou á roda do seu pescoço flexivel, e ardente uma comprida manta de seda, e sentando se á mesa, escreveu á pressa algumas linhas, que Cauvignac, pela côr do seu rosto e pelo arquejar do seu peito, julgou que deviam ser muito importantes.

« Tomai isso, disse ella fechando a carta; ide depressa, só, sem soldados, e sem escolta, a Bordenz; ha no estrebario um cavallo que pôde andar esse camiinho em uma hora. Chegai o mais depressa que possam permittir-vol-o os meios humanos, apresentai esta carta á senhora Princeza, e Mr. de Canolles será salvo »

Cauvignac olhou para sua irmã com espanto; porém como sabia qual era a perspicacia daquelle espirito vigoroso não perdeu tempo a commentar as suas frases: correu á estrebaria montou no cavallo designado, e passada meia

hora já tinha andado mais de metade do caminho; quanto a Nanon, assim que o viu partir da sua janella, pôz-se de joelhos, ella que era uma atheista, fez uma breve oração, metten o seu ouro, as suas joias, e os seus diamantes em um cofre, mandou preparar uma carruagem, e disse a Finette que lho vestisse os seus melhores vestidos.

A noite ia huixando sobre Bordeus, e a não ser o bairro da Esplanada para onde toda a gente concorria, a cidade parecia deserta. Outro nen'um ruido se ouvia nas ruas afastadas daquelle lugar privilegiado, sinão o passo das patrulhas; outra nen'uma voz a não ser a de alguma velha que se recolhia fechando a sua porta com terror.

Porém do lado da esplanada, lá ao longe na cerração da noite, ouvia-se um rumor surdo, e continue, como o susurro da maré na vasante.

A Senhora Princeza acabava de concluir a sua correspondencia, e mandára dizer ao Duque de Larochehoucault, que podia recebê-lo.

Aos pés da Princeza, humildemente prostrada em um tapete, estudando com a mais viva ansiedade o seu semblante, e o seu bom ou máo humor, madama de Cambes parecia esperar o momento de fallar sem ser importunada; porém aquella paciencia constrangida, daquella doçura estudada, erão sobejamente desmentidas pelas crispacões das suas mãos, que amarrotavam, e despedaçavam um lenço.

« Setenta e sete assignaturas! exclamou a Princeza; muito bom vêdes, Clara, que em fazer o papel de Rainha, não é tudo prazer.

— Per loai-me, Senhora, respondeu a viscondessa; porque, tomando o lugar da Rainha, vos arrogastes o seu mais bello privilegio, o de perdoar.

— E o de castigar. Clara, replicou orgulhosamente a Princeza de Condé, pois uma destas setenta e sete assignaturas foi n'uma sentença de morte.

— E a septuagesima-oitava será sim uma mercê de perdão, é assim Senhora? replicou Clara com voz supplicante.

— Que dizes, pequena?

— Digo, Senhora, que me parece ser tempo de ir libertar o meu preso; não quereis que lhe poupe o horroroso espectaculo de vôr conduzir o seu companheiro á morte? Ah! Senhora, visto que tivestes a bondade de conceder-lhe o perdão, seja pleno, e completo.

— Pela minha fé, sim! tens razão, minha pequena, disse a Princeza; porém o certo é, que tinha esquecido a minha promessa no meio destas graves occupaões, e fizeste bem em lembrar-ma

— Então . . . exclamou Clara muito alegre.

— Então faz o que quizeres.

— Então mais uma assignatura, Senhora, disse Clara com um sorriso que houvera commovido o coração mais duro, sorriso que nenhuma pintura poderia exprimir, porque só pertence á mulher que ama, isto é, á vida na mais divina essencia.

E pôz um papel sobre a mesa da Senhora Princeza, e indicou-lhe com a ponta do dedo grande, devia assentar a mão,

Madama de Condé escreveu :

« Ordem ao senhor governador do castello
« Trompette, para deixar entrar a senhora vis-
« condessa de Cambes na prisão do senhor
« barão de Canolles, a quem damos plena, e
« inteira liberd. de. »

— E' isto que queres? perguntou a Princeza

— Oh! sim, Senhora! exclamou madama de Cambes.

— E é preciso que eu assigne?

— Sem dũvida que é preciso.

— Vamos. pequena, disse madama de Condé com o seu mais encantador sorriso. não ha remedio sinão fazer o que tu queres. »

— E assignou.

Clara cahiu sobre o papel como uma aguia sobre a sua preza. Apenas se demorou o tempo necessario para agradecer a Sua Alteza, e apertando o papel ao seu coração, arremessou-se do quarto.

Na escada encontrou o Duque de Laroche-
foucault, a quem um acompanhamento bastante numeroso de capitaes. e de povo sempre acompanhava nos seus passeios pela cidade.

Clara fez-lhe uma pequena, e alegre cortezia. Mr. de Laroche-
foucault, espantado, parou um instante no patamar, e antes de entrar no quarto de madama de Condé, seguiu-a com os olhos até ao fundo da escada.

Depois chegando-se ao pé de Sua Alteza :

« Senhora, disse elle, tudo está prompto,

-- Onde?

— La em baixo! »

— Mas, continuou o duque, o vosso parecer é que sempre um dos dous expie a morte de Richon; pois ficando aquella morte sem vingança, daria a entender que Vossa Alteza faz muito pouco apreço dos bravos que se consagram ao seu serviço.

— Oh! certamente; e um dos dous morrerá, dou-vos a minha palavra! podeis ficar socgado a este respeito.

— Poderei eu saber a qual dos dous Vossa Alteza se dignou fazer graça?

— A Mr. de Canolles.

— Ah!»

Este *ah!* foi pronunciado de um modo estranho.

«Terieis vós alguma cousa de particular contra este gentilhomem, senhor duque? perguntou a Princeza.

— Eu, senhora! por ventura tive eu jámais alguma cousa pro ou contra alguém? Classifico os homens em duas categorias, os obstaculos, e os amparos. Ha mister derribar uns, e sustentar os outros... em quanto nos sustentarem: eis a minha politica, senhora, e quasi que diria a minha moral.

— Em que diabo está elle cogitando, e aonde quererá ir parar? perguntava Lenet a si mesmo: dava ares de detestar o pobre Canolles.

— Ora pois, replicou o duque, si Vossa Alteza não tem outra ordem que dar-me...

— Não, senhor duque.

— Retirar-me-ei com licença de Vossa Alteza.

A Princeza pareceu querer recordar-se de alguma cousa,

« Na esplanada continuou o Duque.

— Ah! muito bem, respondeu a Princeza affectando muita serenidade, porque via que olhavam para ella, e que, a pezar da sua natureza de mulher, que lhe ordenava de estremecer, dava ouvidos á sua dignidade de chefe de partido, que lhe ordenava de não franquear. Pois bem, si tudo está prompto, ide, Senhor duque. »

O duque hesitou.

« Julgais conveniente que eu haja de assistir? perguntou a Princeza com um tremor de voz, que a pezar do poder que tinha sobre si mesma não pôde reprimir completamente.

— Como quizerdes, senhora, respondeu o duque, que talvez neste momento fazia um dos seus estudos physiologicos.

— Veremos, duque, veremos, já sabeis que perdoei a um dos condemnados?

— Sim, senhora.

— E que vos parece desta medida?

— Digo que tudo o que Vossa Alteza faz é bem feito.

— Sim, replicou a Princeza, antes quero isso. Será mais digno de nós mostrar aos epernouistas que não tememos usar de represalias, tratar de potencia a potencia com Sua Magestade, mas que, confiados na uossa força, correspondemos ao mal sem furor, e sem exaggeração

— Isto é muito politico.

— Não é assim, duque? disse a Princeza, que buscava penetrar, pelo som da voz de Laroche-foucault a sua verdadeira intenção.

— Então é esta mesma noite ? perguntou madama de Condé.

— D'aqui a um quarto de hora.»

Lenet dispôz-se a seguir o duque.

« Vós ides ver isso, Lenet ? perguntou a Princesa.

— Oh ! não, senhora, disse Lenet, eu não posso supportar commoções violentas, vós bem o sabeis ; contentar-me-ei de ir até meio caminho, isto é, até a prisão, e de ver o quadro tocante da soltura do pobre Caolles pela mulher que elle ama »

O duque fez uma cara amuada de filosofo, Lenet encolheu os hombros, e o acompanhamento fúnebre saiu do palacio para dirigir-se a prisão.

Madama de Cambes não gastára cinco minutos em franquear aquelle espaço ; chegou, mostrou a ordem á sentinella da ponte levadiça, depois ao porteiro do castello, e mandou chamar o governador.

O governador examinou a ordem com os olhos embaciados de um governador de prisão, que nunca se altera, nem a vista de uma sentença de morte, nem de um perdão ; reconheceu o sello, e assignatura de madama de Condé, saudou a mensageira, e voltando-se para a porta :

« Ide chamar o tenente, » disse elle.

Depois fez signal a madama de Cambes para que se assentasse : porém ella estava demasiado agitada, e não podia deixar de combater a sua impaciencia pelo movimento : deixou-se ficar em pé.

O governador julgou dever dirigir-lhe a palavra :

« Conheceis vós Mr. de Canolles ? disse elle com a mesma voz com que houvera perguntado que tempo fazia.

— Oh ! sim ! senhor , respondeu a viscondessa.

— Talvez seja vosso irmão , senhora ?

— Não , senhor.

— Vosso amigo ?

— E' . . . é meu noivo , disse madama de Cambes , esperando que com esta declaração o governador se apressaria mais a pôr o preso em liberdade.

— Ah ! replicou o governador no mesmo tom que ate alli adoptára , dou-vos os parabens , minha senhora . »

E não tendo mais perguntas que fazer , o governador tornou a ficar immovel , e silencioso :

O tenente entrou.

« Senhor d'Outremont , disse o governador , chamai o chaveiro mór , e mandai pôr em liberdade Mr. de Canolles : eis a ordem de soltura . »

O tenente inclinou-se , e pegou no papel

« Quereis vós esperar aqui ? perguntou o governador.

— E'-me pois prohibido acompanhar o senhor ?

— Não , senhora

— Então acompanhai-o-ci , pois bem deveis comprehender que muito desejo ser a primeira que lhe dê a noticia de que está salvo.

— Ide pois , minha senhora , e fazei certa da minha profundo respeito . »

Madama de Cambes fez uma cõrtezia rápida ao governador, e seguiu o tenente.

Este era precisamente o mancebo que já conversára com Canolles, e Cauvignac, e desempenhava as suas ordens com toda a diligencia da sympathia.

Em um momento madama de Cambes, e ella acharam-se no pateo.

« O chaveiro mór ? » gritou o tenente.

Depois voltando-se para madama de Cambes :

« Não estejais inquieta, minha senhora, disse elle, em breve se achará aqui. »

O segundo chaveiro chegou.

« Senhor tenente, disse elle, o chaveiro mór desappareceu ; de balde o tem procurado.

— Oh ! senhor, exclamou madama de Cambes, isso ainda nos demorará muito tempo ?

— Não, senhora, a ordem é formal ; por conseguinte ficai socegada. »

Madama de Cambes deu-lhe os agradecimentos, fixando nelle os olhos com uma expressão, que só pertence á mulher, e ao anjo.

« Tendo as chaves duplicadas de todas as prisões ? perguntou Mr. d'Outremont.

— Sim, senhor, respondeu o chaveiro.

— Ide abrir o quarto de Mr. de Canolles.

— Mr. de Canolles occupa o numero 2?

— Isso mesmo, o numero 2 abri depressa.

— De mais disso, continuou o chaveiro, creio que estão ambos juntos : escolher-se-ha o bom. »

Em todos os tempos os carcereiros tem sido gracejadores.

Porém madama de Cambes era demasiado fe-

liz, e por tanto não se escandalizou com este atroz gracejo. Pelo contrario riu-se; até houvera abraçado aquelle homem, si preciso fosse, para que si elle apressasse, e ella pudesse vêr Canolles um segundo mais cedo.

Finalmente abre-se a porta. Canolles, que ouviu passos no corredor, que reconheceu a voz da viscondessa, Canolles se precipita nos seus braços, e ella, fóra de si de contentamento, esquecendo-se de que ainda não é seu marido, aperta-o ao coração com toda a sua força.

O perigo, que elle correa, aquella separação eterna, á borda da qual chegaram, como á de um abysmo, tudo desculpa, tudo purifica.

« Então, meu amigo, disse ella radiosa de alegria, e de orgulho, vêdes que cumpro a minha palavra, alcancei o vosso perdão, como vol-o promettêra, venho buscar-vos, e podemos pôr-nos a caminho! »

E, em quanto assim fallava, ia arrastando Canolles para o corredor.

« Senhor, disse o tenente, podeis consagrar toda a vossa vida a senhora, porque sem duvida nen'uma a ella é que a deveis. »

Canolles não respondeu cousa alguma; mas os seus olhos fixaram-se ternamente no anjo libertador; mas a sua mão apertou a mão da mulher...

« Oh! não vos apresseis tanto, disse o tenente sorrindo-se, nada ja tendes que recear, e estais livre; disponde-vos por tanto com todo o vagar a abrir as vossas azas. »

Porém madama de Cambes, sem dar ouvidos a estas palavras animadoras, continuava a apressar

tar Canolles pelos corredores. Canolles em nada se lhe oppunha, fazendo signaes de despedida ao tenente, a que este correspondia. Chegão a escada que desceram como se os dous amantes tivessem aquellas azas de que o tenente acabava de fallar. Finalmente chegãram ao pátœu: só lhes faltava franquear uma porta, e franqueada esta, a atmospherã da prisão já não pesará sobre os seus dous pobres corações. . . .

A final abriu-se esta ultima porta.

Porêm do outro lado da porta uma tropa de gentishomens, de guardas, e de archeiros atulhavam a ponte levadiça: era Mr. de Larochehoucault, e os seus acolytos.

Sem saber porque, madama de Cambes estremeceu. Sempre lhe acontecera alguma desgraça todas as vezes que se encontrara com aquelle homem.

Quanto a Canolles, se experimentou alguma commoção, ficou no intimo do seu coração, e não se manifestou no seu semblante.

O Duque saudou a madama de cambes, e a Canolles, e até parou para fazer-lhes alguns cumprimentos. Depois, fez um signal á fileira dos gentishomens, e dos guardas que o acompanhavam, e a fileira se abriu.

No mesmo instante. lá no fãndo do pátœo, rompeu uma voz que sahia dos corredores, e ouviram-se retumbar estas palayras:

Olá! o numero 1 está vazio, o outro preso não está já no seu quarto; á cinco minutos que o procuro inutilmente, e não o acho em parte alguma. »

Estas palayras produziram um largo estreme-

cimento em todos os que as ouviram: o Duque de Larochefoucault estremeceu, e não podendo reprimir um primeiro movimento, estendeu a mão para Canolles como para detê-lo.

Clara viu este movimento, e enfiou.

« Vinde, vinde, disse ella ao maneebo, apressamo nos!

— Perdoai, senhora, disse o Duque; tende paciencia por um momento: dai-nos, eu vo-lo rogo, tempo para aclarar este engano; asseguro-vos que será negocio de um minuto. »

E com outro signal do Duque, a fileira que se tinha aberto tornou a fechar-se.

Canolles olhou para Clara, para o Duque, para a escada donde vinha a voz, e por seu turno empallideceu.

« Mas, senhor, perguntou Clara, para que hei de eu esperar? A Senhora Princeza de Condé assignou a ordem de soltura de Mr. de Canolles; ei-la aqui, eis o seu nome; vede, elhai.

— Sim, senhora, nisso não ha a minima duvida, e a minha intencão não é negar a validade dessa ordem; daqui a um instante será tão valida como agora; tende pois paciencia, eu acabo de enviar alguem que não pôde tardar a voltar.

— Mas que temos nós com isso? perguntou Clara, e que ha de commum entre Mr. Canolles, e o preso do numero 1?

— Senhor Duque, disse o capitão das guardas, que Mr. de Larochefoucault enviára, acabamos de dar uma busca inutil; o outro preso não é possível achá-lo; o carcereiro mór tambem desapareceu, e o filho deste ultimo, a quem se fez-

ram perguntas, diz que seu pai, e o prezo saíram pela porta secreta que dá sobre o rio.

— Oh! oh! exclamou o Duque; sabeis alguma cousa disso, Mr. de Canolles? Uma fugida!»

Ao ouvir estas palavras, Canolles tudo percebe, e tudo adivinha. Compre'ende que a elle é que vieram buscar, e que a elle é que designaram debaixo do nome de irmão de mademoiselle de Lartigues; que, sem que o soubesse, Cauvignac tomou o seu lugar, e achou a liberdade onde julgava encontrar a morte. Todas estas idéas lhe occorrem ao mesmo tempo, leva ambas as mãos a fronte, enfia, e vacilla por seu turno, e não se reanima sinão vendo que a viscondessa tremula, e palpitante estava agarrada ao seu braço; nen'um destes signaes de terror involuntario escapou ao Duque.

« Fechai as portas, gritou este, Mr. de Canolles, tende a bondade de não sair daqui; é preciso, muito bem o vedes, que tudo isto se deslinda,

— Mas, Senhor Duque, exclamou a joven senhora, creio que não tendes a pretensão de oppôr-vos a uma ordem da Senhora Princeza!

— Não, senhora, disse o Duque, porém julgo que importa muito ser ella prevenida do que se passa. Não vos direi? «Lá vou eu mesmo;» poderíeis pensar que a minha intenção é influir na opinião da nossa augusta ama, mas dir-vos-ei: «de lá, senhora, porque melhor do que ninguem sabereis sollicitar a clemencia de madama de Condé»

Lenet fez um signal imperceptivel a Clara.

« Oh! não me apartarei d'elle, exclamou ella, aperta do convulsivamente o braço do mancebo,

— E eu, disse Lenet, vou ter com Sua Alteza; vinde comigo, capitão, ou vós mesmo, Senhor Duque.

— Acompanhar-vos-ei, já que assim o que-reis. O senhor capitão aqui ficará, e continua á as pesquisas na nossa ausencia; talvez que possa achar-se o outro preso. »

E, como para dar ainda mais peso á ultima parte da sua frase, o Duque de Laroche foucault disse algumas palavras ao ouvido do official, e sahio com Lenet. No mesmo instante os dous jovens foram impellidos para o patêo por aquella vaga de cavalleiros que acompanhavam a Mr. de Laroche foucault, e atraz dos quaes a porta se fechou.

Havia dez minutos que a scena tomára um character tão grave, e tão sombrio, que os assisten-tes pallidos, e mudos olhavam uns para os outros, e procuravam descobrir nos olhos de Canolles, e de Clara qual dos dous era o que mais soffria. Canolles muito bem comprehende que a força toda deve proceder d'elle; é grave, e affectuoso para com a sua amante, que, lívida, com os olhos vermelhos, e joelhos tremulos, se agarra ao seu braço, aperta-o, puxa-o para si, sorri-se-lhe com um ar medonho de ternura, depois vacilla, lançando para um e outro lado olhos espantados sobre todos aquelles homens, entre os quaes em vão procura um amigo. . . .

O capitão que recebeu as ordens do Duque de Laroche foucault, falla por seu turno em voz baixa aos seus officiaes. Canolles, cujo olhar é seguro, e cujo ouvido está attento ás menores palavras que podem tornar a sua duvida em certe-

za, escuta-o a pezar da precaução que toma de fallar tão baixo quando lhe é possível, e ouve-lhe proferir estas palavras:

« Seria todavia necessario achar um meio de afastar esta pobre mulher. »

Tenta elle então soltar o seu braço do carinhoso aperto que o segura. Clara percebe qual seja a sua intenção, e agarra-se a elle com todas as suas forças.

« Mas, exclama ella, é preciso continuar as indagações, talvez que não se tenha procurado bem, e que por fim se venha a dar com aquelle homem. Procuremos, procuremos todos, é impossível que tenha fugido. Porque não havia Mr. de Canolles de ter fugido com elle, e tão bem como elle? Vejamos, senhor capitão, eu vo-lo rogo, ordenai que o procurem.

— Tem-se procurado, minha senhora, respondeu este, e neste mesmo momento ainda o andava procurando. O carcereiro bem sabe que está incúrsó na pena de morte si não apresentar o seu preso; tem por tanto muito interesse em fazer as mais activas pesquisas.

— O meu Deus! murmurou Clara, e Mr. Lenet que são volta!

— Tende paciencia, minha querida tende paciencia, disse Canolles naquelle tom de docura com que se falla ás crianças; Mr. Lenet acaba de partir neste mesmo instante, apenas terá tido tempo de chegar á presença da Senhora Princesa, dai-lhe tempo para expôr o acontecimento, e voltar depois para trazer-nor a resposta. »

E dizendo estas palavras, apertou brandamente a mão da viscondessa.

Depois, vendo a fixidade do olhar, e a impaciência do official que commanda em lugar de Mr. de Larochefoucault:

« Capitão, disse elle, acaso desejaríes fallar-me ?

— Sim, Senhor, sem duvida alguma, respondeu este, a quem a vigilancia da viscondessa muito atormentava.

— Senhor, exclamou madama de Cambes, conduzi-nos á presença da Senhora Princeza, eu vello peço. Que duvida podeis ter nisso? tanto vale conduzir-nos á sua presença como ficarmos aqui na incerteza; Sua Alteza o verá, senhor, ver-me-ha a mim mesma, fallar-lhe-ei, e confirmará a sua promessa.

— Mas, disse o official, aproveitando ancioso esta idéa emittida pela viscondessa; occorreu-vos uma excellente lembrança, minha senhora; ide lá vós mesma; ide, tendes toda a probabilidade de serdes bem succedida.

— Que vos parece, barão? perguntou a viscondessa, julgais que eu faria bem? Vós não queríeis enganar-me, que devo eu fazer?

— Ide, senhora, « disse Canolles fazendo sobre si mesmo um supremo esforço.

A viscondessa largou-lhe o braço, deu alguns passos, depois voltando para o seu amante:

« Oh! não, não, disse ella, não me apartarei de vós! »

Depois sentindo abrir a porta:

« Oh! exclamou ella, Deus seja louvado, eis Mr. Lenet, e o Senhor Duque, que estão de volta. »

Com effeito, atraz do Duque de Larochefoucault que de novo se apresentava com o seu rosto

impassível, vinha Lenet, com o semblante demudado, e mãos tremulas. Logo que Canolles poz os olhos no pobre conselheiro, conheceu que já não havia esperança alguma, e que estava condemnado á morte.

« Então? perguntou a joven senhora, fazendo um movimento tão arrebatado para Lenet, que arrastou Canolles consigo.

— Então, balbuciou Lenet, a Senhora Princeza está irresoluta ..

— Irresoluta!... exclamou Clara, que significa isso?

— Isso significa que vos manda chamar, respondeu o Duque, e quer fallar-vos.

— E' verdade, Mr. Lenet? perguntou Clara, sem que lhe importasse o que esta interrogação tinha de insultadora para o Duque.

— Sim, senhora, balbuciou Lenet.

— Mas elle? perguntou a viscondessa.

— Quem?

— Mr. de Canolles tem de voltar para a sua prisão, e vós lhe levereis a resposta da Senhora Princeza, disse o Duque.

— Ficareis vós com elle, Mr. Lenet? perguntou Clara.

— Senhora...

— Ficareis vós com elle? repetiu ella.

— Não me afastarei d'elle.

— Não vos afastareis d'elle, vós assim jurais?

— O' meu Deus! diz em voz baixa Lenet, olhando para aquelle mancebo que espera a sua sentença, e para aquella mulher, a quem uma palavra sua vai matar; ó meu Deus! já que um

dos dous está condemnado a morte, dai-me ao menos força para salvar o outro.

— Vós não o jurais, Mr. Lenet?

— Eu vo-lo juro, replicou o conselheiro levando com esforço a mão ao seu coração prestes a despedaçar-se.

— Muito obrigado, senhor, disse em voz baixa Canolles, eu vos compre'endo.»

Depois voltando se para a viscondessa :

« Ide, senhora, disse elle, bem vedes que não corro perigo nen'um entre Mr. Lenet, e o Senhor Duque.

— Não a deixeis partir sem a abraçardes, « disse Lenet.

Um suor frio alagou a fronte de Canolles; sentiu uma especie de nevocíro que lhe passava por diante dos olhos : deteve Clara, que ia partir, e fingindo ter que dizer-lhe algumas palavras em voz baixa, aproximou-a ao seu peito, e inclinando-se para fallar-lhe ao ouvido :

« Supplicai sem baixeza, disse elle, eu quero viver para vós ; mas tambem deveis querer que eu viva com honra.

— Hi de supplicar de maneira que te salve, replicou ella ; não és tu o meu esposo diante de Deus ?»

E Canolles, recuando, achou meio de tocar-lhe no pescoço com os beiços, mas com tanta circumspecção, que ella o não sentiu , e que a pobre insensata se afastou d'elle sem lhe restituir o seu derradeiro beijo. Com tudo, no momento de sahir do pateo, voltou-se; porém uma fileira de soldados a separou do preso.

« Amigo, disse ella, onde estás tu ? não posso

já ver-te : uma palavra , uma palavra ainda , quero apartar-me de ti ouvindo o som da tua voz !

— Ide, Clara, disse Canolles, eu vos fico esperando !

— Ide, ide, senhora, disse um official caritativo ; quanto mais depressa partirdes, mais depressa estareis de volta.

— Mr. Lenet, querido Mr. Lenet, bradou a voz de Clara ao longe, tenho toda a confiança em vós, responder-me-eis por elle ! »

E a porta fechou-se atraz della.

« Na realidade, disse em voz baixa o duque filosofo, só a muito cus to é que daqui a podemos arredar. »

Assim que a viscondessa desapareceu, que a sua voz se apagou ao longe, e que a porta se fechou atraz della, o circulo dos officiaes aperitou-se em torno de Canolles, e viram-se apparecer, sahindo sem que se soubesse d'onde, dous homens de figura sinistra que, aproximando-se do duque, lhe pediram humildemente as suas ordens.

O duque contentou-se por toda resposta com designar-lhes o prisioneiro.

Depois aproximando-se delle :

« Senhor, disse elle a Canolles saudando-o com aquella polidez glacial que lhe era habitual sem duvida percebestes que a fuga do vosso companheiro de desgraça faz recahir sobre vós a sorte que o esperava ?

— Sim, senhor, respondeu Canolles, eu pelo menos disso desconfiava, porém o que tenho por certo, é que a senhora Princeza perdoua

expressamente á minha pessoa, designando-me pelo meu nome. Eu vi, e vós tambem haviéis de ter visto ainda agora a minha ordem de soltura nas mãos da senhora viscondessa de Cambes.

— E' verdade, senhor, disse o duque; porém a senhora Princeza não podia prever o caso que aconteceu.

— Então, replicou Canolles, a senhora Princeza retrata-se, e não cumpre o que assignou?

— Sim, responde o duque.

— Uma princeza de sangue faltar á sua palavra!»

O duque conservou-se impassivel.

Canolles olhou á roda de si.

« E' chegado o momento? disse elle.

— Sim, senhor.

— Julgava que se esperaria a volta de madama de Cambes; tinha-se-lhe prometido que nada se faria na sua ausencia. Toda a gente falta pois hoje a sua palavra?»

E o prisioneiro cravou os seus olhos com ar de repreensão, não no duque de Larochefoucault, mas em Lenet.

« Ah! senhor, exclamou este com lagrimas nos olhos, perdei-nos. A senhora Princeza recusou positivamente o vosso perdão; com tudo não foi por falta de rogativas da minha parte, do que é testemunha o senhor duque, e Deus tambem. Mas eram indispensaveis as represalias pela morte do pobre Richon, e a nada quiz ceder, foi insensivel como uma pedra. Agora julgai-me vós mesmo, senhor barão; em vez de deixar supportar a situação terrivel em que vos achais, metade a vós, e a outra metade á viscou-

« Dessa, tomei sobre mim, dignai-vos perdoar-me porque bem vejo que muita precisão tenho do vosso perdão, tomei sobre mim fazer-vol-a supportar toda a vós ; a vós que sois um soldado, a vós que sois um gentleman.

— Então, balbuciou Canolles, a quem a commoção suffocava, então não a tornarei mais a ver! « Quando vós me dizeis que a abraçasse, era pela ultima vez ! »

Um soluço mais forte do que o estoicismo, do que a razão, e do que o orgulho, rasgou o peito de Lenet ; retirou se para traz derramando amargas lagrimas. Canolles então correu os seus olhos penetrantes por todos quantos o rodeavam não viu em toda a parte sinão homens endurecidos pela morte cruel de Richon, e que observavam qual seria a sua firmeza ; si um não dava mostras de compaixão, outro as daria, e junto destes um tropel de gente tímida que estiravam os seus musculos para dissimularem as suas commoções, e tragarem as suas lagrimas, e os seus suspiros.

« Oh ! é cousa horrorosa só o pensal-o. murmurou o mancebo em um instante de lucidez sobrehumana, que patentêa á alma infinitos horizontes sobre tudo o que se chama vida, isto é, sobre alguns curtos instantes de ventura arremessados como illas no meio de um oceano de lagrimas, e de soffrimentos... sim, é cousa horrorosa ! Eu alli tinha uma mulher adorada, que, pela primeira vez, acabava de dizer-me que me amava ! um dilatado, e doce porvir ! a realisacao do sonho de toda a minha vida ! e eis que

em um instante, em um segundo, a morte occupa o lugar de tudo isso! ... »

O coração se lhe apertou, e sentiu uma titillação nos olhos como si estivesse para chorar; mas então lembrou-se, como o dissera Lenet, de que era um homem, um soldado.

« O' orgulho, disse elle consigo, que és a unica coragem que existe realmente, acode em meu auxilio! Eu, chorar uma cousa tam futil como a vida!... Quanto não ririam os homens si pudessem dizer: « Canolles sabendo que ia morrer, chorou! » Como me portei eu no dia em que foram sitiá-me em Sam Jorge, e em que os Bordelezes queriam matar-me como hoje? Eu combati, eu grancejei, eu ri... Ora pois, pelo Ceu que me ouve, e que talvez seja duro para comigo, pelo diabo que luta neste momento com o meu Anjo bom, farei hoje como fiz naquelle dia, e si já não combato, quando mais não seja, ainda grancejarei, e sempre rirei.»

No mesmo instante o seu rosto tornou-se sereno, como si toda a commoção houvesse voado do seu coração; passou a mão pelos seus bellos cabellos pretos, e aproximando-se com passo firme, e com o sorriso nos labios, de Mr. de Larochefoucault, e de Lenet:

« Senhores, disse elle, bem o sabeis, neste mundo tam cheio de accidentes singulares, e inesperados, precisamos acostumar nos a tudo; eu tomei, e fiz mal de não vos pedir um minuto para acostumar-me á morte; si é demasiado, peço-vos me desculpeis de vos haver feito esperar »

Um profundo espanto se derramou pelos gru-

mas ; o proprio prisioeiro conheceu que do espanto passavam á admiração ; este sentimento tam glorioso para elle, o engrandeceu, e duplicou as suas forças.

« Quando quizerdes, senhores, disse elle, sou eu que vos espero. »

O duque, dominado de assombro durante um momento, recobrou a sua costumada fleuma, e fez um signal.

A este signal, as portas se abriram, e o séquito se apromptou para pôr-se em marcha.

« Um momento ! exclamou Lenet para ganhar tempo, um momento, senhor duque ! E' com effeito á morte que conduzimos a Mr. de Canolles, não é verdade ? »

O duque fez um movimento de surpresa, e Canolles, olhou com espanto para Lenet.

« Sem duvida, disse o duque.

— Então replicou Lenet. si assim é, este digno gentilhomem não pôde passar sem um confessor.

— Perdoai, perdoai, senhor, replicou Canolles, pelo contrario passarei perfeitamente sem elle.

— Como ? perguntou Lenet, fazendo ao prisioeiro signaes que este não queria comprehender.

— Porque sou hugonote, replicou Canolles, e hugonote decidido, eu vól o declaro. Si quizerdes fazer-me um derradeiro favor, deixai me morrer no estado em que me acho. »

E ao mesmo tempo que recusava, um gesto do reconhecimento provou a Lenet que o mancoço percebêra perfeitamente o seu pensamento.

« Então, si cousa nen'uma nos demora já, ponhamo-nos em marcha, disse o duque.

— Confesse-se! confesse-se!» gritaram alguns furiosos.

Canolles levantou-se na ponta dos pés, volveu em torno de si os olhos com serenidade, e firmeza, e voltando-se para o duque:

« Teremos ainda novas cobardias, senhor? disse elle severamente. Parece-me que si alguem tem aqui o direito de fazer as suas vontades, sou eu, que sou o heroe da festa; recuso pois um confessor, mas peço o cadafalso, e isto quanto antes; eu agora por meu turno estou cansado de esperar.

— Silencio, lá embaixo!» exclamou o duque voltando-se para os grupos.

Depois, logo que, debaixo do poder da sua voz, e do seu olhar, o silencio se achou effectivamente restabelecido:

« Senhor, disse elle a Canolles, fareis como bem quizerdes.

— Muito vol-o agradeço, senhor. Então partamos, e apressemos o passo. ...»

Lenet tomou o braço de Canolles.

« Pelo contrario, lhe disse elle, ide devagar. Quem sabe? Uma dilacão, uma reflexão, um acontecimento, sam cousas possiveis. Ide devagar, eu vol-o peço em nome daquella que vos ama, e que tanto chorará si caminharmos com demasiada pressa. ...»

— Oh! replicou Canolles, não me falleis nella, encarecidamente vol-o peço; todo o meu valor me abandona com a idéa de que vou ser para sempre separado della; mas que digo?...»

pelo contrario , Mr. Lenet, fallai-me della, repeli-me que me ama , que me amará se npre, e sobre tudo que me chorará.

— Vamos! querido, e infeliz mancebo, disse Lenet, não vos enterneçais lembrai-vos que o-llham para nós, e que não sabem de que fallamos.»

Canolles levantou altivamente a cabeça, e os seus bellos cabellos, por um movimento que fez cheio de elegancia, caíram em anneis pretos sobre o seu pescoço. Tiham chegado á rua; grande numero de archotes alumiaavam a sua marcha, de sorte que se podia vêr o seu rosto sereno, e risonho.

Ouviu chorar algumas mulheres, e dizerem outras:

« Pobre barão, tão moço, e tão formoso! »

Foram continuando silenciosamente o caminho, depois, subitamente :

« Mr. Lenet, disse elle, desejava muito vê-la ainda uma vez.

— Quereis vós que eu vo-la, vá buscar? que-reis que vo la traga? perguntou Lenet, que já não tinha vontade sua.

— Oh ! sim, disse Canolles.

— Pois então eu lá vou: mas vêde que a ma-tais.

— Tanto melhor! o egoismo é que soprava estas palavras no coração do mancebo, si tu a matas, jámais outra a possuirá. »

Depois repentinamente, vencendo esta ultima fraqueza :

« Não, não, » disse Canolles.

E detendo Lenet pela mão: :

« Vós lhe promettestes que ficaríeis comigo ;
deixai-vos pois ficar.

— Que diz elle? «perguntou o Duque ao capitão das guardas.

Canolles ouviu a pergunta.

« Diogo, Senhor Duque, respondeu elle, que não julgava que fosse tamanha a distancia da prisão á esplanada.

— Ah! accrescentou Lenet, não vos queixeis, pobre mancebo, por quanto eis-nos chegados.»

Com effeito, os archotes que alumaiavam a marcha, e a vanguarda que precedia a escolta, desappareciam naquelle mesmo instante ao voltar de uma rua.

Lenet apertou a mão do mancebo, e querendo, antes de chegar ao lugar da execução, tentar um derra-feiro esforço, aproximou-se ao Duque:

« Senhor, lhe disse elle em voz baixa, ainda uma vez, eu vo-lo rogo, perdoai! vós deitais a perder a nossa causa fazendo executar Mr. de Canolles.

— Pelo contrario, replicou o Duque, damos provas de que a consideramos justa, visto que não receamos usar de represalias.

— As represalias fazem-se entre iguaes, Senhor Duque! e por mais que se diga, a Rainha sempre ha de ser a Rainha, e nós seus subditos.

— Não discutamos semelhantes cousas diante de Mr. Canolles, respon-ten o Duque em alta voz, muito bem vedes que isto é indecoroso.

— Não falleis de perdão diante do Senhor Duque, disse Canolles, bem vedes que está a ponto de executar ou-adamente um feito estrondoso; não vamos turbá-lo por tão pouca cousa...»

O Duque não replicou; porém pelos seus beiços, apertados, e olhar ironico, viu-se que o tiro acertára no alvo. Durante este tempo tinham continuado a caminhar, e Canolles por seu turno achava-se a entrada da esplanada; ao longe, isto é, na outra extremidade da praça, viu-se a multidão apinhada, e um vasto circulo formado pelos canos refulgentes dos mosquetes; no centro levantava-se alguma cousa de preto, e informe, que Canolles não se applicou a distinguir nas trevas, julgava que era um cadafalso ordinario; porém os archotes, chegando de subito ao centro da praça, alumiarão aquelle objecto preto, ao principio desconhecido, e deixaram ver distinctamente o horrivel perfil de uma forea

« Uma forea! exclamou Canolles parando, e estendendo a mão para a maquina. Não é uma forea que vejo lá embaixo, Senhor Duque?

— Com effeito, não vos enganeis, « respondeu este friamente.

O rubor da indignação corou a fronte do manco, afastou os dous soldados que caminhavam aos seus lados, e de um pulo achou-se defronte de Mr. Larechefoucault.

« Senhor, exclamou elle, esqueceis-vos de que eu sou gentilhomem?

Toda a gente sabe, e o proprio carrasco não o ignora, que um gentilhomem tem o direito de ser degollado.

— Senhor, ha circumstancias ...

— Senhor, interrompeu Canolles, não é em meu nome que eu vos fallo; mas sim em nome de toda a nobreza, entre a qual occupais um lugar tão elevado, vós que fostes Principe, e que

sois Duque ; será uma deshonra, não para mim que estou innocente, mas sim para vós todos, que um dos vossos tenha morrido enforcado.

— Senhor, o Rei mandou enforcar Richon!

— Senhor, Richon era um bravo soldado, tão nobre de coração como quem quer que seja no mundo, porém não era nobre por nascimento ; eu sou-o....

— Vós esqueceis-vos, disse o Duque, de que se trata aqui de represalias : ainda que fosseis Príncipe de sangue, serieis enforcado. »

Canolles, por um movimento irreflectido, procurou a espada ao seu lado, porém não a achando, o sentimento da sua situação recobrou toda a sua força, a sua ira desvaneceu-se, e compreendeu que só devia librar a sua superioridade na sua mesma fraqueza.

« Senhor filosofo, disse elle, malditos sejam os que usam de represalias ; e duas vezes malditos os que usando dellas, não attendem á humanidade ! Eu não pedia perdão, pedia justiça. Pessoas ha que me amam, senhor ; carrego nesta palavra porque ignorais, muito bem o sei, que se possa amar. Ora pois, no coração daquellas pessoas ides imprimir para sempre, com a lembrança da minha morte, a ignobil imagem da força. Uma cutilada, uma bala de espingarda, é tudo quanto vos peço ; dai-me o vosso punhal, para que eu a mim mesmo com elle me traspasse, e depois de tudo isso enforcareis o meu cadaver, si assim vos aprouver

— Richon foi enforcado vivo, senhor, respondeu friamente o Duque.

— Maito bem. Agora ouvi-me : dia virá, em

que sereis ferido de uma horrorosa desgraça; em que vos lembrareis de que essa desgraça é um castigo do Céu; quanto a mim, morro convencido de que a minha morte é obra vossa.»

E Canolles, todo tremulo, e pallido, mas cheio de exaltação, e de coragem, aproximou-se da forca, e altivo, e desdenhoso diante da gentalha, pousou o pé no primeiro degrau da escada.

«Agora, senhores carrascos, disse elle, fazei o vosso officio.

— Não ha mais de um, exclamou a multidão admirada; o outro! onde está o outro? tinham-nos promettido dous!

— Ah! eis o que me consola, disse Canolles sorrindo-se, esta excellente gentalha nem se quer se dá por contente com o que fazeis por amor della: não a ouvis vós, Senhor Duque?

— Morra! morra! seja vingado Richon! uivaram dez mil vozes.

— Si os eu irritasse, disse consigo Canolles, seriam capazes de fazer-me em postas, e então eu não seria enforcado, e o Duque se daria aos diabos... Sois uns cobardes! bradou elle, reconheço alguns entre vós que se acharam presentes no ataque do forte de San Jorge, e que eu vi fugirem. Hoje vingais-vos de mim porque vos derrotei.»

Uma grande algazarra foi a resposta que lhes deram.

«Sois uns cobardes! replicou elle, rebeldes, miseraveis!»

Viram-se scintillar milhares de facas, e muitas pedras vieram cair ao pé da forca.

«Muito bem, «murmurou Canolles.

É depois em voz alta :

« O Rei mandou enforcar Richon, e fez muito bem; quando tomar Bordeus, tem de mandar enforcar muitos mais.... »

Ao ouvir estas palavras, a multidão precipitou-se como uma torrente na esplanada, derribaram as guardas, despedaçaram as estacadas, e arremessaram-se bramindo ao prisioneiro.

Todavia, com um gesto do Duque, um dos carascos levantára Canolles por baixo dos braços, em quanto o outro lhe passava um laço ao pescoço.

Canolles sentiu a pressão da corda, e duplicou as injurias: si quizesse ser morto a tempo não podia perder um só minuto. Neste momento supremo olhou em torno de si, em toda a parte não viu mais do que olhos chammejantes, e armas ameaça loras.

Um homem sómente, um soldado a cavallo, mostrou-lhe o seu mosquete.

« Cauvignac! é Cauvignac! » exclamou Canolles agarrando-se á escada com ambas as mãos, que não lhe tinham ligado.

Cauvignac fez com a sua arma um signal áquelle que não pudera salvar, e apontou-lhe á cara. Canolles compre'endeu-o.

« Sim! sim! » exclamou elle fazendo um movimento com a cabeça.

Agora digamos como Cauvignac se achava alli.

Vimos sair Cauvignac de Labourne, e sabemos para que fim sahia.

Chegando ao sitio onde estavam os seus soldados commandados por Ferguzon, parára um momento, não para tomar alento, mas a fim de

Levar a effeito o plano que uma marcha tão rápida permittira ao seu espirito inventivo que formasse dentro de meia hora.

Em primeiro lugar, dissera consigo, e isto com muita razão, que si se apresentasse diante da Senhora Princeza, depois do que se havia passado, ella que mandára enforcar Canolles de quem não recebêra agravo algum, não deixaria de o mandar enforcar a elle de quem não deixava de ter motivos de queixa, e preenchida a sua commissão, na parte que dizia respeito á salvação de Canolles, mallograva-se quanto a elle proprio, que ficava perdido.... Tratou pois logo de mudar de trajos com um dos seus soldados, mandou vestir a Barrabás, que era menos conhecido que elle da Senhora Princeza, os seus melhores vestidos, e levando-o consigo, tomou a galope a estrada de Bordeus. Com tudo uma cousa o inquietava, era o conteudo daquella carta de que era portador, e que sua irmã escrevera com tão grande confiança, que no entender della, não era preciso mais do que entregála á Senhora Princeza para que Canolles fosse salvo; ora esta inquietação chegou a tal ponto, que assentou pura, e simplesmente de ler, o conteudo da carta, fazendo consigo mesmo a observação de que um bom negociador não pôde desempenhar bem a sua negociação si não tem cabal conhecimento do negocio de que o encarregam; e demais disso cumpre, dize-lo, Cauvignac não peccava porque tivesse extrema confiança no seu proximo, e Nanon, a pesar de ser sua irmã, e por isso mesmo que era sua irmã, podia muito bem conservar algum rancor a seu

irmão, primeiramente por motivo da aventura de Jaulnay, e depois pela sua fuga inesperada do castello. Trompette, e portanto entendeu que seria indiscrição da sua parte expôr-se aos riscos do acaso, quando podia inteirar-se do conteúdo da carta.

Cauvignac abriu pois facilmente a carta, que só estava simplesmente lacrada, e experimentou uma impressão estranha, e mui dolorosa ao lê-la.

Eis o que escrevia Nanon :

« Senhora Princeza, é necessaria uma victima
« expiatoria ao infeliz Richon: não lanceis mão
« de um innocente, mas sim do verdadeiro cul-
« pado; não quero que Mr. de Canolles morra,
« porque matar Mr. de Canolles seria vingar
« um assassinio com um homicidio. No momen-
« to em que lerdas esta carta, só terei de andar
« uma legoa para chegar a Bordens com tudo
« quanto possuo; entregar me-heis ao povo que
« me aborrece, visto que já quiz por duas vezes
« degolar-me, e guardareis para vós as minhas
« riquezas. que chegam a dous milhões. Oh! Se-
« nhora, de joelhos e que vos peço esta graça;
« eu em parte sou causa desta guerra: uma vez
« que eu tenha morrido, a provincia ficará em
« socego, e Vossa Alteza triunfará. Senhora, um
« quarto de hora de demora! não dareis a liber-
« dade a Mr. de Canolles sinão quando eu es-
« tiver em vosso poder: mas então, pela vossa
« alma, dar-lhe heis, não é verdade?

« E eu serei a vossa respeitosa, e reconheci-
« da.

NANON DE LARTIGUES.

Cauvignac, depois desta leitura, estava estupefacto de sentir o seu coração oppresso, e os seus olhos humidos.

Ficou um instante immóvel, e mudo, como si não pudesse acreditar o que acabava de lêr. Depois exclamou de subito :

« E' pois verdade que haja no mundo corações generosos pelo prazer de o serem! Ora pois, com todos os diabos! ver-se-ha que eu sou tão capaz como qualquer outro de ser generoso quando cumpre se-lo. »

E como estava á porta da cidade, entregou a Barrabás, dando-lhe estas unicas instrucções:

« A tudo quanto te disserem, responde sómente: «Da parte do Rei, » e não entregues esta carta sinão em mão propria a madama de Condé. »

E, em quanto Barrabás caminhava apressadamente para o palacio habitado pela Senhora Princeza, Cauvignac tomava do seu lado o caminho do castello Trompette.

Barrabás não encontrou obstaculo nen'um; as ruas estavam desertas, a cidade parecia despovoadá, toda gente tinha ido para o lado da esplanada. Á porta do palacio as sentinellas quizeram impedir-lhe que passassem; porém, seguindo a recommendação feita por Cauvignac, mostrou a sua carta gritando:

« Da parte do Rei. . . da parte do Rei ! »

As sentinellas tomaram-no por um mensageiro da eôrte, e levantaram as suas alabardas.

Barrabás entrou pois no palacio como entrára na cidade.

Ora, si bem nos lembrarmos, não era esta a primeira vez que o digo tenente do senhor Cau-

vignac tinha a honra de entrar em casa de madama de Candé. Apeou-se pois do seu cavallo, e como conhecia o caminho, arremessou-se rapidamente á escada, e por entre os criados afamados penetrou ate ao fundo dos quartos ; alli parou, porque se achou defronte de uma mulher que conheceu ser a Princeza, aos pes da qual estava prostrada outra mulher.

« Oh! Senhora, perdão, em nome do Ceul dizia esta.

— Clara, respondia a Princeza, deixa-me, sê razoavel, lembre-te que abdicámos a nossa qualidade de mulheres assim como abdicámos os nossos vestidos ; fazemos as vezes do Senhor Principe, e a razão d'estado é que deve dirigir-nos.

— Oh! Senhora, já não ha razão d'Estado para mim, exclamou Clara, já não ha partido politico, não ha ja sinão elle neste mando, que está a ponto de deixar, e quando o estiver deixando, já para mim não haverá nelle sinão a morte !

— Clara, minha filha, já te disse que isso era impossivel, replicou a Princeza ; matáram-nos Richou ; si não lhes pagamos na mesma moeda, ficamos deshonrados.

— Oh! Senhora, nunca pôde ser motivo de deshonra o ter concedido perdão, nunca pôde ser motivo, de deshonra o ter usado de um privilegio reservado ao Rei do Ceu, e aos reis da terra, uma palayras, Senhora, uma só ; aquelle infeliz por ella espera !

— Mas, Clara, tu estás louca; não me ouves dizer-te que isso é impossivel !

— Mas eu mesma lhe disse que estava salvo mas eu mostrei-lhe o seu perdão, assignado pela vossa propria mão; mas eu disse-lhe que voltaria com a confirmação deste perdão.

— Eu tinha-o dado com a condição de que o outro pagaria por elle; por que razão deixaram fugir o outro?

— Elle não concorreu de modo algum para essa fuga, eu vo-lo juro; de mais disso, talvez que o outro não tenha fugido; talvez que o tornem a achar. . . .

— Ah! sim! esperem por elle, disse Barrabás, que chegava justamente naquelle momento.

— Senhora, estão a ponto de levá-lo; Senhora, o tempo vai correndo; cansar-se-ham de esperar!

— Tens razão, Clara, disse a Princeza, pois ordenei que tudo estivesse concluído ás onze horas, e eis onze horas que estão dando, tudo deve estar acabado, »

A viscondessa deu hum grito, e levantou-se, levantando-se achou-se em frente de Barrabás cara a cara.

« Quem sois vós? que quereis! exclamou ella; vindes já annunciar a sua morte?

— Não Senhora, respondeu Barrabás revestindo-se do seu ar mais gracioso, pelo contrario, venho para salvá-lo.

— Como? exclamou a viscondessa, fallai depressa.

— Entregando esta carta á Senhora Princeza. »

Madama de Cambes estendeu o braço, arrancou a carta das mãos do mensageiro, e apresentando-a á Princeza:

« Não sei o que contém esta carta, disse ella, mas, pelo Santo Nome de Deus, lêde-a! »

A Princeza abriu a carta, e lêu em voz alta; ao mesmo tempo que madama de Cambes, empallidecendo a cada linha, devorava as palavras á medida que cahiam dos beijos da Princeza.

« De Nanon! exclamou a Princeza depois de ter lido tudo. Nanon está ali! Nanon vem entregar-se. Onde está Lenet! onde está o Duque? Venha aqui alguém, já, já, sem a miama de tença.

— Eis-me aqui, disse Barrabás, preste a correr para onde Vossa Alteza quizer.

— Correi depressa á esplanada, correi ao lugar da execução, dizei que suspendão: mas não, não vos acreditarião! »

E a Princeza, pegando arrebatadamente em uma penna, escreveu no fim do bilhete: *Suspendei*, e entregou a carta aberta a Barrabás, que logo se precipitou fóra do quarto.

« Oh! disse consigo a viscondessa, ella ama-o mais do que eu; desgraçada de mim, a ella é que deverá a vida. »

E esta idea derribou meia morta, sobre uma poltrona, a mulher que recebêra em pé todos os abalos daquelle dia terrivel.

Todavia Barrabás não perdêra um instante; descêra a escada como si tivera azas, depois saltára em cima do seu cavallo, e tomára a galope o caminho da esplanada.

Em quanto se dirigia ao palacio. Cauvignac corrêra direito ao castello Trompette. Alli, protegido pela noite, disfarçado com o seu grande chapêu cravado na cabeça até aos olhos

interrogára, e soubera a sua propria fugida com todas as circumstancias de que fôra acombado, e como Canolles é que ia pagar por elle. Então, como por instincto, e sem saber o que lá ia fazer, correu para o lado da esplanada. esportando o seu cavallo com furor, rompendo pela multidão, pisando, derribando, atropellando tudo o que encontrava na sua passagem; tendo chegado á esplanada. deu com os olhos na forea, e soltou um grito perdido entre os uivos daquelle povo, a quem Canolles excita, e provoca, a fim de que o fação em postas.

Então é que Canolles o vê, que adivinha a intenção de Cauvignac, e que Canolles lhe faz signal com a cabeça de ser muito bem vindo.

Cauvignac levanta se sobre os seus estribos, olha á roda de si para vér si chega Barrabás, ou algum mensageiro da Princeza, põe-se á escuta esperando ouvir retumbar a palayra: *Perdão!* porém nada vê, e nada ouve sinão Canolles, a quem o carrasco vai empurrar da escada, e lançar no vácuo, e que lhe mostra com uma das mãos o coração.

Então é que Cauvignac abaixa o seu mosquete na direcção do mancebo, faz pontaria, e atira.

« Muito obrigado, disse Canolles abrindo os braços; ao menos morro como um soldado. »

A bala tinha-lhe atravessado o peito.

O carrasco impellio o corpo, que ficou suspenso na extremidade da corda infame. . . . porém já não era si não um cadaver.

A detonação foi como um signal; muitos outros tiros de mosquete sam disparados ao mesmo tempo. Uma voz grita:

« Suspendei! suspendei! cortai a corda! »

Porém a voz perdeu-se nos alaridos da multidão; de mais disso, a corda foi cortada por uma bala; a guarda em vão quer resistir, é rota pelas ondas do povo; a força é despedaçada, arrancada, aniquilada; os carrascos fogem, a gentilha espalha se como huma sombra, apodeira-se do cadaver, dilacera-o, e arrasta-o pela cidade

A gentilha estúpida no seu odio, entendia que aggravava o supplicio do gentilhomem, e muito pelo contrario, salvava o da infamia que elle tanto temia

Durante todo este movimento, Barrabás pudera chegar ao pé do Duque, e posto que visse que chegava muito tarde, entregou-lhe o despacho de que era portador;

O duque contentara-se, no meio dos tiros de espingarda, com se retirar um pouco á parte, pois era frio, e sereno na sua coragem, como em tudo o mais que fazia; abriu-a carta, e lêu-a.

« E' pena, disse elle voltando-se para os seus officiaes o que propunha aquella Nanon talvez tivesse valido mais, porém o que se fez, feito está. »

Depois, passado um momento de reflexão:

« A proposito, disse elle, visto que ella espera a nossa resposta do outro lado do rio, talvez houvesse meio de darmos seguimento a este negocio. »

E sem fazer mais caso do mensageiro, picou o seu cavallo, e foi ter com a princeza seguido da sua escolta.

No mesmo instante a berrasca, que desde

algum tempo andava ameaçando, rompeu sobre Bordenus, e uma chuva acompanhada de relampagos cahio sobre a praça da Esplanada, como si fôra para lavar o sangue innocente.

Em quanto estas cousas se passavãem em Bordenus, em quanto a gentilha arrastava pelas ruas o corpo do infeliz Canolles, e o duque de Larechefoucault ia de novo lisonjeiar o orgulho da senhora Princeza, dizendo-lhe que para fazer o mal, erã tão poderosa como uma Rainha; em quanto Cauvignac voltava para as portas da cidade com Barrabás, julgando inutil levarem mais longe a sua commissão, uma carruagem, tirada por quatro cavallo esbaforidos, e alagados em suor, acabava de parar na margem da Garona opposta a Bordenus, entre a eklea de Belcroix, e a da Bastide.

Acabavam de dar onze horas.

Um criado, que a acompanhava a cavallo, apeou-se precipitadamente logo que viu a carruagem parada, e foi abrir a portinhola.

Uma mulher desceu apressadamente da carruagem; interrogou o Ceu todo vermelho com um reflexo sanguinolento, e poz-se a escutar os rumores, e os ruidos longinquos.

« Estais certa, disse ella a sua camareira, que se apeava depois della, que não fomos seguidas de ninguem? »

— Não, senhora, respondeu esta; os dous picadores que tinham ficado atraz por ordem da senhora, acabam de chegar, e nada viram nem ouviram.

— E vós não ouvis cousa nen'un a do lado da cidade?

— Parece-me que ouço gritos longinquos.

— Não vedes alguma cousa ?

— Vejo como um clarão de incendio.

— São archotes.

— Sim, senhora ! sim, porque se agitam como fogos-fatuos. Não ouvis, senhora ? a bulha vai crescendo, e os gritos tornam-se quasi distinctos.

— O' meu Deus ! balburiou a joven mulher pondo-se de joelhos na terra humida ; ó meu Deus ! meu Deus ! »

Era esta a sua unica oração. Uma só palavra se lhe apresentava ao espirito, a sua bocca não podia articular sinão uma só palavra, e era o nome daquelle que unicamente podia fazer um milagre em seu favor.

A camareira não se enganára : com effeito, os archotes se agitavam, e os gritos pareciam approximar-se ; ouviu-se um tiro de espingarda seguido de outros muitos, depois um grande tumulto, depois os archotes apagaram-se, depois os gritos foram-se afastando ; a chuva principiou a cahir, uma trovoadá roncava no Céu; mas que importava tudo isto á joven mulher ? não era do raio que ella se temia. Tinha sempre os olhos fixos no sitio onde vira tantos archotes, onde ouvira um tam grande tumulto. Já nada via, já nada ouvia, e ao clarão dos relampagos, parecia-lhe que a praça estava vazia.

« Oh ! exclamou ella, não tenho forças para esperar mais tempo. Para Bordenus ! levem-me para Bordenus ! »

No mesmo instante ouviu-se um estrepito de cavallos que se vinha aproximando.

« Ah! exclamou ella, por fim, ahí chegam Fi-los! adeus, Finette, retira-te, é preciso que eu vá só : levai-a na garupa do vosso cavallo , Lombard, e deixai na carruagem tudo quanto eu trouxe.

— Mas que ides vós fazer, senhora? exclamou a camareira muito assustada.

— Adeus. Finette, adeus.

— Mas adeus, porque razão, senhora? Para onde quereis ir.

— Vou para Bordeus.

— Ah! pelo amor de Deus, tal não façais, senhora! matar-vos-am.

— E então, para que julgas tu que eu lá queira ir?...

— Oh! senhora! Lombard, acudi em meu soccorro, ajudai-me, não deixemos ir a senhora..

— Silencio! retira-te, Finette. Lembrei-me de ti; fica descansada, retira-te, não quero que te aconteça alguma desgraça. Obedece, elles se vem aproximando. Eil-os!»

E na realidade, um cavalleiro vinha correndo seguido em alguma distancia de outro; ouvia-se antes rogir do que respirar o seu cavallo.

« Minha irmã! minha irmã! exclama elle. Ah! chego a tempo.

— Cauvignac! exclama Nanon. Então, está tudo arranjado! espera-me elle! partimos nós?»

Porém, em vez de responder, Cauvignac saltou abaixo do seu cavallo: tomou em seus braços a Nanon, que em nada selhe oppoz, conservando-se immovel, e inflexivel como os espectros, e os doudos. Cauvignac assentou-a na carruagem, mandou subir para junto della Fi-

nette, o Lombard, fechou a portinhola, e saltou em cima do seu cavallo. Em vão a pobre Nanon havendo tornado a si, gritava, e se debatia.

« Não a largueis, disse Cauvignac, por cousa nen'uma deste mundo, não a largueis. Barrabás, guarda a outra portinhola, e tu, cocheiro, se deixares de galopar faço-te saltar os miolos da cabeça.»

Estas ordens foram tão rapidas, que houve um momento de hesitação; a pesada carruagem tarda a mover-se, os criados tremem, os cavallos hesitam em partir.

« Depressa, depressa, com todos os diabos! vocifera Cauvignac; elles ahi vem, elles ahi vem »

E com effeito, principiavam a ouvir-se ao longe passos de cavallos retumbando, como si ouve o rebombo de um trovão que se vem aproximando rapido, e ameaçador.

O medo é contagioso. O cocheiro, ouvindo a voz de Cauvignac, comprehende que algum grande perigo estava imminente, e lança mão das redeas dos seus cavallos.

« Para onde vamos? balbucia elle.

— Para Bordeus! para Bordeus! exclama Nanon do interior da carruagem.

— Para Libourne, com mil milhões de diabos! grita Cauvignac.

— Senhor, os cavallos cahiram por terra antes que tenham andado duas leguas.

— Não ha precisão de que andem tanto caminho! gritou Cauvignac zurzindo os com a sua espada. Com tanto que cheguem ao posto onde se acha Fergazon, é tudo quanto desejo.»

E a pesada maquina põe-se em movimento, parte, e vai rodando com uma espantosa rapidez. Homens e cavallos mutuamente se animam uns aos outros, uns com gritos, os outros com rinhos.

Napou tentou resistir, lutar, o saltar da carruagem abaixo; porém as forças se lhe esgotaram na luta; e ju para traz sem forças, e prostrada; já nada ouve, já nada vê. A' força de procurar Cauvignac naquella confusão de sombras que lhe fogem, dá-lhe uma vertigem. fecha os olhos, solta um grito, e fica fria nos braços da sua camareira.

Cauvignac passou para diante da portinhola da carruagem, e até para diante dos cavallos. O seu cavallo deixa um rasto de fogo na calçada do caninho.

« Vem ter comigo, Ferguzon! avia-te! » grita elle.

E houve ao longe uma grande vozeria.

« Inferno! exclama Cauvignac, tu jogas contra mim, porém creio que hoje ainda tens de perder. Ferguzon! aproxima-te, Ferguzon! »

Dous ou trez tiros retumbam por detraz, porém de diante lhes respondem com uma descarga geral.

A carruagem para, dous dos cavallos caíram de cansaço, o terceiro foi ferido de uma bala.

Ferguzon, e os seus homens caem sobre as tropas de Larochefoucault: como sam trez vezes mais numerosos, os Bor telezes, incapazes de resistir, voltam rédea, e vencedores, e vencidos, perseguidores, e fugitivos, semelhantes a uma

nuvem que o vento leva, desapparecem nas sombras da noite.

Cauvignac fica só com os criados, e Finette junto de Nanon, que se conserva insensível.

Por felicidade não estão a mais de dois passos da aldeia de Carbonblanc; Cauvignac tomou Nanon em seus braços, e levou-a até á primeira casa do arrebalde; alli, depois de ter dado ordem que fossem buscar a carruagem, deitou sua irmã em uma cama, e tirando do peito um objecto que Finette não pôde distinguir, mettea-o na mão arripiada da pobre mulher.

No dia seguinte, despertando daquillo que ella tomava por um sonho horroroso, Nanon levou aquella mão ao rosto, e alguma cousa de macio, e perfumado lhe afagou os pallidos beiços.

Era um anel dos cabellos de Canolles, que Cauvignac heroicamente conquistára, correndo risco de perder a vida, aos tigres bordelezes.

Durante oito dias, e oito noites, madama de Cambes esteve tresvariada, sem se levantar do leito, para onde a tinham levado desmaiada, depois que fôra inteirada da horrorosa noticia.

As suas criadas velavam em torno della, porém Pompeu é quem guardava a porta; este antigo servo, ajoelhando diante da cama da sua infeliz ama, era o unico que podia despertar nella algum relampago de razão.

Visitas numerosas sitiavam aquella porta; porém o fiel escudeiro, severo na sua senha como um soldado velho, defendia a entrada com valor, em primeiro lugar pela convicção em que estava de que toda visita seria importuna para sua ama, depois, por ordem do medico, que muito temia

para madama de Cambes o abalo de uma commoção demasiado violenta.

Todas as manhãs Lenet apresentava-se á porta da infeliz senhora, porém Lenet não era mais bem recebido que os outros. A mesma Senhora Princeza em pessoa tambem alli se apresentou com um grande séquito, um dia que vinha de visitar a mãe do pobre Richon, que morava em um arrabalde da cidade. O objecto de madama de Condé, alem do interesse que tomava pela viscondessa, era dar mostras de uma completa imparcialidade.

Apresentou-se pois para fazer o papel de soberana; porém Pompeu fez-lhe respeitosa mente observar que tinha recebido uma ordem, da qual não podia afastar-se; que todos os homens, até os mesmos duques, e generaes, que todas as mulheres, até as mesmas princezas, estavam sujeitos a essa ordem, e madama de Condé ainda mais do que qualquer outra, visto que depois do que se passára, a sua visita podia dar lugar a uma crise terrivel para a doente.

A Princeza, que cumpria, ou que julgava cumprir um dever, e que nada tanto desejava como retirar-se, não se fez rogar duas vezes, e partiu com seu séquito.

Ao nono dia, Clara recobrára o uso dos sentidos; tinha-se observado que, durante o seu delirio, que durára oito vezes vinte e quatro horas, não cessára de chorar; sem embargo de que a febre ordinariamente secca as lagrimas, as suas tinham, para assim dizer, feito um rego debaixo das suas palpebras rodeadas de uma vermelhi-

dão, e de um azul pallido, como as da sublime Virgem de Rubens.

Ao nono dia, como dissemos, no momento em que menos se esperava, e em que começavam a perder toda a esperança, recobrou de subito, como por encanto, o uso da razão: as suas lagrimas cessaram de correr, os seus olhos volveram-se em torno della, e fixaram se com um triste sorriso nas suas criadas, que tão bem a tinham servido, e em Pompeu, que tambem a guardára; então ficou durante algumas horas muda, e encostada no seu cotovello; proseguindo com olhos ávidos o mesmo pensamento, que incessantemente renascia com mais força na sua intelligencia regenerada.

Depois, repentinamente, sem lhe importar se as suas forças correspondiam á sua resolução:

« Vistam-me! » disse ella.

As criadas aproximaram-se estupefactas, e quizeram fazer-lhe algumas observações. Pompeu deu trez passos pelo quarto dentro, e pôz as mãos como para implorá-la.

A viscondessa entretanto repetiu com doçura, mas com firmeza:

« Eu disse que me vestissem, vesti-me. »

As criadas dispuzeram-se a obedecer-lhe, Pompeu inclinou-se, e saiu recuando.

Ah! as suas faces rosadas, e nedeios, tinham dado lugar á pallidez, a magreza dos moribundos: a sua mão, sempre bella, e de fórma encantadora, levantou se diaphana, e foi pousar-se no seu peito, que estava mais branco do que a cambraia que o envolvia; debaixo da pelle circulavam as suas veias róxas, symptoma da pros-

tração causada por um largo offrimento. Os vestidos que, para assim dizer, largara na vespera, e que haviam desenhado o seu talhe elegante, cabiam á roda della em compridas, e grandes pregas. Vestiram-na como desejava, porém nisso levaram muito tempo, pois estava tão fraca, que por trez vezes esteve a ponto de desmaiar; depois quando se achou vestida, aproximou-se de uma janella; porém logo recuou, como si a vista do céo, e da cidade a tivesse assustado; voltou para dentro, sentou-se a uma mesa, pediu penna, e tinta, e escreveu á Senhora Princeza, para pedir-lhe o favor de uma audiencia.

Dez minutos depois de ter mandado por Pompeu esta carta á Senhora Princeza, ouviu-se o ruido de uma sege que parava defronte da casa, e quasi no mesmo instante vieram dar parte do que era madama de Tourville.

« Fostes vós, na realidade, perguntou ella a madama de Cambes, que escrevestes á Senhora Princeza para pedir-lhe uma audiencia ?

— Sim, senhora, respondeu Clara ; recusar-ma-ia ?

— Oh ! pelo contrario, minha querida, pois eu venho a toda a pressa dizer-vos da sua parte que bem sabeis que não tendes precisão de audiencia, e que podeis entrar a toda a hora do dia e da noite em casa de Sua Alteza.

— Muito obrigado, disse a viscondessa, vou aproveitar-me desta licença.

— Como assim ? exclamou madama de Tourville. Atrever-vos-íeis pois a sair no estado em que estais ?

— Socégai a este respeito, senhora, respondeu a viscondessa; sinto-me perfeitamente bo-

— E quereis ir já?

— Daqui a um instante.

— Então veu prevenir Sua Alteza da vossa chegada. »

E madama de Tourville sahio como entrara, depois de ter feito á viscondessa uma ceremoniosa mesura. A noticia desta visita inesperada produziu como é de supôr, um grande abalo naquella pequena córte; a situação da viscondessa inspirara um interesse tão vivo como geral, pois não faltava quem desapprovasse a conducta da Princeza nas ultimas circumstancias. A curiosidade havia por tanto chegado ao maior auge, officiaes, damas de honor, e cortezãos, atulhavam o gabinete de madama de Condé, não podendo acreditar na visita promettida, visto que ainda na vespera tinham apresentado o estado de Clara como não dando quasi esperança alguma.

Repentinamente annunciáram a viscondessa de Cambes, e Clara appareceu.

A' vista daquelle rosto pallido como a cera, frio, e immóvel como o marmore, e cujos olhos encovados, e amortecidos não tinham já si não uma unica centelha, derradeiro reflexo das lagrimas que derrámara, um doloroso murmurio se elevou em torno da Princeza.

Clara não pareceu dar por isso.

Lenet, sumamente commovido, foi ao seu encontro para offerecer-lhe a mão.

Porém Clara, sem dar a sua, saudou com ar nobre a madama de Condé, e adiantou-se para

ella, atravessando todo o comprimento da sala com passo firme, sem embargo de estar tão pallida, que a cada passo que dava poder-se-ia crer que estava a ponto de cair.

A Princeza muito agitada, e tambem muito pallida, viu chegar Clara com um sentimento que se assimilhava a terror, e não teve forças para occultar este sentimento, que a seu pezar se manifestava no seu semblante.

« Senhora, disse a viscondessa com voz grave, pedi a Vossa Alteza uma audiencia, que teve a bondade de conceder-me, para perguntar lhe diante de todos, si desde que tenho a honra de a servir, si tem dado por satisfeita da minha fidelidade, e do meu extremoso affecto. »

A Princeza levou o seu lenço aos labios, e respondeu balbuciando:

« Não ha dũvida alguma. querida viscondessa, que em todas as occasiões sempre me deu gosto o vosso proceder, e mais de uma vez vos expirmi o meu reconhecimento.

— Este testemunho é precioso para mim, Senhora respondeu a viscondessa, porque me autorisa a sollicitar de Vossa Alteza o favor de dispensarme do seu serviço.

— Como! exclamou a Princeza. quereis deixar-me, Clara? »

Clara saudou-a respeitosamente, e calou-se:

Em todos os rostos via-se a vergonha, o remorso, e a dôr. Um silencio fúnebre reinava na assembléa.

« Mas porque me quereis deixar? replicou a Princeza.

— Poucos dias me restam de vida, Senhora.

replicou a viscondessa, e esses poucos dias quizera empregá-los na obra da minha salvação.

Clara, querida Clara, exclamou a Princeza, mas ponderai que. . .

— Senhora, interrompeu a viscondessa, tenho duas graças que pedir a Vossa Alteza; poderei lisonjear-me de que mas concedereis?

— Oh! fallai! fallai! exclamou madama de Condé, pois me darei por feliz si puder fazer alguma cousa a vosso favor.

— Podeis fazê-lo, Senhora.

— Então que pretendeis?

— A primeira é a concessão da Abbadia de Santa Radegunda, que ficou vaga pela morte de madama de Montivy.

— Uma Abbadia para vós! querida menina! que lembraça essa!

— A segunda continuou Clara com um baixo tremor de voz, e que me seja permittido fazer enterrar no meu dominio de Cambes o corpo de meu desposado, o senhor barão Raoul de Canolles, assassinado pelos habitantes de Bordeus.»

A Princeza desviou o rosto apertando o coração com mão tremula. O Duque de Laroche-foucault descórou, e ficou turbado. Lenet abriu a porta da sala, e fugiu.

« Vossa Alteza não me dá resposta? disse Clara; recusa-me o que lhe peço? talvez tenha pedido muito? »

Madama de Condé não teve forças para fazer um movimento de cabeça em signal de assentimento, e cahiu desfallecida na sua poltrona.

Clara voltou-se como o houvera feito uma estatua, e arredando-se todos para franquear-lhe

o caminho, passou direito, e impassível por diante de todas aquellas frontes curvadas, e só depois de ter saído da sala é que fizeram reparo em que ninguem tratára de socorrer a madama de Condé.

Passados cinco minutos ouviu-se rodar lentamente uma carruagem no pateu: era a viscondessa que saía de Bordeus.

« Que decide Vossa Alteza ? perguntou a marquezia de Tourville a madama de Condé quando tornou a si.

— Que se obedeça á senhora viscondessa de Cambes, quanto ao cumprimento dos dous desejos que acaba de manifestar, e se lhe peça que nos perdôe. »

FIM.

17663

